

GRANDES TRADUÇÕES



Doutor Jivago

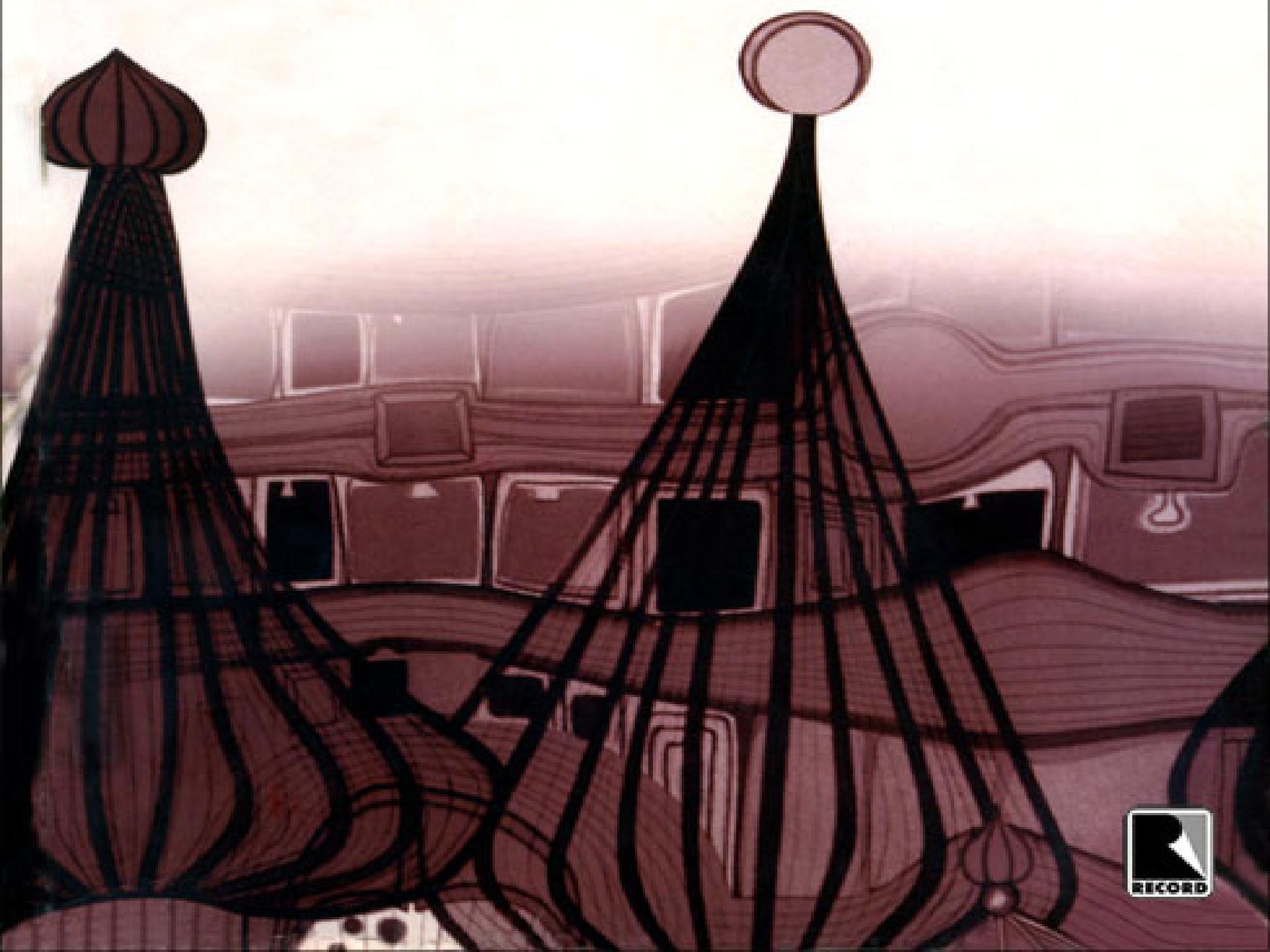
Tradução

Zoia Prestes

Prefácio e tradução de poemas

Marco Lucchesi

Boris Pasternak



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Boris Pasternak

DOUTOR JIVAGO

Título original em russo: Doktor Zivago

Tradução: Zoia Prestes

Prefácio e tradução de poemas: Marco Lucchesi

Editora Record, 2002

Sumário

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[PRIMEIRA PARTE](#)

[O expresso das cinco horas](#)

[A menina de outro meio](#)

[O Natal na casa dos Sventitski](#)

[A hora do inevitável](#)

[O adeus ao passado](#)

[Estalagem moscovita](#)

[No caminho](#)

[SEGUNDA PARTE](#)

[A chegada](#)

[Varikino](#)

[Na grande estrada](#)

[A guerrilha florestal](#)

[A sorva açucarada](#)

[Em frente à casa com figuras](#)

[Novamente em Varikino](#)

[Final](#)

[Epílogo](#)

[Versos de Iúri Jivago](#)

[Contracapa](#)

Prefácio

Marco Lucchesi

Uma das razões fundamentais do romance russo dos séculos XIX e XX repousa na grande lição de humanidade, que ilumina tantas de suas páginas. Poucas vezes a literatura ocidental concentrou personagens tão perturbadoras. Flutuantes, em suas definições. Noturnas. Luminosas. Solidárias, em plena solidão. E toda uma sublime arraia-miúda, de santos e prostitutas, vagabundos e assassinos: com seus Akakis, Gavrilas, Bubnovas, Platons, Prokhartchins, Komarovskis, Bazarovs, personagens abertos e passíveis de mudança. Não marionetes do destino. Com seus fios, movidos pelas mãos invisíveis de um deus cruel. Ao contrário: uma liberdade em construção, jamais longe da História ou de Deus. Da vida como desafio. E suas respostas: Redenção, Expição, Revolução. Por toda a parte, as demandas da Consciência. Demandas Solidárias. O romance russo é a épica da *pietas*. Da humana condição.

E Boris Pasternak é uma de suas vozes. Como quem segue as leis da manhã para descobrir as razões da noite. Em outras palavras: como quem oferece uma compreensão luminosa dos abismos do Homem. Sem a tortura de Dostoievski ou de Tolstoi. Mas nem por isso, isento de feridas. Cicatrizes. O Corpo da História. O Corpo do Indivíduo. Da Revolução e dos Astros. Tal a síntese superior de *Doutor Jivago*.

Pasternak vem de uma família de artistas. Seu pai, conhecido pintor, ilustrara as obras de Lev Tolstoi. Sua mãe, pianista, estudara Chopin e os contemporâneos. Desde cedo, o convívio com as artes, a biblioteca e personalidades, como as de Tolstoi, Skriabin, Rilke e Verhaeren, havia de favorecer-lhe a formação. E o jovem Pasternak estava dividido entre Skriabin e Rilke. Anos depois, cursou dialética, em Marburgo, com o filósofo Hermann Cohen. E Schopenhauer. E Kant. Teve por Khlebnikov e Maiakovski imensa admiração. Diz em *Salvo-conduto* que quando perguntavam de si, não falava senão de Maiakovski, tal o profundo

sentimento que dele o irmanava. Os *Lehrjahre* abriram-lhe novos horizontes. Marburgo não "compartilhava a rotina preguiçosa dos *ismos* que pretendem tudo saber. Sua atitude era crítica diante da herança da História, sem a odiosa condescendência, que faz do passado uma espécie de asilo, de velhotes em clâmides e sandálias". Assim, pois, já se desenhava a personalidade inquieta de Pasternak, com suas convicções, livres de sectarismos ou eruditismos. O pensamento emocionado havia de guiar-lhe os passos.

Fora da poesia russa, Pasternak cultivava Rilke, por quem nutre "um reconhecimento infinito pelos frutos vastos e insondáveis" de sua obra, e a quem agradece a leitura, em russo, de seus poemas. Rilke apreciou a música de Pasternak, e seu rumor de fundo, e sua palavra, cheia de assonâncias. Mas não só: Skriabin reconheceu o talento de uma composição de Pasternak. Enquanto o poeta dedilhava ao piano, o maestro "erguera inicialmente a cabeça, depois as sobrancelhas e, finalmente, se abria. Levantou-se e acompanhou as modificações da melodia através de insensíveis modificações de seu sorriso. Ele assegurou-me que seria absurdo falar de dom musical, pois que havia infinitamente mais e que eu tinha o que dizer em música. Referia-se aos episódios que percebera de imediato. Pôs-se ao piano a repetir um motivo que o impressionara. A passagem era complicada e eu não esperava que ele a reproduzisse com tamanha exatidão".

E não há dúvidas de que a música amalgamou-se em sua obra, e de modo especial, em *Doutor Jivago*, onde a forma sonata organiza a tessitura dos capítulos, com a apresentação de um tema inicial, desdobramentos e variações, que voltam ao tema e à dominante. Ou daquelas síncopes e *pizzicatos* que acompanham *A grande páscoa russa*, de Rimsky-Korsakov, que parecem presentes na descrição dos motins junto às escadarias de Pasternak, ou de Eisenstein (do *Encouraçado Potëmkin*). O sentido musical em *Jivago* é assombroso: como se houvera um deus, que organizasse a expressão misteriosa dos destinos. Não como determinação. Mas como iluminação.

De igual modo, as considerações de ordem filosófica e histórica elevam Pasternak à grande tradição romanesca, de que descende. De uma fina didascália, à maneira das divagações, diminuídas e mil vezes compactadas, de um *Guerra e paz*, ou de *Os irmãos Karamazov*, onde se multiplicam

considerações políticas e morais. Por toda a parte, *em Jivago*, deparamo-nos com um sentido radical de liberdade, uma doura ignorância diante dos fatos, e a suprema defesa do singular, do individual, da história, em perene combate contra o plural, o abstrato e o a-histórico, de que lançam mão os sistemas de força. Entretanto, reduzir o romance a um repto político seria ler essas páginas com olhos de críticos pedestres, que desprezam a polifonia da expressão e de seus planos complexos. Uma idéia política, no meio de um romance — dizia Stendhal — equivale a um tiro de pistola na platéia durante o espetáculo. A política, bem entendido, no sentido menor, circunstancial. Não a política maiúscula, presente nas grandes obras, como em todas as formas que compõem e agregam os elementos da Mímesis. Interpretar o romance de Pasternak meramente como político (como quiseram os emigrados russos) levaria a mal compreender as sutilezas deste romance e das tramas que o compõem.

Para Pasternak, cujas raízes estão fincadas no cubofuturismo e no formalismo, o realismo socialista passava a muitas verstras de seu espírito, bem como a tradição do romantismo, ou do simbolismo de Blok. Assinala Ângelo Ripellino que os cubofuturistas russos "definiram como problema central a liberdade da palavra. Se os simbolistas viam na palavra apenas um meio para descobrir uma trama de correspondências metafísicas, e os acmeístas a consideravam um instrumento para figurar um mundo objetivo, com os futuristas ela se transforma num elemento autônomo". Assim, Pasternak trabalhava com elementos fonéticos e com a *desfamiliarização*, cara a Chklovski e aos futuristas, de modo geral, prontos a romper os automatismos da linguagem como a devolver-lhe algo de sua nudez mais tersa e angulosa. Dos formalistas afasta-se Pasternak quando supõe uma dialética cognitiva da poesia. Para o nosso autor — e aqui se afigura outro elemento da estrutura do romance —, existe como que uma herança, legada de geração em geração, uma verdade lírica, que passa — no caso da Rússia — do *Eugênio Oneguin*, de Pushkin, ao *Demônio*, de Lermantov, de *O capote*, de Gogol, à *Pobre gente*, de Dostoievski. Desse legado depende e se constitui a Humanidade. E, por isso mesmo, as grandes obras permanecem legíveis, e claras, praticamente "autônomas" (como queria Pirandello a respeito das personagens, ao contrário da contingência do autor), de que somente a arte é capaz de realizar: a comunicação das diferenças, de linguagem e de estrutura, para que cada leitor viva, em seu próprio tempo, a

contemporaneidade dos romances fortes, longe de qualquer diferença. *Doutor Jivago*, como obra de tantos legados, não recusa essa perene transmissão. Diz Pasternak em *Salvo-conduto*: "A arte não se interessa pelo homem, mas pela imagem do homem. Ela se apercebe de que a imagem do homem é maior do que o próprio homem. Superadas as dificuldades de um dado processo espiritual, uma nova geração conserva, em vez de rejeitar, a verdade lírica, sendo precisamente sob a espécie dessa verdade que a humanidade se constitui progressivamente a partir das sucessivas gerações."

Pasternak buscou essa lição na obra de Tolstói e Dostoievski, respeitadas as diferenças que as fundamentam. Uma cadeia de leituras se entrelaça naquela espécie de legado. São diversas as ruas que demarcam a Petersburgo de Rogojin ou de Aleksandr, com seus turíbulos e beberagens, prostitutas e assassinos, da Petersburgo das personagens tolstoianas, ocupadas em largas avenidas, além das iconóstases ou estalagens, por onde passam Platon ou Karenina. Aqueles autores — para Pasternak — são perseguidos por um impulso vital, seja em tempos de paz, como em tempos de guerra. Desde o título, Jivago (de *jizn*, vida; *jivoi*, vivo) é bem o rosto de quem se lança para a vida em todas as suas quadras, ao mesmo tempo em que reelabora a verdade lírica das gerações que o precederam. A vida, sempre a vida. Sua *irmã, a vida*. Para ele, a quem o feminino (via Goethe e Pushkin) era tão fundamental, não podia haver melhor correspondência. A vida, como irmã. E tal ocorre com Jivago. Marcado pelo conhecimento. Dos que buscam o Verbo e a Carne (para Isaiah Berlin o amor em Pasternak não ignorava altitudes shakespearianas, de quem, aliás, Pasternak foi tradutor). A vida, de todas as maneiras. Ar puro. E águas límpidas. Sem as sombras de Dostoievski. Sem a expiação de *Crime e castigo*, que exigia a mudança de Raskolnikov, tal como a Ressurreição de Lázaro (palavra cara ao Pasternak-Jivago dos poemas: Ressurreição). Diz Dostoievski: "Ele nem sequer sabia que uma vida nova não lhe seria dada gratuitamente, mas que ainda teria de comprá-la cara, pagar por ela uma grande façanha futura... Mas aqui começa uma nova história, a história da gradual renovação de um homem, a história de seu trânsito progressivo dum mundo para o outro, de seu contato com outra realidade nova, antes completamente ignorada." Tratava-se do capítulo da redenção de um criminoso. E essa idéia havia de passar para Jivago, livre de outras punições.

O sentimento de culpa (da falta, da *hamartía* grega) também se apossara de Ana Karenina, que deixara de amar seu marido, e que buscava outra vida. E, no entanto, Ana Karenina sacrifica o próprio casamento e não pode não ser atingida pela suprema justiça, que é a expiação da culpa. O romance volta-se para o bem. E o fim de Ana — tão doloroso — havia de transformar Lewin e os demais. Começava o Tolstoi de *A morte de Ivan Ilitch*, o Tolstoi mais severo. O religioso. O reformador social, que Lou Salomé e Rilke iriam encontrar em Iasnaia Poliana.

Em Pasternak, amor e responsabilidade formam um todo, mesmo em situações ambíguas, vividas por Jivago, levado pela onda da vida, em suas correntes misteriosas, dentre inesperadas combinações, felicidades passageiras e amarguras. Jivago e seus contemporâneos, *déracinés*, entre a Revolução e a Contra-Revolução, habitam os territórios da incerteza. Nesse mundo de sombras, o amor de Lara encerra a justiça e a plenitude, *eros* e *ágape*, abismo entressonhado, e fogo, e brasa. Sem qualquer resquício de simbolismo. Da Belíssima Dama, de Blok. Ou de uma Karenina, em positivo. Ou de uma Sônia, isenta de pecado. Amor vivido no tempo, nas feridas do tempo, nas contingências do tempo, do qual emerge a verdade lírica, com seus anjos e demônios, que fazem do amor carnal e intelectual, estreitamente conjugados, o caminho do conhecimento e da compaixão. E a culpa não chega a ser árdua como em Dostoievski e Tolstoi, e inútil o castigo, mas a redenção, esta sim, a redenção para a vida: é isso que diferencia aquelas páginas, e que as torna tributárias, por diferença e contigüidade de quanto ilumina a tradição do romance russo: a Ressurreição de Lázaro. Como escreve Pasternak — em uma de suas *Cartas aos amigos georgianos*: "Em minha casa esperavam-me sinais precursores de perigo e sofrimento. Mas no mundo é preciso pagar o direito de viver unicamente pelas reservas da própria alma." Nem culpa. Nem ascese. Mas o preço pela vida. Preço derivado da Consciência. *Doutor Jivago* é o Romance da Consciência. Da ventura da Consciência. De sua Vigília. De sua Ressurreição.

E tudo isso, num fundo épico, tal como os anos vividos então, que se apresentavam com as forças inomináveis da Revolução, refletidas nos imensos espaços dos filmes de Eisenstein, como *Outubro* e *Aleksandr Nevski*. Passado e Presente regidos pela Revolução. E Pasternak não estava

fora disso. Como disse Ripellino, as "poesias nas quais Pasternak quis exprimir mais de perto as circunstâncias soviéticas resolvem-se habitualmente em perplexas considerações sobre a relação entre as exigências inflexíveis do comunismo e a frágil individualidade do artista. Embora declarando a própria adesão, ele não poupa reservas e não se separa da idéia de que aos poetas que vivem no comunismo caiba o amargo destino de sacrificar a si mesmos". E naturalmente, seria impossível não lembrar de Essenin, Maiakovski, Tzvetiaeva, e de outros, menores e anônimos. O Prêmio Nobel, atribuído a Pasternak, em 1958, seu isolamento e exílio fariam parte desse triste capítulo.

Mas trata-se de referir aqui outro sentido épico, o da distância, dos cenários que guardam algo miniaturizado de Tolstoi (em *Guerra e paz*: o Don e o Dniepr, todos os rios, armas e amores: Universo profundo e sem fronteiras). A grandiloqüência dos quadros, a força dos elementos e a obra dos corações concorrem para o teatro de inesquecível beleza. A Natureza é traço de união entre o amor e a história, desde as estepes da Ásia aos crepúsculos da Sibéria, e os trens (não mais necessariamente futuristas) rasgando impensáveis vastidões, de dias e mais dias, e noites, madrugadas, chuvas torrenciais e tempestades, inaugurando uma lírica meteorológica, como disse Marina Tzvetiaeva. Na poesia de Pasternak — diz Marina — houve mais chuva do que em toda a literatura russa. Melhor: "Em vinte anos, em seu livro, houve mais temporais do que em duzentos; rios inundaram mais do que os do vale do Missouri; nasceram mais luas do que em toda a história da Pérsia; floresceram mais arvores que no Éden." A Natureza em Pasternak é personagem. A Natureza (como a Revolução) existe por si, a nosso favor ou desfavor, solitária e sem reservas. E assim, pois, não somente a revolução, mas a sinfonia dos elementos rege o mundo, em que se movem suas personagens.

Mundo no qual domina a permanência da verdade, o sacrifício do amor e da transformação. Destino acima do destino. Solidão avara de si mesma. Solidão em estado puro. Voltada para o serviço. Da História, da Natureza e da Consciência. Do amor, que segue pelas águas dos rios e dos mares, pelo curso das estrelas, auroras, madrugadas. Tudo nos olhos de Laura. Nos olhos da Justiça. Nos olhos do Futuro.

Introdução

A história e o acaso

A vida sempre nos surpreende. Quando aceitei o desafio de traduzir *Doutor Jivago* do original russo, tinha a certeza de que não seria uma tarefa das mais fáceis, mas também não fazia idéia das emoções que viveria ao interagir com o texto, escrito por Boris Pasternak entre 1945 e 1955.

Muitos desconhecem que a primeira edição do livro não saiu em russo, mas em italiano. Após terminar o romance Pasternak entregou os originais a Giangiacomo Feltrinelli que, contra a vontade do escritor, editou o livro numa tradução italiana, em 1957 — um ano depois Pasternak foi laureado com o Prêmio Nobel de Literatura.

O original russo foi publicado pela primeira vez, numa edição pirata, no dia 24 de agosto de 1958, na Holanda. Em janeiro de 1959, apareceu a "segunda" edição russa. Assim que a leu, Pasternak lamentou em carta a um amigo francês: "A edição está repleta de erros crassos. Quase não é meu texto." A partir de então iniciou-se uma longa luta pela publicação do texto original russo, recebido por esse amigo das mãos de Pasternak, em 1957. Só obteve sucesso em 1978, muitos anos após a morte do autor de *Doutor Jivago*.

A história deste romance é incrível e única. O escritor não pôde levar seu romance até seu povo, ouvir os críticos de seu país e nem a opinião de seus colegas. No entanto, acredito que o sucesso internacional de *Jivago* deve-se a este episódio. A URSS pós-guerra era um país isolado, fechado. Tudo que ocorria lá só foi revelado anos mais tarde, no XX Congresso do Partido Comunista, pelo então secretário-geral Nikita Kruchev. E é aí que reside o valor histórico do romance de Pasternak, pois mostra todo o drama vivido pelo povo russo, em todas as camadas sociais, as questões filosóficas e posições políticas de seus personagens logo após a Revolução de Outubro.

Mais importante: mesmo proibido, o romance tornou-se referência para seu povo. Ele nos revela a convicção do seu autor no real valor da força

espiritual do homem e o seu anseio por liberdade, mantendo a sua essência. É exatamente isso que Pasternak diz em sua carta para Nina Tabidze, em 11 de junho de 1958: "Temos que compreender que tudo ficou no passado, que o fim do que foi visto e vivido já aconteceu e não é futuro. Temos que renegar a idéia de que tudo continuará se anunciando antes mesmo de existir e permitir a possibilidade de um tempo tal que tudo estará em movimento e modificando-se sem um anúncio prévio."

Durante o trabalho muitas dúvidas me atormentaram e, às vezes, acordava de madrugada para anotar uma palavra que me vinha em sonho e que era a melhor a se encaixar no contexto. Devo agradecer a muita gente. Em primeiro lugar a Lena Beliakova, minha amiga e colega de tradução que tirou muitas dúvidas, sugerindo versões possíveis. Agradeço também a Igor Ptitsin, professor de língua russa e literatura da Universidade de Tcherepovets e especialista em Pasternak, cujas contribuições foram imprescindíveis. Devo meu muito obrigado a meu marido e minhas duas filhas, sempre pela paciência, atenção e carinho.

Para finalizar, gostaria de contar uma história que não poderia deixar de comentar, pois foi a que mais me emocionou ao traduzir *Doutor Jivago*.

Quando eu estava para nascer, minha mãe acabara de ler um livro sobre Zoia Kosmodemianskaia, guerrilheira russa de 18 anos que explodiu um depósito de armas dos nazistas nos arredores de Moscou, durante a Segunda Guerra Mundial. Zoia foi capturada, torturada e enforcada e se tornou heroína do povo soviético. Minha mãe, impressionada com a história da jovem guerrilheira, resolveu que meu nome seria Zoia. Anos depois, com o golpe de 1964, toda nossa família foi obrigada a sair do Brasil, pois corríamos sério risco de vida com a ditadura militar. Fomos para a URSS, onde passei 15 anos da minha vida, onde fui alfabetizada, me formei e me tornei um pouco russa.

Qual não foi a minha surpresa quando, no final de *Doutor Jivago*, me deparei com a história de Zoia Kosmodemianskaia! Pasternak descreve a história de Cristina Orletsova, baseando-se em alguns fatos sobre Zoia, recolhidos por ele durante a guerra. Descobri isso após pesquisas e leitura de algumas referências sobre o livro. Para o leitor brasileiro, que não tem nenhuma obrigação de conhecer a história de Zoia Kosmodemianskaia, seria simplesmente mais um personagem do romance. Por isso, senti a necessidade

de lembrar a história da guerrilheira que representa a coragem do povo soviético durante a guerra contra o fascismo.

Bela peça me pregou o destino! Sei que a presente versão de *Doutor Jivago* para o português não é a primeira. Mas é a primeira tradução direta do russo. Língua do seu autor.

Zoia Prestes

PRIMEIRA PARTE



O expresso das cinco horas



1

Caminhavam, caminhavam e cantavam "Lembrança eterna" ^{1}, mas quando paravam, parecia que, de tanto ser cantada, a música continuava a ser entoada pelos pés das pessoas, pela marcha dos cavalos e pelo sopro do vento.

Transeuntes abriam caminho para o cortejo, contavam as coroas de flores, faziam o sinal-da-cruz. Curiosos se aproximavam da procissão e perguntavam: "Quem morreu?" Respondiam: "Jivago." "É isso. Então está explicado." "Não é ele. É ela." "Não faz diferença. Que Deus a tenha. É enterro de rico."

Os últimos minutos, contados e irreversíveis, passavam rapidamente. "Do Senhor é a terra e tudo o que ela contém, a órbita terrestre e todos os que nela habitam." O padre jogou um punhado de terra, fazendo o sinal-da-cruz sobre Maria Nikolaievna. Cantaram "Das almas justas" ^{2}. Começou um terrível corre-corre. Fecharam o caixão, martelaram pregos na tampa e o baixaram. A chuva de torrões de terra tamborilou sobre ele e, rapidamente, fecharam a cova com quatro pás. Sobre ela, formou-se um pequeno montículo. Um menino de dez anos subiu nele.

Somente alguém, em estado de embrutecimento e insensibilidade, comum no final de grandes enterros, poderia imaginar que o menino quisesse dizer algumas palavras diante do túmulo materno.

Ele levantou a cabeça e observou, do alto, com um olhar ausente, os terrenos baldios outonais e as cúpulas do convento. Seu rosto arrebitado desfigurou-se. Seu pescoço se esticou. Se um lobinho levantasse a cabeça, com um movimento semelhante, ficaria claro que naquele momento ele começaria a uivar. E cobrindo o rosto com as mãos, o menino começou a

chorar. A nuvem, que vinha ao seu encontro, começou a chicotear suas mãos e seu rosto com açoites de chuva fria. Um homem de preto, com um franzido nas mangas estreitas e justas, aproximou-se do túmulo. Era irmão da falecida e tio do menino que chorava, o ex-padre Nikolai Nikolaievitch Vedeniapin, que largou a batina por vontade própria. Ele se aproximou do menino e levou-o embora do cemitério.

2

Pernoitaram em um dos cômodos do convento, cedido para o tio, um velho conhecido. Era véspera da Festa do Manto da Virgem [{3}](#). No dia seguinte ele e o tio teriam que viajar para bem longe, para o sul, para uma das cidades da região Povolzhie, onde o padre Nikolai trabalhava em uma editora que publicava um jornal progressista da região. As passagens de trem foram compradas e a bagagem, arrumada, estava no quarto do convento. Da estação, que era próxima, o vento trazia os apitos chorosos dos trens que manobravam ao longe.

À tarde, esfriou muito. Duas janelas, ao nível do chão, davam para o cantinho de uma horta sem graça, cercada por arbustos de acácia amarela, para as poças congeladas da estrada e para a parte do cemitério, onde, de dia, enterraram Maria Nikolaievna. A horta estava vazia, salvo por alguns canteiros com repolhos azulados pelo frio, que pareciam tecido de seda com reflexos ondulados e coloridos. Quando o vento soprava, os arbustos de acácia desfolhados agitavam-se furiosamente e se deitavam na estrada.

À noite, Iúri foi acordado por uma batida na janela. O cômodo, antes escuro, estava excessivamente iluminado por uma luz branca e esvoaçante. Só de camisa, Iúri correu até a janela e apertou o rosto contra o vidro gelado.

Do lado de fora da janela não havia nem estrada, nem cemitério, nem horta. No pátio, a nevasca esbravejava e a neve enfumaçava o ar. Podia-se imaginar que a tempestade percebera Iúri e, consciente do quanto era terrível, se deliciava com a impressão causada nele. Assobiava, uivava e de todas as maneiras tentava chamar a atenção de Iúri. Do céu, de novelos intermináveis que davam voltas e voltas, caía na terra um pano branco,

envolvendo a tempestade em cortinas fúnebres. A nevasca dominava, sozinha, o mundo, nada competia com ela.

O primeiro impulso de Iúri, ao descer do peitoril da janela, foi o desejo de se vestir e correr para a rua para fazer alguma coisa. Temia que os repolhos do convento fossem cobertos pela neve, não seriam mais encontrados, ou pensava que a mãe, também coberta pela neve, e sem forças para lutar contra isso, afundaria ainda mais e ficaria ainda mais distante dele, embaixo da terra.

Tudo terminou em lágrimas novamente. O tio acordou, falou-lhe sobre Cristo e o acalmou; depois bocejou, aproximou-se da janela, pensativo. Eles começaram a se vestir. Amanhecia.

3

Enquanto a mãe estava viva, Iúri não sabia que o pai, fazia muito tempo, os havia abandonado e viajava pelas cidades da Sibéria e do exterior; que ele entregara-se à farra e libertinagem e que, há muito tempo, perdera e dissipara seu patrimônio de milhões. Diziam sempre a Iúri que ele ou estava em Petersburgo ou em alguma feira, mais freqüentemente na de Irbitskaia ^{4}.

E, depois, descobriram que sua mãe, que estava sempre doente, sofria de tuberculose. Ela começou a viajar a tratamento, para a França e para o norte da Itália, onde Iúri a acompanhou duas vezes. Assim, em desordem e entre constantes mistérios, Iúri passou a infância freqüentemente nas mãos de estranhos, que o tempo todo se alternavam. Ele se acostumou a estas mudanças e, no ambiente de eterna incoerência, a ausência do pai não o surpreendia.

Ainda pequeno, viveu a época na qual o sobrenome que possuía designava grande quantidade de coisas, das mais diversificadas.

Havia a manufatura Jivago, o banco Jivago, as Casas Jivago, o método Jivago de dar o nó e prender a gravata com o alfinete; até mesmo um pastelão redondo, parecido com bolo coberto de glacê, se chamava Jivago. E houve um certo tempo em Moscou em que se podia gritar para o cocheiro "para Jivago!.", como se fosse "para onde Judas perdeu as botas!", e ele o levava em seu trenó para os confins do mundo. Um parque tranqüilo os

aguardava. Nos galhos encurvados dos pinheiros, derrubando a neve, empoleiravam-se as gralhas. Seu corvejar retumbante se espalhava como o estalido de um galho de árvore. Das novas construções, que ficavam depois da clareira, cachorros de raça atravessavam o caminho. Lá, se acendiam as luzes. A noite caía.

De repente, isso tudo desapareceu. Eles empobreceram.

4

No verão de 1903, Iúri viajava pelos campos, com o tio, em uma carroça. Iam para Duplianka, propriedade do fabricante de tecidos de seda e grande patrono das artes, Kologrivov. O objetivo da viagem era encontrar-se com o pedagogo e divulgador de conhecimentos úteis Ivan Ivanovitch Voskoboinikov.

Era época da Kazanskaia ^{5} e a colheita estava no auge. Em razão da hora do almoço ou da festa nos campos não se encontrava viva alma. O sol queimava faixas de terra não ceifadas, que pareciam nuca raspada de presos. Sobre os campos os pássaros voavam em círculo. Com as espigas inclinadas, o trigo esticava-se como uma corda pela total ausência de vento ou erguia-se em cruzetas longe da estrada, de onde, ante o olhar atento, assumia uma aparência de figuras móveis, como se fossem agrimensores que andavam ao longo do horizonte anotando algo.

— E esses? — perguntava Nikolai Nikolaievitch a Pavel, um trabalhador braçal e vigia da editora de livros, que estava sentado de lado no banco, encurvado e com as pernas cruzadas, atitude que demonstrava bem que não era um cocheiro autêntico e que estava guiando apenas para fazer um favor. — Esses são do dono ou dos camponeses?

— Esses são do dono — respondia Pavel, tentando acender um cigarro —, agora aqueles — conseguindo se livrar do fogo e dar uma tragada, apontava ele, após uma longa pausa, com a ponta do chicote virada para o outro lado —, aqueles são nossos. Ah, dormiram? — gritava ele vez por outra para os cavalos, olhando a toda hora para os rabos e ancas dos bichos, feito um maquinista para o manômetro.

Porém os cavalos andavam como qualquer cavalo do mundo, ou seja, o do meio corria sempre em linha reta como é característico de sua natureza simples; o cavalo do lado se parecia, para um ignorante, a um vagabundo rematado que só sabia dançar *prisiadka* ^{6}, curvando-se feito um cisne, ao som dos guizos que ele mesmo tocava com seus saltos.

Nikolai Nikolaievitch levava para Voskoboinikov a tarefa de corrigir seu livro sobre a questão agrária. Pois, devido à crescente pressão da censura, a editora pedira uma revisão.

— O povo anda fazendo confusão na província — dizia Nikolai Nikolaievitch. — Na região Pankovskaia mataram um comerciante, puseram fogo no haras do administrador do conselho. O que você acha disso? O que comentam na aldeia?

Mas Pavel olhava para estas coisas de maneira mais sombria do que o censor que queria conter as paixões agrárias de Voskoboinikov.

— O que comentam? O povo está muito solto. Brincadeira, dizem. Nossa gente não pode ser tratada assim. Dê liberdade ao mujique, e um esmaga o outro, meu Deus do céu! Ah, dormiu?

Esta era a segunda viagem do tio e do sobrinho a Duplianka. Iúri achava que lembrava do caminho. Toda vez que os campos se ampliavam e eram abarcados por uma barra fininha de florestas, pela frente e por trás, lhe parecia que ele estava reconhecendo aquele lugar onde a estrada fazia uma curva para a direita. Depois da curva deveria surgir, e em um minuto sumir, o panorama da aldeia Kologrivovskaia, localizada a dez verstas ^{7}, com o rio brilhando ao longe e a estrada de ferro do outro lado do rio. Mas, a toda hora, ele se enganava. Outros campos sucediam os campos. Eram novamente abarcados por florestas. Esta sucessão de vastidões dava boa disposição. Dava vontade de sonhar e pensar no futuro.

Nenhum dos livros de Nikolai Nikolaievitch que ficariam famosos no futuro ainda fora escrito. Mas suas idéias já estavam definidas. Ele só não sabia que já estava perto a sua hora.

Em breve, entre os representantes da literatura daquela época, entre os professores da universidade e os filósofos da revolução, deveria surgir essa pessoa que pensava em todos os temas deles, mas que, além da terminologia, não possuía nada em comum com eles. Todos eles defendiam certos dogmas

e se satisfaziam com palavras e aparências. Porém, Nikolai era padre, passou pelo *tolstovstvo* ^{8} e a revolução e ia cada vez mais longe. Ele ansiava por uma idéia, inspirada e concreta, que rabiscasse sem hipocrisia os diferentes caminhos em seu movimento, que mudasse o mundo para melhor e que fosse perceptível, como o brilho do relâmpago ou o rastro do trovão passageiro, até mesmo para a criança ou o ignorante. Ele ansiava pelo novo.

Iúri sentia-se bem com o tio. Este parecia-se com sua mãe. Como ela, ele era um homem livre, livre de preconceitos para com qualquer coisa que fosse insólita. Como ela, ele possuía o sentimento nobre de igualdade para com todos os seres. Ele, como ela, entendia tudo apenas ao primeiro olhar e sabia expressar imediatamente as idéias da maneira como estas lhe vinham à cabeça, enquanto ainda estivessem vivas e não tivessem perdido o sentido.

Iúri estava feliz por ter viajado com o tio para Duplianka. Lá era muito bonito e o local pitoresco lembrava sua mãe, que amava a natureza e freqüentemente levava Iúri em seus passeios. Além do mais, pensava com satisfação, encontraria Nika Dudorov, um ginasiano que morava com Voskoboinikov, que provavelmente o odiava porque era dois anos mais velho que ele e, que ao cumprimentá-lo, puxava com força a mão para baixo e inclinava tanto a cabeça que os cabelos lhe caíam na testa, cobrindo o rosto pela metade.

5

— O nervo vivo do problema do pauperismo... — lia Nikolai Nikolaievitch no manuscrito corrigido.

— Acho melhor, dizer "essencial do problema" — disse Ivan Ivanovitch, introduzindo a devida correção no manuscrito.

Eles trabalhavam na penumbra do terraço de vidro. O olho distinguia os regadores e instrumentos de jardinagem largados em desordem. No encosto da cadeira quebrada fora deixada uma capa de chuva. No canto estavam botas verde-musgo com uma sujeira seca nelas e com os canos inclinados até o chão.

— Entretanto, a estatística de mortes e nascimentos demonstra... — ditava Nikolai Nikolaievitch.

— Devemos incluir o ano em exercício — dizia Ivan Ivanovitch e fazia anotações.

Havia uma corrente de ar no terraço. Em cima das folhas da brochura, pedaços de granito impediam que elas voassem.

Quando eles terminaram, Nikolai Nikolaievitch apressou-se em voltar para casa.

— Uma tempestade se aproxima. Preciso ir agora.

— Não se atreva. Não vou deixar. Agora vamos tomar chá.

— À noite tenho que estar na cidade.

— Não adianta. Não quero ouvir desculpas.

Do jardim vinha o cheiro do carvão do samovar que abafava o cheiro de fumo e dos girassóis. Da casa dos fundos, traziam creme de leite, frutinhas e tortas de requeijão. De repente, ficaram sabendo que Pavel fora dar um mergulho e levara os cavalos até o rio para dar-lhes um banho. Nikolai Nikolaievitch teve de resignar-se.

— Vamos até o penhasco ficar um pouco no banquinho, enquanto arrumam a mesa para o chá — propôs Ivan Ivanovitch.

Ivan Ivanovitch, por amizade, ocupava dois quartos na casa do administrador do ricaço Kologrivov. Esta casinha, com o jardim contíguo, ficava localizada na parte negra e abandonada do parque com uma velha aléia semi-arredondada na entrada. A aléia estava densamente coberta de capim. Não andavam mais por ela, somente carregavam terra e lixo até o barranco que servia de depósito de lixo seco. Homem de idéias progressistas e milionário, que simpatizava com a revolução, Kologrivov estava no exterior com a mulher. Na propriedade encontravam-se somente suas filhas, Nadia e Lipa, com a governanta e alguns empregados.

O jardimzinho da casa do administrador estava separado de todo o parque, com seus lagos e clareiras, e da casa senhorial por uma densa cerca viva de espinheiro-negro. Ivan Ivanovitch e Nikolai Nikolaievitch passavam pelo lado de fora da cerca, e à medida que caminhavam, na frente deles, em bandos iguais e em distâncias iguais, voavam os pardais, com os quais o

espinheiro fervilhava. Isso o enchia de um barulho regular, parecia que diante de Ivan Ivanovitch e Nikolai Nikolaievitch, ao longo da cerca, corria água por um cano.

Eles passaram diante da estufa, do alojamento do jardineiro e de demolições de pedras para fins ignorados. Começaram a falar sobre as forças novas e jovens na ciência e literatura.

— Existem pessoas com talento — dizia Nikolai Nikolaievitch —, mas agora estão muito na moda círculos e uniões. Todo espírito de rebanho é refúgio para quem não tem talento, tanto faz se isso é fidelidade a Soloviov, ou a Kant, ou a Marx. Somente os solitários procuram a verdade, e rompem com todos que gostam dela insuficientemente. Há algo no mundo que mereça fidelidade? Muito poucas coisas. Acho que deve-se ser fiel à imortalidade, este outro nome, um pouco forçado, da vida. Deve-se preservar a fidelidade à imortalidade, deve-se ser fiel a Cristo! Ah, o senhor está fazendo careta, infeliz. Não entendeu nadinha, novamente.

— Eeeh — mugia Ivan Ivanovitch, agitado, loiro e magro; com a barbicha sarcástica que o fazia parecido com um americano dos tempos de

Lincoln (ele constantemente a pegava com a mão e apanhava sua ponta com os lábios). — Eu, é claro, não digo nada. O senhor entende, eu olho para estas coisas de uma maneira completamente diferente. Aliás, conte-me, como deixou a batina? Há tempos queria perguntar. Ficou com medo? Foi excomungado? Hein?

— Para que desviar o assunto? Mas tudo bem. Excomunhão? Hoje não amaldiçoam mais. Houve aborrecimentos, existem conseqüências. Por exemplo, não se pode ficar muito tempo em serviço público. Não nos deixam ir para as capitais. Mas isso são bobagens. Voltemos ao assunto da conversa. Eu disse que se deve ser fiel a Cristo. Agora vou explicar. O senhor não entende que se pode ser ateu, pode-se não saber se Deus existe e nem para quê, e ao mesmo tempo ter consciência de que o homem vive não na natureza e sim na história, e que na perspectiva atual, ela foi fundada por Cristo, o Evangelho é seu fundamento. O que é a história senão a determinação de trabalhos seculares pela ordem de descoberta da morte e sua futura superação? Para isso descobrem a infinidade matemática e as ondas eletromagnéticas, para isso compõem sinfonias. Ir em frente, nesta direção, não é possível sem entusiasmo. Para descobrir essas verdades é necessário

o sustento espiritual. Os seus fundamentos estão no Evangelho. São eles: primeiro, o amor ao próximo, isto é, o estado superior da energia viva que transborda do coração do homem e exige saída e distribuição. Segundo, se tornam as partes integrantes mais importantes do homem moderno, inconcebível sem elas, mais precisamente, a idéia da personalidade livre, a idéia da vida como expiação. Leve em consideração que isso até agora é extremamente novo. Antes havia a indecência sangüínea dos calígulas cruéis, escavados pela varíola, que não desconfiavam como é medíocre qualquer escravizador. Antes havia a grandiosa eternidade morta dos monumentos de bronze e das colunas de mármore. Os séculos e as gerações respiraram aliviados somente depois de Cristo. Somente depois dele começou a vida de gerações e o homem morre não na rua, embaixo da cerca, e sim em sua história, no auge dos trabalhos consagrados à superação da morte, e quando morre, morre dedicado a este tema. Ufa, até suei! E você teima como um jumento!

— Metafísica, paizinho. Isso os médicos me proibiram, o meu estômago não digere isso.

— Que Deus o proteja. Deixemos disso. Felizardo! Dá gosto de ver sua aparência! Você vive e não sente.

Era doloroso olhar para o rio. Ele refletia o sol, encurvando-se para dentro e para fora, como uma chapa de metal. De repente, ele corria com pequenas ondas. Dessa margem, até a outra margem, partiu uma balsa com cavalos, carroças, mulheres e mujiques.

— Imagine, ainda são cinco horas — disse Ivan Ivanovitch. — Está vendo o expresso de Sizrani? Ele passa por aqui às cinco e alguns minutos.

Ao longe, pela planície, da direita para esquerda, trafegava o trem, limpinho, amarelo-azul, menor por causa da distância. De repente eles perceberam que ele parou. Sobre o trem levantaram-se novos brancos de vapor. Um pouco depois ouviram seus apitos aflitos.

— Estranho — disse Vóskoboinikov. — Há alguma coisa estranha. Ele não tem motivos para parar lá, no pântano. Algo aconteceu. Mas vamos tomar o chá.

Nika não estava nem no jardim, nem em casa. Iúri, sem dificuldade, adivinhava que ele estava se escondendo, pois para Nika era enfadonho ficar com eles e Iúri não lhe parecia a companhia ideal. O tio e Ivan Ivanovitch foram trabalhar no terraço, oferecendo a Iúri a oportunidade de dar voltas, sem objetivo, pela casa.

O local era impressionantemente maravilhoso! A cada minuto ouvia-se o assobio nítido e forte do papa-figos, com intervalos para que o som úmido, que parecia retirado de uma flauta, pudesse penetrar nas redondezas. O aroma das flores, parado e perdido no ar, grudado pelo calor nos canteiros! Como isso lembrava Antibes e Bordighera! Iúri, de minuto a minuto, virava-se à direita e à esquerda. Sob as clareiras, como uma alucinação sonora, pairava o fantasma da voz da mãe, que soava para Iúri em rotações melódicas de pássaros e zunido de abelhas. Iúri estremecia, a ele parecia que sua mãe o chamava para algum lugar.

Ele se aproximou do barranco e começou a descer. Desceu do bosque ralo e limpo, que cobria a parte superior do barranco, até o amieiral, que cobria seu fundo.

Ali havia uma escuridão úmida, árvores arrancadas pela tempestade e carniça; havia poucas flores e os talos nodosos da cavalinha pareciam bastões e báculos com ornamentos egípcios, como em sua *Escritura Ilustrada*.

Iúri ficava cada vez mais triste, com vontade de chorar. Caiu de joelhos e encharcou-se de lágrimas.

"Anjo de Deus, meu santo anjo da guarda", rezava Iúri, "fortaleça meus pensamentos no caminho verdadeiro e diga à mãezinha que estou bem, para que ela não se preocupe. Se existe vida após a morte, meu Senhor, conceda o paraíso à mãezinha, onde os rostos das santas e justos brilham como astros. A mãezinha era tão boa, impossível que seja pecadora, perdoe-a, Senhor, ajude-a para que não sofra. Mãezinha!" Em uma tristeza de rasgar o coração, ele chamava por ela no céu, como a uma nova santa canonizada, e de repente não agüentou mais, caiu na terra e desmaiou.

Não ficou inconsciente por muito tempo. Quando acordou, ouviu que o tio o chamava, lá de cima. Ele respondeu e começou a subir. Lembrou que não rezou por seu pai desaparecido, como Maria Nikolaievna lhe ensinava.

Mas ele se sentia tão bem depois do desmaio, que temia perder esse sentimento de leveza. E achou que não aconteceria nada de tão terrível, caso rezasse pelo pai em uma outra ocasião.

"Pode esperar e aguardar", parecia pensar. Iúri não se lembrava nem um pouco dele.

7

Na cabine da segunda classe do trem, junto com seu pai, o advogado Gordon de Orenburgo, viajava o ginásiano da segunda série Micha Gordon — um menino de onze anos com um rosto pensativo e grandes olhos negros. O pai estava se transferindo a serviço para Moscou, e o menino para o ginásio moscovita. A mãe e as irmãs já estavam há algum tempo em Moscou, ocupadas com a arrumação do apartamento.

O menino e o pai viajavam no trem há três dias.

Diante deles, em nuvens de poeira quente, branqueada pelo sol, como cal, passava voando a Rússia, os campos e estepes, as cidades e aldeias. Pelas estradas arrastavam-se carroças, que se desviavam do caminho pesadamente nas passagens de nível. Do trem, que corria loucamente, parecia que as carroças estavam sem se mover e que os cavalos suspendiam e abaixavam os pés sem sair do lugar.

Nas grandes estações, os passageiros, como desvairados, corriam até o café. O sol poente por trás das árvores do jardim da estação clareava seus pés e brilhava por baixo das rodas dos vagões.

Todos os movimentos no mundo estavam, um a um, calculadamente sóbrios, e no fim das contas, inconscientemente bêbados pelo fluxo comum da vida que os unia. As pessoas trabalhavam e cuidavam de seus interesses, movidas pelo mecanismo das próprias preocupações. Porém, os mecanismos não funcionariam caso o seu regulador principal não fosse o sentimento de despreocupação, enorme e fundamental. Esta despreocupação dava uma

sensação de união das existências humanas, uma certeza da relação entre elas, um sentimento de felicidade por tudo que estava acontecendo, não somente na terra, onde enterram os mortos, mas em outro lugar qualquer, no lugar que alguns denominam de Reino de Deus e outros de história e terceiros, de alguma outra forma.

Dessa regra geral, o menino era uma exceção amarga e pesada. Como seu móvel final permaneceu o sentimento de preocupação, o sentimento de despreocupação não o aliviava nem o enobrecia. Ele conhecia essa sua característica hereditária e com cuidado e desconfiança captava em si seus indícios. Ela o aborrecia. Sua presença o humilhava.

Desde que se entendia por gente, ele não parava de se espantar com o fato de ser possível, tendo as mãos e os pés iguais, falando a mesma língua e possuindo os mesmos costumes, ser alguém diferente — e tão diferente que agradava a poucos e de quem muitos não gostavam? Ele não conseguia entender a teoria, pela qual, se você é pior do que os outros, não podia se esforçar para se corrigir e melhorar. O que significava ser judeu? Por que isso existia? Com que é recompensado ou justificado este desafio desarmado que não traz nada além de desgraça?

Quando ele pedia respostas ao pai, este dizia que suas premissas eram absurdas e que não se podia raciocinar desta maneira, mas não oferecia em troca nada que atraísse Micha com profundidade de sentido e o obrigasse a se curvar, calado, diante do irrevogável.

E fazendo uma exceção para o pai e a mãe, Micha aos poucos se encheu de ódio pelos adultos, que não conseguiam resolver o problema que criaram. Ele tinha certeza de que, quando crescesse, resolveria tudo por conta própria.

E agora, também, ninguém teria coragem de dizer que seu pai se comportara de maneira desastrosa quando correu atrás daquele demente quando este apareceu na plataforma; e que ele não precisava parar o trem quando, empurrando com força Grigori Osipovitch e escancarando a porta do vagão, o homem se jogou do expresso em alta velocidade, de cabeça para baixo, no aterro, da mesma forma como se jogam da ponte para debaixo d'água, quando se atiram dela.

Mas como a manivela do freio foi puxada por ninguém mais que Grigori Osipovitch, para todos ficara evidente que o trem continuava parado longa e

inexplicavelmente por causa dele.

Ninguém sabia ao certo o motivo da demora. Uns diziam que, por causa da parada repentina, os freios a ar haviam sido danificados; outros diziam que o trem estava parado em uma subida íngreme e que sem pegar impulso não conseguia ir adiante. Uma terceira opinião era difundida — a de que a pessoa que se matou era uma personalidade importante e por isso seu advogado, que viajava com ele no trem, exigiu que da estação mais próxima, Kologrivovka, fossem chamadas pessoas capacitadas para fazer o protocolo de ocorrência. Para observar melhor, o auxiliar do maquinista subiu no poste de telefone. O trole já devia estar a caminho.

O mau cheiro dos banheiros, que exalava pelo vagão, começou a ser combatido com água de colônia; sentia-se ainda cheiro de galinha frita já levemente apodrecida, embrulhada em papel engordurado. No vagão, as damas de Petersburgo continuavam a passar pó-de-arroz, limpar as palmas das mãos com lenço e conversar com vozes guturais e rangentes, todas transformadas em ciganas ardentes com a mistura do pó de carvão do trem e a cosmética gordurosa. Quando elas passavam diante da cabine dos Gordon, escondendo os ângulos dos ombros em capas e transformando o corredor apertado em novo local de exibição, a Micha parecia que elas murmuravam, ou a julgar por seus lábios cerrados, deviam murmurar: "Ah, vejam só que sensibilidade! Nós somos especiais! Nós somos intelectuais! Nós somos poderosos!"

O corpo do suicida estava estirado na grama ao lado do aterro. Um filete de sangue coagulado, como um sinal repentino, escureceu ao longo da testa e dos olhos do morto, riscando este rosto como se fosse uma cruz de sujeira. O sangue parecia não ser dele, parecia não ter escorrido dele, mas sim um apêndice estranho grudado, um esparadrapo ou um respingo de sujeira seca ou uma folha de bétula molhada.

O grupo de curiosos que se lamentava em torno do corpo mudava a toda hora. Sobre ele, sombrio e sem expressão, estava seu vizinho de cabine, um advogado robusto e arrogante, um animal com *pedigree* numa camisa encharcada de suor. Ele estava morrendo de calor e se abanava com um chapéu leve. Ao responder às perguntas, ele resmungava antipaticamente, encolhia os ombros e nem se virava para o interlocutor: "Era alcoólatra. Será que não entendem? A mais típica consequência do *delirium tremens*."

Uma mulher magra num vestido de lã e lenço de renda se aproximou duas ou três vezes do corpo. Era a velha Tiverzina, viúva e mãe de dois maquinistas, que viajava de graça com duas noras na terceira classe, com passagens de serviço. As mulheres seguiam-na quietas, com os lenços quase cobrindo o rosto, caladas como duas freiras atrás da madre superiora. Este grupo impunha respeito. Diante delas, as pessoas abriam caminho.

O marido de Tiverzina morreu queimado, em um acidente na estrada de ferro. Ela parou a alguns passos do cadáver, para que pudesse ver através da multidão e, suspirando, parecia fazer uma comparação: "Para cada um está escrito", parecia dizer, "uns pela decisão de Deus, e nesse caso, vejam só o que deu-lhe na telha — por causa da vida rica e da perda do juízo."

Todos os passageiros do trem iam ver o corpo de perto, mas retornavam logo para o vagão por temor de ser roubados.

Quando saltavam do trem, se esticavam, arrancavam flores e davam uma corridinha, todos tinham a sensação de que a localidade surgiu somente graças à parada, e a várzea pantanosa com montículos, o rio largo e a bonita casa, com a igreja na outra margem alta, não existiriam no mundo, não fosse o acidente.

Até mesmo o sol, que também parecia um objeto local, iluminava tímido e vespertino a cena ao lado dos trilhos, aproximando-se medrosamente dela como faria, ao aproximar-se da estrada para ver as pessoas, uma vaca do rebanho que pastava ali ao lado.

Micha estava abalado com o acontecido e nos primeiros minutos chorou de pena e susto. Durante o longo caminho, o suicida veio várias vezes até a cabine deles e por horas conversou com o pai de Micha. Ele dizia que estava morrendo espiritualmente no silêncio limpo e moral e não compreendia o mundo deles; perguntava a Grigori Osipovitch sobre diferentes detalhes e cláusulas jurídicas em questões ligadas a letras de câmbio, doações, bancarrotas e fraudes.

— Ah, é assim? — admirava-se ele com os esclarecimentos de Gordon. — O Senhor possui leis mais gentis. Meu advogado tem outras informações. Ele olha para estas coisas de maneira mais sombria.

A cada vez que este homem nervoso se acalmava, da primeira classe vinha atrás dele seu advogado e vizinho de cabine, que o arrastava até o vagão-restaurant para beber champanhe. Era o mesmo advogado robusto,

arrogante, bem-barbeado e faceiro que estava parado ao lado do corpo, sem se impressionar com nada no mundo. Não dava para se livrar da sensação de que a constante inquietação de seu cliente de alguma maneira o favorecia

O pai dizia que o falecido era um conhecido ricaço, bondoso e baderneiro, meio irresponsável. Sem se intimidar com a presença de Micha, ele contava sobre seu filho, coetâneo de Micha, e sobre a falecida mulher; depois passava a falar de sua segunda família, também abandonada. Aí, ele se lembrava de algo recente, empalidecia de pavor, não dizia coisa com coisa e começava a ficar confuso.

Ele demonstrava para com Micha um carinho inexplicável, provavelmente refletido e não destinado a ele. Em cada parada do trem, ele o presenteava com alguma coisa e para isso saía, nas maiores estações, para as salas de primeira classe, onde ficavam estantes de livros e vendiam jogos e curiosidades da região.

Ele bebia sem parar e reclamava que era o seu terceiro mês sem dormir, às vezes ficava lúcido, pelo menos durante algum tempo e sofria tormentos que uma pessoa normal não poderia imaginar.

Um minuto antes do fim, ele entrou correndo na cabine deles, agarrou Grigori Osipovitch pela mão, queria dizer algo mas não conseguiu, e saindo na plataforma, se jogou do trem.

Micha observava uma pequena coleção de minerais dos Urais numa caixinha de madeira — o último presente do falecido. De repente, tudo ao seu redor começou a se mover. Pelo outro trilho, o trole se aproximou do trem. Dele desceram o delegado de boné, o médico e dois guardas. Ouviam-se as frias vozes burocráticas. Faziam perguntas, anotavam algumas coisas. Subindo o aterro, tropeçando e escorregando na areia, os condutores e os guardas arrastavam desajeitadamente o corpo. Uma mulher começou a urrar. Os passageiros foram convidados a voltar para os vagões e ouviram-se apitos. O trem pôs-se em movimento.

"Novamente este óleo de lamparina!", pensou Nika com raiva, andando de um lado para outro, no quarto. As vozes das visitas se aproximavam. A

fuga foi descartada. No quarto havia duas camas, a de Voskoboinikov e a dele, de Nika. Pensando rápido, Nika se enfiou debaixo da segunda.

Ouvia como procuravam e chamavam por ele em outros quartos, admirando-se com o seu sumiço. Depois foram até o quarto dele.

— O que fazer? — disse Vedeniapin. — Vá passear um pouco, Iúri, pode ser que depois encontremos o seu amigo, e então poderão brincar. — Durante algum tempo eles conversaram sobre as agitações universitárias em Petersburgo e Moscou, detendo Nika durante vinte minutos na emboscada humilhante e tola. Finalmente foram para o terraço. Nika abriu a janela devagarinho, pulou por ela e foi embora para o parque.

Hoje, ele se sentia estranho, e na noite anterior perdera o sono. Estava com treze anos e cansado de ser pequeno. Como não dormiu a noite inteira, ao amanhecer saiu de casa. O sol nascia e a terra do parque estava coberta pelas sombras compridas, molhadas de sereno e nodosas das árvores. A sombra não era preta, mas cinza-escuro, como feltro úmido. O perfume embriagador da manhã parecia exalar exatamente desta sombra umedecida na terra, com faixas de luz parecidas com dedos de menina.

De repente, uma corrente prateada de mercúrio, igual às gotas de sereno no capim, correu a alguns passos dele. Acorrente fluía, fluía, e a terra não a absorvia. Com um movimento brusco, a corrente saltou para o lado e sumiu. Era uma cobra-de-vidro. Nika estremeceu.

Ele era um menino estranho. Quando estava exaltado, conversava consigo mesmo em voz alta. Ele puxou à mãe na inclinação para os assuntos superiores e paradoxais.

"Como é bom estar no mundo!", pensava ele. "Mas por que sempre dói tanto? Deus, é claro, existe. Mas, se ele existe, então ele sou eu. Por exemplo, vou ordenar-lhe", pensou, olhando para o álamo que tremulava todo, de baixo a cima (suas folhas molhadas e rutilantes pareciam coitadas de lata), "vou ordenar-lhe" — e superando insensatamente as suas forças ele murmurou, mas com toda a sua alma e com todo seu corpo e sangue desejou e pensou: "Pare!" e a árvore no mesmo instante tornou-se imóvel, obedientemente. Nika soltou uma gargalhada de alegria e correu a tomar banho de rio.

Seu pai, o terrorista Dementi Dudorov, cumpria pena de trabalhos forçados que substituíram, por indulto imperial, o enforcamento ao qual fora

condenado. Sua mãe, uma princesa georgiana da família dos Eristov, era uma moça estabonada, ainda jovem e bonita, sempre entusiasmada com revoltas, rebeldes, teorias extremistas, artistas famosos e pobres coitados.

Ela adorava Nika e de seu nome, Innokenti, criava um monte de apelidos carinhosos inconcebíveis e bobos, como Inotchek ou Notchenka, e levou-o até Tiflis para mostrá-lo a seus parentes. Lá, o que mais o impressionou foi a árvore com patas, no pátio da casa onde ficaram hospedados. Era um gigante tropical desajeitado. Com suas folhas parecidas com orelhas de elefante, ela protegia o pátio do céu tórrido do sul. Nika não conseguia aceitar a idéia de que esta árvore era uma planta, e não um animal.

Era perigoso para o menino usar o terrível nome do pai. Ivan Ivanovitch, com a permissão de Nina Galaktionovna, queria solicitar à Sua Alteza Imperial atribuir a Nika o sobrenome da mãe.

Quando ele estava deitado embaixo da cama, reclamando da vida, entre outras coisas, pensava sobre isso. Quem é Voskoboinikov para se intrometer tanto? Eles vão ver só!

E esta Nádia! Se ela tem quinze anos, isso quer dizer que tem direito de arrebitar o nariz e conversar com ele como com um menininho? "Eu a odeio", disse ele várias vezes em voz baixa. "Eu a matarei! Vou convidá-la para passear de barco e a afogarei."

E mamãe, também... Enganou, é claro, a ele e Voskoboinikov quando partiu. Não está no Cáucaso, nada, mas pura e simplesmente desviou no primeiro entroncamento ferroviário para o norte e está calmamente em Petersburgo, junto com os estudantes, atirando na polícia. E ele tem que apodrecer vivo neste buraco estúpido? Ele vai enganar a todos. Afogará Nádia, deixará o ginásio e fugirá para a Sibéria para junto do pai, a fim de organizar o levante.

A margem do lago estava coberta de lírios-d'água. O barco cortou esta densidade, com um barulho seco. A água do lago surgia no meio do mato como o suco aparece no triângulo talhado na melancia.

O menino e a menina começaram a arrancar flores. Os dois agarraram o mesmo caule, que não quebrava e parecia uma borracha. O caule puxou os dois. Suas cabeças chocaram-se. O barco foi puxado para a margem com uma vara. Os caules se enroscavam e encurtavam, as flores brancas com o

miolo claro, como gema com sangue, afundavam na água e emergiam com a água escorrendo delas.

Nadia e Nika continuavam a arrancar as flores, inclinando ainda mais o barco e quase deitados um ao lado do outro, na borda vazia.

— Cansei de estudar — disse Nika. — Está na hora de começar a vida, receber salário, virar gente.

— Eu queria tanto lhe pedir para me ensinar as equações de segundo grau. Sou tão fraca em álgebra que quase fiquei em segunda época.

Nika percebeu nestas palavras algumas alfinetadas. Certamente ela está colocando-o em seu devido lugar, lembrando que ele ainda é pequeno. Equações de segundo grau! E ele ainda nem cheirara a álgebra.

Sem deixar transparecer sua irritação, ele perguntou com indiferença fingida e no mesmo instante entendeu como era tolo:

— Quando você crescer, vai casar com quem?

— Oh, isso ainda está tão longe. Provavelmente com ninguém. Não pensei nisso ainda.

— Não pense que isso me interessa tanto.

— Então, por que está perguntando?

— Você é boba.

Começaram a discutir. Nika se lembrou de sua misoginia matinal. Ele ameaçou Nádia de que se não parasse de dizer insolências, ele a afogaria.

— Tente — disse Nádia. Ele agarrou-a pela cintura. Começaram a lutar. Perderam o equilíbrio e caíram na água.

Os dois sabiam nadar, mas os lírios os prendiam pelas mãos e pés e eles ainda não tinham conseguido tocar o fundo. Finalmente, atolando no limo, eles chegaram à margem. A água escorria como córregos dos seus sapatos e bolsos. Nika era o mais cansado.

Caso isso tivesse acontecido há pouco tempo, não antes da primavera deste ano, os dois, sentados ali molhados e encharcados, depois de uma travessia destas, estariam com certeza fazendo algazarra, discutindo ou então dando gargalhadas.

Mas agora estavam calados e mal respiravam, sufocados pelo absurdo do ocorrido. Nádia reclamava e se indignava calada. Nika estava com o corpo todo dolorido, parecia ter apanhado com um pedaço de pau nas pernas e nas mãos e quebrado as costelas.

Finalmente, como adulta e baixinho, Nádia proferiu: "Maluco!" e ele, da mesma forma adulta, disse: "Desculpe-me."

Começaram a subir para casa, deixando um rastro molhado como dois barris de água. O caminho subia por uma trilha poeirenta, que fervilhava de cobras, perto do local onde Nika de manhã encontrara uma cobra-de-vidro.

Nika se lembrou da exaltação mágica da noite, do amanhecer e dos seus poderes matinais, quando ele, ao seu bel-prazer, mandava na natureza. O que ordenar-lhe agora?, pensou. O que ele mais desejava? Imaginou que o que ele mais gostaria que acontecesse novamente era cair no lago com Nádia. Pagaria caro agora, só para saber se isso iria ou não acontecer algum dia.

A menina de outro meio



1

A guerra com o Japão ainda não terminara. Inesperadamente, ela foi encoberta por outros acontecimentos. Pela Rússia passavam ondas da revolução, uma maior que a outra e jamais vistas.

Nesta época, chegou a Moscou, procedente dos Urais, a viúva de um engenheiro belga, uma francesa russificada por conta própria, Amália Karlovna Guichard, com seus dois filhos, Rodion e Larissa. O filho ela matriculou na escola de cadetes, e a filha no ginásio feminino, coincidentemente no mesmo ginásio e na mesma turma onde estudava Nádia Kologrivova.

Madame Guichard possuía economias do marido em ações, que antes se valorizavam mas que agora começavam a cair. Para interromper o desaparecimento de seus recursos e para não ficar de braços cruzados, madame Guichard comprou, próximo ao Arco do Triunfo, um pequeno negócio, a confecção de Levitskaia, dos herdeiros da costureira, com o direito de manter na velha empresa os antigos clientes e todas as estilistas e alunas.

Madame Guichard fez isso seguindo o conselho do advogado Komarovski, amigo de seu marido e seu próprio apoio, um negociador de sangue-frio que conhecia a vida empresarial russa como a palma de sua mão. Ela lhe escreveu sobre a mudança. Ele os recepcionou na estação e levou, atravessando toda Moscou, para os quartos mobiliados do Tchernogoria, na travessa Oruzheinaia, onde alugara um deles para madame Guichard.

Ele já havia convencido a viúva a matricular Ródia na escola de cadetes e Lara no ginásio que recomendou. Com descortesia, caçoava do menino e olhava para a menina de tal maneira, que ela ruborizava.

Antes de se instalar no pequeno apartamento de três quartos, anexo à confecção, eles moraram aproximadamente três meses no Tchernogoria.

Era um dos lugares mais terríveis de Moscou, antro de ladrões, ruas inteiras entregues à promiscuidade, cortiços de "seres perdidos".

Nem as pulgas e a mediocridade do mobiliário, nem a sujeira nos quartos, impressionavam as crianças. Depois da morte do pai delas, a mãe vivia com medo constante do empobrecimento. Ródia e Lara cansavam-se de ouvir que estavam à beira da ruína. Eles sabiam que não eram crianças de rua, mas sentiam um profundo medo dos ricos, como os pupilos de orfanatos.

O exemplo vivo deste medo era infundido neles pela própria mãe. Amália Karlovna era uma loira roliça de uns 35 anos; nela, aos ataques do coração sucediam-se ataques de tolices. Era uma tremenda medrosa e morria de medo dos homens. Por isso mesmo, por susto e confusão, ela passava de mão em mão, a toda hora.

No Tchernogoria eles ocupavam o quarto 23 e no 24, desde a inauguração do hotel, morava o violoncelista Tichkevitch, um bonachão suado e careca que usava peruca e que juntava as mãos como em uma oração e as apertava contra o peito, quando tentava convencer alguém; jogava a cabeça para trás e, inspirado, revirava os olhos ao se apresentar nos círculos sociais e em concertos. Ele raramente estava em casa, passava dias inteiros no teatro Bolshoi e no Conservatório. Os vizinhos se conheceram. Favores mútuos os aproximaram.

Como a presença das crianças às vezes intimidava Amália Karlovna durante as visitas de Komarovski, Tichkevitch passou a deixar com ela a chave de seu quarto para que pudesse receber seu amigo. Logo madame Guichard se acostumou tanto com o sacrifício dele, que várias vezes bateu em sua porta, pedindo que a defendesse do seu protetor.

A casa de um só andar ficava perto da esquina com a Tverskaia. Sentia-se a proximidade da estrada de ferro que levava para Bretsk. Ao lado, ficavam as propriedades, os apartamentos funcionais, o depósito de locomotivas e depósitos em geral.

Lá morava OIia Demina, uma menina inteligente, sobrinha de um dos funcionários da ferrovia Moscou-Tovarnaia.

Ela era uma aluna muito capaz. A velha proprietária era atenciosa com ela e a nova, agora, começou se aproximar. OIia gostava muito de Lara.

Tudo ficou da mesma forma, como na administração de Levitskaia. As máquinas de costura rodavam feito loucas debaixo dos pés que desciam e subiam ou dos braços das costureiras que esvoaçavam. Alguém cosia calmamente, sentada à mesa, esticando o braço com a agulha e a linha comprida. O chão estava coberto de retalhos. Tinham que falar alto para superar o barulho das máquinas e o gorjeio vibrante de Kirill Modestovitch, um canário numa gaiola debaixo da abóbada da janela: o mistério de seu nome a antiga proprietária levou consigo para o túmulo.

Na recepção, um grupo de damas pitorescas cercava a mesa com revistas. Elas ficavam de pé, sentadas ou semi-encostadas, nas poses que viam nas revistas, observavam os modelos, trocavam conselhos sobre os feitios. A uma outra mesa, no lugar da diretora, estava a auxiliar de Amália Karlovna, uma das costureiras responsáveis, Faina Silantieвна Fetisova, uma mulher ossuda com verrugas nas cavidades das bochechas flácidas.

Ela segurava a piteira de marfim, com o cigarro entre os dentes amarelados, apertava os olhos também amarelados e, soltando a fumaça amarela pela boca e pelo nariz, anotava no caderno as medidas, os números das notas fiscais, os endereços e as solicitações das clientes.

Amália Karlovna era uma pessoa nova e inexperiente na confecção. Ela não se sentia totalmente como dona. Mas os funcionários eram honestos e podia confiar em Fetisova. Mesmo assim, a época era inquieta. Amália Karlovna tinha medo de pensar no futuro. O desespero tomava conta dela. Tudo caía de suas mãos.

Komarovski freqüentemente visitava a confecção. Quando Victor Ippolitovitch passava pela sala de costura, dirigindo-se ao fundo e assustando à sua passagem as damas elegantes que se trocavam e que se escondiam atrás dos biombos, de lá acolhendo em tom brincalhão seus gracejos atrevidos, as costureiras murmuravam pelas costas dele com maliciosa desaprovação: "Deu o ar de sua graça". "O dela". "O caso da Amália". "Garanhão". "Feiticeiro de mulheres".

Objeto de grande ódio era ainda o seu buldogue, Jack, que às vezes o acompanhava preso na coleira e que o arrastava atrás de si com trancos tão impetuosos que Komarovski tropeçava, corria para a frente e andava atrás do cachorro com os braços estendidos, como um cego com o seu cão-guia.

Certa vez, na primavera, Jack agarrou-se à perna de Lara e rasgou sua meia.

— Vou matar esse desgraçado — murmurou Olia Demina infantilmente no ouvido de Lara.

— É realmente um cachorro nojento. Mas como você, sua tolinha, vai fazer isso?

— Fale baixo, não grite, vou lhe ensinar. Sabe aqueles ovos de Páscoa de pedra, como os que sua mãe tem em cima da cômoda?

— Sei, são de mármore e cristal...

— Hã-hã, isso. Abaixese, vou lhe dizer no ouvido. Tem que pegar um, deixar de molho na gordura, a gordura vai grudar, então o cão tihoso o engole, enche a pança e pronto! Patas para o alto! Morreu!

Lara ria, com inveja. A menina vivia passando necessidades, trabalhava. As crianças do povo se desenvolvem mais cedo. No entanto, veja o quanto ainda têm de bom, infantil, ingênuo: ovos, Jack, gordura... de onde vem isso? "Porque meu destino quis assim", pensava Lara, "que tudo eu veja e com tudo sofra?"

"Pois a mamãe para ele... como é que se chama... Ele é... aquilo mesmo... da mamãe... Não quero repetir estas palavras torpes. Mas então por que ele

olha para mim com esses olhos? Se sou a filha dela!"

Ela tinha pouco mais de dezesseis anos, mas já era uma moça feita. Davam-lhe dezoito anos ou mais. Ela possuía uma mente clara e um caráter suave. Era muito bonita.

Ela e Ródia compreendiam que tudo na vida teriam que conseguir por esforço próprio. Ao contrário dos ociosos e abastados, eles não tinham tempo de se dedicar à esperteza e farejar teoricamente as coisas que praticamente não tinham nada a ver com eles. O excesso era sujeira. Lara era o ser mais puro do mundo.

O irmão e a irmã sabiam o real valor das coisas e valorizavam tudo que havia sido alcançado. Lara era uma boa aluna, não porque possuísse uma inclinação especial para os estudos, mas porque, para ser liberada do pagamento dos estudos, tinha que ser uma boa aluna e para isso tinha que estudar. Da mesma forma como estudava, Lara sem dificuldade lavava a louça, ajudava a mãe na confecção e cumpria tarefas determinadas pela mãe. Ela se movimentava silenciosa e suavemente, tudo nela — a rapidez imperceptível dos movimentos, a altura, a voz, os olhos cinzentos e os cabelos loiros — se combinava.

Era um domingo, em meados de julho. Nos feriados, podia-se ficar preguiçosamente na cama mais tempo. Lara estava deitada de costas, com as mãos para trás, embaixo da cabeça.

Na confecção, fazia um silêncio fora do comum. A janela para o pátio estava aberta. Lara ouviu quando uma caleça barulhenta, ao longe, saiu da rua de paralelepípedos para o sulco dos trilhos, então o ruído grosseiro foi substituído pelo deslizar das rodas como se fosse na manteiga. "Tenho que dormir mais um pouco", pensou Lara. O rumor da cidade fazia adormecer como uma cantiga de ninar.

Lara sentia sua altura e posição na cama em dois pontos do corpo — a saliência do ombro esquerdo e o dedão do pé direito. O ombro e o pé e o resto todo — ou seja, ela própria, sua alma ou essência, estavam harmoniosamente constituídos em contornos, e compassivamente aspiravam ao futuro.

"Tenho que adormecer", pensava Lara e provocava a imaginação com o lado ensolarado do Karetni Riad ^{9} naquela hora, os depósitos das

carruagens com enormes *kolimagui* ^{10} à mostra para vender no chão varrido e limpo, o vidro talhado dos lampiões, os ursos empalhados, a vida rica. E um pouco mais abaixo — desenhava em pensamentos Lara — o treinamento dos dragões no pátio do quartel Znamenskie, cavalos solenes e teimosos, andando em círculo, dando saltos com impulsos e andando a passo, a trote, a galope. Visualizava as bocas abertas das babás e mães com crianças, enfileiradas do lado de fora das grades do quartel.

Ainda mais abaixo, pensava Lara, na rua Petrovka, as Linhas Petrovskie ^{11}. "Lara, o que foi? De onde tirou tais pensamentos? Eu só quero mostrar o apartamento, ainda mais que é tão perto."

Festejavam o aniversário da pequena princesa russa Olga, na casa de conhecidos. Por este motivo os adultos se divertiam — havia danças, champanhe. Ele convidara a mãe, porém a mãe não podia, estava doente. A mãe disse: "Leve Lara. O senhor sempre me advertiu: Amália, cuide de Lara." Então agora cuide você dela." Ele cuidava dela, não há o que reclamar! Ah-ah-ah!

Que coisa louca é a valsa! Rodopia-se, rodopia-se sem pensar em nada. Enquanto a música toca passa toda uma eternidade, como a vida nos romances. Porém, mal param de tocar, vem a sensação de escândalo, parece que lhe deram um banho de água fria ou a surpreenderam despida. Além disso, essas liberdades permitem-se a outras para se gabarem, para demonstrarem como já são crescidas e adultas.

Ela nunca poderia imaginar que ele dançasse tão bem. Que mãos inteligentes ele tinha, como a segurava com segurança pela cintura! Mas beijá-la assim, ela não permitiria a mais ninguém. Ela nunca poderia supor que em lábios estranhos podia concentrar-se tanto impudor, quando eles são pressionados tão longamente contra os seus.

Deixar destas bobagens. De uma vez por todas. Não se fazer de simplória, não se humilhar, não baixar o olhar de vergonha. Isso um dia vai acabar mal. Aqui, bem perto, existe um limite terrível. É dar um passo e cair no abismo. Parar de pensar nas danças. Nelas está toda a maldade. Não ter vergonha de recusar. Inventar que não aprendeu a dançar ou que quebrou a perna.

No outono, aconteceram agitações no entroncamento ferroviário de Moscou. A estrada de ferro Moscou-Kazan estava em greve. A ferrovia Moscou-Bretsk deveria se juntar a ela. A decisão sobre a greve foi tomada, mas no comitê da ferrovia não conseguiam chegar a um acordo sobre o dia de sua deflagração. Todos os funcionários sabiam da greve, e era necessário somente um pretexto para que ela começasse espontaneamente.

Era uma manhã fria e nublada do início de outubro. Neste dia deveriam pagar o salário. Durante muito tempo, não veio o aviso da contabilidade. Depois, um menino entrou no escritório com a tabela, o boletim de pagamento, e um monte de carteiras de trabalho para calcular os descontos dos trabalhadores. O pagamento começou. Em um espaço vazio, que separava a estação de trem, as oficinas, os depósitos de locomotivas, os armazéns e os trilhos, dos prédios de madeira da administração, estendia-se, para receber o salário, uma fila interminável de maquinistas, agulheiros, serralheiros e seus auxiliares, as faxineiras da estação.

O ar tinha cheiro de início de inverno urbano, de folha pisada de plátano, de neve derretida, de fuligem de trem e de pão de centeio quente que era assado no subsolo do restaurante da estação e que haviam acabado de tirar do forno. Trens chegavam e partiam. Eles eram formados ou desengatados, segundo os acenos de bandeiras fechadas e abertas. Irrompiam, acima de todos os sons, as cometas dos vigias, os apitos de bolso dos engatadores e os apitos fortes dos trens. Colunas de fumaça, como escadas intermináveis, subiam para o céu. Os trens aquecidos estavam prontos para partir, esquentando as frias nuvens de inverno com nuvens de vapor fervendo.

Pela beirada dos trilhos, andavam, de um lado para o outro, o chefe da estação, o engenheiro das vias de comunicação, Fufligin, e o mestre de estradas do setor anexo à estação, Pavel Ferapontovitch Antipov. Este reclamava na oficina sobre a qualidade do material descarregado para ele renovar o revestimento dos trilhos. O aço não possuía a firmeza necessária. Os trilhos não suportariam o teste de encurvamento e deformação e, por suposição de Antipov, iriam arrebentar no frio forte. A direção tratava as reclamações de Pavel Ferapontovitch com indiferença. Deveriam estar fazendo alguma negociata com isso.

Fufligin estava com seu sobretudo caro, com debrum de engenheiro desabotoado, e debaixo vestia um terno social novo de cheviote. Ele pisava cuidadosamente no aterro, admirando as linhas das bordas do paletó, os vincos corretos das calças e o formato nobre de seus calçados.

As palavras de Antipov entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Fufligin pensava em algo seu, a cada minuto tirava o relógio, olhava para ele e se apressava em alguma direção.

— Está certo, certo, paizinho — ele interrompia Antipov, impaciente —, mas isso só acontece nos trilhos principais, em alguns trechos, ou em trajeto contínuo, onde o movimento é intenso. Mas veja bem: o que você tem? Vias de resguardo e sem saída, bardanas e urtiga, em último caso triagem de vagões e desvios da locomotiva de manobra. E ainda está insatisfeito! Você ficou louco! Aqui, além desses tipos de trilhos, podem ser colocados trilhos de madeira.

Fufligin olhou o relógio, fechou a tampa e começou a olhar para longe, onde a rodovia se aproximava da ferrovia. Na curva na estrada surgiu uma carruagem. Era de Fufligin. Sua mulher vinha buscá-lo. O cocheiro parou os cavalos quase em cima dos trilhos e os segurava o tempo todo, dando ordens para eles pararem com uma voz fina e feminina, como babás com bebês mimados — os cavalos tinham medo da estrada de ferro. No canto da carruagem, encostada de maneira relaxada nos travesseiros, estava uma bonita dama.

— Bom, meu irmão, falaremos uma outra vez — disse o chefe da estação e acenou com a mão. — Não tenho tempo para seus argumentos. Existem assuntos mais importantes.

Os cônjuges se foram.

Três ou quatro horas depois, perto do anoitecer, no campo ao lado da estrada surgiram, como que debaixo da terra, duas figuras imperceptíveis anteriormente na superfície, que olhavam com frequência para trás e se distanciavam rapidamente. Eram Antipov e Tiverzin.

— Mais rápido — disse Tiverzin. — Não temo os guardas que podem encontrar nossa pista, porém logo terminará aquela novela e nossos companheiros sairão do abrigo e se juntarão a nós. Não suporto vê-los. Quando ficam enrolando não vale a pena começar. Para que então formar o comitê, para que brincar com fogo e se esconder debaixo da terra? Você também, que papelão, ficar apoiando a indecisão com Nikolaievskaja.

— Minha Dária está com tifo abdominal. Tenho que levá-la para o hospital. Enquanto não interná-la, nada entra na minha cabeça.

— Dizem que estão pagando o salário hoje. Vou até o escritório. Se não fosse dia de pagamento, juro por Deus, daria as costas para vocês e sem esperar um minuto, botaria um ponto final nesta embromação com minhas próprias mãos.

— Posso saber como?

— Não é um negócio difícil. Eu desceria até a caldeiraria, tocaria o apito e pronto, acabou-se a brincadeira.

Eles se despediram e foram para lados opostos.

Tiverzin caminhava pelos trilhos em direção à cidade, No caminho encontrava pessoas que vinham do escritório com o salário. Eram muitas. Tiverzin calculou que, na área da administração, quase todos estavam com o salário em dia.

Começou a escurecer. Na parte descoberta, ao lado do escritório, aglomeravam-se trabalhadores desocupados, iluminados pelas lâmpadas do prédio. Na entrada da área estava estacionada a carruagem de Fufligin. A sra. Fufligina estava sentada dentro dela, como antes, parecia que não havia saído dali desde a manhã. Ela aguardava o marido que recebia dinheiro no escritório.

De repente, começou a cair neve molhada com chuva. O cocheiro desceu da boléia para suspender a capota de couro. Enquanto ele alargava as correias apertadas, apoiando o pé na traseira da carruagem, Fufligina admirava o mingau aquoso perolado e prateado que brilhava na luz das lâmpadas do escritório. Ela lançava um olhar fixo e sonhador por cima dos trabalhadores amontoados, de tal maneira que parecia que este olhar, em caso de necessidade, poderia passar sem obstáculos através deles, como através da neblina ou geada.

Tiverzin casualmente captou esta expressão. Ele ficou chocado. Afastou-se, não cumprimentou Fufligina e resolveu buscar o salário mais tarde, para não encontrar o marido dela no escritório. Ele foi em frente, para o lado menos iluminado das oficinas, onde ficava, às escuras, a ponte rolante com os trilhos que se estendiam até o depósito de locomotivas.

— Tiverzin! Kuprik ^{12}! — chamaram algumas vozes do escuro. Em frente à oficina havia um pequeno grupo de pessoas. Dentro da oficina alguém gritava e ouvia-se um choro de criança. — Kuprian Savelievitch, ajude o menino — disse uma mulher do grupo.

O velho mestre Petr Khudoleev novamente, como era de costume, esfolava a sua pequena vítima, o pequeno aprendiz Iusupka.

Khudoleev, bêbado e brigão de mão pesada, nem sempre foi carrasco de seus auxiliares. Houve tempo em que o bravo mestre era admirado pelas filhas de comerciantes e dos padres dos subúrbios industriais dos arredores de Moscou. Mas a mãe de Tiverzin, naquela época formanda da diocese ^{13}, a quem ele havia pedido a mão, recusou-o e casou-se com seu colega, o mecânico de locomotivas Saveli Nikititch Tiverzin.

No seu sexto ano de viuvez, após a horrível morte de Saveli Nikititch (ele morreu queimado em 1888 em uma colisão de trens que repercutiu muito), Petr Petrovitch renovou seu pedido e Marfa Gavrilovna recusou-o novamente. Desde então Khudoleev começou a beber e provocar desordens, acertando as contas com a humanidade que era culpada, disso tinha certeza, de suas dificuldades.

Iusupka era filho do vigia Gimazetdin, do prédio de Tiverzin. Tiverzin protegia o menino nas oficinas. Isso provocou a ira de Piotr Khudoleev para com ele.

— Veja como você segura a lima, seu asiático — gritava Khudoleev, arrastando Iusupka pelos cabelos e batendo com a bengala em seu pescoço. — É assim que se funde? Estou falando com você, vai ficar aqui estragando o meu trabalho? Sua noiva de Cassim, olho puxado!

— Ai, não vou, não, tiozinho, ai não vou, ai dói!

— Já lhe disseram mil vezes: primeiro coloque o cabeçote e aparafuse o apoio, mas você continua fazendo do seu jeito. Quase quebrou o eixo, filho da puta.

— Nem toquei no eixo, tiozinho, juro por Deus, não mexi.

— Por que está tiranizando o menino? — perguntou Tiverzin, passando pelas pessoas.

— Quando dois cachorros estão brigando, o terceiro não se mete — cortou Khudoleev.

— Estou perguntando: por que está tiranizando o menino?

— E eu estou dizendo, vá com Deus, comandante social. Devia matar este desgraçado, quase me quebrou o eixo. Ele deve me beijar a mão por ter ficado vivo, diabo caolho... só puxei-o pelas orelhas e pelos cabelos para ver se aprende.

— E você acha que por isso devemos cortar-lhe a cabeça, tio Khudolei? Tenha vergonha, sinceramente. Um velho mestre! Viveu até ficar de cabelos brancos e não adquiriu inteligência.

— Vá, vá, estou avisando, enquanto está inteiro. Vou matar você! Vai ficar aqui me dando lição, merda de cachorro? Você foi feito em cima dos dormentes, sangue de esturjão, bem de diante do nariz do seu pai. Sua mãe, aquela meretriz, eu a conheço muito bem, aquela cadela imprestável, barra de saia desfiada!

Tudo que aconteceu depois não durou nem um minuto. Os dois pegaram o primeiro objeto à mão nos suportes das bancadas, nos quais estavam jogados instrumentos pesados e barras de ferro. Matariam um ao outro não fossem as pessoas que, no mesmo instante, correram para separá-los. Khudoleev e Tiverzin estavam parados, as cabeças inclinadas, as testas quase se chocando, pálidos e com os olhos cheios de sangue. De tanta exaltação eles não conseguiam pronunciar sequer uma palavra. Os dois foram segurados com força, com os braços para trás. De minuto a minuto, enchendo-se de forças, eles tentavam se soltar, encurvando-se com o corpo todo e arrastando junto os colegas pendurados neles. Os fechos e os botões de suas roupas caíram, os casacos e as camisas deslizaram de seus ombros desnudos. A algazarra em torno deles não cessava.

— O escopro! Tire o escopro dele, se não vai arrebentar-lhe a cabeça.

— Vá com calma, calma, tio Petr, vamos torcer seu braço!

— Para que esta ciranda toda? Vamos separar, trancar com cadeado e pronto!

De repente, com um esforço sobre-humano, Tiverzin sacudiu o monte de pessoas que estava em cima dele e, conseguindo se livrar delas, com um impulso já estava perto da porta. Correram para pegá-lo, mas quando perceberam qual era sua intenção, o deixaram em paz. Ele saiu, bateu a porta e marchou em frente, sem olhar para trás. A umidade outonal, a noite e a escuridão o rodeavam.

— Você tenta fazer o melhor e eles vêm com cinco pedras — resmungava sem saber para onde ia.

Este mundo de baixeza e falsidade, onde a senhora bem alimentada se permite olhar daquela maneira para os bobos trabalhadores, e onde o beerrão vítima desse sistema encontra prazer no escárnio ao seu semelhante. Este mundo agora lhe era mais abominável do que qualquer outra coisa. Ele caminhava rapidamente, parecia que a rapidez de seu andar podia aproximar o tempo em que tudo no mundo seria sensato e coerente, como agora em sua cabeça ardente. Ele sabia que os anseios dos últimos dias, as desordens nas linhas, os discursos nas reuniões e a decisão de fazer greve — por enquanto não efetivada, mas também não revogada —, tudo isso eram etapas desse grande e iminente caminho.

Mas sua excitação agora chegara a tal ponto que ele, sem esperar, queria percorrer correndo esta distância de uma vez, sem recobrar o fôlego. Ele nem imaginava para onde ia, dando largas passadas, mas os pés sabiam perfeitamente para onde o levavam.

Durante muito tempo Tiverzin nem desconfiara de que, após ele e Antipov saírem da reunião no abrigo de terra, fora tomada a resolução de iniciar a greve naquela mesma noite. Os membros do comitê já haviam distribuído as tarefas: para onde cada um iria onde e a quem tirariam do posto. Quando da oficina de conserto de locomotivas, como se fosse do fundo da alma de Tiverzin, soou um sinal rouco que aos poucos tornava-se límpido e regular, do semáforo da entrada marchou uma multidão saída do depósito e do terminal de carga em direção à cidade, juntando-se à outra multidão que deixara o trabalho ao ouvir o apito de Tiverzin na caldeiraria.

Durante muitos anos Tiverzin achou que ele sozinho interrompeu naquela noite os trabalhos e o movimento nas estradas. Somente os processos — nos

quais ele foi julgado mais tarde por acumulação de delitos, e que não incluíam nos seus itens de acusação a incitação à greve — corrigiram este engano.

Saíam correndo à rua e perguntavam: "Por que estão apitando?" Do escuro respondiam: "Não me parece surdo. Não está ouvindo? Perigo." "Estão chamando para apagar o incêndio." "E onde está pegando fogo?" "Em algum lugar deve estar, já que estão apitando."

As portas batiam, apareciam novas pessoas. Soavam outras vozes. "Não diga bobagens! Incêndio! Tolos suburbanos! Não dêem ouvidos a este imbecil. Isto quer dizer que pararam, entendeu? Tá aqui a canga, não sou mais escravo de ninguém. Para casa, pessoal."

Chegava mais e mais gente. A estrada de ferro estava em greve.

7

Tiverzin chegou em casa no terceiro dia de greve, com frio e sono e barbado. Na véspera fizera um frio de rachar, jamais visto nestes dias do mês, e Tiverzin estava com o casaco de outono. No portão encontrou o vigia Gimazetdin.

— Obrigado, senhor Tiverzin — começou ele —, por não deixarem fazer mal a Iusup. Obrigo-me a rezar um século a Deus.

— O que foi? Você ficou maluco, Gimazetdin? Me chamar de senhor! Deixe disso, por favor. Vamos logo, não vê o frio que está fazendo?

— Que frio, o quê! Qual, frio! Você vai ficarquentinho, Savelitch. Ontem trouxemos da ferrovia para sua mãe, Marfa Gavrilovna, praticamente um depósito de lenha, somente de bétula, boa lenha, lenha seca.

— Obrigado, Gimazetdin. Se quer dizer mais alguma coisa, seja rápido, por favor. Estou com frio, entende?

— Queria dizer para não dormir em casa, Savelitch, tome cuidado. O guarda e o chefe de polícia perguntaram quem andava por aqui. Eu disse que ninguém. Disse que anda o auxiliar, anda a equipe de trabalho e que a estrada de ferro também passa por aqui. Algum estranho, nunca vi.

O prédio, onde morava o solteiro Tiverzin com a mãe e o irmão casado, pertencia à igreja vizinha da Sagrada Trindade. Esse prédio era habitado em parte pelo clero, por dois grupos de fruteiros e açougueiros que vendiam e faziam entrega na cidade em tabuleiros, mas em sua maioria por funcionários da estrada de ferro Moscou-Bretsk.

O prédio era de pedra, com galerias de madeira. Elas cercavam o pequeno pátio pelos quatro lados. Escadas sujas e escorregadias levavam para a parte de cima das galerias. Elas cheiravam a gatos e repolho azedo. Pelos andares ficavam grudadas, uma na outra, as latrinas e os almojarifados, fechados com cadeados.

O irmão de Tiverzin tinha sido recrutado como soldado para a guerra e fora ferido nos arredores de Wafang ^{14}. Ele estava em tratamento no hospital de Krasnoiarsk, para onde, a fim de encontrá-lo e recebê-lo, partiu sua mulher com as duas filhas. Os ferroviários, descendentes de Tiverzin, tinham boa disposição e viajavam por toda a Rússia com identidades funcionais gratuitas. Naquele momento o apartamento estava silencioso e vazio. Nele moravam somente o filho e a mãe.

O apartamento ficava no segundo andar. Em frente à porta de entrada, na galeria, ficava um barril que o carregador de água enchia. Quando Kuprian Savelievitch chegou ao segundo andar, percebeu que a tampa do barril estava fora do lugar e que num pedaço de gelo que paralisou a água havia um caneco de ferro preso à crostinha congelada.

"Só pode ter sido Prov", pensou Tiverzin, sorrindo. "Bebe e não mata a sede, o glutão, entranhas de fogo."

Prov Afanasievitch Sokolov, sacristão, um homem vistoso e não muito velho, era um parente distante de Marfa Gavrilovna.

Kuprian Savelievitch arrancou o caneco da crosta congelada, acertou a tampa do barril e puxou a manivela do sino da campainha. Uma nuvem do espírito familiar e de uma fumaça apetitosa veio a seu encontro.

— Aqueceram bem, mãezinha. Está quente aqui, está bom.

A mãe se jogou no seu pescoço, abraçou-o e começou a chorar. Ele acariciou sua cabeça, esperou um instante, e com carinho se afastou.

— A cidade está tomando coragem, mãezinha — disse ele baixinho. — Está parada a minha ferrovia, desde Moscou até Varsóvia.

— Eu sei. Por isso estou chorando. Isso vai acabar mal para você. Seria melhor você se esconder, Kuprinka, em algum lugar distante.

— Ele quase arrebentou minha cabeça, seu amiguinho querido, o gentil pastorzinho Petr Petrov. — Ele queria fazê-la sorrir. Mas ela não entendeu a brincadeira e respondeu seriamente:

— É pecado rir dele, Kuprinka. Tenha pena dele. É um pobre coitado, uma alma perdida.

— Levaram o Pacha Antipov, Pavel Ferapontovitch. Vieram à noite, fizeram busca, remexeram tudo. Pela manhã, levaram-no. Ainda por cima a Dária dele está com tifo, no hospital. O pequeno Pavluchka estuda na escola técnica e ficou sozinho em casa com uma tia surda. Eles estão sendo expulsos do apartamento. Acho que temos que trazer o menino para cá. O que Prov queria?

— Como sabe?

— O barril estava destampado e o caneco ao lado. Logo pensei que era com certeza Prov, o insaciável, que veio beber água.

— Você adivinhou, Kuprinka. Tem razão. Prov, Prov, Prov Afanasievitch. Veio pedir lenha emprestada, então dei. Mas que boba sou, falando da lenha!. Saiu completamente da minha cabeça a novidade que ele trouxe. O czar assinou um decreto, entende, para mudar tudo: não humilhar ninguém, dar terra para os mujiques e igualar todos aos nobres. O decreto está assinado, é só publicar, o que você acha? Do Sínodo enviaram um novo pedido para incluir na missa, ou em uma oração qualquer, uma saudação. Não estou mentindo. Provuchka me falou, mas me esqueci.

Patúlia Antipov, o filho de Pavel Ferapontovitch, preso, e de Dária Filimonovna, hospitalizada, acomodou-se no apartamento dos Tiverzin. Ele era um menino limpo, com os traços do rosto bem definidos e cabelos loiros repartidos ao meio. De minuto a minuto, ele os alisava com uma escova e, de minuto a minuto, ajeitava o casaco e o cinto com a fivela da escola técnica.

Patúlia ria até chorar e era muito observador. Com muita semelhança e comicidade, imitava tudo o que via e ouvia.

Logo após o manifesto de 17 de outubro, pensou-se realizar uma grande manifestação do posto de fronteira Tverskaia até o posto Kaluzhskaia. Várias organizações revolucionárias, envolvidas com essa idéia, brigaram entre si e, uma a uma, desistiram dela. Mas quando souberam que, na manhã marcada, o povo mesmo assim saiu à rua, enviaram rapidamente os seus representantes.

Apesar dos pedidos e da resistência de Kuprian Savelievitch, Marfa Gavrilovna foi participar da manifestação com o alegre e comunicativo Patúlia.

O dia, no início de novembro, estava frio e seco, com o céu cinza-chumbo calmo e com raras partículas de neve, que ficavam pendentes por longo tempo e pairavam evasivamente antes de cair na terra, para depois, em forma de poeira cinza e felpuda, fechar os buracos da estrada.

O povo descia a rua, numa verdadeira confusão, rostos, rostos e rostos, paletós de inverno forrados de algodão e chapéus de pele de carneiro, velhos, crianças, ferroviários de uniforme, operários da companhia de bondes e da estação telefônica com botas acima dos joelhos e de jaquetas de couro, ginasianos e estudantes.

Durante algum tempo cantaram *Varchavianka*, *Morremos como vítimas* e a *Marselhesa*, mas, de repente, um homem que caminhava de costas, na frente dos manifestantes, e que com acenos do gorro preso à mão dirigia a cantoria, colocou o gorro na cabeça, parou de puxar as canções e, virando-se de costas para a procissão, começou a prestar atenção ao que falavam outros responsáveis pela manifestação. A cantoria tornou-se desarmoniosa e foi interrompida. Pela rua congelada, ouvia-se o estalar dos passos da multidão incontável.

Amigos comunicavam aos organizadores da passeata que cossacos aguardavam os manifestantes mais à frente. Para avisar sobre a emboscada armada ligaram para a farmácia mais próxima.

— Bem — diziam os responsáveis —, o mais importante é manter o sangue-frio e não se perturbar. Temos que ocupar, sem demora, o primeiro

prédio público que encontrarmos pela frente, anunciar às pessoas o perigo que as ameaça e nos dispersar aos poucos.

Discutiram sobre o melhor lugar. Uns propunham a Sociedade dos Administradores Comerciais, outros a Escola Técnica Superior, e terceiros a Escola de Correspondentes Estrangeiros.

Durante esta discussão, surgiu mais adiante a esquina de um prédio estatal. Nele localizava-se uma instituição de ensino que poderia servir perfeitamente de abrigo, tal como os locais citados.

Quando os manifestantes se emparelharam com o prédio, os líderes subiram à área semi-redonda da entrada e com sinais detiveram à frente da passeata. As portas de entrada, com vários batentes, se abriram e a marcha de protesto, com todos os seus participantes, paletó colado em paletó, chapéu colado em chapéu, começou a inundar o vestibulo da escola e a subir sua escada solene.

— Para o auditório, auditório! — gritavam por trás vozes isoladas, mas a multidão continuava a entrar em massa e a se espalhar por corredores separados e salas de aula.

Quando conseguiram com que o povo retornasse e se sentasse nas cadeiras, os dirigentes tentaram várias vezes anunciar a armadilha à multidão, mas ninguém os ouvia. A parada e a transferência para um local fechado foram entendidas como um convite para um comício improvisado, que começou no mesmo instante.

As pessoas, depois da longa caminhada cantando, queriam ficar um pouco sentadas e caladas, que alguém sofresse por elas berrando. Em comparação com o prazer principal, o descanso, nenhum interesse apresentavam as discordâncias ínfimas dos oradores, solidários, em quase tudo, uns com os outros.

Por isso, o pior orador obteve o maior êxito, pois não cansava os ouvintes com a preocupação de ser obedecido. Cada palavra dele era acompanhada de berros de aprovação. Ninguém se importava que seu discurso fosse abafado pelo barulho de aprovação. Apressavam-se em concordar com ele por impaciência, gritavam "vergonha", compunham o telegrama de protesto, e de repente, enfadados pela monotonia de sua voz, um por um, esquecendo totalmente do orador, chapéu com chapéu, de fileira em fileira, a multidão desceu as escadas e saiu à rua. A passeata prosseguiu.

Enquanto estavam fazendo o comício a neve havia coberto as ruas. Elas estavam brancas. E a neve caía cada vez mais densa.

Quando os dragões avançaram, ninguém nas últimas fileiras percebeu. De repente, lá da frente, soou um rumor crescente, como quando a multidão grita "Urra". Gritos de "socorro", "mataram" e muitos outros se misturavam a algo incompreensível. Quase no mesmo instante, na onda desses sons, por uma passagem estreita que se formou na multidão que se afastava, impetuosa e silenciosamente passaram correndo caras e crinas de cavalos e cavaleiros com sabres. O meio-pelotão passou a trote, deu meia-volta, se alinhou e encaixou-se atrás da multidão. Começou o espancamento.

Alguns minutos depois, a rua estava quase vazia. As pessoas correram, fugindo pelas travessas. A neve caía mais escassa. A noite estava seca, como um desenho a carvão. De repente, o sol, que se punha em algum lugar atrás das casas, começou a apontar da esquina, como se fosse um dedo, tudo que era vermelho na rua: a parte superior vermelha dos chapéus dos dragões, o enorme pano da bandeira vermelha caída no chão, as marcas de sangue que se estendiam pela neve em linhas e pontos vermelhos.

Pela beirada da rua, se arrastava, estendendo os braços, um homem gemendo com o crânio quebrado. Mais abaixo na rua, em fileira e a passo, estavam alguns guardas montados. Eles voltavam do fim da rua, para onde os levou a perseguição. Quase embaixo dos seus pés, agitava-se Marfa Gavrilovna com o lenço caído na nuca e com uma voz que não era a sua gritava na rua inteira: "Pacha! Patúlia!"

Ele veio o tempo todo caminhando ao lado dela, divertindo-a, imitando muito bem o último orador, e de repente desapareceu na confusão quando os dragões avançaram.

Na hora do corre-corre, Marfa Gavrilovna foi açoitada com um látigo e, apesar de seu sobretudo bem recheado de algodão não tê-la deixado sentir o golpe, ela xingou e ameaçou com o punho a cavalaria que se afastava, indignada por terem tido coragem de bater nela, uma velha, na frente do povo, com um látigo.

Marfa Gavrilovna lançava olhares preocupados para os dois lados da rua. De repente, e felizmente, ela avistou, no lado oposto da calçada, um menino. Lá, na cavidade entre um banco colonial e o ressalto de uma mansão de pedra, aglomerava-se um grupo de desatentos.

Ficaram encurralados pelas ancas do cavalo de um dragão, que subiu na calçada. Ele se divertia com o pavor deles e, fechando a passagem, dava voltas e piruetas, fazia o cavalo andar para trás e devagar, como no circo, empinava o animal. De repente, ele avistou seus companheiros que voltavam a passo, esporeou o cavalo e em dois ou três saltos ocupou um lugar na fileira.

O povo que estava pressionado no beco se dispersou. Pacha, que não ousava emitir um som, correu até a avó.

Eles caminharam para casa. Marfa Gavrilovna resmungava o tempo todo.

Assassinos, desgraçados, facínoras malditos! O povo está feliz, o czar deu liberdade, mas isso eles não suportam. Têm que estragar tudo, virar pelo avesso qualquer palavra.

Ela estava com raiva dos dragões, do mundo a sua volta e, neste minuto, com raiva até do seu próprio filho. Em momentos de fúria, lhe parecia que tudo que estava acontecendo era provocado por trapalhadas dos companheiros de Kuprinka, que ela chamava de perdidos e sabidos.

— Monstros terríveis! O que querem, possessos? Não dá para entender nada! Ficam aí latindo e dizendo asneiras. E aquele orador, você, Pachenska, o imitou muito bem. Faça de novo, querido, faça. Ai, vou morrer, vou morrer! Sem tirar nem pôr, igualzinho. Tra-ra-ra-ra. Um chato, uma verdadeira vespa, esterco de cavalo.

Em casa ela agrediu o filho com recriminações, dizendo que não estava em idade para que um bobo bexiguento, empoleirado num cavalo, a repreendesse açoitando seu traseiro.

— Mas o que é isso, mãezinha, realmente! Parece que sou um comandante cossaco ou o chefe dos gendarmes.

Nikolai Nikolaievitch estava ao lado da janela, quando surgiram as pessoas correndo. Ele entendeu que eram participantes da manifestação e durante algum tempo ficou olhando, talvez avistasse entre as pessoas que se dispersavam, Iúri ou mais alguém. No entanto, não apareceu ninguém

conhecido, somente uma vez lhe pareceu que passou rapidamente aquele (Nikolai Nikolaievitch esqueceu seu nome), o filho de Dudorov, rapaz corajoso que há pouco tempo havia retirado uma bala do ombro esquerdo e que novamente estava andando onde não devia.

Nikolai Nikolaievitch chegara aqui no outono, vindo de Petersburgo. Em Moscou ele não tinha seu canto e não queria ir para um hotel. Ele instalou-se na casa dos Sventitski, seus parentes distantes. Concederam a ele um escritório no ângulo superior, no mezanino.

Esta casa de dois andares, muito grande para o casal Sventitski, que não possuía filhos, vinha sendo alugada pelos velhos e já falecidos Sventitski desde os tempos imemoráveis dos príncipes Dolgoruki. A propriedade dos Dolgoruki, com três pátios, jardim e imensa quantidade de construções em diferentes estilos e espalhadas desordenadamente, dava para três travessas e se chamava, à moda antiga, de Mutchni Gorodok.

Embora tivesse quatro janelas, o escritório era escuro. Estava atulhado de livros, papéis, tapetes e gravuras. Do lado de fora, havia um balcão em forma de semicírculo, que envolvia este ângulo do prédio. A porta dupla de vidro, que dava para o balcão, estava bem vedada para o inverno.

Pelas duas janelas do escritório e pelo vidro da porta do balcão podia-se ver a travessa em toda a sua extensão — a trilha dos trenós, as casinhas e as cercas tortas.

Do jardim até o escritório estendiam-se sombras lilases. As árvores olhavam para dentro do quarto como se quisessem depositar no chão seus galhos pesados de neve, parecida com fios lilases de estearina solidificada.

Nikolai Nikolaievitch olhava para a travessa e lembrava-se do inverno do ano passado em Petersburgo, lembrava-se de Gapon ^{15}, de Gorki, da visita de Vitte ^{16}, dos escritores contemporâneos da moda. Desta confusão, ele fugiu para cá, para a calma e tranqüila cidade do primeiro reinado para escrever o livro que tinha em mente. Mas, como! Ele saiu da lama para cair no atoleiro. Todo dia dava aula e fazia relatórios, não tinha tempo nem para respirar. Lecionava ora nos Cursos Femininos Superiores, ora na Faculdade de Religião e Filosofia, ora na Cruz Vermelha ou então em benefício do Fundo para o movimento de greve. Seria bom fugir para a Suíça, para as profundezas do cantão florestal. Paz e clareza sobre o lago, céu e montanhas, e o sonoro e atento ar ecoando tudo.

Nikolai Nikolaievitch virou-se de costas para a janela. Sentia vontade de visitar alguém ou sair à rua sem destino. Mas, de repente, se lembrou que deveria vir à sua casa, para conversar, Vivolotchnov, seguidor de Tolstoi, portanto não podia sair. Ele começou a andar pelo quarto. Seus pensamentos voltaram-se para o sobrinho.

Quando Nikolai Nikolaievitch mudou-se de um lugarejo distante, próximo do rio Volga, para Petersburgo, trouxe consigo Iúri e o levou até Moscou, para que convivesse com os parentes Vedeniapini, Ostromislenski, Seliavini, Mikhaelis, Sventitski e Gromeko. De início, Iúri foi acomodado na casa de Ostromislenski, um velho desordeiro e tagarela, a quem todos os parentes chamavam simplesmente de Fedka. Ele coabitava ilegalmente com sua pupila Mótia e se considerava um combatente dos preconceitos e defensor da idéia de abalar os costumes da sociedade. Ele não correspondeu às expectativas, revelou-se até dado à roubalheira, gastando com suas necessidades o dinheiro destinado ao sustento de Iúri. Então Iúri foi transferido para a família do professor Gromeko, com a qual ele vivia até o presente momento.

Na casa de Gromeko, Iúri era cercado por uma atmosfera invejavelmente agradável.

"Lá há um triunvirato e tanto", pensava Nikolai Nikolaievitch. Iúri, seu colega de classe Gordon e a filha dos donos, Tônia Gromeko. Essa união a três leu em demasia *O sentido da vida* e *Sonata a Kreutzer* e enlouqueceu com a pregação da castidade.

A adolescência deve passar por todas as exaltações da pureza. Mas eles exageraram, nem conseguem raciocinar.

Eles são excêntricos e crianças. A área dos sentidos que tanto os preocupa, eles chamam de "vulgaridade" e utilizam esta palavra com propriedade ou não. Que escolha infeliz! "Vulgaridade" para eles é a voz do instinto, a literatura pornográfica, a exploração da mulher e quase todo o universo físico. Eles ruborizam e empalidecem quando pronunciam esta palavra!

"Caso eu estivesse em Moscou", pensava Nikolai Nikolaievitch, "não deixaria que isso fosse tão longe. O pudor é necessário, mas com alguns limites."

— Ah, Nil Feoktistovitch! Entre, por favor — exclamou ele e caminhou ao encontro do visitante.

No quarto entrou um homem gordo de camisa cinza, cingida por um cinto largo. Ele estava de *valenki* ^{17}, as calças formavam um balão nos joelhos. Ele causava a impressão de um homem bondoso que flutuava nas nuvens. No nariz dançava um pequeno pincenê, preso com uma fita preta larga.

Ao se desfazer dos agasalhos no *hall*, ele não foi até o fim. Não tirou o cachecol e sua ponta se arrastava atrás dele pelo chão, nas mãos segurava um chapéu redondo de feltro. Estes objetos limitavam seus movimentos e o impediam não só de apertar a mão de Nikolai Nikolaievitch mas também de saudá-lo verbalmente.

— Hum-hum — dizia ele desnorteado, olhando para os cantos.

— Coloque onde quiser — falou Nikolai Nikolaievitch, devolvendo a Vivolotchnov o dom da fala.

Este era um daqueles seguidores de Tolstoi, nas cabeças dos quais as idéias do gênio, que nunca sossegou, tomaram gosto pelo descanso longo e sem perturbações se deterioravam irremediavelmente.

Vivolotchnov veio convidar Nikolai Nikolaievitch a discursar numa certa escola a favor dos exilados políticos.

— Já fiz isso lá uma vez.

— A favor dos políticos?

— Sim.

— Mas é preciso fazer de novo.

Nikolai Nikolaievitch resistiu e depois concordou.

O motivo da visita estava esgotado. Nikolai Nikolaievitch não prendia Nil Feoktistovitch. Ele podia se levantar e ir embora. Mas a Vivolotchnov parecia descortesia sair tão rápido. Como despedida, tinha que dizer algo vivo, desenvolto. Iniciou-se então uma conversa tensa e desagradável.

— Então o senhor entrou em decadência? Tornou-se místico?

— Por que diz isso?

— Está perdido. Lembra-se da *zemstvo* ^{18}?

— Como não lembrar? Trabalhamos juntos nas eleições, lutamos por escolas rurais e seminários para professores. Lembra?

— Claro. As batalhas eram acaloradas. O senhor posteriormente, me parece, atuou na área da saúde e habitação popular. Não é verdade?

— Durante algum tempo.

— É... E agora esses nenúfares, efêbos, e esses "sejamos como o sol". Pode me matar, mas não acredito nisso. Um homem inteligente, com senso de humor e com profundo conhecimento do povo... Deixe disso, por favor... Ou talvez eu esteja me intrometendo... Pode ser algo sagrado?

— Para que dizer palavras sem pensar? Estamos disputando o quê? O senhor não conhece minhas idéias!

— A Rússia precisa de escolas e hospitais, não de nenúfares.

— Concordo.

— O mujique está despido e inchando de fome...

Saltando assim, seguia a conversa. Consciente da inutilidade de suas tentativas, Nikolai Nikolaievitch pôs-se a explicar o que o aproximava de alguns escritores da escola simbolista e depois passou para Tolstoi.

— Estou com o senhor até certo ponto. Mas Lev Nikolaievitch diz que quanto mais o homem se dedica à beleza, mais distante ele fica do bem.

— E o senhor acha o contrário? O mundo será salvo pela beleza, mistérios, e por aí vai. Rozanov e Dostoievski?

— Espere, direi eu mesmo o que penso. Acho que se o animal adormecido dentro do homem pode ser detido com a ameaça, seja da cela ou da punição além-túmulo, então o emblema supremo da humanidade seria o domador de circo com a chibata, e não o pregador se sacrificando. Mas a questão, na verdade, não é um pedaço de pau que faz o homem ser, durante séculos, superior ao animal e atingir as alturas; é a música: é a incontestabilidade da verdade desarmada, com a força de atração de seu exemplo. Até hoje, achava-se que o mais importante no Evangelho eram as

sentenças morais e as regras contidas nos mandamentos. Mas, para mim, o mais importante é o que Cristo expressa através de parábolas do cotidiano, esclarecendo a verdade com a luz do dia-a-dia. Neste princípio, há a idéia de que os laços entre os mortais são imortais e de que a vida é simbólica, porque ela possui um sentido.

— Não entendi nada. O senhor devia escrever um livro sobre isso.

Quando Vivolotchnov foi embora, Nikolai Nikolaievitch viu-se tomado por uma terrível irritação. Ele estava com raiva de si próprio, por ter expressado ao estúpido Vivolotchnov uma parte de suas idéias íntimas, sem sequer impressioná-lo. Como acontecia às vezes, o desgosto de Nikolai Nikolaievitch de repente mudou de rumo. Ele esqueceu-se completamente de Vivolotchnov, como se ele não existisse. Lembrou outro caso. Não escrevia diários, mas uma vez ou outra por ano, num caderno grosso, fazia anotações dos pensamentos que mais o surpreendiam. Ele tirou o caderno e começou a rascunhar, com uma letra graúda e legível. Eis o que anotou.

"O dia inteiro fora de mim por causa desta tola Chlezinger. Chega pela manhã, fica até o almoço e durante duas horas me cansa com a leitura destes disparates. Texto em verso do simbolista A. para a sinfonia cosmogônica do compositor B., com as essências dos planetas, vozes de quatro catástrofes, e por aí vai. Eu esperei, esperei, depois não suportei, implorei e pedi-lhe que me deixasse, pois não agüentava mais.

"De repente, entendi tudo. Entendi por que tudo é sempre tão insuportavelmente mortal e falso, até mesmo em *Fausto*. Este interesse é dissimulado e errôneo. O homem moderno não possui tais exigências. Quando é obcecado pelos mistérios do universo ele se aprofunda na física e não no hexâmetros de Hesíodo.

"Mas o problema não está somente nestas formas atrasadas, em seu anacronismo. O problema é que estes espíritos do fogo e da água, de novo e inexpressivamente, complicam aquilo que foi claramente explicado pela ciência. O problema é que este gênero contradiz todo o espírito da arte de hoje, a sua essência, os seus motivos estimulantes.

"Essas cosmogonias eram naturais na terra antiga, tão pouco povoada pelo homem que ele nem protegia, ainda, a natureza. Por ela, ainda andavam os mamutes e eram frescas as lembranças dos dinossauros e dragões. A natureza atirava-se tão abertamente aos olhos do homem e tão selvagem e

sensível em seu pescoço, que pode até ser que estivesse repleta de deuses. Essas são as primeiras páginas da crônica da humanidade, ela só estava começando.

"Este mundo antigo acabou em Roma, por causa do superpovoamento.

"Roma era um amontoado de deuses adotados de povos dominados, uma aglomeração em dois andares, na terra e no céu, uma imundície amarrada por um nó triplo, como o nó nas tripas. Sármatas, citas, etc., rodas pesadas sem raios, olhos inchados de gordura, sodomia, queixos duplos, alimentação de peixes com carne de escravos instruídos, imperadores analfabetos. Havia no mundo muito mais gente do que em qualquer época posterior, e essa gente estava esmagada nas passagens do Coliseu e sofria.

"Então, para este amontoado insípido de mármore e de ouro, veio este homem leve e vestido de brilho, realmente humano, intencionalmente provinciano, galileu. E, a partir desse instante, os povos e os deuses foram abolidos e começou o homem, o homem-carpinteiro, o homem-lavrador, o homem-pastor de um rebanho de carneiros ao pôr-do-sol, o homem reconhecidamente difundido em todas as cantigas de ninar das mães, e por todas as galerias do mundo."

11

A loja de departamentos Linhas Petrovskie ^{19} dava a impressão de um cantinho de Petersburgo em Moscou. A combinação dos prédios, dos dois lados da rua, as entradas emolduradas e de bom gosto, a livraria, a sala de leitura, a instituição cartográfica, uma tabacaria bem decente, um restaurante razoável, em frente ao restaurante postes de luz a gás com globos redondos e opacos presos a suportes maciços.

No inverno, este lugar tornava-se pesado, com uma inacessibilidade sombria. Ali moravam pessoas de profissões liberais sérias, com auto-estima e que ganhavam bem.

Nesse prédio, ocupava um luxuoso apartamento de solteiro, no segundo andar, subindo uma larga escada com um amplo corrimão de carvalho, Víctor Ippolitovitch Komarovski. Emma Ernestovna, sua governanta — ou melhor, roupeira de seu retiro tranquilo —, cuidava atentamente de tudo e ao mesmo

tempo não se intrometia em nada. Ela administrava sua casa sem ser ouvida ou vista e ele lhe pagava com o reconhecimento de cavalheiro, natural neste tipo de *gentleman*, e não suportava a presença em seu apartamento de visitas e clientes incompatíveis com o mundo sereno da velha solteirona. No apartamento reinava a tranqüilidade de um convento — as cortinas fechadas, nem uma poeirinha, nem uma manchinha, como num centro cirúrgico.

Aos domingos, antes do almoço, Victor Ippolitovitch costumava passear com seu buldogue pela rua Petrovka e a travessa Kuznetski, e em uma das esquinas saía e se juntava a ele Konstantin Illarionovitch Satanidi, ator e jogador de cartas.

Eles se punham juntos a polir as calçadas, trocando pequenas anedotas e comentários tão entrecortados, insignificantes e repletos de ódio a tudo no mundo que poderiam muito bem, sem qualquer prejuízo, substituir estas palavras por um simples rugido, pois queriam apenas preencher as duas calçadas da Kuznetski com o tom alto de suas vozes grossas, que se sufocavam sem vergonha e que pareciam comprimidas pela própria vibração.

12

O tempo não se deixava vencer. "Ping-ping-ping", martelavam as gotas pelo ferro da goteira e da cornija. Os telhados conversavam entre si com batidas, como na primavera. Era o degelo.

Por todo o caminho ela ficara fora de si e somente ao chegar em casa entendeu o que havia acontecido.

Em casa todos dormiam. Ela foi novamente tomada pelo estupor e neste estado de dispersão sentou-se em frente à penteadeira da mãe. Estava com um vestido lilás-claro, quase branco, com um detalhe em renda e véu longo, que pegou emprestado na confecção por uma noite, como para um baile de máscaras. Ela estava sentada diante de seu reflexo no espelho mas não via nada. Depois colocou as mãos cruzadas na mesinha e caiu com a cabeça em cima delas.

Se mamãe souber a matará, a matará e se suicidará.

Como aconteceu? Como podia ter acontecido? Agora já era tarde. Tinha de ter pensado antes.

Agora ela — como se chama mesmo? — agora ela era depravada. Uma mulher de romance francês. Amanhã vai para o ginásio sentar-se na mesma carteira que essas meninas que, comparadas a ela, ainda eram crianças de colo. Meu Deus, como isso foi acontecer?

Um dia, muitos e muitos anos mais tarde, quando puder, Lara contará isso a Olia Demina. Olia irá segurá-la pela cabeça e cairá em prantos.

Do outro lado da janela, as gotas murmuravam, o degelo desconversava. Alguém na rua dava fortes pancadas nos portões dos vizinhos. Lara não levantava a cabeça. Seus ombros estremeciam. Ela estava chorando.

13

— Ah, Emma Ernestovna, isso, minha queridinha, não é importante. Isso já me cansou.

Ele jogava pelo tapete e pelo sofá alguns punhos de camisa e peitilhos, abria e fechava as gavetas da cômoda, sem saber muito bem o que queria.

Ele precisava muito daquilo que procurava, mas enxergar qualquer coisa neste domingo era impossível. Ele andava de um lado para outro como um animal e não encontrava repouso.

Ela era o incomparável encanto da inspiração. As mãos dela impressionavam da mesma forma como pode impressionar a imagem suprema de um pensamento. Sua sombra, no papel de parede do quarto de hotel, parecia a silhueta da sua pureza. A camisa modelava seus seios ingênua e tenazmente, como um pedaço de pano esticado nos dedos.

Komarovski batia com os dedos no vidro da janela, no mesmo ritmo dos cavalos que batiam com os cascos, sem pressa, lá embaixo, pelo asfalto da rua. "Lara", murmurava ele, aí fechava os olhos e a cabeça dela surgia em suas mãos mentalmente, a cabeça adormecida, com os cílios fechados em sono, sem saber que estão olhando vigilantemente para ela durante horas, sem tirar a vista. Seus cabelos, em desordem, espalhados pelo travesseiro,

corroíam os olhos de Komarovski com a fumaça de sua beleza e penetravam em sua alma.

Seu passeio dominical não foi bom. Komarovski deu alguns passos com Jack pela calçada e parou. Ele imaginou Kuznetski, as brincadeiras de Stanidi, o fluxo contrário de conhecidos. Não, isso ia além de suas forças! Como estava farto de tudo isso! Komarovski voltou. O cachorro ficou surpreso, lançou-lhe um olhar fixo de desaprovação e o seguiu muito a contragosto.

"Que obsessão!", pensava ele. "O que isso significa? O que é: o despertar da consciência, sentimento de pena ou arrependimento? Ou isso é preocupação? Não, ele sabe que ela está em sua casa e segura. Mas então por que não sai de sua cabeça?"

Komarovski entrou no prédio, pela escada chegou à área do segundo andar e a contornou. Lá havia uma janela veneziana com brasões ornamentais nos cantos do vidro. Reflexos coloridos caíam dele no chão e no batente. Na metade do segundo lance de escada Komarovski parou.

Não se entregar a esta tristeza atormentadora e sugadora! Ele não é um menino, tem de entender o que irá lhe acontecer se, de apenas um meio de divertimento, esta menina, filha de seu falecido amigo, esta criança vir a se tornar sua loucura. Voltar a si! Ser fiel a si mesmo, não trair seus princípios. Se não, tudo voará pelos ares.

Komarovski apertou o largo corrimão até sentir dor, fechou os olhos por um minuto, virou-se e decididamente e começou a descer. Na área, com os reflexos, ele captou o olhar de adoração do buldogue. Jack olhava para ele de baixo, suspendendo a cabeça como um anão velho e baboso com as bochechas caídas.

O cachorro não gostava da moça, rasgava suas meias, rosnava e arreganhava os dentes para ela. Tinha ciúmes de seu dono com Lara, parecia temer que ele se contagiasse com alguma coisa humana.

"Ah, então é isto! Você resolveu que tudo será como antes: Satanidi, grosserias e anedotas? Então tome por isso, tome, tome, tome!"

Ele começou a bater no buldogue com a bengala e os pés. Jack conseguiu se soltar, uivando e ganindo, e com o traseiro tremendo saiu mancando

escada acima para raspar a porta com a pata e chorar suas mágoas a Emma Ernestovna.

Passaram-se dias e semanas.

14

Oh, que círculo vicioso era este! Se a invasão de Komarovski na vida de Lara incitasse nela somente repugnância, ela poderia se revoltar e se livrar. Mas a coisa não era tão simples.

A menina sentia-se honrada com o fato de que um homem que poderia ser seu pai, bonito e grisalho, que recebia aplausos nas reuniões e sobre o qual escreviam nos jornais, gastasse dinheiro e tempo com ela, a chamasse de divindade, a levasse a teatros e concertos e que, como se diz, a estivesse "desenvolvendo intelectualmente", como se diz.

Pois ela não era ainda nem uma ginásiana de vestido marrom, nem uma participante ilegal das ingênuas conspirações e travessuras escolares. A corte de Komarovski na carruagem, bem diante do cocheiro, ou num balcão isolado na frente do teatro inteiro a cativava com o seu atrevimento dissimulado e despertava o diabinho que existia dentro dela.

Mas este entusiasmo imprudente de escolar passava rapidamente. Um abatimento surdo e um medo de si mesma se enraizaram dentro dela durante muito tempo. Queria dormir o tempo todo. Por causa das noites mal dormidas, por causa das lágrimas e da eterna dor de cabeça de tanto decorar as lições, e do cansaço físico geral.

15

Ele era sua maldição, ela o odiava. Todo dia ela remoia de novo estes pensamentos.

Agora era sua prisioneira para a vida toda. Com que a escravizou? Com que exige sua obediência e ela se entrega, realiza seus desejos e o satisfaz com ojeriza de sua desonra nua e crua? Com sua superioridade, com a

dependência financeira de mamãe ou com a hábil intimidação dela, Lara? Não, não e não. Tudo isso é um absurdo.

Não é ela que está em seu domínio, mas sim ele. Será que ela não percebe como ele está aflito por ela? Ela não tem o que temer, sua consciência está tranqüila. Ele sim, é que tem de sentir medo e vergonha se ela o denunciar. Mas ela nunca faria isso. Não teria tanta vileza — a principal arma de Komarovski no tratamento com os subordinados e fracos.

Eis aí a diferença entre eles. Por isso a vida é terrível ao redor. Com que ela ensurdece, com o trovão ou o raio? Não, é com os olhares de soslaio e murmúrios de reprovação. Tudo nela é armadilha e duplo sentido. Uma linha separada, como a teia da aranha: se puxar, pronto, não existe mais, porém tente se livrar das redes e vai se enrolar ainda mais.

O forte também é dominado pelo vil e fraco.

16

Ela dizia a si mesma: "E se estivesse casada? Qual seria a diferença?" Ingressou no caminho de sofismas. Mas, às vezes, a tristeza tomava conta dela.

Como ele não tinha vergonha de se ajoelhar a seus pés e suplicar? "Assim não pode continuar. Pense no que fiz com você. Você está descendo ladeira abaixo. Vamos contar tudo à sua mãe. Eu caso com você."

E ele chorava e insistia, parecia que ela estava discutindo e negando. Mas eram apenas frases e Lara preferia não dar ouvidos a essas palavras dramáticas e vazias.

E ele continuava a levá-la, sob o longo véu, a cômodos individuais daquele horrível restaurante, onde garçons e clientes a acompanhavam com olhares e pareciam despi-la. E ela somente se perguntava: será que amar é se humilhar?

Certa vez ela sonhou que estava enterrada. Só lhe restaram o lado esquerdo, com o ombro, e o pé direito. Do mamilo esquerdo brotou um tufo de grama e na terra cantavam: *Olhos negros e seio branco e Disseram a Macha para não passear do outro lado do rio.*

Lara não era religiosa. Não acreditava em rituais. Porém, às vezes, para suportar a vida, era necessário que ela andasse acompanhada de uma certa música interior. Essa música não podia ser criada, para cada ocasião, por si própria. Essa música era a palavra de Deus sobre a vida, Lara ia chorar na igreja.

Certa vez, no início de dezembro, quando a alma de Lara estava como a de Katarina, de *A tempestade* ^{20}, ela foi rezar com tanto sentimento que parecia que a terra iria se abrir sob ela e as abóbadas da igreja ruiriam. Ainda bem que tudo um dia chega ao fim. Pena que tivesse levado consigo Olia Demina, uma tagarela.

— Prov Afanasievitch — cochichou Olia em seu ouvido.

— Psiu. Deixe-me em paz. Que Prov Afanasievitch?

— Prov Afanasievitch Sokolov. Nosso tio de terceiro grau. O que está lendo.

— Ah, você está falando do sacristão. Parente de Tiverzinskaia. Psiu. Cale a boca. Não me atrapalhe, por favor.

Elas chegaram no início da missa, quando cantavam o salmo: "Abençoe minha alma o Senhor, e tudo o que existe em mim abençoe o seu santo nome."

A igreja estava quase vazia e tudo ressoava. Somente na frente, num grupo compacto, se juntaram os fiéis. A igreja era uma construção nova. O vidro sem cores da janela não enfeitava a travessa cinza coberta pela neve, nem os transeuntes que por ela caminhavam. Perto dessa vidraça estava o responsável pela igreja que, em voz bem alta, de modo que toda a igreja pudesse ouvir, admoestava uma mendiga maltrapilha e surda; a voz era do mesmo padrão comum e formal da janela e da travessa.

Enquanto Lara, contornando devagar os fiéis, se dirigia à porta para comprar velas para ela e para Olia, apertando as moedas em sua mão, e voltando com o mesmo cuidado para não esbarrar em ninguém, Prov Afanasievitch teve tempo de pronunciar nove orações, que todos já conheciam muito bem.

Bem-aventurados os pobres de espírito... Bem-aventurados os que choram... Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça...

Lara caminhava, de repente estremeceu e parou. Parecia que ele falava sobre ela: É digno de inveja o destino dos humilhados. Eles têm o que contar sobre si. Têm tudo pela frente. Assim Ele achava. Esta é a palavra de Cristo.

18

Corriam os dias dos acontecimentos na Présnia. A família estava na área do levante. Alguns passos da casa, na Tverskaia, construíam uma barricada, que podia ser vista das janelas da sala de estar. Do pátio, carregavam água para derramar na barricada e congelá-la, a fim de unir com uma blindagem de gelo as pedras e a sucata de que era feita.

No pátio vizinho ficava o lugar de reunião da guarda civil, algo como um ponto de apoio médico ou alimentar.

Até lá, vieram dois meninos. Lara conhecia os dois. Um era Nika Dudorov, colega de Nádia, em cuja casa Lara o conhecera. Ele era da idade de Lara, orgulhoso e calado. Era parecido com Lara e não lhe interessava.

O outro era o colegial Antipov, que morava com a velha Tiverzina, avó de Olia Demina. Ao freqüentar a casa de Marfa Gavrilovna, Lara começou a reparar na impressão que causava no menino. Pacha Antipov era tão ingênuo e jovem que não escondia o prazer que sentia com as visitas dela, como se Lara fosse um arvoredado de bétulas nas férias de verão, com o capim limpo e nuvens, onde podia, sem temer ser ridicularizado, expressar livremente seu entusiasmo desmedido em relação a ela.

Assim que percebeu a influência que exercia sobre ele, Lara começou a usar isso inconscientemente. Aliás, a domesticação mais séria do seu suave e flexível caráter, Lara iniciou alguns anos mais tarde, quando Patúlia já sabia que a amava loucamente e que não tinha mais como retomar seu caminho.

Os meninos brincavam da mais terrível e adulta de todas as brincadeiras, brincavam de guerra, de uma guerra na qual os participantes eram enforcados ou exilados. As pontas dos seus capuzes estavam amarradas para trás, de uma maneira que demonstrava que eles ainda eram crianças e dava

para se perceber que ainda tinham pais e mães. Lara olhava para eles como uma adulta para crianças. Uma aparência de ingenuidade cobria as travessuras perigosas deles. A mesma impressão ligava-os ao resto: à noite fria, coberta por uma geada tão espessa que por sua densidade não parecia branca e sim negra; ao pátio azul; à casa em frente, onde os meninos se escondiam e ao mais importante — ao tiro de revólver que a toda hora pipocava de lá. "Os meninos estão atirando", pensava Lara. Ela pensava assim não de Nika e Patúlia, mas de todos os tiros que se ouvia na cidade. "São bons estes meninos, honestos", pensava ela. "São bons e por isso estão atirando."

19

Ficaram sabendo que a barricada poderia ser atacada com tiros de canhão e que o prédio deles estava em perigo. Era tarde demais para pensar sobre a transferência para algum lugar, uma casa de conhecidos em outra parte de Moscou. A região estava cercada. Tinham que encontrar um local mais perto, nas redondezas. Lembraram-se do hotel Tchernogorie.

Descobriram que eles não foram os primeiros: no hotel todos os quartos estavam ocupados. Muitas pessoas se encontravam na mesma situação deles. Como eram clientes antigos, prometeram arranjar-lhes algum lugar no almoxarifado.

Juntaram apenas o essencial, em três trouxas, para não atrair a atenção com malas, mas, dia após dia, adiavam a mudança para o hotel.

Devido às tradições patriarcais da confecção, lá continuavam trabalhando, apesar da greve. Mas, numa fria e sombria tarde, tocaram a campainha. Entrou alguém com reclamações e recriminações. Chamaram a dona até a entrada. Para acalmar os ânimos, Faina Silantieva foi até a porta.

— Venham cá, meninas! — Chamou as costureiras e começou a apresentá-las ao visitante, uma a uma. Ele cumprimentou-as com um aperto de mão, comovido e desajeitado, depois foi embora, combinando algo com Fetisova.

Quando voltaram para a sala, as costureiras começaram a se cobrir com os xales e a suspender as mãos sobre as cabeças, enfiando-as nas mangas

dos casacos apertados.

— O que houve? — indagou, aproximando-se, Amália Karlovna.

— Estão nos retirando, madame. Estamos em greve.

— Mas será que eu... O que fiz de mal? — madame Guichard começou a chorar.

— Não fique triste, Amália Karlovna. Não guardamos rancor algum, somos até muito gratas à senhora. O problema não é nem com a senhora nem conosco. Está assim em toda parte, por todo o mundo. Será possível lutar contra isso?

Todas foram embora, até Olia Demina e Faina Silantieva, a qual cochichou na despedida para a patroa que estava encenando esta greve em benefício dela e da confecção. Mas a patroa não conseguia se acalmar.

— Que tamanha ingratidão! Veja, como podemos nos enganar com as pessoas! Esta menina, para quem dei tanto de mim! Mas tudo bem, é uma criança. Mas essa bruxa velha!

— Entenda, mãezinha, elas não podem abrir uma exceção para a senhora — Lara tentava acalmá-la. — Ninguém tem raiva da senhora. Ao contrário. Tudo que acontece agora ao nosso redor, é feito em nome da humanidade, em defesa dos fracos, para o bem das mulheres e crianças. Por causa disso, algum dia, a vida será melhor para mim e para a senhora.

Mas a mãe não entendia nada.

— É sempre assim — falava ela, soluçando —, quando já estou com as idéias confusas, você vem e diz uma besteira que me faz arregalar os olhos. Na minha cabeça estão fazendo sujeira comigo e, segundo você, isso é para o meu bem. Na verdade, acho que estou ficando louca.

Ródia estava na escola. Lara e a mãe, sozinhas, perambulavam pela casa vazia. A rua sem iluminação olhava com olhos vazios para os quartos. Os quartos correspondiam com o mesmo olhar.

— Vamos para os quartos, mãezinha, enquanto não escurece. Está ouvindo, mãezinha? Sem adiar mais, agora.

— Filat, Filat — chamaram o vigia. — Filat, nos acompanhe, querido, até o hotel Tchernogorie.

— Sim, senhora.

— Leve as trouxas e faça um favor: cuide de tudo até as coisas se resolverem. Não esqueça das sementes e da água para Kiril Modestovitch. E tranque tudo a chave. E, por favor, venha nos ver.

— Sim, senhora.

— Obrigada, Filat. Que Cristo o proteja. Bem, então vamos nos sentar de despedida ^{21} e vamos com Deus.

Saíram à rua e não reconheceram o ar, como depois de uma longa doença. O espaço frio, como de uma noz vazia, com facilidade transmitia para todos os lados sons agudos e redondos que pareciam torneados. As salvas de artilharia e os tiros chapinhavam e estalavam, destroçando o horizonte.

Por mais que Filat tentasse convencê-las, Lara e Amália Karlovna achavam que eram tiros de festim.

— Você, Filat, é um bobinho. Como podem não ser de festim se não dá para ver quem está atirando? Quem você acha que é? O Espírito Santo? Claro que são de festim.

Num cruzamento elas foram paradas pela guarda. Foram revistadas por cossacos risonhos que as apalparam da cabeça aos pés. Seus bonés estavam atrevidamente deslocados para a orelha. Todos eles pareciam ter um olho só.

"Que felicidade!", pensou Lara. Não veria mais Komarovski durante o tempo de isolamento do resto da cidade!

Não podia se livrar dele por causa da mãe. Não podia lhe dizer: mãe, não o receba. Se não, tudo seria descoberto. E daí? Por que temer isto? Ah, meu Deus, aconteça o que acontecer, faça com que tudo acabe. Meu Deus, Deus, Deus! Ela vai cair desmaiada no meio da rua de tanto frio. De que se lembrou agora?! Como se chamava aquele quadro horrível, com um romano gordo naquele primeiro escritório, onde tudo começou? *Mulher ou vaso* ^{22}. Mas é claro. É um quadro famoso. *Mulher ou vaso*. E ela, então, não era ainda nem mulher para se comparar com aquela preciosidade. Isso veio depois. A mesa estava servida com muito luxo.

— Para onde você vai como uma louca? Não consigo correr assim — reclamava resmungando Amália Karlovna, com a respiração ofegante, mal

conseguindo acompanhar os passos da filha. Lara andava rapidamente. Uma certa força a empurrava, parecia flutuar pelo ar, uma força orgulhosa, inspiradora.

"Oh, como estalam alegremente os tiros", pensava ela. "Bem-aventurados sejam os ultrajados, bem-aventurados sejam os enganados. Que Deus lhes dê saúde, tiros! Tiros, tiros, vocês têm a mesma opinião!"

20

A casa dos irmãos Gromeko ficava na esquina da travessa Sivtsev Vrazhek. Aleksandr e Nikolai Aleksandrovitch Gromeko eram professores de química, o primeiro na Academia Petrovskaia, o segundo na universidade. Nikolai Aleksandrovitch era solteiro, mas Aleksandr Aleksandrovitch era casado com Anna Ivanovna, nascida Kruger, filha do fabricante e produtor de ferro, dono de minas abandonadas não-lucrativas, localizadas na enorme dacha florestal, perto de Iuriatin, nos Urais.

A casa tinha dois andares. A parte superior era residencial e nela ficavam os quartos, a sala de aula, o gabinete de Aleksandr Aleksandrovitch com a biblioteca, o *boudoir* de Anna Ivanovna e os dormitórios de Tônia e Iúri. A parte de baixo para as recepções. Graças às cortinas cor de pistache, aos reflexos espelhados no tampo do piano, ao aquário, aos móveis cor de oliva e às plantas ornamentais, parecidas com algas, esta parte inferior dava a impressão de ser um fundo de mar verde, que ondulava sonolentemente.

Os Gromeko eram pessoas educadas, hospitaleiras e grandes conhecedores e amantes da música. Eles reuniam, em sua casa, pessoas da sociedade e organizavam saraus de música de câmara, durante os quais eram interpretados trios de piano, sonetos para violinos e quartetos de cordas.

Em janeiro de 1906, logo depois da partida de Nikolai Aleksandrovitch, deveria acontecer o habitual concerto de câmara na travessa Sivtsev. Iriam tocar a nova sonata para violino de um compositor iniciante da escola de Tanev e um trio de Tchaikovski.

Os preparativos começaram na véspera. Afastavam-se os móveis, para liberar o grande salão. No canto, o afinador tocava a mesma nota mais de cem vezes e executava rapidamente um arpejo perolado. Na cozinha tiravam

as penas das aves, lavavam as verduras e misturavam a mostarda no azeite para os molhos e saladas.

Pela manhã, chegou, inconvenientemente, Chura Chlezinger, amiga íntima e confidente de Anna Ivanovna.

Era uma mulher alta e magra, com traços perfeitos num rosto um tanto masculino, que lembrava bastante o soberano. Isso ocorria principalmente quando ela usava de banda um chapéu cinza, de pele de ovelha caracul, com o qual permanecia nos ambientes fechados, levantando somente um pouco o véu costurado nele.

Nos períodos de desgraças e preocupações as conversas das amigas traziam alívio mútuo. O alívio acontecia porque Chura Chlezinger e Anna Ivanovna diziam uma para outra palavras agressivas e maliciosas. O resultado eram cenas tempestuosas que acabavam rapidamente em lágrimas e reconciliação. Essas brigas regulares agiam como calmante para as duas, como a sanguessuga para normalizar a pressão sangüínea.

Chura Chlezinger foi casada várias vezes, mas esquecia os maridos assim que se divorciava, dava tão pouca importância a eles que seu comportamento conservava as frias maneiras de mulher solitária.

Era teósofa ^{23}, mas ao mesmo tempo conhecia tão bem as etapas da missa ortodoxa que até no *toute transportée*, em estado de êxtase total, não conseguia se conter e soprava para os padres o que deviam dizer ou cantar. "Ouça, Deus", "Para todo o tempo", "O querubim honestíssimo", ouvia-se a toda hora a sua fala rápida fanhosa e entrecortada.

Conhecia matemática, fundamentos dos mistérios indianos, os mais famosos professores do conservatório de Moscou, e sabia quem vivia com quem; Deus do céu, ela sabia tudo! Por isso era sempre convidada para ser juíza e encarregada de resolver os casos sérios que ocorriam.

Na hora marcada, as visitas começaram a chegar. Vieram Adelaida Filippovna, Gints, os Fufkov, o senhor e a senhora Basurman, os Verzhitski, o coronel Kavkaztsev. Caía neve e quando abriam a porta principal, o ar agitado que passava por ela parecia cheio de trouxinhas brilhantes de pequenos e grandes flocos de neve. Os homens vinham do frio calçando botas largas e fundas nos pés e se apresentavam descuidados, desengonçados e vagarosos. Suas mulheres, refrescadas pelo frio, vestidas em casacos de

pele com os dois botões superiores desabotoados e xales de lã caídos de seus cabelos cobertos de neve, ao contrário, pareciam pérfidas, a astúcia em pessoa, era preciso ter cuidado com elas. "O sobrinho de Cui" ^{24}, cochicharam quando chegou o novo pianista, convidado pela primeira vez para aquela casa.

Do salão, através de duas portas laterais escancaradas, avistava-se uma mesa comprida e arrumada, que parecia um caminho coberto de neve. Saltava aos olhos o brilho brejeiro da *riabinovka* ^{25} em garrafas facetadas. O galheteiro com azeite e vinagre, em pequenas garrafas em cima de bandejas de prata seduzia a imaginação, a plasticidade das aves e dos tiragostos, os guardanapos dobrados em pirâmides que coroavam cada prato, as cinerárias azul-lilás, que estavam nos cestos, exalavam um cheiro de amêndoas e excitavam o apetite. Para não adiar o instante desejado de degustação do alimento terreno, apressaram o máximo possível o alimento espiritual. Sentaram-se no salão, em fileiras. O "sobrinho de Cui", restaurou-se o cochicho, quando o pianista ocupou seu lugar junto ao instrumento. O concerto começou.

Sabiam que a sonata era enfadonha e sem espontaneidade, de vanguarda. Ela confirmou as expectativas e ainda por cima revelou-se muito longa.

Sobre isso, no intervalo, discutiam o crítico Kerimbekov e Aleksandr Aleksandrovitch. O crítico falava mal da sonata que Aleksandr Aleksandrovitch defendia. Em volta fumavam, faziam barulho, moviam cadeiras de um lugar para outro.

Os olhares caíram novamente sobre a toalha de mesa bem-passada, que brilhava no cômodo vizinho. Todos propuseram prosseguir com o concerto, sem demora.

O pianista olhou o público de soslaio e acenou com a cabeça para os parceiros, para que começassem a tocar. O violinista e Tichkevitch acenaram com os arcos. O trio recomeçou o concerto.

Iúri, Tônia e Micha Gordon, que agora passava a metade da vida na casa dos Gromeko, estavam sentados na terceira fila.

— Iegorovna está fazendo sinais para o senhor — cochichou Iúri ao ouvido de Aleksandr Aleksandrovitch, que estava sentado na cadeira à sua frente.

Na soleira do salão, estava Agrafena Iegorovna, a velha e grisalha governanta da família Gromeko, que com olhares desesperados para o lado de Iúri e com acenos decididos da cabeça para o lado de Aleksandr Aleksandrovitch, dava a entender a Iúri que ela precisava urgentemente do patrão.

Aleksandr Aleksandrovitch virou a cabeça e lançou um olhar censurando Iegorovna e deu de ombros. Mas Iegorovna não se continha. Entre os dois estabeleceu-se uma conversa como entre pessoas surdas e mudas. Começaram a olhar para eles. Anna Ivanovna lançava para o marido um olhar fulminante.

Aleksandr Aleksandrovitch se levantou. Tinha que fazer algo. Ruborizado, contornou devagar o salão e se aproximou de Iegorovna.

— Você não tem vergonha, Iegorovna? O que houve, por que isso? Diga logo, o que aconteceu?

Iegorovna cochichou-lhe algo.

— De que Tchernogorie?

— De um quarto.

— E daí?

— Exigem a presença dele imediatamente. Algum parente dele está morrendo.

— Está morrendo! Imagino. Agora não posso, Iegorovna. Quando terminarem, direi. Antes, não.

— O camareiro está esperando. E o cocheiro também. Estou dizendo ao senhor, uma pessoa está morrendo, entende? É uma dama nobre.

— Não e não. Grande coisa cinco minutos, imagine!

Aleksandr Aleksandrovitch, com o mesmo passo tranqüilo, passando ao longo da parede, retornou para o seu lugar e se sentou, enrugando a testa e esfregando a sobancelha.

Depois da primeira parte ele se aproximou dos músicos e, enquanto soavam os aplausos, disse a Fadei Kazimirovitch que este estava sendo chamado e que algo desagradável havia acontecido e por isso teriam de

interromper a música. Depois, com o movimento das palmas, voltadas para o público, Aleksandr Aleksandrovitch parou os aplausos e disse em voz alta:

— Senhores. A música vai ter de ser interrompida. Vamos prestar nossa solidariedade a Fadei Kazimirovitch. Algo desagradável aconteceu. Ele está sendo obrigado a nos deixar. Em um momento assim, eu não gostaria de deixá-lo sozinho. A minha presença pode lhe ser necessária. Eu o acompanharei. Iurotchka, vá, querido, e diga a Semion que me pegue na saída, ele já atrelou os cavalos há muito tempo. Senhores, não estou me despedindo. Peço que todos permaneçam. A minha ausência será curta.

Os meninos pediram para dar um passeio com Aleksandr Aleksandrovitch pelo frio da noite.

21

Apesar do curso normal da vida ter sido restabelecido, depois de dezembro, ainda se ouviam tiros e novos incêndios, que ocorriam aqui e ali. Pareciam vestígios dos anteriores, que se extinguíam.

Nunca viajaram para tão longe e durante tanto tempo, como naquela noite. A distância até que era curta — atravessar a Smolenski, a Novinski e a metade da Sadovaia. Mas o frio feroz e a neblina desmembravam o espaço por onde se deslocavam em pedaços fragmentados, sem igual no mundo inteiro. A fumaça revolta, em turbilhão das fogueiras, rasgava o ar, os passos rangentes e o chiado dos patins do trenó davam a impressão de que eles já rodavam, só Deus sabia há quanto tempo, e ainda estavam muito distantes.

Na frente do hotel havia um cavalo coberto com o xairol e com os cascos enfaixados. Ele estava atrelado a um trenó estreito e elegante. No lugar dos passageiros estava o cocheiro, que, para se aquecer, abraçara a cabeça enrolada com as duas mãos enluvadas.

Na recepção estava quente e atrás dos corrimãos, que separavam o vestiário da entrada, o porteiro roncava alto a ponto de despertar a si próprio, acalentado pelo barulho do ventilador, o ruído da lareira acesa e o assobio do samovar fervendo.

À esquerda da recepção, diante dum espelho, havia uma mulher maquiada, com um rosto balofo e farinhento de pó-de-arroz. Vestia uma jaqueta de pele, muito leve para o tempo que estava fazendo. A dama aguardava alguém descer e, voltando as costas para o espelho, fitava-as ora pelo ombro esquerdo e ora pelo direito, para se certificar se estava bem, por trás.

Pela porta da rua, cheio de frio, entrou o cocheiro. Pelo formato de seu cafetã ele lembrava um pão doce de anúncio e dele emanava um vapor que em turbilhão acentuava ainda mais esta semelhança.

— Será que ainda vão demorar, *mademoiselle*? — indagou ele à dama ao espelho. — Fazer negócios com seu irmão significa deixar congelar o cavalo.

O caso do quarto 24 era uma bobagem comum no dia-a-dia do hotel e irritava o criado. A cada minuto soavam as campainhas e apareciam números na comprida caixa de vidro da parede, indicando em que quarto estavam enlouquecendo e, sem nem mesmo saber o que queriam, não deixavam em paz os funcionários do andar.

Agora estavam curando a ressaca daquela imbecil da Guichard no 24; davam-lhe eméticos e faziam-lhe lavagem intestinal e estomacal. A camareira Glacha corria para lá e para cá, limpando o chão, retirando baldes sujos e trazendo limpos. Mas a confusão na ala dos empregados começara bem antes desse incidente, quando ainda nem sonhavam que teriam que mandar Terechka com o cocheiro buscar o médico, quando Komarovski ainda não tinha chegado e no corredor, em frente à porta do 24, não havia aquela multidão de pessoas estranhas, dificultando a passagem.

A confusão de hoje iniciara-se no quarto dos criados porque alguém, de maneira desajeitada, virou-se exatamente no ponto de passagem para o bufê e, sem querer, empurrara o garçom Sisoï. Isto, naquele exato momento em que ele, contorcendo-se, pegara impulso da porta para o corredor, com uma bandeja cheia na mão direita suspensa. Sisoï, com estrondo, deixara a bandeja cair, derramara a sopa e quebrara a louça: três pratos fundos e um raso.

Sisoï afirmava que a culpada fora a lavadora de pratos e que deviam descontar dela. Agora já era noite, dez horas, a metade dos empregados deveria deixar o serviço e eles ainda estavam discutindo.

— Suas mãos e pés tremem, passa dia e noite abraçado à vodca como se fosse sua esposa! Vão empurrar você para quê? Quebraram sua louça, derramaram a sopa! Quem foi que empurrou você, seu diabo caolho? Quem empurrou você, seu filho da puta sem-vergonha?

— Eu já disse, Matrena Stepanovna, e veja lá como fala.

— Se fosse criar toda essa confusão por alguma razão importante ainda vá lá. Mas vejam só: uma madame cheia de não-me-toques encheu o bucho de arsênico por uma virgindade perdida. Moram em quartos de hotel e parece que nunca viram cadelas e galinhas!

Micha e Iúri caminhavam pelo corredor, diante da porta do quarto. Tudo aconteceu diferente do que previra Aleksandr Aleksandrovitch. Ele imaginara que como era com o violoncelista, a tragédia deveria ser algo condigno e limpo. Porém revelara-se uma loucura. Baixeza, escândalo, algo que era absolutamente impróprio para menores.

Os meninos marcavam passo pelo corredor.

— Vocês, entrem no quarto da titia, jovens senhores — disse o vigia do corredor pela segunda vez com sua voz lenta e tranqüila, aproximando-se dos meninos. — Entrem, não vacilem. Ela já está melhor, fiquem calmos. Está sã e inteira. Não podem ficar parados aqui. Não estão vendo a correria? O corredor é estreito. Entrem, vamos.

Os meninos obedeceram.

Dentro do quarto, o lampião a querosene aceso fora retirado do suporte no qual ficava pendurado e colocado em cima da mesa de jantar. Levaram-no para trás do biombo de madeira, que fedia a percevejos, do outro lado do quarto.

Lá, localizava-se o dormitório, separado da entrada e dos olhares estranhos pelo empoeirado reposteiro móvel. Na confusão, esqueceram-se de baixá-lo. Suas pontas estavam atiradas por cima da borda superior do biombo. A lâmpada estava na alcova em cima de um banco. Este canto estava bem iluminado por baixo, como luzes de ribalta.

Envenenara-se com iodo e não com arsênico, como dissera, errônea e maliciosamente, a lavadora de pratos. O quarto estava impregnado por um odor adstringente, como o cheiro de nozes frescas ainda com a casca verde e mole que enegrecia com o toque.

Atrás do biombo, uma criada limpava o chão. Soluçando, com a cabeça inclinada sobre uma bacia de ferro, com as mechas dos cabelos embaraçadas, uma mulher seminua, molhada de água, lágrimas e suor estava deitada na cama. Os meninos no mesmo instante desviaram a vista, seria vergonhoso e indecoroso olhar para lá. Mas Iúri teve tempo de se impressionar como, em certas atitudes desconfortáveis e empinadas, sob tensão e esforço, a mulher deixa de ser como a arte a representa e torna-se parecida com um lutador desnudo, com os músculos salientes, vestido em calção de competição.

Finalmente tiveram a sensatez de baixar a cortina.

— Fadei Kazimirovitch, onde está sua mão? Dê-me sua mão — dizia a mulher, engasgando com as lágrimas e com a náusea. — Ah, passei por uma situação terrível! Eu suspeitei... Fadei Kazimirovitch... Imaginei... Mas, felizmente, tudo não passou de bobagem, de minha imaginação abalada, Fadei Kazimirovitch, compreenda, que alívio! E o resultado... Aí está... Estou viva!

— Acalme-se, Amália Karlovna, eu lhe peço, acalme-se. Isso tudo é tão constrangedor, sinceramente constrangedor.

— Vamos voltar para casa logo, logo — disse Aleksandr Aleksandrovitch para os rapazes. Envergonhados, eles estavam parados na ante-sala escura, no limite da área do quarto não separada. Como não sabiam para onde olhar, fitavam o fundo do quarto, de onde foi retirado o lampião. As paredes estavam forradas de fotos, havia uma prateleira com partituras, uma escrivaninha com papéis e álbuns amontoados. Do outro lado da mesa de jantar, coberta com uma toalha de crochê, uma moça dormia sentada numa poltrona, enlaçando com as mãos o espaldar e com o rosto apoiado nele. Devia estar terrivelmente cansada, já que o barulho e a correria ao redor não perturbavam seu sono.

A vinda deles ali não fazia sentido e sua permanência seria vergonhosa.

— Agora, vamos — repetiu mais uma vez Aleksandr Aleksandrovitch. — Tão logo Fadei Kazimirovitch sair. Vou me despedir dele.

Mas de trás do biombo saiu um outro senhor. Um homem robusto, barbeado, bem apessoado e seguro de si. Acima da cabeça ele segurava o lampião que havia sido retirado do suporte. Ele se aproximou da mesa, junto

da qual dormia a moça, e colocou a lâmpada no gancho do suporte. A luz despertou a moça. Ela sorriu, apertou os olhos e se espreguiçou.

Ao avistar o estranho, Micha estremeceu e cravou os olhos nele, enquanto puxava Iúri pela manga, tentando dizer-lhe algo.

— Não tem vergonha de cochichar na presença de estranhos? O que vão pensar de você? — interrompeu-o Iúri, que não quis ouvi-lo.

Ao mesmo tempo, entre a moça e o homem acontecia uma cena muda. Eles não trocaram uma palavra sequer, somente olhares. Mas a compreensão mútua era assustadoramente mágica, como se ele fosse o manipulador e ela a marionete que obedecia aos movimentos de suas mãos.

O sorriso cansado que surgira no rosto dela fazia a moça semicerrar os olhos e descerrar os lábios. Aos olhares irônicos do senhor ela respondia com piscadelas maliciosas de cúmplice. Os dois estavam satisfeitos por tudo ter terminado bem: seu segredo não fora desvendado e a mulher que tentara se envenenar estava viva.

Iúri devorava os dois com os olhos. Da penumbra, na qual ninguém podia vê-lo, ele fixava o olhar no círculo iluminado pela lâmpada. O espetáculo de escravização da moça era misteriosamente inconfessável e atrevidamente revelador. Sentimentos contraditórios comprimiam-se no peito de Iúri, seu coração se apertava com uma força nunca sentida antes.

Presenciava neste momento o que discutira várias vezes com Micha e Tônia, sob o insignificante nome de vulgaridade, aquilo que assustava e atraía, aquilo com que lidavam com tranqüilidade através de palavras e a uma distância segura. E agora esta força estava diante dos olhos de Iúri, ao vivo e em todos os seus detalhes, queixosa e pedindo socorro. E onde fora parar agora a filosofia infantil deles? O que Iúri deveria fazer?

— Sabe quem é esse senhor? — perguntou Micha, quando saíram à rua. Iúri estava mergulhado em seus pensamentos e não respondeu. — É aquele que embebedou e matou seu pai. Lembra? Conteí a você no vagão.

Iúri pensava na moça e no futuro, não pensava em seu pai e no passado. No primeiro instante, ele nem entendeu o que Micha lhe dizia. O frio tornava a conversa difícil.

— Congelou, Semion? — perguntou Aleksandr Aleksandrovitch ao cocheiro. Eles partiram.

O Natal na casa dos Sventitski



1

Certo dia de inverno, Aleksandr Aleksandrovitch deu de presente a Anna Ivanovna um antigo guarda-roupa. Ele o comprou por acaso. Era de ébano e tão enorme que, montado, não passava por porta alguma. Foi transportado desmontado, levado para dentro de casa por partes e começaram a pensar onde colocá-lo. Nos cômodos inferiores, que eram mais espaçosos, ele não servia por incompatibilidade com a sua função. Em cima ele não cabia, pois já era apertado. Foi escolhida, então, uma parte da área da escada interna, próxima à entrada do quarto dos donos da casa.

Para montar o guarda-roupa veio o vigia Markel. Trouxe com ele a filha de seis anos, Marinka, a quem deram um pirulito de açúcar de cevada. O nariz de Marinka fungava e, lambendo o doce, com os dedos molhados de saliva, olhava carrancuda para o trabalho do pai.

Durante algum tempo, tudo correu às mil maravilhas. O armário, aos poucos, crescia diante dos olhos de Anna Ivanovna. De repente, quando só faltava montar a parte de cima, ela quis ajudar Markel. Ela se posicionou no alto do guarda-roupa, que, balançando, deslocou a parede lateral, presa apenas com pinos de fenda. O nó, feito por Markel rapidamente, para juntar as laterais, se desfez. Junto com as tábuas que caíam ao chão, caiu também Anna Ivanovna, que se machucou.

— Eh, minha senhora — disse Markel, correndo para socorrê-la. — O que foi que lhe deu na telha, minha cara? O osso está inteiro? Apalpe o osso. O mais importante é o osso, não se preocupe com a carne, deixe para lá, logo sara e, como se diz, serve somente para a aparência feminina. E não chore, sua tonta — avançou ele para cima de Marinka, que estava aos prantos. — Limpe o nariz e vá até sua mãe. Ai, minha senhora, acha que sem

a sua ajuda eu não conseguiria montar esta velharia para guardar vestidos? A senhora deve estar pensando assim, pois na verdade sou apenas um vigia. Mas, se observar bem, verá que a nossa vocação está na marcenaria, trabalhamos como marceneiros. Não vai acreditar em quantos destes móveis passaram por nossas mãos para envernizar, e alguns até de mogno ou nogueira. Ou também quantas noivas ricas, com todo o respeito, passaram diante do meu nariz, passaram. Para tudo tem um motivo: bebedeira, bebidas fortes.

Com a ajuda de Markel, Anna Ivanovna aproximou-se da poltrona que ele trouxera. Ela se sentou gemendo e esfregando o local machucado. Markel ocupou-se em restaurar as ruínas. Quando a tampa foi colocada, ele disse:

— Agora só faltam as portas, e podemos levá-lo até para uma exposição.

Anna Ivanovna não gostava do guarda-roupa. Sua aparência e tamanho lembravam-lhe um cadafalso ou um túmulo de czar. Ele incutia-lhe um horror supersticioso. Ela apelidou o armário de "Túmulo de Ascoldo" ^{26}. Este nome referia-se ao cavalo de Oleg, aquele que traz a morte a seu dono. Como uma mulher de leituras desordenadas, Anna Ivanovna confundia conceitos que eram parecidos.

A partir desta queda começou a predisposição de Anna Ivanovna para doenças do pulmão.

2

Anna Ivanovna passou de cama todo o mês de novembro. Ela estava com pneumonia.

Na primavera do ano seguinte, Iúri e Micha Gordon deveriam terminar a universidade e Tônia, os Cursos Superiores Femininos. Iúri se formaria em medicina, Tônia em direito e Micha em filologia no departamento de filosofia.

No espírito de Iúri, tudo estava revolvido e confuso, mas suas percepções, seus costumes e suas inclinações se mostravam extremamente originais. Ele era facilmente impressionável, a novidade de suas impressões não era fácil de descrever.

Por maior que fosse sua atração por arte e história, Iúri não titubeou na hora de escolher a profissão. Ele achava que a arte não era uma vocação, da mesma maneira que a alegria inata ou tendência à melancolia não podia ser profissão. Interessava-se pela física, pelas ciências naturais e achava que na vida prática devia ter uma ocupação que servisse à sociedade. Por isso optou pela medicina.

Há quatro anos, quando cursava o primeiro ano, Iúri passou um semestre inteiro no subsolo universitário, dissecando cadáveres. Pela escada circular descia até o porão. No fundo do anfiteatro de anatomia, em grupos ou separadamente, amontoavam-se estudantes alvoroçados. Uns estudavam, cercados por ossos e folheando livros gastos e desbotados; outros autopsiavam calados pelos cantos; terceiros brincavam, faziam chacotas e caçavam as ratazanas que corriam em grande quantidade, pelo chão de pedra do necrotério. Na penumbra brilhavam, como fósforo, e impressionavam os olhos com sua nudez, os cadáveres de desconhecidos, de jovens suicidas não-identificados, de uma jovem afogada, bem conservados e ainda intocados. Os sais de alumina injetados neles os rejuvenesciam, dando-lhes uma falsa forma arredondada. Os mortos eram cortados, separados por partes e preparados, mas a beleza do corpo humano permanecia fiel a si mesma por mais fragmentada que fosse a divisão, e não havia mais espanto diante de uma sereia inteira, brutalmente largada na mesa de zinco, do que com o seu braço amputado ou sua mão decepada. O cheiro, no porão, era de formol e fenol e sentia-se a presença de mistério em tudo, começando pelo desconhecido destino de todos estes corpos estirados e terminando com o próprio mistério da vida e da morte, que se acomodava aqui no porão como em sua casa ou em seu quartel-general.

A voz deste mistério, abafando todo o resto, perseguia Iúri, perturbando-o durante a autópsia. Mas da mesma forma muita coisa em sua vida o perturbava. Ele se acostumou a isso e o obstáculo que o distraía das suas ocupações não o inquietava.

Iúri pensava e escrevia muito bem. Desde os tempos do ginásio sonhava em escrever uma obra, um livro que descrevesse a vida, no qual ele, como ninhos escondidos e explosivos, pudesse introduzir o mais surpreendente de tudo aquilo que teve tempo de ver e repensar. Ele era muito jovem para um livro desse teor e por isso contentava-se e exercitava-se escrevendo versos,

como um pintor que passasse a vida desenhando estudos para um grande quadro que imaginou.

A esses versos, Iúri perdoava o motivo de seu surgimento, em razão de sua energia e originalidade. Essas duas qualidades, energia e originalidade, Iúri considerava representativas da realidade nas artes, todo o resto achava abstrato, ocioso e desnecessário.

Iúri sabia o quanto era devedor a seu tio pelas qualidades gerais de seu caráter.

Nikolai Nikolaievitch morava em Lausanne. Nos livros que lá publicava em russo e em traduções, ele desenvolvia a sua antiga teoria sobre a história, como sendo um segundo universo, erguido pela humanidade com auxílio dos fenômenos tempo e memória em resposta ao fenômeno da morte, com o espírito desses livros, o cristianismo foi entendido de uma maneira nova e a consequência direta deles foi a concepção de uma nova teoria da arte.

Essas idéias influenciavam, mais do que a Iúri, ao seu amigo Micha. Sob a influência delas, Micha Gordon escolheu como sua especialidade a filosofia. Na faculdade, ele fazia cursos de teologia e até pensava em transferir-se, futuramente, para o Seminário.

A influência do tio levava Iúri à frente e o libertava, porém imobilizava Micha. Iúri entendia o papel que a origem de Micha representava nos seus extremados entusiasmos. Por seu tato e cuidado ele não tentava dissuadir Micha de seus estranhos projetos. No entanto, freqüentemente ele sentia que queria ver Micha como um empírico, mais próximo da realidade.

3

Certa noite, no final de novembro, Iúri voltou tarde da universidade, muito cansado e com fome, pois passara o dia inteiro sem comer. Comunicaram-lhe que durante o dia houve um corre-corre terrível, que Anna Ivanovna teve convulsões e vários médicos vieram vê-la, chegaram a recomendar que chamassem o padre, mas depois deixaram essa idéia de lado. Agora ela estava melhor, já se achava consciente, e ordenou que Iúri fosse vê-la imediatamente tão logo chegasse.

Iúri obedeceu e, sem se trocar, foi até o quarto.

O quarto estava com as marcas da recente confusão. A enfermeira, com movimentos silenciosos, arrumava algo na mesinha-de-cabeceira. Pelo chão estavam jogados guardanapos amarfanhados e toalhas úmidas para compressas. A água da bacia estava levemente rosada por causa do sangue cuspidado. Nela também foram jogados cacos de ampolas de vidro com os gargalos quebrados e pedaços de algodão encharcados de água.

A doente nadava em suor e, com a pontinha da língua, umedecia os lábios. Sua aparência piorara muito, comparando-se com a da manhã, quando Iúri a vira pela última vez.

"Será que não erraram no diagnóstico?", pensou ele. "Tem todos os sintomas de pneumonia aguda. Parece uma crise." Ele cumprimentou Anna Ivanovna e disse algo animador e vazio, que sempre se diz nesses casos, e pediu à enfermeira que saísse. Pegou Anna Ivanovna pela mão para medir o pulso e a outra ele enfiou no casaco para pegar o estetoscópio. Com um movimento da cabeça, Anna Ivanovna mostrou que isso era excessivo, não havia necessidade. Iúri entendeu que ela queria algo diferente dele. Reunindo forças, Anna Ivanovna disse:

— Queriam que eu confessasse... A morte está próxima... Pode chegar em um minuto... Quando vai arrancar um dente você fica com medo, é doloroso, você se prepara... quebrou, pronto, é só arrancar fora, com um alicate... Mas isso o que é? Ninguém sabe... Estou triste e com medo...

Anna Ivanovna calou-se. As lágrimas, como orvalho, escorriam por suas bochechas. Iúri não dizia nada. Um minuto depois, Anna Ivanovna continuou.

— Você é talentoso... Quem tem talento é... não é como em todos... Você deve saber de algo... Diga alguma coisa... Me acalme...

— O que posso dizer? — respondeu Iúri, preocupado. Mexendo-se na cadeira, levantou-se, deu alguns passos e sentou-se novamente. — Em primeiro lugar, amanhã vai estar melhor. Há sinais, boto minha mão no fogo. Além disso, a morte, a consciência, a crença na ressurreição... A senhora quer saber a minha opinião de naturalista? Talvez uma outra hora? Não? Imediatamente? A senhora é que sabe. Mas é difícil assim, de repente. — E ele deu-lhe de improviso uma aula, admirando-se por ter conseguido. — A ressurreição. Da maneira dogmática como é formulada para tranquilizar os fracos, esta eu não aceito. As palavras de Cristo sobre os vivos e mortos

também sempre entendi de maneira diferente. Onde iriam acomodar essas multidões, acumuladas durante milênios? Para elas, o universo não bastaria e Deus, por bem ou por mal, teria que deixar o mundo. Essas tropas serão esmagadas nesse tumulto egoísta e animalesco.

"Porém, a todo momento uma vida imensuravelmente idêntica enche o mundo e de hora em hora se renova em combinações e transformações incalculáveis. A senhora está em dúvida se vai ressuscitar, mas já ressuscitou quando nasceu, e nem percebeu isso.

"Vai sentir dor? Sente ou não o tecido a sua decomposição? Ou seja, em outras palavras, o que sucederá à consciência? Mas o que é a consciência? Analisemos isto. Querer dormir conscientemente levará à insônia, na certa; querer sentir conscientemente o funcionamento do próprio aparelho digestivo levará, com certeza, a uma perturbação nervosa. A consciência é um veneno, um meio de autocontaminação se o paciente a dirige a si mesmo. A consciência é uma luz voltada para fora, para iluminar o caminho diante de nós para que não tropeçemos. A consciência é o farol à frente da locomotiva. Tente virar a luz para dentro e acontecerá uma catástrofe.

"Então, o que será da consciência da senhora? Digo, senhora. Mas a senhora mesma o que é? Aí é que está o problema. Vamos tentar esclarecer isto. Como a senhora vê a si própria, de que parte de tudo que a compõe, tem consciência? Seus rins, fígado, veias? Não, por mais que tente lembrar, a senhora sempre se surpreenderá com uma revelação para fora e ativa, para a obra de suas mãos, na família e nos outros. Agora preste atenção! O homem presente em outras pessoas é que é exatamente a alma do homem. Então a senhora é aquilo que respirou, aquilo de que se alimentou e com que a vida inteira a sua consciência se deleitou. Isto é sua alma, sua imortalidade, sua vida nos outros. E daí? Em outras pessoas estive e em outras pessoas vai ficar. E que diferença faz para a senhora que futuramente isso se denominará memória? Esta será a senhora que ingressará na composição do futuro.

"E mais uma última coisa. Não há por que se preocupar. A morte não existe. A morte não nos diz respeito. A senhora se referiu a talento; isto sim é outra coisa, é nosso, foi descoberto por nós. E o talento em seu conceito mais supremo e amplo é a dádiva da vida.

"Não haverá morte, diz João no Apocalipse, e ouça só a simplicidade de sua argumentação. Não haverá morte porque o antes já passou. Isto é quase o

mesmo que o seguinte: a morte não acontecerá porque isso já é conhecido, é velho e já cansou; agora exigimos algo novo e o que é a vida eterna.

Ele caminhava pelo quarto enquanto falava.

— Durma — disse ele, aproximando-se da cama e colocando as mãos na cabeça de Anna Ivanovna. Passaram-se alguns minutos. Anna Ivanovna começou a adormecer.

Iúri saiu silenciosamente do quarto e disse a Iegorovna que mandasse a enfermeira entrar. "Que pouca vergonha", pensava ele, "estou me tornando um charlatão. Desconverso e curo com o toque das mãos."

No dia seguinte, Anna Ivanovna estava melhor.

4

Anna Ivanovna se sentia cada vez melhor. Em meados de dezembro, tentou se levantar, mas ainda estava muito enfraquecida. Aconselharam que ficasse mais um tempo de cama.

Freqüentemente, ela mandava chamar Iúri e Tônia e durante horas lhes falava sobre a sua infância, transcorrida na propriedade do tio em Varikino, próximo ao rio Rinva, nos Urais. Iúri e Tônia nunca estiveram lá, mas ele, através das palavras de Anna Ivanovna, imaginava com facilidade as cinco mil *desiatina* ^{27} de floresta secular e virgem, negra como a noite, onde em dois ou três lugares o veloz rio Krüger, com o fundo de pedras e escarpas abruptas, cravava suas curvas como se fossem facadas.

Nestes dias estavam fazendo as primeiras roupas de festa para Iúri e Tônia. Para Iúri duas sobrecasacas pretas e para Tônia um vestido de noite, de cetim claro, levemente decotado. Eles pretendiam estrear estas roupas no dia 27, na tradicional festa de Natal na casa dos Sventitski.

As encomendas, no alfaiate e na costureira, ficaram prontas em um dia. Iúri e Tônia experimentaram, ficaram satisfeitos e quando ainda estavam vestidos com a roupa nova, veio Iegorovna e disse que Anna Ivanovna os chamava. Assim como estavam, Iúri e Tônia foram até Anna Ivanovna.

Quando surgiram, Anna Ivanovna se ergueu sobre os cotovelos, voltou-se para eles, mandou que se virassem e disse:

— Está muito bom. Simplesmente maravilhoso. Eu nem sabia que estava pronto. Tônia, deixe-me ver mais uma vez. Não, está muito bem. Achei que as pregas estavam um pouco enrugadas. Sabem para que os chamei? Mas inicialmente algumas palavras sobre você, Iúri.

— Sei disso, Anna Ivanovna. Eu mesmo mandei que mostrassem à senhora aquela carta. A senhora, como Nikolai Nikolaievitch, acha que eu não deveria recusar. Tenha um pouco de paciência. A senhora não pode falar muito. Vou explicar tudo imediatamente, apesar de a senhora já conhecer o assunto muito bem, não é?

"Vejam: em primeiro lugar, existe uma questão na herança de Jivago que só serve para alimentar advogados e pagar custas de processos, mas na realidade não existe herança alguma. Há somente dívidas e confusão, além da sujeira que emerge disso tudo. Caso existisse alguma coisa que pudesse ser transformada em dinheiro, acha que eu a entregaria à justiça e não a utilizaria? Na verdade, o litígio é meramente formal. Em vez de ficar mexendo nisso tudo, será melhor renunciar aos meus direitos sobre a herança inexistente e cedê-la a alguns supostos concorrentes e a alguns impostores invejosos. Sobre as pretensões de uma tal madame Alice, que vive com os filhos em Paris e possui o sobrenome Jivago, já ouvi falar há muito tempo. Porém surgiram novos pretendentes e para mim, não sei se para a senhora, isso é novidade.

"Soube-se que, quando a mãe ainda era viva, o pai apaixonou-se pela condessa Stolbunovaia-Enrizzi, uma mulher sonhadora e insensata. Essa senhora possui um menino, filho de meu pai, que agora tem dez anos e se chama Ievgraf.

"A condessa é uma mulher solitária. Ela vive reclusa com o filho em sua mansão, nos arredores de Omsk, com recursos de origem desconhecida. Mostraram-me a foto da mansão. É uma casa bonita, com cinco janelas de vidro inteiriço e medalhões esculpidos na cornija. Ultimamente tenho tido um pressentimento de que essa casa, de suas cinco janelas, me olha com um olhar maléfico, através das mil verstas que separam a Rússia européia da Sibéria e que, mais cedo ou mais tarde, vai me dar azar. Para que preciso

desse capital imaginário, desses concorrentes surgidos artificialmente com suas más intenções e inveja? Sem falar nos advogados...

— Mesmo assim, não devia recusar — exclamou Anna Ivanovna. — Sabem para que os chamei? — repetiu e prosseguiu: — Lembrei-me daquele seu nome. Lembram que contei ontem sobre o guarda florestal? Ele se chamava Vakkh ^{28}. Não é impressionante? Um monstro negro florestal, com a barba até as sobrancelhas e com o nome de Vakkh! Ele tinha o rosto desfigurado. Um urso o atacou, mas ele conseguiu fugir. Lá todos são assim. Com nomes parecidos. Monossilábicos. Para serem sonoros e expressivos. Vakkh. Lupp. Ou, suponhamos, Favst. Ouçam, ouçam. Às vezes, anunciavam um Avkt ou um tal de Frol, eram pronunciados como uma salva de tiros da espingarda de caça de dois canos do vovô. Então nós, no mesmo instante, zás, corríamos do quarto das crianças até a cozinha. E lá, podem imaginar, víamos o lenhador-carvoeiro, com um ursinho vivo ou o guarda-de-linha do distante destacamento com uma amostra de minerais. E o vovô anotava tudo e enviava para o escritório. Uns recebiam em dinheiro, outros em grãos e terceiros em munições. E o bosque estava diante das janelas. E era tanta neve, tanta neve! Mais alta que o telhado da casa! — Anna Ivanovna começou a tossir.

— Pare, mãe, isso faz mal à senhora — implorou Tônia. Iúri concordou.

— Não é nada. Bobagem. Aliás, Iegorovna me contou que vocês estão em dúvida se vão ou não à festa natalina depois de amanhã. Não quero nem ouvir tais bobagens! Vocês não têm vergonha? E que médico você me saiu, hein, Iúri? Está decidido. Vocês vão, e não se discute mais isso. Retornemos a Vakkh. Este Vakkh foi ferreiro na juventude. Numa briga, machucaram-lhe as vísceras. Ele fabricou outras, novas, de ferro. Como você é bobó, Iúri! Acha que não entendo? Claro que não fez literalmente isso. O povo é que contava assim.

Anna Ivanovna teve outro acesso de tosse, desta vez mais longo. A tosse não passava. Ela não conseguia recuperar a respiração.

Iúri e Tônia correram até ela no mesmo instante. Eles ficaram, ombro a ombro, ao lado da cama. Continuando a tossir, Anna Ivanovna agarrou as mãos deles, que se tocavam, e durante algum tempo as manteve juntas. Depois, recobrando a voz e a respiração, disse:

— Caso eu morra, não se separem. Vocês foram feitos um para o outro. Casem-se. Pronto, fiz o casamento de vocês — acrescentou ela e pôs-se a chorar.

5

Na primavera de 1906, antes de passar para o último ano do ginásio, os seis meses da sua ligação com Komarovski já haviam ultrapassado os limites da paciência de Lara. Ele usava habilmente a depressão dela, e quando lhe era necessário, sem deixar transparecer, com discrição e sutileza, lembrava-lhe sua desonra. Esses lembretes levavam Lara àquela agitação que o sedutor busca na mulher. Essa agitação conduzia Lara cada vez mais à prisão do pesadelo emocional que a deixava de cabelo em pé, quando recuperava a lucidez. As contradições da loucura noturna eram inexplicáveis, como coisa de bruxaria. Tudo estava fora de lugar, contradizia a lógica, uma dor aguda se exprimia por risadas prateadas; a luta e a recusa transformavam-se em aceitação e a mão do tirano era coberta por beijos de gratidão.

Parecia que aquilo nunca teria fim. Mas na primavera, em uma das últimas de aula do ano letivo, pensando sobre como ficaria mais freqüente o aborrecimento no verão, quando não haveria mais aulas no ginásio, que era o último refúgio de Lara contra os encontros com Komarovski, ela de repente tomou uma decisão que, por longo tempo, mudaria sua vida.

Era uma manhã quente, armava-se uma tempestade. A sala de aula estava com as janelas abertas. Ao longe, a cidade zumbia sempre com a mesma nota, como abelhas na colméia. Ouvia-se a gritaria das crianças que brincavam no pátio. O cheiro de grama da terra e do verde novo dava dor de cabeça, como vodca e panquecas durante a quaresma.

O professor de história falava sobre a expedição de Napoleão ao Egito. Quando chegou na parte do desembarque em *Fréjus*, o céu escureceu, estalou e partiu-se com o raio e o trovão e, para dentro da sala, através das janelas, juntamente com o cheiro de frescor, irromperam colunas de areia e poeira. Duas alunas bajuladoras correram até o corredor e chamaram o bedel para fechar as janelas. Quando elas abriram a porta, uma corrente de

ar levantou e arrancou de todas as carteiras as folhas de mata-borrões dos cadernos.

As janelas foram fechadas. Desabou uma chuva de cidade suja, misturada com poeira. Lara arrancou uma folha do caderno de anotações e escreveu para a vizinha de carteira, Nádia Kologrivova:

"Nádia, tenho que organizar a minha vida, ser independente de minha mãe. Ajude-me a conseguir dar algumas aulas, bem pagas. Vocês têm muito conhecimento entre as pessoas ricas."

Também num bilhete, Nádia respondeu:

"Estão procurando uma professora para Lipa. Venha trabalhar lá em casa. Seria muito bom! Você sabe como papai e mamãe adoram você."

6

Lara viveu mais de três anos na casa dos Kologrivov como atrás de uma muralha de pedra. Nada a atraía, nem mesmo a mãe e o irmão. Ela sentia uma grande indiferença em relação aos dois e eles, por sua vez, nem se lembravam da existência dela.

Lavrenti Mikhailovitch Kologrivov era um grande empreendedor, com espírito prático e moderno, talentoso e inteligente. Ele odiava o regime que se findava com um ódio duplo: dos ricos, capazes de arrendar o erário público, e do representante do povo comum que deu um passo fabuloso adiante. Ele escondia em sua casa os procurados, contratava defensores para réus de processos políticos. Como afirmavam em tom de brincadeira, subsidiava a revolução, depunha a si mesmo como patrão e organizava greves em sua própria fábrica. Lavrenti Mikhailovitch era bom atirador e caçador apaixonado e no inverno de 1905, aos domingos, ia até Serebriani Bor e a ilha Losini fazer exercício de tiro com os guardas.

Ele era uma pessoa maravilhosa. Serafima Filipovna, sua esposa, era um par à sua altura. Lara nutria pelos dois respeito e admiração. Todos na casa a amavam, como se fosse da família.

Por quatro anos Lara viveu sem preocupações, até que recebeu a visita de seu irmão Ródia. Inclinando-se um tanto fátuo em suas longas pernas e

pronunciando as palavras pelo nariz, alongando-as, para se dar ares de importância, ele lhe contou que os cadetes de sua turma tinham juntado dinheiro para o presente de despedida do diretor da escola. Entregaram o dinheiro a Ródia e o encarregaram de escolher e adquirir o presente. Dinheiro que, há três dias, ele perdera até o último copeque no jogo. Depois de dizer isso, Ródia jogou-se com sua figura de varapau na poltrona e pôs-se a chorar.

Lara gelou ao ouvir o irmão. Soluçando, Ródia continuava:

— Ontem estive na casa de Victor Ippolitovitch. Ele se recusou a falar comigo sobre este assunto, mas disse que caso você desejasse... Ele disse que, apesar de você ter deixado de amar a todos nós, o seu poder sobre ele ainda é tão grande... Larotchka... Basta somente uma palavra sua... Você entende minha vergonha, como isso atinge a honra da farda de cadete? Vá até ele, o que isso custa para você? Peça... Pois você não irá permitir que eu lave esta imprudência com meu sangue...

— Lavar com sangue... Honra da farda de cadete — repetiu Lara, caminhando pelo quarto, indignada. — Como não uso farda, isto significa que não tenho minha honra e, portanto, pode-se fazer comigo o que quiser? Você entende o que está me pedindo, compreendeu a proposta que ele lhe fez? Ano após ano, com trabalho de Sísifo, você constrói, ergue, fica sem dormir e vem esse aí e com indiferença soprar, cuspir para tudo ir pelos ares! Vá para o diabo! Pode se matar, por favor. O que tenho a ver com isso? De quanto você precisa?

— Arredondando, seiscentos e noventa e poucos rublos — falou Ródia com hesitação.

— Ródia! Não, você enlouqueceu! Você tem noção do que está dizendo? Você perdeu no jogo setecentos rublos? Ródia! Ródia! Você sabe em quanto tempo uma pessoa normal, como eu, pode obter esta soma com um trabalho honesto? — Depois de uma certa pausa, ela acrescentou fria e indiferentemente: — Está bem. Vou tentar. Volte amanhã. E traga o revólver com o qual queria se matar. Você o entregará a mim e ele passará a ser propriedade minha. Com uma boa reserva de munição. Ela conseguiu o dinheiro com Kologrivov.

O trabalho na casa dos Kologrivov não impediu Lara de terminar o ginásio, ingressar no curso profissionalizante, estudar com êxito e se aproximar da sua conclusão, que deveria acontecer no próximo ano de 1912.

Na primavera de 1911, sua pupila, Lipotchka, terminou o ginásio. Ela já tinha um noivo, o jovem engenheiro Frizendank, descendente de uma família boa e abastada. Os pais aprovavam a escolha de Lipotchka, porém não queriam que se casasse tão cedo e a aconselhavam a aguardar. Isso provocava dramas. A mimada e estabonada Lipotchka, a queridinha da família, gritava com o pai e a mãe, chorava e esperneava.

Na abastada casa, onde Lara era considerada da família, não entendiam a dívida que contraiu para ajudar Ródia e nunca tocavam no assunto.

Esta dívida Lara já teria pagado há muito tempo, caso não tivesse as constantes despesas que escondia de todos.

Sem que Pacha soubesse, Lara enviava dinheiro para o pai dele, o exilado Antipov, e ajudava sua mãe, freqüentemente doente e rabugenta. Além do mais, guardando em grande segredo, ela diminuía as despesas do próprio Pacha e, sem o conhecimento dele, pagando adicionalmente aos proprietários do apartamento onde ele morava, pela comida e pelo quarto.

Pacha, um pouco mais novo que Lara, amava-a loucamente e em tudo a obedecia. Por insistência dela, depois de terminar a escola técnica, ele fez os cursos de latim e grego, para poder ingressar na universidade para o curso de filologia. Lara sonhava casar-se com Pacha um ano mais tarde, depois de prestarem as provas finais, e viajar para uma das cidades da província dos Urais, a fim de trabalharem, ele como professor de ginásio masculino e ela como professora de ginásio feminino.

Pacha morava em um quarto que a própria Lara encontrou e alugou para ele de tranqüilos proprietários, em um prédio novo na travessa Kamergerski, próximo do teatro Khudozhetveni.

Lara passou o verão de 1911, pela última vez, com os Kologrivov, em Duplianka. Ela amava este lugar mais do que tudo, muito mais que os próprios donos. Disso, todos sabiam muito bem e com relação a Lara existia, na ocasião dessas viagens de verão, um acordo tácito. Quando o trem quente

e sujo, que os trazia, já estava longe e erguia-se um silêncio aromático e estonteante até o infinito, Lara, emocionada, perdia o dom da palavra. Deixavam que ela fosse caminhando sozinha até a propriedade e, enquanto isso, transportavam a bagagem da plataforma até a carruagem. O cocheiro de Duplianka, vestido com uma camisa vermelha que passava com suas mangas pelos buracos do colete de posta, contava para os patrões, que se sentavam na carruagem, as novidades da última temporada local.

Lara caminhava ao longo da estrada pela trilha aberta pelos peregrinos e romeiros, e depois virava pelo atalho da várzea que levava até a floresta. Ali ela parava e com os olhos fechados aspirava o ar, aromaticamente confuso, da imensidão vizinha. Ela o sentia mais próximo dela que o pai e a mãe, melhor que o homem amado e mais inteligente que um livro. Em um instante, o sentido da existência novamente se abriu para Lara. Ela estava ali — pensava ela — para ver claro na louca maravilha da terra e dar nome a todas as coisas e, se isso não lhe fosse possível, então, por amor à vida, iria parir herdeiros, que fariam isso por ela.

Nesse verão, Lara chegou cansada de tanto trabalho que se propusera fazer. Aborrecia-se com facilidade. Desenvolveu-se nela a desconfiança, um traço que antes não lhe era característico. Isso lhe amesquinhou o caráter, que sempre se distinguiu por sua amplitude e ausência de meticulosidade.

Os Kologrivov não a deixavam ir embora. Na casa deles ela estava rodeada pelo mesmo carinho anterior. Desde a época em que Lipa se tornara independente, Lara se sentia desnecessária. Recusava o salário. Mas eles obrigavam-na a aceitá-lo. Além do mais, ela precisava do dinheiro, mas ser uma visita, uma convidada e ao mesmo tempo assalariada era incômodo e praticamente sem sentido para ela.

Lara considerava sua situação falsa e insuportável. Parecia-lhe que, apesar de não demonstrarem, era um peso para todos. Sentia-se também um peso para si própria. Queria fugir, sem rumo certo, de si mesma e dos Kologrivov. Porém, atendendo aos apelos de sua consciência, antes ela teria que devolver o dinheiro dos Kologrivov, apesar de não saber como conseguiu-lo. Sentia-se como uma refém por causa desta despesa tola de Ródia e não encontrava lugar para se esconder desta indignação impotente.

Em tudo ela via sinais de desdém. Se as visitas dos Kologrivov lhe dispensassem uma atenção excessiva, isso significava para ela que a

tratavam como uma "pupila" humilde e como uma presa fácil. E quando a deixavam em paz, era prova de que a consideravam uma coisa invisível e nem percebiam sua presença.

As crises de hipocondria não atrapalhavam Lara nos divertimentos com as numerosas visitas que se hospedavam em Duplianka. Ela banhava-se e nadava, passeava de barco, participava de piqueniques noturnos do outro lado do rio, soltava fogos junto com todos e dançava. Desempenhava papéis em peças de teatro amador e com um entusiasmo ímpar competia no tiro ao alvo com uma pistola Mauser, mas preferia o revólver leve de Ródia. Com ele, regulava o alvo com grande precisão e se lamentava, brincando, por ter nascido mulher, pois isso lhe fechava o caminho à carreira de duelista. No entanto, quanto mais Lara se divertia, pior se sentia. Ela mesma não sabia o que queria.

Esse sentimento aumentou sensivelmente quando retornou para a cidade. Aqui, aos aborrecimentos de Lara, juntaram-se os leves desentendimentos que ocorriam com Pacha (Lara tinha medo de brigar seriamente com ele, pois o considerava a sua última saída). Pacha, nos últimos tempos, adquirira uma certa presunção. O tom sentencioso de sua conversa fazia-a rir e ao mesmo tempo a entristecia.

Pacha, Lipa, os Kologrivov, dinheiro — tudo isso rodava em sua cabeça. Estava desgostosa com a vida, parecia que ia enlouquecer. Tinha vontade de deixar para trás tudo que conhecia e sentia e começar algo novo. Neste estado de espírito, no Natal de 1911, tomou uma decisão fatídica. Resolveu deixar os Kologrivov imediatamente, para reconstruir sua vida de outra maneira, sozinha e independente, e para isso iria pedir dinheiro a Komarovski. Lara iludia-se com a idéia de que, depois de tudo que acontecera e daqueles anos de liberdade, ele teria o dever de ajudá-la como cavalheiro, sem pedir explicações, desinteressadamente e sem maldade.

Com este objetivo, no dia 27 de dezembro, à noite, ela se dirigiu às Linhas Petrovskie. Ao sair, colocou no regalo de pele o revólver de Ródia carregado e destravado. Sua intenção era de atirar em Víctor Ippolitovitch caso ele se recusasse ajudá-la ou entendesse seu pedido de maneira perversa ou se a humilhasse de alguma maneira.

Ela caminhava, terrivelmente ansiosa, pelas ruas decoradas e não percebia nada à sua volta. Em sua alma, ela já disparara o tiro idealizado,

totalmente indiferente a quem estava dirigido. Este tiro era a única coisa que a mantinha consciente. Ela o ouvia durante todo o percurso e este era um tiro em Komarovski, em si mesma, no próprio destino e no carvalho do Prado de Duplianka, com o alvo de tiro talhado em seu tronco.

8

— Não toque no regalo — disse ela a Emma Ernestovna que, ao soltar um "ai" de surpresa, estendeu as mãos para Lara a fim de ajudá-la a tirar o casaco. Victor Ippolitovitch não estava em casa. Emma Ernestovna tentava convencer Lara a entrar e tirar o casaco.

— Não posso. Estou com pressa. Onde ele está?

Emma Ernestovna respondeu que ele estava numa festa natalina. Com o endereço nas mãos, Lara correu pela escada sombria que lhe lembrou tudo vivamente, com seus brasões coloridos nas janelas, e se dirigiu à Mutchnigorodok, para a casa dos Sventitski.

Somente agora, ao sair pela segunda vez à rua, Lara viu o que havia em torno dela. Era inverno. Havia a cidade. Era noite.

O frio congelava. As ruas estavam cobertas por um gelo negro e grosso, parecido com os fundos de garrafas quebradas de cerveja. Era doloroso respirar. O ar estava rarefeito pela geada e parecia fazer cócegas e espetar Lara com suas cerdas peludas, exatamente como a pele cinzenta do seu casaco de peles irritava e entrava na boca de Lara. Com o coração palpitando, Lara andava pelas ruas desertas. Pelo caminho via a fumaça saindo pelas portas das casas de chá e tabernas. Da neblina, surgiam os rostos congelados dos transeuntes, vermelhos como salame, e as caras barbudas de cavalos e cachorros talhadas no gelo suspenso. As janelas, cobertas com uma grossa camada de gelo e neve, pareciam caiadas; em sua superfície opaca moviam-se reflexos coloridos das árvores de Natal acesas e as sombras das pessoas que se divertiam. Parecia que as casas mostravam para as pessoas da rua quadros sombreados em lençóis brancos, pendurados na frente de uma luz mágica.

Na travessa Kamergerovski, Lara parou.

— Não suporto mais, não vou agüentar — exclamou quase em voz alta. "Vou subir e contar tudo a ele", pensou ela, dominando-se de novo e abrindo a pesada porta de uma casa de entrada imponente.

9

Pacha, vermelho de tanto fazer esforço e escorando a bochecha com a língua, debatia-se diante do espelho para abotoar a gola e tentava passar a abotoadura, que a toda hora se dobrava pela casa engomada do peitilho. Ele estava se arrumando para fazer uma visita e ainda era tão puro e cândido que ficou envergonhado quando Lara, ao entrar sem bater, surpreendeu-o com o traje ainda incompleto. Ele logo percebeu que Lara estava agitada, as pernas bambas. Ela entrou entreabrindo as pregas da saia do vestido com seus passos, parecia estar atravessando um rio a vau.

— O que há com você? — perguntou ele, preocupado, correndo ao seu encontro.

— Sente-se ao meu lado. Sente-se assim como você está, sem terminar de se arrumar. Estou com pressa. Vou ter que sair imediatamente. Não toque no regalo. Espere. Vire-se um minuto.

Ele obedeceu. Lara estava vestindo um conjunto inglês. Ela tirou a jaqueta, pendurou-a num prego e passou o revólver de Ródia do regalo para o bolso da jaqueta. Depois, retornando para o divã, disse:

— Agora pode olhar. Acenda a vela e desligue a luz elétrica.

Lara gostava de conversar na penumbra, à luz de velas. Pacha sempre tinha uma caixa de velas fechada para ela. Ele trocou o toco de vela do castiçal por uma vela nova e inteira. Colocou o castiçal no batente da janela. A chama sentiu a estearina, atirou estrelinhas crepitantes para todos os lados e acentuou-se em forma de seta. O quarto iluminou-se com a luz suave. No gelo do vidro da janela, no nível da vela, começou a fundir-se um "olho mágico".

— Escute, Patúlia — disse Lara. — Estou em dificuldades. Tem que me ajudar a sair delas. Não se assuste e nem me faça perguntas, mas abandone a

idéia de que somos como os outros. Não se acomode. Estou em perigo. Se você me ama e quer me salvar da morte, não adie, vamos nos casar logo.

— Mas este é meu desejo permanente — interrompeu ele. — Marque logo o dia, estou pronto para qualquer dia que você desejar. Mas me diga simplesmente e com mais clareza o que há com você, não me atormente com mistérios.

No entanto Lara desviou o assunto, declinando da resposta direta. Ainda conversaram sobre vários assuntos que não tinham nenhuma relação com a angústia de Lara.

10

Naquele inverno, Iúri escreveu um trabalho científico sobre a enervação da retina, com o objetivo de obter a medalha de ouro da universidade. Apesar de ter se especializado em clínica geral, Iúri conhecia o olho tão detalhadamente como um futuro oftalmologista.

Esse interesse na fisiologia da visão influenciou outros aspectos da natureza de Iúri — seu talento criativo e suas reflexões sobre a essência da imagem literária e a estrutura da idéia lógica.

Tônia e Iúri foram de trenó à festa natalina dos Sventitski. Os dois viveram seis anos um ao lado do outro — o início da adolescência e o final da infância. Conheciam um ao outro nos mínimos detalhes. Possuíam costumes iguais, a mesma maneira de trocar frases engraçadas e um jeito peculiar de falar entrecortadamente em resposta. Era o que faziam agora, calados, os lábios cerrados de frio e às vezes trocando pequenas observações. E cada um pensava em algo seu.

Iúri lembrava que estava chegando ao fim o prazo do concurso, que tinha que correr com o trabalho, pensava no tumulto festivo, sentido nas ruas, do ano que se findava, em seguida o fio de suas idéias pulava para outros assuntos.

Na faculdade de Gordon editavam uma revista estudantil mimeografada. Gordon era seu redator. Fazia tempo que Iúri prometera um artigo para eles

sobre Blok ^{29}. Toda a juventude das duas capitais delirava com Blok, e ele e Micha mais do que todos.

Porém, esses pensamentos também não permaneciam durante muito tempo na mente de Iúri. Eles iam com os queixos mergulhados nas golas, esfregando as orelhas congeladas e pensando sobre várias coisas. Em um ponto, entretanto, seus pensamentos se encontravam.

A cena recente no quarto de Anna Ivanovna fez com que os dois nascessem novamente. Seus olhos pareciam estar vendo com mais clareza e olhavam um para o outro com olhares novos.

Tônia, aquela antiga companheira, aquela evidência natural que dispensava explicações, revelou-se agora a coisa mais inacessível e complicada que Iúri podia imaginar, ela revelou-se uma mulher. Com algum esforço de imaginação, Iúri conseguia se ver alçando o topo da montanha Ararat, como um herói, como um profeta, como um vencedor, tudo o que fosse possível, mas nunca como uma mulher.

E essa tarefa difícilíssima e que a tudo superava, Tônia tomou em suas mãos magrinhas e ombros frágeis (a partir desses tempos e de repente ela começou parecer a Iúri magra e fraca, apesar de ser uma moça bastante saudável). E ele ficou repleto de compaixão ardente e de timidez, o que é o início da paixão.

O mesmo sentimento, com suas alterações correspondentes, ocorreu a Tônia em relação a Iúri.

Iúri pensava que não deviam ter saído de casa. Esperava que nada ocorresse durante a ausência deles. E veio-lhe uma lembrança. Ao saber que Anna Ivanovna se sentiu pior quando eles já estavam prontos para sair, foram até ela se oferecendo para ficar. Ela, com a mesma rispidez anterior, se rebelou contra esta proposta e exigiu que fossem à festa. Iúri e Tônia entraram no nicho profundo da janela, através da cortina, para ver como estava o tempo. Quando os dois saíram, os panos da cortina grudaram no tecido novo de suas roupas. O tecido leve e colante acompanhou alguns passos de Tônia como um véu atrás da noiva. Todos caíram na gargalhada, pois ao mesmo tempo e sem palavras, todos no quarto perceberam a semelhança.

Iúri olhava para os lados e via a mesma coisa que há pouco tempo atraíra o olhar de Lara. O trenó fazia um barulho alto e artificial que provocava um eco pouco natural e prolongado sob as árvores congeladas dos jardins e bulevares. As janelas das casas, iluminadas por dentro e cobertas de gelo por fora, eram semelhantes a baús preciosos de topázio cinza lapidado. Dentro deles vislumbrava-se a vida festiva de Moscou, as árvores de Natal acesas, as visitas amontoadas e os mascarados abobados brincando de esconde-esconde e de anel.

De repente, Iúri pensou que Blok era um fenômeno do Natal em todas as esferas da vida russa: nos costumes urbanos do norte e na novíssima literatura, embaixo do céu estrelado da rua moderna e ao redor da árvore de Natal na sala de visita do século atual. Ele pensou que não precisava escrever nenhum artigo sobre Blok, mas escrever simplesmente sobre a reverência russa aos feiticeiros, como fizeram os holandeses, com frio, lobos e uma floresta negra de pinheiros.

Eles passavam pela travessa Kamergerski. Iúri prestou atenção no buracozinho negro derretido na camada de gelo de uma das janelas. Por este buraco aparecia a luz de uma vela, que penetrava na rua com um olhar quase consciente, como se a chama espionasse os que passavam e aguardasse por alguém.

"A vela queimava na mesa. A vela queimava...", Iúri murmurava para si mesmo o início de algo sombrio, ainda inacabado, com a esperança de que a continuação viria por si própria, voluntariamente. Mas ela não veio.

Há muito tempo a festa de Natal na casa dos Sventitski era organizada seguindo o mesmo esquema. Às dez, depois que a criançada saía, acendiam a segunda árvore de Natal para os jovens e adultos, que se divertiam até de manhã. Os mais idosos passavam a noite jogando cartas na sala de estar pomposa, de três paredes, que era a continuação do salão e era separada dele por uma cortina pesada e resistente pendurada por grandes anéis de bronze. Ao raiar do sol todos jantavam juntos.

— Por que chegaram tão tarde? — perguntou, ao passar correndo por eles, Jorj, o sobrinho dos Sventitski, saindo do *hall* e se dirigindo aos aposentos, onde estavam o tio e a tia. Iúri e Tônia também resolveram ir até lá para cumprimentar os donos da casa e, enquanto tiravam os casacos, olharam para o salão.

A árvore de Natal exalava calor e estava envolta por várias fileiras de luz que fluíam brilhantes. Ao lado da árvore, farfalhando os vestidos e pisando uns nos pés dos outros, movia-se uma muralha negra de pessoas que não estavam dançando, apenas vagavam e conversavam.

Dentro do círculo, os dançarinos rodavam loucamente. Koka Kornakov, estudante do Liceu e filho do procurador, era quem os juntava em pares e os puxava em corrente. Ele comandava as danças e gritava com força, a voz ecoando de um lado para o outro do salão: "*Grand rond! Chaîne chinoise!*" — e todos agiam de acordo com sua ordem. — "*Une valse, s'il vous plaît!*" — gritava ele para o pianista e, encabeçando a primeira volta, levava a sua dama *à trois temps, à deux temps*, diminuindo e estreitando o passo até a quase imperceptível mudança de pé, no mesmo lugar. Já não era a valsa, mas somente um eco dela, que aos poucos desaparecia. Todos aplaudiam e esta multidão em movimento, barulhenta, arrastando os pés, era servida de sorvetes e bebidas refrescantes. Os jovens e as moças acalorados paravam por um momento de gritar e gargalhar e engoliam com pressa e avidez os refrescos e a limonada gelados e, assim que depositavam as taças na bandeja, recomeçavam a gritaria e os risos dez vezes mais potentes. Parecia que haviam tomado alguma substância hilariante.

Sem entrar no salão, Tônia e Iúri foram até os donos da casa, que estavam na parte interior da residência.

Os apartamentos privados dos Sventitski estavam abarrotados de objetos retirados da sala de visita e do salão para desocupar espaço. Aqui ficava a câmara mágica dos donos, o seu depósito de velas. Sentia-se cheiro de tinta e cola, havia embrulhos de papel colorido e caixas empilhadas de papelão

que guardavam estrelas para dançar quadrilha e velas sobressalentes para a árvore de Natal.

Os velhos Sventitski rotulavam os presentes, preenchiam os cartões que indicavam o lugar à mesa e numeravam bilhetes para o sorteio. Jorj os ajudava, mas com frequência se atrapalhava com a numeração e os velhos irritados reclamavam dele. Os Sventitski ficaram muito felizes ao ver Iúri e Tônia. Eles os conheciam desde pequenos, não faziam cerimônias com eles e, sem muita conversa, encarregaram-nos deste trabalho.

— Felizata Semionovna não entende que devia se preocupar com isso mais cedo e não agora no auge da festa, na presença das visitas. Ah, que confusão dos diabos, Jorj, o que está fazendo novamente com os números? O combinado era colocar as caixas de bombons em cima da mesa e as vazias no sofá. Você desarrumou tudo novamente, está tudo de cabeça para baixo.

— Fico feliz de saber que Anete se sente melhor. Eu e Pier ficamos tão preocupados com ela.

— Sim, mas, minha querida, ela está pior, entende, e para você sempre tudo é *devant-derrière*.

Iúri e Tônia passaram metade da noite com Jorj e os velhos atrás das cortinas de pinheiros.

Enquanto Tônia e Iúri estavam com os Sventitski, Lara passara o tempo todo no salão. Apesar de não estar vestida para o baile e de não conhecer ninguém, deixava que Koka Kornakov a girasse à vontade, como em um sonho. Ou, sem rumo, como dentro d'água, vagueava em círculos pelo salão.

Uma ou duas vezes, Lara parou indecisa na porta da sala de visitas, com esperanças de que Komarovski, sentado com o corpo voltado para a sala, a notasse. Mas ele só olhava para suas cartas, que segurava com a mão esquerda, em forma de leque, e ou realmente não a via ou fingia não notá-la. Lara gelou de tanta mágoa. Naquele instante, entrou uma moça que Lara não conhecia. Komarovski lançou para ela aquele olhar que Lara conhecia tão bem. A moça, lisonjeada, sorriu para Komarovski, iluminou-se e

resplandeceu. Ao ver isso, Lara quase gritou. A tinta da vergonha afluíu densamente em seu rosto; sua testa e seu pescoço ficaram rubros. "A nova vítima", pensou ela. Como em um espelho, Lara viu-se por inteira com toda a sua história. Ainda não havia desistido da idéia de falar com Komarovski, mas resolveu adiar a tentativa até um momento mais oportuno. Esforçando-se para se acalmar, voltou para o salão.

Mais três pessoas jogavam à mesma mesa com Komarovski. Um de seus parceiros, que estava ao seu lado, era o pai do garrido estudante do Liceu que tirou Lara para a valsa. Lara chegou a essa conclusão por duas ou três palavras que trocara com o cavalheiro, ao rodar com ele pelo salão. E a morena alta, vestida de preto, com olhos loucos e ardentes e pescoço desagradavelmente tenso como uma cobra, que entrava e saía a todo instante da sala para o salão, que era o campo de atividade do filho, e voltava para o marido jogador, era a mãe de Koka Kornakov. Finalmente, por acaso, Lara soube que a moça, que despertara nela aqueles sentimentos conflitantes, era a irmã de Koka e que as considerações de Lara não tinham o menor fundamento.

— Kornakov — apresentara-se Koka a Lara logo no começo. Mas naquela hora ela não entendeu. — Kornakov — repetiu ele ao deslizarem na última volta pelo salão, levando-a até a poltrona e fazendo-lhe uma reverência. Desta vez Lara ouviu. Kornakov, Kornakov, pensava ela. Esse nome me soa familiar. Algo de desagradável. Depois ela se lembrou. Kornakov era o procurador da câmara judicial de Moscou. Ele acusara o grupo de ferroviários com quem Tiverzin fora julgado. Lavrenti Mikhailovitch, a pedido de Lara, foi tentar abrandá-lo para que não se exaltasse naquele processo, mas não conseguiu. Ah, então é isso! Que curioso! Kornakov. Kornakov.

Era meia-noite ou uma hora da madrugada. O barulho retinia nos ouvidos de Iúri. Depois de um intervalo, durante o qual tomaram chá com *petit-fours* na sala de jantar, as danças recomeçaram. Quando as velas acabavam de queimar na árvore ninguém mais as substituía.

Iúri estava distraído no meio do salão e olhava para Tônia, que dançava com um desconhecido. Ao passar deslizando ao lado de Iúri, Tônia, com o movimento da perna, empurrava uma pequena cauda do vestido de cetim e, agitando-o, como um peixinho, desaparecia na multidão de dançarinos.

Ela estava muito agitada. No intervalo, quando estavam na sala de jantar, Tônia recusara o chá e matara a sede com inúmeras tangerinas, das quais retirava as cascas aromáticas com facilidade. A todo momento, ela retirava da cinta ou da manga um lenço de cambraia tão pequeno como as flores de árvores frutíferas, e passava-o nos pequenos fios de suor em volta dos lábios e entre os dedinhos pegajosos. Rindo e sem interromper a animada conversa, ela automaticamente enfiava o lenço de volta na cinta ou babado do corpete.

Agora, dançando com o cavalheiro desconhecido e esbarrando durante os volteios no esquivo e aborrecido Iúri, Tônia se aproximava dele, apertava-lhe a mão e sorria expressivamente. Em um destes apertos de mão, o lenço que ela segurava ficou na palma de Iúri. Ele o levou até os lábios e fechou os olhos. O lenço exalava um cheiro misto de casca de tangerina e de calor da palma da mão de Tônia, que o fascinou. Isso era algo novo na vida de Iúri, nunca sentido antes e que penetrava nele de cima a baixo. O aroma infantil e ingênuo era sincero e sensato, como alguma palavra dita baixinho no escuro. Iúri estava parado, de olhos fechados e lábios no lenço, aspirando-o. De repente, na casa ressoou um tiro.

Todos voltaram as cabeças para a cortina que separava a sala de jogo do salão. O silêncio durou um minuto. Em seguida, começou o corre-corre. Todos se agitaram e começaram a gritar. Uma parte correu até Koka Kornakov, que estava no lugar de onde partiu o tiro. De lá corriam de volta, ameaçavam, choravam e discutiam, interrompendo uns aos outros.

— O que ela fez, o que ela fez? — repetia Komarovski em desespero.

— Bória, você está vivo? Bória, você está vivo? — gritava histericamente a sra. Kornakova. — Disseram que está presente o doutor Drovkov. Onde está ele, onde está? Ah, deixem, por favor! Para vocês é um arranhão, mas para mim é a razão de toda a minha vida. Oh, meu pobre sofredor, acusador de todos estes criminosos! Ei-la, ei-la, esta maldita, canalha, vou arrancar-lhe os olhos, sua canalha! Não vá fugir! O que o senhor disse, sr. Komarovski? No senhor? Ela atirou no senhor? Não, não acredito. Aconteceu uma tragédia, senhor Komarovski, volte a si, a hora não

é de brincadeiras. Koka, Kokotchka, o que tem para me dizer? Em seu pai... Sim... Mas a mão de Deus... Koka! Koka!

A multidão saiu da sala de jogos para o salão. No meio dele, fazendo graça em voz alta e convencendo a todos de sua total integridade, caminhava Kornakov, apertando com um guardanapo limpo o arranhão que sangrava em sua mão esquerda, levemente machucada. Um outro grupo, que vinha um pouco atrás, trazia Lara pela mão.

Iúri ficou atordoado quando a viu. É aquela mesma jovem! Novamente, em circunstâncias extraordinárias! E, novamente, esse senhor grisalho! Mas agora Iúri já o conhecia. Era o famoso advogado Komarovski, ele tinha alguma coisa a ver com a herança de seu pai. Podiam não se cumprimentar, pois Iúri e ele faziam de conta que não se conheciam. Mas ela... Então foi ela que atirou? No procurador? Deve pertencer a alguma organização política. Coitada. Isso lhe custará caro. Como ela é altivamente linda! E essa gente! Arrastam-na, diabos, torcem-lhe as mãos como se fosse uma ladra apanhada em flagrante.

Mas ele logo percebeu que se enganara. Lara sentiu as pernas fraquejarem. Seguravam-na pelas mãos para que ela não caísse, e com dificuldade levaram-na até a poltrona mais próxima, na qual ela desabou.

Iúri correu até ela para fazê-la recobrar os sentidos, porém, por conveniência, resolveu antes voltar sua atenção à vítima fictícia do atentado. Ele se aproximou de Kornakov e disse:

— Foi aqui que solicitaram ajuda de um médico? Eu posso ser útil. Mostre-me sua mão. Bem, o senhor tem sorte. É uma coisa tão insignificante que nem precisa de curativo. Aliás, um pouco de iodo não lhe fará mal. Ali está Felizata Semionovna, vamos pedir a ela.

Sventitskaia e Tônia, lívidas, se aproximaram apressadamente de Iúri. Elas lhe disseram que largasse tudo e fosse pegar seu sobretudo rapidamente, pois vieram buscá-los, porque algo havia ocorrido em casa. Iúri se assustou, pressentindo o pior, e, esquecendo-se de todo o resto, correu para vestir seu agasalho.

No entanto, Tônia e Iúri não alcançaram Anna Ivanovna viva quando entraram correndo pela porta da casa na travessa Sivtsev. A morte ocorrera dez minutos antes da sua chegada. O motivo da morte foi uma longa crise de asfixia, em decorrência de um edema pulmonar agudo não diagnosticado a tempo.

Durante as primeiras horas Tônia gritava como doida, debatia-se em convulsões e não reconhecia ninguém. No dia seguinte, ela se acalmou, ouvindo pacientemente o que lhe dizia o pai e Iúri, porém só conseguia responder com um balanço da cabeça, pois mal abria a boca e o desespero tomava conta dela com a força anterior e os gritos recomeçavam a sair descontrolados, como se ela estivesse possessa.

Ela ficou ajoelhada, horas inteiras, ao lado da falecida, durante os intervalos do ofícios fúnebres, abraçando com as mãos — grandes e belas — o canto do caixão e a beirada do catafalco, onde ele estava estendido coberto de coroas. Ela não percebia ninguém à sua volta. No entanto, assim que seu olhar encontrava os olhos de parentes, ela rapidamente se levantava do chão, saía da sala com passos rápidos segurando o choro, subia correndo pela escada até seu quarto e, caída na cama, enterrava nos travesseiros as explosões do desespero que a arrebatava.

Por causa da tragédia, do longo tempo de pé e do pouco sono, por causa dos cânticos em baixo profundo e da luz ofuscante das velas, ardendo dia e noite, e também por causa do resfriado que pegou nestes dias, Iúri sentia em sua alma uma confusão doce, beatífica e delirante, e ao mesmo tempo aflita e exaltada.

Dez anos atrás, quando enterraram sua mãe, Iúri era bem pequeno. Ele se lembrava até hoje de como chorou inconsolavelmente, atingido pela desgraça e pavor. Naquela época, o essencial não estava nele. Naquela época ele não tinha consciência de que existia um certo Iúri, alguém separado dele e que apresentasse algum interesse ou algum valor. Naquela época, o mais importante era o que existia à sua volta, o externo. O mundo exterior cercava Iúri por todos os lados, palpável, intransponível e incontestável, como uma floresta. E por isso Iúri ficara tão chocado com a morte da mãe, porque ele se perdera com ela nessa floresta e de repente

ficara sozinho, sem ela. Essa floresta representava todas as coisas do mundo — as nuvens, os cartazes de anúncios da cidade e as esferas nas torres de vigia dos bombeiros; os criados zelosos que cavalgavam na frente da carruagem da Virgem Mãe com tapa-orelhas no lugar dos chapéus em suas cabeças, descobertas na presença da Santa. Essa floresta representava a vitrine das lojas das

galerias comerciais, o céu noturno inacessível e alto com suas estrelas, Deus e os santos.

Esse céu inatingível e alto baixava até eles no seu quarto de crianças, enfiava-se no regaço da babá, quando esta falava de algo sagrado, e tornava-se então, bem próximo e manso como a copa da aveleira, quando inclinavam seus galhos nos barrancos para colher seus frutos. O céu parecia ter mergulhado na bacia dourada do quarto e, depois de banhar-se no fogo e no ouro, transformava-se em matinas ou em missas do meio-dia na igreja da travessa, para onde a babá o levava. Lá, as estrelas do céu transformavam-se nas lampadzinhas dos ícones, Deus no padre, e todos se acomodavam em funções mais ou menos de acordo com suas aptidões. O mais importante porém era o mundo real dos adultos e a cidade que o rodeava como uma sombria floresta. Então, com toda sua fé semi-animal, Iúri acreditava no Deus desta floresta, como em um guarda florestal.

Agora era totalmente diferente. Nesses doze anos de escola média e superior, Iúri estudara a antigüidade e o catecismo, as tradições populares e os poetas, as ciências do passado e as da natureza, e estudou tudo isso como se tivesse estudado a crônica familiar da casa materna, como a sua genealogia. Agora ele nada temia, nem a vida nem a morte, tudo no mundo, todas as coisas existentes eram palavras de seu vocabulário. Ele sentia-se no mesmo pé do universo e assistira ao velório de Anna Ivanovna de maneira totalmente diferente de como velara sua mãe. Naquela época, ele perdia os sentidos de tanta dor, tinha medo e rezava. Agora ouvia a missa de réquiem como um comunicado que tinha uma relação direta com ele, que lhe dizia respeito. Ele ouvia essas palavras com atenção exigindo delas o sentido, claramente expresso, que é necessário em qualquer negócio sério. Nada havia de comum com a religiosidade de seu sentimento de hereditariedade, que experimentara com relação às forças superiores da terra e do céu, as quais ele reverenciava como reverenciava os grandes precursores.

"Deus Santo, Todo-Poderoso, Deus Imortal, tende piedade de nós." Que é isso? Onde ele está? Estão retirando o féretro! Estão retirando! É preciso acordar. Às cinco horas da manhã caíra vestido naquele sofá. Provavelmente está com febre. Deve estar sendo procurado pela casa inteira e ninguém imagina que está dormindo pesadamente na biblioteca, no canto escondido atrás das altas estantes de livros que vão até o teto.

— Iúri, Iúri! — chama-o de algum lugar próximo o vigia Markel. Começou a retirada do féretro, Markel tem que levar as coroas para baixo e não consegue encontrar Iúri; além disso ficou preso no quarto, onde as coroas estavam amontoadas, porque a porta do quarto ficara presa na porta aberta do armário, impedindo a saída de Markel.

— Markel, Markel! Iúri! — chamam lá de baixo. Markel, com uma pancada, supera o obstáculo e desce as escadas com algumas coroas.

"Deus Santo, Todo-Poderoso, Deus Imortal." O cântico, como um sopro suave, estendia-se pela travessa e nela permanecia, como se acariciasse o ar com uma pena macia de avestruz, a embalar tudo: as coroas, as pessoas que se encontram, as cabeças dos cavalos com os penachos, a terra branca embaixo dos pés.

— Iúri! Meu Deus, finalmente. Acorde, por favor — dizia Chura Chlezinger ao encontrá-lo, sacudindo seu ombro. — O que há com você? Já estão retirando o caixão. Você não vem conosco?

— É claro.

A missa de corpo presente terminou. Os mendigos, pulando de frio de um pé para o outro, juntaram-se em duas fileiras. O carro funerário, o cabriolé com as coroas e a carruagem dos Krüger balançaram e se deslocaram devagar. Próximos à igreja estavam concentrados os cocheiros. Da catedral, saiu Chura Chlezinger com os olhos chorosos e, suspendendo o véu úmido de lágrimas, deslizou um olhar penetrante ao longo da fileira de cocheiros.

Quando avistou os carregadores da empresa funerária, ela os chamou com um aceno de cabeça e desapareceu com eles dentro da igreja, de onde saía mais e mais gente.

— Eis que chegou a vez de Anna Ivanovna. Deixou-nos, pobrezinha, ganhou uma passagem para bem distante.

— É, já dançou o suficiente, a pobre coitada. A cigarra foi descansar.

— Você está com cocheiro ou vai no carro número onze?

— O caminho está um pouco congestionado. Vamos andando um pouco e depois pegamos a carruagem.

— Percebeu como Fufkov está emocionado? Quando olhava para a falecida as lágrimas caíam como água, assoava o nariz, mas quase a comia com os olhos. E ao lado do marido.

— A vida inteira ele andou de olho nela.

Com estas conversas arrastavam-se para o cemitério, do outro lado da cidade. Nesse dia, depois de muito frio, o tempo estava ameno. O dia estava repleto de pesos imóveis, um dia de frio mais ameno e de uma vida que se ia, um dia que parecia ter sido criado pela própria natureza como um dia de enterro. A neve suja parecia reluzir através de um véu de crepe estendido por cima dela, os pinheiros molhados e escuros olhavam das cercas como prata escurecida, e pareciam estar de luto.

Era o mesmo memorável cemitério, o local de descanso eterno de Maria Nikolaievna. Iúri, nos últimos anos, não tinha tido tempo de visitar o túmulo da mãe. "Mãezinha", murmurou ele, quase com os mesmos lábios daquela época distante, olhando de longe o lugar onde ela estava sepultada.

As pessoas dispersavam-se solenes e imponentes pelas aléias limpas, cujas curvas evasivas combinavam com o compasso triste das passadas. Aleksandr Aleksandrovitch levava Tônia pelo braço. Atrás deles seguiam os Krüger. Tônia ficava bem de luto.

As correntes que pendiam das cruzes das cúpulas e os muros cor-de-rosa do convento estavam salpicados pela geada parecida com mofo. Ao longe, no canto do pátio do convento — de parede a parede — estavam esticadas cordas de varais com roupas penduradas para secar — camisas com mangas intumescidas e pesadas, toalhas de mesa cor de pêssego, lençóis e mal

torcidos. Iúri olhou para aquele lado e identificou esse local, agora modificado pelas construções, como aquele onde o vento esbravejava naquela noite nas terras do convento.

Caminhava sozinho, com passo rápido, passando à frente dos outros e de vez em quando se detendo para aguardá-los. Em resposta ao vazio provocado pela morte nesse grupo que seguia devagar atrás dele, ele queria da mesma forma imperiosa pela qual a água passa pelo funil e vai para o fundo, sonhar e pensar, trabalhar as formas, produzir beleza. Agora, como nunca, estava claro para ele que a arte, sempre, ininterruptamente, ocupa-se de duas coisas. Ela, constantemente, reflete sobre a morte e, constantemente, cria, por esse meio, a vida. A grande e verdadeira arte é aquela que se denomina Sinceridade de Jonas e aquela que a finaliza.

Iúri presentia com um certo prazer que sumiria por um ou dois dias do horizonte familiar e universitário e introduziria nos versos do réquiem para Anna Ivanovna tudo que, naquele instante, lhe viesse à cabeça, todas as imagens que a vida lhe proporcionasse casualmente: dois ou três dos melhores traços da falecida; a imagem de Tônia de luto; algumas das observações que ouvira na rua a caminho do cemitério; a roupa estendida naquele local onde há muito tempo o vento esbravejara e ele, criança, chorara.

A hora do inevitável



1

Lara delirava na cama do quarto de Felizata Semionovna. Em torno dela cochichavam os Sventitski, o dr. Drovkov e o criado.

A casa vazia dos Sventitski estava mergulhada na escuridão e no meio da comprida galeria das salas brilhava na parede da pequena sala de estar apenas uma opaca lâmpada que lançava luz para a frente e para trás, ao longo de toda a extensão da galeria.

Por essa seqüência de aposentos caminhava, com passos raivosos e firmes, Victor Ippolitovitch, que mais parecia estar em sua própria casa que ser um visitante. Ele entrava no quarto para se informar do que estava ocorrendo; ou se dirigia para o lado oposto da casa, passando diante da árvore de Natal com colares prateados e chegava até a sala de jantar, onde a mesa se dobrava sob o peso das iguarias intactas. As taças verdes de vinho tilintavam quando do outro lado da janela passava uma carruagem pela rua, ou quando um camundongo corria rapidamente sobre a toalha de mesa, entre os pratos.

Komarovski estava furioso. Sentimentos contraditórios comprimiam seu peito. Que escândalo e que vergonha! Ele estava à beira da loucura. Sua situação era comprometedora. O incidente abalava sua reputação. Tinha que prevenir e abafar os mexericos a qualquer preço, antes que fosse tarde e, caso a notícia já se houvesse espalhado, cercear, apagar os boatos no mesmo instante do seu surgimento. Além disso, sentia novamente como era irresistível aquela moça ousada e louca. Ao primeiro olhar via-se que ela não era como as outras. Possuía algo especial. No entanto, ele estragara a vida dela de forma sensível e irreparável! E incessantemente Lara se

agitava, se rebelava e protestava na ânsia de reconstruir seu destino a sua maneira e recomeçar a existência.

Seria preciso, sob todos os pontos de vista, ajudá-la; quem sabe alugá-lhe um quarto, mas de maneira alguma tocar nela, ao contrário, afastar-se totalmente, ficar de lado sem deixar sombra, antes que acontecesse mais alguma coisa! Se não, sendo como era, podia ainda arranjar confusão, inventar sabe-se lá o quê!

Quanta preocupação ainda há pela frente! Por uma história dessas, não vão passar a mão na cabeça. A lei não cochila. Ainda era noite, não fazia nem duas horas que o caso ocorrera e a polícia já estivera lá. Komarovski fora até a cozinha dar explicações ao chefe do posto policial e tentar resolver tudo.

E, mais adiante, tudo isso ficará mais complicado. Serão necessárias provas de que Lara mirou nele e não em Kornakov. Mas não vai ficar só nisso. Uma parte da responsabilidade não recairá sobre Lara, mas ela será submetida a processo judicial pela parte restante.

Claro que ele, com todo seu poder, vai tentar impedir isso. E se o processo for aberto, conseguirá um laudo da perícia psiquiátrica sobre o estado de insanidade de Lara no momento do atentado e obterá assim o arquivamento do processo.

Com estes pensamentos, Komarovski começou a se acalmar. A noite passou. Faixas de luz começaram a penetrar pelas janelas, de um cômodo a outro, mirando por baixo das mesas e sofás, como ladrões ou avaliadores de casas de penhor.

Após entrar no quarto e se certificar que Lara não havia piorado, Komarovski saiu da casa dos Sventitski e foi procurar Rufina Onisimovna Voit-Voitkovskaia, uma conhecida advogada e mulher de emigrado político. O apartamento deles de oito cômodos estava acima de suas necessidades e posses. Ela alugava dois quartos. Um deles, liberado há pouco, Komarovski alugou para Lara. Algumas horas depois, ardendo em febre e delirando, Lara foi transferida para lá. Estava com febre nervosa.

Rufina Onisimovna era uma mulher avançada, inimiga de preconceitos, benevolente em relação a tudo que havia de "positivo e vital", como ela mesmo pensava e se expressava.

Em sua mesinha-de-cabeceira, havia um exemplar do Programa de Erfurt ^{30}, com dedicatória do autor. Em uma das fotografias pregadas na parede, seu marido, "meu bondoso Voit", aparecia flagrado numa passeata popular na Suíça junto com Plekhanov. Ambos estavam vestidos com ternos de alpaca e de chapéu.

Rufina Onisimovna, à primeira vista, não gostou de sua inquilina doente. Ela achou Lara terrivelmente fingida. As crises de delírio da moça pareciam-lhe verdadeiras representações. Rufina Onisimovna podia jurar que Lara estava interpretando a louca Margarida na masmorra ^{31}.

Rufina Onisimovna expressava o seu ódio em relação a Lara fazendo barulho. Ela batia as portas, cantava em voz alta, passando vertiginosamente por sua parte do apartamento, arejando durante o dia inteiro os seus cômodos.

Seu apartamento ficava no andar superior de uma grande casa na rua Arbat. As janelas desse andar, durante o inverno, se enchiam de um céu azul-claro, amplo como um rio em época de cheia. Desde a metade do inverno o apartamento ficava repleto de sinais e prenúncios da próxima primavera.

Pelo postigo da janela soprava um vento morno do sul; nas estações de trem as locomotivas vociferavam e Lara, doente, deitada em sua cama, se entregava nessas horas de ócio a recordações distantes.

Freqüentemente, lembrava-se da primeira noite em que chegaram a Moscou, vindo dos Urais, sete ou oito anos atrás, época de sua inesquecível infância.

Da estação ferroviária até o hotel, atravessaram Moscou inteira de caleça, passando por becos e travessas mal iluminadas. As luminárias se aproximavam e se distanciavam, lançando nas paredes dos prédios a sombra do cocheiro encurvado. A sombra crescia, crescia, atingia tamanhos sobrenaturais, cobria a calçada, os telhados e depois sumia.

No escuro, sobre as cabeças, badalavam os quarenta das quarenta ^{32}, no chão, com rumor, passavam as carruagens, mas as vitrines vibrantes e as luzes também ensurdeciam Lara, como se elas também emitissem sons, como os sinos e as rodas.

Lara ficou impressionada com uma melancia de tamanho inacreditável em cima da mesa, que lhes dava as boas-vindas de Komarovski à nova moradia. A melancia lhe parecia o símbolo do poder de Komarovski e de sua riqueza. Quando Víctor Ippolitovitch, com um golpe de faca, a partiu estalando sonoramente em dois pedaços, a maravilha verde-escura, redonda e com a polpa gelada e açucarada, Lara prendeu a respiração de pavor, mas não teve coragem de se recusar a comer. Com muito esforço engolia os pedaços rosados e aromáticos que, de tanto nervosismo, ficavam atravessados em sua garganta.

Pois este medo, diante da guloseima cara e da capital noturna, que depois se repetiu da mesma forma em seu medo diante de Komarovski, era o principal mistério de tudo o que acontecera. Mas agora ele estava irreconhecível. Não exigia nada, não dava sinais de sua existência nem aparecia. E sempre se mantendo à distância, de maneira distinta, oferecia sua ajuda.

Totalmente diferente era a visita de Kologrivov. Lara ficou muito feliz ao ver Lavrenti Mikhailovitch. Não por ser alto e elegante, mas graças à vivacidade e ao talento que esbanjava o visitante. Com seu olhar faiscante e sorriso inteligente, tomava conta da metade do cômodo que se tornara mais apertado. Ficava sentado, esfregando a mão, diante da cama de Lara. Quando era convocado a Petersburgo para o Conselho dos Ministros, conversava com os imponentes velhos como se eles fossem jovens bagunceiros dos cursos preparatórios. Porém ali, diante dele, estava deitada uma pessoa que recentemente fizera parte de seu lar, quase como sua filha de sangue e com quem, como com todos de sua casa, ele trocava, de passagem, olhares e observações rápidos (isso caracterizava a maravilhosa diferença de sua comunicação concisa e expressiva, e ambos sabiam disso). Ele não podia tratar Lara com indiferença, como se ela fosse uma pessoa adulta. Não sabia como falar-lhe sem ofendê-la e disse, sorrindo-lhe como para uma criança:

— O que foi que você aprontou, minha querida? Para que servem esses melodramas? — Ele calou-se e começou a observar as manchas úmidas no

teto e no papel de parede. Depois, censurando-a, balançou a cabeça e prosseguiu: — Em Dusseldorf será inaugurada uma exposição internacional... pinturas, esculturas, jardinagem. Estou fazendo as malas. Como é úmido aqui! E a senhorita pretende flunar durante muito tempo entre o céu e a terra? Pois é muita liberdade. Cá entre nós, esta madame Voit é uma calhorda. Eu a conheço. Mude-se. Chega de preguiça. Ficou doente mas já basta. Está na hora de se levantar. Troque de quarto, ocupe-se com os estudos, termine os cursos. Tenho um conhecido que é pintor. Está de partida para o Turquestão, onde ficará dois anos. Seu estúdio está atulhado, mas na verdade é um pequeno apartamento. Parece que ele está disposto a transferi-lo para boas mãos junto com o mobiliário. Se a senhorita quiser, posso ajeitar tudo. E depois, sabe o que mais? Vou falar agora seriamente. Há muito tempo eu queria, é uma obrigação sagrada... Desde que Lipa... Aqui tem uma pequena quantia, um prêmio pela formatura dela... Não, permita, permita... Não, imploro, não recuse... não, me desculpe, por favor...

E ao se retirar ele a obrigou, apesar de suas reclamações e lágrimas e até uma pequena briga, a aceitar dele um cheque no valor de dez mil rublos.

Restabelecendo-se, Lara mudou-se para o novo lar tão elogiado por Kilogrivov. Ficava perto do mercado Smolenski. O apartamento, uma construção antiga, ocupava a parte superior de uma pequena casa de pedra de dois andares. Na parte inferior havia um depósito comercial. Na casa moravam carroceiros. O pátio de paralelepípedos estava sempre coberto de aveia derramada e sujo de feno. Os pombos, arruinando, passeavam pelo pátio. Em bando barulhento, eles voavam nunca acima da janela de Lara. As vezes, pela calha de pedra do pátio corriam ratazanas.

Pacha ficou muito magoado. Enquanto Lara estava seriamente doente, não o deixaram vê-la. O que ele deveria sentir? Lara quisera matar uma pessoa que, aos olhos de Pacha, lhe era indiferente e depois encontrava-se sob a proteção desta mesma pessoa, vítima de seu atentado malsucedido? E isso tudo depois da memorável conversa na noite de Natal, à luz de velas. Se não fosse esse homem, Lara seria presa e julgada. Ele afastou de Lara o castigo

que a ameaçava. Graças a ele permaneceu no curso, estava sã e salva. Pacha se torturava e não conseguia entender.

Quando se sentiu melhor, Lara chamou Pacha e disse-lhe:

— Eu não presto. Você não me conhece, algum dia vou lhe contar. Não consigo falar, vê, me sufoco com as lágrimas. Mas me deixe, esqueça que eu existo, não mereço você.

Seguiram-se cenas de rasgar o coração, cada uma mais insuportável que a outra. Voitkovskaia — pois isso ocorreu quando Lara ainda estava na rua Arbat —, ao ver o rosto desolado de Pacha, corria até seus aposentos, jogava-se no sofá, torcia-se de eólicas de tanto gargalhar e dizia: "Ai, eu não consigo, não consigo! Isso, pode-se dizer, realmente... Ah-ah-ah! Um herói! Ah-ah-ah! Ieruslan Lazarevitch [{33}](#)!"

Para livrar Pacha da afeição que manchava sua honra, arrancá-la de vez pela raiz e colocar um fim a seus sofrimentos, Lara declarou a ele que o rejeitava decididamente, pois não o amava mais. Porém ela chorava tanto ao anunciar esta renúncia, que era impossível acreditar. Pacha desconfiava de todos os seus delírios, não acreditava numa só palavra dela, estava pronto a amaldiçoá-la e passar a odiá-la, mas amava-a perdidamente e tinha ciúmes de seus próprios pensamentos, da xícara na qual ela bebia, e do travesseiro no qual ela dormia. Para não enlouquecer, tinha que agir decidida e rapidamente. Por isso resolveram se casar sem demora, antes mesmo do término das provas. Havia a sugestão de se casarem no dia de *Krasnaia gorka* [{34}](#). O casamento, a pedido de Lara, foi novamente adiado.

Casaram-se no dia das Almas, no segundo dia da Santíssima Trindade [{35}](#), quando tiveram a certeza de que haviam passado com sucesso nas provas finais. Tudo foi organizado por Liudmila Kapitonovna Tchepurko, mãe de Túcia Tchepurko, colega de Lara no curso e que se formara junto com ela. Liudmila Kapitonovna era uma mulher bonita, de busto alto e voz baixa, era boa cantora e extremamente criativa. Além das superstições e crenças correntes e conhecidas, inventava uma série de outras.

Fazia um calor terrível na cidade quando Lara "colocou o véu e a grinalda", assim cantarolou baixinho Liudmila Kapitonovna enquanto arrumava Lara antes da partida, como se fosse o tom baixo da voz da cigana Varia Panina [{36}](#). As cúpulas douradas das igrejas e a areia fresca das aléias

de passeio eram de um amarelo ofuscante. As folhas verdes dos galhos de bétulas, cortados na véspera do dia de Pentecostes, estavam tristemente penduradas nas cercas das catedrais. As folhas, enroladas como tubinhos, pareciam queimadas. Era difícil respirar, e os olhos turvavam-se com o brilho do sol. Parecia que celebravam mil casamentos, pois todas as moças estavam com os cabelos frisados e vestidas com roupas claras, como as noivas, e todos os rapazes, em honra da festa, haviam colocado brilhantina nos cabelos e ternos pretos justos. Todos estavam agitados e com calor.

Lagodina, mãe de uma outra colega de Lara, jogou aos pés da noiva um punhado de moedas de prata, quando esta pisou no tapete, para proporcionar riqueza futura. Ludmila Kapitonovna, com o mesmo objetivo, aconselhou a Lara que fizesse o sinal-da-cruz, quando estivesse no altar, não com a mão descoberta, mas, sim, semicoberta com a pontinha da gaze ou renda do vestido. Depois disse a Lara que segurasse a vela bem alto, pois assim se tornaria a chefe em sua casa, sacrificando porém seu futuro em favor de Pacha. Lara abaixava a vela o máximo possível, o que de nada adiantou, pois, por mais que se esforçasse, sua vela ficava sempre mais alta que a de Pacha.

Da igreja, voltaram direto para a festa no estúdio do pintor, que fora reformado por Antipov. Os convidados gritavam "está amargo, não dá para beber" ^{37} e do outro lado respondiam gritando mais: "Tem que adoçar um pouco." Então os noivos, sorrindo timidamente, se beijavam. Ludmila Kapitonovna cantou para eles *Vinograd* com o refrão duplo "Deus lhes dê amor e conselho" e a canção *Desfaça-se a trança, soltem-se os cabelos loiros*.

Quando todos foram embora e eles ficaram sozinhos, Pacha sentiu um certo incômodo com o silêncio que se fez de repente. No pátio, em frente à janela de Lara, uma lâmpada acesa brilhava no poste, e por mais que Lara tentasse encobri-la com a cortina, uma faixa de luz fina como uma ripa de madeira passava através da fenda entre as duas partes da cortina. Esta faixa não deixava Pacha em paz, parecia que alguém o vigiava. Pacha percebia com terror que estava mais preocupado com a lâmpada do que consigo mesmo, com Lara e com seu amor por ela.

Durante esta noite, longa como a eternidade, aquele que até ontem fora o estudante Antipov — "Stepanida" e "*Krasnaia devitsa*", como o chamavam

seus colegas — conheceu alternadamente o auge do prazer e o fundo do desespero. Suas suspeitas eram despertadas pelas confissões de Lara. Ele perguntava e depois de cada resposta de Lara seu coração parava, parecia que estava caindo num abismo. Sua imaginação ferida não conseguia acompanhar o ritmo das novas descobertas.

Conversaram até de manhã. Na vida de Antipov nunca houve mudança mais surpreendente e repentina do que a dessa noite. Pela manhã, ele era outro homem, quase se admirando de continuar a ter o mesmo nome.

4

Dez dias depois, seus amigos organizaram uma despedida para eles no mesmo apartamento. Pacha e Lara terminaram de forma brilhante os estudos e receberam convite para a mesma cidade nos Urais, para onde deveriam partir na manhã seguinte.

Novamente beberam, cantaram e divertiram-se, mas desta vez somente os jovens, sem as pessoas mais velhas.

Atrás do biombo que separava as partes residenciais do grande estúdio, onde as visitas estavam reunidas, havia duas cestas que faziam parte da bagagem de Lara, uma grande e outra média. Havia também uma mala e uma caixa com a louça. No canto, estavam acomodados alguns sacos. Era muita bagagem. Uma parte dela seguiria no dia seguinte, pela manhã, de trem. Estava quase tudo pronto, mas ainda faltavam algumas coisas. A caixa e os cestos continuavam abertos, com bastante espaço por cima. Lara volta e meia lembrava-se de alguma coisa que levava para trás do biombo e ajeitava no cesto, acomodando as peças.

Pacha já estava em casa com as visitas quando Lara, que fora até o curso para apanhar a certidão de nascimento e alguns papéis, retornou acompanhada do vigia com uma esteira e um grande rolo de barbante forte e grosso para empacotar a bagagem, que seria enviada no dia seguinte. Lara despachou o vigia e, depois de cumprimentar as visitas apertando a mão de alguns e beijando outros, foi se trocar atrás do biombo. Quando apareceu de roupa trocada, todos bateram palmas, gritaram, se acomodaram e começou a algazarra, igual à do casamento alguns dias atrás. Os mais ativos começaram

a servir vodca a seus vizinhos, um festival de mãos, armadas com garfos, dirigiu-se ao centro da mesa para apanhar o pão e as comidas e aperitivos nas travessas. Depois de molharem a garganta, todos discursavam, grasnavam e diziam gracejos. Alguns ficaram bêbados rapidamente.

— Estou exausta — disse Lara, sentando-se ao lado do marido. — E você, conseguiu fazer tudo que queria?

— Sim.

— Mas mesmo assim estou me sentindo maravilhosamente bem. Estou feliz. E você?

— Eu também. Estou bem. Mas essa é uma conversa longa.

Na festa, excepcionalmente, foi permitida a presença de Komarovski. No final da noite ele disse que ficaria órfão depois da partida de seus novos amigos e que Moscou se transformaria para ele em um deserto do Saara. Mas estava tão emocionado que começou a soluçar e teve de repetir novamente a frase interrompida pela emoção. Ele pediu aos Antipov permissão para se corresponder com eles e visitá-los em Iuriatin, a nova residência dos jovens, caso não suportasse a separação.

— Isso já é demais — disse Lara sem consideração e em voz alta. — E sabe do que mais? Tudo isso é demais, corresponder-se, Saara, e por aí vai. E nem pense em ir nos visitar. Deus fará com que sobreviva sem nós, não somos únicos, não é verdade, Pacha? Talvez encontre substitutos para seus jovens amigos.

Esquecendo totalmente com quem e sobre o que estava falando, Lara lembrou-se de algo, levantou-se com pressa e foi até a cozinha. Lá ela desatarraxou o moedor de carne e começou a enfiar suas peças desmontadas nos cantos da caixa de louça, protegendo-as com chumaços de feno. Ao fazê-lo, quase machucou seu dedo com uma farpa que se soltou da caixa.

Ocupada com isso, ela esqueceu-se de que estava com visitas, deixou de ouvi-las, mas, de repente, elas deram sinal de vida com uma explosão de berros do outro lado do biombo. Lara pensou com que esforço os bêbados gostam de dissimular a embriaguez. Quanto mais bêbados maior é a ausência de talento e maior é o amadorismo.

Neste momento, um som diferente e especial, vindo do pátio através da janela, atraiu sua atenção. Lara afastou a cortina e debruçou-se na janela.

Uma égua manca, de patas presas com peias, se movimentava aos pulos pelo pátio. Não sabiam a quem pertencia a égua, que deve ter entrado no pátio por engano. Já estava completamente claro, mas ainda longe do nascer do sol. A cidade adormecida e quase morta estava mergulhada no frio cinza-lilás das primeiras horas do dia. Lara fechou os olhos. Só Deus sabe para que recanto perdido e encantamento bucólico a transportava aquele passo diferente de cavalo ferrado, que não se comparava a nada.

Tocaram a campainha. Lara apurou os ouvidos. Alguém da mesa se levantou para abrir. Era Nádia! Lara lançou-se ao encontro da recém-chegada. Nádia vinha direto da estação de trem, fresca, fascinante, parecia exalar aroma dos lírios de Duplianka. As amigas ficaram paradas, incapazes de dizer sequer uma palavra. Só choravam, se abraçavam e quase sufocaram uma à outra.

Nádia trouxe para Lara felicitações e recomendações de todos de casa. Seus pais mandaram uma jóia de presente para Lara. Nádia retirou da valise uma pequena caixinha embrulhada em papel, desembalou-a e, abrindo a tampa, entregou a Lara um colar de rara beleza.

Iniciaram-se os "ah" e "oh". Um dos bêbados, já um pouco sóbrio, disse:

— É uma zirconita rosa. É, sim, rosa, quem diria. É uma pedra nada inferior ao diamante.

Mas Nádia começou a discutir, dizendo que eram safiras amarelas.

Acomodando-a a seu lado e servindo-a, Lara colocou o colar junto de seus talheres e olhava para ele sem parar. Enrolado no forro violeta da caixa o colar brilhava, cintilava e parecia ora uma nuvem de gotas de orvalho, ora um cacho de uvas miúdas.

Algumas pessoas à mesa, entretanto, já haviam conseguido recobrar os sentidos. Elas beberam mais um cálice de vodca para acompanhar Nádia. Rapidamente deixaram Nádia bêbada.

Em breve a casa parecia um reino do sono. A maioria, prevendo a despedida na estação de trem no dia seguinte, ficou para pernoitar. A metade já roncava amontoada pelos cantos. A própria Lara não entendeu como fora parar toda vestida no sofá em que dormia Ira Lagodina.

Lara acordou devido a uma conversa em tom alto bem em cima de seu ouvido. Eram vozes de pessoas estranhas que vieram da rua e entraram no

pátio à procura da égua perdida. Lara abriu os olhos e levou um susto. "Este Pacha é mesmo incansável, fica parado feito um varapau no meio do quarto, mexendo em tudo." Neste instante, o suposto Pacha virou-se de frente para ela e Lara percebeu que não era Pacha, mas um monstro com o rosto todo bexiguento e uma cicatriz que descia das têmporas até o queixo. Foi então que ela entendeu que em sua casa havia entrado um ladrão, um assaltante. Quis gritar mas não conseguiu emitir sequer um som. De repente, ela se lembrou do colar e, às escondidas, erguendo-se nos cotovelos, olhou de soslaio para a mesa.

O colar estava em cima da mesa, entre as migalhas de pão e restos roídos de caramelos, pois o ladrão pouco esperto não o percebera entre o amontoado de restos de comida e somente revirava a bagagem, desarrumando todos os embrulhos de Lara. Ela, ainda tonta e sonolenta, mal entendia a situação e só tinha pena de ter todo o seu trabalho desfeito. Indignada, quis novamente gritar e novamente não teve forças para abrir a boca e mexer com a língua. Então, com força, deu uma joelhada no estômago de sua amiga Ira Lagodina, que dormia a seu lado. E quando a amiga soltou um grito de dor, Lara começou a gritar junto com ela. O ladrão deixou cair a trouxa com os objetos roubados e saiu correndo apressadamente do quarto. Alguns dos rapazes que acabaram por entender a situação, saltaram e correram atrás dele, mas o ladrão não deixou rastros.

A confusão ocorrida e a animada discussão serviram de sinal para todos se levantarem. A pontinha de tonteira de Lara passou num piscar de olhos. Inflexível com os pedidos para deixá-los dormir mais um pouco, Lara despertava os dorminhocos, dava-lhes café rapidamente e os mandava para casa até o reencontro na estação de trem, no momento da partida.

Quando todos foram embora, o trabalho se acelerou. Lara, com sua característica rapidez, corria de uma mala para outra e enfiava os travesseiros, fechava as correias e suplicava a Pacha e à mulher do vigia que não a ajudassem, para não atrapalhar.

Tudo correu como deveria e a tempo. Os Antipov não se atrasaram. O trem moveu-se suavemente, parecia imitar o movimento dos chapéus com os quais acenavam para eles em despedida. Quando pararam de acenar e gritaram algo três vezes ao longe (talvez "hurra"), o trem andou mais rápido.

Há três dias fazia um tempo detestável. Esse era o segundo outono da guerra. Após o sucesso do primeiro ano, começaram os fracassos. O Oitavo Exército de Brusilov, concentrado nos Cárpatos, estava pronto para fazer a travessia e invadir a Hungria, mas em vez disso recuava, impelido pela retirada geral. As tropas libertam Galícia ^{38}, ocupada desde os primeiros meses das ações militares.

O doutor Jivago, que antes era chamado de Iúri, agora cada vez mais era chamado pelo nome e patronímico. Ele estava no corredor do bloco de obstetrícia da clínica ginecológica, em frente à porta do quarto no qual foi acomodada sua recém-chegada mulher, Antonina Aleksandrovna. Ele se despediu dela e aguardava a chegada da parteira para combinar como seria avisado em caso de necessidade e como seria informado do estado de saúde de Tônia.

Tinha pouco tempo, estava com pressa para ir ao hospital e, além disso, deveria antes visitar dois doentes em casa e estava ali perdendo um tempo precioso. Olhava pela janela os traços de chuva, quebrados e inclinados pelo violento vento outonal, da mesma forma que a tempestade derrubava e misturava as espigas no campo.

Ainda não escurecera. Diante dos olhos de Iúri Andreevitch abriam-se os fundos da clínica, os terraços envidraçados das mansões em Devitchie Pole ^{39}, e o ramal do bonde elétrico, estendido até a entrada de serviço de um dos blocos do hospital.

A chuva jorrava da maneira mais exasperante possível, sem diminuir nem aumentar, apesar da fúria do vento que parecia se agravar à medida que aumentava a força da água que despencava sobre a terra. Rajadas de vento torturavam os brotos da parreira que cobria um dos terraços. O vento parecia desejar arrancar a planta inteira, suspendia-a, sacudia-a no alto e com desdém a deixava cair de novo, como farrapos esburacados.

Em frente ao terraço, aproximando-se da clínica, passou um vagão motorizado com dois reboques. Deles, começaram a retirar os feridos para dentro da clínica.

Nos hospitais de Moscou, superlotados, principalmente depois da Operação Lutskaia ^{40}, os feridos começaram a ser colocados nas áreas próximas das escadas e nos corredores. A superlotação geral dos hospitais da cidade começou a refletir-se nas condições das maternidades.

Iúri Andreevitch virou de costas para a janela e bocejou de cansaço. Sentia a cabeça vazia. De repente, se lembrou de algo. Na seção cirúrgica do hospital Crestovodvizhenskaia, onde ele trabalhava, há poucos dias morrera uma doente. Iúri Andreevitch afirmara que ela tinha equinococo hepático. Seu diagnóstico foi contestado. Hoje seria a autópsia, que revelaria a verdade. Porém, o chefe do serviço de autópsia do hospital era um bêbado inveterado. Deus sabia como faria o trabalho.

Escurecia rapidamente. Ficou impossível ver qualquer coisa do outro lado de fora da janela. Como num toque de varinha de condão, a luz elétrica acendeu-se em todas as janelas.

Do lugar onde estava Tônia, passando por um pequeno cômodo aquecido que separava o quarto do corredor, veio o médico-chefe do departamento, o ginecologista que parecia um mastodonte e que sempre respondia a todas as perguntas elevando o olhar para o céu e encolhendo os ombros. Esses movimentos, em sua linguagem de mímica, significavam que, por mais que existissem êxitos no conhecimento, havia, meu caro Horácio ^{41}, mistérios diante dos quais a ciência nada podia fazer.

Ele passou por Iúri Andreevitch, cumprimentando-o com um sorriso, e fez alguns movimentos de natação com as mãos inchadas e de palmas gordas, querendo dizer que era preciso esperar e se resignar. Dirigiu-se então ao corredor para fumar na recepção.

A assistente do ginecologista aproximou-se de Iúri Andreevitch. Contraditoriamente, ela era tão faladeira quanto seu chefe era mudo.

— Em seu lugar eu iria para casa. Telefone amanhã para o senhor no hospital Crestovozdvizhenskaia. Nada acontecerá antes. Tenho certeza de que o parto será natural, sem nenhum tipo de intervenção. Mas, por outro lado, há uma certa estreiteza na bacia, posição em testa do feto, e a ausência de dor e de contrações preocupam. No entanto, é cedo para fazer algum prognóstico. Tudo depende de como ela vai "trabalhar as contrações", quando começar o parto. E isso só o futuro dirá.

No dia seguinte, o vigia do hospital que atendeu seu telefonema e pediu que não desligasse, saiu para informar-se. Deixou-o esperando uns dez minutos e lhe trouxe em forma grosseira e insolente as seguintes notícias: "Mandaram dizer, diga a ele, me falaram, que ele trouxe a mulher cedo demais, tem que levá-la de volta." Iúri Andreevitch, furioso, exigiu que alguém mais informado fosse ao telefone. "Os sintomas são falsos", disse-lhe a enfermeira. "Não se preocupe, doutor, vai ter que esperar um dia ou dois."

No terceiro dia ele soube que as dores do parto começaram à noite, de madrugada estourou a bolsa d'água e pela manhã vieram as contrações fortes.

Desesperado, ele correu para a clínica e quando caminhava pelo corredor ouviu através da porta entreaberta, por acaso, os berros sobre-humanos de Tônia, iguais aos berros das pessoas que são retiradas de sob rodas de vagões com as extremidades esmagadas e mutiladas.

Ele não podia se aproximar dela. Mordendo até sangrar o dedo dobrado na junta, ele foi até a janela, por trás da qual caía a mesma chuva oblíqua da véspera e da antevéspera.

Do quarto, saiu a auxiliar de enfermagem do hospital. De lá, ouvia-se o choro do recém-nascido.

— Salva, está salva! — repetia alegremente Iúri Andreevitch.

— É um menino. Com um bom final de gravidez — dizia cantarolando a enfermeira. — Agora não pode. Na hora certa, o senhor o verá. Vai ter que gastar um bom dinheiro com a sua mulher. Ela sofreu muito com o primeiro parto. O primeiro é sempre um sofrimento. Merece um bom presente.

— Foi salva, foi salva — alegrava-se Iúri Andreevitch, sem entender o que dizia a enfermeira, que com suas palavras o incluía como participante do acontecido. Ao mesmo tempo ele se perguntava o que tinha a ver com isso. Pai, filho — ele não via motivo de orgulho nessa paternidade recebida como um dom, esse filho que caiu do céu deixava-o frio. Tudo isso era o exterior à sua consciência. O importante, o que contava era Tônia, Tônia que fora submetida a um perigo mortal e que felizmente sobreviveu.

Ele tinha um doente perto da clínica. Foi visitá-lo e voltou meia hora depois. As duas portas do corredor que davam para o quartinho aquecido e, mais em frente, a porta do quartinho para o quarto, estavam novamente

entreabertas. Sem ter consciência do fazia, Iúri Andreevitch entrou rapidamente no quartinho.

Com os braços abertos, parecendo ter saído do chão, apareceu diante dele o mastodonte-ginecologista, de jaleco branco.

— Aonde o senhor vai? — murmurou resmungando para não ser ouvido pela parturiente e deteu Iúri. — O senhor enlouqueceu? As feridas, o sangue, os anti-sépticos, sem falar o abalo psicológico. Vejam só! E ainda é médico.

— Mas eu... Eu só quero dar uma espiadinha. Daqui. Pela fresta.

— Ah, isso é outra coisa. Está bem. Pode olhar. Veja lá! Se ela perceber eu o mato, mato na mesma hora!

No quarto, de costas para a porta, estavam duas mulheres de jaleco, a parteira e a enfermeira. Nos braços da enfermeira estava um rebento humano, choroso e frágil, que se encolhia e se esticava como um pedaço de borracha vermelho-escura. A parteira colocava uma atadura no cordão umbilical, para separar a criança da placenta. Tônia estava no meio do cômodo, na mesa cirúrgica reclinável. Estava deitada bem no alto. A Iúri Andreevitch, que exagerava tudo devido à preocupação, pareceu que ela estava na altura de uma prancheta, sobre a qual se escreve de pé.

Levantada mais perto do teto do que costumam ficar os simples mortais, Tônia afundava na bruma das provações, ela parecia fumegar de esgotamento. Tônia elevava-se no meio da sala, da mesma forma que se elevaria na enseada a barca recém-atracada e descarregada que fazia travessias pelo mar da morte até o continente da vida com novas almas trazidas para cá, sabe-se lá de onde. Ela tinha acabado de fazer um desembarque de uma destas almas e agora estava ancorada, descansando, aliviada da carga. Com ela descansavam seu cordame fatigado, seu revestimento e seus esquecimentos, sua memória apagada sobre onde esteve há pouco, o que atravessou e como atracou.

E como ninguém conhecia a geografia do país, nem a bandeira sob a qual atracou, não se sabia em que língua falar com ela.

No serviço todos corriam para cumprimentá-lo.

— Como souberam tão rápido! — admirava-se Iúri Andreevitch. Ele foi até a sala dos médicos, que era chamada de botequim e buraco de lixo, pois devido ao seu pequeno tamanho, provocado pela superlotação do hospital,

agora, nesse quarto trocavam de roupa, tiravam as galochas, esqueciam aqui objetos trazidos de outras salas e jogavam nela pontas de cigarro e pedaços de papel.

Perto da janela da sala dos médicos, estava o chefe do serviço de autópsia. Levantando as mãos, ele observava contra a luz, por sobre os óculos, um líquido turvo no tubo.

— Parabéns — disse ele, continuando a olhar na mesma direção, sem sequer conceder a Iúri Andreevitch um olhar.

— Obrigado. Estou comovido.

— Não precisa agradecer. Não tenho nada a ver com isso. Autopsiei Pitchuzhkin. Mas todos estão impressionados. Equinococo. Isso é que é fazer um diagnóstico! Não falam de outra coisa.

Nesse instante entrou na sala o médico-chefe do hospital. Cumprimentou os dois e disse:

— Que diabos é isso! Parece um depósito de lixo e não a sala de médicos, que pouca vergonha! Sim, Jivago, imagine, é equinococo! O senhor tinha razão. Parabéns! Porém, tenho uma péssima notícia. Haverá novamente uma revisão em sua categoria. Desta vez será difícil defendê-lo. Existe uma deficiência terrível de pessoal médico-militar. Vai ter que cheirar um pouco de pólvora.

6

Os Antipov se acomodaram muito melhor em Iuriatin do que esperavam. Lá lembravam da família Guichard com carinho. Isso ajudou Lara a superar as dificuldades de uma mudança.

Lara estava absorta pelo trabalho e pelas preocupações. Cuidava da casa e da filhinha Katenka, de três anos. E por mais que se esforçasse, a ajuda da ruiva Marfutka, que trabalhava para os Antipov, era insuficiente. Larissa Fiodorovna se metia em todos os trabalhos de Pavel Pavlovitch e ainda lecionava no ginásio feminino. Lara trabalhava sem descanso e estava feliz. Essa era exatamente a vida com a qual sonhara.

Gostava de morar em Iuriatin, Era sua cidade natal. A cidade localizava-se à margem do grande rio Rinva ^{42}, navegável em seu curso médio e inferior, e era atravessada pela linha de uma das ferrovias dos Urais.

O sinal de aproximação do inverno em Iuriatin era dado pelos barqueiros, que retiravam seus barcos do rio e transportavam-nos em carroças até a cidade. Lá eram levados para os pátios onde hibernavam a céu aberto até a primavera. Os barcos emborcados, branqueando a terra no fundo dos pátios, significavam em Iuriatin a mesma coisa que a migração outonal dos pássaros ou a primeira neve, em outros lugares.

Um desses barcos, debaixo do qual brincava Katenka, como debaixo de um telhado bojudo de um galpão de jardim, ficava no pátio da casa alugada pelos Antipov e estava com seu fundo branco pintado virado para cima.

Larissa Fiodorovna gostava dos costumes do lugarejo, dos intelectuais com o forte sotaque setentrional carregado no "o", das suas botas de feltro, das suas blusas de flanela e da sua ingenuidade. Lara sentia atração pela terra e pelo povo simples.

Estranhamente, o filho do ferroviário de Moscou, Pavel Pavlovitch, revelou-se um intransigente habitante de capital. Ele era bem mais severo do que a mulher com os moradores de Iuriatin. A alienação e a ignorância deles o irritavam.

Agora, passado um tempo, descobriram que ele possuía a extraordinária capacidade de adquirir e conservar conhecimentos, mesmo obtidos de uma leitura superficial. Anteriormente, com a ajuda de Lara, já havia lido muito. Durante os anos de isolamento na província a sua leitura cresceu tanto que até Lara lhe parecia possuir poucos conhecimentos. Ele era muito superior no meio pedagógico que seus colegas de trabalho e reclamava que se sufocava entre eles. Nesses tempos de guerra, o patriotismo comum, formal e um tanto chauvinista, não correspondia às formas mais complexas que esses sentimentos assumiam em Antipov.

Antipov se formou no clássico. Ele lecionava latim e história antiga no ginásio. Mas dentro dele, de repente, despertou a paixão por matemática, física e ciências exatas, que estava adormecida. Como autodidata, ele dominou todas estas matérias em nível universitário. Sonhava com a primeira oportunidade de poder prestar as provas no distrito, transferir-se para alguma especialidade matemática e mudar-se para Petersburgo com a

família. Os intensivos estudos noturnos abalaram a saúde de Pavel Pavlovitch. Ele começou a sofrer de insônia.

Com sua mulher, tinha uma relação boa, porém complicada. Ela o reprimia com sua bondade e cuidados e ele não se permitia criticá-la. Ele se precavia para que nenhuma reclamação inocente sua deixasse transparecer alguma recriminação disfarçada. Por exemplo, sua origem plebéia e a dela mais aristocrata, ou que ela pertencera a outro antes dele. O medo de Lara desconfiar de algum pensamento injusto e insensato introduzia artificialidade na vida do casal. Cada um tentava ser mais generoso que o outro e com isso complicavam tudo.

Os Antipov estavam recebendo visitas, alguns professores, colegas de Pavel Pavlovitch, a diretora do ginásio onde Lara trabalhava, um participante do tribunal arbitrai, no qual Pavel Pavlovitch foi o conciliador, e outras pessoas mais. Todas elas, do ponto de vista de Pavel Pavlovitch, eram idiotas. Ele se surpreendia com o fato de Lara ser gentil com todos e não acreditava que ela pudesse sinceramente gostar de alguém.

Quando as visitas se foram, Lara durante muito tempo arejou e varreu a sala, lavou com Marfutka a louça na cozinha. E, depois de se certificar que Katenka estava bem coberta e de que Pavel Pavlovitch dormia, rapidamente se despiu, apagou a lâmpada e deitou-se ao lado do marido com a naturalidade de uma criança, levada para a cama da mãe.

Porém, Antipov, que fingia dormir, estava acordado. Tinha insônia, muito comum nos últimos tempos. Ele sabia que ficaria rolando na cama, sem sono, mais três ou quatro horas. Para atrair o sono e se livrar do cheiro de fumo, deixado pelas visitas, ele levantou-se silenciosamente e de *chapka* e sobretudo por cima da roupa íntima, saiu à rua.

Fazia uma clara e fria noite outonal. Sob os pés de Antipov, estilhaçavam-se sonoramente frágeis placas de gelo. O céu estrelado, como uma chama de álcool acesa, iluminava, com um reflexo móvel azul-claro, a terra negra com torrões de sujeira congelados.

A casa em que moravam os Antipov localizava-se no lado da cidade oposto ao cais. A casa era a última da rua. Depois dela começava o campo. A estrada de ferro o cruzava. Perto da linha do trem ficava a guarita. Nos trilhos havia uma passagem de nível.

Antipov sentou-se no barco emborcado e olhou as estrelas. As idéias com as quais havia se acostumado nos últimos anos tomaram conta dele com uma força inquietada. Ele pensou que, mais cedo ou mais tarde, elas deveriam ser levadas até o fim e que era melhor fazer isso hoje.

Aquilo não podia continuar assim, pensava. Tudo isso podia ter sido previsto, mas agora era tarde. Porque Lara lhe permitira, quando criança, que ele a admirasse tanto a ponto de fazer dele o que queria? Por que ele não teve o bom senso de recusá-la, quando ela mesma insistia nisso, no inverno antes do casamento? Será que não percebera que ela não o amava, mas sim à tarefa generosa que ela desempenhava em relação a ele, ao seu heroísmo personificado? O que existe de comum entre esta missão inspirada e louvável e a atual vida familiar? O pior é que, até hoje, ele ainda a amava com a mesma força. Ela é loucamente linda. Mas será que isso não é amor e sim uma embaraçosa gratidão diante da beleza e da generosidade dela? Ah, vá entender isso! É uma confusão dos diabos.

Que fazer, então, nesse caso? Livrar Lara e Katenka desta falsidade? Isso era até mais importante do que libertar-se a si próprio. Sim, mas como? Divorciar-se? Afogar-se? "Ah, que horror", indignou-se. "Eu nunca faria isso. Então para que pensar e divagar sobre estas coisas abomináveis?"

Ele olhou as estrelas, parecendo pedir-lhes a resposta. Elas brilhavam, agrupadas e esparsas, graúdas e pequenas, azuis e com as cores do arco-íris. De repente, encobrendo o brilho delas, o pátio, a casa, o barco e Antipov sentado sobre ele foram iluminados por uma luz brusca e agitada, como se alguém corresse do campo até os portões, balançando uma tocha acesa. Era o trem militar que, jogando ao céu turbilhões de fumaça amarela e de fogo, cruzava a passagem de nível em direção ao ocidente. Inúmeros trens passavam por ali, de dia e de noite, desde o ano passado.

Pavel Pavlovitch sorriu, levantou-se do barco e foi dormir. Encontrara a saída.

Larissa Fiodorovna ficou aturdida e de início não acreditou no que ouvira, quando soube da decisão de Pacha. "Um absurdo. Mais um

capricho", pensou ela. "Melhor não dar atenção a isso, ele vai esquecer por si próprio."

Mas ficou sabendo que o marido já estava se preparando há duas semanas, os papéis já estavam no departamento militar, no ginásio já havia um substituto e de Omsk veio a notificação de sua admissão na academia militar da referida cidade. Chegou a hora da partida.

Lara se debulhou em lágrimas como uma campônia e, agarrando Antipov pelas mãos, rastejava a seus pés.

— Pacha, Pachenka — gritava ela —, como pode deixar a mim e Katenka? Não faça isso, não faça! Não é tarde. Eu ajeito tudo. Você não foi examinado como se deve pelo médico. Com o seu coração! Não tem vergonha? Sacrificar a família por causa de uma loucura? Como voluntário! Passou a vida inteira rindo de Ródia, aquele tipo vulgar, e de repente ficou com inveja! Ficou com vontade de fazer o sabre tinir, tornar-se um oficial. Pacha, o que há? Não estou reconhecendo você! Mudaram você ou enlouqueceu? Diga-me, por favor, diga com sinceridade, por Cristo, sem frases decoradas, é disso que a Rússia precisa?

Subitamente, ela entendeu que o problema era completamente outro. Incapaz de perceber as particularidades, descobrira o essencial. Compreendeu que Patúlia estava confuso a respeito da relação dela com ele. Ele não avaliou o sentimento maternal que ela a vida inteira cultivara em seu carinho por ele, e nem adivinhava que um amor assim é maior que um simples amor de mulher.

Ela mordeu os lábios e se arrepiou toda por dentro, como se tivesse levado uma surra e em silêncio, engolindo as lágrimas, começou a fazer as malas do marido.

Quando ele partiu, pareceu-lhe que a cidade inteira silenciou e que até mesmo a quantidade de gralhas que cruzavam o céu era menor. "Senhora, senhora", chamou Marfutka sem obter resposta. "Mamãe, mamãe", balbuciava Katenka insistentemente, puxando-a pelas mangas.

Fora a mais séria derrota em sua vida. As suas melhores e mais belas esperanças desabaram.

Pelas cartas da Sibéria, Lara sabia tudo sobre o marido. Cedo, a lucidez voltou a ele. Sentia saudades da mulher e da filha. Alguns meses depois,

Pavel Pavlovitch foi promovido antecipadamente a sargento e, da mesma forma inesperada, designaram-no para o teatro de guerra. Passou bem longe de Iuriatin e em Moscou não teve tempo de se avistar com ninguém.

Começaram a chegar suas cartas da frente de combate, mais animadas e menos tristes do que as que vinham quando estava na academia de Omsk. Antipov desejava se destacar para ser agraciado por algum mérito militar, ou por um ferimento leve solicitar uma licença para visitar a família. Surgiu a primeira possibilidade. Depois do recente rompimento da linha de frente, que posteriormente ficou conhecido como Brusilovski, o exército passou ao ataque. As cartas pararam de chegar. No início isso não preocupou Lara. Ela justificava o silêncio de Pacha com o desenvolvimento de ações militares e com a impossibilidade de escrever em plena marcha.

No outono, a movimentação do exército foi paralisada. As tropas se entrincheiraram. No entanto, Antipov continuava sem escrever. Larissa Fiodorovna começou a ficar preocupada, solicitava informações, de início em Iuriatin, depois pelo correio em Moscou e na frente, e como antes, pelo correio militar. Ninguém dava qualquer informação, não vinha resposta de lugar algum.

Como muitas mulheres que realizavam trabalhos beneficentes na província, Larissa Fiodorovna desde o início da guerra prestava assistência no hospital militar, instalado dentro do hospital de Iuriatin.

Agora ela se preocupava seriamente em aprender as noções básicas da medicina e prestou, ali mesmo no hospital, a prova para se tornar enfermeira.

Nesta qualidade, ela se licenciou por meio ano do trabalho no ginásio, deixou o apartamento em Iuriatin aos cuidados de Marfutka e foi para Moscou com Katenka nos braços. Lá, acomodou a filha na casa de Lipotchka. O marido dela era o cidadão alemão Friesendank, que havia sido internado junto com outros presos civis em Ufa.

Certificando-se do fracasso de suas buscas à distância, Larissa Fiodorovna resolveu transferi-las para o local dos últimos acontecimentos. Com este objetivo ingressou como enfermeira no trem sanitaria que se dirigia através da cidade de Liski para Mezo-Laborczh ^{43}, na fronteira com a Hungria. Esse era o nome do lugar de onde Pacha lhe escreveu a última carta.

O comboio, equipado com as doações do Comitê Tatiana ^{44} de ajuda aos feridos, chegou ao estado-maior da frente. No vagão de primeira classe do comprido trem, composto também de feios vagões de carga adaptados para transportar pessoas, vieram as visitas — personalidades de Moscou com presentes para os soldados e oficiais. Entre eles estava Gordon. Ele ficou sabendo que o hospital militar da divisão, no qual, segundo o informaram, trabalhava o seu amigo de infância Jivago, ficava numa aldeia próxima.

Gordon conseguiu a autorização necessária para poder se deslocar na zona de combate e, com a permissão nas mãos, foi visitar o amigo, num coche que ia para aqueles lados.

O cocheiro, bielo-russo ou lituano, falava mal o russo. O medo de espões reduzia todas as palavras a chavões burocráticos, conhecidos antes mesmo de serem pronunciados. A sinceridade das conversas era de fachada e por isso não se dispunha a puxar assunto. A maior parte do tempo, o viajante e o condutor ficaram calados.

No quartel-general, onde costumavam-se movimentar exércitos inteiros, as distâncias eram medidas com travessias de mais de mil quilômetros, daí afirmarem que a aldeia ficava perto, a vinte ou vinte e cinco quilômetros. Mas na realidade eram oitenta até lá.

Por todo o caminho, do lado do horizonte, à esquerda deles, ouviam-se trovoadas e estrondos. Gordon, em toda sua vida, jamais testemunhara um terremoto. Porém, definiu com precisão que as detonações sombrias, distantes e quase imperceptíveis da artilharia inimiga eram comparáveis aos abalos subterrâneos e rumores vulcânicos. Quando anoiteceu, a parte inferior do céu daquele lado explodiu num fogo crepitante e cor-de-rosa, que não se apagou até o amanhecer.

O cocheiro levava Gordon através de aldeias destruídas. Uma parte delas foi abandonada pelos moradores. Em outras, as pessoas abrigavam-se nos porões, bem fundo na terra. As aldeias em ruínas assemelhavam-se a um amontoado de lixo e cascalho que se estendia na mesma linha onde ficavam

as casas anteriormente. Os povoados queimados podiam ser observados de uma ponta a outra, como descampados sem vegetação. Sobre as casas destruídas, velhas, vítimas dos incêndios, cada qual em sua própria montanha de cinzas, escavavam algo que a toda hora escondiam em algum lugar e se imaginavam protegidas de olhares alheios, como se ao redor delas estivessem ainda as antigas paredes. Elas viam Gordon, acompanhavam-no com o olhar e pareciam perguntar: será que as pessoas, no mundo, recuperarão o bom senso e a vida retornará à paz e à ordem?

À noite, diante dos viajantes surgiu uma patrulha montada. Mandaram que voltassem pela estrada de terra e contornassem o lugar por um povoado dos arredores. Eles perderam duas horas. Antes do amanhecer, o viajante chegou a um povoado com o nome fornecido. Lá, nada sabiam sobre o hospital militar. Logo esclareceu-se que na região havia duas aldeias com o mesmo nome e era a outra que procuravam. Pela manhã, chegaram ao destino. Quando Gordon passava pelas redondezas, exalava-se o cheiro de camomila medicinal e iodofórmio; ele decidiu não ficar para pernoitar na casa de Jivago mas sim passar o dia com ele e partir de volta para a estação ferroviária, onde ficaram os companheiros de viagem. As circunstâncias retiveram-no ali por mais de uma semana.

9

Naqueles dias, a frente ficou agitada. Ocorriam mudanças repentinas. Na direção do sul da localidade onde estava Gordon, uma de nossas unidades, com um ataque feliz de suas companhias, rompeu as posições reforçadas do inimigo. Desenvolvendo seu combate, o grupo de ataque tomava cada vez mais posições. Atrás do grupo seguiam divisões auxiliares que ampliavam a brecha. Atrasando pouco a pouco, elas ficaram para trás do grupo de vanguarda. Por isso, foram feitos prisioneiros. Nestas circunstâncias, foi preso o sargento Antipov, forçado a entregar sua companhia.

Sobre ele corriam boatos. Uns o consideravam morto, pois teria ficado encoberto pela terra, na cratera aberta por um projétil. Essa versão, transmitida por um seu conhecido, o alferes Galiullin, que pertencia ao mesmo regimento e que, diziam, viu a sua morte pelo binóculo do ponto de observação, quando Antipov partiu para o ataque com seus soldados.

Diante dos olhos de Galiullin, ocorreu o espetáculo costumeiro de uma companhia em ataque. Ela teria de atravessar, a passos rápidos, quase correndo, o campo outonal, coberto pela losna seca e crescida que balançava ao vento e pelo cardo imóvel, espinhoso e erguido para o alto, que separava os dois exércitos. Com atrevimento e bravura, os soldados de ataque deveriam atrair para a luta corpo-a-corpo, ou cobrir de granadas e aniquilar os austríacos, escondidos nas trincheiras opostas. O campo parecia infinito. A terra andava sob seus pés como um pântano movediço. No início, na frente e, depois no meio e junto com todos corria o sargento, balançando o revólver no alto da cabeça, gritando "hurra" com toda sua força e com a boca rasgada até quase as orelhas. Porém, nem ele e nem mesmo os soldados que corriam ao seu redor ouviam-no. A intervalos regulares, os que corriam se jogavam na terra, levantavam-se juntos e reanimados com os gritos corriam adiante. A cada vez, junto com eles, mas de maneira bem diferente, tombavam, como altas árvores derrubadas, soldados atingidos que não levantavam mais.

— Projéteis de longo alcance. Telefonem para a bateria — disse Galiullin ao oficial a seu lado. — Não. Eles agiram corretamente ao levar o fogo para mais distante.

Nesta hora, a tropa em ataque se aproximou do inimigo. O fogo cessou. No silêncio que se estabeleceu, o coração dos que estavam no posto de observação palpitou nítido e forte, parecia que eles estavam lá no lugar de Antipov, levando as pessoas até a trincheira austríaca para, no minuto seguinte, demonstrar as maravilhas da esperteza e valentia. Nesse instante, na frente deles explodiram, um após o outro, dois projéteis alemães de 400mm. Colunas negras de terra e fumaça cobriram o que aconteceu depois.

— Por Alá! Pronto! Acabou a festa! — murmurou Galiullin com os lábios empalidecidos, achando que o sargento e os soldados estavam mortos. O terceiro projétil caiu bem ao lado do posto de observação. Agachados ao máximo no chão, todos se apressaram em sair dali.

Galiullin dormia no mesmo abrigo que Antipov. Quando, no regimento, admitiram a idéia de que ele estava morto e não mais retornaria, confiaram a Galiullin, que conhecia bem Antipov, a guarda de todos os seus pertences para futuramente entregá-los à sua mulher, da qual havia inúmeras fotos entre os objetos pessoais de Antipov.

Voluntário e recém-promovido a sargento, o mecânico Galiullin, filho de Gimazetdin, que era o vigia do prédio de Timerzinski e que num passado não muito distante fora aprendiz de torneiro e apanhava de seu superior Khudoleev, devia sua promoção ao seu antigo carrasco.

Ao se tornar sargento, Galiullin, não se sabe como e sem desejar isso, foi parar em um lugar aconchegante e humilde, numa das guarnições da retaguarda em um lugarejo distante. Lá, ele comandava um grupo de semi-inválidos, com os quais os instrutores-veteranos, tão decrepitos quanto eles, passavam em revista as fileiras esquecidas. Além disso, Galiullin verificava se eles estavam colocando os sentinelas de maneira correta nos depósitos de logística. Era uma vida sem preocupações, nada mais se exigia dele. Foi quando, inesperadamente, com um reforço de velhos voluntários provenientes de Moscou, chegou, para ficar sob suas ordens, Pert Khudoleev, a quem conhecia tão bem.

— Ah, velhos conhecidos! — disse Galiullin, sorrindo carrancudo.

— Sim, senhor — respondeu Khudoleev, batendo continência em posição de sentido.

Mas isso não poderia terminar de maneira tão simples. Logo à primeira falha, o sargento berrou com seu subordinado e, quando lhe pareceu que o soldado não estava olhando para a frente e sim para o lado, em direção indefinida, estalou com um soco seus dentes e mandou-o para o xadrez, deixando-o a pão e água durante dois dias.

Agora, cada movimento de Galiullin tinha cheiro de vingança pelo passado. Mas acertar as contas desta maneira, em condições de subordinação ao cassetete, era um jogo sem perdedores e ignóbil. O que fazer? Ficarem os dois no mesmo local era impossível. Porém, com que argumento e para onde se poderia transferir o soldado da unidade a que fora designado, sem entregá-lo ao batalhão disciplinar? Por outro lado, que motivos poderia inventar Galiullin para solicitar a sua própria transferência? Alegando tédio e inutilidade do serviço na guarnição, Galiullin pediu permissão para ir para a frente de combate. Com isso podia mostrar suas qualidades e quando em outra ação militar demonstrou novos talentos, revelou-se um excelente oficial e em breve foi promovido de sargento a alferes.

Galiullin conhecia Antipov desde os tempos de Tiverzin. Em 1905, quando Pacha Antipov morou seis meses com os Tiverzin, Iusupka o visitava e brincava com ele nos feriados. Lá, naquela época, viu Lara duas ou três vezes. Desde então não soube mais nada sobre eles. Quando Pavel Pavlovitch veio de Iuriatin para o regimento deles, Galiullin ficou admirado com a mudança ocorrida com o velho colega. O risonho menino almofadinha e brincalhão, tímido como uma menina-moça, transformara-se num homem amargo, nervoso e um poço de ciência. Era inteligente, muito corajoso, calado e malicioso. De tempos em tempos, olhando para ele, Galiullin podia jurar que via no pesado olhar de Antipov, como no fundo de uma janela, uma segunda pessoa, uma idéia fixa: talvez a saudade da filha ou o rosto da mulher. Antipov parecia enfeitiçado, como num conto de fadas. E agora ele morreu e nas mãos de Galiullin ficaram papéis e fotos de Antipov e o segredo de sua transformação.

Mais cedo ou mais tarde, os pedidos de informações de Lara deveriam chegar a Galiullin. Ele queria responder. Mas os dias eram árduos. Ele não tinha condições de responder de maneira honesta. Queria prepará-la para o golpe que a aguardava. Assim adiava a toda hora a grande e consistente carta até que soube que ela estava em algum lugar na frente como enfermeira. E agora não sabia mais o local para onde endereçar a carta.

10

— E então? Hoje teremos cavalos? — indagou Gordon a Jivago quando este chegava para almoçar na isbá galiciana na qual estavam alojados.

— De que cavalos está falando? E para onde você iria quando não dá para ir nem para a frente nem para trás? Está uma tremenda confusão ao redor. Ninguém entende nada. No sul, contornamos pelo flanco ou rompemos as linhas dos alemães em vários locais e, em consequência, dizem que algumas de nossas unidades isoladas ficaram cercadas. No norte, os alemães atravessaram o rio Sventoji, que era considerado intransponível. Essa cavalaria parece um exército em número de efetivos. Eles destroem estradas de ferro e depósitos e, acho, estão armando um cerco contra nós. Veja só que quadro. E você falando de cavalos. Vamos logo, Karptchenko, sirva logo, mexa-se e vá embora. O que temos hoje? Ah, pés de vitela? Maravilha!

A unidade sanitária, com o hospital e todas as seções sob sua administração, estava espalhada pela aldeia miraculosamente poupada. Suas casas, que reluziam à maneira ocidental, com janelas estreitas e com inúmeros batentes da altura da parede, foram conservadas até o último projétil.

Começou o veranico — os últimos dias claros do outono dourado e quente. De dia, os médicos e os oficiais abriam as janelas, matavam as moscas, que em enxames negros rastejavam pelos batentes e pelo forro branco do pé-direito baixo e, de túnicas e camisas desabotoadas, cobriam-se de suor queimando-se com sopas e chás quentes. À noite, sentavam-se de cócoras diante das tampas dos fornos, sopravam o carvão que se apagava embaixo da lenha úmida que não queimava e, com os olhos cheios de lágrimas por causa da fumaça, xingavam os ordenanças que não sabiam acender o fogo direito.

A noite estava tranqüila. Gordon e Jivago estavam deitados um em frente ao outro em bancos de paredes opostas. No meio deles havia a mesa de almoço e uma janela comprida e estreitinha que se estendia de parede a parede. O quarto estava muito aquecido e enfumaçado de cigarro. Eles abriram na janela as duas frestas laterais e aspiraram o frescor noturno outonal, que embaçava os vidros.

Como de costume, conversavam como haviam feito todos estes dias e noites. Como sempre, o horizonte flamejava rosado do lado da frente de combate e quando no trovejar regular e incessante do bombardeio ouviam-se golpes mais graves, distintos, e que pareciam deslocar a terra ao longe para os lados, Jivago interrompia a conversa em respeito ao som, fazia uma pausa e dizia:

— É "Berta", o obus alemão de dezesseis polegadas. Pesa mais de sessenta *pud* ^{45} o brinquedo. — Depois retomava a conversa, esquecendo-se do que estavam falando.

— Que cheiro é esse que tem a aldeia? — perguntava Gordon. — Percebi desde o primeiro dia. É tão adocicado e repugnante. Parece ser de ratos.

— Ah, sei de que você está falando. É o cânhamo. Tem muito por aqui. A própria planta de cânhamo exala um aroma enjoativo e insuportável de carniça. Além disso, nas regiões de ações militares, quando os mortos caem,

ficam lá durante muito tempo sem ser descobertos e começam a se decompor. O cheiro cadavérico é muito comum aqui, é natural. De novo a "Berta". Está ouvindo?

Durante estes dias eles falaram sobre tudo. Gordon sabia o que seu colega pensava da guerra e do espírito da época. Iúri Andreevitch lhe contou com que dificuldade se acostumara à lógica sanguinária do aniquilamento mútuo, à aparência dos feridos, em particular com os horrores de alguns ferimentos de armas mais modernas, aos sobreviventes mutilados, transformados pela técnica atual de combate em pedaços de carne deformados.

Todo dia, Gordon ia a algum lugar acompanhando Jivago e, graças a ele, via alguma coisa. Ele, é claro, reconhecia a imoralidade da observação ociosa da coragem alheia, do esforço sobre-humano que outros faziam para vencer o medo da morte e do quanto sacrificavam e arriscavam por isso. Porém, suspiros inertes e incoerentes por causa disso não lhe pareciam nem um pouco mais éticos. Achava que era preciso se comportar honesta e naturalmente de acordo com a situação em que a vida nos coloca.

Desmaiar ao ver feridos é possível, ele próprio já o havia experimentado durante uma viagem às forças volantes da Cruz Vermelha, que funcionavam a oeste deles, no posto de socorro localizado quase na linha de frente.

Eles chegaram à clareira de uma floresta enorme, destruída em grande parte pelo fogo da artilharia. Em um arbusto quebrado e pisoteado, estavam largadas e viradas para baixo dianteiras de canhão despedaçadas e deformadas. Um cavalo selado estava amarrado a uma árvore. Metade do telhado da casa de madeira da guarda florestal, que se avistava ao fundo, havia sido destruído. O posto de socorro localizava-se na administração da guarda florestal, em duas grandes tendas cinzas, montadas a caminho da casa da guarda, no meio da floresta.

— Não deveria ter trazido você para cá — disse Jivago. — As trincheiras estão bem perto, a um quilômetro e meio ou dois, nossas baterias estão ali, atrás dessa floresta. Está ouvindo o barulho? Não se faça de herói, por favor. Está assustado, mas é natural. A cada minuto a situação pode mudar. As bombas vão começar a cair aqui.

No chão, próximos à trilha da floresta, estavam soldados jovens e cansados, as pernas estendidas com botas pesadas, deitados de bruços ou de

costas com as camisas suadas no peito e nas espáduas — era o que restava da divisão. Eles foram retirados do combate que já durava quatro dias e enviados para a retaguarda, para um curto descanso. Os soldados, deitados, pareciam petrificados; não tinham forças nem para sorrir ou xingar e nenhum virou a cabeça quando, ao fundo da floresta, do lado da estrada, ouviu-se o barulho de algumas charretes que se aproximavam rapidamente. Eram as carruagens sem molas que, pulando para cima e para baixo, terminavam de quebrar os ossos dos pobres coitados, revirando-lhes as tripas. Elas traziam os feridos para o posto, onde estes recebiam os primeiros socorros, eram enfaixados às pressas e, em casos extremos, operados de emergência. Todos eles, em uma quantidade aterrorizante, foram retirados do campo em frente às trincheiras fazia meia hora, quando o fogo cessou durante um curto espaço de tempo. Uma boa parte deles estava inconsciente.

Quando as charretes se aproximaram da varanda da casa da administração de lá desceram sanitaristas com as macas e começaram a descarregá-las. De dentro de uma tenda, segurando as abas de entrada com a mão, apareceu uma enfermeira. Não era seu turno. Ela estava de folga. Na floresta, atrás da tenda, duas pessoas discutiam em voz alta. A floresta fresca e alta ressoava o eco das vozes, porém não se distinguiam as palavras. Quando trouxeram os feridos, as pessoas que discutiam voltaram à estrada e se dirigiram à administração. Um oficialzinho de cabeça quente gritava com o médico do destacamento, tentando arrancar dele para onde se transferira o parque da artilharia, que antes estava acampado ali na floresta. O médico não sabia de nada, aquilo não era de sua conta. Ele pedia ao oficial que o deixasse em paz e não gritasse, pois haviam chegado muitos feridos e ele tinha muito trabalho a fazer. Mas o oficial não se continha, xingava a Cruz Vermelha, o departamento de artilharia e todo mundo. Jivago se aproximou do médico. Eles se cumprimentaram e entraram na administração. O oficial, com um pequeno sotaque tártaro, continuando a xingar em voz alta, desamarrou o cavalo da árvore, montou-o e galopou pela trilha para dentro da floresta. A enfermeira só olhava.

De repente, seu rosto se desfigurou de susto.

— O que estão fazendo? Enlouqueceram? — gritou para dois soldados levemente feridos, que caminhavam sozinhos, sem apoio, entre as macas para fazer o curativo. Saiu correndo da tenda em direção a eles.

Em uma das macas carregavam um pobre infeliz, terrivelmente desfigurado. Um estilhaço lhe havia destroçado o rosto, transformando em um mingau sangrento sua língua e dentes, mas não o matou. Uma lasca de ferro estava alojada no maxilar, no lugar da bochecha dilacerada. Com um fio de voz nada humano o mutilado emitia gemidos curtos e entrecortados, que podiam ser entendidos como uma súplica para que o matassem e interrompessem seus sofrimentos prolongados e inconcebíveis.

Pareceu à enfermeira que os soldados levemente feridos, que caminhavam ao seu lado, impressionados com os gemidos, queriam retirar com as próprias mãos a horrível lasca de ferro enfiada na bochecha do coitado.

— O que fazem? Não se faz isso! Somente o cirurgião, com instrumentos especiais. Se for o caso. (Meu Deus, Deus, leve-o, não me faça duvidar de Sua existência!)

No minuto seguinte, ao ser levado para a varanda, o desfigurado gritou, seu corpo estremeceu e ele exalou o último suspiro.

O falecido desfigurado era o soldado da reserva Gimazetdin, o oficial que gritava na floresta era seu filho, o alferes Galiullin, a enfermeira era Lara, as testemunhas Gordon e Jivago. Todos eles estavam juntos, próximos uns dos outros, alguns não se reconheceram, outros nunca se haviam conhecido; certos caminhos do destino permaneceram ocultos, outros, para que se revelassem, deveriam aguardar a revelação até o próximo acaso, até um novo encontro.

Naquele setor, de maneira impressionante, conservaram-se as aldeias. Elas compunham, inexplicavelmente, uma ilhazinha intacta no meio de um oceano de destruições. Gordon e Jivago retornaram à noite para casa. O sol se punha. Em uma das aldeias por onde passaram, um jovem cossaco, sob animadas gargalhadas dos presentes, jogava para cima uma moeda de cobre e obrigava um judeu velho de barba branca, vestido com uma longa sobrecasaca, a apanhá-la. O velho, invariavelmente, deixava a moeda cair. A moeda passava por seus dedos abertos e caía na lama. Quando o velho se

agachava para pegar a moeda, o cossaco batia em seu traseiro, enquanto os presentes, com as mãos na barriga, choravam de tanto rir. Essa era a diversão. Por enquanto era inofensiva, mas ninguém poderia garantir que não tomaria rumos mais drásticos. Da casa, no lado oposto, saiu correndo uma velhinha, a mulher do judeu. Ela gritava, estendia as mãos para o velho e depois voltava a se esconder na casa com medo. Pela janela, duas meninas olhavam para o avô e choravam.

O cocheiro, que achou tudo isso muito engraçado, obrigou os cavalos a andarem a passo para os senhores poderem se divertir. Mas Jivago chamou o cossaco, censurou-o severamente e ordenou que parasse com a brincadeira de mau gosto.

— Pois não, senhor — respondeu ele prontamente. — Não foi com má intenção, só para a gente se divertir.

No resto do caminho, Gordon e Jivago permaneceram calados.

— Isso é horrível — disse Iúri Andreevitch, ao avistar sua aldeia. — Você não pode imaginar como é grande o cálice de sofrimento que os judeus tiveram de engolir nesta guerra. E ela acontece justamente no território de maior concentração deles. E como compensação pelo que passaram, pelo que sofreram, pelos saques e ruínas, pagam-lhes com o *pogrom*, achincalhes e acusações de que não são patriotas o suficiente. O que fazer se os nossos inimigos lhes dão todos os direitos e entre nós são submetidos a perseguições? Nosso próprio ódio por eles, seu fundamento, é contraditório. O que irrita é exatamente aquilo que deveria emocionar e criar simpatia: sua pobreza e tristeza, sua fraqueza e incapacidade de revidar os golpes. Incompreensível. Há algo de fatal nisso.

Gordon nada respondeu.

Novamente estavam deitados dos dois lados da janela estreita e comprida. Era noite e eles conversavam.

Jivago contava a Gordon como viu o czar na linha de frente. E contava muito bem.

Foi durante a primeira primavera que passara na frente. O quartel-general da unidade, para o qual fora enviado, localizava-se nos Cárpatos, numa depressão, com o acesso pelo lado do vale húngaro, bloqueado por essa unidade militar.

No fundo da depressão do terreno havia uma estrada de ferro. Jivago descrevia a aparência da localidade, as montanhas cobertas de pinheiros seculares com farrapos brancos de nuvens presos a eles, e com escarpas de ardósia cinza e grafite, que surgiam no meio da floresta, como uma calvície numa vasta cabeleira. Era urna manhã escura de abril, úmida e cinza como aquela ardósia, comprimida de todos os lados pelas alturas, e por isso imóvel e abafada. Uma estufa. A neblina cobria o vale e tudo se esfumaçava, tudo subia em colunas de fumaça, a fumaça da locomotiva na estação, a evaporação cinzenta das várzeas, as montanhas sombrias, as florestas escuras, as nuvens negras.

Naqueles dias o czar estava de passagem pela Galícia. De repente soube-se que visitaria a unidade acampada no vale, da qual ele era o comandante honorário.

Poderia chegar de uma hora para outra. Na plataforma, colocaram a guarda de honra para recepcioná-lo. Houve uma hora ou duas de espera exaustiva. Depois, passaram rapidamente dois trens da comitiva. Em seguida, chegou o trem do czar.

Acompanhado do grão-duque, Nikolai Nikolaievitch, o czar passou em revista os granadeiros enfileirados. Com cada sílaba de sua saudação tranqüila, levantavam-se explosões e ondas de "hurras" tonitruantes, que marulhavam como água agitada nos baldes.

O czar, que sorria timidamente, dava a impressão de ser mais velho e desgastado que nas notas de rublos e moedas. Seu rosto era flácido e um pouco inchado. A cada minuto, ele olhava de soslaio, com um ar de culpa para Nikolai Nikolaievitch, sem saber o que se exigia dele em tais circunstâncias. Então, Nikolai Nikolaievitch se inclinava respeitosamente até seu ouvido e, sem palavras, apenas com movimentos das sobrelhas ou do ombro, tirava-o da dificuldade.

O czar dava pena naquela manhã cinza e quente da montanha. Provocava arrepios pensar que a discricção e a timidez podiam ser a essência do opressor e que aquela fraqueza condenava e perdoava, conciliava e dividia.

— Ele deveria ter dito algo como: "eu, minha espada e meu povo", como Guilherme, ou algo parecido. Mas, de qualquer modo falar sobre o povo, sem falta. Porém, entende, ele estava, à maneira russa, natural e tragicamente acima dessa vulgaridade. Na Rússia, essa teatralização é inconcebível. Pois isso é realmente teatro, não é verdade? A palavra "povo" fazia sentido no tempo de César, havia os gauleses, os suevos, os ilíricos. No entanto, desde aqueles tempos, o povo é apenas uma invenção que existe somente para que os czares, os ativistas e os reis façam discursos sobre ela: "o povo, meu povo".

"Agora a frente está invadida por correspondentes e jornalistas. Anotam 'observações', ditados populares, visitam os feridos, constroem uma nova teoria da alma do povo. Isto é, à sua maneira redigem um novo Dal ^{46}, inteiramente inventado, a grafomania lingüística, a incontinência verbal. Esse é um dos gêneros. Mas há outro. Frases entrecortadas, no estilo 'traços e cenas', cheios de ceticismo e misantropia. Por exemplo, um escreveu... eu mesmo li... as seguintes sentenças: 'O dia está cinzento> como ontem. Desde o amanhecer chove, há lama. Contemplo a estrada pela janela. Por ela, em fileira, passam os prisioneiros. Transportam os feridos. O canhão atira. Atira novamente, hoje como ontem, amanhã como hoje, cada dia e cada hora...! Olha como isso é profundo e original! No entanto, por que fica magoado com o canhão? Que pretensão estranha exigir do canhão variações! Por que, ao invés de se espantar com o canhão, não se espanta consigo mesmo, por ficar dia após dia nos atingindo com enumerações, vírgulas e frases? Por que não interrompe o tiroteio de sua filantropia de revista, rápido como o salto de uma pulga? Não entende que é ele, e não o canhão, que deve ser original e não se repetir, que da grande quantidade de absurdos acumulados num bloco de anotações nunca poderá sair sentido algum, que não há fatos quando o homem não introduz algo de si, uma dose da genialidade, da liberdade humana, alguma fantasia.

— Inteiramente correto — interrompeu-o Gordon. — Agora vou dizer a você o que penso a respeito da cena que presenciamos hoje. Aquele cossaco, que achincalhava o pobre patriarca, é igual a mil outros e isso, claro, são exemplos da mais pura baixez, a respeito da qual não filosofam. Tudo que isso merece são murros na cara, é claro. Mas sobre a questão dos judeus, a filosofia é até aceitável, mas aí ela surge sob um aspecto inesperado. É certo

que sobre isso aqui não lhe direi nada que já não saiba. Todas essas idéias, para mim, são iguais às suas, às do seu tio.

"O que é povo?, você indaga. Será que temos que tomar conta dele? Mas será que aquele que, sem pensar nele, e que com a própria beleza e glória de suas obras o atrai para o universal, tornando-o triunfante, eternizando-o, não faz mais por ele? Mas é claro. De que povos podemos falar na era cristã? Não são simplesmente povos, mas povos em movimento, convertidos, e é justamente essa transformação e não a fidelidade a velhos princípios que importa. Lembremos o Evangelho. O que ele diz a esse respeito? Em primeiro lugar, não é uma afirmação: 'é preciso fazer isso ou aquilo'. É uma proposta ingênua e tímida: 'querem viver de uma maneira inteiramente nova, querem o deleite do espírito?' E todos, subjugados por milênios, têm aceitado a proposição.

"Quando o Evangelho afirma que no Reino de Deus não há grego ou hebreu, está somente querendo dizer que perante Deus são todos iguais? Não, para isso ele não era necessário, sabiam disso muito antes dele os filósofos da Grécia, os moralistas romanos, os profetas do Velho Testamento. Mas ele dizia: 'nessa nova forma de existência, nesse novo tipo de relação entre os homens, que se chama Reino de Deus, não há povos, há pessoas'.

"Você acaba de dizer que um fato é absurdo se não se introduz um sentido nele. O cristianismo, o mistério da pessoa, é justamente aquilo que deve enriquecer o fato, para que ele adquira um sentido para o homem.

"Falávamos sobre líderes medíocres, que não têm nada a dizer à vida e ao mundo, sobre forças históricas de segunda categoria, interessadas em que tudo seja mesquinho, para que o tempo todo a preocupação fosse algum povo, de preferência pequeno, que esse povo sofresse, para que fosse possível julgar, disfarçar e ganhar em cima da piedade. A completa e insuperável vítima dessa calamidade são os judeus. Com o pensamento nacionalista, foi delegado a eles a necessidade mortificadora de ser e permanecer um povo e somente povo durante séculos, nos quais, graças à força que saiu há algum tempo de suas fileiras, o mundo todo fosse poupado dessa tarefa. Como é incrível! Como isso pôde acontecer? Essa festa, essa libertação da mediocridade diabólica, esse vôo acima da pobreza de espírito cotidiana, tudo isso nasceu na terra deles, falava a língua deles e pertencia à tribo deles. E eles viram e ouviram e deixaram isso escapar?

Como podiam deixar escapar o espírito de uma beleza tão absorvente e forte? Como podiam pensar que, junto com a sua glória e subida ao trono, eles ficariam como um invólucro vazio desse milagre, um dia retirado deles? Quem lucra com esse martírio voluntário? Precisava, durante séculos, serem ridicularizados e mortos tantos velhos, mulheres e crianças inocentes, tão finos e tão capazes de atos de bondade e comunicação cordial? Por que são tão preguiçosamente medíocres os patriotas de todos os povos? Por que os mestres do pensamento do povo judeu não ultrapassaram as fórmulas fáceis da nostalgia e da sabedoria irônica? Por que, arriscando-se a explodir diante do caráter irrevogável de seu dever, assim como explodem as caldeiras a vapor sob forte pressão, eles não dispersaram esses grupos de homens que não sabiam por que lutavam e por que apanhavam? Por que não disseram 'Pensem bem. Basta. Voltem a si. Não se denominem mais como antes. Não se aglomerem, dispersem-se. Sejam como todos. Vocês são os primeiros e os melhores cristãos do mundo. Vocês são exatamente aquilo a que os piores e os mais fracos dentre vocês se opuseram'?

13

No dia seguinte, ao chegar para o almoço, Jivago disse:

— Você está louco para ir embora e parece que conseguiu. Não posso dizer que seja "para o seu bem", pois que bem é esse se estamos novamente recuando e sendo atacados? O caminho para o leste está livre, mas do ocidente estão nos pressionando. A ordem para todas as instituições médico-militares é de levantar acampamento. Partiremos amanhã ou depois de amanhã. Para onde, não sabemos. Karpenko, as roupas de Mikhail Grigorievitch, é claro, não foram lavadas, não é? É uma história sem fim. "Foi a comadre, a comadre." Mas se perguntar quem é esta comadre nem ele mesmo sabe, o paspalho.

Ele nem ouvia o que o ordenança dizia para se justificar e nem estava prestando atenção a Gordon, contrariado por ter usado as roupas de Jivago e partir vestindo sua camisa. Jivago continuou:

— Ah, nossa vida de campanha! Vida de ciganos nômades. Quando chegamos aqui não gostei de nada... o forno no lugar errado, o teto baixo, a

sujeira, os quartos abafados. Parece-me que vivi um século aqui, olhando para esse canto da lareira, com o sol refletindo nos azulejos o movimento da sombra da árvore da estrada.

Eles começaram a se arrumar sem pressa.

À noite, foram despertados por barulho, gritos, tiroteio e correria. A aldeia estava claramente iluminada. Ao longo da janela passavam sombras. Do outro lado da parede, os donos da casa acordaram e começaram a se movimentar.

— Vá até a rua, Karpenko, pergunte qual o motivo da confusão — disse Iúri Andreevitch.

Logo, tudo se esclareceu. Jivago em pessoa, após se vestir rapidamente, foi até o hospital para conferir os boatos, que se concretizaram. Os alemães romperam a resistência nessa região. A linha de defesa deslocou-se para mais perto da aldeia e se aproximava cada vez mais. O hospital e as suas dependências estavam sendo rapidamente removidos, sem aguardar a ordem de evacuação. Pretendiam terminar tudo antes do amanhecer.

— Você vai com o primeiro comboio, a carruagem está saindo, mas pedi que aguardassem você. Então, adeus! Eu o acompanho, quero ver como vão acomodar você.

Eles correram até o outro lado da aldeia, onde o destacamento estava sendo equipado para a viagem. Ao passar pelas casas eles se agachavam e se escondiam atrás de seus ressaltos. Balas cantavam e assobiavam pelas ruas. Nos cruzamentos que atravessavam as estradas até o campo, via-se como explodiam as granadas, com seus guarda-chuvas de fogo.

— E você? — perguntou Gordon, correndo.

— Vou depois. Tenho que voltar para casa, apanhar as coisas. Vou no segundo comboio.

Eles se despediram no final da aldeia. Algumas carroças e a carruagem, que compunham o comboio, partiram chocando-se umas contra as outras, mas aos poucos foram se alinhando. Iúri Andreevitch acenou com a mão para o companheiro que partia. Eles foram iluminados pelo fogo do depósito incendiado.

Da mesma forma, tentando caminhar ao longo das casas, escondendo-se nas saliências, Iúri Andreevitch dirigiu-se rapidamente de volta para casa. Duas casas antes de sua varanda, os estilhaços de uma bomba o derrubaram e uma bala de metralhadora o feriu. Iúri Andreevitch caiu no meio da estrada e, sangrando muito, desmaiou.

14

O hospital da retaguarda ficava escondido em uma das cidadezinhas da região ocidental, perto do quartel-general. Os dias estavam mais quentes, era final de fevereiro. No quarto dos oficiais em convalescença, a pedido de Iúri Andreevitch que estava ali em tratamento, a janela perto de sua cama estava aberta.

Aproximava-se a hora do almoço. Os doentes faziam hora, cada um a sua maneira. Haviam dito a eles que chegara uma nova enfermeira e que hoje, pela primeira vez, ela viria vê-los. Galiullin, deitado do lado oposto de Iúri Andreevitch, olhava os jornais recém-chegados, *A palavra* e *A palavra russa*, e indignava-se com os espaços em branco deixados na impressão pela censura. Iúri Andreevitch lia cartas de Tônia, trazidas pelo correio militar em grande quantidade, pois ficaram acumuladas. O vento agitava as folhas das cartas e dos jornais. Ouviram-se passos leves. Iúri Andreevitch levantou os olhos das cartas. No quarto, entrara Lara.

Tanto Iúri Andreevitch como o alferes, sem que um ou outro soubesse, a reconheceram. Ela não conhecia nenhum dos dois. Aproximou-se e disse:

— Boa tarde. Por que a janela está aberta? Não estão com frio? — e aproximou-se de Galiullin. — Como se sente? — perguntou pegando no seu pulso, mas no mesmo minuto soltou-o e sentou-se, perplexa, na cadeira ao lado da cama.

— Que surpresa, Larissa Fiodorovna — havia dito Galiullin. — Servi no mesmo regimento de seu marido e conheci bem Pavel Pavlovitch. Estou com seus pertences para entregar à senhora.

— Não pode ser, não pode ser — repetia ela. — Que coincidência inesperada. Então o conheceu? Conte-me logo, como foi tudo? Ele foi morto,

enterrado? Não esconda nada, não tenha medo. Eu sei de tudo.

Galiullin não teve coragem de confirmar as informações obtidas por ela através de boatos. Resolveu mentir para acalmá-la.

— Antipov está preso — disse ele. — Ele adiantou-se muito com a sua unidade durante o ataque e ficou sozinho. Ele foi cercado e forçado a se entregar.

Mas Lara não acreditou em Galiullin. Ficou transtornada com a surpreendente conversa. Não conseguia dominar as lágrimas que se apoderavam dela e não queria chorar na presença de estranhos. Levantou-se rapidamente e saiu do quarto para conter sua emoção no corredor.

Um minuto depois voltou, aparentemente tranqüila. Não olhava para o canto de Galiullin de propósito, para não chorar novamente. Ao se aproximar da cama de Iúri Andreevitch ela pronunciou de maneira distraída e ensaiada:

— Boa tarde. Como se sente?

Iúri Andreevitch observava a sua perturbação e suas lágrimas, queria perguntar o que lhe acontecera. Queria lhe contar que a vira duas vezes na vida, quando estava no liceu e na universidade, mas achou que ficaria muito familiar e ela poderia entender de maneira errada suas intenções. Depois, de repente, ele lembrou-se de Anna Ivanovna morta no caixão e dos gritos de Tônia na casa da travessa Sivtshev. Conteve-se e disse apenas:

— Agradeço sua atenção. Sou médico e estou me tratando por mim mesmo. Não estou precisando de nada.

"Por que ficou magoado comigo?", pensou Lara e olhou espantada para o desconhecido de nariz arrebitado e pouco atraente.

Durante alguns dias o tempo ficou instável, um vento quente e envolvente soprava durante as noites, que cheiravam a terra molhada.

Durante todos esses dias chegavam informações estranhas do quartel-general, boatos preocupantes das famílias e do interior do país. A comunicação telegráfica com Petersburgo foi cortada. Por todo lado, em todo canto, entabulavam-se conversas políticas.

A cada plantão, a enfermeira Antipova fazia duas visitas, pela manhã e à noite, e trocava observações insignificantes com os doentes dos outros

quartos, com Galiullin e com Iúri Andreevitch. "Como é estranho e curioso esse homem", pensava ela. "Jovem e descortês. Com aquele nariz empinado, não se pode dizer que seja muito bonito. Mas é inteligente, no melhor sentido da palavra, com um espírito vivo e sedutor. Mas não se trata disso. Tenho que terminar o mais rápido possível os meus deveres aqui e me transferir para Moscou, para mais perto de Katenka. Em Moscou, tenho que pedir dispensa e voltar para Iuriatin, para o trabalho no ginásio. Se já esclareci tudo sobre o pobre Patúlia, não existe nenhuma esperança, então não há mais motivo para permanecer nas fileiras bancando a heroína. Foi somente para ter notícias dele que fiz tudo isso."

Como estaria Katenka, a pobre orfãzinha? Então começou a chorar. As mudanças ultimamente foram muito bruscas e perceptíveis. Há pouco tempo, eram sagrados o dever diante da Pátria, a bravura militar e os elevados sentimentos nacionalistas. Mas a guerra está perdida, essa é a tragédia mais importante; daí se desenvolve o resto, não há respeito por nada, nada mais é sagrado.

De repente, tudo mudou, o tom, o ar e não se sabia como pensar e a quem obedecer. Era como se nos tivessem levado pela mão a vida inteira, como uma criancinha e de repente nos soltassem: "Agora aprenda a andar sozinha." E sem ninguém do nosso lado, nem parentes, nem autoridades. Daí vem a vontade de se entregar ao mais importante, ao essencial, à força da vida ou na beleza ou na verdade, para que elas, e não as convenções humanas desmoronadas, nos guiassem por completo e sem lamentações, de forma mais completa do que era durante a vida cotidiana em tempos de paz, vida destruída e anulada. Mas em seu caso, lembrou-se a tempo Lara, tal objetivo, incondicionalmente, seria Katenka. Agora, sem Patulechka, somente a mãe, Lara, dedicaria todas as suas forças a Katenka, a pobre orfãzinha.

Escreveram a Iúri Andreevitch de Moscou que Gordon e Dudorov, sem sua autorização, publicaram seu livro, que ele foi muito elogiado e que previam para seu autor um grande futuro literário. Soube também que Moscou estava interessante e intranquã, crescia a irritação abafada das massas, estava-se em vésperas de algo importante, graves acontecimentos políticos prenunciavam-se.

Era tarde da noite. Iúri Andreevitch foi dominado por um cansaço terrível. Ele cochilava em intervalos e imaginava que, de tanta preocupação durante o dia, não conseguiria dormir, que ele não estava dormindo. Do lado

de fora da janela um vento sonolento, bocejava e girava. O vento chorava e murmurava: "Tônia, Churotchka, como estou com saudades de vocês, como quero voltar para casa, para o trabalho!" E sob o murmúrio do vento, Iúri Andreevitch dormia, acordava e adormecia de novo na rápida mudança de felicidade em sofrimento, impetuoso e preocupante como aquele tempo variável, como aquela noite instável.

Lara pensou: "Ele demonstrou tanta preocupação, conservando esta lembrança, esses pobres pertences de Patulechka e eu, burra, nem perguntei quem e de onde é."

Na visita matinal seguinte, reparando sua falha e apagando os rastros de sua ingratidão, ela perguntou sobre tudo a Galiullin, e respondia exclamando "ahs" e "ohs".

Meu Deus, sagrada seja a vossa vontade! Rua Brestskaia, número 28, Tiverzin, inverno da revolução de 1905! Iusupka? Não. Não conheci nenhum Iusupka ou talvez não me lembre, me desculpe. Mas o ano, o ano e o pátio! Isso é verdade, realmente existiu este pátio e este ano! Oh, como ela revivia intensamente tudo aquilo de novo! O tiroteio e (meu Deus, deixe-me lembrar) *A opinião de Cristo!* Oh, como são fortes e agudas as emoções da infância, as primeiras! Me desculpe, desculpe, como é seu nome, alferes? Sim, sim, já me disse uma vez. Obrigada, oh, muito obrigada ao senhor, Osip Gimazetdinovitch, que lembranças, que pensamentos despertou em mim!

Ficou o dia inteiro com "aquele pátio" na cabeça e entre os "ahs" e "ohs", quase pensava em voz alta.

E pensar que era rua Brestskaia 28! E agora aqui, o tiroteio novamente, porém muitas vezes mais terrível! Não são mais "os meninos que estão atirando". Os meninos cresceram, estão todos aqui como soldados, todo esse povo simples daqueles pátios e daquelas aldeias. É impressionante! Impressionante!

No quarto, batendo com os paus e as muletas, os inválidos entraram e chegaram mancando. Os doentes que podiam se movimentar sozinhos dos quartos vizinhos, se atropelando uns aos outros, começaram a gritar:

— Acontecem coisas de importância extraordinárias. Estão ocorrendo combates nas ruas de Petersburgo. As tropas da guarnição de Petersburgo passaram para o lado dos rebeldes. É a Revolução!

O adeus ao passado



1

A cidadezinha chamava-se Meliuzeev. Foi construída em cima da terra negra. Como uma nuvem de gafanhotos, pairava sobre os seus telhados a poeira preta, levantada pelas tropas e comboios que cruzavam-na a toda velocidade. O movimento começava pela manhã e ia até a noite nos dois sentidos: da frente de batalha e para longe dela, e não dava para dizer com certeza se a guerra continuava ou já acabara.

Todos os dias, infundavelmente, feito cogumelos, surgiam novas funções. E havia eleições para preenchê-las. Jivago, o alferes Galiullin e a enfermeira Antipova e mais algumas pessoas do seu grupo haviam sido eleitos, todos habitantes das grandes cidades, sem exceção, pessoas preparadas e experientes.

Elas substituíam nos postos da prefeitura da cidade os ausentes, trabalhavam como comissários em postos insignificantes do exército e na unidade hospitalar. O revezamento nessas ocupações era para eles como o lazer a céu aberto ou um jogo de queimado. Mas, cada vez mais, depois desses jogos, desejavam voltar para casa, para as suas ocupações costumeiras.

O trabalho, freqüentemente, colocava Lara e Jivago frente a frente.

2

Na época das chuvas, a poeira preta da cidade transformava-se em lama marrom-escura, cor de café, e cobria as ruas, a maioria sem calçamento. A cidade não era grande. De qualquer local, ali mesmo, depois da curva,

estendiam-se as estepes sombrias, o céu escuro, a vastidão da guerra, a vastidão da revolução.

Iúri Andreevitch escreveu para sua esposa:

"A desordem e a anarquia no exército continuam. Estão tomando medidas para elevar a disciplina e o espírito de combate entre os soldados. Visitei as unidades instaladas aqui perto.

Finalmente, à guisa de *post scriptum*, apesar de poder ter escrito sobre isso bem antes, estou trabalhando, lado a lado, com a tal de Antipova, enfermeira de Moscou, nascida nos Urais.

Você se lembra da festa de Natal, na terrível noite em que morreu sua mãe, quando uma moça atirou no procurador? Ela depois, me parece, foi julgada e absolvida. Lembro-me de nunca ter comentado com você que esta moça, quando ainda ginásiana, foi vista por mim e Micha em uns apartamentos decrepitos, para onde fomos com seu pai, não me lembro com que objetivo, numa noite terrivelmente fria, parece que durante o levante armado na Présnia. Ela era esta Antipova.

Várias vezes fiz tentativas de voltar para casa. Mas isso não é simples. O que me mantém aqui fundamentalmente não é o trabalho, que poderia sem prejuízo transferir para outras pessoas. As dificuldades estão na viagem em si. Os trens não passam por aqui e quando passam estão tão lotados que é impossível entrar neles.

No entanto, é claro, isso não vai poder continuar eternamente assim, algumas pessoas convalescentes, dispensadas do trabalho e desmobilizadas, incluindo eu, Galiullin e Antipova, resolvemos ir embora impreterivelmente a partir da semana que vem. Para facilitar no embarque, sairemos em dias diferentes e um de cada vez.

Posso aparecer qualquer dia desses, como a primeira neve. Em todo caso, vou tentar enviar um telegrama."

Porém, antes de sua partida, Iúri Andreevitch recebeu a resposta de Antonina Aleksandrovna.

Nessa carta, na qual o choro violava a construção dos períodos e as manchas das lágrimas e os borrões serviam de pontos, Antonina Aleksandrovna tentava convencer o marido a não retornar a Moscou mas sim dirigir-se direto para os Urais, atrás dessa impressionante enfermeira, que

marchava pela vida acompanhada de admiráveis bandeiras e circunstâncias, incomparáveis com o modesto caminho de vida dela, Tônia.

"Sobre Sachenka e seu futuro não se preocupe", escrevia ela. "Não terá que se envergonhar dele. Prometo educá-lo dentro das regras, como as que você, quando criança, presenciou em nossa casa."

"Você ficou louca, Tônia", apressou-se em responder Iúri Andreevitch. "Por que essas desconfianças? Será que você não sabe, ou não sabe suficientemente bem, que o pensamento em você e a fidelidade a você e à nossa casa salvaram-me da morte, e de todos os tipos de morte durante esses dois anos destruidores e terríveis de guerra? Aliás, de que adianta dizer isso? Em breve, vamos nos ver, retomaremos a vida normal, tudo se esclarecerá.

Mas o que me assusta em você ter me respondido assim é outra coisa. Se dei motivos para uma resposta dessas, pode ser que esteja me comportando realmente de maneira dúbia e então sou igualmente culpado perante esta mulher, que pode ter sido induzida a um equívoco e com a qual devo me desculpar. Vou fazer isso, assim que ela retornar das visitas a algumas aldeias próximas. A administração local, existente anteriormente somente nas províncias e nos conselhos, agora está sendo organizada em unidades menores, em pequenas aldeias. Antipova foi ajudar a uma conhecida, que trabalha como instrutora, justamente na área de implantação da nova legislação.

É impressionante que vivendo sob o mesmo teto que Antipova, até hoje não sei onde fica seu quarto nem nunca me interessei em saber."

De Meliuzeev para o leste e o oeste existiam duas estradas grandes. Uma de terra batida levava, através do bosque, para um lugarejo chamado Zibuchino que comerciava trigo e era subordinada administrativamente a Meliuzeev, mas a havia ultrapassado em todos os sentidos. A outra estrada, de brita, foi construída em cima das várzeas pantanosas, secas no verão, e levava para Biriutchi, um entroncamento de duas estradas de ferro que se cruzavam perto de Meliuzeev.

Em junho, em Zibuchino, resistiu durante duas semanas a República Independente de Zibuchino, proclamada pelo moleiro Blazheiko.

Essa república apoiava-se nos desertores do 212º regimento de infantaria, que, de armas nas mãos, abandonaram suas posições, e, passando por Biriutchi, chegaram a Zibuchino no momento do golpe.

A república não reconhecia o governo provisório e separou-se do resto da Rússia. O sectário Blazheiko, que na juventude se correspondera com Tolstoi, proclamou o novo reino milenar de Zibuchino, comunidade de trabalho e de propriedade e mudou o nome de administração para o de apostolado.

Zibuchino sempre foi uma fonte de lendas e exageros. Localizava-se no meio de bosques espessos, era citada nos documentos do período das revoltas e suas redondezas fervilhavam de bandidos numa época mais recente. Corriam lendas sobre a abastança de seus comerciantes e a fantástica fertilidade de suas terras. Algumas crenças, costumes e peculiaridades de linguagem, que diferenciavam esta parte ocidental da frente de batalha, vinham exatamente de Zibuchino.

Agora, as mesmas histórias eram inventadas sobre o principal auxiliar de Blazheiko. Afirmavam que este surdo-mudo de nascença parecia adquirir o dom da fala sob a influência da iluminação divina e a perdê-lo assim que a iluminação acabava.

Em julho, a República de Zibuchino caiu. No lugarejo entrou uma unidade fiel ao governo provisório. Os desertores foram expulsos de Zibuchino e recuaram até Biriutchi.

Lá, em torno de alguns quilômetros além da estrada de ferro, estendiam-se clareiras abertas pelas derrubadas nas florestas onde despontavam tocos cobertos de morangos silvestres, metade das pilhas de lenha velha (a outra metade fora roubada), e abrigos de terra que desmoronavam, de homens que trabalharam ali um dia como lenhadores temporários. Foi lá que os desertores acamparam.

O hospital, onde o médico estivera internado e onde posteriormente serviu e que agora estava prestes a abandonar, localizava-se na mansão da condessa Zhabrinskaia, que desde o início da guerra fora doada pela dona para abrigar feridos.

A mansão de dois andares ocupava um dos mais belos locais de Meliuzeev. Ficava no cruzamento da rua principal com a praça central da cidade, a chamada Platz, onde anteriormente era realizado o treinamento dos soldados e onde agora, ao entardecer, aconteciam os comícios.

A localização da mansão no cruzamento abria, de alguns lados, uma ótima vista. Além da rua principal e da praça, de lá se avistava o pátio adjacente dos vizinhos, uma pobre propriedade provinciana nem um pouco diferente das aldeias. Abria-se também uma vista para o velho jardim da condessa, para onde dava a parede dos fundos da casa.

A mansão nunca representou um valor em si mesmo para Zhabrinskaia. Ela possuía na região uma grande propriedade chamada "Razdolnoie" e a casa na cidade servia somente de ponto de encontro para as visitas de negócio à cidade e também como o local de reunião de convidados de diversas partes, que vinham passar o verão em seu solar de campo.

Agora na casa funcionava o hospital e a proprietária estava presa em Petersburgo, onde morava habitualmente.

Da antiga criadagem, restaram duas mulheres curiosas, a *mademoiselle* Fleury, velha governanta das filhas da condessa, hoje casadas, e a ex-cozinheira da condessa, Ustínia.

A velha *mademoiselle* Fleury grisalha e corada, arrastando os sapatos, de blusa larga e muito usada, desleixada e despenteada, andava pelo hospital inteiro, do qual agora era íntima, como fora um certo dia dos Zhabrinski e contava não se sabia o que em sua língua macarrônica, engolindo, à francesa, as terminações das palavras russas. Ela fazia pose, gesticulava com as mãos e no final do falatório estourava em uma risada rouca que terminava em uma tosse longa e incontrolável.

Mademoiselle conhecia o segredo de Antipova. Ela achava que o médico e a enfermeira deviam se gostar. Submetendo-se à paixão pela

alcovitice, profundamente enraizada na época dos Romanov, *mademoiselle* se alegrava quando os via juntos, sacudia com o dedo e piscava o olho travessamente. Antipova não entendia, o doutor aborrecia-se, mas *mademoiselle*, como todos os tolos, dava muito mais valor às suas invenções e por nada no mundo as deixava.

Uma figura muito mais curiosa era Ustínia. Esta mulher tinha um corpo que se estreitava desajeitadamente na parte superior, o que a fazia assemelhar-se a uma galinha choca. Ustínia era seca e sã até o âmago, mas com esta sensatez combinava uma fantasia desenfreada em matéria de superstições.

Ustínia conhecia grande quantidade de crenças populares e não dava um passo sem esquivar-se do fogo da lareira e sem cochichar no buraco da fechadura para afastar o mau-olhado, ao sair de casa. Comentavam que era filha do bruxo da aldeia.

Ustínia permanecia calada durante anos, até que uma crise, a levasse a romper o silêncio. Então, era impossível segurá-la. Sua paixão era defender a verdade.

Depois da queda da república de Zibuchino, o comitê executivo de Meliuzeev iniciou uma campanha de luta contra as tendências anarquistas que vinham do lugarejo. Toda noite, na praça, surgiam espontaneamente os comícios pacíficos e pouco concorridos, para os quais reuniam-se os habitantes ociosos de Meliuzeev, da mesma forma que em tempos anteriores se reuniam para se divertir e trabalhar ao ar livre, perto do portão do Corpo de Bombeiros. O Conselho de Cultura de Meliuzeev apoiava estas reuniões e enviava seus próprios ativistas e visitantes, na qualidade de mediadores das discussões. Estes consideravam um disparate escandaloso as histórias sobre o surdo-mudo falante de Zibuchino e, freqüentemente, em suas denúncias, o citavam. Porém, os pequenos artesãos de Meliuzeev, as mulheres dos soldados e a ex-criadagem possuíam uma opinião diferente. O surdo-mudo falante não lhes parecia um absurdo. Defendiam-no.

Entre as exclamações discordantes que vinham da multidão, em sua defesa freqüentemente ouvia-se a voz de Ustínia. De início, ela não se atrevia a aparecer, a timidez feminina a segurava. Mas aos poucos, tomando coragem, ela passou a atacar com mais determinação os oradores cujas

opiniões não eram bem-vindas em Meliuzeev. Assim, imperceptivelmente, tornou-se a oradora oficial da tribuna.

Da mansão, pelas janelas abertas, ouvia-se o bramido indistinto das vozes na praça e nas noites mais silenciosas, fragmentos de alguns discursos. Sempre que Ustínia falava, a *mademoiselle* entrava nos quartos e convencia os presentes a ouvir e, deformando as palavras, imitava-a de maneira carinhosa:

— Rasputin! Rasputin! Diamante do czar! Zibuchino! Surdo-mudo! Traição! Traição!

No fundo, *mademoiselle* se orgulhava daquela mulher corajosa e de língua afiada. As duas mulheres eram carinhosamente ligadas uma à outra, mas se alfinetavam incessantemente.

5

Aos poucos, Iúri Andreevitch se preparava para partir, visitava casas e instituições nas quais tinha que se despedir de alguém e obtinha os papéis necessários.

Nesta época, de passagem para o exército, hospedou-se na cidade o novo comissário dessa parte da frente de combate. Diziam que ele ainda era um menino.

Eram dias de preparação de um novo e grande ataque. Tentavam conseguir uma reviravolta no estado de ânimo dos soldados. As tropas estavam concentradas. Foram instituídos tribunais militares e revolucionários e restabelecida a pena de morte, há pouco tempo revogada.

Antes da partida, Jivago teria que registrar-se com o comandante, cargo que, em Meliuzeev, era exercido pelo chefe militar, o "conselheiro", como o chamavam abreviadamente.

Normalmente seu gabinete era uma terrível confusão. A multidão não cabia na entrada nem no pátio e ocupava metade da rua diante das janelas. Era impossível chegar às mesas. Com o rumor de centenas de vozes, ninguém entendia nada.

Naquele dia não havia atendimento. No escritório vazio e tranqüilo os escrivães, insatisfeitos com a escrituração cada vez mais complicada, anotavam em silêncio e se entreolhavam ironicamente. Do gabinete do chefe, ouviam-se vozes alegres. Parecia que lá, as túnicas desabotoadas, refrescavam-se com algo gelado.

Galiullin saiu de lá e, ao ver Jivago, com um movimento de todo o corpo, como se quisesse pegar impulso para uma corrida, convidou o doutor para dividir a animação que lá reinava. O doutor, de qualquer forma, precisava ir até o gabinete para obter a assinatura do chefe. Lá, encontrou tudo na maior desordem.

O novo comissário — sensação da cidadezinha e herói do dia — em vez de seguir em direção ao seu objetivo estava ali no gabinete, que não tinha nada a ver com os problemas vitais do quartel-general e com as questões de operações bélicas. Ele estava diante dos administradores do reino militar do papel, de pé, e discursava.

— Eis aqui mais uma de nossas estrelas — disse o conselheiro, apresentando o doutor ao comissário, que nem olhou para ele, tão absorvido estava por si próprio. E o conselheiro, modificando sua atitude somente para assinar o papel estendido pelo doutor, novamente a retomou e, com um gentil gesto da mão, indicou a Jivago uma almofada baixa e macia no meio do gabinete.

Dos presentes, somente o doutor se acomodou no gabinete como gente. Os restantes estavam sentados, cada qual da forma mais esquisita e relaxada. O conselheiro, apoiando a cabeça em uma das mãos, estava semideitado como Petchorin ^{47} ao lado da mesa; seu auxiliar estava trepado no encosto do sofá em frente, os pés encolhidos como numa sela feminina. Galiullin estava escarranchado, numa cadeira, abraçado ao encosto e com a cabeça reclinada. E o comissário juvenzinho ora fazia flexões sentado no batente da janela ora descia dele e, como um lobinho abandonado, que não se aquietava nem por um minuto, se movimentava todo o tempo, andando a passos miúdos e rápidos pelo gabinete. Ele falava sem parar. A conversa era sobre os desertores de Biriutchi.

Os boatos sobre o comissário se concretizaram: era um jovem magrinho e esguio, ainda na primeira barba e que ardia, como uma velazinha, pelos mais nobres ideais. Diziam que era de boa família, filho de senador ou algo

parecido, e que em fevereiro foi um dos primeiros a levar sua companhia até o parlamento. Seu sobrenome era Gintse ou Gints, o doutor não entendera claramente quando os apresentaram. O comissário possuía a fala correta de Petersburgo, clara e nítida, um leve sotaque prussiano.

Estava vestido numa túnica militar justa. Provavelmente se sentia embaraçado por ser ainda tão jovem e, para parecer mais velho, fazia caretas rabugentas e se esforçava por afetar modos bruscos. Com esse fim, metia as mãos no fundo do bolso das calças e suspendia os ombros com dragonas novas e indobráveis. Isso conferia a sua figura simplicidade, como a de um cavaleiro, embora dos ombros até os pés pudesse ser desenhada sua silhueta com a forma de duas linhas cruzadas embaixo.

— Na estrada de ferro, a algumas estações daqui, está o regimento de cossacos. Fiel ao Exército Vermelho. Os rebeldes serão provocados, cercados e pronto. O comandante da tropa insiste para que sejam desarmados o mais rápido possível — informava o conselheiro.

— Cossacos? Em hipótese alguma! — explodiu o comissário. — Isto é coisa de 1905, reminiscência pré-revolucionária! Aqui estamos em diferentes pólos em relação a vocês, nisso os seus generais exageraram.

— Nada ainda foi feito. Tudo está planejado, conjeturado.

— Existe o acordo com o comando militar para não intervir nas ordens operacionais. Não vou revogar a ordem sobre os cossacos. Mas, de minha parte, vou tomar medidas ditadas pelo meu bom senso. Estão em um bivaque?

— É o que dizem. De qualquer maneira, o campo está reforçado.

— Maravilha. Quero ir até eles. Mostrem-me esse perigo, esses bandidos da floresta. Que sejam rebeldes, que sejam desertores, mas é povo, meus senhores, não esqueçam disso. E o povo é como uma criança, é preciso conhecê-lo, conhecer sua psicologia, ele exige uma abordagem especial. Tem que saber tocá-lo com o melhor, tocar suas cordas mais sensíveis, para que elas vibrem. Vou até eles nas clareiras e conversarei com eles de peito aberto. Verão como retornarão exemplarmente para as posições abandonadas. Querem apostar? Não acreditam?

— É duvidoso. Mas queira Deus!

— Direi a eles: "Irmãos, olhem para mim. Eis-me, filho único, a esperança da família, me entreguei, sacrifiquei meu nome, minha situação e o amor de meus pais para conquistar uma liberdade para vocês, que nenhum povo do mundo tem igual. Fiz isto, eu e milhares de outros jovens, sem falar da velha guarda de gloriosos predecessores, dos populistas condenados e dos *narodovoltsi* ^{48} de Schlüsselburg. Será que foi por nós mesmos que nos sacrificamos? Somos nós que precisamos disso? Agora, vocês não são mais soldados como eram antes, e sim combatentes do primeiro exército revolucionário do mundo. Perguntem a si mesmos honestamente; será que mereceram tão alto título? Na hora em que a pátria esvai-se em sangue, tentando num último esforço acabar com o inimigo que tomou conta dela, vocês se deixam enganar por uma corja de aventureiros e se transformam em uma quadrilha inconsciente, em um ajuntamento de miseráveis descomedidos, empanturrados de liberdade, para os quais por mais que se dê, tudo é pouco. Como se diz: "Estenda a mão a quem não merece e ele vai querer o braço inteiro." Oh, eu os farei entender, os cobrirei de vergonha!

— Não, não, isso é arriscado — tentava retrucar o conselheiro, trocando furtivamente olhares significativos com seu auxiliar.

Galiullin tentava dissuadir o comissário de sua louca intenção. Ele conhecia os valentões da 212ª divisão, da qual era parte o regimento onde servira anteriormente. Porém o comissário não lhe dava ouvidos.

Iúri Andreevitch, a toda hora, queria levantar-se e ir embora. A ingenuidade do comissário deixava-o atarantado. Mas, nem um pouco mais que a maliciosa habilidade do conselheiro e de seu auxiliar, dois espertalhões jocosos e dissimulados. Esta bobagem e esta esperteza se equivaliam. E tudo isso era expelido num fluxo de palavras excessivo, inconsistente, obscuro, que a própria vida almeja tanto dispensar.

Oh, como às vezes queremos abandonar a medíocre fala silábica humana, falsamente elevada e sem vislumbres, para nos refugiarmos no aparente silêncio da natureza, na surdina dos campos de longos trabalhos obstinados, no pesado sono profundo, da verdadeira música e da ausência em seu coração do manso toque íntimo!

O doutor lembrou-se de que uma explicação perante Antipova o aguardava, o que de qualquer maneira seria desagradável. Mas estava feliz pela necessidade de vê-la, mesmo a esse preço. Era pouco provável que ela

já tivesse chegado. Aproveitando a primeira ocasião oportuna, o doutor levantou-se e saiu do gabinete sem ninguém perceber.

6

Lara já estava em casa. O doutor foi informado de sua chegada pela *mademoiselle* que acrescentou que Larissa Fiodorovna voltou cansada, jantou rapidamente e foi para seu quarto, pedindo para não ser incomodada.

— Mas bata na porta — aconselhou *mademoiselle*. — Talvez não esteja dormindo ainda.

— E onde fica seu quarto? — perguntou o doutor, deixando *mademoiselle* admirada com sua indagação. Ele soube que Antipova estava acomodada no final do corredor, na parte superior da casa, ao lado dos cômodos para onde fora transferido e trancado a chave todo o inventário de Jabrinskaia. Jivago jamais estivera naquele local.

No entanto, escurecia rapidamente. A rua tornara-se mais estreita. As casas e as cercas amontoavam-se na escuridão da noite. As árvores dos fundos dos pátios se aproximavam das janelas para ficar debaixo das lâmpadas acesas. A noite estava quente e abafada. Qualquer movimento fazia transpirar. As réstias da luz de querosene, caindo sobre o pátio, escorriam em filete de suor sujo pelos troncos das árvores.

Jivago parou no último degrau. Achava que, mesmo batendo na porta, seria incômodo e impertinente visitar uma pessoa cansada de viagem. Melhor adiar a conversa para o dia seguinte. Distraído, pois era assim que ficava quando repensava suas decisões, foi até o outro lado do corredor. Lá, na parede, havia uma janela que dava para o pátio vizinho. O doutor debruçou-se nela.

A noite estava repleta de ruídos tranqüilos e misteriosos. Ao lado, no corredor, a água gotejava na pia com ritmo e a intervalos regulares. Em algum canto do outro lado da janela, cochichavam. No lugar onde começava a horta, estavam regando os canteiros de pepinos, passando a água de um balde para outro e fazendo ressoar as correntes ao retirarem a água do poço.

O aroma de todas as flores do mundo pairava no ar ao mesmo tempo, parecia que a terra ficara inconsciente durante o dia e agora, com esta fragrância, estava recobrando os sentidos. Do jardim secular da condessa, sujo de ramos quebrados pelo vento e por isso intransitável, emanava a fragrância espessa e empoeirada da tília velha em flor, por toda a extensão das árvores, que parecia a parede de um prédio enorme.

À direita da cerca da rua, ouviam-se gritos. Lá, um soldado de licença entregava-se a desatinos, uma porta batia e cantavam trechos de alguma canção.

Por trás dos ninhos das gralhas do jardim da condessa, surgiu uma lua rubro-negra de tamanho monstruoso. A princípio estava parecida com o moinho a vapor feito de tijolos de Zibuchino, mas depois amarelou como a caixa d'água da estação da ferrovia de Biriutchi.

Embaixo da janela do pátio, ao aroma da noite misturava-se o cheiro perfumado, como o chá com flores, do feno recém-cortado. Não fazia muito tempo, haviam trazido uma vaca comprada numa aldeia distante. Tinham-na feito andar o dia inteiro. Estava cansada, sentia falta do seu rebanho e não aceitava o alimento das mãos da nova dona, com quem ainda não se acostumara.

— Ai, ai, ai, não faça feio, vaquinha, vai ver só se ficar dando chifradas — tentava convencê-la sua dona, procurando acalmá-la. Mas a vaca, encolerizada, ora balançava a cabeça de um lado para o outro, ora esticava o pescoço, mugindo histérica e dolorosamente. Atrás dos depósitos de Meliuzeev brilhavam as estrelas, estendendo até a vaca os fios de uma compaixão invisível, como se fossem os currais de um outro mundo, onde lastimavam a vaca perdida.

Tudo em volta brotava, crescia e germinava com o fermento mágico da existência. O encantamento pela vida, como o vento manso, corria em uma onda ampla sem entender para onde, pelo campo e pela cidade, atravessava paredes e cercas, penetrava na madeira e nos corpos, envolvendo tudo com um tremor a sua passagem. Para sufocar a ação desta corrente, Jivago dirigiu-se à praça para ouvir as discussões do comício.

A lua estava bem alta no céu. Tudo se iluminava com sua luz densa que parecia calcário derramado.

À frente dos prédios oficiais, construções de pedra com colunas, que rodeavam a praça, estendiam suas sombras largas como tapetes pretos.

O comício acontecia do lado oposto da praça. Querendo e esforçando-se para ouvir, daria para distinguir tudo que se falava. Mas o esplendor do espetáculo apoderou-se do doutor. Sentou-se no banco do portão do Corpo de Bombeiros e, sem prestar atenção nas vozes que vinham da estrada, começou a olhar para os lados.

Na praça desembocavam ruazinhas pequenas e desertas. Ao fundo das ruas avistavam-se casinhas velhas e tortas. Nessas ruas havia muita lama e sujeira, como nas aldeias. Da sujeira, emergiam sebes compridas, trançadas de varas de salgueiro, que pareciam redes jogadas no pântano ou cestos, daqueles de pescar caranguejos, afundados.

Nas casinhas, reluziam fracamente os vidros do caixilho das janelas abertas. O milho do jardinzinho, suado e loiro com seus espanadores e pincéis brilhantes que pareciam untados, esticava-se para entrar no quarto. Por trás dos látegos pendentes, olhavam solitariamente para o horizonte as malvas pálidas e magras, como aldeãs de camisola, expulsas pelo calor das casas abafadas para respirar um pouco de ar fresco.

A noite iluminada pela lua era impressionante como uma misericórdia ou uma dádiva da clarividência e, de repente, no silêncio deste conto vivo e cintilante, começaram a cair sons ritmados e entrecortados de uma voz conhecida, há pouco tempo ouvida. A voz era bonita, quente, e inspirava persuasão. O doutor apurou os ouvidos e de imediato a reconheceu. Era o comissário Gints. Ele estava discursando na praça.

Os governantes deviam ter pedido a ele que os apoiasse com a sua autoridade e ele, com muita emoção, acusava os habitantes de Meliuzeev de desorganização, de entregarem-se facilmente à influência corrupta dos bolcheviques, os verdadeiros culpados, como afirmava, dos acontecimentos em Zibuchino. Da mesma forma em que falara no quartel-general, ele lembrava o inimigo cruel e poderoso e a hora de duras provações para a pátria. No meio de sua fala, ele começou a ser interrompido.

Os pedidos para não interromperem o orador intercalavam-se com os gritos de discordância. As reclamações de protesto tornavam-se mais freqüentes e mais altas. Alguém que acompanhava Gints, assumindo nesse minuto a tarefa de presidente, gritava que não eram permitidas reclamações do público e exigia ordem. Uns pediam que se desse a palavra aos cidadãos, outros os vaiavam e solicitavam que não atrapalhassem o orador.

Uma mulher tentava passar pela multidão para aproximar-se do caixote virado com o fundo para cima que servia de palanque. Ela não pretendia subir no caixote, mas, ao alcançá-lo, ficou a seu lado. A mulher era conhecida. Fez-se silêncio. A mulher dominou a atenção do público. Era Ustínia.

— O senhor fala de Zibuchino, camarada comissário, e depois diz que temos de abrir os olhos para não sermos enganados. No entanto, eu mesmo o ouvi e o senhor só sabe tagarelar sobre os bolcheviques e sobre os mencheviques, bolcheviques e mencheviques, o senhor não fala em outra coisa. Porém, não guerrear mais e tudo ficar como entre irmãos é a lei do bom Deus e não a dos mencheviques. Passar as fábricas e as indústrias para as mãos dos pobres, isso não é bolchevique e sim compaixão humana. O caso do surdo-mudo já nos foi jogado na cara sem vocês, estamos cansados de ouvir isso. Ele saiu-se bem, não foi? O que fez para desgostarem dele? Andou muito tempo mudo e de repente, sem pedir licença, começou a falar? Imagine, grande coisa! Vocês ainda não viram nada! Essa jumenta, por exemplo, é conhecida. "Balaão, Balaão" dizia, "te peço com respeito, não vá lá, vai se arrepender." E é claro, ele não obedeceu e foi. Assim acontece com o senhor e o surdo-mudo: para que dar-lhe ouvidos? A jumenta é um animal. Desprezou o asno. Porém, como se arrependeu depois. Já devem saber como tudo terminou.

— Como? — quis saber alguém curioso entre o público.

— Ora — rosnou Ustínia. — Vai envelhecer mais cedo se ficar sabendo de muita coisa.

— Não, assim não vale. Diga como — a voz não se aquietava.

— Como, como, seu carrapicho grudento! Ele transformou-se numa coluna de sal!

— Está brincando, comadre. Foi Lot. A mulher de Lot ^{49} — gritaram. Todos riram. O presidente chamava à ordem. Jivago foi dormir.

8

No dia seguinte, à noite, ele encontrou-se com Antipova. Ele a encontrou na copa. Diante de Larissa Fiodorovna havia uma pilha de roupa. Ela estava passando a ferro.

A copa era um dos cômodos superiores dos fundos que dava para o jardim. Nela ficavam os samovares e lá a comida era servida nos pratos que depois eram levados, por um elevador manual, até a cozinha. Depois desciam a louça suja para a lavadora de pratos. Na copa, guardava-se a prestação de contas do hospital. Lá conferiam as listas da louça e da roupa de cama, descansavam nas horas de lazer e marcavam encontros.

As janelas do lado do jardim estavam abertas. O cheiro na copa era de flores de tília, de cominho amargo dos galhos secos, como nos parques antigos, e de um leve vapor dos dois ferros com os quais Larissa Fiodorovna passava alternadamente, colocando ora um, ora outro, no tubo de ventilação para que se aquecessem.

— Por que não bateu na porta ontem? *Mademoiselle* me contou. Aliás, o senhor fez bem. Eu já estava deitada e não poderia deixá-lo entrar. Então, como vai? Cuidado para não se sujar. Derramaram carvão aqui.

— Pelo visto, está passando a roupa do hospital inteiro.

— Não, aqui tem muita roupa minha. O senhor a toda hora me desafiava dizendo que eu nunca sairia daqui. Mas desta vez é sério. Está vendo, estou arrumando as malas. Vou terminar e vou embora. Para os Urais e o senhor para Moscou. E mais tarde, um dia, irão perguntar a Iúri Andreevitch: "O senhor já ouviu falar de uma cidadezinha chamada Miliuzeev?" "Não estou lembrado." "E quem é uma certa Antipova?" "Não faço idéia."

— É, pode ser. Como foi sua visita pelas aldeias? Está tudo bem por lá?

— É difícil contar em duas palavras. Como os ferros esfriam rápido! Traga-me o outro, por favor, se não for difícil. Está lá no tubo de ventilação. E leve este de volta para aquecer. Assim. Obrigada. As aldeias são

diferentes. Tudo depende dos habitantes. Em algumas o povo gosta do trabalho, é trabalhador. Aí a coisa vai bem. Mas em outras há somente bêbados. Essas estão abandonadas. É horrível de olhar.

— Bobagens. Que bêbados? Você não entendeu nada. Não há ninguém, os homens foram todos para a guerra. Antes isso. E como é a administração nova, revolucionária?

— O senhor está enganado em relação aos bêbados, discordo do senhor. Agora, a administração? Vai ser um longo sofrimento. As instruções não são aplicáveis, não há com quem trabalhar na aldeia. Os camponeses neste instante estão preocupados com a questão da terra. Fui até Razdolnoie. Que beleza! O senhor deveria ir. Na primavera, foi meio incendiada e saqueada. O depósito foi destruído pelo fogo, as árvores frutíferas ficaram carbonizadas, uma parte da fachada foi estragada pela fuligem. Mas não consegui ir. No entanto, por toda parte afirmam que o surdo-mudo não é uma invenção. Descrevem sua aparência. Dizem que é jovem, instruído.

— Ontem, na praça, Ustínia o defendia ardorosamente.

— Mal cheguei de Razdolnoie e novamente um amontoado de problemas. Quantas vezes pedi que nos deixassem em paz! Já temos o suficiente! E hoje pela manhã os vigias trouxeram um bilhete do comandante. Precisam a todo custo da prataria e das taças de vinho de cristal. Somente por uma noite, depois devolvem. Sabemos como funciona este "devolvem". A metade das coisas vai se perder. E tudo é emprestado. Dizem que é uma festinha. Para alguém de fora que está aí.

— Sim, acho que sei quem é. O novo comissário da frente chegou. Encontrei-o por acaso. Quer cuidar dos desertores, cercá-los e desarmá-los. O comissário ainda é muito verde, uma criança. Os daqui oferecem os cossacos, mas ele quer tentar com lágrimas. O povo, diz ele, é uma criança, e coisa e tal, e acha que tudo é uma brincadeira infantil. Galiullin insiste para que não desperte a fera adormecida, que isso é tarefa para outros. Mas é impossível convencer um tipo desse quando já encasquetou algo. Ouça-me. Deixe o ferro por um minuto e me ouça. Em breve acontecerá aqui uma luta inimaginável. Não temos forças para evitá-la. Como eu gostaria que fosse embora antes desta bagunça!

— Não vai acontecer nada. Você está exagerando. Além disso, estou indo mesmo. Mas não dá para sair rápido assim e pronto. Tenho que fazer o

inventário, se não, vai parecer que roubei algo. E para quem entregá-lo? Eis a questão! Como já sofri com este inventário, e como recompensa só obtive recriminações. Registrei os pertences de Jabrinskaia para o hospital, porque este era o sentido do decreto. E agora fica parecendo que fiz isso como uma manobra, para desta maneira preservar as coisas para a proprietária. Que asneira!

— Ah, largue estes tapetes e porcelanas, mande-os para o diabo. Já tem com que se preocupar! É, é, foi uma lástima não tê-la encontrado ontem. Eu estava inspirado! Explicaria toda a mecânica celestial, responderia a qualquer pergunta intrincada! Não, não era de brincadeira a minha vontade de desabafar. Sobre minha mulher, sobre meu filho, sobre minha vida. Diabo, será que um homem adulto não pode conversar com uma mulher adulta sem que na mesma hora desconfiem de "segundas intenções"? Brr! Que o diabo carregue todos esses assuntos e intenções! Passe, passe, por favor. Vá passando a roupa e não preste atenção em mim, eu vou falar. Vou falar longamente.

"Pense só, que tempos são esses! Estamos vivendo estes dias! Somente uma vez na eternidade acontece uma história dessas. Pense: arrancaram de toda Rússia o telhado e nós, junto com todo o povo, fomos parar sob céu aberto. Sem ninguém para nos reprimir. Liberdade! Verdadeira, não a das palavras e das reivindicações, mas a que caiu do céu, sem ser esperada. Liberdade por acaso, por equívoco.

"E como todos estão imensamente confusos! Você percebe? Como se cada um estivesse reprimido por si próprio, pelo seu heroísmo descoberto.

"Mas passe sua roupa, estou pedindo. Você está calada! Está aborrecida? Vou trocar o ferro para você.

"Ontem, observei o comício da noite. Um espetáculo admirável. A mãe-Rússia moveu-se, não quer ficar parada, caminha, não se encontra, fala, não consegue parar de falar. As estrelas e as árvores se encontram e começam a conversar, as flores filosofam e os edifícios de pedra fazem comícios. É algo evangélico, não acha? Como nos tempos dos apóstolos. Lembra de Paulo? 'Falem todas as línguas e profetizem. Orem pela dádiva da interpretação.'

— Sobre as árvores e as estrelas fazendo comícios, eu entendo. Sei o que quer dizer. Eu própria senti isso.

— A metade da tarefa foi feita pela guerra, o restante foi terminado pela revolução. A guerra foi a pausa artificial da vida, como se a existência pudesse ser temporariamente adiada... que bobagem! A revolução avançou contra a guerra como um suspiro há muito tempo retido. Cada homem ressuscitou, nasceu de novo, todos em transformação, em reviravoltas. Pode-se dizer que com cada um aconteceram duas revoluções, uma individual e a outra geral. Acho que o socialismo é um mar, no qual devem desaguar como córregos todas essas revoluções separadas, um mar de vida, um mar de originalidade. Um mar de vida, eu disse, daquela vida que pode ser vista nos quadros, vida genializada, vida enriquecida com criatividade. Mas agora as pessoas resolveram testá-la não em livros, mas em si próprias, não na abstração, mas na prática.

Um inesperado tremor na voz traiu Jivago e revelou sua emoção. Larissa Fiodorovna parou de passar a roupa por um instante e olhou para ele, séria e espantada. Ele se atrapalhou e esqueceu sobre o que falava. Depois de uma rápida pausa começou a falar novamente. Sem pensar, começou a dizer Deus sabe o quê.

— Nesses dias tende-se a viver honesta e produtivamente! Deseja-se tanto ser uma parte da animação geral! E eis que no meio da alegria geral encontro o seu triste e misterioso olhar, que vagueia sabe-se lá por onde, onde Judas perdeu as botas. Daria tudo para que ele não existisse, para que em seu rosto estivesse escrito que está feliz com seu destino e que não precisa de nada nem de ninguém. Queria que alguma pessoa próxima de você, um seu amigo ou marido... melhor ainda se fosse um militar... me pegasse pela mão e me pedisse para não me preocupar com seu destino e não aborrecê-la com minha atenção. Eu arrancaria a mão, levantaria e... Ah, eu me distraí! Perdoe-me, por favor.

A voz novamente traiu o doutor. Ele fez com a mão um gesto irritado e com o sentimento de ter cometido uma gafe irreparável levantou-se e foi até a janela. Ficou de costas para o quarto, apoiou o rosto na palma da mão, encostando o cotovelo no batente, e concentrou seu olhar disperso, cego, em busca de paz para o fundo do jardim sombrio e escuro.

Contornando a tábua de passar roupa, apoiada de um lado na mesa e do outro no batente de outra janela, Larissa Fiodorovna parou a alguns passos do doutor, atrás dele, no meio do cômodo.

— Ah, como sempre temi isso! — disse ela baixinho, quase para si mesma. — Que engano fatal! Pare, Iúri Andreevitch, não é preciso. — Ah, veja só o que fiz por sua culpa! — gritou e correu até a tábua, onde, embaixo do ferro esquecido em cima da roupa, fumegava uma blusa queimada.

— Iúri Andreevitch — prosseguiu ela, batendo aborrecida com o ferro na boca do fogão. — Iúri Andreevitch, seja um bom menino, vá por um minuto até a *mademoiselle*, beba um pouco de água, querido, e volte para cá tal como estou acostumada e gostaria de vê-lo. Está ouvindo, Iúri Andreevitch? Sei que você tem forças para fazer isso. Faça-o, eu lhe peço.

Tais explicações não se repetiram mais entre eles. Uma semana depois, Larissa Fiodorovna partiu.

9

Algum tempo depois, Jivago começou a se preparar para a viagem. Na noite anterior a sua partida, ocorreu uma violenta tempestade, em Meliuzeev.

O fragor da tormenta se juntava ao ruído do aguaceiro que caía íngreme nos telhados ou, sob a pressão da mudança do vento, movia-se ao longo da rua, como querendo conquistá-la passo a passo, com os açoites de suas enxurradas.

Os estrondos dos trovões sucediam-se sem intervalos, passando para um retumbar uniforme. Sob o brilho dos freqüentes relâmpagos surgia a rua que afundava com as árvores encurvadas, inclinando-se para o mesmo lado.

À noite, *mademoiselle* Fleury foi despertada por uma batida alarmante na porta. Com medo, ela sentou-se na cama e apurou os ouvidos. Não paravam de bater.

Será que em todo o hospital não havia viva alma para abrir a porta?, pensou ela. Teria que pagar o pato sozinha, pobre velha, somente porque a natureza a fez honesta e dotou-a com o sentimento do dever?

Tudo bem que os Jabrinski eram ricos, aristocratas. Mas o hospital é propriedade deles, do povo. Por que o abandonaram? Por exemplo, seria interessante saber por onde andavam os enfermeiros. Todos fugiram, não havia mais chefia, nem enfermeiras, nem médicos. Porém ainda havia feridos

na casa, dois sem pernas no centro cirúrgico, onde antes era a sala de visitas. A despensa dos doentes com disenteria está cheia, embaixo, ao lado da lavanderia. E o diabo da Ustínia foi visitar alguém. Viu que vinha chuva e mesmo assim cismou em sair. Agora, tem um bom motivo para dormir na casa dos outros.

Mas graças a Deus pararam, se aquietaram. Perceberam que não havia ninguém para abrir, foram embora, deixaram de insistir. Também, com um tempo desses, que diabo os trouxe? Mas, se, de repente, é Ustínia? Não, ela tem sua chave. Meu Deus, que medo, estão batendo novamente!

Que coisa desagradável! Digamos que de Jivago não posso esperar nada. Ele parte amanhã, já está com os pensamentos em Moscou ou na viagem. Mas e Galiullin! Como pode dormir ou ficar deitado tranqüilamente ouvindo essas batidas, esperando que, no fim das contas, ela, uma velha fraca e indefesa, fosse abrir a porta sabe-se lá para quem, nesta terrível noite, neste terrível país.

Galiullin!, lembrou-se subitamente. Mas que Galiullin? Não, esta bobagem lhe viera à cabeça porque acabara de acordar! Que Galiullin, se este desapareceu sem deixar vestígios? Pois se fora ela, com Jivago, quem o escondera e trocara sua roupa militar por uma civil, explicando-lhe a seguir quais as estradas e as aldeias que havia na região para que soubesse para onde fugir, quando acontecera aquele horrível linchamento na estação? Mataram o comissário Gints e perseguiram Galiullin desde Biriutchi até Meliuzeev, atirando em seu encalço, vasculhando a cidade inteira à sua procura. Galiullin!

Não fossem os soldados da unidade motorizada, não restaria pedra sobre pedra na cidade. A divisão blindada passava ali por acaso. Intercedeu pelos habitantes, conteve os vagabundos.

A tempestade acalmava-se. Os trovões retumbavam mais rara e surdamente. A chuva parava às vezes e a água, com um marulho manso, continuava a escorrer pela folhagem e pelas calhas. Os reflexos silenciosos dos raios entravam no quarto de *mademoiselle*, iluminavam-no e permaneciam lá por um instante, parecendo procurar alguma coisa.

De repente, a batida na porta, interrompida por um longo período, recomeçou. Alguém precisava de ajuda e batia com insistência, com desespero. O vento voltou a soprar. A chuva voltou a cair.

— Já vai! — gritou *mademoiselle* sem saber para quem e assustou-se com sua própria voz.

De repente, uma idéia lhe veio à cabeça. Baixou os pés da cama, calçou os sapatos, vestiu o roupão e correu para acordar Jivago, para não passar medo sozinha. Porém, ele também ouvira a batida e já descia com uma vela ao seu encontro. Eles tiveram o mesmo pressentimento.

— Jivago, Jivago! Estão batendo na porta da frente, tenho medo de abrir sozinha — gritava ela em francês, acrescentando em russo: — O senhor vai ver, é Lara ou o tenente Galiullin.

Iúri Andreevitch também acordara com as batidas e também pensou que sem dúvida seria alguém conhecido. Ou Galiullin que voltara para o abrigo, onde poderia se esconder, por causa de possíveis barreiras, ou Antipova, em conseqüência de alguma dificuldade na viagem.

No saguão de entrada, o doutor entregou a vela à *mademoiselle*, virou a chave na fechadura e puxou o ferrolho. A rajada de vento arrancou a porta de suas mãos, apagou a vela e salpicou os dois com respingos frios de chuva.

— Que é? Quem é? Tem alguém aí? — gritavam alternadamente no escuro a *mademoiselle* e o doutor, mas ninguém lhes respondia. De repente, ouviram a mesma batida em outro lugar, vinda dos fundos ou, como agora lhes parecia, da janela do jardim.

— Pelo visto é o vento — disse Jivago. — Mas, por desengano de consciência, vá até a entrada dos fundos e certifique-se. Vou aguardar aqui para não nos desencontrarmos, caso seja realmente alguém que está batendo.

Mademoiselle dirigiu-se aos fundos da casa e o doutor saiu para debaixo do toldo da entrada. Seus olhos, que se acostumaram com o escuro, perceberam os primeiros sinais do amanhecer que despontava.

Sobre a cidade, as nuvens corriam como loucas, como se estivessem fugindo de uma perseguição. Seus flocos passavam voando tão baixo que quase tocavam as árvores, inclinadas para o mesmo lado. Parecia que elas, como vassouras flexíveis, estavam varrendo o céu. A chuva açoitava a parede de madeira da casa, que se tornara negra.

— Então? — indagou o doutor à *mademoiselle*, que retornara.

— O senhor tem razão, não há ninguém. — Ela contou que percorrera a casa toda. Na copa, a janela fora quebrada por um pedaço de galho de tília que batera no vidro e no chão havia poças enormes. O mesmo ocorrera no quarto que Lara deixara, um mar, um mar inteiro, um verdadeiro oceano.

— Aqui os postigos se soltaram e estão batendo na janela. Está vendo? Está tudo explicado.

Conversaram mais um pouco, fecharam a porta e foram dormir. Ambos lamentavam o alarme falso.

Tinham certeza de que, ao abrirem a porta, entraria na casa a mulher que conheciam tão bem, molhada até o último fio de cabelo e com frio. Então, eles a cobririam de perguntas enquanto ela sacudia a roupa e depois, de roupa trocada, ela viria secar-se no calor do forno da cozinha, ainda conservado, e lhes contaria sobre suas inúmeras desventuras, ajeitando os cabelos e rindo.

Estavam tão convictos disso que, quando trancaram a porta, o vestígio desta certeza permaneceu na esquina da casa, na rua, como uma marca d'água desta mulher ou da sua imagem que insistia em aparecer-lhes no ângulo da esquina.

10

O telegrafista Kólia Frolenko era considerado o culpado indireto pela revolta entre os soldados na estação.

Kólia era filho de um famoso relojoeiro de Meliuzeev. Em Meliuzeev, conheciam-no desde pequenino. Ainda menino, ele visitara alguém da criadagem de Razdolnoie e brincou, sob o olhar de *mademoiselle*, com suas duas pupilas, as filhas da condessa. *Mademoiselle* conhecia bem Kólia. Foi a partir daí que ele começou a entender um pouco de francês.

Em Meliuzeev, estavam acostumados a ver Kólia, com qualquer tempo, vestido levemente, sem chapéu, de sandália de lona de verão, andando de bicicleta. Sem segurar no guidom, recostado, de braços cruzados contra o peito, ele rodava pela estrada e pelas ruas da cidade, olhando os postes e os fios, conferindo o estado da rede.

Algumas casas da cidade estavam ligadas à estação ferroviária por um tronco do telefone da própria estação. A administração desse entroncamento estava a cargo de Kólia, na sala de controle dos aparelhos da estação.

Lá, ele tinha trabalho até o pescoço: o telégrafo da estrada de ferro, o telefone e, às vezes, nas curtas ausências de Povarikhin, o chefe da estação, Kólia era responsável também pela sinalização e o bloqueio dos trens, pois estes dispositivos ficavam na mesma sala dos aparelhos.

A necessidade de ficar atento ao movimento de vários mecanismos simultaneamente desenvolveu em Kólia uma forma especial de falar, obscura, entrecortada, cheia de mistérios, à qual recorria quando não queria responder a alguém ou não desejava estabelecer conversa alguma. Diziam que ele usara amplamente essa linguagem no dia dos tumultos.

Por ter ficado calado, ele realmente enfraqueceu as boas intenções de Galiullin, que telefonara da cidade. Kólia, inconscientemente, deu a partida fatal para os acontecimentos posteriores.

Galiullin pedia-lhe que chamasse ao aparelho o comissário, que se encontrava em alguma parte da estação ou nas suas proximidades, para dizer-lhe que estava indo até as clareiras da floresta e pedir-lhe que o aguardasse e não tomasse nenhuma atitude sem ele. Kólia recusou-se a chamar Gints para Galiullin, sob o pretexto de que sua linha estava ocupada com a transferência dos sinais para o trem que se dirigia a Biriutchi. Porém, verdade ou não, ao mesmo tempo ele retinha o trem que transportava os cossacos até Biriutchi, no entroncamento vizinho, contando histórias sem pé nem cabeça.

Quando a composição finalmente chegou, Kólia não conseguiu esconder sua insatisfação.

O trem arrastou-se lentamente até a cobertura escura da plataforma ferroviária e parou justamente em frente à janela enorme da sala dos aparelhos. Kólia abriu bruscamente a pesada cortina feita de um tecido azul-marinho com as iniciais da estação bordadas nas beiras. No batente de pedra havia uma enorme jarra de água e um copo facetado, de vidro grosso, em cima de uma bandeja. Kólia encheu o copo de água, bebeu alguns goles e olhou pela janela.

O maquinista o percebeu e acenou com a cabeça amigavelmente da cabine. "Uh, porcaria fedorenta, seu verme!", pensou Kólia com ódio,

mostrando ainda a língua para o maquinista e ameaçando-o com o punho fechado. O maquinista não só entendeu a mímica de Kólia como deixou claro com os ombros e a virada da cabeça para o lado dos vagões o seguinte: "O que fazer? Tente! Depende de sua força!" "Mesmo assim, você é um calhorda e canalha", respondeu Kólia com as mímicas.

Começaram a retirar os cavalos dos vagões. Eles resistiam, não queriam sair. A batida surda dos cascos no piso de madeira das rampas alternava-se com o tinido das ferraduras pela plataforma de pedra. Os cavalos, que empinavam, eram levados pelos trilhos de várias linhas férreas.

Elas terminavam em duas fileiras de vagões sucateados, colocados em cima de dois eixos enferrujados e cobertos pelo mato. A destruição da madeira, sua pintura lavada pelas chuvas e corroída por larvas e umidade, devolvia aos vagões ali instalados a semelhança anterior com o bosque úmido que começava do outro lado dos trens, coberta de fungos com os quais a bétula adoeceu e com as nuvens que pendiam acima da madeira.

Na clareira, os cossacos, atendendo à voz de comando, mostraram e cavalgaram para as derrubadas.

Os rebeldes da divisão 212 foram cercados. Em meio às árvores os cavaleiros parecem sempre mais altos e imponentes que em campo aberto. Eles impressionaram os soldados, apesar destes possuírem fuzis nos abrigos. Os cossacos tiraram os sabres.

No meio do círculo de cavaleiros, em cima de um monte de lenha empilhada e alinhada, subiu Gints, dirigindo-se aos presentes com um discurso.

Novamente, como era de sua natureza, falava sobre o dever militar, sobre o significado da pátria e sobre outros sentimentos elevados. Ali, esses conceitos não gozavam de simpatia. O público era muito numeroso. As pessoas que o compunham tinham sofrido muito durante a guerra, embruteceram-se e estavam exaustas. As palavras que Gints pronunciava já impregnavam há muito tempo seus ouvidos. A bajulação, durante quatro meses, da direita e da esquerda havia pervertido. O povo simples, do qual ela era composta, implicara com o sobrenome estrangeiro do orador e com seu sotaque prussiano.

Gints sentia que falava longamente e isso o contrariava, porém pensava que fazia assim para ser melhor compreendido pelos ouvintes, que, ao invés

de lhe manifestarem gratidão, pagavam-lhe com indiferença e antipatia. Irritando-se cada vez mais, ele resolveu falar de uma maneira mais dura e recorrer às ameaças que reservara para o fim. Sem ouvir o estrondo, ele lembrou aos soldados que haviam sido instituídos e já estavam em funcionamento tribunais militares revolucionários. Sob ameaça de pena de morte, ele exigiu que depusessem as armas e entregassem os dirigentes. Caso contrário, dizia Gints, provariam que não passavam de traidores ilegais, canalhas inconscientes, brutamontes presunçosos. Aquelas pessoas estavam desacostumadas com esse tom.

Algumas centenas de vozes começaram a berrar. "Já falou demais! Basta!", gritavam uns em tom baixo e quase sem maldade. Mas soavam também berros histéricos em falsete, carregados de ódio. Estes eram ouvidos. Gritavam:

— Ouviram, companheiros, como ele quer se impor? A maneira antiga! Não perdeu os hábitos de oficial! Então nós é que somos os traidores? E você, pertence a quem, Vossa Alteza? Para que ficar de rodeios com ele? Não estão vendo que é um enviado alemão? Ei, você, apresente seus documentos, seu sangue azul! E vocês, estão de boca aberta por quê, seus pacificadores? Vamos, nos amarrem, nos comam!

Porém, também os cossacos começavam a gostar cada vez menos da fala de Gints. "Todos são uns brutamontes e porcos. Veja só que senhor!", cochichavam um a um e depois, em número cada vez maior, começaram a colocar os sabres nas bainhas. Um a um, começaram a descer dos cavalos. Quando uma quantidade suficiente deles desmontou, dirigiram-se desordenadamente para o centro da clareira, ao encontro do 212. Todos se misturaram. Iniciou-se a confraternização.

— O senhor tem de sumir de algum jeito, sem ninguém perceber — diziam a Gints os oficiais dos cossacos, preocupados. — Seu carro está próximo do cruzamento. Vamos mandar que venha para mais perto. Vamos logo!

Gints concordou, mas como achava indigno fugir de mansinho, dirigiu-se à estação sem muito cuidado, quase às claras. Caminhava muito nervoso mas, por orgulho, forçava um andar tranqüilo e lento.

Já estava perto da estação, na orla do bosque. Na clareira, já avistando os trilhos, ele olhou para trás pela primeira vez. Seguiam-no soldados

armados. "O que eles querem?", pensou Gints e apertou o passo.

O mesmo fizeram seus perseguidores. A distância entre eles, mesmo com a perseguição, não se alterou. À frente, surgiu a parede dupla dos vagões quebrados. Depois de passar para o outro lado, Gints pôs-se a correr. O trem que trouxera os cossacos fora levado para a garagem. Os trilhos estavam livres. Gints cruzou-os correndo.

No impulso, subiu na plataforma. Nessa hora, de trás dos vagões quebrados, surgiram correndo os soldados que o perseguiam. Povarikhin e Kólia gritavam algo para Gints e faziam sinais, convidando-o a entrar na estação, onde poderiam salvá-lo.

Porém, novamente aquele sentimento de honra, passado de geração a geração, o sentimento urbano de sacrifício, naquele momento, absurdo, atravessou o seu caminho para a salvação. Com um esforço sobre-humano, ele tentava conter o palpitar de seu coração exaltado. "Tenho que gritar para eles: "Irmãos, voltem a si! Como posso ser um espião??", pensou ele. "Dizer algo esclarecedor, cordial, que os faça parar."

Nos últimos meses, o sentimento de heroísmo, o grito da alma, inconscientemente misturou-se em sua cabeça com palanques e tribunas, com cadeiras nas quais ao subir podia lançar para a multidão palavras de ordem, algo que inflamasse.

Junto aos portões da estação, debaixo do sino, ficava a dorna alta de incêndio. Estava bem fechada. Gints subiu na tampa e dirigiu aos que se aproximavam algumas palavras emocionadas, absurdas e desconexas. A louca coragem de sua atitude, a dois passos dos portões escancarados da estação, onde poderia facilmente ter entrado, deixou os soldados perplexos e os prendeu ao solo. Eles baixaram as armas.

Mas Gints parou na beirada da tampa e a virou. Uma perna caiu dentro d'água e a outra ficou pendurada na borda da dorna. Ficou montado na borda.

Os soldados receberam esta trapalhada com uma explosão de gargalhadas: o que estava na frente matou de vez o pobre coitado com um tiro no pescoço e os outros correram para terminar de matá-lo com as baionetas.

Mademoiselle telefonou para Kólia pedindo que acomodasse o melhor possível o doutor no trem, ameaçando-o, em caso contrário, com desagradáveis e sérias revelações sobre ele.

Ao responder, Kólia, como de costume, falava simultaneamente em outro telefone e, a julgar pelas frações decimais abundantes em sua fala, estava passando para um terceiro posto algo codificado por télégrafo.

— Pskov, *komosev*, está me ouvindo? Que rebeldes? Que mão? E a senhora, *mademoiselle*? É mentira, quiromancia. Deixe-me em paz, desligue, está me atrapalhando. Pskov, *komosev*, Pskov. Trinta e seis vírgula zero zero quinze. Ah, raios me partam, a fita arrebentou. Como? Como? Não estou ouvindo. É a senhora de novo, *mademoiselle*? Já disse no russo mais claro que não pode, não posso. Fale com Povarikhin. É mentira, quiromancia. Trinta e seis... ah, diabo... deixe-me em paz, não me atrapalhe, *mademoiselle*.

E *mademoiselle* dizia:

— Você não me engana com a quiromancia, Pskov, Pskov, conheço você muito bem. Amanhã vai colocar o doutor no vagão e conversa encerrada, pois não quero mais falar com um assassino qualquer, com um pequeno Judas traidor.

No dia em que Iúri Andreevitch partiu, o ar estava abafado. Uma nova tempestade se armava como há três dias.

As casas de barro batido e os gansos da vila próxima à estação ferroviária, coberta de cascas de sementes de girassol, branquejavam sob o olhar imóvel do céu negro e tempestuoso.

Contígua ao prédio da estação, uma clareira larga estendia-se ao longe, para ambos os lados. A grama estava pisada e completamente tomada por

uma multidão de habitantes locais, que durante semanas aguardavam trens para direções diferentes, de acordo com sua necessidade.

Na multidão, havia velhos de sobrecasacas cinzentas de burel, que sob o sol escaldante corriam de um grupo para outro com a intenção de obter informações. Adolescentes calados deitavam-se de lado, apoiados nos cotovelos com uma vara nas mãos, como se estivessem tangendo o gado. Arregaçando as camisinhas, corriam entre suas pernas seus irmãozinhos e irmãzinhas de bumbuns rosados. Sentadas no chão, com as pernas esticadas e bem fechadas estavam suas mães, com crianças de colo enroladas e enfiadas dentro de suas velhas batas marrons retorcidas.

— Correram feito ovelhas em debandada quando começou o tiroteio. Não gostaram! — disse hostilmente o chefe de estação Povarikhin, cortando caminho para passar com o doutor pelas fileiras de corpos deitados e amontoados do lado de fora, diante das portas, e no chão, dentro da estação. — De repente, a grama apareceu! Vimos novamente como é a terra. Que felicidade! Faz quatro meses que não se via sua cor. Por causa deste bando, tínhamos esquecido como ela era. Olhe, ele caiu ali. Foi impressionante, vi tanta coisa terrível na guerra que já deveria ter me acostumado. No entanto, fiquei com tanta pena! O incrível é que foi uma bobagem. Por quê? O que ele fez de ruim? Como podem ser chamados de gente? Dizem que era o queridinho da família. Agora à direita, assim, assim, por favor, para cá, para o meu gabinete. Nem pense em pegar este trem, será pisoteado até a morte. Vou acomodá-lo em outro, no trem local. Nós mesmos organizamos seus componentes, vamos começar a compô-lo agora mesmo. Só que até o embarque, bico fechado, não comente com ninguém! Se não, vão despedaçar até o engate se a notícia se espalhar. À noite, em Sukhinitchi, fará a baldeação.

Quando o trem "secreto" foi composto, levaram-no em ré da garagem até a plataforma. O povo todo que estava na clareira, uma multidão, correu em direção ao comboio que se arrastava lentamente. As pessoas, como ervilhas, desciam das colinas e subiam no aterro. Empurrando-se mutuamente, pulavam correndo nos pára-choques e estribos e outros escalavam as janelas

e o teto dos vagões. Num instante, mesmo ainda em movimento, o trem ficou lotado. Quando finalmente chegou na plataforma, estava superlotado e com viajantes dependurados de alto a baixo.

Por um milagre, o doutor conseguiu alcançar a plataforma e, de maneira mais inexplicável ainda, penetrou no corredor do vagão.

Passou a viagem inteira no corredor e foi até Sukhinitchi sentado em cima de sua bagagem, que estava no chão.

As nuvens de chuva haviam se desmanchado há muito. Pelos campos, iluminados com os raios perolados do sol, soava de um lado para outro o cricrilar dos grilos, que abafava o barulho do trem.

Os passageiros que viajavam de pé nas janelas tapavam a luz para os restantes. Deles, no chão, nos bancos e nas divisórias, caíam sombras compridas, duas ou três, uma em cima da outra. Estas sombras não cabiam no vagão. Caíam para fora, pelas janelas do lado oposto, e corriam saltitando no outro lado do declive, juntamente com a sombra do trem inteiro em movimento.

Todos ao redor gritavam, cantavam canções, xingavam e jogavam baralho. Nas paradas, à algazarra interna juntava-se o barulho da multidão que assediava o trem do lado de fora. O rumor das vozes era como o estrondo de uma tempestade marítima. E como no mar, o meio da plataforma, de repente, ficava inexplicavelmente silencioso. Começavam a ser ouvidos os passos apressados pela estação ao longo do trem, a correria e a discussão do lado do vagão de bagagem, algumas palavras dos que se despediam ao longe, o fraco cacarejo das galinhas e o farfalhar das árvores no jardim da estação.

Então, como um telegrama entregue em viagem ou como um cumprimento de Meliuzeev, entrou pela janela um aroma conhecido, parecendo endereçado a Iúri Andreevitch. O aroma, com sua superioridade suave, surgia em algum canto, descia de uma altura incomum até as flores dos campos e dos canteiros.

Jivago não podia aproximar-se da janela devido ao tumulto. Porém, mesmo sem olhar, sua imaginação via essas árvores. Deveriam crescer ali por perto, esticando calmamente até o teto dos vagões seus galhos frondosos com sua folhagem empoeirada pelo tumulto da estrada de ferro, densa como a noite, e salpicada com estrelinhas de cera de constelações brilhantes.

Isso se repetiu a viagem inteira. Em toda parte a multidão fazia barulho. Em toda parte as tílias floriam.

O sopro onipresente desse perfume parecia ultrapassar o trem que ia para o norte, parecia uma notícia que havia percorrido todos os entroncamentos, guarda-barreiras e apeadeiros e que era sempre encontrada em qualquer local e constatada pelos viajantes.

14

À noite, em Sukhatchi, o gentil carregador à moda antiga passou com Jivago por trilhos escuros e o acomodou no vagão de segunda classe, entrando pelos fundos de um trem recém-chegado que não estava previsto no horário.

Mal o carregador abriu a porta traseira com a chave do condutor e jogou a bagagem do doutor no chão, teve que travar na mesma hora uma pequena batalha com o condutor que, naquele momento, começou a enxotá-los. Mas, depois de ter sido recompensado por Iúri Andreevitch, ele conformou-se e sumiu.

O misterioso trem tinha um destino especial, ia bastante rápido, com paradas curtas e andava sob uma espécie de guarda. O vagão estava bem vazio.

A cabine onde entrou Jivago estava claramente iluminada com uma vela sobre a mesa; sua chama ondulava com a corrente de ar da janela arriada.

A vela pertencia ao único passageiro da cabine. Era um jovem loiro, pelo visto bem alto, a julgar por suas mãos e pernas compridas. Elas se moviam facilmente nas dobras como componentes mal presos de objetos dobráveis. O rapaz estava sentado no sofá, próximo à janela, recostado e à vontade. Ao ver Jivago ele se levantou educadamente e alterou sua pose semideitada para outra, sentada e mais decente.

A seus pés, embaixo do sofá, havia algo como um pano listrado. De repente, a pontinha do pano começou a se mexer e de baixo do sofá saiu um cachorro de orelhas caídas e agitado. Ele cheirou e observou Iúri Andreevitch e começou a correr pela cabine de um lado para outro, lançando

as pernas da mesma maneira flexível como as cruzava seu dono esguio. Logo depois, obedecendo às suas ordens, o cachorro foi para baixo do sofá e retomou sua aparência anterior: um pano de chão enrolado.

Somente então, Iúri Andreevitch percebeu a espingarda de dois canos, a cartucheira de couro e a bolsa de caçador cheia de pássaros abatidos que estavam pendurados nos ganchos da cabine.

O jovem era um caçador.

Seu principal traço era sua loquacidade e apressou-se a estabelecer, com um sorriso gentil, uma conversa com o doutor. Olhava diretamente para a boca do doutor, não no sentido figurado, mas literal.

O rapaz revelou-se dono de uma voz desagradável e aguda, que quando elevada entrava num falso falsete. Uma outra singularidade: tudo indicava que era russo, mas algumas vogais, principalmente o "u", ele pronunciava de maneira complicada, abrandando porém a pronúncia à moda francesa ou alemã. Além do mais, este "u" deturpado lhe dava muito trabalho, pois pronunciava seu som mais alto que os outros com uma força terrível, ganindo levemente. Logo de início, aturdiu Iúri Andreevitch com a seguinte frase:

— Ainda ontem pela manhã, e^u estava caçando patos.

Às vezes, quando aparentemente tentava se controlar, ele superava este erro. Mas bastava se distrair que o cometia novamente.

"Que diabo é isso?", pensou Jivago. "É algo sobre que já li, algo conhecido. Como médico, deveria saber disso, mas esqueci. É algum fenômeno cerebral que provoca um defeito na articulação. Ainda por cima, esse uivo é tão engraçado, que é difícil permanecer sério. É completamente impossível conversar. Melhor subir e me deitar."

E assim o fez. Quando começou a se acomodar na cama de cima, o jovem perguntou se não queria que apagasse a vela que certamente iria atrapalhá-lo. O doutor aceitou e agradeceu. O vizinho apagou o fogo. Ficou escuro.

A janela da cabine estava arriada pela metade.

— Não acha melhor fecharmos a janela? — indagou Iúri Andreevitch. — Não tem medo de ladrões?

O vizinho não respondeu. Iúri Andreevitch repetiu a pergunta em tom mais alto, mas o rapaz continuou calado.

Então Iúri Andreevitch acendeu um fósforo para ver o que havia com seu vizinho. Teria saído da cabine nesse pequeno intervalo ou então adormecera, o que seria ainda mais estranho.

No entanto, o rapaz estava sentado com os olhos abertos no mesmo lugar e sorria para o doutor no alto.

O fósforo apagou-se, Iúri Andreevitch acendeu um novo e sob sua luz repetiu pela terceira vez o que desejava esclarecer.

— Faça como quiser — respondeu o caçador sem demora. — Não tenho nada que possa ser roubado. Mas seria melhor não fechar. Está abafado.

"Essa é boa!", pensou Jivago. "Que esquisito. Pelo visto, está acostumado a conversar com a luz acesa. E como pronunciou tudo certinho, sem erros! É incompreensível!"

15

O doutor sentia-se abatido com os acontecimentos da semana anterior, com as preocupações da viagem, a arrumação da bagagem e o embarque matinal no trem. Ele achava que iria dormir assim que se estendesse num lugar cômodo. Porém se enganou. O cansaço excessivo o deixou com insônia. Adormeceu somente ao amanhecer.

Por mais caótico que fosse o turbilhão de idéias que povoavam a sua cabeça durante estas longas horas, elas, pelo visto, possuíam dois círculos, dois novelos fixos, que ora se enrolavam, ora se desenrolavam.

Um círculo encerrava os pensamentos em Tônia, na casa e na vida anteriormente organizada, cercada até os mínimos detalhes de poesia e infiltrada de afetividade e pureza. O doutor estava preocupado com esta vida, queria-a sã e salva, e, voando no trem expresso noturno, impacientemente desejava esta vida de volta depois de dois anos de separação.

A fidelidade à revolução e a admiração por ela também faziam parte desse círculo. Era a mesma revolução aceita pela classe média, na concepção que lhe era dada pela juventude estudantil de 1905, a juventude que venerava Blok.

Nesse círculo íntimo e habitual ficavam também as características do novo, aquelas promessas e presságios que despontavam no horizonte antes da guerra, entre 1912 e 1914, no pensamento russo, na arte russa e no destino russo; no destino geral de todas as Rússias e no próprio destino de Jivago.

Depois da guerra, o desejo que se impunha era ir novamente ao encontro desses anseios, para restabelecê-los e prosseguir com eles, como se quer voltar para casa depois de longa ausência.

As idéias do segundo círculo eram algo novo também, porém, um novo bem diferente e distinto! Não era uma coisa familiar, habitual, algo novo preparado pelo velho, mas espontâneo, inadiável, o novo imposto pela realidade e inesperado como um terremoto.

Este novo era a guerra, seu sangue e terrores, seu abandono e sua selvageria. Este novo eram as provações e a ciência da vida que a guerra ensinava. Este novo eram as cidades nos confins do mundo para onde a guerra o levava e as pessoas que a guerra colocara no seu caminho. Este novo era a revolução, mas não aquela idealizada nas universidades em 1905, mas esta, atual, presente, nascida da guerra, sanguinária, dirigida por peritos nessa tempestade, os bolcheviques.

Este novo era a enfermeira Antipova, jogada pela guerra só Deus sabe onde, para uma vida completamente desconhecida. Antipova, que nunca culpava ninguém por nada e que quase lamentava sua timidez, misteriosa, de poucas palavras, mas tão forte com o seu silêncio. Este novo era o esforço de Iúri Andreevitch em não amá-la com todas as suas forças, da mesma forma como a vida inteira esforçou-se por amar, além da família e parentes, todos os seres humanos.

O trem corria a todo vapor. O vento que entrava pela janela da cabine agitava e empoeirava os cabelos de Iúri Andreevitch. Nas paradas noturnas acontecia o mesmo que nas paradas diurnas, a multidão esbravejava e as tílias farfalhavam.

Às vezes, das profundezas da noite, barulhentemente aproximavam-se carroças e charretes até a estação. As vozes e a batida das rodas misturavam-se ao ruído das árvores.

Nesses minutos, parecia compreensível o que fazia farfalhar e inclinar-se uma para a outra essas sombras noturnas e o que elas cochichavam entre si, arrastando com esforço as pesadas e sonolentas folhas, como se elas

tivessem as línguas presas e enroladas. Virando-se em sua cama superior, Iúri Andreevitch também pensava sobre isso, pensava nas notícias sobre a Rússia, cada vez mais tomada pelos distúrbios que se ampliavam, nas notícias sobre a Revolução e sobre a sua hora fatal e difícil, sobre sua provável grandeza final.

16

No dia seguinte o doutor acordou tarde. Era meio-dia. "Marquis, Marquis!" — a meia voz, o vizinho segurava seu cão que rosnavia. Para admiração de Iúri Andreevitch, eles ficaram sozinhos com o caçador na cabine, ninguém entrou durante a viagem. Os nomes de algumas estações eram conhecidos desde a infância. O trem, deixando para trás a região de Kaluzhskaia, entrou nas profundezas da região de Moskovskaia.

Depois da higiene matinal, com as comodidades de antes da guerra, o doutor voltou à cabine para o café da manhã, que lhe foi oferecido por seu curioso companheiro de viagem. Agora, Iúri Andreevitch pôde ver os seus traços com mais nitidez.

Os traços mais marcantes dessa figura eram a extrema loquacidade e agitação. O desconhecido gostava de conversar, e o mais importante para ele não era a comunicação e a troca de idéias, mas a atividade da fala em si, a articulação das palavras e a emissão dos sons. Ao conversar, ele pulava no assento como em cima de molas, gargalhava sem motivo, de modo ensurdecador, esfregava rápido as mãos de prazer e, quando isso lhe parecia pouco para expressar seu entusiasmo, batia nos joelhos com as palmas das mãos, rindo até as lágrimas brotarem de seus olhos.

A conversa restabeleceu-se com as mesmas esquisitices do dia anterior. O desconhecido era espantosamente incoerente. Ora entregava-se a confissões que não eram solicitadas, ora, sem dar ouvidos, deixava sem resposta as perguntas mais inocentes.

Despejou um monte de informações das mais fabulosas e desconexas a seu respeito. Parecia estar contando lorotas descaradamente. Queria, é claro, impressionar com seus pontos de vista extravagantes e com a negação de tudo que era universalmente aceito.

Tudo isso lembrava algo muito familiar. Dentro do espírito desse radicalismo, falavam os nihilistas do século passado e um pouco mais tarde alguns heróis de Dostoievski e, recentemente, seus seguidores diretos; ou seja, todos os provincianos instruídos da Rússia. A província, freqüentemente, marchava à frente das capitais, pois nesses confins muitas vezes se conservava uma ponderação que há muito envelhecera e estava fora de moda nas capitais.

O jovem contou que era sobrinho de um revolucionário conhecido mas que seus pais, ao contrário, eram reacionários irreparáveis, conservadores, umas mulas — como ele mesmo se expressou. Em um lugarejo perto da linha de frente, eles possuíam uma propriedade considerável. Foi lá que o rapaz cresceu. Seus pais passaram a vida inteira em brigas com seu tio, mas este não guardara rancor e agora, com sua influência, estava livrando-os de muitos aborrecimentos.

Ele mesmo, por suas convicções, saiu ao tio, comunicou o sujeito falador, extremista-maximalista em tudo: em questões da vida, da política e da arte. Novamente, falou com o ar de Petenka Verkhovenski ^{50}, não quanto ao esquerdismo, mas no sentido da perversidade e tagarelice. "Logo, logo se dirá um futurista", pensou Iúri Andreevitch e, realmente, ele começou a falar dos futuristas. "Agora vai falar de esporte", continuava adivinhando o doutor. "Vai falar de cavalos de corrida, de riques de patinação ou de luta francesa." E realmente passaram a conversar sobre caçadas.

O rapaz disse que caçava em suas propriedades e gabou-se de ser um exímio atirador, que se não fosse sua deficiência, que o impedira de ser soldado, ele com certeza se destacaria na guerra por sua precisão no tiro.

Percebendo o olhar interrogativo de Jivago, ele exclamou:

— Como? Será que o senhor não percebeu? Pensei que tinha notado a minha deficiência.

Então, tirou do bolso e estendeu a Iúri Andreevitch dois cartões. Um era o seu cartão de visita. Possuía um sobrenome duplo. Chamava-se Maksim Aristarkhovitch Klintsov-Pogorevchikh, ou simplesmente Pogorevchikh, como ele pedia que o chamassem, em homenagem ao tio com esse nome.

No outro cartão, havia uma tabela pautada com desenhos de mãos e dedos em diferentes posições. Era o alfabeto dos surdos-mudos. De repente,

tudo se esclareceu.

Pogorevchikh era um educando fenomenalmente talentoso da escola de Hartman ou Ostrogradski, ou seja, de surdos-mudos. Aprendeu, com perfeição incrível, a falar não de ouvido, mas olhando o movimento dos músculos da garganta do professor e da mesma forma entendia a fala de qualquer interlocutor.

Então, confrontando mentalmente de onde ele era e onde caçava, o doutor perguntou:

— Desculpe-me pela indiscrição, o senhor pode não responder, mas teve alguma participação na organização da República de Zibuchino?

— Mas de onde... Permita-me... Então o senhor conheceu Blazheiko?.. Tive, tive! Claro que tive — ele falou como uma metralhadora, gargalhando, balançando o corpo todo de um lado para o outro e batendo freneticamente nos joelhos. E recomeçaram as histórias fantasiosas.

Pogorevchikh disse que Blazheiko foi um pretexto para ele aplicar suas idéias e Zibuchino o local aleatoriamente escolhido. Para Iúri Andreevitch foi difícil acompanhar sua exposição. A filosofia de Pogorevchikh era composta em sua metade por teses do anarquismo e a outra metade por puras mentiras de caçador.

Pogorevchikh, com um tom impassível de oráculo, previa abalos mortais para os próximos anos. Iúri Andreevitch concordava interiormente que eles poderiam ser inevitáveis, mas a calma autoritária com que esse menino desagradável emitia suas profecias deixava-o irritado.

— Espere, espere — exclamou ele temeroso. — Isso tudo é verdade, pode ser. Mas, a meu ver, não é hora de realizar experiências tão arriscadas no meio do nosso caos e desordem, diante da pressão do inimigo. Temos que deixar o país voltar a si e respirar de um golpe, antes de partir para outro. Temos que aguardar pelo menos alguma, relativa tranqüilidade e ordem.

— Isso é ingênuo — dizia Pogorevchikh. — O que o senhor chama de desordem é um fenômeno tão comum como a ordem, tão elogiada e amada pelo senhor. Estas destruições são a parte natural e preliminar de um plano mais amplo e construtivo. A sociedade ainda não desmoronou o suficiente. Tem que se decompor até o fim, aí então o verdadeiro poder revolucionário a reconstruirá por partes, em bases totalmente diferentes.

Lúri Andreevitch sentiu-se mal e saiu para o corredor. O trem, aumentando a velocidade, voava pelas aldeias dos arredores de Moscou. A cada minuto, ao encontro das janelas, passavam correndo os arvoredos de bétulas com casas construídas uma ao lado da outra. Passavam, voando, as plataformas estreitas, sem cobertura, cheias de veranistas que, girando como em um carrossel, saltavam para o lado devido à nuvem de fumaça levantada pelo trem. A locomotiva apitava insistentemente e seu assobio sufocava o eco vazio, tubular e oco das florestas, levando-o para bem longe.

Subitamente, pela primeira vez em todos esses dias, Lúri Andreevitch entendeu com total clareza onde estava, o que lhe havia acontecido e o que encontraria uma ou duas horas depois.

Três anos de mudanças, imprevistos, travessias, guerra, revolução, abalos, tiroteios, cenas de morte, pontes explodidas, destruições, incêndios — tudo isso, de repente, transformou-se num vazio, sem sentido algum. O primeiro acontecimento verdadeiro, depois de um longo intervalo, era esta aproximação vertiginosa, de dentro de um trem, da casa que estava intacta e que existia ainda no mundo, lá, e onde cada pedrinha era preciosa. Isso é que era a vida, isso é que era a emoção, isso é que era o que buscavam os aventureiros, o que contava para a arte — o encontro com os parentes, o retorno para sua casa, o restabelecimento da existência.

Os arvoredos terminaram. O trem escapou do desfiladeiro de folhagens para a liberdade do campo aberto. A clareira, inclinada como uma colina ampla, fugia para longe e surgia do barranco. Estava toda coberta de canteiros compridos com uma plantação verde-escura de batata no alto da clareira. Ao final do campo de batata, havia no chão esquadrrias retiradas das estufas. Em frente à clareira, na traseira do trem em movimento, uma enorme nuvem violeta-escura ocupava a metade do céu. Por trás dela, escapavam os raios de sol que se dispersavam em círculos para todos os lados e no seu caminho refletiam-se nas esquadrrias das estufas, acendendo seus vidros com um brilho intolerável.

De repente, da nuvem caiu uma chuva grossa, inclinada, que brilhava ao sol. Ela caía em gotas apressadas, no mesmo ritmo em que o trem acelerado batia com suas rodas e ribombava com seus parafusos, parecendo tentar alcançá-lo ou temendo ficar para trás.

Mal o doutor observou isso surgiu, como que por trás da montanha, a catedral de Cristo Salvador e no minuto seguinte as cúpulas, os telhados, as casas e as chaminés da cidade inteira.

— Moscou — disse ele, retornando à cabine. — Está na hora de me arrumar.

Pogorevchikh levantou-se, começou a fuçar a bolsa de caça e tirou um pato grande.

— Leve — disse ele. — Como lembrança. Passei o dia todo numa companhia muito agradável.

Por mais que o doutor recusasse, de nada adiantou.

— Está bem — foi obrigado a aceitar —, aceito isso do senhor como um presente para minha esposa.

— Para a esposa! Para a esposa! De presente para a esposa — repetia Pogorevchikh alegremente. Parecia ter ouvido pela primeira vez esta palavra e começou a agitar-se tanto com o corpo todo e a gargalhar de tal maneira que o próprio cão, Marquis, começou a participar de sua alegria.

O trem se aproximava da plataforma de desembarque. No vagão, ficou escuro como à noite. O surdo-mudo estendia para o doutor o pato selvagem embrulhado num pedaço de folheto impresso.

Estalagem moscovita



1

Durante a viagem, talvez devido à postura sedentária na cabine apertada, parecia que somente o trem andava e o tempo não, pois tinha-se a impressão de ser ainda meio-dia.

No entanto anoitecia quando o cocheiro e o doutor com sua bagagem atravessaram a passo e com dificuldade uma imensa multidão que se amontoava no Smolenski.

Provavelmente era assim mesmo, porém podia ser que as impressões do doutor tenham se misturado às experiências de anos passados. Mais tarde, todavia, em suas lembranças lhe parecia que naquela época as pessoas já se amontoavam no mercado por hábito, sem que houvesse motivo para ficarem por lá. As coberturas das barracas vazias estavam fechadas e presas com cadeados, pois não havia nada para vender na praça imunda onde não mais se limpava a sujeira e o lixo.

E lhe parecia que, já naquela época, tinha visto as velhas e os velhos magros e bem-vestidos que se apertavam parados na calçada, como em reprovação muda aos transeuntes, e vendiam calados coisas que ninguém comprava e de que ninguém precisava: flores artificiais, fervedores redondos a álcool para café, com tampa de vidro e apito, trajes de gaze preta para a noite, uniformes de empresas falidas.

Pessoas mais simples vendiam coisas mais essenciais: pedaços pontudos do pão preto racionado que rapidamente endurecia; cotocos sujos e úmidos de açúcar e pacotinhos de tabaco cortados pela metade.

Pelo mercado inteiro circulavam inúmeras bugigangas que aumentavam de preço à medida que passavam de mão em mão.

O cocheiro entrou numa das travessas adjacentes à praça. Por trás, o sol se punha e batia-lhes nas costas. A frente, um cavalo puxava com estrondo uma sacolejante carroça vazia. Ela levantava colunas de poeira que brilhavam como bronze, aos raios do sol poente.

Finalmente, conseguiram ultrapassar a carroça que lhes fechava o caminho. Andaram mais rápido. O doutor ficou impressionado com o número de jornais e anúncios velhos retirados das paredes dos prédios e dos muros e jogados por toda parte, nas ruas e calçadas. O vento carregava-os para um lado, mas as patas, as rodas e os pés dos transeuntes os levavam para outro.

Logo depois de cruzar algumas ruas, na esquina de duas travessas, apareceu a casa querida. O cocheiro parou.

Iúri Andreevitch ficou sem ar, seu coração palpitou quando desceu da carruagem, aproximou-se da porta da frente e tocou a campainha. Não surtiu efeito. Iúri Andreevitch tocou novamente. E quando nesta tentativa também não obteve resposta, ele, com uma certa preocupação, começou a tocá-la insistentemente a pequenos intervalos. Então, junto à porta de entrada, afastada para o lado, ele viu Antonina Aleksandrovna, que a segurava aberta em toda sua extensão. Pegos de surpresa, no primeiro instante, os dois ficaram paralisados e nem perceberam seus gritos. Mas, como a porta escancarada nas mãos de Antonina Aleksandrovna representava braços abertos para um abraço, eles saíram do estado de petrificação e, como loucos, correram um ao encontro do outro. Um minuto depois, começaram a falar ao mesmo tempo, um interrompendo o outro.

— A primeira coisa que quero saber: estão todos com saúde?

— Sim, sim, acalme-se. Está tudo bem. Eu escrevi-lhe bobagens. Desculpe. Vamos ter de conversar sobre isso. Por que não telegrafou? Markel pega a sua bagagem. Eu entendo, você ficou preocupado por não ter sido Egorovna quem abriu a porta? Egorovna está na aldeia.

— E você emagreceu. Mas como está jovem e esbelta! Espere, vou despachar o cocheiro.

— Iegorovna foi buscar farinha. Os outros empregados, nós dispensamos. Agora há somente uma nova criada, você não a conhece. É Niucha, uma moça que cuida de Sacha e de mais ninguém. Avisamos a todos que você deveria chegar, todos estão impacientes. Gordon, Dudorov, todos.

— E Sachenka, como está?

— Vai bem, graças a Deus. Acabou de acordar. Se você não estivesse chegando de viagem, poderia vê-lo imediatamente.

— Papai está em casa?

— Como, você não sabia? Desde a manhã até tarde da noite ele fica na administração regional. É o presidente. Sim, imagine. Você pagou o cocheiro? Markel! Markel!

O cesto e a mala estavam no meio da calçada, atrapalhando a passagem. Os transeuntes, depois de os contornarem, observavam-nos dos pés à cabeça. Durante muito tempo ficaram olhando para o cocheiro que partia e para a porta escancarada, aguardando o que iria acontecer.

Nesse momento, em direção aos jovens senhores, de lá do portão, vinha correndo Markel com um colete por cima da camisa de chita e com o quepe de vigia na mão, gritando:

— Forças do céu, será Iurotchka? Mas como! É mesmo, é ele, o falcão! Iúri Andreevitch, nosso sol, não esqueceu de nós devotados, voltou para o lar querido! E vocês! Hein? Nunca viram? — rosou para os curiosos. — Andando, respeitável público. O que há para esbugalharem os olhos?

— Olá, Markel. Dê cá um abraço. Coloque o quepe, seu tonto. O que há de novo, de bom? Como estão a esposa, as filhas?

— O que podem fazer? Estão crescendo. Agradeço. Agora a novidade é que enquanto você se fazia de herói, nós também não ficamos aqui comendo mosca. Armamos uma bagunça e um caos que até o diabo ficou tonto, sem entender nada! As ruas não são varridas, os telhados das casas não são consertados nem pintados, e dentro das barrigas está como na Quaresma, tudo limpo, sem anexos e nem contribuições.

— Vou reclamar de você com Iúri Andreevitch, Markel. É sempre assim, Iurotchka. Não suporto mais esse seu tom idiota. Deve estar se esforçando por sua causa, para agraciar você. No entanto, faz isso com algum propósito. Deixe, Markel, não se justifique. Você é uma pessoa ignorante. Está na hora de amadurecer. Pois certamente não está morando com comerciantes.

Depois de levar a bagagem para o saguão e fechar a porta da frente, Markel continuou, em tom baixinho e confidencial:

— Antonina Aleksandrovna está aborrecida, ouviu só? E é sempre assim. Dizem que você, Markel, disse-me ela, é todo negro por dentro, como fuligem da chaminé. Agora diz que pareço uma criança pequena, e que quem sabe um *terrier* é mais sabido? Claro que nem discuto isso, Iurotchka. Somente, acredite ou não, somente as pessoas instruídas leram aquele livro, o *maçon futuro*. Cento e quarenta anos o livro ficou debaixo de uma pedra, e agora esta é a minha opinião: nos venderam, Iurotchka, entende, nos venderam, venderam por uma ninharia, não por um salário ou por uma pitada de rapé. Antonina Aleksandrovna não vai me deixar falar, está novamente acenando com a mãozinha.

— Como não acenar? Está bem, Markel. Coloque a bagagem no chão e obrigada, pode ir. Se precisar, Iúri Andreevitch chama você de novo.

2

— Finalmente nos deixou em paz. Não acredite nele, não acredite. É pura palhaçada. Na frente de outros faz-se de bobo, mas às escondidas afia o canivete, por via das dúvidas. Apenas ainda não resolveu em quem usar, o hipócrita.

— Você está exagerando! Acho que está bêbado, só isso, por isso fica fazendo cena, mais nada.

— Então, me diga, quando vai estar são? Ah, o diabo que o carregue. Minha única preocupação é que Sachenka não adormeça novamente. Se não fosse o tifo da estrada de ferro... Você está com piolhos?

— Acho que não. Viajei com conforto, como antes da guerra. Só preciso me lavar um pouco. Depois tomo um banho. Mas onde você vai? Por que está atravessando a sala de visitas? Vocês agora sobem por aqui?

— Ah, sim! Você não sabe ainda. Eu e papai pensamos, pensamos e resolvemos ceder uma parte do andar inferior à Academia Agropecuária. Se não, no inverno, não conseguiremos aquecer a casa sozinhos. E o andar de cima é bastante amplo. Fizemos uma proposta. Por enquanto não querem. Aqui eles têm gabinetes científicos, herbários, coleções de sementes. Espero que não atraiam ratazanas. Queira ou não, são grãos. Mas por enquanto estão

mantendo os quartos em ordem. Agora, chamam isso de área residencial. Por aqui, por aqui! Ainda não entendeu? Vamos contornar e subir pela escada de serviço. Entendeu? Siga-me, vou mostrar o caminho.

— Fizeram muito bem em ceder os quartos. Trabalhei em um hospital que foi instalado em uma mansão. Fileiras de quartos, os tacos ainda estão no lugar. Havia palmeiras em vasos e à noite aquelas folhas sobre as camas pareciam dedos ampliados de fantasmas. Os feridos em combate às vezes se assustavam e gritavam dormindo. Foi preciso retirar as palmeiras. O que quero dizer é que na vida dos abastados existia na verdade algo de doentio. Um número infinito de coisas supérfluas. Móveis e quartos em excesso na casa, excessiva sensibilidade, excessivas expressões. Fizeram muito bem em restringir o espaço. Mas ainda é pouco. É necessário mais.

— O que é isso que está saindo do embrulho? Um bico de ave, uma cabeça de pato? Que beleza! Um pato selvagem! De onde? Não acredito no que estou vendo! Nos tempos atuais é um verdadeiro patrimônio!

— Ganhei de presente no trem. É uma longa história, depois eu conto. O que aconselha, desembulhar e deixar na cozinha?

— É claro. Vou mandar Niucha limpá-lo agora mesmo. Estão prevendo coisas terríveis para o inverno: fome, frio.

— Comentam isso por toda parte. Há pouco olhava pela janela do vagão e pensava. O que pode ser superior à paz na família e ao trabalho? O resto fica fora do nosso controle. Provavelmente, muitos aguardam infortúnios. Muitos pensam em se salvar indo para o sul, o Cáucaso, tentam fugir para o mais longe possível. Isso não faz parte das minhas regras. Um homem adulto tem que, com os dentes cerrados, compartilhar o destino da pátria. Acho que é óbvio. Outra coisa são vocês. Como gostaria de protegê-los das tragédias, mandá-los para um local mais seguro, para a Finlândia, quem sabe! Mas se ficarmos parados meia hora em cada degrau, nunca chegaremos lá em cima.

— Espere. Ouça. Uma novidade. E que novidade! Eu até esqueci. Nikolai Nikolaievitch chegou.

— Que Nikolai Nikolaievitch?

— O tio Kólia.

— Tônia! Não pode ser! Que bons ventos o trouxeram?

— Pois é, é como você vê. Veio da Suíça. Foi até Londres, passando pela Finlândia.

— Tônia! Você não está brincando? Vocês o viram? Onde ele está? Não dá para encontrá-lo imediatamente, nesse instante?

— Que impaciência! Está nos arredores, na casa de alguém, no campo. Prometeu retornar depois de amanhã. Mudou muito, você vai se decepcionar. Ao passar por Petersburgo virou bolchevique. Papai discute com ele até ficar rouco. Mas por que realmente paramos a cada passo? Vamos. Então você também ouviu que daqui em diante não vem nada de bom, apenas dificuldades, perigos, incertezas?

— Também penso assim. Mas e daí? Vamos lutar. Nem todos terão o mesmo fim. Vamos ver como os outros se viram.

— Dizem que vamos ficar sem lenha, sem água, sem luz. A moeda será abolida. O abastecimento será interrompido. Paramos de novo! Vamos! Escute. Estão elogiando muito um forquinho de ferro de uma oficina na rua Arbat. Dizem que com o fogo de um jornal pode-se preparar o almoço. Conseguiram o endereço para mim. Temos de comprar um antes que comprem tudo.

— Certo. Compraremos. Muito bem, Tônia! Mas o tio Kólia, tio Kólia! Que coisa! Não posso acreditar!

— Ouça o meu plano: separar uma parte da casa e nos instalarmos com papai, Sachenka e Niucha, digamos, em dois ou três quartos interligados em algum lugar no fim do andar de cima e abdicar do resto da casa. Vamos nos isolar do resto da casa como se fosse da rua. Colocar um forquinho desses de ferro no quarto do meio, fixar o tubo de aquecimento na janela e fazer tudo ali: lavar roupa, cozinhar, servir almoços, receber as visitas, tudo para aproveitar a calefação e então quem sabe, queira Deus, sobreviveremos ao inverno.

— Como não? Claro que sobreviveremos ao inverno. Disso não há um pingo de dúvida. Você pensou em tudo muito bem. Está de parabéns. E sabe o que mais? Vamos festejar a aprovação do seu plano. Vamos assar o pato e chamar o tio Kólia para brindar à nova moradia.

— Maravilhoso. Pedirei que Gordon traga álcool. Ele consegue em um certo laboratório. Agora veja. Eis o quarto do qual te falei. Eis o que

escolhi. Você aprova? Coloque a mala no chão e desça para pegar o cesto. Além de Gordon, podemos chamar Innokenti e Chura Chlezinger. Tem algo contra? Você ainda lembra onde fica o nosso lavatório? Borrife-se lá com algo desinfetante. Vou até Sachenka, mandarei Niucha descer e, quando puder entrar, eu lhe chamo.

3

A principal novidade em Moscou para ele era esse menino. Assim que Sachenka nasceu ele foi convocado para o exército. O que sabia sobre o filho?

Certa vez, Iúri Andreevitch, já recrutado, antes de partir, foi até a clínica ver Tônia. Chegou na hora da amamentação dos bebês. Não o deixaram entrar.

Ele se sentou na recepção para esperar. Naquele instante, o longo corredor do berçário, que se estendia até o centro cirúrgico e ao longo do qual estavam as mães deitadas, encheu-se com o som do choro simultâneo de dez ou quinze recém-nascidos. Então as enfermeiras começaram a levar até as mães, para amamentação, os bebês de fraldas. Iam com pressa para que não apanhassem um resfriado, com dois debaixo de cada braço. Eles pareciam grandes embrulhos de compras.

"Uá, uá", choravam os bebês em uníssono como se fosse por dever de ofício, quase sem sentir. Somente uma voz se diferenciava deste uníssono. A criança também berrava "uá, uá", também sem sombra de sofrimento, mas não parecia por obrigação. No seu choro havia uma hostilidade premeditada e sombria que fazia a voz ficar mais grave.

Iúri Andreevitch já decidira chamar o filho de Aleksandr em homenagem ao sogro. Não se sabe por que imaginou que quem gritava assim era seu filho. Talvez porque aquele era um choro com fisionomia que já prenunciava o futuro caráter e destino do futuro homem, um choro com um floreio musical que continha em si a força do nome do menino, o nome Aleksandr.

Iúri Andreevitch não se enganara. Como ficou sabendo depois, realmente era Sachenka quem chorava daquela maneira. Foi a primeira coisa que soube sobre o menino.

Depois, o menino foi apresentado a Iúri Andreevitch através das fotografias que lhe mandavam na frente de batalha. Nelas, uma criança gorducha, bonitinha, alegre, com a cabeça grande e com os lábios em forma de laço estava de pernas escancaradas sobre um cobertor estendido e com os dois braços suspensos, parecia dançar a *prisiadka*. Ele tinha um ano e estava aprendendo a andar, agora iria fazer dois e estava começando a falar.

Iúri Andreevitch levantou a mala do chão e, depois de abrir as correias, colocou-a em cima da mesa de jogo perto da janela. Que quarto era aquele? O doutor não o reconhecia. Pelo visto, Tônia retirara seus móveis ou então trocara o papel das paredes.

Jivago abriu a mala para tirar o aparelho de barba. Entre as colunas do campanário da igreja, que se erguia bem em frente à janela, despontou a lua brilhante, era lua cheia. Quando sua luz bateu no interior da mala, na roupa que estava dentro dela, nos livros e nos objetos de toalete, o quarto ficou iluminado de uma forma diferente e então o doutor o reconheceu.

Era o depósito, agora vazio, da falecida Anna Ivanovna. Antigamente amontoavam-se ali mesas e cadeiras quebradas, objetos de escritório desnecessários e velhos. O quarto era o seu arquivo familiar, no mesmo local estavam os baús dentro dos quais guardavam as roupas de inverno. Quando a falecida estava viva os cantos do quarto ficavam cheios até o teto e normalmente não deixavam ninguém entrar nele. Porém, em dias de grandes festas, uma multidão de crianças vinha de visita e quando as deixavam correr como loucas pelo andar superior, esse quarto era aberto e dentro dele elas brincavam de "polícia e ladrão", se escondiam embaixo das mesas, sujavam-se com rolha queimada e vestiam fantasias.

Durante algum tempo, o doutor ficou parado lembrando disso tudo, depois desceu para pegar o cesto deixado no saguão.

Lá embaixo, na cozinha, Niucha, uma moça acanhada e tímida, estava agachada limpando o pato em frente do fogão, em cima de uma folha de jornal. Ao avistar Iúri Andreevitch segurando o pesado cesto, ela enrubesceu como uma papoula, e com um movimento flexível ergueu-se, sacudindo do avental as penas nele grudadas, cumprimentou-o e ofereceu sua ajuda. Mas o doutor agradeceu e disse que levaria sozinho o cesto.

Mal entrara no ex-depósito de Anna Ivanovna, quando do fundo do segundo ou terceiro quarto sua mulher o chamou:

— Pode vir, Iúri!

Ele foi ver Sachenka.

O atual quarto das crianças ficava onde antes era o quarto de estudos dele e de Tônia. O menino no berço revelou-se menos bonito do que mostravam as fotografias. No entanto, era a cara da mãe de Iúri Andreevitch, a falecida Maria Nikolaievna Jivago, sua cópia surpreendente, mais parecida com ela que todas os retratos que ficaram depois que ela se foi.

— Este é seu pai, seu pai, acene com a mãozinha para o papai — repetia Antonina Aleksandrovna, baixando o cortinado da cama, para que fosse mais cômodo para o pai abraçar o menino e pegá-lo ao colo.

Sachenka deixou que o homem desconhecido e barbudo, que provavelmente o assustava e repugnava, se aproximasse e, quando este se inclinou, o menino levantou-se impetuosamente, agarrou-se na blusa da mãe e com raiva deu-lhe um tapa na cara. A própria coragem deixou Sachenka tão aterrorizado, que ele, no mesmo instante, se jogou no peito da mãe, enterrou a cabeça em suas roupas e começou a chorar copiosamente, com lágrimas infantis amargas e inconsoláveis.

— Ai, ai — repreendeu-o Antonina Aleksandrovna. — Não pode fazer assim, Sachenka. Papai vai pensar que Sachenka é malvado, é feio. Mostre como dá beijinho. Dê um beijinho no papai. Não chore, não precisa chorar assim, por que isso, seu bobo?

— Deixe-o em paz, Tônia — pediu o doutor. — Não o torture e nem fique aborrecida. Sei as bobagens que você deve estar pensando. Que isso não aconteceu à toa, que é um mau presságio. É tudo bobagem. E tão normal. O menino nunca me viu. Amanhã se acostuma e não vai querer me largar.

Porém, ele mesmo deixou o quarto de cabeça baixa e com um mau pressentimento.

No decorrer dos dias seguintes, Iúri percebeu como se sentia solitário. Não culpava ninguém da casa. Aparentemente, ele mesmo queria e conseguiu isso.

Estranhamente, os amigos sumiram ou ficaram inexpressivos. Ninguém conservou seu mundo ou opinião própria. Eles estavam bem mais nítidos em suas lembranças. Provavelmente ele os superestimava antigamente.

Por enquanto, a ordem das coisas permitia que os abastados fizessem extravagâncias à custa dos despossuídos. Como era fácil aceitar por verdadeira e original essa extravagância e o direito à ociosidade à qual usufruía a minoria enquanto a maioria suportava tudo!

Porém, mal os humildes se levantaram e os privilégios das camadas da alta sociedade foram abolidos, rapidamente todos mudaram e, sem lastimar, se separaram do pensamento independente que, pelo visto, ninguém nunca tivera!

Agora, estavam próximas de Iúri Andreevitch somente pessoas sem grandes frases e entusiasmos, sua mulher e o sogro e mais dois ou três médicos, colegas de hospital, trabalhadores humildes e comuns.

A noitada com o pato e o álcool aconteceu como tinha de acontecer e como era de se esperar, dois ou três dias depois de sua chegada, quando já havia reencontrado todos os convidados, daí esse não ser seu primeiro encontro com eles.

O gordo pato era um luxo extraordinário naquela época já de fome, mas faltava pão, o que tornava absurda e até irritante para eles a magnificência do prato.

Gordon trouxe álcool num frasco farmacêutico, com a rolha de vidro polida. O álcool era o principal meio de troca dos trapeiros. Antonina Aleksandrovna não largava o frasco e, quando necessário, diluía o álcool em pequenas proporções, dependendo da sua inspiração, às vezes ficava mais forte às vezes mais fraco. Com isso acontecia que o estado de embriaguez, por causa da solução que a toda hora se modificava, era bem mais penoso do que forte e definido. Isso também irritava.

O mais triste, contudo, era que a reuniãozinha deles representava uma exceção às condições daquele tempo. Não dava nem para fingir que nas casas em frente e na travessa também bebiam e comiam tira-gostos naquela hora. Para lá da janela estava a Moscou muda, escura e faminta. Seus armazéns estavam vazios, e de coisas como pato ou vodca, nem se lembravam mais.

E soube-se, então, que somente a vida semelhante à vida dos outros seres que nela afundavam sem deixar vestígios era a verdadeira vida, que a felicidade isolada não era a felicidade. Por isso, o pato e o álcool que pareciam ser os únicos na cidade, não eram nem álcool e nem pato. Isso entristecia mais ainda.

As visitas também inspiravam pensamentos tristes. Gordon, principalmente, que pensava coisas tristes e explicava-se com desânimo e incoerência. Ele era o melhor amigo de Iúri Andreevitch. No ginásio gostavam dele.

Mas deixara de gostar de si mesmo e começara a introduzir mudanças infelizes em sua personalidade. Ele estava animado, mostrava-se alegre a toda hora, contava algo com pretensão de ser original e falava freqüentemente "interessante" e "engraçado", palavras que não faziam parte de seu vocabulário, pois Gordon nunca entendera a vida como uma diversão.

Antes da chegada de Dudorov ele contou a engraçada história, assim lhe parecia, do casório deste, que corria entre os companheiros. Iúri Andreevitch não a conhecia.

Soube-se que Dudorov ficou casado mais ou menos um ano e depois se separou da mulher. A pouca verdadeira graça desta história consistia no seguinte: Dudorov foi recrutado como soldado por engano. Enquanto servia revelou-se o mal-entendido. Ele ganhava punições disciplinares por distração e por não bater continência na rua. Quando foi liberado, durante muito tempo, ao ver oficiais, levantava a mão, seus olhos turvavam-se e em toda parte via dragonas.

Neste período, ele fazia tudo errado, cometia lapsos e gafes. E foi exatamente nesta época, parece, que num cais do rio Volga conheceu duas moças que eram irmãs e aguardavam o mesmo barco. Dizem que, por distração, por causa da enorme quantidade de militares que passava pelo local e de seu passado de soldado, ele não viu direito, se apaixonou por descuido e, às pressas, pediu a irmã mais nova em casamento. "Engraçado, não é?", perguntava Gordon. Mas teve que ser breve na descrição, pois do outro lado da porta ouviu-se a voz do herói da história. No quarto entrou Dudorov.

Com ele aconteceu a mudança contrária. O homem leviano, infiel e estabanado, anteriormente, transformou-se em um cientista compenetrado.

Quando, ainda rapaz, fora expulso do ginásio pela participação na organização de uma fuga política, durante algum tempo vagou por diversas escolas de artes. Porém, no fim das contas, aderiu a uma postura clássica. Com certo atraso em relação aos colegas, Dudorov terminou a universidade durante os anos de guerra e lhe foram confiadas duas cadeiras, História da Rússia e História Geral. Para a primeira disciplina ele estava escrevendo uma tese sobre a política agrária de Ivan, o Terrível, e, para a segunda, fazia pesquisa sobre Saint-Just.

Ele gentilmente dissertava sobre tudo agora, com uma voz baixa como se estivesse resfriado e, sonhadamente, olhava para um ponto fixo, sem baixar ou levantar os olhos, como os professores fazem nas aulas.

No final da noite, quando Chura Chlezinger irrompeu no quarto com seus ataques e todos, já um pouco bêbados, gritavam ao mesmo tempo, Innokenti, que tinha um relacionamento cerimonioso com Iúri Andreevitch desde a escola, perguntou várias vezes:

— O senhor já leu *Guerra e paz* e *A flauta dorsal*?

Iúri Andreevitch já dissera a ele o que pensava a respeito, mas Dudorov, que não ouviu por causa da confusão geral perguntou, pouco depois, mais uma vez:

— O senhor leu *A flauta dorsal* e *O homem*?

— Já respondi, Innokenti. Problema seu se não ouviu. Mas tudo bem. Repetirei novamente. Sempre gostei de Maiakovski. É como uma continuação de Dostoievski. Ou melhor, sua poesia é um lirismo escrito por um dos personagens mais jovens e revoltados de Dostoievski, como Hipólito, Raskolnikov ou o herói de *O adolescente*. Que devoradora força de talento! Como já foi dito, definitivo, intransigente e consistente! E o mais importante: com que ímpeto corajoso tudo isso foi jogado na cara da sociedade e além dela, para o espaço!

Mas, a principal atração da noite foi, é claro, o tio. Antonina Aleksandrovna enganou-se quando disse que Nikolai Nikolaievitch estava fora da cidade. Ele retornara no dia da chegada do sobrinho e encontrava-se na cidade. Iúri Andreevitch avistou-se com ele duas ou três vezes, teve tempo de sobra para conversar bastante com ele, expressar suas exclamações e dar boas gargalhadas.

O primeiro encontro dos dois aconteceu ao anoitecer de um dia cinzento. Caía uma chuva fina como poeira molhada. Iúri Andreevitch chegou no quarto de hotel onde se hospedara Nikolai Nikolaievitch. Os hotéis aceitavam hóspedes somente por solicitação do governo da cidade. Mas todos conheciam Nikolai Nikolaievitch, ainda conservava as antigas amizades.

O hotel dava a impressão de um manicômio abandonado pela administração em fuga. Era vazio, caótico e o poder do acaso reinava nas escadas e nos corredores.

Pela grande janela do quarto desarrumado, avistava-se uma ampla e deserta praça, daqueles dias loucos. Ela assustava com algo, parecia ter saído de sonhos noturnos e não estar ali, na vida real, diante dos olhos, debaixo da janela do hotel.

Fora um encontro memorável, impressionante, inesquecível! O ídolo de sua infância, o senhor de seus pensamentos da juventude estava, em carne e osso, diante dele!

Nikolai Nikolaievitch ficara bem de cabelos grisalhos. O largo terno importado lhe caía muito bem. Para a sua idade, parecia jovem e tinha uma aparência de galã.

Mas é claro que perdia muito, se comparado com a grandiosidade dos últimos fatos ocorridos. Os acontecimentos o ofuscavam. Porém, Iúri Andreevitch nem pensava medi-lo com esta dimensão.

Ele ficou surpreso com a tranqüilidade de Nikolai Nikolaievitch, com seu sangue-frio, o tom brincalhão com o qual falava sobre temas políticos. Sua maneira de comportar-se superava as possibilidades de um russo naquele momento. Este traço mostrava que era um recém-chegado. Este traço saltava aos olhos, parecia anacrônico e provocava embaraço.

Ah, mas não foi nada disso, não fora isso que enchera as primeiras horas de seu reencontro e os levava a se abraçarem, chorar e, sufocando-os de emoção, interrompera a rapidez e a impetuosidade da primeira conversa com pausas freqüentes.

Encontraram-se dois temperamentos criativos, ligados por laços familiares e, apesar do passado ter ficado em segundo plano, as recordações apoderaram-se deles e as circunstâncias, ocorridas durante a separação,

emergiram à superfície. Mas tão logo a conversa enveredou sobre o essencial, sobre os assuntos familiares, as pessoas famosas de caráter construtivo, na mesma hora, os laços desapareceram com exceção deste único: não restou nem o tio nem o sobrinho, nem a diferença de idade. Ficou somente a proximidade de caos com caos, de energia com energia, de princípios com princípios.

Nos últimos dez anos Nikolai Nikolaievitch não tivera a oportunidade de falar, como agora, sobre o fascínio da vocação de escritor e sobre a essência da predestinação criativa, relacionada com idéias próprias e tão merecidamente adequadas como naquele momento. Por sua vez, Iúri Andreevitch não tivera como ouvir referências que fossem tão precisas, tão perspicazes, tão animadas e atraentes como esta análise.

Os dois, de minuto a minuto, soltavam exclamações, corriam pelo quarto, agarrando a cabeça em função das inequívocas intuições mútuas ou então se aproximavam da janela e, em silêncio, batiam com os dedos pelo vidro, estarrecidos com as provas da compreensão recíproca.

Assim foi em seu primeiro encontro, mas depois o doutor viu algumas vezes Nikolai Nikolaievitch em reuniões, e, no meio de pessoas, ele era outro, irreconhecível.

Ele sentia-se como visita em Moscou e não desejava se separar deste sentimento. Se considerava Petersburgo ou qualquer outro lugar como sua casa, essa questão permanecia obscura. Sentia-se lisonjeado com o papel de orador político e de animador da sociedade. Provavelmente, imaginou que em Moscou iriam abrir salões políticos como os de madame Roland, em Paris, antes da convenção.

Visitava suas amigas, moradoras hospitaleiras das tranqüilas travessas moscovitas e, com muito espírito, zombava delas e de seus maridos pela hesitação e idéias retrógradas, pelo costume de julgar tudo em função do próprio umbigo. Agora ele gabava-se de sua erudição jornalesca da mesma forma como fez, em certa época, com livros e textos de seguidores de Orfeu, que agora renegava.

Diziam que na Suíça ele deixara uma namorada nova e jovem, negócios inacabados, um livro não terminado e que depois de mergulhar no redemoinho tempestuoso nacional, se emergisse ileso, voltaria aos Alpes e sumiria mais uma vez.

Ele estava do lado dos bolcheviques e freqüentemente citava dois nomes do Esser ^{51} da esquerda, dos quais era correligionário. Um era um jornalista que assinava sob o pseudônimo de Mirochka Pomor e o outro a propagandista Silvia Koteri.

Aleksandr Aleksandrovitch o recriminava, resmungando:

— É simplesmente estarrecedor como o senhor baixou de nível, Nikolai Nikolaievitch! Este seu Mirochka! Que gente! E esta Lídia Pokori também!

— Koteri — corrigiu-o Nikolai Nikolaievitch. — E é Silvia.

— Dá na mesma, Pokiri ou Popurri, a palavra não muda nada.

— Mas, de qualquer forma, queira me desculpar, é Koteri — insistia pacientemente Nikolai Nikolaievitch. Ele e Aleksandr Aleksandrovitch travavam a seguinte conversa:

— Sobre o que estamos discutindo? Verdades deste tipo dá até vergonha de demonstrar. É como o abecedário. A grande massa do povo sobreviveu de maneira inadmissível durante séculos. Pegue qualquer livro escolar de história. Seja lá qual for o nome disso, feudalismo ou regime de servidão, capitalismo ou industrialização, a falta de naturalidade e a injustiça desta ordem de coisas já foi há muito percebida e há muito prepara-se uma revolução que levará o povo à luz e colocará tudo em seu devido lugar. O senhor sabe que uma renovação parcial do velho não serve, exige-se sua transformação radical. Pode ser que todo o edifício desabe. E daí? Por ser terrível, isso não significa que não irá acontecer. É questão de tempo. Como pode discutir isso?

— Eh, mas não é sobre isso que estamos falando. Não estou falando disso. O que eu estou dizendo? — aborrecia-se Aleksandr Aleksandrovitch e a discussão se inflamava.

— Esses seus Popurris e Mirochkas são pessoas desonestas. Dizem uma coisa e fazem outra. Além disso, onde está sua lógica? Eles são incoerentes. Espere, vou provar-lhe.

Então começava a procurar revistas com artigos contraditórios, abrindo e fechando com barulho as gavetas da mesa, e esta agitação despertava sua eloqüência.

Aleksandr Aleksandrovitch gostava quando algo atrapalhava sua conversa para que os obstáculos justificassem suas pausas demoradas, seus "ehs" e "hums". Tornava-se falador ao procurar algo perdido, como por exemplo, o par de galochas no escuro do saguão, ou quando ficava parado na entrada do banheiro com a toalha jogada no ombro, quando passava para alguém um prato pesado na mesa, ou quando servia vinho nos cálices para as visitas.

Iúri Andreevitch ouvia com prazer o sogro. Ele adorava esta fala cantarolada, "moscovita antiga", que lhe era bem conhecida. Gromeko falava com a língua levemente presa. Parecia um miado.

O lábio superior de Aleksandr Aleksandrovitch, com os bigodinhos bem aparados, caía um pouquinho sobre o inferior. Da mesma forma, ficava caída sobre seu peito a gravata-borboleta. Havia algo em comum entre esse lábio e a gravata e isso conferia a Aleksandr Aleksandrovitch um ar comovente, ingênuo e infantil.

Tarde da noite, quase na hora das visitas saírem, apareceu Chura Chlezinger. Vinha direto de uma reunião, vestia uma jaqueta e um quepe de operário; entrou no quarto com passos decididos, cumprimentou a todos apertando-lhes as mãos e entregou-se a recriminações e acusações.

— Olá, Tônia. Olá, Sanietchka. Que falta de consideração! Ouve-se de todos os cantos que ele chegou, Moscou inteira está comentando e sou a última a saber! Diabo que os carregue! Pelo visto, não mereço saber. Onde está ele, o mais esperado? Deixem-me passar. Cercaram-no como com uma parede! Como vai? Muito bem, muito bem! Eu o li. Não entendi nada, mas é genial. Isso é evidente! Como vai, Nikolai Nikolaievitch? Já vou voltar aí, Iurotchka. Tenho um assunto longo e especial para tratar com você. Boa noite, rapazes. Você também está aqui, Gogotchka? Gansos, gansos, ga-ga-ga, querem comida sim-sim-sim..

A última exclamação referia-se a Gogotchka, parente dos Gromeko por parte de Adão e Eva, ardente admirador de qualquer força que se levantasse e que era chamado de Akulka ^{52} por sua tolice e riso fácil e de verme ou solitária, por sua altura e magreza.

— Vocês estão bebendo e comendo? Logo, me juntarei a vocês. Ah, senhores, senhores! Não sabem de nada, não fazem idéia do que está acontecendo no mundo? O que está havendo? É só ir a uma reunião das

bases, com trabalhadores de verdade, com soldados de verdade e não inventados em livros! Tente dar um pio lá sobre algo como guerrear até a vitória! Será seu fim! Ouvi há pouco um marinheiro! Iurotchka, você ficaria louco! Que paixão! Que integridade!

Todos interrompiam Chura Chlezinger. Cada um falava uma coisa. Ela sentou-se perto de Iúri Andreevitch, pegou sua mão e, aproximando seu rosto do dele e gritando mais que os outros, como num bocal de telefone, para poder ser ouvida, dizia:

— Venha um dia desses comigo, Iurotchka. Vou lhe mostrar gente. Você deve, deve, entende, como Anteu tocar o chão. Por que arregalou os olhos? Acho que estou impressionando você! Será que você não sabe que sou um velho cavalo de guerra, a velha Bestujevka ^{53}, Iurotchka. Fui preparada, lutei nas barricadas. É claro! E você pensava o quê? Oh, não conhecemos o povo! Acabo de vir de lá, do meio deles. Estou arrumando a biblioteca para eles.

Ela bebera e estava começando a ficar embriagada. Mas a cabeça de Iúri Andreevitch também girava. Ele nem percebeu como Chura Chlezinger foi parar no outro lado do quarto, enquanto ele permanecera na ponta da mesa. Ele estava de pé e, levando em conta todos os sinais e de forma inesperada para ele mesmo, falava. Mal conseguiu o silêncio.

— Senhores... Eu quero... Micha! Gogotchka!... O que fazer, Tônia, quando não ouvem? Senhores, me deixem dizer duas palavras! Aproxima-se algo sem precedentes, algo jamais visto. Antes que isso nos atinja, eis o que desejo para vocês. Quando nos alcançar, queira Deus, não vamos nos perder e nem vamos perder a nossa alma. Gogotchka, depois, você vai poder gritar "Hurra". Ainda não terminei. Parem de conversar pelos cantos e me ouçam atentamente.

"No terceiro ano de guerra o povo se convenceu de que, mais cedo ou mais tarde, o limite entre a frente e a retaguarda desapareceria, o mar de sangue alcançaria cada um e cobriria os escondidos e entrincheirados. A Revolução é exatamente esta inundação.

"No seu desenrolar, vai lhes parecer, como numa guerra, que a vida parou, que a vida particular acabou, que nada mais está acontecendo no mundo a não ser matar e ser morto e, caso sobrevivamos às recordações e memórias desta época e consigamos ler estas recordações, nos

convenceremos de que nesses cinco ou dez anos vivemos mais do que os outros em um século inteiro.

"Não sei se o próprio povo irá se levantar e como um muro defenderá a revolução, ou se tudo será feito em seu nome. Em um acontecimento de tal magnitude não se exige uma lógica dramática. Apesar de tudo, acreditarei nele. É mesquinho ficar escavando as causas de acontecimentos cíclicos. Eles não as possuem. As brigas domésticas, sim, possuem sua gênese e, depois de arrastar um ao outro pelos cabelos e quebrar toda louça, nenhum dos dois consegue entender quem começou primeiro. Pois tudo que é verdadeiramente grandioso, como o universo, não tem começo. Aparece, de repente, na nossa frente sem se anunciar, como se tivesse existido sempre ou caísse do céu.

"Também acho que o destino da Rússia é se tornar o primeiro reino socialista, desde a criação do mundo. Quando isso acontecer, ficaremos ensurdecidos por muito tempo e, quando acordarmos, não recobramos nem a metade de nossa memória perdida. Vamos ter esquecido o que aconteceu no passado e não vamos tentar explicar o impossível. A ordem instituída nos rodeará, como costuma fazer o bosque no horizonte ou as nuvens sobre a cabeça. Ela nos cercará por todas as partes. Não haverá além dela.

Enquanto ainda falava algumas coisas, ficou sóbrio. Mas, tal como antes, ouvia mal o que comentavam os presentes e dava respostas despropositadas. Ele percebeu as manifestações de simpatia por ele, porém não conseguiu espantar a tristeza, que o deixava fora de si. Então disse:

— Obrigado, obrigado. Percebo suas emoções. Não as mereço. Mas não precisam gostar de maneira tão precavida e rápida, como se fosse por medo de um dia terem de gostar mais ainda.

Todos deram gargalhadas, tomando isso como um chiste inconsciente, mas ele não sabia onde esconder do rosto o sentimento de infelicidade que se apoderara dele, da consciência de sua impotência diante do futuro, apesar de toda a sua ânsia pela bondade, de toda sua disposição para a felicidade.

As visitas começaram a sair. Todos mostravam nos rostos um extenuante cansaço. Bocejos fechavam e abriam os maxilares, tornando as pessoas parecidas com cavalos.

Depois de se despedir, abriram as cortinas. Escancararam a janela. Surgiu uma aurora amarelada, um céu úmido coberto por nuvens sujas, de um

verde terroso.

— Parece que caiu uma tempestade enquanto conversávamos fiado — disse alguém.

— A chuva me pegou no caminho para cá. Quase não chego — confirmou Chura Chlezinger.

Na travessa vazia, ainda escura, ouvia-se o pinga-pinga das gotas que caíam das árvores e alternavam-se com o chilrear insistente dos pardais.

Trovejou, como se um arado tivesse traçado um sulco ao longo do céu, em seguida tudo silenciou. Depois ressoaram quatro estrondos retardados, como grandes batatas que se deslocam de canteiros fofos, revolvidos com a pá no outono.

A trovoada limpou o ambiente do quarto enfumaçado com cigarro. De repente, como elementos elétricos, tornaram-se palpáveis os componentes da existência, a água e o ar, o desejo de alegria, a terra e o céu.

A travessa se encheu com as vozes dos que se dispersavam. Eles continuavam a discutir na rua, como antes na casa. As vozes se distanciavam aos poucos, diminuíram e por fim cessaram.

— Como é tarde! — disse Iúri Andreevitch. — Vamos dormir. De todas as pessoas no mundo eu amo somente você e seu pai.

5

Passou agosto, setembro chegava ao fim. O inevitável ameaçava. Aproximava-se o inverno e, no mundo dos homens, aquilo que parecia a hibernação predeterminada pairava no ar e estava na boca de todos.

Precisavam se preparar para o frio, estocar alimentos e lenha. Mas nos dias do triunfo do materialismo a matéria transformou-se num conceito, a comida e a lenha foram substituídas pela questão de produtos alimentícios e de combustível.

As pessoas nas cidades sentiam-se desamparadas, como crianças diante de algo desconhecido, e deixavam cair pelo caminho todos os hábitos

estabelecidos, deixando atrás de si a devastação, apesar de ela mesma ser cria da cidade e obra de seus habitantes.

Por todos os lados, enganavam-se uns aos outros, peroravam. A rotina ainda mancava, debatia-se e arrastava-se como de costume. Porém o doutor via a vida nua e crua. Ela não criava ilusões. Considerava-se condenado, tal como todos do seu meio. Provações os aguardavam, e provavelmente até mesmo a morte. Os dias contados, que lhes restavam, derretiam diante de seus olhos.

Ele enlouqueceria se não fossem as bobagens, trabalhos e preocupações corriqueiros. A mulher, o filho e a necessidade de conseguir dinheiro eram a sua salvação — era vital o cotidiano modesto e rotineiro, o serviço, a visita aos doentes.

Ele entendia que era um pigmeu diante da monstruosa máquina do futuro, temia e amava esse futuro e, às escondidas, se orgulhava dele; pela última vez, como em despedida, olhava com olhos sedentos de inspiração as nuvens e as árvores, as pessoas que passavam pela rua, a grande cidade russa que suportava as tragédias e estava pronta a se sacrificar para que tudo ficasse melhor, porém nada podia fazer.

Esse céu e os transeuntes ele observava mais freqüentemente do meio da rua, ao atravessar a rua Arbat e perto da farmácia da Sociedade Russa dos Médicos, na esquina da travessa Starokoniuchenni.

Estava trabalhando novamente no velho hospital que ainda levava o antigo nome de Crestovozdvizhenskaia ^{54}, apesar de a associação com esse nome ter sido dissolvida. Mas ainda não haviam criado um nome adequado.

No hospital já haviam começado a ser notadas as divisões políticas. Para os moderados, cuja estupidez revoltava o doutor, ele parecia ser perigoso e, para as pessoas que politicamente já estavam mais avançadas, ele parecia insuficientemente vermelho. Assim, ele se situava nem lá nem cá, ficou para trás de alguns e não alcançou os outros.

No hospital, além de suas obrigações diretas, o diretor lhe atribuiu o controle dos relatórios estatísticos gerais. Quantos questionários, formulários e notas ele teve de analisar, quantas listas teve de preencher! Mortalidade, crescimento da incidência de doenças, situação material dos empregados, nível de sua consciência civil e o grau de participação nas

eleições, o insatisfatório abastecimento de combustível, alimentos, medicamentos. Tudo interessava à Direção Central de Estatística, para tudo se exigia uma resposta.

O doutor se ocupava dessas coisas em sua velha mesa de trabalho, na sala dos médicos. O papel pautado, de diferentes formas e modelos, estava à sua frente em pilhas ou colocados de lado. Às vezes, entre outras coisas além de suas anotações periódicas para trabalhos sobre medicina, ele escrevia o seu "Brincando de ser gente", um diário sombrio ou revista da época, escrito em prosa, verso e outras maneiras, inspirados na consciência de que a metade das pessoas deixara de ser elas mesmas e estava representando um papel, não se sabe de quê.

A iluminada e ensolarada sala dos médicos, com as paredes pintadas de branco, estava inundada pela luz creme do sol de outono dourado, que caracterizava os dias após a festa da Assunção de Virgem Maria, quando pelas manhãs ocorrem as primeiras geadas e nos rochedos já desfolhados, multicoloridos e brilhantes surgem melros e corvos. O céu, em dias assim, ergue-se à altura limite e, através de uma coluna transparente de ar entre ele e a terra, estende-se do norte uma claridade gélida e azul-escura. Aumenta a visibilidade e a sonoridade de todas as coisas do mundo. As distâncias transmitem o som num eco perceptível nítido e distinto. As vastidões tornam-se límpidas, como se estivessem abrindo ao olhar uma vida inteira, muitos anos à frente. Esse ar rarefeito não seria suportável caso não fosse tão breve e só ocorresse no final de um curto dia de outono, à beira do crepúsculo precoce.

Uma luz assim iluminava a sala dos médicos, a luz do sol outonal que se punha precocemente, vítreo e aquoso, succulento como uma maçã gala madura.

O doutor sentava-se à mesa pensativo e, molhando a pena na tinta, escrevia. Do outro lado das grandes janelas, passavam voando, bem perto, alguns pássaros tranqüilos que lançavam para dentro do quarto suas sombras silenciosas. Elas cobriam as mãos em movimento do doutor, a mesa com os blocos, o chão e as paredes da sala e sumiam da mesma maneira silenciosa.

— O plátano está perdendo as folhas — disse ao entrar o chefe do serviço de autópsia, um homem que fora corpulento, mas que, por ter emagrecido, estava agora com a pele pendurada e flácida. — As chuvas o

regaram, os ventos o sacudiram e não conseguiram vencê-lo. Mas veja o que um frio matinal fez!

O doutor levantou a cabeça. Os misteriosos pássaros que passavam diante da janela nada mais eram que as folhas vermelhas do plátano que voavam docemente livres no ar e, como estrelas curvas alaranjadas, iam pousar no gramado do hospital.

— A janelas já foram calafetadas? — indagou o chefe do serviço de autópsia.

— Não — respondeu Iúri Andreevitch e continuou escrevendo.

— Por quê? Já é tempo.

Iúri Andreevitch não respondia, absorvido pela escrita.

— É uma pena que Tarasiuk não esteja aqui — continuou o chefe. — Era um homem de ouro. Consertava as botas. O relógio. Fazia de tudo. Conseguia de tudo também. Já está na hora de calafetar. Vamos ter de fazê-lo nós mesmos.

— Não tem cola.

— Faça-a o senhor mesmo. Aqui está a receita. — E o homem explicou como preparar a cola de óleo de linhaça e giz. — Aliás, deixe para lá. Estou atrapalhando o senhor.

Ele foi até a outra janela e pôs-se a olhar seus vidros e preparados. Começou a escurecer. Um minuto depois, disse:

— O senhor vai estragar a vista. Está escuro. E não vão acender o fogo. Vamos para casa.

— Vou trabalhar mais um pouco. Uns vinte minutos.

— A mulher dele trabalha aqui, como berçarista do hospital.

— Mulher de quem?

— De Tarasiuk.

— Sei.

— Ninguém sabe onde ele está. Anda pelo mundo todo. No verão apareceu duas vezes. Veio ao hospital. Agora deve estar em alguma aldeia. Instituinto a nova ordem. É daqueles soldados bolcheviques que

encontramos nos bulevares e nos trens. Quer saber o segredo? Por exemplo, de Tarasiuk? Ouça. Ele é pau para toda a obra. Não consegue fazer nada malfeito. Tudo que pega para fazer, faz bem. O mesmo aconteceu na guerra. Aprendeu tudo como uma arte. Revelou-se ótimo atirador. Nas trincheiras, uma surpresa. Um olho e uma mão de primeira qualidade! Recebeu todas as condecorações, por coragem e por combates sem falhas. Então, tudo para ele se transforma em paixão. Gostou do serviço militar. Sentiu que existe força na arma, que ela abre caminhos. Quis ele mesmo se transformar em força. Um homem armado não é mais simplesmente um homem. Antigamente, indivíduos assim tornavam-se bandidos. Vai, tente tomar-lhe agora a baioneta! De repente, ouve-se o grito: "Levantar a baioneta!" e todo o resto. Ele então a levanta. Eis aí toda a história. Eis todo o seu marxismo.

— E é o mais verdadeiro, o da vida real. E você, achava o quê?

O chefe do serviço de autópsia foi até o batente da sua janela, remexeu nos tubos de ensaio. Depois perguntou:

— E o forneiro?

— Obrigado por ter-me recomendado. É uma pessoa muito interessante. Ficamos quase uma hora conversando sobre Hegel e Benedetto Croce.

— É claro! Ele é doutor em ciências filosóficas da Universidade de Heidelberg. E o forno?

— Nem me fale.

— Está enfumaçando?

— É uma tragédia.

— Deve ter desviado o cano para o lugar errado. Tem que ser fixado no forno, ele deve tê-lo colocado na janela.

— Ele fixou na lareira de azulejos. Como enfumaça!

— Então, não encontrou a mangueira de evacuação da fumaça, e passou o tubo pelo duto da ventilação. De lá para o respiradouro. Ah, pena que Tarasiuk não esteja aqui. Mas tenha paciência. Moscou não foi construída em um dia. Acender um forno não é como tocar piano. É preciso aprender. Você estocou lenha?

— Onde arranjar?

— Vou mandar-lhe o vigia da igreja. É um ladrão de lenha. Desmonta cercas para fazer lenha. Mas vou logo avisando: tem que pechinchar. Cobra caro. Ou então mando a velha dedetizadora.

Eles desceram até o alojamento do porteiro, puseram os casacos e saíram à rua.

— Para que a dedetizadora? — disse o doutor. — Não temos pulgas.

— Quem falou de pulgas? Estou falando de Pedro e você de Paulo. Não é pulga, é lenha. Ela faz comércio de tudo. Compra casas e árvores derrubadas para vender como combustível. É uma fornecedora séria. Tome cuidado para não tropeçar, está uma escuridão danada! Foi-se o tempo em que eu podia caminhar de olhos vendados por esta região. Conhecia cada pedrinha da rua. Nasci no bairro. Mas assim que começaram a derrubar cercas não consigo enxergar nem de olhos abertos, parece que estou em outra cidade. No entanto, fizeram cada descoberta! Casinhas no estilo império, entre arbustos, mesas redondas nos jardins, bancos meio apodrecidos. Um dia desses, eu passava por um terreno baldio que fica no cruzamento de três travessas. Daí, vi uma velha de cem anos remexendo a terra com um bastão. "Deus lhe ajude, *babuchka*" ^{55}, eu disse. "Está procurando minhoca, vai pescar?" Falei, é claro, de brincadeira. Mas ela me respondeu de maneira bem séria: "Não, não senhor. Procuo *champignons*." E realmente, a cidade estava como um bosque. Sentia-se o cheiro de folhas apodrecidas e cogumelos.

— Conheço esse lugar. Fica entre a travessa Serebriani e Moltchanovi, não é? Comigo acontecem todos os imprevistos a caminho. Encontro alguém que não vejo há mais de vinte anos, ou acho alguma coisa. E dizem que assaltam na esquina. Não é de se admirar. É um local de passagem. Há uma rede completa de passagens até os antros do Smolenski. Podem roubar, despir e pronto, não restará nada para contar a história.

— Como as lâmpadas estão fracas! Não é à toa que as chamam de hematomas. Assim, é muito fácil conseguir vários.

Realmente, todos os tipos de surpresas perseguiram Jivago no local mencionado. No final do outono, antes dos combates de outubro, numa noite escura e fria, ele esbarrou, nesta esquina, em um homem desmaiado, atravessado na calçada. O homem estava deitado com os braços abertos, a cabeça encostada num degrau e os pés pendurados no meio-fio. De vez em quando, ele soltava gemidos fracos e pausados. Em resposta às perguntas em voz alta do doutor, que tentava fazê-lo voltar a si, ele balbuciava algo desconexo e perdia os sentidos novamente. Sua cabeça estava quebrada e ensangüentada, mas o crânio, à primeira vista, estava intacto. O homem, sem dúvida, fora vítima de um assalto à mão armada. "A pasta. A pasta", murmurou ele duas ou três vezes.

O doutor chamou, pelo telefone da farmácia mais próxima, o velho cocheiro do hospital Crestovozdvizhenkaia e levou o desconhecido para lá.

A vítima era um importante ativista político. Jivago cuidou dele e por muitos anos teve nele um protetor que o livrou de vários mal-entendidos naquela época repleta de desconfianças e suspeitas.

Era domingo. O doutor estava de folga do serviço. Na travessa Sivtsev já haviam se acomodado em apenas três quartos para passar o inverno, como fora sugerido por Antonina Aleksandrovna.

O dia estava frio e ventava. As nuvens de neve estavam baixas e o dia escuro, bem escuro.

Acenderam o forno pela manhã. Começou a enfumaçar. Antonina Aleksandrovna, que não entendia nada de fogo, dava a Niucha conselhos tolos e perigosos e esta, por sua vez, brigava com a lenha úmida, que não queimava. Jivago olhava a cena e sabia o que tinha de ser feito, tentava interferir, mas sua mulher o pegou calmamente pelos ombros e levou-o para fora do quarto, com as seguintes palavras:

— Vá para seu quarto. Quando a cabeça gira sem motivo, tudo que está em volta atrapalha. Você tem o hábito de falar quando estou fazendo algo. Não consegue entender que seus comentários só jogam óleo no fogo?

— Oh, óleo, Tonetchka, seria maravilhoso! O forno logo estaria em chamas. É por isso que fica esta tragédia, pois não vejo nem óleo, nem fogo.

— Não é hora para trocadilhos. Existem momentos em que eles são dispensáveis.

O insucesso em acender a coifa punha abaixo os planos dominicais. Todos esperavam tudo que era necessário até o fim da tarde, para depois ficarem livres à noite, mas agora isso estava descartado. O almoço iria demorar, assim como o desejo de lavar a cabeça com água quente, além de outras intenções.

A fumaça logo dominou o ambiente e ficou difícil respirar. O vento forte devolvia a fumaça para dentro do quarto. Dentro dele havia uma nuvem de fuligem, como um monstro de conto de fadas no bosque denso.

Iúri Andreevitch mandou todos para o quarto vizinho e abriu a janela. Tirou fora metade da lenha do forno e entre a restante fez caminhos de gravetos e cascas de bétula.

Pela janela irrompeu o ar puro. A cortina da janela balançou e subiu. Alguns papéis voaram da mesa. O vento fez bater alguma porta distante e, girando por todos os cantos, começou a correr atrás dos restos de fumaça feito gato atrás de rato.

A lenha incendiada pegava fogo e estalava. O forninho ardeu em chamas. Em seu corpo de ferro, como manchas de rubor tísico, apareceram círculos de incandescência vermelha. A fumaça do quarto rarefez-se e depois sumiu completamente.

O quarto ficou mais claro. Das janelas, calafetadas por Iúri Andreevitch, seguindo as recomendações do chefe do serviço de autópsia, começaram a correr gotas de água que pareciam lágrimas. O cheiro quente e gorduroso da cola afluiu em ondas. Sentia-se também o cheiro da lenha serrada em pedaços pequenos que secava ao lado do forno: o cheiro amargo de fuligem da casca do pinheiro que ardia na garganta e o cheiro perfumado, como água de toalete, da araucária fresca e úmida.

Neste momento, Nikolai Nikolaievitch irrompeu no quarto, de maneira tão impetuosa como o ar que entrava pela janela, e comunicou:

— Está havendo combate nas ruas. São ações militares entre os cadetes, que apóiam o governo provisório, e os soldados do regimento, que apóiam os bolcheviques. A cada esquina se confrontam, são inumeráveis os focos da rebelião. A caminho para cá, fiquei em situação difícil duas ou três vezes, na esquina da rua Bolchaia Dmitrovka e de Nikitskie Vorota. Já não se pode tomar o caminho direto, temos que dar voltas e mais voltas. Rápido, Iúri! Vista-se e vamos. Isso tem de ser visto. É a história. Acontece uma vez na vida.

Porém, ele mesmo esqueceu-se do tempo e falou sem parar durante duas horas. Depois sentaram-se para almoçar e quando levantou-se para sair, arrastando consigo Iúri, foram avisados da chegada de Gordon. Este entrou voando da mesma forma que Nikolai Nikolaievitch e com as mesmas notícias.

Mas os acontecimentos, durante esse intervalo, evoluíram. Havia detalhes novos. Gordon contava sobre o intenso tiroteio e os transeuntes mortos, atingidos por balas perdidas. Segundo ele, a cidade parara. Por milagre ele conseguiu entrar na travessa, mas o caminho fora fechado assim que ele passou.

Nikolai Nikolaievitch não lhe deu ouvidos e tentou pôr o pé na rua, mas voltou um segundo depois. Disse que não havia saída na travessa, que as balas assobiavam por lá, tirando pedacinhos de tijolo e de reboco dos prédios de esquina. Não havia viva-álma na rua, a comunicação pela calçada fora cortada.

Naqueles dias, Sachenka pegou uma gripe.

— Já disse umas cem vezes, para não deixarem o menino aproximar-se do forno aquecido — esbravejava Iúri Andreevitch. — O superaquecimento é quarenta vezes mais perigoso do que o frio.

Sachenka estava com dor de garganta e com febre alta. Tinha um medo sobrenatural e místico dos enjôos e vômitos que a todo instante parecia sentir.

Ele afastava a mão de Iúri Andreevitch com o laringoscópio, não deixando que ele o introduzisse em sua garganta; fechava a boca, gritava e

engasgava. Nenhuma tentativa de convencê-lo nem ameaças faziam efeito. De repente, sem querer, Sachenka bocejou doce e longamente. O doutor aproveitou a chance e com um movimento rápido enfiou uma colherinha na boca do filho para segurar sua língua e ver a garganta avermelhada de Sachenka, suas amígdalas inchadas e cobertas de placas de pus. O doutor ficou preocupado com o que viu.

Algum tempo depois, usando alguns artifícios, Iúri conseguiu tirar uma pequena quantidade de pus para exame. Aleksandr Aleksandrovitch tinha seu microscópio próprio. Iúri Andreevitch pegou-o e, a muito custo, conseguiu fazer a análise. Felizmente não era difteria.

Mas, no terceiro dia, o corpo de Sachenka cobriu-se com uma erupção. Ele ardia em febre e sufocava-se. Iúri Andreevitch não conseguia nem olhar para a pobre criança, pois era incapaz de livrá-lo de seus sofrimentos. Antonina Aleksandrovna achou que o menino estava morrendo. Pegavam-no ao colo, andavam com ele pelo quarto e então se sentia melhor.

Tinham que conseguir leite, água mineral ou soda para hidratá-lo. Mas o combate nas ruas estava no auge. O tiroteio e a artilharia não cessavam nem um minuto sequer. Mesmo que Iúri Andreevitch, colocando a sua vida em risco, tivesse a coragem de atravessar a zona do tiroteio, não encontraria, do outro lado da linha de fogo, nenhum traço de vida, toda a cidade ficou paralisada até a situação se esclarecer definitivamente.

Mas a situação já estava definida. De todos os lugares corriam boatos de que os trabalhadores estavam em vantagem. Somente alguns grupos isolados de cadetes ainda lutavam, mas estavam desarticulados e haviam perdido a comunicação com seu comando.

A região de Sivtsev estava no raio de ação dos soldados que pressionavam o centro, desde a região de Dorogomilov. Os soldados, que participaram da guerra alemã, e os jovens operários, que estavam nas trincheiras escavadas na travessa, já conheciam os moradores das casas vizinhas e trocavam gracejos com as pessoas que espiavam dos portões ou que saíam à rua. A vida, nesta parte da cidade, estava sendo restabelecida.

Então, Gordon e Nikolai Nikolaievitch saíram, depois de ficarem presos durante três dias na casa de Jivago. Iúri Andreevitch estava feliz com a presença deles nos duros dias da doença de Sachenka e Antonina Aleksandrovna lhes perdoava a inépcia, que se juntara a uma situação já

difícil. No entanto, para agradecer a hospitalidade, os dois sentiam-se obrigados a divertir os donos da casa com conversas ininterruptas. Mas Iúri Andreevitch estava tão cansado de tanta conversa fiada nestes três dias que ficou feliz ao se despedir deles.

8

Tiveram informações de que eles haviam chegado bem em casa, apesar de ter sido revelado, exatamente durante esta verificação, que os boatos sobre a pacificação geral eram prematuros. Em vários locais, as ações militares ainda continuavam, não havia como atravessar alguns bairros e o doutor ainda não podia chegar ao hospital, do qual já sentia saudades e onde, dentro da gaveta da mesa, estava o seu "Brincando de ser gente" e suas anotações científicas.

Somente em algumas regiões, as pessoas saíam pelas manhãs para comprar pão perto de casa; paravam as que voltavam carregando leite em garrafas e, unidas numa só massa, indagavam onde haviam conseguido as compras.

Às vezes o tiroteio recomeçava por toda a cidade, dispersando novamente a população. Todos desconfiavam de que ocorriam negociações entre as partes, que, bem-sucedidas ou não, refletiam-se na intensificação ou diminuição do fogo cruzado.

Certa vez, por volta de dez horas da noite, no final do velho outubro, Iúri Andreevitch caminhava a passos largos pela rua, dirigindo-se, sem necessidade alguma, à casa de um colega que morava nas proximidades. Esse local, normalmente agitado, estava naquela noite quase vazio. Eram poucas as pessoas que ele encontrava.

Iúri Andreevitch caminhava rapidamente. A neve caía ligeira e inteiramente. Com um vento forte, que aumentava a cada instante, diante dos olhos de Iúri Andreevitch formava-se uma nevasca.

Iúri Andreevitch virava de uma travessa para outra e já perdera a conta das voltas que dera quando, de repente, a neve começou a cair, densa e uma tempestade desencadeou-se. Era uma dessas nevascas que, em campo aberto,

estende-se assoviando pela terra, mas que na cidade se esvai, perdida em becos sem saída.

Algo semelhante acontecia no campo moral e físico, perto e longe, na terra e no ar. Em algum lugar, isoladas, soavam as últimas salvas da resistência rompida. No horizonte, em forma de bolhas, surgiam e estouravam os fracos clarões de incêndios dominados. E mesmo os anéis e crateras de neve o vento enxotava, fumegando aos pés de Iúri Andreevitch, no asfalto e calçada úmidos.

Em um dos cruzamentos, com o grito "As últimas notícias!", passou um pequeno jornaleiro, que corria com uma grande pilha de impressos frescos em debaixo do braço.

— Fique com o troco — disse o doutor. O menino, com dificuldade, separou a folha úmida grudada à pilha de panfletos, enfiou-a nas mãos do doutor e sumiu na tempestade, tão subitamente como dela surgira.

O doutor se aproximou da lâmpada acesa na rua a dois passos dele e no mesmo instante, passou rapidamente uma vista no principal.

Uma edição extra, impressa somente de um lado, continha um comunicado do governo de Petersburgo sobre a organização do Soviete de Comissários do Povo, a instalação do poder soviético e da ditadura do proletariado. Em seguida, estavam publicados os primeiros decretos do novo poder e várias informações, passadas por telégrafo e telefone.

A tempestade chicoteava os olhos do doutor e cobria as linhas impressas com uma farinha de flocos de neve cinza e remexida. Mas isso não atrapalhava a leitura. A grandeza e a eternidade do minuto o emocionavam e não o deixavam voltar a si.

Mas, para terminar de ler a notícia, ele começou a olhar para os lados à procura de um lugar iluminado e protegido da neve. Quando deu por si, viu que estava novamente no seu cruzamento encantado na esquina da Serebriani e Moltchanovka, ao lado da entrada envidraçada e ampla de um edifício de cinco andares, iluminado pela eletricidade.

O doutor entrou e, nos fundos do saguão, debaixo da lâmpada elétrica, mergulhou nos comunicados dos telegramas.

Em cima, sobre sua cabeça, ouviram-se passos. Alguém descia as escadas parando freqüentemente, parecendo indeciso. E, de fato, a pessoa

que descia de repente desistiu, voltou-se e correu para cima. Abriram uma porta e em ondas derramaram-se duas vozes, tão deformadas pelo eco que era impossível dizer se eram masculinas ou femininas. Depois disso, a porta bateu e a pessoa que descia anteriormente começou a correr para baixo, decidida.

Iúri Andreevitch, mergulhado de cabeça na leitura, tinha os olhos fixos no jornal. Ele não pretendia levantá-los para observar o estranho. Mas este, chegando embaixo, parou num impulso. Iúri Andreevitch suspendeu a cabeça e olhou para ele.

Diante dele estava um adolescente de dezoito anos vestido num sobretudo pesado com a pele de alce para fora como usam na Sibéria e com um gorro da mesma pele. O menino tinha um rosto moreno com os olhos puxados de um quirguiz. Havia algo aristocrático neste rosto, aquela faísca fugaz, aquela fineza oculta que parece ter sido trazida de longe e ocorre somente em pessoas de origem complexa e mestiça.

O menino estava evidentemente enganado, tomando Iúri Andreevitch por alguma outra pessoa. Olhava desconcertado e furtivamente para o doutor como se soubesse quem era, mas não tinha coragem de iniciar a conversa. Para pôr fim ao mal-entendido, Iúri Andreevitch o olhou de alto a baixo, demonstrando uma frieza que repelia qualquer vontade de aproximação.

O menino ficou confuso e sem dizer uma palavra dirigiu-se à saída. Ali, depois de olhar para trás mais uma vez, ele abriu a porta e, batendo-a, saiu à rua.

Uns dez minutos depois, Iúri Andreevitch fez o mesmo. Ele esqueceu o menino e o colega, à casa do qual se dirigia. Estava satisfeito com o que havia lido e voltava para casa. No caminho uma outra circunstância, uma bobagem corriqueira que naqueles dias assumia uma importância desmesurada, atraiu e absorveu a sua atenção.

Pouco antes de sua casa, no escuro, tropeçou em um amontoado de tábuas e troncos de madeira que estavam largados e atravessados na beira da calçada. Ali, na travessa, havia uma instituição para a qual, certamente, trouxeram lenha oficial, uma casa desmanchada de madeira das redondezas. Os troncos não cabiam no pátio e atravancavam parte da rua adjacente. Esse amontoado era protegido por um policial armado que andava pelo pátio e que de vez em quando chegava até a travessa.

Iúri Andreevitch, sem pensar duas vezes, aproveitou o momento em que o vigia voltou para o pátio e em que o vento levantou, rodopiando no ar, uma densa nuvem de neve. Aproximou-se do amontoado de troncos na sombra onde não caía a luz da lâmpada do poste e com um balanço vagaroso liberou o cepo pesado que estava mais embaixo. Depois de retirá-lo com muita dificuldade do monte e colocá-lo no ombro, ele parou de sentir seu peso (seu fardo não era pesado) e caminhando furtivamente ao longo das paredes levou-o até a sua casa, na rua Sivtsev.

Foi muito oportuno, pois em casa a lenha havia acabado. Serraram o cepo e fizeram dele uma montanha de pequenos pedaços de madeira. Iúri Andreevitch acorrou-se para acender a coifa. Ele estava sentado, calado, diante da portinhola que estremecia e tilintava. Aleksandr Aleksandrovitch arrastou sua poltrona para perto do forno e sentou-se para se aquecer. Iúri Andreevitch tirou do bolso lateral do paletó o jornal e estendeu-o ao sogro dizendo:

— Já viu? Olhe só, leia isso.

Sem se levantar e revirando a lenha no forno com um pequeno atiçador, Iúri Andreevitch conversava em voz alta consigo mesmo:

— Que cirurgia maravilhosa! De um só golpe retirar habilmente todas as chagas velhas e fétidas! Uma sentença simples, sem rodeios para a injustiça secular, acostumada com reverências e rapapés.

"Existe algo de nacional e próximo, muito familiar, nesses fatos que foram, sem medo, levados até o fim. Algo da luminosidade incondicional de Puchkin, algo da fidelidade aos fatos, sem subterfúgios, de Tolstoi.

— De Puchkin? O que disse? Espere. Vou terminar. Não consigo ler e ouvir ao mesmo tempo — interrompeu-o Aleksandr Aleksandrovitch, achando erroneamente que o monólogo enunciado por Iúri Andreevitch bem debaixo de seu nariz dirigia-se a ele.

— E o que é mais importante, mais genial nisso tudo? Se algum dia assumissem a tarefa de criar um mundo novo, iniciar uma nova era, obrigatoriamente seria necessário, em primeiro lugar, limpar o terreno. Seria necessário aguardar que primeiro terminassem os séculos antigos antes de iniciar a construção dos novos, seria necessário um número redondo, uma linha nítida, uma página em branco. E aqui, como foi? É algo inédito, um milagre da história. Essa revelação foi lançada no meio da rotina cotidiana,

sem dar confiança ao seu desenrolar. E não começou no início e sim no meio, sem prazos predeterminados, nos primeiros dias úteis em que surgiram, quando os bondes circulavam pela cidade a todo vapor. Isto é o mais genial de tudo. Somente o que é grandioso é tão despropositado e inoportuno.

9

Chegou o inverno, assim como previram. Ainda não assustava, como os que vieram depois dele, mas era da mesma têmpera, escuro, faminto e frio. Destruía o habitual e reestruturava todas as bases da existência, todos os esforços sobre-humanos de se agarrar à vida que escapava.

Foram três invernos seguidos, desses terríveis, um atrás do outro, e nem tudo que hoje parece ter ocorrido de 1917 para 1918 aconteceu realmente naquela época, pode ter acontecido mais tarde. Esses invernos, que se sucederam, fundiram-se um no outro e é difícil distingui-los.

O modo de vida antigo e a nova ordem não se encaixavam. Não existia entre eles uma guerra extremada como um ano depois, durante a guerra civil, mas faltava-lhes articulação. Havia dois lados opostos, um contra outro, que não se comunicavam.

Em toda parte procediam-se reeleições administrativas: nas propriedades imobiliárias, nas empresas, nos locais de trabalho, nas instituições públicas. A composição delas mudava. Para todos os postos começaram a nomear comissários com plenos poderes, pessoas de vontade férrea, vestidas em jaquetas pretas de couro, munidas de medidas de intimidação e armadas com revólveres, que raramente se barbeavam e, com menos freqüência ainda, dormiam.

Conheciam bem o filho da pequena burguesia, o pequeno escrivão de papéis públicos, o pequeno burguês rastejador e, sem nenhuma piedade, com um sorriso de Mefistófeles, tratavam-nos como ladrõezinhos apanhados em flagrante, modificavam.

Essas pessoas transformavam tudo, como exigia o programa, daí então, empresa por empresa, instituição por instituição, tudo se tornou bolchevique.

O hospital Crestovozdvizhenskaia chamava-se agora Segundo Hospital Reformado. Nele ocorreram mudanças. Uma parte do pessoal foi demitida e outros foram embora por conta própria, pois concluíram que não valia mais a pena trabalhar lá. Eram médicos que ganhavam bem e conheciam práticas modernas, os queridinhos da elite, fraseadores de muita lábia. Seguindo raciocínios interesseiros, eles não perderam a oportunidade de caracterizar sua saída como um ato patriótico e começaram a menosprezar os que ficaram, quase os boicotando. Entre os últimos estava Jivago.

À noite, marido e mulher conversavam:

— Na quarta-feira não se esqueça de ir ao porão da Sociedade dos Médicos para pegar batata congelada. Tem dois sacos lá. Vou certificar-me, com precisão, a que horas estarei livre para ajudar você. Vamos ter que ir os dois e trazer os sacos de trenó.

— Está bem. Trataremos disso, Iurotchka. Deite-se logo. Já é tarde. Não vai conseguir fazer tudo mesmo! Você precisa descansar.

— A epidemia está se espalhando. O esgotamento geral enfraquece a resistência. Temo por você e papai, estão que é só pele e osso. É preciso fazer alguma coisa. Sim, mas o quê? Não estamos nos protegendo o suficiente. Devemos ser mais cuidadosos. Ouça. Você já está dormindo?

— Não.

— Não temo por mim, tenho suficiente fôlego. Mas se por acaso eu cair doente, não faça tolices, por favor. Não me deixe em casa. Leve-me imediatamente para o hospital.

— O que é isso, Iurotchka! Deus me livre! Para que prever o pior?

— Lembre-se, não existem mais pessoas honestas nem amigas. Nem mesmo conhecidas. Se acontecer alguma coisa, confie somente em Pitchujkin. Claro que se ele permanecer incólume. Está dormindo?

— Não.

— Os médicos, os velhacos, foram embora atrás de dinheiro e agora dizem que foi por sentimentos de civismo, princípios. Quando os encontro, mal estendem a mão. "Está trabalhando para eles?", perguntam, alçando as sobrancelhas: "Trabalho", digo, "e peço que não me levem a mal: orgulho-

me de nossas privações e respeito as pessoas que nos fazem o favor de infligi-las a nós."

10

Durante um longo período, o painço cozido na água e a sopa de cabeça de arenque tornaram-se o alimento constante da maioria. O corpo do arenque frito servia de segundo prato. Comia-se com centeio e trigo em grão. Fazia-se mingau com eles.

Uma professora conhecida ensinou Antonina Aleksandrovna a fazer pão na coifa. Uma parte seria vendida, para justificar o uso do forno ladrilhado, como nos tempos passados. Isso permitiria descartar o fogareiro sofredor que soltava fumaça, aquecia mal e não conservava o calor.

Antonina Aleksandrovna assava bem o pão, mas não conseguiu obter nada com a venda. Foram obrigados a sacrificar os projetos irrealizáveis e a colocar novamente em ação o fogareiro encostado. Os Jivago estavam na miséria.

Certo dia, pela manhã, Iúri Andreevitch, como de costume, saiu para resolver alguns problemas. Na casa, restavam somente dois tocos de lenha. Então, Antonina Aleksandrovna saiu "à caça", vestindo o sobretudo de pele, dentro do qual, por causa da fraqueza, sentia frio até mesmo em tempo quente.

Ficou meia hora andando pelas travessas mais próximas, onde às vezes entravam mujiques com legumes e batatas, vindos das aldeias vizinhas. Tinham que ser encontrados na hora certa. Os camponeses com fardos eram muitas vezes presos e tinham sua carga confiscada.

Ela logo encontrou o que buscava. Um jovem rapagão, numa camisa de feltro, caminhava, escoltado por Antonina Aleksandrovna, ao lado de um trenó tão leve, que parecia de brinquedo. Ela levou-o para o pátio dos Gromeko.

Embaixo da esteira do cesto de casca de árvore que estava no trenó, havia um pequeno montinho de peças arredondadas de bétula, nem um pouco mais grossas que os corrimãos das mansões antigas que aparecem nas

fotografias do século passado. Antonina Aleksandrovna, ao saber que era bétula serrada recentemente, concluiu que não existia pior matéria-prima que aquela, sem valor e imprestável para lenha. Mas não tinha escolha e não havia tempo para raciocínios.

O jovem camponês, em duas ou cinco viagens, levou a lenha para a parte superior da casa, e em troca arrastou para baixo e ajeitou no trenó uma pequena cômoda espelhada de Antonina Aleksandrovna, para presentear sua jovem mulher. Combinando logo sobre uma próxima entrega de batata, ele olhou de relance para o piano que estava perto da porta.

Ao retornar, Iúri Andreevitch não quis discutir com a mulher a compra. Porém, seria muito mais proveitoso e útil rachar a cômoda para fazer lenha do que entregá-la ao rapaz. Mas sabia que não teriam coragem de fazê-lo.

— Você viu o bilhete na mesa? — perguntou a esposa.

— É do administrador do hospital? Já disseram, eu sei. É uma solicitação para visitar uma doente. Irei sem falta. Vou descansar um pouco e irei. Mas é bem longe. Próximo ao Arco do Triunfo. Anotei o endereço.

— Estão oferecendo um estranho honorário. Você viu? Mas leia mesmo assim. Uma garrafa de conhaque alemão ou um par de meias femininas pela visita. Veja com que tentam atrair. Quem poderia ser? Uma proposta de mau gosto e uma completa ignorância da vida atual. Novos ricos, com certeza.

— Sim, deve ser para algum abastecedor.

Assim se denominavam, junto com os concessionários e responsáveis, os pequenos empreendedores a quem o poder estatal, depois de liquidar o comércio privado, fazia concessões em momentos de crise econômica, fazendo acordos com eles e negócios para diferentes fornecimentos.

Entre eles não estavam os ex-donos de velhas firmas, proprietários de grande porte, que não conseguiram se recuperar do golpe que levaram. Essa categoria também era formada por negociantes de existência efêmera, que surgiram do nada durante a guerra e a revolução, eram pessoas novas, gente de passagem, sem raízes.

Depois de tomar água fervida branqueada com um pouco de leite e açúcar, o doutor foi ver a doente.

As calçadas e os becos estavam profundamente enterrados sob a neve, que cobria as ruas de uma fileira de casas até a outra. Em alguns lugares, a neve alcançava as janelas dos primeiros andares. Na amplidão desse espaço moviam-se sombras caladas e semivivas que carregavam ou arrastavam em trenós alguns pacotes de alimentos. Não havia quase ninguém de carruagem.

Em alguns lugares, permaneciam nas casas as velhas placas. As cooperativas e casas comerciais, que ficavam embaixo e não atendiam às suas funções, estavam vazias e trancadas, suas janelas fechadas com grades ou tábuas pregadas.

Elas estavam trancadas e vazias, não somente pela falta de gêneros alimentícios, mas porque a reestruturação de todos os segmentos da vida cotidiana, que abrangia também o comércio, ocorria ainda em linhas bem gerais e não havia atingido essas lojas fechadas com tábuas, nem as pequenas propriedades.

11

A casa à qual o doutor foi chamado localizava-se no final da rua Brestskaia, perto do quartel Tverskaia.

Era uma caserna de tijolos, uma construção antiquada, com um pátio interno e galerias de madeira que subiam em três andares ao longo das paredes do pátio.

Os moradores encontravam-se em reunião geral, marcada com antecedência com a representante do conselho do bairro, quando, de repente, apareceu no prédio a comissão militar para uma revista, a fim de conferir as autorizações para porte e manutenção de armas e confiscar as que não possuíssem o citado documento. O chefe que liderava a revista pediu para a delegada não se afastar, dizendo que o trabalho não levaria muito tempo. Os moradores, liberados aos poucos, se reuniram novamente, e a reunião interrompida poderia ser logo retomada.

A revista se aproximava do fim e o seguinte, na ordem, era exatamente o apartamento onde aguardavam o doutor. Foi neste momento que ele se aproximou do portão. O soldado-sentinela, com a baioneta na mão, perto de uma das escadas que levava para as galerias, recusou-se terminantemente a

deixar Iúri Andreevitch passar. O chefe do destacamento interferiu na discussão e mandou não criarem nenhum obstáculo ao doutor e concordou em esperar para fazer a revista do apartamento depois que ele examinasse a doente.

O doutor foi recebido pelo dono do apartamento, um rapaz jovem e gentil, com um rosto opaco e moreno de olhos escuros e melancólicos. Estava preocupado por muitos motivos: a doença da mulher, a revista iminente e o respeito sobrenatural que ele nutria pela medicina e seus representantes.

Para encurtar o trabalho e o tempo do doutor, o dono do apartamento tentava ser breve, mas justamente esta rapidez tornava sua fala comprida e confusa.

O apartamento era decorado com uma miscelânea de objetos luxuosos e baratos, comprados às pressas com o objetivo de investir em algo palpável o dinheiro que desvalorizava vertiginosamente. Os móveis, com peças de diferentes estilos, eram completados por objetos de arte isolados dos quais, para ficarem completos, faltava o par.

O dono do apartamento achava que sua mulher estava com alguma doença nervosa por causa de um susto que levara. Falando muita coisa que não tinha nada a ver com o assunto, contou que lhe venderam por uma pechincha um relógio de carrilhão antigo quebrado que tocava música e que há muito tempo não funcionava. Compraram como uma peça notável de relojoeiro, como uma raridade (o marido da doente levou o doutor ao quarto vizinho para mostrar o relógio). Tinham dúvidas se podia ser consertado quando, de repente, o relógio, que durante anos não sabia o que era corda, começou a funcionar sozinho, tocando com seus sininhos um minueto complexo e depois parou. A mulher, aterrorizada, concluíra que chegara sua derradeira hora e agora estava deitada, delirando, não comia, não bebia e nem o reconhecia.

— Então o senhor acha que é um choque nervoso? — perguntou Iúri Andreevitch, com um tom de dúvida em sua voz. — Leve-me até a doente.

Eles entraram no quarto ao lado, com um lustre de porcelana e duas mesinhas-de-cabeceira de mogno dos lados da larga cama de casal. Na beirada dela, coberta até acima do queixo com um cobertor, estava uma pequena mulher de grandes olhos negros. Ao vê-los, ela mandou-os embora com um aceno da mão estendida que estava descoberta e a manga larga do

roupão deslizou até suas axilas. Ela não reconhecia o marido; como se ninguém estivesse no quarto, começou a cantar baixinho uma triste canção que a deixou tão emocionada que começou a chorar e, soluçando como criança, começou a pedir para voltar para casa. Qualquer que fosse o lado pelo qual o doutor tentava se aproximar dela, ela virava-se sempre de costas para ele, resistindo ao exame.

— Seria bom examiná-la — disse Iúri Andreevitch. — Mas tudo bem, já sei o que é. É febre tifóide, numa forma muito grave. Está sofrendo muito a coitada. Aconselharia interná-la no hospital. O importante não é a comodidade que pode lhe oferecer, mas a constante observação médica que é necessária durante as primeiras semanas da doença. O senhor tem como conseguir alguém que a transporte, um cocheiro ou, em último caso, um trenó para levar a doente, antes de tudo, claro, agasalhando-a bem? Vou preencher a guia.

— Acho que sim. Vou tentar. Mas espere. Será mesmo tifo? Que horror!

— Infelizmente.

— Tenho medo de perdê-la se me separar dela. O senhor não pode tratá-la em casa, aumentando quanto possível a frequência das visitas? Eu ofereceria a recompensa que quisesse.

— Como já expliquei, é importante a constante observação. Escute, estou lhe dando um bom conselho. Consiga, seja lá onde for, um cocheiro que vou escrever a guia de internação. É melhor fazer isso em seu comitê predial. Será necessário o carimbo na guia e mais algumas formalidades.

Os moradores, que já haviam passado pelos interrogatórios e pela revista, voltavam um a um, enrolados em lenços de lã e sobretudos, para o cômodo não aquecido que serviu de depósito de ovos e agora era ocupado pelo comitê predial.

Em um canto do cômodo, havia uma mesa e algumas cadeiras, insuficientes para acomodar tanta gente. Por isso, foram colocadas, ainda, caixas de ovos vazias, compridas e viradas para baixo, que serviam de

bancos. Uma montanha dessas caixas elevava-se até o teto do lado oposto. Num canto, perto da parede, foram aglomeradas aparas de madeira congeladas, que grudaram umas nas outras, formando bolas, devido à clara que saía dos ovos quebrados. Nesses montes, ratazanas remexiam-se com barulho, saindo às vezes para o espaço vazio do chão de pedra e escondendo-se novamente nas aparas.

Cada vez que isso acontecia, uma moradora gorda subia em uma das caixas e gritava com voz estridente. Ela suspendia a barra do vestido com os dedinhos separados em um gesto de coquetice, batia os pés calçados em botinhas femininas modernas de cano alto e, intencionalmente, com a voz rouca, como se estivesse bêbada, gritava:

— Olka, Olka, você tem ratazanas aqui. Ai, que coisa asquerosa! Ui, ui, ui, a desgraçada compreende! Ficou furiosa! Ai, ai, está subindo na caixa! Espero que não entre por baixo do meu vestido. Ui, ui, que medo! Virem-se, senhores homens, não olhem! Desculpem, esqueci-me que agora não é mais senhores e sim companheiros cidadãos.

A mulher que fazia essa algazarra estava com o sobretudo de pele de cordeiro desabotoado. Sob ele, em camadas, balançavam como pudim seu queixo duplo, o pomposo busto e a barriga, coberta por um vestido justo de seda. Notava-se que, em sua época, tivera fama de conquistadora dos comerciantes e administradores comerciais de terceira categoria. A fenda de seus olhos suínos mal se abria sob as pálpebras inchadas. Em tempos passados, alguma concorrente atirou-lhe um vidro com ácido, mas não acertou. Somente dois respingos deixaram, na bochecha esquerda e no canto esquerdo da boca, duas marcas superficiais, quase sedutoras de tão imperceptíveis.

— Não grite, Khrapugina. É impossível trabalhar assim — dizia a mulher sentada à mesa, representante do conselho regional, eleita para presidir a reunião.

Desde muito tempo, os zeladores a conheciam bem e ela a eles também. Antes do início da reunião, conversava à meia voz e informalmente com tia Fátima, uma velha zeladora que há pouco tempo abrigava-se em um porão sujo e que agora fora transferida, com a filha, para o segundo andar e acomodada em dois quartos claros.

— Então, Fátima, como vão as coisas? — perguntava a presidente. Fátima reclamava que não dava conta sozinha de um prédio tão grande e tão populoso, que não recebia nenhuma ajuda, pois as obrigações da limpeza do pátio e da rua ninguém cumpria.

— Não se aborreça, Fátima, vamos lhes dar uma lição, fique tranqüila. Que comitê é esse? É inacreditável! Um elemento criminoso, de personalidade duvidosa, se esconde e vive sem registro ^{56}. Demitimos todos e contrataremos outros. Vou colocar você como administradora do prédio, mas pare de ficar reclamando.

A zeladora suplicou à presidente que não fizesse isso, mas esta não lhe deu ouvidos. Lançou um olhar para o recinto, achou que já havia gente suficiente, pediu silêncio e, com um pequeno discurso introdutório, abriu os trabalhos. Após fazer observações sobre a inatividade do conselho predial, propôs que fossem indicados nomes para eleger um novo comitê e passou a discutir outras questões. Ao final, disse casualmente:

— Então, vejamos como ficaram as coisas, companheiros. Vamos falar abertamente. O prédio é muito amplo e conveniente para alojamento comunitário. Às vezes chegam delegados para reuniões e não temos onde acomodá-los. Existe uma deliberação: passar o prédio para a jurisdição da administração regional e transformá-lo em alojamentos para os que vêm de fora, dando-lhe o nome do camarada Tiverzin, que foi morador deste prédio até ser exilado, isso todos vocês sabem. Alguma objeção? Agora, sobre a limpeza do prédio. Esta medida não é urgente, temos ainda um ano pela frente. Vamos transferir a população trabalhadora e dar-lhes habitação; os que não trabalham, estamos logo avisando, que procurem sozinhos onde alojar-se, daremos doze meses de prazo.

— Quem entre nós não trabalha? Não existe ninguém! São todos trabalhadores — soavam gritos de todos os lados e uma voz berrava: — Isso é um chauvinismo russo, imperial! Todas as nacionalidades agora são iguais. Eu sei do que você está falando.

— Um de cada vez! Simplesmente, não sei a quem responder. Que nacionalidades? O que a nacionalidade tem a ver com isso, companheiro Valdirkin? Por exemplo, Khrapugina não é da minoria não-russa, mas vamos expulsá-la!

— Expulse! Veremos como vai me desalojar! Seu sofá afundado! Tenho dez atribuições — gritou Khrapugina, com xingamentos desconexos que lançava à delegada, no auge da discussão.

— Que cobra! Que bruxa! Não tem vergonha? — reclamava a zeladora.

— Não se meta, Fátima! Sei me defender. Pare, Khrapugina. É só dar motivo que você senta no pescoço! Cale a boca, já disse, se não vou denunciar você imediatamente, sem esperar que seja presa por fabricação de *samagon* ^{57} e por manter um antro de jogatina!

A gritaria atingiu limites insuportáveis. Não deixavam ninguém falar. Neste momento o doutor entrou no depósito. Ele pediu à primeira pessoa que estava perto da porta que lhe indicasse alguém do comitê predial. A pessoa fez um megafone com as mãos e, superando o barulho e a gritaria, falou alto:

— Ga-li-ul-li-na! Venha cá! Estão perguntando por você.

O doutor não acreditou em seus olhos. Aproximou-se uma mulher magra e um pouco encurvada, era a zeladora. O doutor ficou impressionado com a semelhança entre mãe e filho. Mas ele não quis se manifestar. Disse apenas:

— Vocês têm aqui uma moradora com tifo (pronunciou o sobrenome). Devem tomar alguns cuidados para que a infecção não se propague. Além disso, a doente deve ser transferida para o hospital. Vou preencher uma guia que o conselho predial deve autorizar. Como e onde fazer isso?

A zeladora entendeu que a questão era relativa à transferência da doente e não ao papel que deveria ser previamente preenchido.

— Uma caleça virá buscar a companheira Demina, membro do conselho regional — disse Galiullina. — A companheira Demina é uma pessoa de bom coração, falarei com ela e cederá a caleça. Não se preocupe, companheiro doutor, transferiremos a sua doente.

— Oh, não estou falando disso! Só quero um cantinho onde possa preencher a guia. Mas se tiver a caleça também.. Desculpe, a senhora não é a mãe do tenente Galiullin, Osip Gimazetdinovitch? Servi com ele na guerra.

O corpo todo da zeladora estremeceu, ela empalideceu. Pegou o doutor pela mão e disse:

— Vamos lá para fora. Vamos conversar no pátio.

Mal passaram pela soleira da porta, ela começou a falar rapidamente:

— Fale baixo, Deus me livre se ouvirem. Não me destrua. Iusupka foi por um mau caminho. Julgue você mesmo. Quem é Iusupka? Iusupka é um operário. Iusup tem que entender que agora ficou muito melhor para o povo simples, até um cego vê isso, não há o que discutir. Não sei o que você pensa, pense como quiser, você até pode, mas para Iusupka isso é pecado, Deus não o perdoará. O pai de Iusupka morreu, foi morto como soldado... e como... não deixaram nem o rosto, nem os braços, nem as pernas, coitado!

Ela não tinha mais forças para continuar falando. Após fazer um gesto com a mão, aguardou que a emoção diminuísse. Depois continuou:

— Vamos. Vou arrumar a caleça. Sei quem é você. Ele ficou aqui dois dias, me falou de você. Você conhece Lara Guicharova. Era uma boa moça. Vinha aqui em casa, me lembro. E agora como estará, quem sabe? Será possível que patrões fiquem contra patrões? Mas, para Iusupka, isso é pecado. Vamos pedir a caleça. A companheira Demina vai emprestar. Sabe quem é a companheira Demina? Olia Demina era aluna na confecção da mãe de Lara Guicharova. Ei-la. E é também daqui. Vamos, por este pátio.

13

Já estava completamente escuro. Era noite ao redor. Somente o círculo branco de luz da lanterna de bolso de Demina, a uns cinco passos deles, saltava de um lugar para outro e desorientava mais do que iluminava o caminho por onde passavam. O prédio ficou para trás, onde tantas pessoas a conheciam, onde ela foi menina, onde, diziam, educou-se, ainda garoto, seu futuro marido Antipov.

Demina se referia a ele com um ar protetor e brincalhão:

— Com certeza conseguem ir adiante sem a lanterna? Hã? Se não, posso emprestar a minha, companheiro doutor. Sim. Certa época fui louca e perdidamente apaixonada por ela, amava-a quando éramos meninas. Tinham uma confecção. Eu era aluna-residente. Este ano nos encontramos. Ela veio a Moscou de passagem. Disse-lhe: para onde vai, sua boba? Fique. Viveremos juntas, encontrarei serviço para você. Mas, não! Não quis. Problema dela. Casou-se com Pachka pela razão e não por amor, desde então não é normal. Foi embora.

— O que acha dela?

— Cuidado, aqui está escorregadio. Já disse mil vezes para não jogarem lixo na frente das portas, mas é o mesmo que falar com as paredes. O que acho dela? Como assim acho? Achar o quê? Não tenho tempo. Aqui moro eu. Não contei a ela que o irmão, um militar, parece que foi fuzilado. Porém a mãe, a minha ex-patroa, acho que vou conseguir salvar, estou me esforçando. Bom, tenho que ir por aqui, até logo.

Então se separaram. A luz da lanterna de Demina bateu ao longo da estreita escada de pedra, depois correu para a frente, iluminando as paredes engorduradas da subida suja e o doutor ficou cercado pela escuridão. À direita, estendia-se a Sadovaia-Triunfalnaia, à esquerda a Sadovaia-Karetnaia. No horizonte negro e na neve negra não havia ruas, no sentido comum da palavra, elas mais pareciam duas clareiras florestais na taiga densa de edifícios enfileirados de pedra, como nas brenhas intransitáveis dos Urais ou da Sibéria.

Em casa havia luz e calor.

— Por que chegou tão tarde? — perguntou Antonina Aleksandrovna e, sem que respondesse, prosseguiu: — Durante a sua ausência aconteceu algo curioso. Uma coisa estranha e inexplicável. Esqueci-me de contar a você. Ontem papai quebrou o despertador e ficou desesperado. O último relógio da casa. Começou a consertar, mexeu, mexeu e nada. O relojoeiro da esquina pediu três libras de pão, um preço absurdo. O que fazer? Papai desistiu totalmente. E de repente, imagine só, uma hora atrás, ouvimos um som estridente e ensurdecedor. Era o despertador! Começou a funcionar novamente, sozinho!

— É que bateu a minha hora tifóide — brincou Iúri Andreevitch e contou para seus parentes a história da doente com o relógio de carrilhão.

Porém, ele adoeceu bem mais tarde. Antes de cair enfermo, o estado de miséria da família Jivago atingiu o limite. Eles passavam necessidade e estavam à beira da morte. Iúri Andreevitch procurou pelo membro do partido vítima de assaltantes que ele salvara certa vez. Este fazia o que podia pelo

doutor. No entanto, começou a guerra civil. Seu protetor estava o tempo todo viajando. Além do mais, de acordo com as suas convicções, este homem considerava as dificuldades daquele tempo naturais e ocultava o seu estado de fome.

Iúri Andreevitch tentou pedir ajuda ao abastecedor próximo do quartel Tverskaia. Mas ele sumira nos últimos meses sem deixar vestígios, e não se tinha notícias de sua esposa restabelecida. Os moradores do prédio mudaram. Demina estava na frente de combate e a administradora, Galiullina, Iúri Andreevitch não encontrou.

Certa vez, ele recebeu um vale para lenha e pagou o preço fixado pelo governo. Esta lenha deveria ser retirada da estação ferroviária Vindavski. Pela interminável rua Mechanskaia ele escoltou o cocheiro e o rocinante que puxava essa riqueza inesperada. De repente, o doutor percebeu que a Mechanskaia estava deixando aos poucos de ser Mechanskaia, ele cambaleava e seus pés não suportavam mais seu peso. Prontamente ele entendeu que nada podia fazer, estava com tifo. O cocheiro levantou o desfalecido. Jivago não se lembrava como o carregaram até sua casa, acomodado em cima da lenha.

15

Delirou durante duas semanas seguidas, com alguns intervalos de calma. Sonhava que Tônia havia colocado em cima da mesa duas ruas, a Sadovaia-Karetnaia, à esquerda, e a Sadovaia-Triumfalnaia, à direita. Aproximou delas sua luminária, que era ardente, diferente e laranja. As ruas ficaram claras. Podia-se trabalhar. Então ele escrevia.

Escrevia com vontade e sucesso extraordinário aquilo que sempre quis, que deveria ter escrito há muito tempo, mas nunca pôde. Porém, agora, estava conseguindo. Somente, às vezes, um menino o atrapalhava com seus olhos estreitos de quirguiz, vestido num sobretudo de pele de alce que usam na Sibéria ou nos Urais.

Era absolutamente claro para ele que aquele menino era o espírito de sua morte ou, digamos simplesmente, sua morte. Mas, como podia ser sua morte,

se o ajuda a escrever o poema? Será que podia haver alguma vantagem na morte, será que a morte podia prestar ajuda?

Escreveu um poema cujo assunto não era nem a Ressurreição, nem sobre a deposição no túmulo, mas os dias que se passaram entre um e outro. Ele escreveu o poema "Ansiedade".

Ele sempre quis escrever como, durante três dias, uma tempestade de terra preta e bichada assediava, atacava a encarnação imortal do Amor, atirando seus torrões sobre ela, igualzinho às ondas do mar em ressaca que avançam com impulso e enterram a praia sob elas. Durante três dias, a tempestade negra de terra esbravejava, avançava e recuava.

E duas linhas rimadas o perseguiram:

Feliz por o tocar

e

É preciso despertar.

Feliz por tocar o inferno, a desintegração, a decomposição, a morte, e no entanto, da mesma forma feliz por tocar a primavera, a Madalena, a vida. É preciso despertar. É preciso despertar e levantar-se. É preciso ressuscitar.

Ele começou a se restabelecer. No início, em estado de graça não procurava ligação entre as coisas: tudo permitia, de nada lembrava, com nada se espantava. Sua mulher alimentava-o com pão branco e manteiga e dava-lhe chá com açúcar, café. Ele esqueceu que isso naqueles dias era um luxo e se sentia feliz com a comida gostosa, como ficava feliz com a poesia e os contos de fadas que eram de lei e de direito na convalescença. Mas, logo na primeira vez em que começou a raciocinar, perguntou à mulher:

— Onde arranjou isso?

— Vem tudo do seu Grania.

— Que Grania?

— Grania Jivago.

— Grania Jivago?

— O seu irmão de Omsk, Evgraf. Seu meio-irmão. Você estava inconsciente e ele não parou de nos visitar.

— Com um sobretudo de alce?

— Sim, sim. Você então percebia tudo, mesmo inconsciente? Ele viu você na escada de um certo prédio, ele me contou. Sabia que era você e queria apresentar-se, mas você deixou-o com tanto medo! Ele o adora, tem muita consideração por você. Conseguir tanta coisa! Arroz, uvas-passas, açúcar. Foi embora para sua cidade e nos convidou. É tão esquisito e misterioso! Acho que ele tem algum namoro com o governo. Diz que deve-se sair por um ou dois anos das cidades grandes, ficar um pouco "na terra". Aconselhei-me sobre as propriedades de Krügerov. Ele recomendou-as muito. Tem lugar para fazer uma horta e é bom que a floresta esteja à mão. Não se pode morrer assim submissos, como ovelhas.

Em abril daquele mesmo ano, toda a família Jivago partiu para os longínquos Urais, em direção à ex-propriedade Varikino, perto da cidade de Iuriatin.

No caminho



1

Chegaram os últimos dias de março, os dias do primeiro calor do ano, falsos anunciadores da primavera, após os quais, todo ano, vinha um frio intenso.

Na casa dos Gromeko arrumavam as malas às pressas. Diante dos novos moradores, que agora, na casa comprimida, eram bem mais numerosos do que pardais na rua, a agitação parecia mais uma faxina geral antes da Páscoa.

Iúri Andreevitch era contra a viagem. Ele não atrapalhava os preparativos, pois achava a iniciativa irrealizável e acalentava esperanças de que no minuto decisivo os planos fossem por água abaixo. Mas o trabalho ia adiante e se aproximava do fim. Chegou a hora de falar seriamente.

Expressou novamente à mulher e ao sogro suas dúvidas em um conselho de família.

— Então, vocês acham que estou enganado e que devemos viajar? — terminou ele seu raciocínio. A mulher tomou a palavra:

— Você diz que temos de agüentar um ou dois anos, que nesse período serão regularizadas as novas relações com a terra e que será possível solicitar um pedacinho dela nos arredores de Moscou e organizar uma horta. Mas como nos sustentar até lá você não diz. E, no entanto, isso é o que mais interessa, eis o que realmente gostaria de ouvir.

— É delírio total — disse Aleksandr Aleksandrovitch em apoio à filha.

— Está bem, eu me rendo — concordou Iúri Andreevitch. — O que me detém é o completo desconhecimento do que nos espera. Estamos partindo de olhos vendados, sem saber direito para onde, sem ter a mínima noção de

como está o lugar. Das três pessoas que moraram em Varikino, duas, mãe e vovó, não estão mais vivas, e a terceira, vovô Kriuger, se estiver vivo deve estar preso atrás das grades.

"No último ano da guerra, ele fez algum negócio com as florestas e a fábrica, vendeu de fachada para algum testa-de-ferro ou banco, ou transferiu para alguém. O que sabemos sobre esse negócio? De quem, agora, são essas terras, não no sentido de propriedade, que se dane, mas quem é responsável por elas? A que administração pertence? A floresta está sendo derrubada? As fábricas funcionam? Finalmente, quem está no poder agora e quem estará até chegarmos lá?

"Para nós, a âncora da salvação é Mikulitsin, cujo nome vocês gostam tanto de repetir. Mas quem lhes disse que este velho administrador está vivo e continua em Varikino? E o que sabemos sobre ele, além de que o vovô pronunciava com dificuldade o seu nome e por isso nos lembramos dele?

"No entanto, para que discutir? Vocês resolveram viajar. Eu me junto a vocês. Vamos ver agora como nos arranjaremos para viajar. Não adianta ficar adiando a partida.

2

Iúri Andreevitch foi até a estação ferroviária Iaroslavskaia, para obter informações sobre a viagem.

O fluxo dos viajantes era contido por pequenas barreiras estendidas através dos salões de chão de mármore. No chão, estavam deitadas pessoas de capotes militares que se viravam de um lado para o outro, tossiam e cuspiam. E quando conversavam entre si, falavam sempre inadequadamente alto, sem calcular a força com que as vozes reverberavam sob a abóbada retumbante.

Em sua maioria eram convalescentes, que sofreram de febre tifóide. Por causa da superlotação dos hospitais eles recebiam alta imediatamente

após a crise. Como médico, o próprio Iúri Andreevitch se viu diante dessa necessidade, porém não sabia que havia tantos destes pobres coitados e que as estações ferroviárias lhes serviam de abrigo.

— Consiga uma ordem de serviço — dizia-lhe o carregador, de avental branco. — Tem que vir todo dia. Trem, hoje em dia, é coisa rara, um acaso. E é claro... (o carregador esfregou o dedão nos dois dedos vizinhos)... Farinha ou alguma coisa assim. Se não molhar a mão, não viaja. E isso... (ele deu um peteleco na garganta ^{58}) é o mais importante... é sagrado.

3

Por volta daquele momento, Aleksandr Aleksandrovitch foi convidado para várias consultas no Conselho Superior de Agricultura e Iúri Andreevitch a visitar um membro do governo, gravemente doente. Os dois receberam a recompensa da melhor forma possível na época: passes de entrada no primeiro distribuidor de mantimentos, regulamentado, com uma requisição de produtos.

Ficava em depósitos das guarnições, perto do convento Simionov. O doutor e seu sogro atravessaram dois pátios, o da igreja e o do quartel, e direto do chão, sem soleira, entraram sob abóbadas de mármore de um porão fundo que descia gradualmente. Sua extremidade, mais larga, estava separada por um balcão comprido e transversal atrás do qual, ausentando-se às vezes para ir até a despensa buscar produtos, um almoxarife tranqüilo e vagaroso pendurava e distribuía alimentos. À medida que os entregava, riscava com um amplo movimento do lápis o produto da lista apresentada.

Havia poucas pessoas recebendo alguma coisa.

— Agora vocês — disse o responsável pelo depósito para o professor e o doutor, passando uma vista nas suas requisições. Os dois arregalaram os olhos quando começaram a colocar dentro das capas de travesseiros e ou fronhas farinha, grãos, macarrão e açúcar. Também enfiaram toucinho, sabonete e fósforos e cada um recebeu um pedaço de alguma coisa embrulhado em papel, que depois descobriram ser queijo do Cáucaso.

O genro e o sogro amarravam com pressa suas inúmeras trouxinhas em dois sacos grandes. Agiam o mais rápido possível, não queriam, com seu rebuliço desajeitado, desagradar ao almoxarife, que os sufocava com sua generosidade.

Subiram do porão até o ar puro, bêbados, não da alegria animal, mas da consciência de que não era à toa que estavam vivos, e que sem muito esforço, receberiam em casa elogios e reconhecimentos da jovem senhora Tônia.

4

Enquanto os homens se perdiam nas instituições tentando obter guias e documentos legais para os quartos que deixavam, Antonina Aleksandrovna se ocupava da seleção dos objetos que levariam na viagem.

Andava pensativa pelos três quartos, atualmente no nome da família Gromeko, o tempo todo pesava na mão cada miudeza, antes de colocá-la no monte único dos objetos que seriam embalados.

Somente uma parte insignificante dos bens permaneceria na bagagem dos viajantes, o restante seria usado como objetos de troca, necessários não só no caminho como quando chegassem ao destino.

Pela janelinha aberta entrava o ar primaveril que trazia o cheiro de pão francês recém-cortado. No pátio, os galos cantavam e ressoavam as vozes das crianças que brincavam. Por mais que arejassem o quarto, mais intenso tornava-se nele o cheiro de naftalina que vinha das gastas roupas de inverno retiradas dos baús.

Existia uma teoria sobre o que deveria ser levado ou deixado, elaborada pelos que partiram anteriormente: suas observações se difundiram no círculo de seus conhecidos.

Esses preceitos, que se transformaram em breves e indiscutíveis instruções, estavam tão nítidos na cabeça de Antonina Aleksandrovna que ela imaginava ouvi-los, juntamente com o chilrear dos pardais e a balbúrdia da criançada, como se uma voz misteriosa os soprasse da rua.

"Tecido, tecido", diziam seus pensamentos, "melhor ainda cortado, mas no caminho fiscalizam e isso é perigoso. É mais sensato conduzi-lo em pedaços e rapidamente alinhavado. Em geral, pano, fazenda, roupa também pode, de preferência roupa de cima, não muito usada. O mínimo possível de bugigangas, nada pesado. Em caso de necessidades particulares, carregar

tudo em si mesma, esquecer cestos e malas. O pouco, visto e revisto cem vezes, ajeitar em trouxas que podem ser carregadas por mulheres e crianças. Sal e fumo serão úteis, como demonstrou a prática, mas bastante arriscado. Dinheiro em *kerenki* ^{59}. Mais complicados são os documentos. Etc, etc, etc."

5

Na véspera da partida caiu uma tempestade de neve. O vento elevou até os céus as nuvens cinzentas de flocos de neve que rodopiavam e que em turbilhão branco retornavam à terra, voavam até as profundezas da rua escura e cobriam-na com uma camada branca.

Tudo na casa já estava embalado. Os quartos e os bens que neles permaneciam ficariam sob a responsabilidade de um casal de idosos, parentes moscovitas de Iegorovna. Antonina Aleksandrovna conheceu o casal durante o inverno que acabava, tentava arrumar alguns trapos velhos, panos e móveis desnecessários para trocar, por meio deles, por lenha e batata.

Não dava para confiar em Markel. Na milícia, eleita por ele como um clube político, Markel não se queixava de seus ex-patrões Gromeko lhe terem sugado o sangue, mas acusava-os de tê-lo mantido na escuridão da ignorância, escondendo intencionalmente dele que o homem se originou do macaco.

A este casal, parentes de Iegorovna — um ex-funcionário do comércio e sua esposa —, Antonina Aleksandrovna mostrava pela última vez os quartos, as chaves, de onde era cada uma, abria e trancava com eles as portas dos armários, abria e fechava as gavetas, ensinava e explicava tudo.

As mesas e as cadeiras foram encostadas nas paredes, com as trouxas ao lado, todas as cortinas foram retiradas das janelas. A nevasca espiava, com maior liberdade, os quartos esvaziados, através das janelas desnudas, melhor do que através da moldura aconchegante do inverno. A cada um, ela lembrava alguma coisa. A Iúri Andreevitch lembrava a infância e a morte da mãe, a Antonina Aleksandrovna e Aleksandr Aleksandrovitch a morte e o enterro de Anna Ivanovna. A todos parecia que passavam a última noite naquela casa, que nunca mais a veriam. Com relação a isso enganavam-se,

mas induzidos ao erro que não confessavam entre si para não entristecerem um ao outro, cada um revia a vida que correu embaixo desse teto e brigava com as lágrimas que brotavam dos olhos.

Isso não impedia Antonina Aleksandrovna de manter, diante de pessoas estranhas, os bons modos e costumes. Sustentava uma conversa interminável com a mulher a quem entregara os quartos e tudo que ficara. Antonina Aleksandrovna superestimava o valor do serviço que estavam prestando. Para não pagar pelo favor com a negra ingratidão, ela, a cada minuto, desculpando-se, ausentava-se até o quarto vizinho de onde trazia de presente para a mulher algum lenço, blusa, pedaço de chita ou *chiffon*. Todos os tecidos eram escuros, quadriculados ou com bolinhas brancas, assim como a rua escura coberta de neve, com tijolos em xadrez e manchinhas brancas que olhavam, nessa noite de despedida, pelas janelas sem cortinas.

6

Partiram para a estação cedo, ao raiar do sol. Os habitantes da casa ainda não tinham se levantado. A moradora Zevorotkina, habitual líder de todas as ações coletivas pacíficas ou tumultuadas, correu de porta em porta, chamando os moradores que ainda dormiam, batendo e gritando:

— Atenção, companheiros! Venham se despedir! Com mais ânimo, ânimo! Os ex-Garumekov estão indo embora.

Saíram em massa para se despedir, no saguão e no parapeito da escada de serviço (a social, agora, passava o ano inteiro fechada) e cobriram seus degraus como em um anfiteatro ou como se fossem tirar uma foto coletiva.

Os moradores, bocejando, inclinavam-se para não deixar cair os casacos pendurados nos ombros, embaixo dos quais encolhiam-se. Com frio, mexiam os pés sem meias, enfiados nas larguíssimas botas de feltro.

Markel conseguiu encher a cara com algo mortal, nestes tempos sem álcool, e caía por cima dos corrimãos, ameaçando derrubá-los. Propunha-se a carregar a bagagem até a estação e magoou-se com a recusa. Com dificuldade, livraram-se dele.

Ainda estava escuro no pátio. A neve, no ar sem vento, caía copiosamente e com mais densidade que no dia anterior. Os flocos graúdos e felpudos perdiam a cor e já perto do chão pareciam se deter, como se estivessem em dúvida sobre esparramar-se ou não no chão.

Quando saíram da travessa e entraram na rua Arbat clareou um pouco. A neve envolvia a rua até o chão com sua cortina branca deslizante, cujas franjas enroscavam-se e balançavam nos pés dos transeuntes, de tal maneira que a sensação de movimento sumia e lhes parecia estarem parados no mesmo lugar.

Não havia viva alma na rua. Não aparecia ninguém no caminho dos viajantes da travessa Sivtsev. Depois, foram alcançados por um cocheiro coberto de neve, que parecia ter sido enrolado em uma massa branca, com a carruagem vazia e uma égua também embranquecida pela neve. Ele ofereceu-se por um preço irrisório, um copeque na moeda daqueles anos, e acomodou a todos com as malas, com exceção de Iúri Andreevitch que, a seu próprio pedido, foi aliviado da bagagem e liberado para caminhar até a estação ferroviária.

7

Na estação de trem, Antonina Aleksandrovna e seu pai já ocupavam um lugar na fila imensurável, estreitada pelas grades de proteção de madeira. O embarque agora não era mais na plataforma, mas a uma distância de mais de um quilômetro e meio pelos trilhos, próximo ao semáforo da saída. Faltava mão-de-obra para limpar os acessos à plataforma. A metade do espaço da estação estava coberta de gelo e sujeira, por isso os trens não chegavam nessa parte.

Niucha e Churotchka não estavam no meio da multidão com a mãe e o avô. Passeavam livremente embaixo do toldo da entrada, do lado de fora, e somente de vez em quando apareciam no vestíbulo para se certificar se não estava na hora de se juntar aos mais velhos. Estavam cheirando a querosene, que foi passado nos seus tornozelos, mãos e pescoços para repelir piolhos transmissores de tifo.

Ao ver o marido chegando, Antonina Aleksandrovna acenou-lhe com a mão e sem deixar que se aproximasse, gritou de longe em que caixa estavam marcando as passagens com ordens de serviço. Ele dirigiu-se para lá.

— Mostre-me os carimbos que puseram — pediu ela, quando ele retornou. O doutor esticou-lhe um monte de papéis dobrados, através das grades de proteção.

— Esse é um passe de delegados — disse o vizinho de trás de Antonina Aleksandrovna, olhando por cima do seu ombro o carimbo que fora colocado na ordem de serviço. O seu vizinho da frente, um legalista, conhecedor de todas as regras no mundo em quaisquer circunstâncias, explicou melhor:

— Com este carimbo vocês têm o direito de exigir lugares no vagão de classe, ou seja, no vagão de passageiros, caso haja algum no trem.

O caso começou a ser analisado pela fila inteira. Ouviam-se vozes:

— Vá lá na frente e tente encontrar o vagão de classe. Seria bom demais. Hoje em dia, agradeça se pegar um trem de carga.

— Não lhes dê ouvido, senhor. Ouça, vou lhe explicar. Como hoje em dia os trens especiais foram cancelados, existe então um só composto. É militar, é para presos, é para gado e para gente. Pode-se falar qualquer coisa, a língua é macia, mas ao invés de ficar confundindo as pessoas é bem melhor explicar, para que entendam como as coisas são.

— É, e você explicou. Vejam que inteligência rara. E daí que eles tenham uma ordem para o vagão de delegados, isso não quer dizer nada! Olhe para eles e depois fale. Com esta aparência gritante você acha que vão deixar eles entrarem no vagão dos delegados? Nesse tipo de vagão, muitos são "amiguinhos". O marinheiro tem o olho afiado e o revólver no cinto. Logo se vê que eles são da classe dos proprietários, e além de tudo um doutor, expatão. O marinheiro vai pegar a arma e, pronto, mata como a uma mosca.

Sabe-se lá em que acabaria a solidariedade ao doutor se não fosse uma circunstância imprevisível.

Componentes da multidão há tempo esgueiravam-se para bem longe, através das amplas janelas de vidro espelhado da estação. Os compridos telhados da plataforma, que se estendiam ao longe, distanciavam ao máximo o espetáculo da neve que caía nos trilhos. De tão distante, parecia que as

partículas da neve estavam quase imóveis, suspensas no ar, e precipitavam-se nele assim como afundam na água migalhas molhadas de pão, que alimentam os peixes.

Algumas pessoas caminhavam em direção a essa profundidade de uma em uma já há algum tempo. Passavam por enquanto em pequenas quantidades e estas figuras imprecisas através da rede da neve pareciam ferroviários, obrigados a caminhar pelos trilhos. Porém começaram a aparecer aos montes. Ao fundo, para onde se dirigiram, o trem começou a soltar fumaça.

— Abram as portas, seus vigaristas! — gritaram da fila. A multidão se alvoroçou e correu até as portas. Os de trás começaram a pressionar os que estavam na frente.

— Vejam só o que está acontecendo! Aqui fecharam como se fosse uma parede, e lá estão furando a fila e contornando! Vão encher os vagões até o teto! Vamos ficar parados aqui como carneiros? Abram, diabos... vamos quebrar! Ei, rapaziada, empurrem, pressionem!

— Estão com inveja de quem, seus bobos? — dizia o legalista sabichão. — São os recrutas, condenados a trabalhos forçados, de Petrogrado. Eram mandados para Vologda, para a frente no norte, mas agora estão mandando para a frente oriental. Não vão porque querem. Vão sob escolta, para cavar trincheiras.

8

Já estavam viajando há três dias, mas não se distanciaram muito de Moscou. O quadro que se via pela janela do trem era de inverno: trilhos, campos, florestas, os telhados das casas das aldeias — tudo estava coberto de neve.

A família Jivago teve sorte de se acomodar no canto esquerdo das camas superiores e frontais, perto de uma janela comprida, bem debaixo do teto. Foi lá que se instalaram em círculo familiar, sem dividir o grupo.

Era a primeira vez que Antonina Aleksandrovna viajava em um vagão de carga. Ao embarcar em Moscou, Iúri Andreevitch suspendeu nos braços as mulheres até a altura do chão do vagão, à beira do qual havia uma pesada

porta corrediça. Depois, durante a viagem, as mulheres aprenderam a subir sozinhas no vagão.

Os vagões lembraram inicialmente a Antonina Aleksandrovna um estábulo sobre rodas. Essas pequenas gaiolas deveriam, como lhe parecia, cair ao primeiro empurrão ou choque. Porém, já era o terceiro dia em que eram jogados para frente e para trás, inclinados para o lado quando o trem mudava de rumo ou nas curvas. Já era o terceiro dia em que, debaixo do vagão, batiam, com frequência, os eixos das rodas, como os pauzinhos de um tambor de brinquedo de corda. A viagem transcorria bem e os receios de Antonina Aleksandrovna não se justificavam.

Ao longo das estações com plataformas curtas, o longo comboio, composto de 23 vagões (os Jivago estavam no vagão quatorze), estendia-se somente com alguma das partes, a cabeça, a traseira ou o meio.

Os vagões da frente eram militares, nos do meio viajavam passageiros comuns e nos traseiros ficavam os condenados a trabalhos forçados.

Havia aproximadamente quinhentos passageiros deste tipo, gente de todas as idades e com os mais diversos títulos e ocupações.

Os oito vagões ocupados por eles formavam um espetáculo multicolor. Ao lado de empresários e advogados de Petersburgo, ricamente vestidos, podiam-se ver cocheiros de carruagem de luxo, faxineiros, trapeiros tártaros, loucos fugitivos dos manicômios, pequenos comerciantes e monges que se relacionavam com a classe dos exploradores.

Os primeiros estavam sentados ao redor dos fornos incandescentes, sem os paletós, e em cima de pequenos tocos de madeira cerrados e colocados em pé. Eles contavam alternadamente algo e gargalhavam à vontade. Essas eram as pessoas com pistolões. Não desanimavam. Em suas casas, seus parentes influentes cuidavam de seus interesses. No pior dos casos, mais à frente no caminho, eles poderiam pagar para ser libertados.

Os segundos, de botas e cafetãs abertos, ou camisas longas acinturadas por cima das calças e descalços, barbudos ou sem barbas, estavam de pé ao lado das portas abertas dos vagões, segurando os umbrais e as barras fixas atravessadas das camas. Eles olhavam, lúgubres, para as localidades por que passavam e seus habitantes e não conversavam com ninguém. Esses não tinham conhecidos. Não tinham nenhuma esperança.

Mas nem todas essas pessoas estavam acomodadas em vagões especialmente separados para elas. Uma parte foi distribuída no meio dos vagões com as pessoas livres. Havia gente desta espécie também no vagão quatorze.

9

Normalmente, quando o trem se aproximava de alguma estação, Antonina Aleksandrovna, que ficava deitada na cama superior, suspendia-se numa posição desconfortável em função do teto baixo que não a deixava se esticar. Então, dependurava a cabeça para fora do leito e através da fresta da porta entreaberta definia, em função da visão geral da estação ferroviária, se ela apresentava ou não algum interesse do ponto de vista de troca de produto e se valia a pena descer da cama e sair.

Foi assim agora. O trem, ao diminuir a velocidade, tirou-a do cochilo. A enorme quantidade de trilhos e desvios, sobre os quais o vagão saltava com estrondo, denunciava a importância da estação e a demora da próxima parada.

Antonina Aleksandrovna sentou-se encurvada, esfregou os olhos, arrumou o cabelo e, enfiando a mão no fundo do saco de coisas, tirou, revirando-o até o fundo, uma toalha bordada com galos, rapazes, arcos e rodas.

Naquele instante, o doutor acordou e foi o primeiro a sair da cama para ajudar a mulher a descer até o chão.

Enquanto isso, pela porta aberta do vagão, depois das cabines e postes de luz, passavam as árvores da estação sobrecarregadas com densas camadas de neve que pareciam estender seus galhos, como se fossem pão com sal ^{60}, ao encontro do trem. Os primeiros a pular do trem, ainda em movimento, sobre a neve intacta da plataforma eram os marinheiros que ultrapassando a todos corriam até a esquina do prédio da estação, onde, normalmente, embaixo da marquise da parede lateral, escondiam-se as vendedoras de comestíveis clandestinos.

O uniforme preto dos marinheiros, as fitas esvoaçantes de seus gorros e as calças boca-de-sino na parte inferior davam pressão e ímpeto a seu passo,

obrigavam as pessoas a abrir-lhes caminho como diante de esquiadores em pleno impulso ou de patinadores em alta velocidade.

Do outro lado da esquina, escondendo-se umas das outras e preocupadas como durante uma sessão de quiromancia, estavam camponesas das aldeias vizinhas, paradas em fila indiana com pepinos, ricota, carne assada e torta de centeio que conservavam, mesmo no frio, o aroma e o calor, devido às cobertas acolchoadas sob as quais eram vendidos. As mulheres e moças, enroladas em lenços e vestindo sobretudos, ruborizavam-se qual uma rosa diante dos gracejos dos marinheiros e, ao mesmo tempo, os temiam mais que ao fogo, pois as equipes de combate à especulação e ao livre comércio eram compostas principalmente por marinheiros.

A timidez das camponesas durou pouco. O trem parou. Chegavam outros passageiros. O público se misturava. O comércio entrava em ebulição.

Antonina Aleksandrovna rondava as vendedoras com a toalha jogada no ombro, dando a impressão de que se dirigia aos fundos da estação para lavar-se com a neve. Já a haviam chamado das fileiras, algumas vezes:

— Ei, você da cidade, quanto quer pela toalha?

Mas Antonina Aleksandrovna não parava e continuava andando com o marido.

No final da fila, havia uma mulher de lenço preto com desenhos vermelhos. Ela notou a toalha bordada. Seus olhos insolentes brilharam. Olhou para os lados, certificando-se da ausência de perigo, aproximou-se rapidamente de Antonina Aleksandrovna e, retirando o pano que cobria sua mercadoria, cochichou em ritmo de metralhadora:

— Veja só. Nunca deve ter visto isso! Não atrai você? Não pense muito, podem me tomar. Dê-me a toalha e leve esta bela peça.

Antonina Aleksandrovna não entendeu a última palavra. Pareceu-lhe que a conversa era sobre o lenço. Pediu que repetisse.

A camponesa falava da metade do coelho que ela segurava, dividido e frito inteiro, da cabeça aos pés. Repetiu:

— Estou dizendo para me dar a toalha pela metade do coelho. Tá olhando o quê? Não é cachorro. Meu marido é caçador. É coelho, coelho.

A troca foi realizada. Cada um dos lados achou ter levado vantagem, e que o outro ficara no prejuízo. Antonina Aleksandrovna estava envergonhada por enganar desonestamente a pobre camponesa. Mas esta, feliz com o negócio que fez, estava querendo sair daquele lugar comprometedor e, depois de chamar a vizinha que barganhava, foi andando com ela para casa, pela neve pisoteada da trilha que se estendia ao longe.

Naquele instante aconteceu um tumulto na multidão. De algum lugar uma velha gritou:

— Para onde vai, cavalheiro? E o dinheiro? Quando foi que me deu, seu sem-vergonha? Ah, sua tripa insaciável! Finge que não ouve e nem olha para trás. Pare aí, estou dizendo, pare, senhor companheiro! Socorro! É um roubo! Me roubaram! Olha lá ele, aquele, segurem ele!

— Qual deles?

— Aquele de rosto pelado, está andando e rindo.

— O que está com a manga rasgada no cotovelo?

— É esse mesmo, esse sim. Segurem ele, aquele estranho!

— É o que tem um remendo na manga?

— É esse mesmo, esse sim. Ah, meu Deus, fui roubada!

— O que houve aqui?

— Comprou pastéis e leite da velha, encheu o bucho e sumiu. Por isso ela chora e grita.

— Não podemos deixar isso assim. Temos que pegá-lo.

— Vá, tente. Está cheio de cartucheiras. Mais fácil ele pegar você.

No vagão quatorze, viajavam alguns homens recrutados para trabalhos forçados. O sentinela Voroniuk os vigiava. Por diferentes motivos, três deles se destacavam: o ex-caixa do armazém estatal de Petrogrado, Prokhor Kharitonovitch Prituliev, o caixa, como o chamavam no vagão; Vácia Brikin, um menino de dezesseis anos de uma loja de ferragens e o grisalho

revolucionário e colaborador Kostoied-Amurski, que passou por todas as prisões nos tempos passados e que inaugurou uma série delas nos novos tempos.

Essas pessoas não se conheciam, foram recrutadas aleatoriamente e aos poucos se apresentavam uns aos outros. Nas conversas, dentro do vagão revelou-se que o caixa Prituliev e o aprendiz Vácia Brikin eram conterrâneos, os dois eram de Viatsk e, além de tudo, nascidos em lugares pelos quais o trem iria passar em breve.

O pequeno burguês da cidade de Malmizha, Prituliev, era baixinho, com o cabelo cortado rente, bexiguento, um homem repugnante. A túnica cinza, preta de suor nas axilas, ficava tão justa nele como o busto generoso da mulher apertado num corpete. Era calado como uma estátua, ficava durante horas pensando em algo e futucava as verrugas de suas mãos sardentas até sangrá-las e inflamá-las.

Há um ano, ele caminhava pela avenida Nevski durante o outono e na esquina da Liteini caiu numa batida policial. Pediram-lhe os documentos. Revelou-se então possuidor do cartão de mercadorias de quarta categoria, instituído para elementos desocupados e pelo qual nunca distribuía nada. Foi preso por esse motivo e junto com muitos, detidos na rua pelas mesmas razões, foi enviado para um quartel sob escolta. O grupo reunido desta maneira, a exemplo do grupo anterior, que cavou trincheiras na frente de combate de Arkhangelsk, inicialmente seria mandado para Vologda, mas retornaram da estrada e, passando por Moscou, foram enviados à frente oriental.

A mulher de Prituliev morava em Luga, onde ele trabalhara nos anos anteriores à guerra, até servir em Petersburgo. Sabendo de suas desgraças através de terceiros, a mulher foi procurá-lo em Vologda, para tentar libertá-lo dos trabalhos forçados. Mas o destacamento tomara outro rumo e sua mulher perdeu seu rastro. Seu trabalho foi por água abaixo. Tudo se embaralhou.

Em Petersburgo, Prituliev morava com a amante Palagéia Nilovna Tiagunova. Ele foi detido no cruzamento da Nevski, logo após ter se despedido dela na esquina e caminhar em direção oposta para realizar um negócio. Entre os transeuntes, que cintilavam pela Liteini, ainda se percebia ao longe suas costas, mas ela logo sumiu.

Essa Tiagunova, uma pequena-burguesa corpulenta de mãos bonitas e com uma trança grossa que jogava no peito ora pelo ombro direito ora pelo esquerdo, suspirando profundamente, acompanhava voluntariamente Prituliev no comboio.

Era incompreensível o que as mulheres que grudavam nele viam de bom num homem como Prituliev. Além de Tiagunova, em outro vagão, mais próximo da locomotiva do trem, viajava outra conhecida de Prituliev, que não se sabe como foi parar ali. Era a branquela e magra moçoila Ogrizkova, a "ventosa" e "seringa", pois era assim, ou de várias outras maneiras ofensivas, que Tiagunova a xingava.

As concorrentes estavam em pé de guerra e se evitavam. Ogrizkova nunca aparecia no vagão. Era um mistério onde conseguia encontrar-se com o objeto de sua adoração. Talvez se satisfizesse em apenas olhá-lo durante o carregamento de lenha e carvão, realizado obrigatoriamente e com esforço por todos os viajantes.

11

A história de Vácia era diferente. Seu pai fora morto na guerra. A mãe mandou Vácia para casa do tio em Petersburgo para estudar.

Durante o inverno, o tio de Vácia, dono de uma loja de ferragens no mercado Apraksin, foi intimado a dar explicações ao Conselho do bairro. Ele errou de sala. Em vez de entrar na sala indicada na notificação, entrou na sala vizinha. Por acaso, era a sala da comissão de recrutamento para o serviço militar. Havia muita gente nela. Quando uma quantidade suficiente de gente já estava reunida nesse departamento, vieram soldados do Exército Vermelho, cercaram as pessoas reunidas e as levaram para pernoitar no quartel Semionovski. Pela manhã, foram conduzidas até a estação ferroviária para tomar o trem para Vologda.

A notícia sobre a prisão dessa grande quantidade de moradores espalhou-se pela cidade. No dia seguinte, muitos parentes foram até a estação se despedir dos seus. Entre eles, Vácia e sua tia foram dar adeus ao tio.

Na estação, o tio pediu ao guarda que o deixasse passar pela grade para despedir-se da mulher. Esse guarda, que era Voroniuk, estava acompanhando o grupo dentro do vagão quatorze. Sem nenhuma garantia de que ele voltaria, Voroniuk não concordou que saísse. Então, o tio e a tia propuseram deixar o sobrinho sob a guarda. Voroniuk concordou. Vácia foi conduzido para o outro lado das grades e seu tio saiu. O tio e a tia não voltaram.

Quando a fraude foi descoberta, Vácia, que não desconfiara de nada, começou a chorar. Ele se arrastava aos pés de Voroniuk, beijava suas mãos suplicando-lhe que o libertasse, mas de nada adiantou. O guarda foi implacável. A crueldade não fazia parte de sua natureza, mas os tempos eram alarmantes, as regras rígidas. O guarda respondia com a vida pelo número de pessoas que acompanhava e que eram conferidas pela lista de chamada. Foi assim que Vácia foi parar no grupo de trabalhos forçados.

O auxiliar Kostoied-Amurski, que gozava do respeito de todos os guardas das prisões tanto durante o governo do czar como atualmente, pois sempre se entendia rapidamente com eles, chamou várias vezes a atenção do chefe da guarda para a situação inadmissível de Vácia. Este, por sua vez, reconhecia que ocorrera um mal-entendido revoltante, no entanto esclarecia que durante a viagem as dificuldades formais não lhe permitiam tomar qualquer atitude a respeito dessa confusão, mas que pretendia desfazê-la ao chegar no destino.

Vácia era um menino bonito e seu rosto possuía os traços perfeitos, dos guardas do czar e dos anjos do céu pintados nos quadros. Era uma raridade em termos de candura e integridade. Sua diversão preferida era sentar-se no chão, aos pés dos mais velhos, e, abraçando os joelhos com as mãos entrelaçadas e com a cabeça inclinada para trás, ouvir o que eles diziam ou contavam. Pelos movimentos de seus músculos faciais, com os quais ele segurava lágrimas prontas para jorrar ou com os quais lutava com o riso que o sufocava, podia-se conhecer o conteúdo do que foi dito. O objeto da conversa refletia-se no rosto do menino impressionável como em um espelho.

O colaborador estava sentado na parte cima do vagão, visitando os Jivago. Chupava ruidosamente os ossos do pedaço de coelho que lhe fora oferecido. Temia as correntes de ar e os resfriados.

— Que corrente fria! De onde será que vem? — indagava ele e a toda hora mudava de lugar à procura de outro mais protegido. Finalmente, sentou-se de tal maneira que a corrente não passasse por ele, dizendo: — Agora está bem. — Terminando de chupar os ossos, lambeu os dedos, limpou-os no lenço e, agradecendo, observou: — É da janela de vocês. Tem de consertar. Mas voltemos ao objeto da discussão. O senhor está errado, doutor. Coelho frito é uma coisa maravilhosa. Porém, me desculpe, deduzir daí que as aldeias prosperam é no mínimo um salto muito arriscado.

— Ah, deixe disso — replicava Iúri Andreevitch. — Veja essas estações. As árvores não foram cortadas. As cercas estão inteiras. E essas feiras! Essas camponesas! Pense bem, que satisfação! Pelo menos em algum lugar existe vida. Alguém está feliz. Nem todos estão gemendo. Só isso justifica todo o resto.

— Se fosse assim, tudo bem. Mas o senhor está errado. De onde tirou essas conclusões? Afaste-se cem quilômetros dos trilhos. Por toda parte acontecem revoltas dos camponeses. Contra quem, o senhor vai perguntar? Contra os brancos, os vermelhos, dependendo de quem estiver no poder. O senhor poderá me dizer que o mujique é inimigo de qualquer ordem, que ele mesmo não sabe o que quer. Desculpe, mas espere um pouco para festejar. Ele sabe o que quer melhor que o senhor, mas o que ele quer não é a mesma coisa que nós, eu e o senhor, queremos. Quando a revolução despertou-o de seu sono, ele acreditou que estava realizando seu sonho secular de vida individual, de existência anárquica em pequenas propriedades com o produto do seu trabalho, sem depender de ninguém ou ter obrigações diante de quem quer que fosse. Porém, das velhas garras do governo derrubado ele caiu nas rédeas mais curtas do supergoverno novo e revolucionário. Então, a aldeia agita-se e não encontra a paz em nada. E o senhor diz que o campesinato está prosperando. O senhor, paizinho, não sabe de nada e pelo que vejo nem quer saber.

— E daí? Na verdade não quero mesmo. O senhor está certo. Ora! Para que devo saber de tudo e tudo defender com ardor? Nossa época não me leva em consideração e me empurra qualquer coisa. Permita-me também ignorar fatos. O senhor diz que minhas palavras não correspondem à realidade. E por acaso hoje em dia existe realidade na Rússia? A meu ver, ela ficou tão amedrontada que se escondeu. Desejo acreditar que a aldeia ganhou e prospera. Mas se isso também é um erro, então o que devo fazer? Viver de quê? Obedecer a quem? E preciso sobreviver, tenho uma família.

Iúri Andreevitch fez um gesto com a mão, deixando que Aleksandr Aleksandrovitch levasse a discussão com Kostoied até o fim. Aproximou-se da beira da cama e inclinou a cabeça para ver o que estava acontecendo lá embaixo.

Prituliev, Voroniuk, Tiagunova e Vácia conversavam. Por causa da proximidade da terra natal, Prituliev lembrava os meios de comunicação entre as localidades da região: qual é a estação de chegada, onde desembarcam e como seguem em frente, a pé ou a cavalo. E Vácia, ao ouvir os nomes das aldeias e vilas conhecidas, dava pulos de alegria com os olhos brilhando. Encantado, repetia seus nomes, pois sua enumeração soava para ele como um conto de fadas.

— Desembarca na Sukhoi Brod? — indagava ele, exaltado. — Mas então! É o nosso cruzamento! A nossa estação! Sem dúvida, depois segue para Buiskoie?

— É, depois vamos por Buiskoie.

— Então, é o que estou dizendo, Buiskoie. A aldeia Buiskoie. Como não saber? É a nossa curva. De lá, pegando pela direita, vai dar na nossa Veretenniki. Agora para sua aldeia, tio Khariton, deve ser para esquerda, para o lado oposto do rio! Já ouviu falar no rio Pelga? Então! É o nosso rio. Indo pela margem chega lá na nossa aldeia. Às margens deste rio, um pouco acima, fica a nossa Veretenniki, a nossa aldeia! Bem na encosta. A margem é ín-gre-me! Aqui dizemos barranco. Posicionando-se em cima, dá medo de olhar para baixo, de tão escarpada. Tem que tomar cuidado para não cair. Por Deus, é verdade. Quebram a pedra. Pedras para nós. E lá, em Veretenniki, está minha mãezinha. E duas irmãszinhas. A irmãzinha Alionka. E Arichka é o nome da outra. A minha mãezinha, minha tia Palacha, Palagéia

Nilovna, como explicar?... é assim como a senhora, jovem e branca. Tio Voroniuk! Tio Voroniuk! Imploro em nome de Cristo Deus... Tio Voroniuk!

— O que é? Parece um papagaio: "tio Voroniuk, tio Voroniuk". Até parece que não sabe que não sou seu tio. O que quer? Que deixe você ir até lá? Não me diga. Vai fugir e eu, por causa disso, vou para o paredão!

Palagéia Tiagunova olhava distraidamente para longe, para o lado e estava calada. Ela acariciava a cabeça de Vácia e, pensando em algo, remexia seus cabelos loiros. De vez em quando, com inclinações da cabeça, olhares e sorrisos, ela fazia sinais para o garoto. O sentido destes sinais era o seguinte: para que ele não fosse tolo e não falasse com Voroniuk sobre certas coisas. Dê tempo ao tempo, parecia dizer, tudo se ajeitará por si, fique tranqüilo.

13

Quando se afastaram da Rússia central em direção ao oriente, começaram a surgir as surpresas. Passaram a cruzar localidades intranqüilas, regiões que estavam sob a ordem de bandos armados, lugares de revoltas pacificadas há pouco tempo.

Tornaram-se mais freqüentes as paradas do trem no meio dos campos, a revista dos vagões nas barreiras, a revista da bagagem e o controle de documentos.

Certa vez, o trem ficou preso em algum lugar à noite. Não entraram nos vagões nem acordaram ninguém. Curioso e querendo saber se havia ocorrido algum acidente, Iúri Andreevitch pulou para fora do vagão.

A noite estava escura. O trem, sem motivo aparente, estava parado em um certo marco quilométrico do trajeto campestre, coberto de pinheiros. Os vizinhos de Iúri Andreevitch, que haviam descido antes dele, disseram ter sabido que não acontecera nada, mas parecia que o maquinista parara a composição por vontade própria, alegando que a localidade era perigosa e que, enquanto não enviassem um trole para se certificar do bom estado dos trilhos, ele se recusaria a conduzir o trem à frente. Alguns representantes dos passageiros já tinham ido tentar convencê-lo a seguir viagem e, em caso de

necessidade, a corrompê-lo. Mas, segundo boatos, os marinheiros resolveram se intrometer. Eles, sim, conseguiriam persuadi-lo.

Enquanto explicavam isso a Iúri Andreevitch, a superfície de neve em frente ao leito lateral do trem iluminava-se com as explosões da chaminé e do forno aquecido da composição, como se fosse o reflexo ofegante de uma fogueira. De repente, uma destas chamas iluminou claramente uma parte do campo de neve, o trem e algumas figuras negras que corriam pelos vagões.

O maquinista parecia correr na frente. Ao alcançar o final do trem ele pulou por cima do pára-choque e sumiu. Os mesmos movimentos fizeram os marinheiros que o perseguiam. Eles também correram até o final, pularam, brilharam no ar e desapareceram da face da terra.

Atraído pelo que vira, Iúri Andreevitch, junto com mais alguns curiosos, foi até a locomotiva.

Na parte livre dos trilhos que se estendia à frente do trem via-se o seguinte espetáculo: ao lado dos trilhos, na neve intocada estava afundado o maquinista com metade do corpo para fora. Como batedores de caça, os marinheiros o cercaram e estavam, como ele, com metade do corpo dentro da neve.

O maquinista gritava:

— Obrigado, seus albatrozes! A que ponto chegamos! O revólver apontado para cima de seu irmão, trabalhador! Só porque eu disse que o trem não segue em frente. Camaradas, passageiros, vejam com seus próprios olhos que região é esta. Circulam vagabundos por aí, retirando as porcas dos dormentes. Não é a minha pele que quero proteger, seus canalhas, não estou falando de mim, mas de vocês, de algo que pode acontecer com vocês! E vejam o que recebo pela minha preocupação. Vamos, atirem, seus desgraçados! Camaradas, passageiros, sejam testemunhas, este sou eu e não me escondo.

Do amontoado de gente no aterro ferroviário ouviam-se diferentes vozes. Algumas gritavam rapidamente:

— Deixe disso... Pense bem... Não é nada disso... Quem vai deixar... Estão de brincadeira... Só para meter medo...

Outras vozes provocavam:

— Isso mesmo, Gavrilka! Não se entregue, você é a força da locomotiva!

O primeiro marinheiro a se livrar da neve revelou-se um gigante ruivo de cabeça tão grande que seu rosto parecia achatado. Ele virou-se calmamente para a multidão e em tom grave e baixo, com sotaque ucraniano como Voroniuk, disse algumas palavras que se tornaram engraçadas pela total tranqüilidade do marinheiro naquela situação noturna inesperada!

— Perdão, mas que barulho é esse? Espero que não se resfriem, senhores. Vamos, voltem para os seus vagões, está frio!

Quando a multidão reunida começou a se dispersar aos poucos em direção aos vagões, o marinheiro ruivo se aproximou do maquinista, que ainda não havia recobrado os sentidos totalmente, e disse:

— Basta de histeria, companheiro maquinista. Saia do buraco. E vamos embora.

14

No dia seguinte, em marcha lenta e constantes demoras, temendo o descarrilamento dos trilhos cobertos pela neve, o trem parou em um local esquecido pela vida, onde, com dificuldade, reconheceram os restos de uma estação devastada por incêndio. Em sua fachada coberta de fuligem podia-se ler "Nijni Kelmes".

Não era só o prédio da estação que guardava as marcas do incêndio. Atrás da estação avistava-se uma aldeia vazia e coberta pela neve que, pelo visto, dividia com a estação a sua triste sina.

A casa, localizada no extremo da aldeia, perto da estação, estava carbonizada e a casa vizinha tivera algumas vigas retiradas e viradas para seu interior. Por toda parte, nas ruas, viam-se, espalhados, restos de trenós quebrados, de cercas derrubadas, de ferro-velho e de cacos de louça. A neve suja pelo carvão e fuligem enegrecia, por inteiro, nos lugares devastados pelas queimadas e estava coberta de lixo e tições congelados — vestígios do fogo e das tentativas de extingui-lo.

O despovoamento na aldeia e na estação não era total. Aqui e ali havia alguns seres vivos.

— A vila toda pegou fogo? — perguntava com interesse o chefe do trem, que desceu até a plataforma, ao chefe da estação que surgiu dos escombros.

— Bem-vindos. Parabéns pela chegada bem-sucedida. É, o incêndio queimou tudo, mas o negócio vai ficar pior ainda.

— Não estou entendendo.

— É melhor não entender.

— É Strelnikov? Será possível?

— Ele mesmo.

— Qual é a culpa de vocês?

— Não fomos nós os culpados. A estrada é uma faca de dois gumes. Somos vizinhos. Então pagamos a conta também. Estão vendo um povoado lá no horizonte? Lá estão os culpados. É a aldeia Nijni Kelmess da região Ust-Nemdinskaya. Foi tudo por causa deles.

— O que fizeram?

— Nem mais nem menos que os sete pecados capitais. Primeiro, dissolveram o seu comitê de pobreza; segundo, contrariaram o decreto de fornecimento de cavalos ao Exército Vermelho e, veja bem, efetivamente todos os tártaros são donos de cavalos; e terceiro, não obedeceram à ordem de mobilização. Foi por isso.

— Agora está tudo claro. Por essa razão levaram bala de artilharia?

— Isso mesmo.

— Do trem blindado?

— É claro.

— É triste. Merece comiseração. Aliás, isso não é da nossa conta.

— E pertence ao passado. Não tenho boas notícias para vocês: vão ficar um ou dois dias parados aqui.

— Não brinque. Minha carga não é qualquer uma: é reforço para a reserva da frente. Estou acostumado a viajar sem paradas.

— Como posso estar brincando? A neve está amontoada, veja com seus próprios olhos. A tempestade causou estragos no trajeto todo. A neve cobriu

os trilhos. Não tem ninguém para limpar. A metade da aldeia fugiu. Os que ficaram não dão conta.

— Ah, que o diabo nos carregue! Estou perdido, perdido! O que fazer agora?

— Daremos um jeito, limparemos para você e então seguirão caminho.

— Tem muita neve acumulada?

— Não dá para dizer que seja muita. Está em faixas. A tempestade cobriu os trilhos pelos lados. A parte mais difícil está no meio. São três quilômetros para escavar. Ali teremos muito trabalho. O local foi coberto totalmente. E mais adiante não tem nada, somente a taiga, a floresta protegeu os trilhos. O mesmo será até as escavações... uma faixa aberta, não há o que temer. O vento carregou a neve.

— Ah, raios o partam. Que coisa de louco! Vou colocar o trem inteiro de pé, todos têm que ajudar.

— Também acho.

— Só não mexa com os marinheiros e os guardas do Exército Vermelho. O comboio inteiro é de recrutas para os trabalhos forçados. Contando com os voluntários, dá umas setecentas pessoas.

— É mais que suficiente. Assim que trouxerem as pás começaremos. Faltam as pás. Mandamos buscar nas aldeias vizinhas. Conseguiremos.

— É, que desgraça, por Deus! Acha que teremos forças?

— É claro. As cidades, como dizem, são tomadas de assalto. Esta é a ferrovia, a artéria vital. Por favor, tenha dó.

A limpeza dos trilhos demorou três dias. Todos os Jivago, Niucha inclusive, participaram ativamente. Foi o melhor acontecimento da viagem.

No lugar havia algo fechado, reticente. Lembrava Pugatchov [{61}](#), na versão de Puchkin, ou os asiáticos na descrição de Aksakov.

Aumentavam o mistério do lugarejo não só sua destruição, mas a discrição dos poucos habitantes assustados que restaram. Eles evitavam os passageiros do trem e não se comunicavam entre si por temerem denúncias.

As várias categorias de passageiros não trabalhavam ao mesmo tempo. O local dos trabalhos era vigiado pela guarda.

Grupos separados e dispostos em diferentes pontos limpavam a estrada em toda a sua extensão por todos os lados, ao mesmo tempo. Entre os trechos já liberados e o final da parte coberta de neve restavam montanhas de neve intacta que separavam os grupos vizinhos uns dos outros. Estas montanhas foram retiradas no último minuto, quando haviam terminado a limpeza em toda a extensão necessária.

Os dias eram claros e frios. Eram passados ao ar livre, retornava-se ao vagão somente para pernoitar. Os grupos trabalhavam em turnos curtos, o que não causava cansaço, pois faltavam pás e havia muita gente para trabalhar. Esse trabalho, pouco cansativo, propiciava somente prazer.

O local onde os Jivago tiravam a neve era aberto, pitoresco. O terreno neste ponto inicialmente descia, a partir dos trilhos, para o oriente e depois subia em elevações onduladas, até o horizonte.

No alto da colina havia uma casa devassada por todos os lados. Era cercada por um jardim que no verão certamente florescia, mas que agora não protegia a construção com sua vegetação rala coberta de geada formando desenhos.

A camada de neve aplainava e arredondava tudo. Mas a julgar pelas principais irregularidades do declive, que a neve era incapaz de dissimular, na primavera, provavelmente, do alto da adutora de água do viaduto localizado abaixo do aterro ferroviário, deveria descer um córrego pelo barranco sinuoso, que agora estava densa e profundamente coberto pela neve, da mesma forma que um bebê se esconde sob uma montanha de cobertores.

Será que morava alguém na casa ou ela estava vazia e se dilapidava aos poucos, tomada pela administração do comitê de terra regional ou da província? Onde estavam seus moradores anteriores e o que aconteceu com eles? Esconderam-se no exterior? Morreram pelas mãos dos camponeses? Ou, mercedores de boas recomendações, arrumaram-se na região como

especialistas qualificados? Será que Strelnikov os poupou, se ficaram aqui até o último instante? Ou sofreram represálias junto com os culaques?

A casa na montanha provocava a curiosidade, mas permanecia tristemente calada. Não se faziam perguntas e ninguém as respondia. E o sol acendia a superfície de neve com um brilho tão branco que a luminosidade podia cegar. Como a pá cravava sua superfície em pedaços regulares! Com que faíscas secas de diamantes ela se derramava em seus cortes! Como estes dias lembravam a infância longínqua, quando, num sobretudo de capuz claro, revestido densamente com pele de carneiro encaracolada em cachinhos pretos, o pequeno Iúri fazia da mesma neve ofuscante pirâmides e cubos, tortas de creme, fortalezas e cidades subterrâneas! Ah, como era delicioso viver então no mundo, como tudo era maravilhoso para os olhos e gostoso para o paladar!

Além disso, esses três dias passados ao ar livre também davam a sensação de saciedade. E não era sem motivo. À noite, os que trabalhavam recebiam um pão quente e fresco, sabe-se lá trazido de onde e por ordem de quem. O pão tinha uma cobertura e uma ponta gostosas, rachava nas laterais e a crosta grossa embaixo, maravilhosamente assada, vinha com alguns pedacinhos pequenos de carvão.

16

Já gostavam das ruínas da estação da mesma forma que nos apegamos ao abrigo temporário em excursão por montanhas cobertas de neve. Ficou na memória de cada um a sua disposição, a aparência da construção, os pormenores de algumas danificações.

Retornavam à estação ao anoitecer, quando o sol se punha. Como se fosse por fidelidade ao passado, ele continuava a se pôr no mesmo local, atrás da velha bétula que crescia bem próximo à janela da sala de plantão do telegrafista.

A parede externa, nesse local, tinha caído para dentro e atulhado o quarto. Mas o desmoronamento não atingiu o canto dos fundos do cômodo, e a janela da frente permaneceu intacta. Lá, tudo foi conservado: o papel de parede cor de café, a lareira de azulejo com o respiradouro redondo debaixo

da tampa de cobre com uma correntinha e a lista do inventário de material, numa moldura preta, na parede.

O sol, já na altura do horizonte, alcançava, exatamente como antes do desastre, os azulejos da lareira, acendia com um calor castanho o papel de parede cor de café e pendurava na parede, como se fosse um xale de mulher, a sombra dos ramos da bétula.

Em outra parte do edifício havia uma porta fechada com tábuas que dava para a recepção do ambulatório. Nela havia uma inscrição, feita provavelmente nos primeiros dias da revolução de fevereiro ou um pouco antes dela, com os seguintes dizeres:

"Solicitamos aos senhores doentes que temporariamente não se preocupem com medicamentos e material para curativos. Por motivos claros, lacro a porta e levo ao conhecimento do enfermeiro-chefe de Ust-Nemdi."

Quando retiraram a última neve acumulada entre as partes limpas dos trilhos, a ferrovia abriu-se de ponta a ponta e ficou toda à vista, parecendo uma flecha que desvanecia-se ao longe. Nas laterais, estendiam-se os montes brancos da neve retirada, emoldurados em toda a sua extensão por duas paredes de floresta negra.

Até onde os olhos alcançavam, em diferentes lugares ao longo dos trilhos, havia amontoados de pessoas com pás. Pela primeira vez, avistaram-se uns aos outros, todos juntos e espantaram-se com seu número enorme.

Comunicaram que o trem partiria dentro de algumas horas, apesar de já ser tarde e de a noite estar próxima. Antes da partida Iúri Andreevitch e Antonina Aleksandrovna foram pela última vez admirar a beleza dos trilhos limpos. No leito dos trilhos já não havia ninguém. O doutor e a mulher olharam para o horizonte, trocaram duas ou três frases e retornaram para seu vagão.

No caminho de volta, eles ouviram gritos raivosos de duas mulheres que brigavam e se esgoelavam. Na mesma hora, reconheceram as vozes de Ogrizkova e Tiagunova. As duas iam na mesma direção que o doutor e sua

mulher, da frente para a traseira do trem, mas caminhando do outro lado que ficava defronte à estação, enquanto Iúri Andreevitch e Antonina Aleksandrovna caminhavam pelo outro lado, de frente para a floresta. Entre os dois pares, escondendo-os uns dos outros, estendia-se a parede ininterrupta de vagões. As mulheres quase não caíam no campo de visão do doutor e de Antonina Aleksandrovna; ora andavam mais adiante, ora mais atrás.

As duas estavam muito preocupadas. Muitas vezes suas forças as traíam. Pelo visto, ao caminhar, elas afundavam na neve ou suas pernas ficavam bambas, e suas vozes, devido ao andar irregular, às vezes soavam altas como gritos ou baixas como murmúrio. Provavelmente, Tiagunova estava correndo atrás de Ogrizkova e, ao alcançá-la, certamente lhe dava socos. Ela cobria a rival de injúrias, com palavrões escolhidos a dedo, que nos melódicos lábios de tal madame soavam cem vezes mais ignóbeis do que os xingamentos masculinos grosseiros e nada musicais.

— Sua puta, sua cadela — gritava Tiagunova. — Não posso dar um passo e aí está você, varrendo o chão com a barra da sua saia, lançando olhares! Já não lhe basta, sua vaca, o meu marido, sua vaca? Agora está de olho no menino também. Arreganhou as penas e quer perverter o menino.

— E daí, o Vacenka é seu por lei, também?

— Vou mostrar a você o que é de lei, sua desavergonhada. Não vai fugir viva de mim, não me faça cometer um pecado!

— Ei, ei, não levante as mãos! Tire as mãos de mim, sua louca! O que quer afinal?

— Quero que morra, sua puta, sua cadela de olhar sem vergonha!

— Não me importa que fale de mim. Claro, sou uma puta e cadela, todos sabem. Mas você carrega títulos! Nascida no fosso, casada no vão do portão, grávida de ratazana, pariu um ouriço... Socorro, socorro, me ajudam, gente boa! Vai me matar, essa filha da mãe! Ai, salvem a moça, protejam a órfã...

— Vamos depressa. Não suporto ouvir isso, é tão detestável... — Antonina Aleksandrovna apressou o marido. — Isso não vai terminar bem.

De repente, tudo mudou, os lugares, o clima. A planície acabou e a estrada estendia-se entre montanhas, por colinas e elevações. O vento norte, que soprava o tempo todo, parou. Do sul, como de uma lareira, emanou o calor.

As florestas cresciam com reentrâncias pelas encostas. Quando o leito ferroviário as cruzava, o trem primeiro tinha que superar uma grande subida, à qual a sucedia descida íngreme. O trem, chiando e rastejando, entrava no matagal e se arrastava por ele, parecendo um velho vigia florestal que guiava a pé uma multidão de viajantes que olhava para os lados e para observar tudo.

Mas ainda não havia nada para ver. No fundo do bosque havia sono e paz, como no inverno. Somente de vez em quando, alguns arbustos e algumas árvores, com ruído, liberavam seus galhos inferiores da neve, que aos poucos caía, como se fosse de coleiras ou golas desabotoadas.

Iúri Andreevitch foi dominado pelo sono. Todos esses dias ele permaneceu deitado lá em cima, dormia, acordava, pensava e ouvia. Mas não havia ainda nada para ouvir.

Enquanto Iúri Andreevitch punha o sono em dia, a primavera fundia e refundia todo aquele amontoado de neve que caiu em Moscou no dia da partida e que continuou caindo o caminho inteiro; a neve que eles cavaram e escavaram em Ust-Nemda e que cobria com camadas grossas e infinitas mais de mil quilômetros de extensão.

De início, a neve derretia por dentro, como se fosse às escondidas. Mas quando a metade do trabalho hercúleo já havia sido realizada, não dava mais para esconder o inevitável. O milagre jorrou para fora. Debaixo da camada de neve que se moveu, surgiu a água que começou a murmurar. As brenhas da floresta, intransitáveis, estremeeceram. Tudo nelas despertou.

A água tinha por onde correr. Voava para baixo, caindo das escarpas, formava lagos, trilando em todas as direções. Logo a floresta foi tomada por seu ruído, seu vapor e seu cheiro. Feito cobras, as torrentes alastravam-se pela floresta, atolavam e embarcavam na neve que comprimia seus movimentos e, sibilando, corriam por locais planos ou que caíam abruptamente, dispersavam-se em poeira aquosa. A terra saciara-se do líquido. De alturas vertiginosas, quase das nuvens, era bebida pelas raízes de pinheiros seculares que tinham aos seus pés turbilhões de espuma seca branco-amarronzada, assim como espuma de cerveja nos lábios de seus bebedores.

A primavera embriagava o céu, ele tornava-se turvo e cobria-se de nuvens. Sobre a floresta navegavam nuvens baixas de algodão com pontas dependuradas, através das quais, em saltos, precipitavam-se as chuvas cálidas com cheiro de terra e suor que lavavam da terra os últimos pedaços da blindagem de gelo negro quebrado.

Iúri Andreevitch acordou, esticou-se até a janela quadrado do alçapão, da qual retiraram a moldura, apoiou-se nos cotovelos e pôs-se a ouvir.

20

Com a proximidade da região industrial montanhosa, os lugares tornaram-se mais populosos, os trajetos mais curtos e as paradas mais freqüentes. Era mais comum a troca de passageiros. Mais gente entrava e saía nas paradas pequenas intermediárias. As pessoas que faziam viagens curtas não se acomodavam por muito tempo nem se deitavam para dormir. Conseguiam um encosto, à noite, em algum lugar perto da porta, no meio do vagão, conversavam entre si em voz baixa sobre assuntos locais, que somente elas entendiam, e desembarcavam no desvio ou apeadeiro seguintes.

Daquilo que ouviu do povo local, que se revezava no vagão nos últimos três dias, Iúri Andreevitch concluiu que no norte os brancos estavam em vantagem e tomaram ou pretendiam tomar Iuriatin. E além disso, se seu ouvido não o enganara, não era nenhum xará de seu companheiro de hospital em Meliuzeev, mas o próprio Galiullin, que Iúri Andreevitch conhecia tão bem, que comandava as forças dos brancos naquela região.

Iúri Andreevitch não disse uma palavra aos seus sobre esses boatos para não preocupá-los à toa, decidindo esperar até que tudo se confirmasse.

Iúri Andreevitch acordou no início da noite, com um sentimento confuso que se apoderou dele, tão forte que o despertou. O trem estava parado numa estação noturna. A estação estava tomada pela penumbra vítrea da noite branca. Essa escuridão clara estava impregnada por algo delicado e poderoso. Esse algo era testemunha da amplidão e do descampado local. Esse algo significava que o desvio estava localizado no alto, com um horizonte amplo e livre.

Na plataforma em frente ao vagão passavam conversando baixinho sombras silenciosas. Isso também emocionou Iúri Andreevitch, que percebeu, nos passos e vozes cuidadosos, o respeito pela hora tardia e a preocupação com os que dormiam no trem, como se fosse tempos atrás, antes da guerra.

O doutor se enganara. Na plataforma berravam e batiam as botas, como em todo lugar. Mas nos arredores havia uma cachoeira. Ela abria os limites da noite branca com lufadas de frescor e liberdade. Ela incutiu no doutor o sentimento de felicidade do sonho. O barulho constante e ininterrupto da queda d'água reinava sobre todos os outros sons no desvio, dando uma falsa impressão de silêncio.

Sem adivinhar sua presença, mas entorpecido pela fluidez misteriosa do ar local, Jivago adormeceu de novo profundamente.

Lá embaixo, no vagão, duas pessoas conversavam. Uma perguntava à outra:

— Então, conseguiram acalmar os seus? Cortaram suas asas?

— Quem, os comerciantes?

— É, os donos de armazéns.

— Acalmaram-se. Ficaram mansinhos. Pois, como exemplo, demos umas pancadas em alguns e aí amansaram. Arrancamos deles a contribuição.

- Pegaram muito da *volost* ^{62}?
- Quarenta mil.
- Está mentindo!
- Porque iria mentir?
- Que coisa, quarenta mil!
- Quarenta mil quilos.
- Muito bem, que coisa! Muito bem!
- Quarenta mil, moídos bem finos.

— Não é nenhum milagre. A região é de primeira qualidade. Aqui fica o centro de comércio de farinha. Daqui, ao longo do rio Rinva até lá em cima, em Iuriatin, aldeia depois de aldeia, cais, pontos de armazenagem. Os irmãos Cherstobitov, o Perekatchkov com os filhos, todos atacadistas!

- Fale baixo. Vai acordar as pessoas.
- Está bem.

O que falava bocejou. Então o outro disse:

- Vamos dormir um pouco? Acho que logo vamos partir.

Nesse momento, de trás do trem, aumentando impetuosamente, soou um barulho ensurdecedor que superou o estrondo da cachoeira. Pela segunda linha do desvio, ao lado do trem parado, passou um velho trem de correio. Passou apitando, com estrondo e velocidade, viu-se ao longe suas luzes e sumiu sem deixar rastros.

A conversa foi retomada.

- Bom, agora já viu! Vamos ficar parados.
- É, agora não sairemos tão cedo.
- Deve ser Strelnikov. É um trem blindado especial...
- Então deve ser ele.
- É um animal com os contras.
- Foi correndo atrás de Galeev.
- Atrás de quem?

— O chefe dos cossacos, Galeev. Dizem que está com um general tcheco resguardando Iuriatin. O filho da mãe tomou Iuriatin e não entrega. O chefe do bando é Galeev.

— Nunca ouvi falar nele.

— Mas pode ser o príncipe Galeev, não me lembro bem.

— Não existem mais príncipes. Deve ser Ali Kurban. Você confundiu.

— Pode ser Kurban.

— Ah, isso é diferente.

22

Mais perto do amanhecer, Iúri Andreevitch acordou outra vez. Sonhava novamente com algo agradável. A sensação de prazer e liberdade que penetrava nele não se findava. O trem estava parado de novo, provavelmente no apeadeiro novo, mas podia ser também no antigo. A cachoeira fazia muito barulho, provavelmente a mesma, mas podia ser outra.

Iúri Andreevitch começou adormecer no mesmo instante e, sonolento, parecia ouvir correrias e tumulto. Kostoied atracou-se com o chefe da guarda e os dois berravam. Lá fora, o ar ficou ainda melhor. Soprava com um perfume novo que não se sentia antes. Algo encantador, algo primaveril, negro e branco, raro, leve, assim como neve de maio, molhada, caindo em flocos que derretem ao atingir a terra e que não a deixam branca, mas sim mais negra. Algo transparente, negro e branco, cheiroso. "Cerejeira!", adivinhou Iúri Andreevitch no sonho.

23

De manhã, Antonina Aleksandrovna comentou:

— Como você é surpreendente, Iúri. Todo tecido de contradições. Às vezes, acorda com o vôo de uma mosca e fica sem dormir até de manhã, e outras vezes até mesmo com barulho, discussões e tumultos nem dá bola

quando a gente chama. De noite, fugiram o caixeiro Prituliev e Vácia Brikin. Sim, é verdade! Tiagunova e Ogrizkova. Espere, ainda não é tudo. Voroniuk também. Sim, sim, fugiu também. Imagine só. Agora ouça. Como se esconderam, juntos ou separados e em que lugar, é mistério absoluto. Mas suponhamos que Voroniuk quis se livrar da responsabilidade ao perceber a fuga dos outros? Mas e os outros? Será que todos sumiram por livre e espontânea vontade ou alguém foi eliminado à força? Por exemplo, as suspeitas recaem nas mulheres. Porém, quem matou quem, Tiagunova a Ogrizkova, ou Ogrizkova a Tiagunova? Ninguém sabe. O chefe da guarda correu de um extremo ao outro do trem. "Como pode dar o apito para a partida?", gritou. "Em nome da lei, exijo que a composição fique retida até encontrarmos os fugitivos." Mas o chefe do trem não se entregou. "Ficou maluco?" disse. "Estou transportando o reforço do batalhão de reserva para a frente de combate, é prioridade e urgente. Imagine, esperar seu grupo piolhento! Essa é boa!" E os dois começaram a acusar Kostoied. Como ele, um colaborador, um homem instruído, estava por perto e não impediu o soldado, uma criatura obscura e inconseqüente, de dar um passo fatal. "E ainda é *narodnik* ^{63}", disse. Então Kostoied, é claro, não deixou por isso mesmo. "Interessante!", falou. "Quer dizer que vocês acham que o preso deve cuidar do guarda? Isso realmente só quando a galinha cantar de galo." Comecei a empurrá-lo, balançar seus ombros. "Iúri", gritei, "levante-se, houve uma fuga!" Mas, qual nada! Podiam soltar tiros de canhão que você não acordaria... Mas me perdoe, falo disso depois. Agora... Não posso!.. Pai, Iúri, vejam, que maravilha!

Do outro lado da janela aberta, diante da qual eles estavam deitados com os pescoços esticados, estendia-se uma região sem fim, inteiramente inundada pela água. Em algum lugar o rio transbordou e a água de seu braço lateral aproximou-se da planície. Olhando a cena, emoldurada pela visão de cima das camas, parecia que o trem, movendo-se suavemente, deslizava sobre a água, cuja superfície lisa, em raros lugares, estava coberta por manchas de um tom ferruginoso. Na superfície restante, o sol ardente da manhã lançava reflexos espelhados e oleosos, como se uma cozinheira tivesse passado o pincel embebido em manteiga na superfície de um bolo quente.

Nesta enseada, que parecia não ter limites, afogavam-se juntamente com as várzeas, os fossos e os arbustos, colunas de nuvens brancas que

afundavam como estacas.

No meio desta enseada avistava-se uma tira estreita de terra com árvores, cujas duplas silhuetas, para cima e para baixo, pareciam dependuradas entre o céu e a terra.

— Patos! Filhotes! — gritou Aleksandr Aleksandrovitch olhando para aquele lado.

— Onde?

— Perto da ilha. Não é nesta direção, mais à direita, à direita. Eh, diabo, voaram, devem ter sido espantados.

— É, sim, estou vendo. Vou ter que conversar com o senhor sobre algo, Aleksandr Aleksandrovitch. Mas outra hora. — Os nossos soldados e damas fizeram bem em fugir. Eu também acho que foram decentes, não causaram mal a ninguém. Simplesmente fugiram, como a água que escorre.

24

A noite branca do norte chegava ao fim. Tudo se via, mas tudo parecia incerto, imaginário, como uma invenção: a montanha, o valezinho e o barranco.

O vale mal começara a tornar-se verde. Nele floriam alguns arbustos de cerejeiras. O vale crescia embaixo da escarpa da montanha, num terreno estreito que se inclinava abruptamente ao longe.

Havia por perto uma cachoeira. Não podia ser vista de qualquer lugar. Somente do vale, da ponta do barranco. Vácia estava cansado, mas iria vê-la em instantes. Diante dela sentia medo e encantamento.

Nada, ao redor, comparava-se à cachoeira, nada se igualava a ela. Era terrível em sua singularidade que a transformava em algo como dádiva da vida e razão, em um dragão ou cobra dos contos infantis destes lugares, que recolhia oferendas e devastava os arredores.

Na metade da queda, a cachoeira desabava em um dente saliente da rocha e dividia-se em duas. A coluna de água superior quase não se mexia, nas duas inferiores, nem por um segundo parava o movimento quase

imperceptível da água, balançando de um lado para o outro, como se a cachoeira a toda hora escorregasse e se endireitasse, escorregasse e se endireitasse, e por mais que balançasse ficava sempre de pé.

Vácia havia estendido o casaco e deitara-se sobre ele na clareira do vale. Quando o amanhecer ficou mais nítido, da montanha desceu um pássaro grande de asas pesadas, que com um círculo suave sobrevoou o vale, pousando depois no pico do pinheiro, perto do local onde Vácia repousava. Ele levantou a cabeça, olhou o pescoço azul e o peito cinza-azulado da cegonha e murmurou em voz alta, maravilhado: "Roniazha" — seu nome nos Urais. Em seguida levantou-se, pegou o casaco do chão, jogou-o nos ombros, atravessou a clareira e aproximou-se de sua companheira de viagem, dizendo:

— Vamos, tia. Veja como está com frio, chega a bater os dentes. Por que me olha assim, está assustada? Estou falando em língua de gente, temos que ir. Entenda a situação, temos de ir em direção das aldeias. Na aldeia, não irão trair os seus, ajudarão a esconder-nos. Deste jeito, dois dias sem comer, morreremos de fome. Por certo, o tio Voroniuk já deu o alarme e estão nos procurando. Vou me dar mal com a senhora, tia, podia pelo menos dizer uma palavra! Perdeu a língua de tanta tristeza? Está preocupada com quê? A tia Kátia, Kátia Ogrizkova, a senhora sem querer empurrou do vagão, esbarrou nela de lado, vi com meus próprios olhos. Ela levantou-se depois do mato, inteirinha, levantou-se e saiu correndo. Da mesma forma Prokhor, Prokhor Kharitonitch. Vão nos alcançar, estaremos todos juntos novamente, o que acha? O mais importante é não desanimar e então a sua língua voltará a se mover.

Tiagunova levantou-se do chão e, estendendo a mão para Vácia, disse baixinho:

— Vamos, querido.

Rangendo o corpo inteiro, os vagões subiam a montanha por uma alta rampa. A seus pés, crescia uma floresta jovem e mista, cujas árvores não alcançavam a altura do aterro. Embaixo, ficavam as várzeas, que há pouco

tempo tinham se livrado da água. O mato estava misturado com areia e coberto por dormentes de madeira, largados desordenadamente em diferentes direções. Provavelmente seriam transportados para algum terreno próximo, de onde foram trazidos pelas águas primaveris.

A jovem floresta estava quase nua, como no inverno. Somente nos brotos, que pareciam gotas de chuva que a cobriam totalmente e que assemelhavam-se a pingos de cera, havia algo de excessivo, algo desordenado como sujeira ou inchaço. E esse excesso, essa desordem e sujeira eram a vida, que envolvia com a chama da folhagem verde as primeiras árvores que desabrocharam na floresta.

Por toda a parte, as bétulas endireitavam-se, dolorosamente perfuradas pelos dentinhos e flechas emparelhados das folhas que se abriam. Seu aroma podia ser definido pelo olhar. Exalavam o cheiro da mesma forma que o brilho. O aroma era de álcool metílico, usado para fazer esmaltes.

Mais à frente, a estrada passava pelo local de onde os dormentes poderiam ter sido carregados pelas águas. Na curva, dentro da floresta, surgiu uma depressão coberta com pó e lascas de madeira, com um amontoado de tocos no meio. Próximo à clareira, o maquinista freou. O trem estremeceu e parou numa posição levemente inclinada, no arco alto da grande curva.

Apitos curtos, como latidos, soaram do trem e alguém gritou algo. Os passageiros já sabiam, mesmo sem os sinais, que o maquinista parara o trem para estocar combustível.

As portas dos vagões se abriram e uma multidão, semelhante à população de uma pequena cidade, se precipitou no leito da estrada, exceto os recrutas dos primeiros vagões, que eram sempre liberados dos trabalhos de emergência e agora não participavam desse, também.

O amontoado de tocos na clareira não seria suficiente para carregar o tênder. Era necessário serrar uma certa quantidade de troncos grossos e compridos.

Entre os equipamentos do pessoal da locomotiva havia serrotes, que foram distribuídos entre os voluntários que se dividiram em pares. Sogro e genro também receberam um serrote.

Pelas portas abertas dos vagões militares assomavam caras risonhas. Os adolescentes, que nunca viram a guerra, os estudantes mais velhos das classes de navegação marítima, que mal passaram pelo treinamento militar, pareciam ter se metido por engano no vagão dos austeros trabalhadores familiares que também nunca cheiraram pólvora e todos eles faziam barulho e palhaçadas, de propósito, com os marinheiros mais velhos, para não pensar no dia de amanhã. Eles sentiam que a hora de suas provações estava próxima.

Os brincalhões acompanhavam os serradores com uma retumbante zombaria:

— Ei, vovô! Diga que ainda sou uma criança de colo, minha mãe me abandonou e não sou capacitado para trabalhos físicos.

— Ei, Mavra! Trabalhe direito com o serrote, mas tome cuidado para não cortar a barra da saia, se não, vai entrar vento. — Ei, moça! Não vá para a floresta, faça melhor: case-se comigo.

26

Havia dentro da floresta alguns cavaletes fincados no chão, feitos de estacas amarradas em forma de cruz e com as pontas cravadas na terra. Alguns estavam soltos. Iúri Andreevitch e Aleksandr Aleksandrovitch instalaram-se ali para serrar o tronco.

Era aquela época da primavera em que a terra surge por debaixo da neve quase da mesma forma em que foi coberta, há meio ano. A floresta emanava umidade e estava toda coberta pela folhagem do ano anterior, parecia um quarto desarrumado dentro do qual rasgaram, em mínimos pedaços, notas fiscais, cartas e notificações de muitos anos e não tiveram tempo de varrer.

— Mais devagar, se não vai se cansar — disse o doutor a Aleksandr Aleksandrovitch e passou a dirigir o movimento do serrote mais devagar e com mais compasso. Propôs um descanso.

Pela floresta espalhava-se o som rouco dos outros serrotes, que iam para a frente e para trás, às vezes em harmonia, outras vezes fora de compasso. Em algum lugar, bem longe, o primeiro rouxinol testava as suas forças. Com

intervalos mais longos ainda, um melro assobiava como se estivesse soprando uma flauta entupida. Até mesmo o vapor da válvula de escape da locomotiva subia para o céu com uma cantoria resmungona, parecendo o leite que fervia no fogareiro do quarto das crianças.

— Você queria conversar sobre alguma coisa — lembrou-lhe Aleksandr Aleksandrovitch. — Já esqueceu? Foi quando estávamos passando pela enchente, os patos voavam e você disse, pensativo: "Vou ter que conversar com o senhor."

— Ah, é mesmo. Não sei como falar de maneira mais sucinta. Percebe como estamos entrando cada vez mais na floresta? Aqui, a região toda está fermentando. Logo chegaremos. Não sabemos o que encontraremos quando chegarmos ao nosso destino. No entanto, temos que combinar algumas coisas. Não falo das nossas opiniões e idéias. Seria uma tolice esclarecer ou estabelecê-las numa conversa de cinco minutos, dentro da floresta primaveril. Conhecemos bem um ao outro. Nós três, o senhor, eu e Tônia, assim como muitos em nosso tempo, formamos um mundo, diferenciando-nos uns dos outros, somente no grau de nossa compreensão. Não é disso que estou falando. Isso é elementar. Falo de outra coisa. Temos que combinar com antecedência como nos comportar em algumas circunstâncias, para não passarmos vergonha na frente dos outros e não cobrir um ao outro com marcas de desonra.

— Basta. Já entendi. Gosto da maneira como coloca o problema. Você encontrou as palavras certas. Eis o que tenho a dizer: lembra-se da noite em que você trouxe um folheto com os primeiros decretos? Era inverno, durante uma nevasca. Lembra como tudo era incondicionalmente sem precedentes? Essa rigidez conquistava. Porém essas coisas vivem com toda sua pureza original somente nas cabeças de seus criadores e apenas no primeiro dia de sua proclamação. A hipocrisia da política vira-as pelo avesso, no dia seguinte. O que posso dizer? Essa filosofia me é estranha. Esse poder está contra nós. Não pediram o meu consentimento para essa reviravolta generalizada. No entanto confiaram em mim, mas os meus atos, até mesmo quando impostos, me comprometem, sou responsável por eles.

Tônia me pergunta se não nos atrasaremos para plantar as hortas, se não perderemos os prazos para o plantio. O que responder a ela? Não conheço a terra daqui. Quais são as condições climáticas? O verão é muito curto. Será que conseguiremos que algo amadureça? Sim, mas será que estamos

viajando para essa lonjura para plantar legumes em hortas? Aqui, não podemos nem brincar com o trocadilho "viajar mais de sete mil léguas sem saber para quê", pois essas léguas, infelizmente, são três ou quatro mil. Não, falando sinceramente, estamos nos arrastando para tão longe com um objetivo totalmente diferente. Estamos indo tentar vegetar como for possível nesta época e de alguma maneira tentar nos arrumar na liquidação da floresta do vovô, de suas máquinas e de seu inventário. Vamos extrair alguma coisa, não da conversão de suas propriedades, mas de sua ruína, do desperdício socializado de milhões de rublos, dos quais, para sobreviver, cada um tirará um ou dois copeques, e para viver de que jeito? Da forma atual, que não entendemos, da forma caótica. Mesmo que me pagassem, eu não aceitaria tornar-me proprietário de uma fábrica como antigamente. Isso seria tão selvagem quanto começar a correr nu ou desaprender a ler. Não, a história da propriedade na Rússia terminou. E, particularmente nós, os Gromeko, abandonamos a paixão pela cobiça ainda na geração passada.

27

Era impossível dormir devido ao ar abafado e viciado. A cabeça do doutor nadava no travesseiro molhado pelo suor.

Desceu cuidadosamente da cama e devagarinho, para não acordar ninguém, entreabriu a porta do vagão.

Uma umidade pegajosa bateu em seu rosto, como se bate com o rosto na teia duma aranha, no porão. "Neblina", adivinhou ele. "Neblina. O dia deverá ser quente, tórrido. Por isso está tão difícil respirar e sinto tanta opressão na alma."

Antes de descer, o doutor ficou parado na porta, ouvindo os sons ao redor.

O trem estava parado em uma estação bem grande, uma das estações centrais de entroncamento. Além do silêncio e da neblina, os vagões estavam imersos em uma certa ausência e abandono, como se os tivessem esquecido — o sinal disso era que a composição estava parada bem antes da entrada da estação de trem e entre o longínquo prédio da estação estendia-se tamanha

rede de trilhos que se a terra se abrisse e engolisse o prédio, ninguém no trem saberia disso.

Dois tipos de ruídos ressoavam ao longe.

Lá de trás, de onde eles tinham vindo, ouviam-se chapinhadas rítmicas como se alguém estivesse enxaguando roupa ou como se o vento fizesse estalar, na madeira da haste, o pano molhado de uma bandeira.

Da parte da frente, chegava o estrondo que fazia Iúri, que estivera na guerra, estremecer e apurar os ouvidos.

"Armas de longo alcance", concluiu ele, ao ouvir o ruído regular que ribombava tranqüilamente numa nota grave sustentada.

"Então é isso. Chegamos à frente de batalha", pensou o doutor, e balançando a cabeça, pulou do vagão para terra.

Deu alguns passos à frente. Depois dos dois vagões seguintes o trem terminava. A composição estava parada sem a locomotiva que foi para algum lugar junto com os vagões da frente desengatados dos outros.

"Foi por isso que ontem faziam-se de valentes", pensava o doutor. "Pressentiam que, assim que chegassem, seriam jogados direto no fogo."

Ele contornou o final do trem com a intenção de cruzar os trilhos e encontrar o caminho até a estação. Mas, ao contornar o vagão, cresceu diante dele, como se tivesse brotado da terra, uma sentinela com a arma na mão. Interrompeu seu passo, dizendo não muito alto:

— Aonde vai? O salvo-conduto!

— Que estação é essa?

— Estação nenhuma. Quem é você?

— Sou médico, venho de Moscou. Estou viajando com minha família neste trem. Aqui está o meu documento.

— Grande coisa o seu documento! Acha que sou bobo para ler papéis no escuro e estragar minha vista? Veja só que neblina! Logo se percebe que é um doutor, a um quilômetro de distância. Em médicos como você, estamos atirando com armas de doze polegadas. Deveria matar logo você, mas é cedo ainda. Volte já, enquanto está inteiro.

"Estão me tomando por outra pessoa", pensou o doutor. Não fazia sentido entrar em discussão com o guarda. Melhor, de fato, afastar-se antes que fosse tarde. O doutor virou-se para o lado oposto.

A artilharia cessou às suas costas. Naquela direção, ficava o oeste. Lá, na fumaça da neblina, nasceu o sol que olhava opacamente entre os farrapos da bruma que passava, assim como vultos nus surgem na sauna entre as nuvens de vapor.

Iúri caminhava ao longo dos vagões do trem. Ele passou por todos e continuava andando. Seus pés, a cada passo, afundavam mais na areia fofa.

O ruído das chapinhadas rítmicas se aproximava. O lugar descia abruptamente. Depois de mais alguns passos, o doutor parou diante de configurações imprecisas, às quais a neblina dava tamanhos grandes e disformes. Mais um passo e diante de Iúri emergiram do escuro as saliências de popas de barcos encalhados nas margens. Ele estava diante de um grande rio que chapinhava devagar e exaustivamente, com suas ondas preguiçosas, nas laterais dos barcos de pescadores e nas madeiras das pontes dos atracadouros.

— Quem lhe permitiu perambular por aqui? — perguntou um outro sentinela, afastando-se do rio.

— Que rio é esse? — disparou o doutor, apesar de não querer perguntar nada depois da recente experiência.

Em vez de responder, o guarda enfiou o apito entre os dentes, mas nem teve tempo de usá-lo. O primeiro sentinela, que ele queria chamar com o apito, seguia os passos de Iúri Andreevitch e aproximou-se do companheiro. Os dois disseram:

— Não há o que pensar. Percebe-se o pássaro pelo vôo. "Que estação é essa, que rio é esse?" A quem pensa que está querendo enganar? O que você acha, fazemos isso logo aqui ou na frente do vagão?

— Acho que é melhor no vagão. Como o chefe quiser.

— Documentos! — rugiu o segundo sentinela, empunhando o maço de papéis estendido pelo doutor.

— Vigie aí, conterrâneo — ele disse para alguém e seguiu pelos trilhos em direção à estação com o primeiro guarda.

Então, esclarecendo a situação, uma pessoa deitada na areia, pelo visto um pescador, resmungou e mexeu-se:

— Sorte sua eles quiserem levá-lo ao chefe. Pode ser a sua salvação, amigo. Mas não os culpe. É a obrigação deles. É a hora do povo. De repente, é para melhor. Mas, por enquanto, fique quieto. Eles se enganaram, entende? Estão procurando por outra pessoa, e acham que é você. Pensam: pegamos o canalha, inimigo do poder do trabalhador! Engano deles. Em caso de necessidade, exija a presença do chefe. Não se entregue a eles. Esses homens disciplinados são uma desgraça, Deus me livre. Não custa nada acabar com você. Caso digam "vamos", não vá. Diga que quer ver o chefe.

Iúri Andreevitch soube pelo pescador que o rio diante do qual estava era o famoso e navegável rio Rinva, e que a estação ferroviária perto do rio era a Razvilie, o subúrbio industrial da cidade de Iuriatin. Soube que a cidade em si, que ficava dois a três quilômetros mais acima, estava a toda hora sendo retomada, e parecia que agora já fora conquistada de vez aos brancos. O pescador contou que ocorreram desordens em Razvilie, também reprimidas, e que havia silêncio ao redor porque a população civil fora retirada da zona próxima à estação, e esta estava cercada por um rigoroso cordão de isolamento. E, finalmente, soube que, entre os trens parados nos trilhos com contingentes militares acomodados neles, estava o trem especial do comissário militar regional Strelnikov. Foi para o vagão dele que levaram os documentos do doutor.

De lá, depois de algum tempo, veio um novo guarda que se distinguia de seus antecessores por arrastar a coroa da arma pelo chão ou colocá-la à sua frente como se estivesse carregando pelo braço um companheiro bêbado, sem o qual cairia no chão. Ele levou o doutor até o comissário militar.

De um dos dois salões-vagão, interligados por uma passagem coberta de couro e para dentro do qual o guarda subiu com o doutor, depois de o sentinela conferir a credencial, ouviam-se risos e agitação que logo cessaram quando apareceram.

O guarda conduziu o doutor pelo corredor estreito até um compartimento mais amplo, localizado no meio do carro. Ali reinava o silêncio e a ordem. No cômodo limpo e confortável trabalhavam pessoas limpas e bem-vestidas. A imagem que Jivago tinha do quartel-general do trem militar especial apartidário, que se tornou em pouco tempo a glória e o terror da região inteira, era totalmente diferente.

Mas talvez o centro de sua atividade não fosse ali, e sim em algum lugar mais à frente, no estado-maior geral da frente, mais próximo do palco das operações militares. Aquilo ali deveria ser uma unidade particular, um pequeno escritório doméstico com uma cama de campanha.

Por isso, o local era calmo como nos estabelecimentos onde se toma banho quente com água do mar, que tem o chão coberto de cortiça e tapetes, por onde os funcionários caminham silenciosamente, os pés em sapatos macios.

A parte central do vagão era o antigo vagão-restaurante, coberto com tapete e transformado na unidade de expedição. Ali havia algumas mesas.

— Já vai — disse o jovem militar sentado mais próximo da saída. Depois disso, todos os que estavam sentados às mesas se acharam no direito de esquecer o doutor e pararam de prestar atenção nele. O mesmo militar, com um aceno relaxado da cabeça, liberou o guarda e este se retirou, batendo com a coronha da arma nas travessas metálicas do corredor.

Da porta, Jivago avistou ao longe seus documentos. Eles estavam na beira da última mesa diante de um militar mais idoso, da velha guarda. Era um militar especializado em estatística. Balbuciando algo para si mesmo, consultava guias, analisava mapas militares, fazia comparações, aproximava, recortava e colava papéis. Ele percorreu com o olhar todas as janelas do cômodo, uma após a outra e disse: "Vai fazer calor hoje." Parecia ter chegado a esta conclusão depois de observar todas as janelas, como se não fosse suficiente examinar apenas uma.

Pelo chão, entre as mesas, rastejava um técnico militar, restabelecendo uma instalação elétrica rompida. Quando ele entrou debaixo da mesa do jovem militar, este se levantou para não atrapalhá-lo. Ao lado, pelejava sobre a máquina de escrever decrépita uma datilógrafa vestida com uma jaqueta verde-oliva. O carro móvel da máquina deslocou-se para o lado e prendeu na esquadra. O jovem militar parou atrás dela e juntos examinavam

a parte superior da máquina, tentando reparar o defeito. O técnico militar arrastou-se até a datilógrafa e verificou as alavancas e a transmissão inferiores. O comandante da velha guarda levantou-se e aproximou-se deles. Todos se ocupavam com a máquina.

Isso tranqüilizava o doutor. Não dava para supor que as pessoas, melhor informadas do que ele sobre o seu destino, tão despreocupadamente se ocupassem com bobagens, na presença de uma pessoa condenada.

"Mas, pensando bem, como saber?", especulava ele. "De onde vem esta serenidade? Aqui ao lado, os canhões retumbam, as pessoas morrem e eles fazem prognósticos de um dia quente, não no sentido de uma acalorada batalha, mas do tempo calorento. Ou, então, já viram tanta coisa terrível que perderam totalmente a sensibilidade."

Sem saber o que fazer, sem sair do lugar, ele começou a olhar, de onde estava, através das janelas que ficavam do outro lado do compartimento.

29

Na frente do trem estendia-se o resto dos trilhos e avistava-se a estação de Razvilie na colina do subúrbio com o mesmo nome.

Uma escada de madeira sem tinta, com três degraus, ligava a estação aos trilhos.

Deste lado a ferrovia transformara-se em um grande cemitério de locomotivas. Velhas locomotivas sem tênderes, com chaminés em forma de xícaras ou canos de botas, encostavam-se umas nas outras, no meio de um amontoado de vagões que viravam ferro-velho.

O cemitério de locomotivas em primeiro plano, o cemitério do bairro nos arredores, o ferro retorcido nas estradas, os telhados e as placas de anúncios enferrujados do subúrbio uniam-se num espetáculo de abandono e decadência, sob o céu branco, escaldado pelo calor matinal.

Em Moscou, Iúri Andreevitch esquecia-se da grande quantidade de placas de anúncios e de como era consideravelmente grande a parte da fachada que elas encobriam. As placas locais fizeram-no lembrar disso. A metade delas, de tão grandes, podiam ser lidas do trem. Estavam colocadas

tão próximas das janelas tortas de construções inclinadas de um andar que as casinhas baixinhas sumiam debaixo delas, como as cabeças de crianças camponesas sob os bonés de seus pais.

A essa hora, a neblina havia se dispersado totalmente. Seus rastros permaneciam somente no lado esquerdo do céu, ao longe, na direção oeste. Mas, também lá, eles mexeram-se, moveram-se, separando-se como os panos de cortinas de teatro.

Ao longe, a três quilômetros de Razvilie, em uma colina mais alta que o subúrbio, aparecia uma grande cidade, com jeito de capital da circunscrição ou região. O sol lhe atribuía cores com reflexos amarelados e a distância simplificava suas linhas. Ela distribuía-se em andares, colada na colina, como a montanha Afon ou as cabanas dos moradores do deserto apareciam em estampas primitivas, casa sobre casa, e rua sobre rua, com uma grande catedral no alto da colina.

"É Iuriatin!", pensou emocionado Jivago. "O objeto das histórias de Anna Ivanovna, com tanta freqüência mencionado pela enfermeira Antipova! Quanta coisa ouvi delas sobre a cidade, e em que circunstâncias a vejo pela primeira vez!"

Nesse minuto, a atenção dos militares debruçados sobre a máquina foi atraída por algo do outro lado da janela. Foi para lá que viraram as cabeças. O doutor também acompanhou seus olhares.

Pela escada, levavam alguns presos ou detidos até a estação, entre os quais um ginasião ferido na cabeça. Já lhe haviam feito um curativo provisório, mas por baixo da faixa a ferida sangrava e ele espalhava o sangue, com a palma da mão, pelo rosto queimado e suado.

O ginasião, entre dois soldados vermelhos, fechava a marcha e chamava atenção não só por sua firmeza, que transparecia no bonito rosto, como pela compaixão que despertava. Ele e os dois soldados que o escoltavam atraíam os olhares pela estupidez de seus atos. O tempo todo faziam o contrário daquilo que deveriam fazer.

O quepe caía a todo instante da cabeça enfaixada do ginasião. Em vez de tirá-lo de vez e levá-lo na mão, ele a toda hora ajeitava e enfiava o quepe na cabeça, agravando o ferimento, sendo prontamente ajudado nisso pelos guardas.

Naquela tolice, contrária ao bom senso, havia algo simbólico. E, ciente da sua importância, o doutor também queria correr até a área e impedir o jovem de continuar com uma exclamação que já lhe ia escapando dos lábios. Queria gritar para o menino e para as pessoas no vagão que a salvação não está na fidelidade às formas, mas na libertação delas.

O doutor olhou para o outro lado. No meio do cômodo, estava Strelnikov, que acabara de entrar com passos retos e impetuosos.

Como podia ele, nesse abismo de conhecimentos indefinidos, não conhecer tal certeza, como esse homem? Por que a vida nunca os pôs frente a frente? Por que seus caminhos nunca se cruzaram?

Sem poder explicar a razão, logo tornava-se claro que esse homem encarnava o fenômeno da força de vontade. Ele era a tal ponto exatamente quem queria ser, que tudo nele e dentro dele parecia exemplar. Sua cabeça proporcionalmente constituída e belamente erguida, a impetuosidade de seus passos, suas pernas compridas, com botas de canos altos que podiam ser sujas mas pareciam engraxadas, sua camisa de tecido cinza de linho que podia estar amassada, mas que aparentava estar passada.

Assim, impressionava a presença daquele talento natural, que não conhecia a tensão e que aparentava estar sempre sobre uma sela em qualquer situação da vida, numa postura conquistadora.

Este homem devia possuir algum dom não obrigatoriamente singular. Um dom que se notava em todos os seus movimentos podia ser o dom de imitação. Naquela época, todos imitavam alguém. Os gloriosos heróis da história; as figuras vistas na frente de batalha ou nos dias de agitações nas cidades que impressionaram a imaginação; pessoas mais prestigiadas pela autoridade popular; companheiros que se destacaram; ou simplesmente um ao outro.

Por educação, não demonstrou admiração ou intimidação na presença de um estranho. Ao contrário, ele reportou-se a todos de maneira como se o doutor também fizesse parte daquele grupo. Ele disse:

— Parabéns. Conseguimos enxotá-los. Isso parece mais uma brincadeira militar que um trabalho, pois são tão russos quanto nós, só que têm bobagens na cabeça das quais não querem se separar e vamos ter que retirá-las à força. O comandante deles foi meu amigo. É de origem proletária, bem mais do que eu. Crescemos no mesmo pátio. Fez muita coisa na vida por mim,

sou-lhe grato. Mas estou feliz por tê-lo afastado para o outro lado do rio, quem sabe para mais longe ainda. Vamos, Gurian, restabeleça logo a comunicação. Não temos como nos manter somente com os ordenanças e o telégrafo. Repararam o calor? Pelo menos, dormi uma hora e meia. Ah, sim... — lembrou subitamente e virou-se para o doutor. Lembrara-se do motivo que o despertara. Foi chamado por uma bobagem, em função da qual estava aqui esse detido.

"Esse?", pensou Strelnikov, medindo o doutor dos pés à cabeça com um olhar penetrante. "Nada a ver. Que tolos!" Deu uma gargalhada e disse a Iúri Andreevitch:

— Desculpe-me, companheiro. O senhor foi confundido com uma outra pessoa. Meus guardas se equivocaram. O senhor está livre. Onde está a carteira de trabalho do companheiro? Ah, aqui estão seus documentos. Desculpe a indiscrição, mas vou aproveitar e me permitir dar uma olhada. Jivago... Jivago... Doutor Jivago... Algo moscovita... Vamos até a minha sala por um minuto. Aqui é a sala do secretariado, a minha fica no vagão ao lado. Por favor, não o deterei por muito tempo.

30

Mas quem era realmente aquele homem? Impressionante como conseguira alcançar este cargo e manter-se nele sem pertencer ao partido, um homem que ninguém conhecia, só porque era de Moscou e após o término da Universidade fora lecionar na província. Durante a guerra, ficara preso por muito tempo, e, até há pouco, estava desaparecido e era considerado morto.

O ferroviário progressista Tiverzin, em cuja família Strelnikov foi criado quando menino, recomendou-o e responsabilizou-se por ele. As pessoas, das quais dependiam as indicações naquela época, confiaram nele. Nos dias de entusiasmo exagerado e de pontos de vista radicais, o caráter revolucionário de Strelnikov não se detinha diante de nada, destacava-se por sua autenticidade e fanatismo singular, amadurecido durante toda a sua vida, de forma independente e com propósitos claros.

Strelnikov justificou a confiança nele depositada.

Sua folha de serviço do último período continha os processos de Ust-Neminski e Nizhne-Kelmesski, o processo dos camponeses de Gubas que resistiram armados ao pelotão de abastecimento, e o processo sobre o roubo de produtos alimentícios, pelo 14º regimento de infantaria na estação Medvezhia Poima. Em seu currículo estava o processo contra os soldados-*razintsi*, que se rebelaram na cidade de Turkatui e que, de armas em punho, passaram para o lado dos brancos, e também o processo sobre a repressão à rebelião armada no cais do rio Tchirkin Us, onde um comandante, que ficou fiel ao poder dos soviets, foi assassinado.

Em todos estes lugares, ele aparecia de surpresa, investigava, julgava, tomava decisões, era rápido, severo, e não vacilava.

As viagens de seu trem haviam posto fim à deserção em grande escala que ocorria na região. A reforma que introduziu nos organismos de recrutamento mudara tudo. Agora o alistamento no Exército Vermelho funcionava bem. As comissões de admissão começaram a trabalhar intensamente.

Finalmente, nos últimos tempos, quando os brancos começaram a atacar pelo norte e a situação foi considerada de risco, recaíram sobre Strelnikov novas tarefas puramente militares e estratégicas. Os resultados de sua intervenção não demoraram a aparecer.

Strelnikov sabia que os boatos lhe conferiam o apelido de Rastrelnikov ^{64}. Com calma, superou tudo isso, nada temia.

Ele era originário de Moscou, filho de um operário que em 1905 participou ativamente da revolução e pagou caro por isso. Naquele tempo, Strelnikov ficou fora do movimento revolucionário devido à pouca idade, e nos anos seguintes também, enquanto estudava na universidade, pois os jovens de famílias pobres quando entravam no curso superior davam mais valor ao curso e estudavam com mais afinco do que os filhos de pais ricos. A excitação dos estudantes abastados não o emocionou. Da universidade, ele saiu com conhecimentos profundos. Sua formação em história e filologia foi enriquecida com a formação matemática que obteve por esforços pessoais.

Por lei, ele não era obrigado a servir o exército, mas foi para a guerra como voluntário. Como sargento, fora preso, mas evadiu-se para voltar à sua terra, no final de 1917, ao saber que na Rússia ocorrera a Revolução.

Dois traços de caráter e duas paixões o distinguiam.

Seu raciocínio era extremamente claro e justo. Possuía em raro grau o dom da pureza moral e do equilíbrio, sentia com emoção e gratidão.

Mas, para a atividade de cientista, que abre caminhos novos, à sua inteligência faltava o dom da intuição, essa força cujas descobertas inesperadas quebram a ordem estéril das coisas previsíveis.

E para fazer o bem, a seus princípios rigorosos faltava o contrapeso de um coração tolerante, um coração que ignorasse casos gerais, e reconhecesse somente casos particulares mas que atinge a grandeza porque realiza as pequenas coisas da vida.

Strelnikov, desde pequeno, almejava o cargo mais alto e mais iluminado. Considerava a vida uma grande arena onde as pessoas, obedecendo escrupulosamente às regras, competem para alcançar a perfeição.

Quando compreendeu que as coisas não funcionavam assim, ele não se deu conta de que estava errado ao simplificar a ordem das coisas. Com a mágoa recolhida durante muito tempo, começou a acalentar a idéia de se tornar o árbitro da vida e dos princípios escusos que a deturpam, de sair em sua defesa e vingar-se por ela.

A decepção tornou-o áspero. A revolução deu-lhe armas.

31

— Jivago, Jivago — continuava a repetir Strelnikov em seu vagão, para onde eles se transferiram. — Nome de comerciante. Ou de nobre. Mas é claro: o doutor de Moscou. Para Varikino. Estranho. De Moscou e de repente neste fim de mundo.

— Exatamente com esse objetivo. Vou em busca do silêncio. Para os confins do mundo, para o desconhecido.

— Diga-me, que poesia tem Varikino? Conheço as localidades daqui. As ex-fábricas de Krüger. Não são seus parentes? Talvez herdeiros?

— Por que este tom irônico? Quem falou em herdeiros? Apesar de minha mulher realmente...

— Ah, está vendo? Estão com saudades dos brancos? Pois vou decepcioná-los. Chegaram atrasados. Os arredores estão limpos.

— O senhor continua fazendo troça.

— Depois o senhor é doutor. É militar. Os tempos são de guerra. E isso é da minha alçada. O senhor é desertor. Os verdes ^{65} também se escondem nas florestas. Procuram o silêncio. Com que propósito?

— Fui ferido duas vezes e reformado por total incapacidade.

— Agora o senhor vai apresentar-me um papel do Comissário do Povo ou do Comissário de Saúde do Povo, recomendando-o como um homem "totalmente soviético", "simpatizante" e que atesta a sua "lealdade". Hoje, meu prezado senhor, é o dia do juízo na terra: seres do Apocalipse com espadas e monstros alados, e não quero saber de doutores semi-simpatizantes e semifieis. Aliás, eu disse que o senhor está livre e não mudarei a minha palavra. Mas somente desta vez. Pressinto que ainda nos encontraremos e então a nossa conversa será outra, tome cuidado.

A ameaça e o desafio não desconcertaram Iúri Andreevitch. Ele disse:

— Sei tudo o que o senhor pensa de mim. De seu ponto de vista, está certíssimo. Mas a polêmica na qual quer me envolver eu a carrego mentalmente a vida inteira, com um acusador imaginário, e pode-se pensar que já tive tempo para chegar a algumas conclusões. Mas isso não se resume a poucas palavras. Permita que eu me retire sem explicações, se realmente estou liberado. Caso contrário, estou às ordens. Não tenho do que me justificar diante do senhor.

Foram interrompidos pelo som do telefone. A comunicação fora restabelecida.

— Obrigado, Gurian — disse Strelnikov pegando o telefone e soprando nele várias vezes. — Mande, meu amigo, alguém que possa acompanhar o companheiro Jivago. Para evitar que algo mais aconteça. Ligue para o ramal de Razvilie, por favor, para a administração da comissão extraordinária de Razvilie.

Quando ficou sozinho, Strelnikov telefonou para a estação.

— Trouxeram um menino que fica colocando o chapéu e esticando-o até as orelhas, mas está com a cabeça enfaixada, uma vergonha. Sim. Quero que

preste assistência médica, caso necessário. Sim, tome conta dele como a menina dos seus olhos, vai responder pessoalmente por ele. Uma razão, se precisar. Isso. Agora sobre o trabalho. Estou falando, ainda não terminei. Ah, diabo, mais alguém entrou na linha. Gurian! Gurian! Caiu a ligação.

"Quem sabe é um dos meus estudantes dos cursos preparatórios", pensou ele, deixando de lado por um minuto a tentativa de terminar a conversa com a estação. "Cresceu e rebelou-se contra nós." Strelnikov somou mentalmente o número de anos em que lecionou, os que esteve na guerra e na prisão, e se perguntou se o total coincidiria com a idade do menino. Depois, pela janela do vagão, começou a procurar, no panorama que se avistava no horizonte o bairro sobre o rio, na saída de Iuriatin, onde ficava seu apartamento. De repente, a mulher e a filha estavam lá ainda? Seria bom ir até elas! Agora, neste instante! Sim, mas seria possível? Isso pertence a uma outra vida. Tenho primeiro que terminar esta vida nova, antes de voltar para aquela, interrompida. Isso vai acontecer algum dia, algum dia. Sim, mas quando, quando?

SEGUNDA PARTE



A chegada



1

O trem que trouxe a família Jivago até esse local estava parado nos trilhos secundários da estação, atrás de outras composições, porém já se sentia que a ligação com Moscou, que durou a viagem inteira, rompera-se, acabara naquela manhã.

A partir dali abria-se outra área territorial, outro mundo, o da província, atraído por outro centro de gravidade.

As pessoas do local conheciam-se de maneira mais íntima que as da capital. Embora o setor ferroviário de Iuriatin-Razvilie estivesse interdito ao público e cercado pelas tropas vermelhas, passageiros dos trens locais, não se sabe como, penetravam nos trilhos, "infiltravam-se", como se diria hoje em dia. Eles lotavam os vagões, fechavam os espaços entre as portas, andavam pelos trilhos ao longo do trem e ficavam parados nos aterros de frente para os seus vagões.

Todas as pessoas se conheciam, falavam-se de longe, cumprimentavam-se quando umas alcançavam as outras. Vestiam-se e falavam de uma maneira um pouco diferente que nas capitais, não comiam as mesmas coisas, possuíam outros costumes.

Seria interessante saber do que viviam, de que reservas morais e materiais se alimentavam, como superavam as dificuldades, como burlavam as leis?

A resposta não demorou a aparecer da forma mais concreta possível.

Acompanhado do guarda que arrastava a arma pelo chão e andava apoiando-se nela como num bordão, o doutor retornava para o seu trem.

Estava abafado. O sol tornava incandescentes os trilhos e os telhados dos vagões. A terra, negra de petróleo, ardia com um reflexo amarelado e parecendo folheada a ouro.

O guarda esburacava a terra e levantava poeira com a coronha do fuzil, deixando um rastro atrás. A arma batia com barulho nos dormentes. O guarda disse:

— O tempo está firme. A época é de ouro para o plantio do tremês, aveia ou painço. Mas ainda é cedo para o trigo-sarraceno. Lá na minha aldeia plantam-no no dia de Akulina ^{66}. Somos de Morchan, da região Tambovskaia, não somos daqui. É, camarada doutor! Se não fosse esta desgraçada guerra civil, a maldita contra-revolução, o senhor acha que eu estaria perdendo tempo em terras distantes? Essa luta de classes meteu-se entre nossos pés como um gato preto, e veja o que ela está aprontando.

— Obrigado. Não precisa — Iúri Andreevitch recusava a ajuda oferecida. Do vagão inclinavam-se e estendiam-lhe as mãos para ajudá-lo a subir. Com uma flexão e um pulo ele alcançou o vagão, aprumou-se e abraçou a mulher.

— Finalmente. Graças a Deus, ainda bem que tudo terminou assim — repetia Antonina Aleksandrovna. — Aliás, esse final feliz não é novidade para nós.

— Como não é?

— Nós todos sabíamos.

— Como?

— Os sentinelas traziam informações. Se não como iríamos suportar a incerteza? Eu e papai, mesmo assim, quase enlouquecemos. Veja, está

dormindo e não há quem consiga despertá-lo. Caiu desmaiado de tanta preocupação. Estamos com novos passageiros. Vou apresentar você a uma certa pessoa. Mas antes ouça o que comentam. O vagão inteiro felicita você por, felizmente, ter se livrado são e salvo. Ei, veja como meu marido é! — De maneira inesperada, ela mudou de conversa, virou a cabeça e por sobre um dos ombros apresentou o marido a um dos novos passageiros, espremido pelas costas dos vizinhos, no fundo do vagão.

— Samdeviatov — ouviu-se de lá e, sob a aglomeração de cabeças estranhas, levantou-se um chapéu macio e o homem que pronunciara o seu sobrenome começou a passar através dos corpos comprimidos ao encontro do doutor.

"Samdeviatov", dizia a si mesmo Iúri Andreevitch. "Pensei que fosse algo do gênero russo antigo, das *Bilini* ^{67}, uma barba em leque, *poddiovka* ^{68}, cinturão com adornos. Mas, na verdade, ele faz o gênero Sociedade dos Amantes das Artes, cabelos grisalhos cacheados, bigodes, cavanhaque.

— Confesse, Strelnikov assustou você?

— Não, por quê? A conversa foi séria. Em todo caso é um homem forte, um homem de valor.

— É claro. Faço idéia da sua personalidade. Não é nosso conterrâneo. É um dos seus, é moscovita. Assim como os últimos acontecimentos novos por aqui também são da capital. Nós aqui não teríamos cabeça para chegar a esse ponto.

— Este é Anfim Iefimovitch, Iurotchka... que tudo sabe, tudo conhece. Ouviu falar de você, de seu pai, avô, conhece o meu, todos, todos. Deixe apresentá-los. — Então Antonina Aleksandrovna perguntou de passagem, num tom indiferente: — Então deve conhecer a professora local, Antipova? — E Samdeviatov respondeu da mesma forma, sem expressão:

— O que querem com Antipova? — Iúri Andreevitch ouviu isso, mas não sustentou a conversa. Antonina Aleksandrovna prosseguiu:

— Anfim Iefimovitch é bolchevique. Cuidado, Iurotchka. Fique alerta com ele.

— É verdade? Jamais pensaria. Pela aparência diria que parece mais um anarquista.

— Meu pai era dono de uma hospedaria. Possuía sete tróicas em serviço. Eu tenho formação superior e na realidade sou social-democrata.

— Iurotchka, ouça o que Anfim Iefimovitch diz. Aliás, sem querer magoá-lo, seu nome é difícil de pronunciar. Pois então ouça, Iurotchka, o que vou dizer. Veja que sorte a nossa. A cidade de Iuriatin não pode nos receber. Está tomada por incêndios, explodiram a ponte, não dá para passar. Vão desviar o trem pelo ramal de ligação, até outra linha que é exatamente a que precisamos, ria qual fica a estação Torfianaia. Pense bem! Não vamos ter que pegar outro trem, atravessar a cidade com as bagagens, passar de uma estação para outra. Mas, em compensação, iremos chocalhar muito, de um lado para o outro, até tomarmos o rumo certo. As manobras durarão muito tempo. Tudo isso foi Anfim Iefimovitch quem me explicou.

4

Os prognósticos de Antonina Aleksandrovna se confirmaram. Engatando vagões e acrescentando novos, o trem ia e vinha, para trás e para frente, infundavelmente sobre trilhos obstruídos, pelos quais trafegavam outras composições, que durante muito tempo lhes fecharam o caminho para o campo.

Boa parte da cidade se perdia ao longe, encoberta pelos declives dos terrenos do local. Somente às vezes surgiam no horizonte os telhados das casas, as pontinhas das chaminés das fábricas, as cruzes dos campanários. Um de seus subúrbios estava em chamas. O vento carregava a fumaça do incêndio. Feito uma crina de cavalo, ela subia para o céu.

O doutor e Samdeviatov estavam sentados no chão, na beira do vagão, com os pés pendurados para fora. Samdeviatov, a toda hora, explicava algo a Iúri Andreevitch, apontando com a mão para longe. De quando em quando, o estrondo do vagão acelerado encobria sua fala e não se ouvia nada. Iúri Andreevitch lhe pedia que repetisse. Anfim Iefimovitch aproximava seu rosto do doutor e gritava, se esgoelando, repetindo o que havia dito, diretamente nos ouvidos de Iúri Andreevitch.

— Incendiaram o cinema Gigante. Os cadetes o haviam ocupado. No entanto, se entregaram antes. Mas a batalha ainda não terminou. Está vendo

uns pontinhos pretos no campanário? São os nossos. Estão depondo o tcheco.

— Não estou vendo nada. Como consegue distinguir?

— Lá é Khokhriki, pegando fogo, o subúrbio dos artesãos. Ao lado, fica Kolodieiev, a parte comercial. Isso me interessa. Lá fica a nossa hospedaria. O incêndio é pequeno. O centro ainda não foi atingido.

— Repita, não estou ouvindo!

— Estou dizendo que é o centro, o centro. A catedral, a biblioteca. O nosso sobrenome, Samdeviatov, foi russificado de São Donato. Como se fôssemos da família dos Demidov.

— Não entendi nada novamente.

— Estou dizendo que Samdeviatov é uma variação de São Donato. Como se fôssemos da família dos Demidov. Os príncipes Demidov de São Donato. Mas talvez estejam inventando, pode ser uma lenda familiar. Aquela localidade chama-se Spirkin Niz. São dachas, lugar de passeios alegres. Um nome estranho, não acha?

Diante deles estendia-se o campo. Ramais ferroviários cruzavam-no em diferentes direções. Por ele, a cada sete milhas distanciavam-se, sumindo no horizonte, os postes telegráficos. Uma estrada larga, asfaltada, serpenteava feito uma fita, disputando em beleza com a estrada de trilhos. Às vezes ela sumia no horizonte, mas logo reaparecia como um arco ondulado na curva. E perdia-se novamente.

— A nossa via é famosa. Corta a Sibéria inteira. Famosa pelos campos de trabalhos forçados. É o campo dos guerrilheiros atualmente. Em geral, aqui em nossas terras é bom viver. Irão estabelecer-se e acostumar-se. Vão gostar das curiosidades da cidade: os chafarizes daqui, os cruzamentos, os clubes femininos de inverno, sob céu aberto.

— Não estamos indo para a cidade. Vamos nos instalar em Varikino.

— Eu sei, sua mulher me disse. Mesmo assim, vai ter que ir até a cidade, para resolver alguns problemas. Logo à primeira vista, adivinhei quem ela era. Os olhos. O nariz. A testa. É o Krüger escarrado. A cara do avô. Por estes lados, todos se lembram dos Krüger.

Nas extremidades do campo avistavam-se os depósitos avermelhados de combustível, altos e redondos. Os anúncios de produtos industriais

sobressaíam nos postes altos. Um deles, que duas vezes bateu nos olhos do doutor, dizia o seguinte:

"Moreau e Vetchinkin. Semeadoras. Debulhadoras."

— É uma firma importante. Produzia ótimas máquinas agropecuárias.

— O quê? Não estou ouvindo!

— A firma, estou dizendo. Entende? Firma. Produzia máquinas agropecuárias. Era uma sociedade por cotas. Meu pai era acionista.

— Mas o senhor disse que ele tinha uma hospedaria.

— Uma coisa não atrapalha a outra. Ele não era bobo, colocava dinheiro nas melhores empresas. Investiu no cinema Gigante.

— O senhor parece se orgulhar disso!

— Da esperteza de meu pai? Mas é claro!

— E como fica a sua social-democracia?

— Perdão, mas o que ela tem a ver com isso? Onde está escrito que o homem marxista tem que ser um trouxa? Marxismo é uma ciência positiva, um estudo sobre a realidade, uma filosofia da situação histórica.

— Marxismo e ciência? Discutir isso com uma pessoa que mal conheço seria no mínimo imprudente. Mas tudo bem. O marxismo não possui autodomínio para ser considerado uma ciência. As ciências são mais ponderáveis. Marxismo e objetividade? Não conheço uma corrente mais isolada em si mesma e mais distante dos fatos do que o marxismo. Cada qual se preocupa em verificar suas idéias pela experiência, ao passo que as pessoas do poder, para criar histórias sobre a sua infalibilidade, fazem de tudo para fugir da verdade. A política não me diz absolutamente nada. Não gosto de pessoas indiferentes à verdade.

Samdeviatov tomou as palavras do doutor por disparates de um tolo brincalhão. Somente ria e não retrucava.

Ao mesmo tempo, o trem manobrava. Cada vez que ele alcançava a agulha ferroviária de saída próxima ao semáforo, uma funcionária idosa, com um pote de leite preso à cintura, transferia de uma mão para outra o tricô com o qual se ocupava, inclinava-se, virava o disco da agulha fazendo

o trem retornar de marcha a ré. Enquanto ele retrocedia vagarosamente, ela endireitava-se e mostrava-lhe o punho fechado, num sinal ameaçador.

Samdeviatov tomava esses gestos como se fossem dirigidos a ele. "Para quem ela faz isso?", pensava ele. "Há algo de familiar nisso. Será Tuntseva? Parece ela. Mas o que tenho a ver com isso? Acho que não é, não. Parece velha demais para ser Glacha. E eu com isso? A Mãe-Rússia perturbada pelos golpes, as estradas de ferro funcionando em mãos de incompetentes, deve ser difícil para esta mulher zangada, e eu sou o culpado, fica me mostrando o punho. Que vá para o diabo, não vou perder tempo com ela!"

Finalmente, assinalando com a bandeira e gritando algo para o maquinista, a mulher deixou o trem passar pelo semáforo, para a amplidão de sua rota. Mas quando o vagão quatorze passou por ela, mostrou a língua para os tagarelas sentados no chão do vagão, que não tiravam os olhos dela. Samdeviatov ficou novamente pensativo.

5

Quando os arredores da cidade em chamas, os depósitos cilíndricos, os postes telegráficos e os anúncios comerciais ficaram para trás e desapareceram, quando começou a surgir outra vista, bosques e colinas, entre as quais, freqüentemente, mostravam-se as curvas da estrada, Samdeviatov disse:

— Vamos nos levantar e nos separar. Daqui a pouco tenho que descer. Bem, para vocês também falta só um trecho. Não vão deixar passar o lugar.

— O senhor deve conhecer bem os arredores por aqui.

— Sim, até de olhos fechados. A mais de cem quilômetros em redor. É que sou advogado. Tenho vinte anos de prática. Negócios. Viagens.

— Até hoje em dia?

— Claro.

— Que tipo de negócios fecham hoje?

— Todos os tipos. Antigas transações e operações inacabadas, contratos não executados. Uma quantidade enorme, é um horror.

— Mas as transações desse tipo não foram anuladas?

— Formalmente foram, é óbvio. Mas na prática exigem-se, ao mesmo tempo, coisas que se excluem uma à outra. A nacionalização das empresas, o combustível para o soviote da cidade e o transporte de carga para a administração regional agrária. E ao mesmo tempo, todos querem viver. São as particularidades do período de transição, quando a teoria ainda não anda junto com a prática. Por isso precisam de pessoas inteligentes, hábeis, com caráter parecido com o meu. Feliz o homem que, sem ninguém, consegue um dinheirão ^{69}. Porém, às vezes, tenho que esbofetear, como dizia meu pai. A metade da região alimenta-se à minha custa. Vou aparecer por suas bandas para negócios de fornecimento de madeira. Vou a cavalo, é claro, somente assim. O último que tenho está manco. Se estivesse saudável eu não estaria aqui sacudindo-me nesse amontoado de gente! Diabos, e ainda chamam isso de máquina. Serei útil nas viagens a Varikino. Conheço o Mikulitsin de vocês como a palma da mão.

— O senhor conhece o objetivo da nossa viagem, as nossas intenções?

— Mais ou menos. Posso adivinhar. Imagino. A eterna atração do homem pela terra. O sonho de poder se alimentar com seu próprio trabalho.

— Então? Parece não aprovar? O que acha?

— É um sonho ingênuo, idílico. Tudo bem. Que Deus os ajude. Mas eu não creio nisso. É utópico. Coisa de diletante.

— Como nos receberá Mikulitsin?

— Não os deixará passar pelo portão, expulsará vocês com a vassoura e com toda razão. A barafunda já foi armada sem vocês: as fábricas paradas, os trabalhadores fugiram e não há nada como meio de sobrevivência, somente a fome. E, de repente, aparecem vocês. Olá, por favor, somos nós! E mesmo que ele os mate, eu lhe daria razão.

— Está vendo? O senhor é bolchevique e não nega que isso não é vida, mas algo inacreditável, fantasmagórico, absurdo.

— É claro. Mas é o curso inevitável da história. Temos que passar por essa etapa.

— Por que inevitável?

— Que é isso? Nasceu hoje ou se faz de inocente? Parece que caiu do céu. Os comilões e ociosos montavam nas costas dos trabalhadores famintos, exploravam-nos até a morte e tudo deveria permanecer assim? E os outros tipos de insultos e tirania? Será que não está clara a legitimidade do ódio popular, a vontade de ter uma vida justa, encontrar a verdade? O senhor acha que uma ruptura fundamental seria possível racionalmente, através do parlamento, e que podia-se evitar a ditadura?

— Estamos falando de coisas diferentes e podíamos conversar um século, que nunca iríamos concordar um com o outro. Minha disposição foi muito revolucionária antes, mas agora acho que não se toma nada pela violência. Para o bem atrai-se fazendo o bem. Mas não se trata disso. Voltemos a Mikulitsin. Se é isso que nos aguarda, para que irmos até lá? Temos que voltar pelo mesmo caminho.

— Que absurdo! Em primeiro lugar, Mikulitsin não é o único no mundo. Em segundo, Mikulitsin é muito bom, sua bondade não tem limites. Vai fazer um escândalo, resmungar e depois amolecer. É capaz de tirar a camisa do corpo para dar e dividir o último pedacinho de pão.

Então Samdeviatov contou a seguinte história.

6

Há 25 anos Mikulitsin veio de Petersburgo, como estudante do Instituto Tecnológico. Foi enviado para cá sob a vigilância da polícia. Mikulitsin chegou, ocupou o cargo de administrador nas terras de Krüger e casou-se. Aqui, havia quatro irmãs com o sobrenome Tuntsev, uma a mais que na história de Tchekov. Os estudantes de Iuriatin cortejavam-nas. Seus nomes eram Agrippina, Ievdokia, Glafira e Serafima Severinovni. Parafrasearam seu patronímico e as chamavam de *severianki* ^{70}. Mikulitsin casou-se com a *severianka* mais velha.

Em pouco tempo, o casal teve um filho. Da geração dos ideais de liberdade, o pai idiota batizou o filho com o raro nome de Liveri. Liveri, ou Livka, como era conhecido, era um moleque com diferentes aptidões e capacidade fora do comum. Estourou a guerra. Livka alterou sua data de

nascimento na certidão e com quinze anos, ainda um garoto, fugiu para a frente como voluntário.

Agrippina Severinovna, que já era uma mulher doente, não suportou o golpe. Caiu de cama e nunca mais se levantou. Morreu no inverno retrasado, às vésperas da revolução.

A guerra acabou. Liveri voltou para casa. E quem era ele então? Um herói, alferes, com três cruzeiros no peito e, é claro, um delegado-bolchevique militante e fanático. Já ouviu falar dos "Irmãos da Floresta"?

— Perdão, nunca.

— Então não tem graça contar. Perde-se metade dos efeitos. Não faz sentido você ficar olhando do vagão para a estrada se desconhece isso. O que tem de admirável? Atualmente, a presença de guerrilheiros. Quem são os guerrilheiros? São os principais quadros da guerra civil. Dois princípios deram início a essa força: a organização política que assumiu a liderança da revolução e os soldados da base que, depois de perder a guerra, recusaram-se a obedecer ao antigo poder. Da união dessas duas forças surgiu o exército dos guerrilheiros. Seu efetivo é bem variado. Em sua maioria são camponeses médios. Mas, ao mesmo tempo, pode-se encontrar nele todo tipo de gente. Tem pobretões, frades sem batina e filhos de culaque que lutam contra seus próprios pais. Tem ideólogos anarquistas, mendigos sem identidade, gente em idade de casar, os noivos paspalhões, que por terem ultrapassado o limite de idade foram afastados das instituições do ensino médio. Tem prisioneiros austríacos e alemães, atraídos com a promessa de liberdade e retorno à pátria. Pois bem, exatamente uma das unidades desse exército popular de milhões de pessoas, denominado "Irmãos da Floresta", é comandada pelo camarada Lesnikh, Livka, Liveri Averkiievitch, filho de Averki Stepanovitch Mikulitsin.

— É mesmo?

— É isso mesmo. Mas a história continua. Depois da morte da mulher, Averki Stepanovitch casou-se pela segunda vez. A nova mulher, Elena Proklovna, era uma ginásiana trazida diretamente da carteira escolar para o altar. Ingênua por natureza, ao mesmo tempo fazia-se de mais ingênua, por cálculo, era jovem mas fazia tudo para parecer ainda mais jovem. Em função disso, estrepitava, gorjeava, assumia ares de inocente, de bobinha, feito uma cotovia campestre. Mal encontrava alguém começava a testar com perguntas

do tipo: "Em que ano nasceu Suvorov?" ou "Enumere os casos de igualdade entre os triângulos." E, ao perceber que fez esse alguém passar por ridículo, se regozijava. Daqui a algumas horas o senhor a verá com seus próprios olhos e confirmará a minha descrição.

"Ele, por sua vez, tem seu lado fraco: o cachimbo e a mania da língua eslava dos seminaristas. Seu apelido deveria ser mar. No instituto, especializou-se em construção naval. Isso ficou aparente em seu comportamento, em seus costumes. Não usa barba, passa o dia inteiro sem tirar o cachimbo da boca, filtrando gentilmente e sem pressa as palavras por entre os dentes. Tem o maxilar inferior proeminente de fumante e olhos cinzentos, frios. Ah, quase me esqueci de um detalhe importante: ele é um *esser* e foi eleito para a Assembléia Constituinte.

— Pois isso é muito importante. Quer dizer que pai e filho estão em pé de guerra. São inimigos políticos?

— Teoricamente, sim. Mas na realidade a taiga não guerreia com Varikino. Bem, vou continuar. As Tuntseva restantes, cunhadas de Averki Stepanovitch, até hoje moram em Iuriatin. Ficaram solteironas. Os tempos mudaram, as moças também. A mais velha das que restam, Ievdokia Severinovna, trabalha como bibliotecária na cidade. É uma moça bonitinha, moreninha, confusa ao extremo. Enrubesce como uma peônia, sem mais nem menos. O silêncio na biblioteca é sepulcral, tenso. Ela tem uma sinusite crônica e de repente espirra direto umas vinte vezes; de tanta vergonha tem vontade de desaparecer da face da terra. Mas o que fazer? É puro nervosismo.

"A do meio, Glafira Severinovna, é a bênção das irmãs. Uma moça forte, muito trabalhadora. Não foge do trabalho. A opinião geral e única é de que o líder dos guerrilheiros puxou à tia. Em dado momento ela está trabalhando como costureira. Mas num piscar de olhos transforma-se em cabeleireira. O senhor prestou atenção à mulher na estação de Iuriatin que nos ameaçava com o punho e mostrava a língua? Pois então, pensei que Glafira houvesse conseguido um trabalho na estrada de ferro. Mas acho que não era ela. Era velha demais.

"A mais nova, Simuchka, é a cruz da família, uma provação. Uma moça instruída, culta. Estudou filosofia, gostava de poesia. E naqueles anos da revolução, sob a influência do entusiasmo geral, das manifestações de rua,

dos discursos nas praças, ficou meio tocada e caiu em uma demência mística. Quando as irmãs saíam para o trabalho, passavam a chave na porta, mas ela pulava a janela e saía pelas ruas gesticulando e reunindo o público para pregar a volta de Cristo, o fim do mundo. Mas, chega de conversa, a minha estação está chegando. A próxima é a de vocês. Arrumem-se.

Quando Anfim Iefimovitch desceu do trem, Antonina Aleksandrovna perguntou:

— Não sei como você vê isso, mas acho que esse homem nos foi enviado pelo destino. Parece que ele terá um papel benéfico na nossa existência.

— Pode ser, Tonietchka. Porém, não fiquei feliz ao saber que reconhecem você pela sua semelhança com o seu avô e que ainda lembram dele muito bem. Strelnikov também, mal eu disse Varikino, ele replicou sarcástico: "Varikino, fábricas de Krüger? Não serão parentes? Herdeiros?" Temo que aqui ficaremos ainda mais em evidência do que em Moscou, de onde corremos em busca do anonimato. Mas agora não há o que fazer. De que adianta chorar o leite derramado? Mas é melhor não aparecermos e levar uma vida modesta. No entanto, meus pressentimentos não são dos melhores. Vamos acordar os nossos, arrumar as malas e amarrá-las com as correias. Vamos nos preparar para desembarcar.

7

Parada na plataforma da estação Torfianaia, Antonina Aleksandrovna contava pela enésima vez as pessoas e as malas para certificar-se de que não esqueceram nada no vagão. Sentia, com os pés, a areia calcada da plataforma, mas mesmo assim, o medo de passar da parada não a deixava e o ruído do trem em movimento que permanecia em seus ouvidos apesar de ter se certificado com os próprios olhos de que ele estava parado diante dela na estação. Isso a impedia de ver e ouvir qualquer coisa, impedia-a de raciocinar.

Os companheiros de viagem despediam-se dela do alto do vagão. Ela não os percebia. Não percebeu quando o trem partiu. E notou o seu desaparecimento somente depois que surgiram, do outro lado, os outros trilhos, o campo verde e o céu azul, quando o trem não estava mais ali.

O prédio da estação era de pedra. Na porta de entrada havia dois bancos, um de cada lado. Os viajantes moscovitas, da travessa Sivtsev, eram os únicos passageiros que desembarcaram na estação Torfianaia. Eles colocaram a bagagem no chão e sentaram-se nos bancos.

Impressionaram-se com o silêncio da estação deserta, com sua limpeza. Parecia-lhes insólito não haver, ao redor, tumultos nem brigas. A vida ali, como num fim de mundo, ficara para trás e estava historicamente atrasada. A selvageria da capital ainda não chegara ali, aquele lugar ainda aguardava.

A estação escondia-se no arvoredo de bétulas. Dentro do trem, ficara escuro quando ele se aproximara dela. Pelas mãos e rostos dos passageiros, pela areiazinha limpa, úmida e amarelada da plataforma, pelo chão e telhados dançavam sombras móveis lançadas dos cumes das bétulas. O assobio dos pássaros correspondia a seu frescor. Sons abertos e puros, como a ingenuidade, soavam por toda a floresta e entranhavam-se nela. O arvoredo era cortado por duas estradas, uma de ferro e outra vicinal. As duas eram igualmente cobertas por seus galhos esvoaçantes e pendentes feito largas mangas de roupas que desciam até o chão.

De repente, Antonina Aleksandrovna abriu os olhos e os ouvidos. Logo tudo chegou à sua consciência. A sonoridade dos pássaros, a pureza do isolamento da floresta, a placidez derramada pela paz ao redor. Em sua mente, estava pronta uma frase: "Eu não acreditava que chegaríamos ilesos. Tudo bem que o tal Strelnikov foi generoso com você, deixou que voltasse, porém podia muito bem dar uma ordem, através do telégrafo, para que nos prendessem assim que desembarcássemos. Não acredito, meu querido, em generosidade. É tudo aparência." Mas, em vez de pronunciar estas palavras, guardou-as para si.

— Que maravilhai — disse ao ver o fascínio ao seu redor. Não conseguia dizer mais nada. As lágrimas começaram a sufocá-la. Ela chorava copiosamente.

Ao ouvir os soluços, o chefe da estação saiu do prédio. Com passos miúdos, aproximou-se do banco, gentilmente elevou a mão até a pala do boné vermelho do seu uniforme e perguntou:

— A senhora quer algumas gotas de calmante? Da farmácia daqui da estação?

— Não é nada. Obrigada. Vai passar.

— Foram as preocupações da viagem. Algo conhecido e comum. E além do mais, o calor parece africano, muito raro em nossas latitudes. E ainda, os acontecimentos em Iuriatin.

— De passagem, do vagão, observamos o incêndio.

— Quer dizer que são da Rússia, caso eu não esteja enganado?

— Da cidade de pedras brancas.

— São moscovitas? Então não há por que admirar-se do nervosismo da senhora. Dizem que não sobrou pedra sobre pedra lá?

— Exageram. Mas é bem verdade que vimos muita coisa. Essa é minha filha e esse meu genro. Esse é o pequerrucho deles. E essa é a jovem babá, Niucha.

— Bem-vindos, bem-vindos. Muito prazer. Fui parcialmente informado. Samdeviatov Anfim Iefimovitch telefonou da estação Sakma e disse que o doutor Jivago, de Moscou, iria chegar com a família. Peço, disse-me ele, que lhe preste a assistência necessária. Quer dizer, o senhor mesmo é o doutor?

— Não, o doutor Jivago é ele, meu genro. Sou de outra área, sou da agronomia, sou professor-agrônomo, Gromeko é meu sobrenome.

— Perdão, enganei-me. Desculpe-me. Muito prazer em conhecê-lo.

— Quer dizer que, ao julgar por suas palavras, o senhor conhece Samdeviatov?

— Quem não o conhece, aquele mágico? Nossa esperança e arrimo. Sem ele estaríamos todos, há muito tempo, de pernas estiradas. Sim, disse-me para dar-lhes a assistência possível. Sim, senhor, respondi. Prometi. Então, se precisar de um cavalo, posso ajudar com mais alguma coisa. Vão para onde?

— Vamos para Varikino. Fica muito longe daqui?

— Para Varikino? Não consigo lembrar-me com quem a sua filha se parece. Ah! vocês vão para Varikino! Então está tudo explicado. Ivan Ernestovitch e eu construímos juntos essa estrada. Vou arrumar tudo. Chamarei um homem, conseguirei uma condução. Donat! Donat! Leve a bagagem, por enquanto, até a sala de espera dos passageiros. Onde podemos pedir um cavalo? Corra até a casa de chá, pergunte se emprestam. Vakkh estava por aqui de manhã. Pergunte, quem sabe ainda não se foi. Diga que

tem que levar quatro pessoas até Varikino, bagagem quase nenhuma. Acabaram de chegar. Rápido. E para a senhora, vou dar um conselho de pai. Não pergunto propositadamente sobre o seu parentesco com Ivan Ernestovitch, mas tome cuidado com isso. Não se abra com todos. Sabe como é, em que tempos vivemos.

Ao ouvir o nome Vakkh os recém-chegados entreolharam-se. Ainda guardavam na lembrança as histórias da falecida Anna Ivanovna sobre o ferreiro encantado, que cunhou para si vísceras indestrutíveis de ferro e outras histórias e casos locais.

8

Um velho com orelhas de abano, desgrenhado, totalmente encanecido, levou-os numa égua branca que acabara de parir. Tudo nele era branco, por vários motivos. As novas *lapti* ^{71} ainda não tinham tido tempo de escurecer com o uso, mas as calças e a camisa haviam desbotado.

Atrás da égua branca, corria um potro morzelo, negro como a noite, de crina cacheada, que levantava suas pernas cartilagosas e frágeis, mais parecendo um brinquedo rústico.

Sentados à borda da carroça, que sacolejava sobre os buracos, os viajantes seguravam-se nos bancos para não cair. Estavam em paz. O sonho realizou-se, estavam se aproximando do seu destino. Com uma generosa amplidão e luxo, as horas do crepúsculo protelavam-se e retardavam-se, prolongando dia maravilhoso e claro.

A estrada passava ora pela floresta, ora por clareiras. Na floresta, os choques com as raízes das árvores faziam os viajantes caírem sobre os outros, franzirem a testa e amontoarem-se. Em locais abertos, onde o espaço parecia ter tirado o chapéu em reverência à plenitude da alma, os viajantes endireitavam as costas, acomodavam-se mais à vontade e sacudiam as cabeças.

As localidades eram montanhosas. Cada montanha possuía, como todas, uma imagem, uma fisionomia. Elas negrejavam ao longe com suas sombras potentes e arrogantes e, caladas, observavam os viajantes. Uma cor rosa

seguia prazerosamente pelo campo, atrás dos viajantes, acalmando-os e prometendo esperança.

Eles estavam gostando de tudo, tudo impressionava-os e mais ainda o palavreado do velho e esquisito cocheiro, no qual traços das formas russas antigas e extintas, formas tártaras e particularidades locais misturavam-se com as invenções inteligíveis de sua própria lavra.

Quando o potro ficava para trás, a égua parava e o aguardava. Ele alcançava com sinuosos pulos dançantes. Os passos inexperientes de suas pernas longas e estreitas aproximavam-no da carroça, e ele mamava na mãe enfiando a cabeça minúscula com o pescoço comprido através do varal.

— Não consigo entender — gritava Antonina Aleksandrovna para o marido, batendo os dentes por causa dos solavancos e falando pausadamente para não morder a ponta da língua num inesperado sacolejo. — Será mesmo aquele Vakkh sobre o qual nos contou mamãe? Lembra, aquelas tolices todas? O ferreiro, numa briga, ficou sem as tripas e então fez novas de ferro. Ou seja, em outras palavras, Ferreiro Vakkh... o barriga de ferro. Eu sei que é tudo história. Mas será que é uma lenda sobre ele? Será mesmo ele, esse velho?

— Claro que não. Em primeiro lugar, você diz que é história, uma lenda, folclore. Em segundo, esse folclore, nos tempos de mamãe, como ela dizia, já tinha mais de cem anos. Mas por que fala tão alto? O velho vai ouvir e poderá ficar magoado.

— Não vai ouvir nada, é duro de ouvido. E se ouvir não vai entender, é meio abobalhado.

— Ei, Fiodor Nefioditch! — Sabe-se lá por que, com um cumprimento masculino, o velho apressou maravilhosamente a égua, melhor que um cavaleiro e sabendo que se tratava de uma égua. — Que calor excomungado! Como no forno de Abraão. Vamos, menina, que diabo! Estou falando com você, seu traidor.

De repente, ele começava a cantar partes de cantigas, compostas outrora nas fábricas locais:

Adeus, adeus sede principal

Adeus mestre e mina de carvão,
Cansei do pão do patrão,
Cansei da água do lago.
Pela beira passa um cisne
Que rema a água com as patas,
Não é o vinho que embriaga
Estou entregando Vânia para recruta
E eu, Macha, sou esperto,
E eu, Macha, não sou bobo.
Vou à cidade, à Seliaba [{72}](#)
Trabalhar para Sentetiurikha [{73}](#).

— Ei, egüinha, esqueceu Deus? Vejam, gente boa, que carniça! Dou-lhe um açoite e ela, nada! Vamos, Fedia-Nefedia, quando irá adiante? Essa floresta chamam de taiga, não tem fim. A força do povo camponês lá é, u,u,u... Lá estão os irmãos da floresta. Ei, Fedia-Nefedia, parou de novo, diabo, Satanás!

Sem mais nem menos, ele virou-se e, encarando Antonina Aleksandrovna, disse:

— Pensou que eu, jovem, não percebi logo de onde você é? Vejo que você é muito ingênuo. Reconheci-a logo, juro por Deus! Reconheci mesmo. Não acredito nas minhas bolas, é o Grigov vivo! (De bolas o velho chamava os olhos e Grigov era o velho Krüger). Não é a neta, por acaso? Tenho o olho afiado para os Grigov. Trabalhei a vida inteira para ele, conheço-o muito bem. Em todos os ofícios e cargos! De estivador, nas derrubadas, na estrebaria. Vamos, mexa-se! Parou de novo, aleijada! Por Deus, está ouvindo ou não? Quer saber quem é o Vakkh, se é o ferreiro? Que ingenuidade, senhorita, tem olhos grandes mas é burra. O seu Vakkh é Postanogov, é Postanogov... o barriga de ferro. Já faz mais de meio século que se foi para debaixo da terra. E nós agora somos Mekhonin. O nome é o mesmo, somos homônimos, mas o sobrenome é diferente. É Fedot, mas outro.

Aos poucos, o velho, com suas palavras, contou tudo para os viajantes, aquilo que já haviam ouvido de Samdeviatov sobre os Mikulitsin. Ele chamava-o de Mikulitch e a mulher de Mikulitchnoi. A atual esposa do administrador, ele chamava de segunda nubente e sobre a "primeirinha, a falecida" dizia que era um doce de mulher, um querubim branco. Quando ele começou a falar sobre o líder dos guerrilheiros, Livori, e soube que em Moscou não havia chegado a sua fama e que lá não sabiam nada sobre os Irmãos da Floresta, isso lhe pareceu incrível.

— Nunca ouviram falar? Não ouviram falar do companheiro da floresta? Por Deus, para que então Moscou tem orelhas?

Começava a escurecer. Na frente dos viajantes, corriam suas próprias sombras alongadas. O caminho estendia-se através de uma vastidão vazia. Aqui e ali, em tufos isolados, com ramos de flores nas pontas, cresciam altos caules de madeira de quenopódio, cardo e maria-sem-vergonha. Iluminadas por baixo, a partir da terra, com os raios do pôr-do-sol, as plantas ilusoriamente cresciam e o contorno de suas pontas parecia guardas-patrolhas imóveis distribuídos pelo campo.

Ao longe, o final da planície chocava-se com uma cadeia de montanhas que se elevava na transversal. Parecia atravessada na estrada, como uma parede embaixo da qual poderia se supor haver um barranco ou rio. Como se o céu estivesse cercado por um muro e a aldeia conduzisse até seus portões.

No alto da escarpa, surgiu uma casa branca comprida, de um andar.

— Vêem a torre na escarpa? — perguntou Vakkh. — São o Mikulitch e a Mikulitchna. Embaixo, existe um vale, um barranco largo denominado Chutma.

Dois tiros de espingarda, um atrás do outro, foram ouvidos partindo daquele lado e provocaram ecos fracionados e crescentes.

— O que é isso? Não serão os guerrilheiros, vovô? Será que atiraram em nós?

— Deus os proteja. Mas que guerrilheiros! É o Stepanitch, em Chutma, espantando os lobos.

O primeiro encontro dos recém-chegados com os donos ocorreu no pátio da casa do diretor. Desenvolveu-se uma cena cansativa e inicialmente muda, porém depois se tornou confusa, barulhenta e estúpida.

Elena Proklovna voltava pelo pátio de sua caminhada noturna na floresta. Os raios do entardecer perseguiam seus passos através da floresta, de árvore em árvore, e eram quase da mesma cor de seus cabelos dourados. Vestia uma roupa leve de verão. Limpava com um lenço o rosto vermelho e aquecido pela caminhada. Seu pescoço desprotegido estava cingido na frente por um elástico, no qual balançava um chapéu de palha, jogado por ela nas costas.

Seu marido veio ao seu encontro com a arma na mão, subiu o barranco disposto a ocupar-se no mesmo instante da limpeza dos canos enfumaçados em função das falhas notadas durante o descarregamento da espingarda.

De repente, sem prevenir! Pelos paralelepípedos da entrada calçada, Vakkh entrou ligeiro e com estrondo no pátio, trazendo seu presente.

Ao descer rapidamente da carroça com os outros viajantes, Aleksandr Aleksandrovitch começou a dar as primeiras explicações gaguejando, ora tirando, ora colocando o chapéu.

O espanto sincero durou alguns instantes, pois os donos da casa foram apanhados de surpresa e colocados numa situação complicada. Da mesma forma, o desnorteamento também sincero das pobres visitas quase matava-as de vergonha. A situação era compreendida por todos sem necessidade de explicações até por Vakkh, Niúcha e Sura. O sentimento pesado passava pela égua e o potro, pelos raios dourados do sol, pelos mosquitos que voavam em volta de Elena Proklovna e pousavam em seu rosto e pescoço.

— Não entendo — interrompeu finalmente o silêncio Averki Stepanovitch. — Não entendo. Não entendo nada e nunca entenderei. Por acaso aqui estamos no sul? Há brancos? É terra de trigo? Por que fomos os escolhidos? Por que tiveram de vir exatamente para cá?

— Interessante, será que pensaram na responsabilidade que é para Averki Stepanovitch?

— Lenotchka, não se meta. Mas é isso mesmo. Ela tem toda razão. Por acaso pensaram que fardo é para mim?

— Meus Deus! Vocês não entenderam de que estamos falando. São coisas pequenas, quase insignificantes. Nenhuma ameaça contra vocês, não queremos perturbar a sua paz! Precisamos somente de um canto na casa vazia e destruída. De um pedacinho de terra que ninguém queria para fazer uma horta e um pouco de lenha da floresta que apanharemos sem ninguém perceber. Será que isso é pedir muito?

— Não, mas o mundo é grande. O que temos a ver com isso? Por que merecemos esta honra e não uma outra pessoa qualquer?

— Ouvimos falar do senhor e tínhamos a esperança de o senhor ter ouvido sobre nós. Que não seríamos estranhos para vocês e nem vocês para nós.

— Então a questão é Krüger? Por que são seus parentes? Mas como vocês têm a audácia de reconhecer isso nos tempos atuais?

Averki Stepanovitch era um homem com os traços do rosto bem acentuados, jogava seus cabelos para trás, tinha um passo largo e no verão acinturava sua camisa com um cadarço de borlas. Antigamente, pessoas assim eram os *uchkuinik* ^{74}, mas nos tempos recentes formavam o tipo do eterno estudante ou de um professor sonhador.

Averki Stepanovitch dedicou sua juventude ao movimento libertador, à revolução, e temia somente não viver o bastante para vê-la fortificar ou que ela se desenvolvesse com moderação, não satisfazendo seus anseios radicais e sanguinários. Mas ela chegou, virando de cabeça para baixo todas as suas previsões mais ousadas e ele, trabalhador nato e assíduo, um dos primeiros a instituir na fábrica Sviatogor Bogatir o comitê e o controle operário, ficou a ver navios, longe dos acontecimentos, na aldeia vazia, da qual fugiram os trabalhadores, que em parte seguiam os mencheviques. E, agora, esse absurdo, esses parentes de Krüger que vieram sem ser convidados, pareciam-lhe ironia do destino, uma brincadeira de mau gosto e isso foi a gota d'água.

— Não é possível, são coisas do arco-da-velha. É inconcebível. Será que não entendem o perigo que representam para mim, a situação em que me colocam? Devo ter enlouquecido de vez. Não entendo, não entendo nada e nunca entenderei.

— Interessante, será que não compreendem que, mesmo sem vocês, estamos em cima de um vulcão?

— Espere, Lenotchka. Minha mulher tem razão. Já temos problemas demais. Uma vida de cão, uma casa de loucos. Vivemos o tempo todo entre fogos, num beco sem saída. Uns enforcam os nossos filhos por serem tão vermelhos, bolcheviques e idolatrados pelo povo. Outros não gostam daquele que foi eleito para a Assembléia Constituinte. Não dá para agradar a todos e fico me debatendo. E ainda por cima surgem vocês! Vai ser engraçado ser fuzilado por sua causa.

— Mas o que está dizendo! Reconsidere! Meu Deus, o que deu em vocês?

Alguns instantes depois, já mais calmo, Mikulitsin disse:

— Basta, já rugimos como cães no pátio, agora podemos continuar dentro de casa. Não antevejo, é claro, nada de bom pela frente, mas não tenho uma bola de cristal, é tudo uma incógnita. Porém, não somos janízaros ou sectários. Não os deixaremos à mercê dos ursos da floresta. Eu acho, Lenok, melhor acomodá-los no quarto das palmeiras, ao lado do escritório. Depois decidiremos onde ficarão definitivamente, acho que os instalaremos no parque. Queiram entrar na casa. Sejam bem-vindos. Traga a bagagem, Vakkh. Ajude-os.

Cumprindo as ordens, Vakkh só suspirava:

— Mãe dos céus! Olhe só os bens dos viajantes! Nenhuma mala, somente trouxinhas!

Chegou a noite fria. Os recém-chegados lavaram-se. As mulheres ocuparam-se da arrumação das camas no quarto designado para eles. Surotchka, inconscientemente acostumado com o fato de que suas expressões infantis eram sempre recebidas pelos adultos com exaltação, adaptava-as ao gosto deles dizendo disparates com entusiasmo, mas hoje não era o seu dia. Naquele momento sua falação não gozava de sucesso, simplesmente não lhe davam atenção. Ele estava insatisfeito por não terem levado para dentro de

casa o potrinho preto e quando levantaram a voz para ele, pedindo-lhe que se acalmasse, começou a chorar. No entanto, temia que ele, um menino ruim e malcriado, fosse devolvido à loja de crianças de onde, segundo imaginava, foi levado até os pais ao nascer. Ele expressava os seus temores em voz alta para os adultos ao redor, mas suas tolices encantadoras não surtiavam o efeito habitual. Os adultos, constrangidos com a presença na casa de pessoas estranhas, movimentavam-se o mais rápido possível, estavam calados e imersos em suas preocupações. Surotchka magoava-se e fazia manha, como diziam as babás. Com muito custo, conseguiram que comesse e fosse dormir. Finalmente adormeceu. Niúcha foi levada por Ustínia Mikulitsina, que lhe serviria o jantar e confiaria a ela os segredos da casa. Antonina Aleksandrovna e os homens foram convidados para um chá noturno.

Aleksandr Aleksandrovitch e Iúri Andreevitch pediram licença para se retirar por um minuto e saíram na varanda para respirar um pouco de ar fresco.

— Quantas estrelas! — disse Aleksandr Aleksandrovitch.

Estava escuro. Parados a dois passos um do outro, o sogro e o genro não se viam. Por trás do canto da casa, a luz da lâmpada da janela caía pelo barranco. Na faixa de luz, misturavam-se, na neblina do frio seco, os arbustos, as árvores e mais alguns objetos obscuros. A luz não alcançava os dois homens e tornava ainda mais densa a escuridão ao redor deles.

— Amanhã pela manhã vamos ter de olhar as dependências que ele reservou para nós. Caso sirvam para morarmos, nos ocuparemos logo de sua reforma. Neste ínterim, enquanto estivermos arrumando o nosso canto, a terra descongela e se aquece. Então, sem perder um minuto, organizaremos os canteiros para a horta. Acho que ouvi, no meio da conversa, Mikulitsin oferecer sementes de batata, ou me enganei?

— Prometeu, prometeu. Outras sementes também. Ouvi com meus próprios ouvidos. Agora, o canto que ele nos propôs, nós o vimos ao atravessar o parque. Sabe onde é? Fica nos fundos da casa senhorial, mergulhado nas urtigas. A casa senhorial é de tijolos, mas ali é de madeira. Eu lhe mostrei quando estávamos na carroça, lembra? Eu cavaria os canteiros lá. Acho que o que restou dos jardins fica ali. Assim me pareceu de longe. Pode ser que eu esteja enganado. Vamos ter que traçar os caminhos

novamente, mas a terra dos antigos canteiros deve estar bem esterçada e rica em adubo.

— Amanhã veremos. Não sei. O solo deve estar coberto de capim e duro como pedra. Devia haver uma horta na propriedade. Quem sabe a área foi conservada e está vazia? Tudo será esclarecido amanhã. Ainda vai gear de manhã. A noite, com certeza, deve ser gelada. Que felicidade já estarmos aqui! Por isso podemos nos cumprimentar. Aqui é bom. Eu gosto.

— As pessoas são gentis. Principalmente ele. Ela me pareceu um pouco dengosa. Está insatisfeita, não gosta de algo nela mesma. Daí essa sua incansável tagarelice, simulada e insensata. Parece apressar-se em desviar a nossa atenção de sua aparência, impedir uma impressão desfavorável. E aquilo de esquecer de tirar o chapéu e carregá-lo nas costas também não é nenhuma distração. Realmente lhe convém.

— Vamos entrar. Já nos retivemos muito tempo aqui. É falta de educação.

No caminho, em direção à sala de jantar iluminada, onde à mesa redonda, embaixo da lâmpada dependurada, estavam sentados os donos e Antonina Aleksandrovna tomando chá do samovar, o sogro e o genro passaram na frente do escritório escuro do diretor.

O escritório possuía uma ampla janela de vidros inteiriços que tomava a parede inteira e elevava-se sobre o barranco. Da janela, foi o que o doutor pôde perceber, logo no início, quando ainda estava claro, abria-se, ao longe, a vista para o outro lado do barranco e para o vale pelo qual Vakkh os trouxe. Perto da janela, em toda a extensão da parede, havia um cavale-te de projetista ou desenhista. Em cima, colocada ao comprido, estava a espingarda de caça, que deixava as bordas à esquerda e à direita livres, e com isso sombreava a grande largura da mesa.

Agora também, passando pelo escritório, Iúri Andreevitch, novamente com inveja, percebeu a janela com a vista ampla, o tamanho e a posição da mesa e como o escritório era espaçoso e bem mobiliado. E essa foi sua primeira exclamação para o dono quando ele e Aleksandr Aleksandrovitch aproximaram-se da mesa de chá, na sala de jantar.

— Que lugares maravilhosos vocês têm aqui! E que escritório magnífico, estimula para o trabalho, inspira.

— Querem o chá no copo ou na xícara? E gostam dele como? Fraco ou forte?

— Olhe só, Iurotchka, o estereoscópio que o filho de Averki Stepanovitch fez quando era pequeno.

— Ele até hoje não cresceu, não criou juízo, apesar de estar tomando do Komutch, região atrás de região, para o Poder dos Sovietes.

— O que o senhor disse?

— Komutch.

— O que é isso?

— É o exército do Governo da Sibéria, que defende a restauração do poder da Assembléia Constituinte.

— Passamos o dia inteiro ouvindo elogios a seu filho. É justo o senhor se orgulhar dele.

— Essas vistas dos Urais, duplas, estereoscópicas, também são trabalho dele e foram feitas com objetivas rústicas.

— Os biscoitos são com sacarina? Maravilhosos.

— Oh, nada disso! Neste fim de mundo, sacarina! Como? É o mais puro e honesto açúcar. Será que não percebeu que tirei um pedaço no açucareiro para lhe servir o chá?

— Não. Estava observando as fotos. O chá também parece natural.

— É com flores.

— De onde?

— Temos uma toalha mágica. Um conhecido. Um ativista da política atual. Possui convicções de esquerda. É o representante oficial do Soviete Regional de Economia Nacional (Gubcovnarkhoz). Abastece a cidade com a nossa lenha e nos dá, por amizade, grãos, manteiga e farinha. Siverka (assim ela chamava o seu Averki), Siverka, passe-me o açucareiro. Agora, interessante, me responda: em que ano morreu Griboiedov [{75}](#)?

— Ele nasceu, acho, em 1795. Mas não me lembro exatamente de quando morreu.

— Mais chá?

— Não, obrigada.

— Agora, diga-me o seguinte: quando e entre que países foi assinada a paz de Nimwegen [{76}](#)?

— Lenotchka, não os torture. Deixe-os descansar da viagem.

— Agora quero saber o seguinte. Enumere, por favor, os tipos de lentes de aumento e em que casos se obtém imagens reais, invertidas, diretas e fictícias?

— De onde vêm esses conhecimentos da física?

— Tivemos um maravilhoso matemático aqui em Iuriatin. Lecionava em dois ginásios, no masculino e no nosso. Como explicava, como explicava! Um Deus! Mastigava tudo e colocava na nossa boca. Antipov. Era casado com uma professora local. As meninas eram loucas por ele, todas se apaixonavam por ele. Foi como voluntário para a guerra e não retornou mais, foi morto. Afirmam que por praga de Deus e castigo dos céus, o comissário Strelnikov é o Antipov ressuscitado. Tudo lenda, é claro. Não me parece. No entanto, quem sabe? Tudo pode ser. Mais uma xícara de chá.

Varikino



1

No inverno, quando havia mais tempo livre, Iúri Andreevitch começou a fazer várias anotações. Escreveu o seguinte:

"Freqüentemente gostaria no verão de repetir Tiutchev [{77}](#).

Que verão, que verão é esse!
Pois é uma magia realmente,
E como, indago, foi possível,
Assim, sem mais nem menos?

"Que felicidade poder trabalhar para si próprio e a família de sol a sol, erguer a moradia, arar a terra pensando no sustento, criar seu mundo como Robinson, imitar Deus na criação do universo e, como a mãe que dá à luz, gerar de novo e de novo para o mundo!

"Quantas idéias passam pela mente, quantas coisas novas são repensadas, enquanto as mãos estão ocupadas com o trabalho muscular, físico, na terra ou de carpinteiro; enquanto nos propomos tarefas sensatas e fáceis de resolver fisicamente, que, ao serem cumpridas, nos recompensam com alegria e sucesso; enquanto cava-se a terra ou dão-se machadadas durante seis horas ininterruptas sob o céu aberto que nos queima com seu sopro benéfico. E o que faz esses pensamentos, suposições e intuições não serem anotados no papel, mas esquecidos em sua passagem fugaz não é nenhuma perda, e sim um ganho. Eremita urbano, que açoita com café forte ou com tabaco os

nervos abalados e a imaginação, você não conhece o mais poderoso dos narcóticos contido na necessidade verdadeira e na saúde de ferro.

"Não vou adiante do dito, não prego a renúncia de Tolstoi nem o retorno à terra, não invento uma correção do socialismo sobre a questão agrária. Apenas estabeleço um fato, não elevo em sistema o nosso destino desviado casualmente. O nosso exemplo é discutível e não serve como conclusão geral. Nossa propriedade é de uma composição muito heterogênea. Somente de uma pequena parte dela, tiramos o que conseguimos com o trabalho de nossas próprias mãos — o estoque de legumes e batatas. Todo o restante vem de outras fontes.

"A nossa utilização da terra é ilegal. Está arbitrariamente omitida do controle estabelecido pelo poder estatal. Nossas derrubadas florestais são um roubo, imperdoável por estarmos roubando do bolso do Estado o que antigamente pertencia a Krüger. Somos encobertos pela conivência de Mikulitsin que vive mais ou menos da mesma maneira, somos salvos pelas distâncias, pelo afastamento da cidade onde, por enquanto, felizmente, nada sabem das nossas malandragens.

"Renunciei à medicina, tento omitir que sou doutor para não tolher a minha liberdade. Porém, sempre alguma boa alma no fim do mundo descobre que se mudou um médico para Varikino, e de distâncias de mais de trinta quilômetros pessoas vêm se consultar. Uma com a galinha, outra com ovos, outra ainda com manteiga ou algo mais. Por mais que eu recuse os honorários não consigo livrar-me deles, porque as pessoas não acreditam na eficácia da consulta gratuita, sem recompensa. Então, algo me dá a minha prática médica. Mas o nosso apoio principal e de Mikulitsin é Samdeviatov.

"São incompreensíveis as contradições que reúne em si este homem. Ele defende com sinceridade a revolução e é digno da confiança que o Soviete Municipal de Iuriatin lhe delegou. Com seus plenos poderes ele poderia muito bem requisitar e exportar a madeira da floresta de Varikino, mesmo sem nos dizer nada e os Mikulitsin e nós nem sequer pestanejaríamos. Por outro lado, caso desejasse roubar do Estado poderia tranquilamente pôr no bolso o quanto quisesse e ninguém daria sequer um pio. Ele não tem com quem dividir e ninguém para presentear. Então o que o faz se preocupar conosco, ajudar aos Mikulitsin e apoiar a todos na região, como por exemplo, o chefe da estação Torfenaia? Ele a toda hora viaja, consegue algo

e traz. Destrincha e explica *Os demônios*, de Dostoievski, e o Manifesto Comunista da mesma forma atraente. E parece-me que caso não complicasse a sua vida sem necessidade e de maneira tão imprudente e evidente, morreria de tédio."

2

Um pouco mais tarde o doutor anotou:

"Acomodamo-nos na parte dos fundos da velha casa senhorial, em dois quartos de construção de madeira que durante a infância de Anna Ivanovna eram destinados por Krüger aos criados escolhidos, à costureira doméstica, à governanta e à babá aposentada.

"Aquele canto estava bastante velho. Reformamos rapidamente o local. Com a ajuda de pessoas entendidas no assunto, refizemos o forno que aquecia os dois cômodos. Com a atual posição da circulação ele aquecia mais e melhor.

"Naquele local do parque, as marcas do antigo traçado sumiram sob a nova vegetação, que preencheu tudo. E agora, no inverno, quando tudo em volta está morto e o vivo não esconde o que morreu, as marcas do passado, cobertas pela neve, ficaram mais evidentes.

"Tivemos sorte. O outono foi seco e quente. Deu tempo de colhermos a batata antes das chuvas e do início do frio. Tirando o que devíamos e que agora devolvemos aos Mikulitsin, temos até vinte sacos de batata que estão no celeiro da adega, protegidos com feno e cobertores velhos e rasgados. Para o mesmo subsolo, levamos dois barris de pepinos em conserva preparados por Tônia e a mesma quantidade de repolho azedo (chucrute) que ela também preparou. O repolho fresco foi fixado nas colunas, forquilha com forquilha, amarrados em par. Na areia seca, foram enterradas as reservas de cenoura. No mesmo local há uma quantidade suficiente de rabanetes, beterrabas e nabos e na parte superior da casa há muitos grãos e legumes. A lenha do galpão será suficiente até a primavera. No inverno, gosto de sentir a respiração quente do subsolo, que vem até as nossas narinas, das raízes, da terra e da neve ao suspender a portinhola da adega de manhã bem cedo, antes

do alvorecer do dia invernal, tendo nas mãos um fogo fraco de vela, sem brilho e pronto para apagar-se.

"Ao sair do porão o dia mal começou. A porta range ou espirra sem querer, ou então simplesmente a neve estala sob os pés e da distante horta, com os talos de repolhos para fora, os coelhos fogem deixando suas pegadas marcadas na neve ao redor. E nas redondezas, os cachorros começam a latir um atrás do outro, durante muito tempo. Os últimos galos já cantaram, não devem cantar mais. Então começa a clarear.

"Além das pegadas dos coelhos, o lince deixa as suas marcas ao cruzar o vale coberto de neve, covinha com covinha, que se estendem em linha cuidadosamente encadeada. O lince caminha como um gato, patinha atrás de patinha, realizando, como afirmam, travessias quilométricas durante a noite.

"Para eles, colocam armadilhas, *sloptsi*, como são chamadas aqui. No lugar dos lincos, caem nas armadilhas as pobres lebres que são retiradas congeladas, rígidas e cobertas de neve.

"No início, na primavera e no verão, foi muito difícil. Trabalhávamos além de nossas forças. Agora, nas noites de inverno, descansamos. Nos reunimos, graças a Anfim, que nos abastece com querosene, em torno da lâmpada. As mulheres costuram ou tricotam, eu ou Aleksandr Aleksandrovitch lemos em voz alta. O fogão é aceso e eu, como um velho conhecedor de fogões, cuido dele para fechar a portinhola na hora certa e não desperdiçar calor. Caso um toco que não queimou até o final atrase o aquecimento, pego-o e, correndo, levo-o enfumaçado até a porta e atiro-o bem longe, na neve. Espalhando fagulhas, ele voa como uma tocha em chamas pelo ar, iluminando a margem do parque adormecido com os quadrados brancos das clareiras. A tocha chia e apaga ao cair na neve.

"Releio sem fim *Guerra e paz*, *Eugênio Oneguín* e todos os poemas de Puchkin, lemos as traduções russas de *O vermelho e o negro*, de Stendhal, *Contos de duas cidades*, de Dickens e contos curtos de Kleist."

Mais perto da primavera o doutor escreveu:

"Acho que Tônia está grávida. Falei com ela sobre o assunto. Ela não compartilha da minha suposição, mas estou certo disso. Não posso estar sendo enganado pelos sinais precedentes e menos perceptíveis até a chegada dos mais evidentes.

"O rosto da mulher muda. Não se pode dizer que ficou mais feia. Mas sua aparência, que antes ela dominava por completo, foge ao seu controle. É administrada agora pelo futuro que sairá dela e não mais por ela. Quando a aparência foge ao controle da mulher, transforma-se num desequilíbrio físico. Seu rosto fica opaco, a pele torna-se áspera e os olhos começam a brilhar não como ela deseja mas de forma diferente. Parece que ela não deu conta de cuidar de tudo isso e tornou-se negligente.

Eu e Tônia nunca nos distanciamos um do outro. E aquele ano de trabalho nos aproximou mais ainda. Eu observava como Tônia era despachada, forte e incansável, como era perspicaz na escolha de trabalhos para que, ao trocar de atividade, perdesse o mínimo de tempo possível.

"Sempre achei que toda concepção é imaculada, e que esse dogma a respeito de Nossa Senhora contém o conceito genérico da maternidade.

"Em qualquer parturiente encontra-se o mesmo reflexo da solidão, do abandono e da concessão de si mesma. O homem, hoje, está tão afastado desse instante essencial como se ele não existisse, como se tudo tivesse caído do céu.

"A mulher traz sozinha ao mundo seus filhos, sozinha transporta-se para um segundo plano da existência onde tudo é mais tranqüilo e onde pode-se colocar o berço, sem medo. Ela, sozinha em sua resignação, alimenta e cria os filhos.

"Pedem a Nossa Senhora: 'Ore dedicadamente por Teu Filho e Teu Deus.' Colocam em seus lábios trechos do salmo: 'Meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque olhou para sua pobre serva. Por isto, desde agora, me proclamam bem-aventurada em todas as gerações.' Isso ela fala sobre seu filho, ele a exaltará ('Porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso'), ele é a sua glória. E cada mulher pode dizer o mesmo. O seu Deus está na sua criança. As mães de grandes personalidades devem conhecer bem esse sentimento. Mas todas as mães, decididamente, deram à luz grandes personalidades, a culpa não é delas se a vida depois as enganou."

"Estamos relendo sem parar *Eugênio Oneguín* e poemas. Ontem apareceu Anfim, trouxe presentes. Estamos nos deliciando e nos informando. Travamos conversas infinitas sobre a arte.

"A minha idéia antiga de que a arte não seja denominação de uma categoria ou área que abranja um imenso número de conceitos e de fenômenos ramificados, mas ao contrário, que é algo restrito e concentrado, a marca do princípio que faz parte de uma obra de arte, a denominação da força exercida por ela ou da verdade que ela elabora. A arte nunca me pareceu um objeto ou um aspecto da forma, mas, antes de tudo, um elemento misterioso e oculto do conteúdo. Para mim, isso é mais claro que o dia, eu sinto isso com todas as fibras do meu ser, porém como expressar e formular essa idéia?

"As obras falam muito: com os temas, com a forma, com os enredos e heróis. No entanto, falam muito mais com o conteúdo artístico presente nelas. O elemento artístico nas páginas de *Crime e castigo* comove mais do que o crime de Raskolnikov.

"A arte primitiva, a arte egípcia, a arte grega e a nossa arte foram, seguramente, durante milênios uma mesma coisa e ainda permanecem como uma arte singular e única. Existe uma certa idéia, uma certa afirmação sobre a vida que, por toda sua amplitude envolvente, não pode ser decomposta em palavras e, quando um grãozinho dessa força faz parte de uma combinação mais complexa, esse tecido da arte supera o sentido de todo resto e revela-se como conteúdo, espírito e fundamento do conjunto representado."

"Estou um pouco resfriado, tossindo e, acho, com um pouco de febre. Passo o dia inteiro ofegante, próximo à laringe falta-me ar, sinto como se uma bola estivesse subindo até minha garganta. É, estou mal. Isso é a aorta. Os primeiros avisos da doença hereditária, que herdei de minha pobre

mãezinha, que sofreu do coração até o fim da vida. Será possível? Tão cedo? Neste caso, não será longa a minha passagem por esse mundo.

"O ar, no quarto, está com cheiro enjoativo. Estão passando roupa e volta e meia pegam carvão em brasa do forno mal aquecido e colocam-no dentro do ferro cuja tampa fica chocalhando como se fossem dentes. Isso lembra-me algo que não consigo recordar. Estou com a memória fraca por causa da doença.

"Anfim trouxe sabão em barra e de tanta felicidade, inventamos uma faxina geral e Churotchka já está há dois dias sem cuidados. Quando estou escrevendo, ele enfia-se embaixo da mesa, senta em cima da barra fixa entre os pés e, imitando Anfim, que leva-o a cada visita para andar de trenó, faz de conta que me leva em seu trenó.

"Assim que eu me restabelecer, tenho de ir à cidade ler algo sobre a etnografia da região, sobre sua história. Afirmam que existe uma maravilhosa biblioteca na cidade, composta de algumas doações valiosas. Tenho vontade de escrever. Tenho que me apressar. A primavera chegará, quando menos se esperar. Então não terei tempo para a leitura.

"A dor de cabeça está mais intensa. Dormi mal. Tive um sonho confuso, daqueles que logo se esquece ao acordar. O sonho fugiu da minha cabeça e na consciência ficou somente o motivo do despertar. Uma voz feminina que ouvi no sonho acordou-me, uma voz ensurdecidora. Guardei o seu som e ao reproduzi-lo na memória, recordava mentalmente as mulheres conhecidas, imaginando qual delas poderia ser a dona dessa voz profunda, quente, grave. Não pertencia a nenhuma delas. Pensei que me habituara excessivamente com Tônia e que isso fosse uma barreira entre nós dois, embotando meu ouvido em relação a ela. Tentei esquecer-me de que ela era minha mulher e afastei sua imagem a uma distância suficiente para fazer surgir a verdade. Não, mesmo assim, não era a sua voz. Assim, isso não foi elucidado.

"Aliás, falando de sonhos, dizem que, à noite, sonhamos normalmente com aquilo que, de dia, durante nossas atividades, impressionou-nos demasiadamente. Minhas observações caminham em sentido oposto.

"Por diversas vezes, notei que as coisas que passaram quase despercebidas durante o dia, os pensamentos que não foram esclarecidos, as palavras ditas sem pensar e ouvidas sem atenção, retornam à noite

fortalecidas e tornam-se temas de sonhos, como compensando o menosprezo recebido durante o dia."

6

"Uma noite clara e fria. A luminosidade é espetacular e o visível é integrado. A terra, o ar, a lua, as estrelas estão soldados juntos pelo gelo. No parque, atravessadas na aléia, estão as sombras das árvores que parecem afiadas e salientes. A toda hora, tem-se a impressão de que figuras negras atravessam infinitamente e em diferentes locais a estrada. As estrelas maiores, como se fossem lanternas de malacacheta azul, ficam dependuradas na floresta, entre os galhos. O céu está encoberto pelas pequenas estrelas, como as várzeas de margaridas no verão.

"As conversas sobre Puchkin são contínuas. Analisamos os poemas da época do liceu, reunidos no primeiro volume. Como muita coisa dependia da escolha do ritmo do verso!

"Nos poemas de versos longos, o limite da sua ambição de jovem era o Arzamas ^{78}, o desejo de ficar à altura dos mais velhos, fazer ironia com seu tio através de alusões à mitologia, da grandiloquência, da depravação imaginária do epicurismo, da sensatez fingida e prematura.

"Porém, assim que o jovem se afastava das imitações de Ossian ou Parni ou das *Recordações de Tzarskoie Selo*, caía nos versos curtos de *A cidadezinha* ou *Mensagens para minha irmã*, ou mais tarde no escrito em Kichiniov "Para o meu tinteiro" ou no ritmo de *Mensagens para Iudin*, já no adolescente desperta o futuro Puchkin.

"Para seus versos, como se fosse através de uma janela para dentro do quarto, irrompiam da rua a luz e o ar, o rumor da vida, as coisas, a essência. Os objetos do mundo externo, os objetos caseiros, os substantivos se aglomeravam e atacavam, dominavam as linhas suplantando palavras mais vagas. Objetos, objetos, sempre objetos enfileiravam-se em colunas rimadas pelas beiradas do poema.

"Exatamente esse verso de quatro pés, posteriormente famoso como o tetrâmetro de Puchkin, veio a tornar-se uma unidade métrica da vida russa,

sua medida linear, como se fosse a medida tirada de toda existência russa da mesma forma que se desenham a forma do pé para fazer o sapato ou dá-se o número da luva para encontrar uma que caiba na mão.

"Da mesma maneira, mais tarde, os ritmos orais da Rússia, a entonação cantarolada do seu falar encontraram sua medida de duração nas rimas emparelhadas em três e nas rimas dátilas de Nekrasov [{79}](#).

7

"Como eu gostaria, junto com meu serviço, com o trabalho na terra ou a prática médica acalentar algo que permanecesse, algo importante, escrever algum trabalho científico ou alguma obra literária!

"Ao nascer, todo homem é um Fausto para tudo abraçar, tudo experimentar, tudo expressar. Para que Fausto se tornasse um sábio, foram necessários os erros de seus predecessores e de seus contemporâneos. Um passo à frente na ciência se dá pela lei da repulsão, a partir da negação dos enganos e falsas teorias reinantes.

"Para que Fausto se tornasse um artista, os exemplos contagiosos dos seus mestres foram fundamentais. Um passo à frente na arte, faz-se pela lei da gravidade, a partir da imitação, seguindo e admirando os precursores preferidos.

"Então o que me impede de servir, exercer a medicina e escrever? Eu acho que não são nem as privações nem a vida errante, nem a instabilidade que me causam as mudanças freqüentes mas sim o espírito do tempo que predomina em nossos dias, tão difundido como 'a aurora do futuro', 'a construção do mundo novo', 'os luminares da humanidade'. É só ouvir isso que de início dizemos — que amplidão da fantasia, que riqueza! Mas na verdade, a ênfase, a arrogância só estão ali por causa da falta de talento.

"As coisas comuns só são fabulosas quando tocadas pela mão do gênio. O melhor exemplo disso é Puchkin. Que louvor ao trabalho honesto, ao dever, às tradições cotidianas! Hoje em dia, começa a soar como reproche a palavra pequeno-burguês. Esse reproche foi censurado nos versos de *genealogia*.

Sou burguês pequeno-burguês.

E da Aventura de *Onegin*:

Meu ideal agora é uma dona de casa,
Meus desejos são a tranqüilidade,
Mais um prato de sopa, dos bem grandes.

"De tudo que é russo, o que mais gosto agora é do espírito infantil de Puchkin e Tchekov, sua indiferença pudica sobre coisas tão altas, como os objetivos finais da humanidade e a salvação deles mesmos. Eles também entendiam muito bem disso tudo, mas não tinham tempo para abordar tais assuntos, nem tempo, nem patente! Gogol, Tolstoi, Dostoievski prepararam-se para a morte, inquietavam-se, procuravam o sentido da vida, tiravam conclusões, mas Puchkin e Tchekov, até o fim, estavam absorvidos com as particularidades decorrentes do reconhecimento artístico e por trás desses pormenores sua vida passou imperceptivelmente, como uma particularidade íntima, sem importância para ninguém. E agora, essa particularidade pertence a todos como uma maçã verde colhida da árvore, que amadurece sozinha, na posteridade, tornando-se mais doce e com mais sentido."

"O primeiro sinal da primavera é o degelo. O cheiro de panquecas e vodca está no ar, como durante o carnaval, quando o calendário parece cometer equívocos. Na floresta, o sol semicerra os olhos sonolenta e oleosamente, a floresta semicerra as pestanas de espinho sonolentamente, as poças brilham, à tarde, oleosamente. A natureza boceja, espreguiça-se, vira-se para o outro lado e adormece novamente.

No sétimo capítulo de *Eugênio Onegin* é primavera, a mansão senhorial está vazia após a partida de Onegin e o túmulo de Lenski está

embaixo, próximo à água, sob a colina.

E o rouxinol, amante da primavera,
Canta a noite inteira. Floresce a roseira.

"Por que amante? Analisando bem, o epíteto é natural, bem empregado. Realmente amante. E além do mais, é rima para a palavra 'roseira'. Porém, será que não foi associado dessa forma ao épico "Rouxinol-bandido"?"

"Na lenda, ele se chama Rouxinol-bandido, filho de Odikhmat. É tão bem descrito:

Será de seu assobio de rouxinol,
Ou será de seu grito animal,
Que todas as ervas e matinhos entrelaçam-se,
Todas as florezinhas azuis despetalam-se.
Os bosques negros inclinam-se em reverência,
E quanto às pessoas, estão todas mortas.

"Chegamos a Varikino no início da primavera. Logo tudo tornou-se verde, principalmente em Chutma, como é denominado o barranco embaixo da casa de Mikulitsin, a cereja-galega, o amieiro, a aveleira. Algumas noites depois os rouxinóis começaram a chilrear.

"E novamente, como se os estivesse ouvindo pela primeira vez, impressionei-me com o fato de seu canto se destacar entre os cantos de outros pássaros, e que salto, sem uma passagem gradual, dá a natureza para atingir a riqueza e singularidade desse chilrear. Quanta diversidade nas passagens dos tons e que força no som nítido e ressonante! Turgenev descreveu em algum lugar esses assobios como a flauta do *lechii* ^{80} ou o rodopio do pão. Destacam-se claramente duas rotações. A freqüente, ávida e exuberante *tiokh-tiokh-tiokh*, às vezes em três tempos, às vezes sem ritmo, mas para a qual a vegetação, coberta pelo orvalho, sacode-se e

embeleza-se, estremecendo como se fosse por carícias. A outra, que se decompõe em dois estilos, apela, penetra, implora, parecendo um pedido ou sermão: *Des-per-te! Des-per-te! Des-per-te!*"

9

"É primavera. Estamos nos preparando para os trabalhos no campo. Falta tempo para o diário. Como é agradável fazer estas anotações. Mas vou ter que adiar até o inverno.

"Um dia desses — dessa vez foi realmente durante o carnaval, no meio do lamaçal — um camponês doente entrou no pátio de trenó, passando pela água e pela sujeira. Obviamente, recusei-me a recebê-lo. 'Não leve a mal, amigo, parei com isso. Não tenho o novo receituário, nem a aparelhagem necessária.' Mas quem disse que me livraria dele tão facilmente? 'Me ajude. Estamos com algo na pele. Seja piedoso. É uma doença do corpo.'

"O que fazer? O coração não é uma pedra. Resolvi atendê-lo. 'Dispa-se.' Examino. 'Está com lúpus.' Medico-o, olhando vez ou outra para a garrafa com fenol no batente da janela. (Meu Deus do céu, nem me perguntem de onde tirei-a e ainda outras coisas, o mais necessário! É coisa do Samdeviatov.) Olho para o pátio e vejo outros trenós com novos doentes, assim pareceu-me no primeiro minuto. Mas cai, como do céu, o irmão Evgraf. Durante algum tempo, ficou à disposição dos de casa, de Tônia, Churotchka e Aleksandr Aleksandrovitch. Depois, ao me desocupar, junto-me a eles. Começam as perguntas — como, veio de onde? Como de costume, esquiva-se, desvia o assunto, não dá nenhuma resposta direta, só sorrisos, maravilhas, mistérios.

"Ficou quase duas semanas; freqüentemente, ausentava-se para ir até Iuriatin e, de repente, sumiu, desapareceu sem deixar vestígios. Durante esse tempo consegui perceber que ele era mais influente que Samdeviatov e que seus negócios e ligações eram menos explicáveis ainda. De onde veio? De onde tira seu poder? O que faz? Antes de sumir prometeu aliviar o nosso trabalho para que Tônia tivesse tempo de educar Chura e eu dedicar-me à medicina e ocupar-me da literatura. Curiosos, indagamos o que iria fazer para conseguir isso. Como resposta, recebemos novamente silêncio e

sorrisos. Mas não nos enganou. Temos sinais de que as nossas condições de vida realmente estão mudando.

"Que coisa impressionante! É meu meio-irmão. Tem o mesmo sobrenome. Mas conheço-o, propriamente falando, menos do que todos.

"Já é a segunda vez que irrompe na minha vida como um bondoso gênio, libertador, solucionando nossas dificuldades. Pode ser que o conteúdo de cada biografia, junto com os personagens nela encontrados, exija a participação de uma força misteriosa e ignorada, de personalidades quase simbólicas que vêm nos prestar ajuda sem ser chamadas. E que o papel dessa mola benfeitora e misteriosa na minha vida faz o meu irmão Evgraf?"

Aqui terminaram as anotações de Iúri Andreevitch. Ele nunca mais as continuou.

10

Iúri Andreevitch olhava, na sala da biblioteca de Iuriatin, os livros encomendados. A sala de leitura, para cem pessoas, estava mobiliada com mesas compridas colocadas em várias fileiras, com o lado mais estreito voltado para as inúmeras janelas. Quando escurecia, a sala fechava. Durante a primavera, a cidade não era iluminada à noite. Mas Iúri Andreevitch, mesmo assim, nunca permanecia até o anoitecer, e nem se detinha na cidade além da hora do almoço. Deixava o cavalo, emprestado pelos Mikulitsin, na hospedaria de Samdeviatov, lia a manhã toda e na metade do dia retornava, montado, para casa, em Varikino.

Antes dessas visitas à biblioteca, Iúri Andreevitch raramente ia a Iuriatin. Não tinha nada em especial para resolver na cidade. O doutor a conhecia mal. E quando, diante de seus olhos, a sala, a poucos, enchia-se de habitantes de Iuriatin que se sentavam longe ou bem perto dele, Iúri Andreevitch tinha a impressão de que estava conhecendo a cidade como se estivesse de pé em um de seus cruzamentos mais movimentados e tinha a sensação de que, para dentro da sala, afluíam não os leitores iuriatinianos e sim as casas e as ruas nas quais eles habitavam.

Entretanto, avistava-se a Iuriatin real, a verdadeira e não a imaginada, pelas janelas da sala. Na janela do meio, a maior de todas, havia um tanque

com água fervida. Os leitores, para descansar, saíam até a escada para fumar, cercavam o tanque, bebiam água, jogando os restos na bacia, e amontoavam-se do lado da janela, admirando a vista da cidade.

Havia dois tipos de leitores: os guardiães da intelectualidade local, que eram a maioria, e as pessoas simples do povo.

O primeiro tipo, onde predominavam mulheres pobremente vestidas e desleixadas, era de pessoas de aparência doentia, que pararam de se cuidar e tinham rostos esticados e obesos por diferentes motivos: fome, icterícia ou hidropisia. Eram leitoras assíduas, conheciam pessoalmente os funcionários da biblioteca e sentiam-se ali como em suas casas.

As pessoas do povo, com rostos bonitos e saudáveis, limpas e em roupas de festa, entravam na sala tímidas e medrosas como numa igreja e faziam mais barulho do que o normal, não por desconhecer as regras, mas pela vontade de querer entrar silenciosamente e não saber medir seus passos e vozes saudáveis.

Em frente às janelas, havia uma cavidade na parede. Neste nicho elevado ficava um balcão alto separado da sala. Era onde os funcionários, o bibliotecário-chefe e suas duas auxiliares dedicavam-se a seus afazeres. Uma das auxiliares, com um lenço de lã, tirava e colocava o pincenê no nariz ininterruptamente, com certeza não pela necessidade de sua vista e sim por causa da mudança de seu estado de espírito. A outra, numa blusa de seda preta, provavelmente sofria de problemas no peito, pois não tirava o lenço do nariz e da boca, falava e respirava no lenço.

Os funcionários da biblioteca tinham os mesmos rostos inchados, esticados para baixo e obesos, como a maioria dos leitores; a mesma pele flácida, caída, terrosa e esverdeada, da cor de pepino salgado e do mofo cinza. Os três, alternadamente, faziam o mesmo: explicavam, cochichando para os novos freqüentadores, as regras de utilização dos livros, examinavam as fichas com as exigências, entregavam e recebiam os livros devolvidos e nos intervalos elaboravam relatórios anuais.

Estranhamente, por um inexplicável encadeamento de idéias, diante da cara real da cidade que surgia através da janela e a imaginada na sala, como também em função da semelhança provocada pelo inchaço mortal e geral, pois parecia que todos haviam adoecido de bócio, Iúri Andreevitch lembrou-se da agulheira insatisfeita da ferrovia de Iuriatin, na manhã do dia de sua

chegada e da vista geral da cidade ao longe, de Samdeviatov sentado no chão do lado dentro do vagão e de suas explicações. Estas explicações, que foram dadas longe dos limites da localidade e de longa distância, Iúri Andreevitch queria interligar com aquilo que via agora de perto, no coração da imagem. Mas ele não se lembrava das indicações de Samdeviatov e portanto nada conseguia.

11

Iúri Andreevitch estava sentado no distante fundo da sala, cercado de livros. Diante dele, havia revistas com estatísticas da *zemstvo* local e alguns trabalhos sobre a etnografia da região. Tentou solicitar mais duas obras sobre a história de Pugatchev, mas a bibliotecária de blusa de seda, apertando o lenço contra os lábios, fez uma ressalva, dizendo que não se entregavam tantos livros de uma só vez para uma mesma pessoa e que, para receber as pesquisas que lhe interessavam, ele deveria primeiro devolver uma parte dos guias e revistas já emprestados.

Por isso, Iúri Andreevitch começou a ler com mais cuidado e pressa os livros que ainda estavam em seu poder para destacar e reter na memória o essencial dos trabalhos neles contidos, a fim de poder trocar o restante por trabalhos históricos que lhe interessavam. Com rapidez, folheava os livros e percorria com os olhos os títulos, não se distraía e nem olhava para os lados. A movimentação da sala não o atrapalhava e nem desviava sua atenção. Ele já havia analisado bem todos os seus vizinhos e via-os mentalmente, à esquerda e à direita, sem tirar os olhos do livro, com o sentimento de que as pessoas permaneceriam as mesmas até ele ir embora, assim como não sairiam do lugar as igrejas e os prédios da cidade que se avistavam da janela.

A bibliotecária resfriada desceu da elevação cercada e dirigiu-se para as janelas com cortinas pregueadas e enfeitadas, feitas de um pano branco e que filtravam agradavelmente a luz. A bibliotecária abaixou as cortinas de todas as janelas, menos de uma. A cortina desta janela, que ficava na sombra, ela deixou levantada. Puxando um cordão, ela abriu uma janelinha que havia nela e começou a espirrar.

Depois de espirrar pela décima ou décima segunda vez, Iúri Andreevitch percebeu que ela era uma das cunhadas de Mikulitsin, uma das irmãs Tuntsev, sobre as quais havia falado Samdeviatov. Seguindo os olhares dos outros leitores, Iúri Andreevitch levantou a cabeça e olhou para o lado dela.

Então percebeu uma mudança ocorrida na sala. Do lado oposto, agregara-se uma nova visitante. Iúri Andreevitch logo reconheceu Antipova. Estava sentada de costas para as mesas da frente, onde estava o doutor, e conversava a meia voz com a bibliotecária resfriada, que, por sua vez, de pé, inclinava-se até Larissa Fiodorovna, e cochichava com ela. Certamente esta conversa teve uma ação benéfica sobre a bibliotecária. Ela ficou boa num instante, não só de sua coriza enfadonha, mas também da tensão nervosa. Depois de lançar a Antipova um olhar cordial e grato, ela afastou o lenço que a toda hora apertava contra os lábios e, enfiando-o no bolso, retornou para o seu lugar atrás do balcão, feliz, autoconfiante e sorridente.

Esta cena, marcada por uma pequena emoção, não passou despercebida pelos presentes. De todos os lados da sala, olhavam com simpatia para Antipova e também sorriam. A partir destes insignificantes sinais, Iúri Andreevitch entendeu como conheciam e gostavam dela na cidade.

12

A primeira intenção de Iúri Andreevitch foi de levantar-se e ir até Larissa Fiodorovna. Mas o constrangimento e a ausência de simplicidade, estranhos à sua natureza, mas estabelecidos por ele em relação a ela, falaram mais alto. Resolveu não atrapalhá-la nem interromper seu próprio trabalho. Para se defender da tentação de olhar para o lado dela, ele virou sua cadeira com a lateral para a mesa, quase de costas para os presentes e mergulhou em seus livros, segurando um aberto na mão e outro no colo.

No entanto, seus pensamentos pairavam em outro mundo, longe do objeto de suas leituras. Sem ter nenhuma ligação com os livros que lia, de repente ele entendeu que a voz, ouvida no sonho numa noite de inverno em Varikino, era a voz de Antipova. Sua descoberta o impressionou e, atraindo a atenção dos presentes, ele virou bruscamente a cadeira para a posição anterior de

forma que pudesse ver Antipova de onde estava sentado e começou a olhar para ela.

Antipova estava de lado, de perfil, quase de costas. Vestia uma blusa clara xadrez, amarrada com um cinto e lia entusiasmada, com abnegação, feito criança, com a cabeça um pouco inclinada para o ombro direito. Às vezes ficava pensativa, levantava os olhos para o teto ou então apertando os olhos dirigia o olhar para algum lugar à sua frente, depois encostava-se novamente, apoiando a cabeça na mão e, com um movimento rápido e espaçado, anotava no caderno, com o lápis, observações do livro.

Iúri Andreevitch conferia e confirmava suas velhas observações feitas em Meliuzeev. "Ela não quer ser atraente", pensava ele, "ser bonita, fascinante. Ela detesta este lado da essência feminina e parece querer se castigar por ser tão bonita. E esta inimizade orgulhosa em relação a si mesma a faz dez vezes mais irresistível."

"Como é bom tudo que ela faz. Ela lê, assim como se esta não fosse a atividade suprema do homem, mas uma atividade simples, acessível aos animais. Parece que está carregando água ou descascando batata."

Com estes pensamentos, o doutor acalmou-se. Uma paz passageira e rara dominou sua alma. Seus pensamentos pararam de se dispersar e saltar de um objeto para outro. Ele sorriu involuntariamente. A presença de Antipova causava nele o mesmo efeito que na bibliotecária nervosa.

Sem preocupar-se com sua cadeira e sem temer empecilhos e distrações, ele trabalhou durante uma hora ou uma hora e meia com mais afinco e concentração do que antes da chegada de Antipova. Remexeu a montanha de livros que estava à sua frente, selecionou o mais necessário e até conseguiu, de passagem, engolir dois artigos essenciais que encontrou. A fim de se deliciar com o seu feito, ele começou a juntar os livros para levá-los até a mesa de entrega. Todos os pensamentos estranhos que denegriam a sua consciência abandonaram-no. Com a consciência limpa e livre de segundas intenções, pensou que depois de cumprir com sua obrigação ele tinha todo o direito de se encontrar com a velha e carinhosa conhecida e permitir-se legalmente essa alegria. Porém, ao se levantar e observar a sala, não avistou Antipova. Ela não estava mais na sala.

No balcão, para onde o doutor levou seus volumes e brochuras, ainda estavam os livros devolvidos por Antipova que não foram recolhidos. Todos

eram diretrizes sobre o marxismo. Provavelmente, como uma ex-professora à procura de uma colocação, tentava com seus próprios esforços fazer uma reciclagem política.

Dentro dos livros, encontravam-se as solicitações de Larissa Fiodorovna direcionadas à catalogação. As fichinhas, com as pontas para fora dos livros, estavam com o seu endereço. Era fácil ler. Iúri Andreevitch copiou, estranhando as referências: "Kupetcheskaia, em frente à casa com figuras".

Ao informar-se na mesma hora com alguém, Iúri Andreevitch soube que a expressão "casa com figuras", em Iuriatin, é tão habitual quanto a denominação dos arredores de acordo com os nomes das igrejas, em Moscou, ou o nome "perto das cinco esquinas", em Petersburgo.

Assim chamava-se a casa azul-cinzenta, cor de aço, com cariátides e estátuas de musas clássicas antigas com pandeiros, líras e máscaras nas mãos, construída no século passado por um comerciante-teatrólogo para o seu teatro particular. Os herdeiros do comerciante venderam a casa para a câmara de comércio que deu o nome à rua, em cuja esquina a casa se localizava. Esta casa com figuras era a referência para toda a localidade adjacente. Agora a casa abrigava o comitê municipal do partido, e nas paredes da sua estrutura oblíqua, inclinada e rebaixada, onde, em outros tempos, colavam os cartazes teatrais e de circo, agora penduravam os decretos e as deliberações do governo.

13

Era um dia frio e com vento, do início de maio. Depois de andar pela cidade a negócios e de entrar, por um minuto, na biblioteca, Iúri Andreevitch, inesperadamente, suspendeu todos os seus planos e foi procurar Antipova.

O vento freqüentemente o parava no caminho, obstruindo-lhe a passagem com nuvens de areia e poeira. O doutor virava-se, fechava os olhos, inclinava a cabeça, esperando a poeira passar, e seguia em frente.

Antipova morava na esquina da rua Kupetcheskaia com a travessa Novosvalotchni, em frente à escura casa com figuras mergulhada no azul e

que o doutor, agora, via pela primeira vez. A casa realmente fazia jus a seu apelido e deixava uma impressão estranha e inquieta.

Toda a parte superior estava circundada por cariátides mitológicas femininas do tamanho de uma pessoa e meia. Entre duas rajadas de vento, que escondiam a sua fachada, o doutor imaginou por um instante que de dentro da casa saíram todas as suas habitantes mulheres, debruçando-se nos corrimãos e olhando para ele e para a rua Kupetcheskaia, que se estendia lá embaixo.

Havia dois acessos para a casa de Antipova: um social, pela rua, e o outro, pelo pátio da travessa. Sem saber da existência do primeiro, Iúri Andreevitch escolheu o segundo.

Quando ele dobrou da travessa para o lado dos portões, o vento levantou até o céu, a terra e o lixo do pátio todo, escondendo do médico qualquer visão. De trás dessa cortina negra, surgiram a seus pés galinhas cacarejando, salvando-se do galo que as perseguia.

Quando a nuvem dissipou-se, o doutor viu Antipova perto do poço. A ventania alcançou-a com os dois baldes cheios de água na canga sobre o ombro esquerdo. Estava com um lenço amarrado às pressas na cabeça para não empoeirar os cabelos, com um nó na testa como um "cuco" e apertando com os joelhos a barra do capote em forma de balão, para que o vento não levantasse. Ela tentou caminhar em direção à casa com a água, mas parou, retida por uma nova rajada de vento, que arrancou o lenço de sua cabeça, começou a agitar os seus cabelos e levou o lenço para longe, no final do portão, onde as galinhas ainda cacarejavam.

Iúri Andreevitch correu para pegar o lenço, levantou-o perto do poço e estendeu-o para Antipova, que ficou pasma. Sempre fiel à sua naturalidade, ela não deixou transparecer nem com uma exclamação como estava impressionada e perplexa. Expressiu somente o seguinte:

- Jivago!
- Larissa Fiodorovna!
- Que milagre o traz aqui?
- Largue os baldes no chão. Eu carrego.

— Nunca volto no meio do caminho, nunca deixo o que comecei. Se veio me visitar, então vamos entrar.

— Quem mais poderia ser?

— Sabe-se lá!

— Mesmo assim, deixe-me colocar a canga no meu ombro. Não posso ficar ocioso enquanto você trabalha.

— Ah, que trabalho é esse? Não, não a darei. Vai derramar água na escada. Mas diga lá, que bons ventos o trazem? Está há mais de um ano aqui e não me deu a honra de uma visita?

— Como ficou sabendo?

— A terra é feita de boatos. E eu o vi, afinal de contas, na biblioteca.

— Por que não me chamou?

— Não vai me obrigar a acreditar que não me viu.

Atrás de Larissa Fiodorovna, que balançava levemente sob o peso dos baldes, o doutor passou por uma abóbada baixa. Era a entrada dos fundos do andar inferior. Ali, agachando-se rapidamente, Larissa Fiodorovna colocou os baldes no chão de terra, liberou o ombro da canga, endireitou-se e começou a limpar as mãos com um pequeno lenço que saiu não se sabia de onde.

— Vamos, vou levá-lo por uma passagem interna até a entrada social. Lá é claro e você poderá me aguardar um pouco. Vou levar a água pelos fundos, arrumar um pouco a casa e trocar de roupa. Está vendo a nossa escada? Seus degraus são de ferro com desenhos. De cima, através deles, vê-se tudo. A casa é antiga. Sofreu abalos nos dias de tiroteio. Atiraram com canhão. Veja como as pedras se despedaçaram. Entre os tijolos há buracos, orifícios. Neste buraco aqui eu e Kátia escondemos a chave do apartamento e tapamos com um tijolo quando saímos. Saiba disso. Pode ser que um dia venha visitar-me e não me encontre, então, por favor, seja bem-vindo, abra, entre e sintase em casa. Aguarde um pouco que logo chegarei. Veja, a chave está aqui. Mas não preciso dela agora, vou entrar pelos fundos para levar a água. A única tragédia são as ratazanas. Há um mar delas, não dão sossego. Andam em cima de nossas cabeças. A construção é velha, as paredes estão em estado precário, há buracos por toda parte. Até onde posso, conserto ou tapo,

luto com elas. Pouco adianta. Quem sabe um dia você vem me ajudar? Juntos consertaremos o chão, os rodapés. Que tal? Bom, fique aí um pouco, pensando em alguma coisa. Não vou demorar, logo o chamarei.

Aguardando a chamada, Iúri Andreevitch começou a passar com os olhos pelas paredes descascadas da entrada e as chapas de ferro fundido da escada. Ele pensava: "Na biblioteca eu comparava a sua leitura entusiasmada, apaixonada e ardente com o trabalho físico. E agora, é o contrário, ela carrega a água como se estivesse lendo, com leveza e facilidade. Esta sua suavidade está em tudo. Parece que ela tomou o impulso para a vida há muito tempo, na infância, e agora faz tudo com ligeireza, facilidade, naturalmente, com uma leveza como se tudo decorresse por si mesmo. Isto está na linha de suas costas quando se inclina, no seu sorriso que abre seus lábios e arredonda seu queixo, está em suas palavras e em seus pensamentos."

— Jivago! — Sua voz soou da porta do apartamento superior. O doutor subiu a escada.

14

— Dê-me a mão e siga-me docilmente. São dois quartos escuros e apinhados de coisas até o teto. Se entrar de frente, pode se machucar.

— É verdade, parece um labirinto. Eu jamais encontraria o caminho. E por que é assim? Estão reformando o apartamento?

— Oh, não, nada disso. O apartamento não é meu. Nem sei de quem é. Tínhamos o nosso, funcional, no prédio do ginásio. Quando o ginásio foi ocupado pela Administração Habitacional do Soviete de Iuriatin, transferiram-me, com minha filha, para uma parte deste, abandonado. Estava ainda com os móveis dos antigos donos. Havia muitos móveis. Não careço de bens de estranhos. Acomodei seus pertences nestes dois quartos e caiei as janelas. Não solte a minha mão, senão vai se perder. Assim. À direita. Agora o breu ficou para trás. É a minha porta, vai ficar claro. A soleira! Cuidado para não tropeçar!

Quando Iúri Andreevitch, com sua guia, entrou no quarto, na parede em frente à porta apareceu uma janela. O doutor ficou impressionado com o que

viu através dela. A janela dava para o pátio da casa, para os fundos das casas vizinhas e para os terrenos baldios da cidade, próximos ao rio. Lá , pastavam ovelhas e carneiros de peles tão compridas que pareciam varrer a poeira com as barras de sobretudos abertos. Havia também, além de tudo, em dois postes, viradas para a janela, duas placas que o doutor já conhecia: "Moreau e Vettchinkin. Semeadores. Debulhadores".

Sob a influência das placas, o doutor, desde as primeiras palavras, começou a descrever para Larissa Fiodorovna a sua chegada aos Urais com a família. Esqueceu-se da ligação que os boatos faziam entre Strelnikov e o marido de Larissa Fiodorovna e sem pensar, contou-lhe sobre o seu encontro com o comissário no vagão. Essa parte da história deixou Larissa Fiodorovna especialmente impressionada.

— Viu Strelnikov?! — perguntou ela, animada. — Por enquanto não direi mais nada. Como isso é importante! Parece uma predestinação que teriam de encontrar-se. Depois, um dia desses, explico por quê. Vai ficar surpreso. Se entendi direito, ele deixou-o mais bem do que mal impressionado?

— É, acho que sim. Ele deveria ter me repellido. Passamos por locais onde ele infligira suas represálias e destruições. Eu esperava encontrar um algoz bruto ou um maníaco-sufocador revolucionário, e não vi nem um nem outro. É bom quando a pessoa diverge da imagem preestabelecida por você. A pertinência da pessoa a algum tipo é seu fim, sua condenação. Mas se ele não pode ser comparado a ninguém, se não é representativo, então a metade do que se exige dele fica evidente. Está livre de si próprio, um grãozinho de imortalidade foi alcançado por ele.

— Dizem que não tem partido.

— Sim, me parece que sim. Com que atrai simpatias? Está condenado. Acho que vai terminar mal. Terá que pagar o mal que fez. Os desmandos da revolução são terríveis, não como os canalhas, mas como mecanismos sem direção, como máquinas que saíram dos trilhos. Strelnikov é da mesma forma louco como eles, mas não enlouqueceu com os livros e sim com o que viveu e sofreu. Não conheço seu segredo, porém estou certo de que possui um. Sua união com os bolcheviques é acidental. Enquanto precisam dele, suportam-no, vão pelo mesmo caminho. Mas, quando passar a necessidade, se descartarão dele sem compaixão e o pisotearão, como a muitos outros especialistas militares antes dele.

— Acha isso?

— Com certeza.

— Mas será que não há salvação para ele? Fugir, por exemplo?

— Para onde, Larissa Fiodorovna? Isso era comum na época dos czares. Agora, tente.

— Que pena! Com a sua história, despertou minha simpatia por ele. O senhor mudou. Anteriormente, não julgava a revolução tão rispidamente, com tanta irritação.

— Pois é, Larissa Fiodorovna, tudo tem limite. Já era tempo de terem chegado a algum lugar. Mas ficou claro que para os entusiastas da revolução, a confusão e o caos das mudanças e da ordem é seu único elemento, só querem algo nas proporções do globo terrestre para a construção de mundos novos. Períodos de transição são para eles um objetivo em si mesmo. Não aprenderam mais nada, nada mais sabem fazer. E sabe de onde vem esse rebuliço de eternas preparações? Da ausência de determinadas capacidades inatas, da falta de talento. O homem nasce para viver e não se prepara para viver. E a própria vida, o fenômeno vida, o dom da vida são tão arrebatadamente sérios! Então para que substituí-la com arlequinada infantil de invenções imaturas, com estas fugas dos escolares de Tchekov para a América? Mas basta. Agora é a minha vez de perguntar. Chegamos à cidade na manhã do golpe. Ficou em apuros?

— Oh, é claro! Como não? Incêndios por toda parte. Quase peguei fogo também. A casa, como lhe disse, foi abalada de tal maneira! No pátio, próximo aos portões, permanece até hoje um projétil que não explodiu. Houve roubos, bombardeio, um horror! Como durante qualquer mudança de poder. Não era a primeira vez. E durante a ocupação dos brancos acontecia de tudo! Assassinatos na esquina por motivos de vingança pessoal, extorsões, orgias! No entanto não lhe contei o mais importante. O nosso Galiullin! Era uma personalidade importante durante o período dos tchecos. Algo como governador-geral.

— Eu sei. Ouvi comentários. Encontrou-se com ele?

— Com muita freqüência. Quantas vidas eu salvei graças a ele! Quantos escondeu! Justiça seja feita: seu comportamento foi impecável, um cavalheiro, não como certas pessoas insignificantes como os cossacos e os

policiais de baixa patente. E naquele momento, quem dava as ordens era exatamente essa ralé, essas pessoas desonestas. Galiullin ajudou-me em muita coisa, sou grata a ele. Somos velhos amigos. Quando menina freqüentei muito o pátio onde ele cresceu. No prédio moravam trabalhadores da estrada de ferro. Na infância, vi de perto a pobreza e o trabalho. Por isso minha ligação com a revolução é diferente da sua. Ela está mais próxima de mim. Nela, há coisas muito queridas para mim. E, de repente, ele torna-se um coronel, este menino, filho de vigia. Pode ser até mesmo um general branco. Sou do meio civil e entendo pouca coisa de patentes. E, profissionalmente, sou professora de história. Pois é isso, Jivago. Ajudei muita gente. Ia até ele. Lembramo-nos do senhor. Em qualquer governo, tenho protetores e ligações, porém tenho também aborrecimentos e perdas. Somente em livros, os personagens dividem-se em dois campos e não se encontram. Mas, na vida real, tudo se entrelaça! Que insignificância incorrigível deve-se ter para cumprir somente um papel durante a vida, ocupar somente um lugar na sociedade, significar somente a mesma coisa!

— Ah, então você está em casa?

No quarto, entrou uma menina de uns oito anos com duas tranças fininhas. Seus olhos estreitos, com os cantos separados, davam-lhe uma aparência travessa e esperta. Quando ria, ela levantava-os. Ainda atrás da porta, ela percebeu que a mãe estava com visita, mas assim que surgiu na soleira, achou necessário mostrar com a expressão do rosto um espanto accidental, fez uma reverência e dirigiu-se ao doutor sem piscar, com um olhar intrépido e prematuramente pensativo de uma criança que cresce solitária.

— Minha filha, Katenka, tenho o prazer de apresentar.

— Em Meliuzeev a senhora mostrou-me uma foto dela. Como cresceu e mudou!

— Então, está em casa? E eu pensei que estava passeando. Nem ouvi quando entrou.

— Quando fui retirar a chave do buraco, havia uma ratazana deste tamanho! Gritei e fugi! Achei que fosse morrer de medo.

Katenka falava fazendo caretas simpáticas, arregalando os olhos marotos e fazendo bico com a boca, como um peixe tirado d'água.

— Bem, vá para o seu quarto. Quando eu conseguir convencer o tio a ficar para o almoço, tiro a comida e chamo você.

— Obrigado, mas sinto-me forçado a recusar. Lá em casa, por causa das minhas vindas à cidade, estão almoçando às seis horas. Acostumei-me a não me atrasar e são três horas de viagem, quase quatro. Por isso vim tão cedo, desculpe-me, daqui a pouco vou embora.

— Somente mais meia hora.

— Com prazer.

15

— Agora, sinceridade em troca de sinceridade. O Strelnikov, sobre quem o senhor falou, é meu marido Pacha, Pavel Antipov, a quem fui procurar na frente de combate e de quem, com tanta certeza, recusava-me a acreditar em sua morte fictícia.

— Não estou surpreso, já estava preparado. Ouvi essa lenda e a acho absurda. Por isso esqueci-me de tal maneira do fato que, com toda liberdade e descuido, comentei o caso com a senhora como se esses boatos não existissem. Mas os boatos não fazem sentido. Vi esse homem. Como podem ligá-lo à senhora? O que têm em comum?

— No entanto, isso é verdade, Iúri Andreevitch. Strelnikov é Antipov, meu marido. Concordo com a opinião geral. Katenka também sabe e orgulha-se do pai. Strelnikov é um nome fictício, um pseudônimo, como o dos ativistas revolucionários. Para evitar alguns problemas, ele deve viver e trabalhar com um nome falso. Foi ele quem tomou Iuriatin, quem nos bombardeou, sabia que estávamos aqui e nunca se informou se permanecemos vivas para não trair seu segredo. Era o seu dever, é óbvio. Caso perguntasse como deveria agir, nós também lhe aconselharíamos o mesmo. O senhor também pode dizer que a minha imunidade, as toleráveis condições de vida oferecidas pelo Soviete Municipal, etc, são provas indiretas de sua preocupação secreta conosco! Mesmo assim, não irá conseguir me convencer disso! Estar aqui perto e resistir à tentação de nos ver! Isso não entra na minha cabeça, está acima da minha compreensão. É algo inacessível para mim, não é vida, mas uma espécie de virtude romana,

uma das sabedorias atuais. Mas veja, estou sendo influenciada pelo senhor e começo a falar da mesma forma. Eu não gostaria que fosse assim. Não somos cúmplices. Há apenas algo imperceptível que entendemos obrigatoriamente da mesma maneira. Mas quanto às coisas de grande significado, a filosofia da vida, melhor mantermos nossas posições antagônicas. Mas voltemos ao Strelnikov.

"Agora, ele está na Sibéria, e o senhor tem razão, a mim também chegaram informações que o reprovam, informações diante das quais o meu coração gela. Lá está ele na Sibéria, numa das nossas áreas mais avançadas, está derrotando seu amigo de infância e depois seu companheiro de luta, o pobre Galiullin, que não desconhece o segredo de seu nome e do meu casamento e que, devido à sua delicadeza, nunca me fez perceber isso, apesar de ficar fora de si ao ouvir o nome de Strelnikov. É, então agora ele está na Sibéria. Mas quando estive aqui (ficou durante um longo tempo e vivia o tempo todo nos trilhos, nos vagões onde era visto), eu a toda hora me esforçava para encontrá-lo casualmente, inesperadamente. As vezes, ele ia até o quartel-general, que ficava onde era antigamente a Administração Militar de Komutch, as tropas da Assembléia Constituinte. E que jogo estranho é a vida. A entrada para o quartel-general era na mesma casa de fundos onde Galiullin antes recebia-me quando eu ia interceder por outros. Por exemplo, houve a história do corpo de cadetes que repercutiu muito. Os cadetes começaram a espreitar e matar os professores, que diziam não prestar por serem fiéis ao bolchevismo. Ou então, quando começaram as perseguições e extermínio dos judeus. Aliás, se somos moradores da cidade e intelectuais, metade de nossos conhecidos são judeus. E nessas áreas, onde ocorrem os *pogroms*, quando começaram essas atrocidades e indecências, além da revolta, da vergonha e da compaixão persegue-nos o sentimento penoso e dúbio de que a nossa simpatia é pela metade racional, e a ela se misturasse uma hipocrisia desagradável.

"As pessoas, que um certo dia libertaram a humanidade do jugo da idolatria, e que agora, em grande quantidade, dedicavam-se à libertação da humanidade do mal social, são incapazes de livrar-se de si mesmas, da fidelidade a uma denominação arcaica e antiquada que perdeu todo sentido; não conseguem superar a si próprias e diluem-se, sem deixar vestígios, entre os outros homens, que possuem as bases religiosas inculcadas por elas mesmas e que estão tão próximas delas, se as conhecessem melhor.

"Pelo visto, as perseguições obrigam essas pessoas a assumir essa pose inútil e pernicioso, aquele isolamento abnegado, vergonhoso e que atrai tragédias, porém nisso mesmo existe a prova de uma decrepitude interior, de um cansaço histórico e secular. Não gosto do auto-encorajamento irônico deles, da pobreza cotidiana dos seus conceitos, da sua imaginação medrosa. Isso irrita tanto como as conversas dos velhos sobre a velhice e a dos doentes sobre a doença. O senhor concorda comigo?"

— Nunca pensei sobre isso. Tenho um companheiro, um tal de Gordon, que tem o mesmo ponto de vista.

— Pois foi para proteger Pacha que vim para cá. Na esperança de ver sua chegada ou saída. Na casa de fundos ficava o escritório do governador-geral. Agora há uma plaqueta: "Agência de Reclamações". O senhor a viu? É um belíssimo lugar da cidade. A praça, em frente à porta, é calçada com paralelepípedos. Do outro lado da praça fica o jardim da cidade. Com espinheiro-negro, bordo e espinheiro-alvar. Fiquei na calçada com um monte de solicitantes e aguardei. É claro que não tentei entrar à força e nem disse que era a esposa dele. Os sobrenomes são diferentes. E o que o sobrenome tem a ver com a voz do coração? Os revolucionários têm regras totalmente diferentes. Por exemplo, o pai dele, Pavel Ferapontovitch, ex-exilado político, um trabalhador, trabalha aqui bem perto da estrada, no Tribunal. No mesmo local onde passou o exílio. E seu amigo Tiverzin também. São membros do Tribunal Revolucionário. E o que o senhor acha? O filho não se revela nem para o pai e este considera isso normal, não fica magoado. Já que o filho está cifrado quer dizer que não pode. São feitos de fibra, não são de carne e osso. Valem os princípios. A disciplina.

"E finalmente, mesmo que provasse que sou a esposa, isso não teria nenhuma importância! Não há tempo para esposas! O tempo não permitia. O proletariado mundial, a transformação do universo... isso é outra questão, entendo isso. Mas algo separado com duas pernas, em forma de esposa, é uma bobagem, uma pulga ou um piolho.

"O ajudante-de-ordens vinha, fazia perguntas. Deixava que alguns entrassem. Eu não dizia o sobrenome, quando me perguntavam o assunto eu dizia que era particular. Dava para adivinhar que era uma questão perdida, receberia uma recusa. O ajudante encolhia os ombros, olhava desconfiado. Não o vi uma vez sequer.

"E o senhor acha que ele se esquivava, que deixou de me amar, que não lembra? Oh, pelo contrário! Eu o conheço tão bem! Ele inventou isso por excesso de sentimentos! Ele tem que despejar todos esses louros aos nossos pés, para não voltar de mãos vazias, mas em toda a sua glória, como vencedor! Tornar-se imortal e maravilhar-nos! Como uma criança!

Katenka entrou novamente no quarto. Larissa Fiodorovna tomou-a nos braços, começou a balançá-la, fazer-lhe cócegas, beijá-la e abraçá-la.

16

Iúri Andreevitch voltava a cavalo, da cidade para Varikino. Já passara por aqueles lugares inúmeras vezes. Acostumara-se com a estrada, tornara-se insensível e não a percebia.

Aproximou-se do cruzamento florestal, onde da estrada reta ramificava-se num caminho lateral para Varikino, em direção ao subúrbio de pescadores Vasilievskoie, próximo ao rio Samka. No local da bifurcação estava o terceiro poste dos arredores com a propaganda de máquinas agrícolas. Sempre que se aproximava dessa encruzilhada, o doutor era alcançado pelo pôr-do-sol. Naquele dia, também estava escurecendo.

Haviam se passado mais de dois meses desde o dia que, em uma de suas idas à cidade, ele não retornara à tardinha para casa e ficara na casa de Larissa Fiodorovna. Disse em casa que alguns compromissos retiveram-no na cidade, e que havia pernoitado na hospedaria de Samdeviatov. Fazia algum tempo que ele e Antipova tratavam-se por você. Ele a chamava de Lara e ela o chamava de Jivago. Iúri Andreevitch enganava Tônia e escondia dela coisas cada vez mais sérias e proibidas. Isso nunca havia acontecido antes.

Ele amava Tônia até a adoração. A paz de sua alma, sua tranqüilidade valiam mais que tudo no mundo. Ele defendia com todas as forças a sua honra, muito mais que seu pai e ela mesma. Em defesa de seu orgulho ferido, era capaz de estraçalhar com as próprias mãos o ofensor. Este ofensor era ele mesmo.

Em casa, no círculo familiar, ele sentia-se como um criminoso não desmascarado. O desconhecimento dos parentes e a sua habitual amabilidade

alegre matavam-no. No auge de uma conversa, ele de repente lembrava-se da sua culpa, ficava paralisado e deixava de ouvir e de entender o que diziam.

Quando isso acontecia à mesa, o pedaço de comida engolido parava na garganta, ele largava a colher, empurrava o prato. As lágrimas o sufocavam.

— O que há com você? — indagava Tônia. — Soube de algo desagradável na cidade? Prenderam alguém? Fuzilaram? Diga-me. Não fique com medo de me entristecer. Vai sentir-se melhor.

Será que traiu Tônia, preferindo alguém em seu lugar? Não, ele não escolheu nem comparou. As idéias de "amor livre", palavras como "direitos e exigências dos sentimentos" lhe eram estranhas. Falar e pensar sobre tais coisas lhe parecia vulgar. Na vida, ele não arrancava "as flores do prazer", não se incluía entre os semideuses e sobre-humanos, não exigia para si isenções e privilégios especiais. Ele sucumbia sob o peso de sua consciência impura.

"O que vai acontecer daqui para a frente?", perguntava-se às vezes e, sem encontrar a resposta, aguardava que algo quimérico ou a interferência de alguma circunstância imprevisível trouxessem a solução.

Mas agora não era assim. Ele resolveu cortar o mal pela raiz. Levava para casa uma decisão pronta. Resolveu abrir-se com Tônia, obter seu perdão e não se encontrar mais com Lara.

Bem, na verdade, não era tudo tão simples. Ficou, como lhe parecia, insuficientemente claro que ele cortaria a sua relação com Lara para sempre, ou seja para todo o sempre. Ele explicou-lhe, naquele dia pela manhã, sua vontade de contar tudo para Tônia e a impossibilidade de continuarem se encontrando. Agora, porém, sentia que disse isso sem muita convicção, pouco decidido.

Larissa Fiodorovna não queria aborrecer Iúri Andreevitch com cenas pesadas. Compreendia como ele sofria mesmo sem isso. Ela tentou ouvir a sua novidade da forma mais tranqüila possível. A conversa aconteceu no quarto dos ex-donos, que estava vazio pois não era habitado por Larissa Fiodorovna, e que dava para a rua Kupetchskaia. Pelo rosto de Lara desciam lágrimas imperceptíveis e inconscientes, como água de chuva correndo pelos rostos das estátuas de pedra da casa em frente. Com sinceridade, sem falsa generosidade dizia baixinho: "Faça o que achar melhor para você, não

precisa me levar em consideração. Eu superarei tudo." Nem sabia que estava chorando e não limpava as lágrimas.

Só de pensar que Larissa Fiodorovna o interpretou mal e que a deixou confusa e com falsas esperanças, ele estava pronto a dar a volta e correr novamente para a cidade, terminar o que não foi dito e, o mais importante, despedir-se dela mais ardorosa e carinhosamente, de maneira mais condizente com a verdadeira separação para a vida toda, para sempre. Mal conseguiu superar esta vontade e prosseguir a viagem.

À medida que o sol descia, a floresta enchia-se de frio e escuridão. O cheiro úmido dos ramos tomou conta do bosque como no vestiário de uma sauna. No ar, como se fossem flutuadores sobre a água, estendiam-se enxames de mosquitos imóveis, que zumbiam fininho em unísono, todos na mesma nota. Iúri Andreevitch, a todo instante, dava tapas nos mosquitos que pousavam em sua testa ou pescoço, e aos sopapos sonoros da palma da mão pelo corpo suado respondiam impressionantemente os sons restantes da montaria: os cintos da sela rangiam, as batidas pesadas das patas espaçadas estalavam pela lama e salvas secas estouravam e eram liberadas pelos intestinos do cavalo. De repente, à frente, onde o poente parou, o sabiá pôs-se a trinar.

"Desperte! Desperte!", chamava e persuadia ele e isso soava quase como antes da Páscoa: "Minha alma, minha alma! Rebele-se, porque você dorme!"

De repente, uma simples idéia apoderou-se de Iúri Andreevitch. Para que ter pressa? Não iria voltar atrás na palavra que dera a si mesmo. A revelação seria feita. Mas onde está escrito que deveria ser feita hoje? Nada foi dito ainda a Tônia. Ainda não era tarde para adiar a explicação até uma outra vez. Nesse intervalo ele irá à cidade mais uma vez. A conversa com Lara será levada até o fim, com a profundidade e a sinceridade que reparam todos os sofrimentos. Oh, que bom! Que maravilhoso! Impressionante, como isso não lhe veio à cabeça antes?

Só em admitir que veria Antipova mais uma vez, Iúri Andreevitch enlouqueceu de felicidade. O coração palpitou. Reviveu tudo novamente com antecipação.

Os becos de paralelepípedos dos arredores, as calçadas de madeira. Ele dirigia-se a ela. Agora, no Novosvalotchni, os terrenos baldios onde termina a parte de madeira da cidade e começa a de pedra. Surgem as casinhas dos

subúrbios que são vistas como as folhas de um livro rapidamente folheado, não quando viramos as folhas com o indicador, mas, sim, quando, com a parte macia do polegar encostada no corte das folhas, passamo-las todas de um estalo. A respiração fica presa! Lá mora ela, naquela ponta. Embaixo do vão de luz branca do céu chuvoso, que clareou ao anoitecer. Como ela gosta dessas casinhas conhecidas a caminho da dela! Seria capaz de arrancá-las da terra, tomá-las nas mãos e beijá-las! Esses mezaninos tortos, enfiados de través nos telhados! As frutinhas das luzes e lâmpadas refletidas nas poças! Embaixo daquela faixa branca do céu chuvoso. Lá, ele novamente receberá, como uma dádiva das mãos do criador, a maravilha branca feita por Deus. A porta será aberta por uma figura envolta no escuro. E a promessa de sua intimidade, contida, fria como a noite clara do norte, sem pertencer a ninguém, virá ao seu encontro como a primeira onda do mar da qual nos aproximamos no escuro, pela areia da praia.

Iúri Andreevitch largou as rédeas, inclinou-se para a frente da sela, abraçou o cavalo pelo pescoço e enterrou o rosto em sua crina. Ao receber essa manifestação carinhosa como um apelo a toda sua força, o cavalo partiu a galope.

No suave vôo a galope, nos raros e quase imperceptíveis intervalos de toque do cavalo na terra, que a toda hora desprendia-se de suas patas e ficava para trás, Iúri Andreevitch, além das palpitações do coração que encapelava-se de alegria, ouvia certos gritos que, assim pensava, apenas parecia ouvir.

Um tiro bem perto ensurdeceu-o. O doutor levantou a cabeça segurando-se pelas rédeas e puxou-as. O cavalo, detido repentinamente, deu uns saltos para o lado. Escarranchando as patas, recuou e, querendo empinar, tentou sentar-se nas ancas.

À frente, a estrada dividia-se em duas. Próximo dela, sob os raios do poente brilhava uma placa "Moreau e Vettchinkin. Semeadores. Debulhadores". Atravessados na estrada, interditando-a, havia três cavaleiros armados. Um realista, com um boné de colegial e uma *poddiovka* cruzada por cima da roupa, com tiras de balas de metralhadoras; um cavaleiro em capote militar de oficial e gorro de pele, e o terceiro, um homem estranho e gorducho que parecia fantasiado para um baile de

máscaras em calças acolchoadas, sobretudo e chapéu de padre, de abas largas, enterrado na cabeça.

— Não se mexa, companheiro doutor — disse tranqüila e calmamente o cavaleiro de capote, que parecia o mais velho dos três. — Em caso de obediência, garantimos sua total integridade. Do contrário, não se zangue, mas o mataremos aqui mesmo. O enfermeiro do nosso destacamento foi morto. Estamos recrutando o senhor coercitivamente como médico. Desça do cavalo e passe as rédeas para o companheiro mais novo. E lembre-se: na mínima tentativa de fuga, não faremos cerimônias.

— O senhor é filho de Liveri Mikulitsin, o companheiro Lesnikh?

— Não, sou seu chefe de comunicação, Kamennodvorski.

Na grande estrada



1

Havia cidades, aldeias, povoados. A cidade de Krestovozdvijensk, os povoados de Omeltchino, Pajinsk, Tisiatskoie, Iaglinskoie, o subúrbio de Zvonarskaia, o povoado de Volnoie, Gurtovchiki, a aldeia de Kejemaskaia, o povoado de Kazeevo, o subúrbio de Kuteini Posad, a aldeia de Mali Iermalai.

A via passava por eles, era velha, muito velha, a mais antiga da Sibéria, a antiga estrada postal. Cortava as cidades ao meio, como o pão, com a faca sendo a rua principal e passava voando pelas aldeias sem olhar para trás, desdobrando, ao longe, as fileiras de casas, contornando-as ou arqueando-as na curva inesperada.

Em tempos passados, antes da construção da via férrea que cruza Khodatskoie, passavam pela estrada tróicas postais. Por um lado, estendiam-se as carroças com chá, trigo e ferro industrializado e, por outro, grupos de presos eram conduzidos sob escolta. Marchavam todos juntos, de uma vez só, tilintando os ferros dos grilhões. Perdidos, cabeças desesperadas, terríveis como os raios dos céus. E as florestas ao redor farfalhavam, escuras e impenetráveis.

A estrada vivia como uma só família. Cidade conhecia cidade, aldeia conhecia aldeia. Em Khodatskoie, no seu cruzamento com a ferrovia, localizavam-se as oficinas das locomotivas, as oficinas mecânicas e as demais dependências. Miseráveis, amontoados nas casernas, passavam mal, adoeciam e morriam. Os exilados políticos livres dos trabalhos forçados e que possuíam conhecimentos técnicos tornavam-se mestres e ficavam morando ali.

Ao longo dessa linha, os primeiros sovietes já haviam sido derrubados há muito tempo. Durante algum tempo sustentou-se o poder do Governo Provisório da Sibéria, que agora fora trocado em toda a região pelo do governante supremo Koltchak.

2

Num dos trajetos, a estrada subia pela montanha. A vista do horizonte ampliava-se. Parecia que não teriam fim a subida e a amplidão crescente da vista. E quando os cavalos e as pessoas cansavam-se e paravam para tomar fôlego, a subida terminava. Pela frente, de baixo da ponte, corria o veloz rio Kejma.

Depois do rio, de uma altura ainda mais íngreme, aparecia o muro de tijolos do mosteiro Vozdvijenski. Por baixo, a estrada contornava o declive e, depois de algumas curvas pelos fundos do subúrbio, penetrava na cidade.

Lá, ela mais uma vez abraçava a ponta das propriedades do mosteiro na praça principal, para a qual abriam-se os portões de ferro do convento pintados de tinta verde. O ícone do portão no arco da entrada, em meia coroa, era emoldurado pela inscrição em dourado: "Bendita seja a cruz, que traz a vida, triunfo invencível da benevolência" [{81}](#).

O inverno estava no fim, era a Semana Santa, final da Quaresma. A neve nas estradas enegrecia, denunciando o início do degelo, mas nos telhados ainda estava branca e pendia em densos e altos chapéus.

Para os meninos que subiam até os campanários do mosteiro Vozdvijenski, as casas embaixo pareciam pequenos cofres e arcas amontoadas. Das casas aproximavam-se pessoas pequenas e negras, do tamanho de pontinhos. Algumas eram reconhecidas do alto do campanário pelos seus movimentos. As pessoas que se aproximavam liam o decreto do governante supremo, colado nas paredes, sobre o alistamento militar, que indicava as três próximas idades a serem recrutadas.

A noite trouxe muita coisa imprevisível. Fez um calor atípico para a época. A chuva caía em miçangas, e tão rarefeita que parecia não alcançar a terra, desmanchando no ar como uma poeira enfumaçada e molhada. Mas isso era não passava de aparência. Os riachos, com suas águas tépidas de chuva, eram suficientes para limpar a terra da neve, que agora estava negra e luzindo como suor.

As macieiras baixinhas, cobertas de brotos, de maneira milagrosa, jogavam seus galhos do jardim por cima das cercas até a rua. Delas, tamborilando desordenadamente, caíam pingos nas calçadas de madeira. O tamborilar desarmônico ressoava pela cidade inteira. O cãozinho Tomik latia e uivava, preso à corrente até de manhã, no pátio do estúdio fotográfico. Provavelmente, irritado com o seu latido, um corvo, no jardim dos Galuzini grasnava para a cidade inteira.

Na parte baixa da cidade trouxeram três carroças de mercadoria para o comerciante Liubezni. Ele recusava-se a recebê-la, dizendo que era engano e que nunca havia encomendado tal mercadoria. Referindo-se à hora tardia, os jovens carregadores pediam que os deixasse pernoitar ali. O comerciante brigava com eles e não abria os portões. A briga também era ouvida na cidade inteira.

Na sétima hora eclesiástica ^{82}, que nas horas normais equivale a uma da manhã, separou-se e flutuou, misturando-se com a umidade escura da chuva, uma onda da badalada tranqüila, escura e doce do sino mais pesado do mosteiro Vozdvojski. A onda afastou-se com o impulso do sino da mesma forma como se desprende da margem, afunda e dissolve-se no rio um torrão de terra lavada pela cheia.

Era a noite de véspera da Quinta-Feira Santa, o dia dos doze Evangelhos. No fundo, atrás da cortina reticulada da chuva, partiram e foram fluando pequenas luzes quase imperceptíveis e as testas, os narizes e rostos iluminados por eles. As pessoas, em jejum, chegavam para a missa matinal.

Quinze minutos depois, do mosteiro, ouviram-se passos que aproximavam-se pelas pontezinhas da calçada. Era a vendedora dos Galuzin, que retornava para sua casa vindo da missa matinal, que mal havia começado. Caminhava com passos irregulares, às vezes acelerando, às vezes

parando, com um lenço na cabeça e o sobretudo desabotoado. Ela sentiu-se mal no ar abafado da igreja, saiu para tomar ar fresco e agora sentia vergonha e lastimava-se por não ter ficado até o final da missa, pois já era o segundo ano em que não comungava. Mas não era este o motivo de sua tristeza. De dia, entristeceu-se com o decreto, colado por todo lado, sobre o recrutamento, ao qual certamente seu filho, pobrezinho e bobinho, seria submetido. Ela tentava afastar a insatisfação da cabeça, porém o pedacinho do decreto que brilhava por toda parte lembrava-lhe disso.

A casa ficava depois da esquina, muito perto, mas ela sentia-se melhor ao ar livre. Queria respirar um pouco de ar puro, o ar abafado da casa não a atraía.

Pensamentos tristes dominavam sua cabeça. Caso resolvesse verbalizá-los pela ordem, careceria de palavras e tempo até o amanhecer. Mas agora, na rua, esses raciocínios tristes vinham em pedaços inteiros, tanto que por todos eles podia passar em alguns minutos, o tempo de percorrer duas ou três vezes a distância da esquina do mosteiro à extremidade da praça.

Uma festa dessas e não tem vivalma em casa, todos viajaram, deixaram-na sozinha. Como não se sentir sozinha? A colegial Ksiucha não conta. Quem é ela? Uma alma estranha e obscura. Ela pode ser amiga, pode ser inimiga, pode ser uma rival dissimulada. Veio de herança do primeiro casamento do marido, é enteada de Vlasuchka. De repente, não é enteada nada, e sim sua filha bastarda. Quem sabe nem é sua filha, e sim de algum outro? Vá tentar entender a alma masculina! Porém, não dá para dizer nada contra a moça. É inteligente, bonita, obediente. Muito mais inteligente que o bobinho Terechka e o padrasto.

E eis que está só, às vésperas da Semana Santa, abandonaram-na, todos se foram, cada qual para um lado.

O marido Vlasuchka partiu pela rodovia para discursar aos novos recrutas, dizer algumas palavras sobre a glória das armas. Seria melhor, idiota, que se preocupasse com o filho, o protegesse de um perigo mortal.

O filho Terechka não suportou e fugiu às vésperas do grande feriado. Mudou-se para Kuteini Posad, para a casa de parentes, a fim de distrair-se, de acalmar-se após ter passado pelo que passou. O pequeno foi expulso da escola técnica. Ficou dois anos em cada série, sem conseqüências, mas na oitava, não tiveram dó, colocaram-no para fora.

Ah, que tristeza! Meu Deus! Por que senti-me tão mal, que desânimo! Tudo me cai da mão, não tenho vontade de viver! Porque aconteceu assim? Será que a força está na revolução? Não, ah, não! É tudo por causa da guerra. Mataram na guerra toda a nata masculina e restou somente a podridão imprestável, inútil.

Outra coisa era na casa do seu paizinho, o empreiteiro. O pai não bebia, era letrado, nada faltava em casa. E eram duas irmãs — Pólia e Ólia. Da mesma forma que os nomes combinavam, elas também concordavam em tudo, até na beleza. Vinham à casa do pai os capatazes dos carpinteiros, bem-apegoados, esbeltos, bem avantajados. Elas nunca passavam necessidade, mas de repente inventaram de tricotar cachecóis de seis linhas. Pois bem, revelaram-se prendadas e os cachecóis tomaram-se famosos por toda a região. E tudo, outrora, alegrava com sua plenitude e harmonia — a missa, as danças, as pessoas, os modos, podiam ser de famílias simples, pequeno-burguesas, camponesas ou operárias. A Rússia também era ainda moça, tinha seus verdadeiros admiradores, verdadeiros defensores, que não fariam par com os atuais. Agora tudo está sem brilho, somente a canalha civil de advogados e judeus mastiga dia e noite, sem parar, as palavras e engasga com elas. Vlasuchka e seus companheiros acham que voltarão os velhos anos dourados com champanhe e bons votos. Mas será assim que se recupera o amor perdido? Para isso é preciso saber rolar pedras, mover montanhas, revolver a terra!

4

Não era a primeira vez que Galuzina chegava, antes do carregamento, na praça do comércio de Krestovozvijensk. Daqui para a sua casa tomava-se a esquerda. Mas a toda hora ela mudava de idéia, voltava e novamente mergulhava nos becos adjacentes ao mosteiro.

A praça de carregamento era do tamanho de um grande campo. Em outros tempos, nos dias de feira, os camponeses enchiam-na de carroças. De um lado a praça dava no final da rua Eleninskaia. Do outro lado, estava cercada de pequenas casas, de um ou dois andares, construídas em forma de um arco torto. Todas as casas estavam ocupadas com celeiros, escritórios, instalações comerciais, oficinas.

Ali, em tempos tranqüilos, instalado em uma cadeira na soleira de sua amplíssima porta aberta, com quatro vãos, podia-se encontrar lendo a *Gazeta-copeíka* ^{83} o urso-bruto de óculos e de sobrecasaca comprida, o misógino Briukhanov, que vendia couro, alcatrão, rodas, arreios de cavalo, aveia e feno.

No peitoril da pequena e sombria janela, ficavam expostas, empoeirando-se durante anos, várias caixas de papelão emparelhadas, com fitas de adornos, buquês e velas de casamento. Do lado de dentro da janela, em um cômodo vazio, sem móveis e quase sem indícios de mercadoria, sem levar em conta alguns círculos de cera colocados um em cima do outro, realizavam-se mil negócios com cera para o chão, cera de vela e velas em geral, com homens de confiança de um desconhecido fabricante de ceras milionário, que morava em local também desconhecido.

No meio da quadra ficava a grande loja colonial dos Galuzini, com três janelas. Três vezes ao dia varriam o chão sem tinta, coberto de lascas de chá que era bebido desmedidamente o dia inteiro pelos empregados e pelo proprietário. Ali a jovem senhora, com disposição, freqüentemente ficava horas atrás do caixa. Sua cor favorita era o lilás, o roxo, a cor da vestimenta religiosa mais importante, a cor da flor lilás ainda não desabrochada, a cor de seu melhor vestido de veludo, a cor de seu cristal para vinho. A cor da felicidade, a cor das lembranças, a cor da mocidade extinta e pré-revolucionária da Rússia também parecia-lhe lilás-clara. E ela gostava de ficar na loja atrás do caixa, porque a penumbra roxa do cômodo, perfumada com amido, açúcar e balas de cassis lilás-escuras, dentro de um vidro, combinava com a sua cor preferida.

Na esquina, ao lado do depósito, ficava uma velha casa de dois andares feita de ripas cinzentas, acomodada nos seus quatro cantos, como uma carroça de segunda mão. Era composta de quatro apartamentos. Neles havia duas entradas, nos dois cantos da fachada. A parte esquerda inferior era ocupada pela farmácia de Zalkind, a direita, pelo cartório. Em cima da farmácia morava o velho costureiro Chmulevitch, que possuía uma família numerosa. Em frente ao costureiro e em cima do cartório, abrigavam-se muitos inquilinos e as tabuletas e plaquinhas, que cobriam toda a porta de entrada, anunciavam as suas profissões. Ali consertavam-se relógios e o sapateiro recebia encomendas. Lá havia um estúdio fotográfico dos sócios Juk e Chtrodakh, lá ficava a loja de gravação de Kaminski.

Por causa do aperto dentro do apartamento lotado, os jovens ajudantes dos fotógrafos, o retocador Senia Magidson e o estudante Blajein, construíram um laboratório no pátio, no escritório de controle do depósito de lenhas. Eles, pelo visto, estavam lá trabalhando, a julgar pelo olhar perverso da luz de revelação que cegamente piscava através da janela do escritório. Exatamente embaixo dessa janela é que estava sentado, acorrentado e uivando para a rua Elinskaia inteira o cachorrinho Tomka.

"Juntaram-se todos", pensou Galuzina ao passar pela casa cinza. "Antro de miséria e sujeira." Porém, na mesma hora, ela raciocinou que Vias Pakhomovitch não estava certo em seu anti-semitismo. Essas pessoas não eram tão importantes para significar algo no destino do Estado. Aliás, pergunte ao velho Chmulevitch por que reina esta desordem e revolta. Ele irá se retorcer, fará uma careta e dirá, arreganhando os dentes: "São coisas de Leibotchka." [\[84\]](#)

Ah, mas em que, mas em que ela está pensando, com que ocupa a cabeça? Será que é isso? Será que esse é o problema? A tragédia está nas cidades. Não é nelas que se apóia a força da Rússia. Deixaram-se seduzir pela instrução, deixaram-se levar pelos moradores das cidades e não agüentaram. Afastaram-se da sua costa sem alcançar a outra.

Mas, de repente, pode ser que o pecado esteja na ignorância. O instruído vê através da terra, prevê tudo com antecedência. E nós, ao sermos degolados, apegamo-nos aos chapéus. Como numa floresta escura. Mas hoje em dia nem os instruídos têm vida boa. Veja quantos a fome expulsou das cidades. Então vá entender. É uma confusão dos diabos.

Pois é, outra coisa é a nossa parentada aldeã. Os Selitvin, os Chelaburin, o Panfil Palikh, os irmãos Nestor e Pankrat Modikh. São donos de seu nariz. As novas propriedades, ao longo da estrada, são uma beleza. Cada um possui mais de dez ou quinze hectares plantados, cavalos, ovelhas, vacas, porcos. Têm trigo estocado para três anos. O inventário é de dar inveja. Máquinas de colher. São bajulados por Koltchak, que tenta atraí-los, os comissários tentam levá-los para o corpo de voluntários da floresta. Voltaram da guerra com medalhas de São Jorge e logo foram requisitados para instrutores. Com ou sem dragonas, pouco importa. Se é uma pessoa instruída, sempre haverá lugar para você. Não ficará à toa.

"No entanto, está na hora de ir para casa. É vergonhoso para uma mulher ficar tanto tempo na rua, sozinha. Tudo bem lá no seu jardim. Mas está um lamaçal só, dá para atolar na sujeira. Parece que melhorou um pouquinho."

Completamente confusa em seus raciocínios e perdendo o fio da meada, Galuzina se aproximou de sua casa. Mas antes de cruzar a soleira, durante o minuto em que parou na frente da varanda, ela abrangeu muita coisa com um olhar pensativo.

Lembrou-se dos atuais cabeças em Khodatski, os quais conhecia intimamente, dos exilados políticos das capitais, de Tiverzin, Antipov, o anarquista Vdovitchenko, o Bandeira Negra, o encanador local Gorchenia Becheni. Todos eram pessoas inteligentes e vividas. Aprontaram muito em sua época e, com certeza, novamente estão tramando e preparando algo. Não conseguem viver sem isso. Passaram a vida nas máquinas e são impiedosos, frios como as máquinas. Andam de paletós curtos por cima das camisas, fumam cigarros com piteiras e, para não pegar nenhuma doença, bebem água fervida. Nada conseguirá Vlasuchka, pois esses revirarão tudo a seu modo, sempre conseguirão o que querem.

E pôs-se a pensar nela mesma. Ela sabia que era uma mulher boa e original, bem conservada e inteligente, não era má pessoa. Nenhuma dessas qualidades era reconhecida neste fim de mundo e, provavelmente, em nenhum lugar. E os versos perversos sobre a boba Sentetiurikha, conhecidos em todos os cantos nos Urais, dos quais poderiam ser citadas somente as estrofes iniciais:

Sentetiurikha vendeu a carroça

Comprou uma balalaica com o dinheiro...

pois depois seguiam-se indecências, cantadas em Krestovozdvijenk, como desconfiava, referindo-se a ela.

Suspirando amargamente, entrou na casa.

Sem parar na entrada, ela foi de sobretudo até seu quarto. As janelas davam para o jardim. Agora, à noite, havia um amontoado de sombras em

frente à janela, que dentro e fora da casa quase se repetiam. As dobras pendentes das cortinas das janelas eram quase iguais às dobras que pendiam das árvores no pátio, árvores nuas e pretas, com contornos vagos. A escuridão noturna de tafetá do inverno que terminava era aquecida no jardim pelo calor preto-lilás da primavera que se aproximava e penetrava através da terra. No quarto, aproximadamente na mesma combinação, entravam duas sensações semelhantes e o ar abafado e empoeirado das cortinas mal batidas era suavizado e tingido pelo calor lilás-escuro da festa que se aproximava.

A Nossa Senhora, no ícone com adorno prateado, elevava as mãos finas e pardas. Parecia segurar, em cada uma, duas letras gregas iniciais e duas finais do seu nome bizantino: *meitr teu*, Mãe de Deus. A lâmpada, escura como um tinteiro, com o vidro cor de granada instalada no bocal dourado, lançava pelo tapete do quarto o brilho estilhaçado dos dentes da cúpula, em forma de estrelas.

Largando o lenço em cima do sobretudo, Galuzina virou-se desastradamente, sentiu de novo uma pontada do lado e colocou a mão nas costas. Ela deu um grito, assustou-se e começou a balbuciar: "Ah, grande defensora dos fracos, Virgem Puríssima, Nossa Senhora do Socorro, manto do mundo" — e começou a chorar. Depois, quando a dor passou, ela começou a despir-se. Os fechos traseiros da gola e da parte de trás do sutiã escorregavam de sua mão e enterravam-se nas dobras do pano cor de fumo. Com dificuldade, apalpava-os.

No quarto, entrou a jovem Ksiucha, que acordou com a sua chegada.

— Por que está no escuro, mãezinha? Quer que eu traga a lâmpada?

— Não precisa. Dá para ver.

— Mãezinha Olga Nilovna, deixe-me desabotoar. Não precisa sofrer tanto.

— Os dedos não obedecem, que droga. Não houve inteligência suficiente para pregar os fechos decentemente, que galinha cega! Dá vontade de despregar tudo até embaixo e dar-lhe na cara com a barra.

— Cantaram bem no Vozdvijenie. A noite está tranqüila. O vento trazia o canto pelo ar, até aqui.

— É, cantavam bem, só que eu, minha querida, passei mal. Estou sentindo novamente pontadas aqui e aqui. Em toda parte. Que coisa. Não sei

o que fazer.

— O homeopata Stidobski fez a senhora melhorar.

— Seus conselhos são sempre irrealizáveis. Revelou-se um curandeiro este seu homeopata. Não entende de nada. Isto é a primeira coisa. E a segunda, é que ele foi embora. Foi-se, foi-se. E não foi o único. Antes da festa todos fugiram da cidade. Será algum terremoto que se aproxima?

— Mas pelo menos o doutor húngaro prisioneiro a tratou bem!

— Outra bobagem. Estou dizendo, não restou ninguém, todos se foram. Kereni Laioch encontrou-se com os outros húngaros, do outro lado da linha demarcada. Foi obrigado a servir à força. Recrutaram-no para o Exército Vermelho.

— Mas isso é somente uma cisma sua. Sensibilidade, nervosismo. Uma simples benzedura popular nesses casos faz milagres. Lembra a mulher-soldado mexeriqueira, com que sucesso usou suas fórmulas mágicas? Tirou a dor como por encanto. Esqueci como se chamava a mulher-soldado. Esqueci seu nome.

— Não, você definitivamente considera-me uma completa idiota. Deve também cantar, pelas minhas costas, a canção sobre a Sentetiurikha.

— Deus me livre! Pecado falar assim, mãezinha. Melhor ajudar-me a lembrar o nome da mulher-soldado. Está aqui na ponta da língua. Não ficarei tranqüila enquanto não me lembrar.

— Ela tem mais nomes do que saias. Não sei qual que você quer. É chamada de Kubarikha, Medvedikha e Zlidarikha. E tem ainda uns dez apelidos. Mas ela também não está por perto. A turnê acabou, é como procurar vento em campo aberto. Prenderam a serva de Deus na prisão de Kejemskaja. Por causa dos abortos e uns pozinhos mágicos. Porém, ao invés de ficar triste na prisão, fugiu para algum lugar no Extremo Oriente. Estou dizendo, todos fugiram. Vlas Pokhomitch, Terecha e tia Pólia com seu coração dócil. Das mulheres honestas só ficamos nós duas, duas tolas, na cidade inteira, não estou brincando. Não há nenhuma assistência médica. Caso algo aconteça é o fim, não dá tempo de chamar ninguém. Dizem que em Iuriatin mora hoje uma celebridade de Moscou, um doutor, filho de um suicida, de um comerciante da Sibéria. Enquanto fiquei pensando em mandar chamá-lo, instalaram uns vinte destacamentos vermelhos na estrada, não dá

nem para espirrar. Mas deixa para lá. Vá dormir que eu também vou tentar. O estudante Blajein está pondo você tonta. Para que negar? Não conseguirá esconder de mim, veja como ficou ruborizada. Trabalha o seu pobre estudante durante a noite santa, para revelar e imprimir as suas fotos. Não dorme e nem deixa os outros dormirem. O latido de Tomik, dá para ouvir na cidade inteira. O corvo, miserável, começou a crocitar empoleirado na nossa macieira, parece que vou passar mais uma noite em claro. Por que se aborreceu, sua tola? Parece cheia de não-me-toques! Para isso servem os estudantes, para as moças gostarem deles.

6

— Que cachorro é esse que está se esgoelando? Melhor dar uma olhada no que está havendo. Cachorro não late à toa. Espere, Lidotchka, acalme-se e cale a boca por um minuto. Temos que esclarecer a situação. A qualquer hora, os brincalhões podem chegar de surpresa. Não vá embora, Ustin. Você também fique aqui, Sivobliui. A gente se arruma sem vocês.

O representante do centro, sem ouvir os pedidos para aguardar e esperar, seguiu discursando fatigada e rapidamente.

— O poder burguês-militar, existente na Sibéria, que mantém a política de saque, confisco, violência, fuzilamentos e torturas deve abrir os olhos dos que estão enganados. Esse poder não é somente inimigo da classe operária, mas, em sua essência, de todo o campesinato trabalhador. O campesinato trabalhador da Sibéria e dos Urais tem de compreender que, somente unido com o proletariado urbano e os soldados, unido com os pobres da Quirguízia e Buriátia...^{85}

Finalmente ele ouviu os pedidos, parou, limpou o rosto suado com o lenço, abaixou cansadamente as pálpebras inchadas e fechou os olhos.

As pessoas que estavam próximas disseram-lhe a meia voz:

— Respire um pouquinho. Beba água.

O chefe dos guerrilheiros, preocupado, foi informado:

— Para que tanta preocupação? Está tudo bem. A lanterna de sinalização está na janela. O posto de guarda, para falar de forma pitoresca, devora o

espaço com os olhos. Eu acredito que pode retomar o discurso. Fale, companheiro Lidotchka.

O interior do grande depósito estava livre das lenhas. Na parte desocupada acontecia uma reunião clandestina. Um amontoado de lenha até o teto, que separava a parte vazia do escritório de controle e a entrada, servia de biombo para os participantes. Em caso de perigo para os presentes, estava garantida a fuga pela passagem secreta, embaixo do piso que dava nos fundos da rua sem saída Konstantinonski, localizada atrás do muro do mosteiro.

O orador, de chapéu preto engomado, que cobria a sua cabeça calva, com um rosto opaco e pálido-oliva e uma barba negra até as orelhas, sofria de transpiração nervosa e a toda hora encharcava-se de suor. Ele acendia avidamente a ponta de cigarro na chama aérea e quente da lamparina de querosene acesa, em cima da mesa, e inclinava-se sobre os papéis espalhados pela mesa. Rápida e nervosamente, correndo com os olhinhos míopes por eles, parecendo farejá-los, ele continuava com uma voz embaçada e cansada:

— Essa união da pobreza urbana e camponesa só é possível por meio dos soviets. Queira ou não, o campesinato siberiano irá aspirar por aquelas coisas pelas quais o trabalhador da Sibéria já começou a lutar. E seu objetivo comum é a derrubada do abominável poder absoluto dos almirantes e chefes dos cossacos, e a instalação do poder dos soviets dos camponeses e soldados, com a insurreição armada de todo o povo. E por isso, na luta contra os oficiais e cossacos, mercenários da burguesia, os revoltosos terão de travar uma guerra correta, obstinada e longa.

Ele parou novamente, limpou o suor e fechou os olhos. Contrariando o regulamento, alguém levantou-se, suspendeu a mão e quis fazer uma observação.

O chefe dos guerrilheiros, mais precisamente o chefe militar da Associação de Kejemsk dos guerrilheiros de Zauralie ^{86}, estava sentado bem diante do orador, numa pose provocante e relaxada, e grosseiramente o interrompia, demonstrando total falta de respeito por ele. Era difícil acreditar que um militar tão jovem, quase um menino, comandasse exércitos inteiros e composições, sendo obedecido e venerado. Ele estava sentado enrolando as mãos e os pés nas bordas do capote da cavalaria. A parte

superior e as mangas do capote, largado no encosto da cadeira, deixavam à mostra o corpo vestido numa camisa militar, com as marcas escuras deixadas pelas dragonas de sargento-mor, despregadas.

Ao seu lado, estavam parados dois rapazes jovens, que faziam parte da sua guarda. Eram seus coetâneos e trajavam paletós curtos brancos de pele encaracolada de carneiro, que ainda não tinham tido tempo de se tornar cinzentos. Seus rostos bonitos e petrificados nada expressavam, além da fidelidade cega ao chefe e da disposição a tudo por sua causa. Eles permaneciam indiferentes à reunião, aos assuntos nela tratados, ao andamento dos debates, não falavam nem sorriam.

Além dessas pessoas, havia no depósito mais umas dez ou quinze. Umas estavam de pé, outras sentadas no chão com as pernas estendidas ou com os joelhos dobrados, encostados nas toras calafetadas e arredondadas que sobressaíam da parede.

Para as visitas de honra havia cadeiras. Elas estavam ocupadas por três ou quatro trabalhadores, velhos participantes da primeira revolução, entre os quais estava o mudado e sombrio Tiverzin e seu amigo, o velho Antipov, que sempre concordava com ele. Incluídos na categoria dos endeusados, aos pés dos quais a revolução colocou todas as suas dádivas e vítimas, eles permaneciam calados, feito estátuas severas, em quem a arrogância política exterminara tudo que é vivo e humano.

No depósito, outras figuras também mereciam atenção. Sem permanecer um minuto sequer tranqüilo, levantando-se e sentando-se no chão, andando e parando no meio do depósito, uma dessas figuras era o pilar do anarquismo russo, Vdovitchenko Bandeira Negra, um gorducho gigante com uma cabeça enorme, uma boca grande e uma juba de leão; devia ter sido um oficial da última guerra russo-turca ^{87} ou pelo menos, russo-japonesa, um eterno sonhador absorvido por seus delírios.

Devido à sua bondade desmesurada e à sua altura gigantesca que não lhe permitiam perceber fenômenos de dimensões diferentes e menores, ele, sem a atenção necessária, observava o que acontecia e, entendendo tudo de forma deturpada, recebia as opiniões contrárias como se fossem suas e concordava com tudo.

A seu lado, estava sentado no chão um conhecido seu, o caçador Svirid. Apesar de Svirid não ser camponês, sua essência de membro da Centúria

Negra ^{88} transparecia através do corte da camisa escura e grossa que ele enrolava em forma de bola com o crucifixozinho perto da gola, roçando e esfregando pelo corpo, coçando o peito. Ele era um mujique, pela metade buriato ^{89}, espiritual e analfabeto, cabelos em tranças finas, bigodinhos ralos e uma barba ainda mais rala, com apenas alguns fiozinhos. A constituição mongólica envelhecia seu rosto, que a toda hora enrugava-se num sorriso simpático.

O orador, que viajava pela Sibéria como instrutor militar do Comitê Central, pairava com os pensamentos nas amplidões dos espaços que ele ainda teria que abranger. A maioria dos presentes lhe era indiferente. Porém, como revolucionário e *narodoliubets* radical, era com devoção que olhava para o jovem chefe militar sentado à sua frente. Ele não só perdoava ao jovem as suas grosserias, que se apresentavam ao velho como a voz da revolução autêntica e justa, como recebia com exaltação seus ataques atrevidos, assim como a mulher apaixonada gosta da irreverência desaforada de seu amado.

O líder dos guerrilheiros era Liveri, o filho de Mikulitsin, e o orador do centro era o *ex-trudovik* cooperador ^{90}, que no passado aderira aos socialistas revolucionários, Kostoied-Amurski. Nos últimos tempos, ele estava revendo suas posições, reconhecia o erro de sua plataforma. Em várias declarações abertas, apresentou seu arrependimento e não só foi aceito no Partido Comunista como, logo após ingressar nele, foi enviado para esse trabalho de tamanha responsabilidade.

Esse trabalho foi entregue a ele, um homem sem nenhum preparo militar, em respeito ao seus anos de revolucionário, sofrimentos nas prisões e exílios e também supondo que, como um ex-cooperativista, ele deveria conhecer o ânimo das massas camponesas nas regiões da Sibéria Ocidental, tomadas pelas rebeliões. Nessa questão, o suposto conhecimento era mais importante que o saber militar.

A mudança das convicções políticas tornou Kostoied irreconhecível. Mudou sua aparência, seus gestos, suas maneiras. Ninguém lembrava mais que, no tempo passado, ele fora calvo e barbudo. Mas talvez, tudo isso fosse só aparente. O partido recomendou-lhe uma discrição rígida. Seus nomes de guerra eram Brendei e companheiro Lidotchka.

Após o barulho provocado pela inoportuna declaração de Vdovitchenki sobre sua concordância com os itens lidos da instrução, Kostoied prosseguiu:

— Com o objetivo de total domínio do movimento crescente das massas camponesas é necessário, imediatamente, estabelecer a união com os destacamentos guerrilheiros que se encontram na área do Comitê Regional.

Em seguida, Kostoied falou sobre a organização de núcleos, senhas, códigos e meios de comunicação. Depois passou novamente aos detalhes.

— Comunicar aos destacamentos em que pontos existem depósitos de armas, uniformes e produtos alimentícios das instituições e organizações dos brancos, onde são guardadas as grandes somas de dinheiro e como é o sistema de proteção. É necessário preparar detalhadamente e com todos os pormenores a organização da estrutura interna dos destacamentos, da disciplina militar, da relação entre os camaradas, da conspiração, da comunicação dos destacamentos com o mundo exterior, da relação com a população local, do tribunal militar florestal e revolucionário, da tática subversiva no território do inimigo, como por exemplo: destruição de pontes, de ferrovias, de navios, lanchas, estações, fábricas com mecanismo técnico, telégrafo, dos depósitos de produtos alimentícios.

Liveri suportou, suportou e não agüentou. Tudo aquilo lhe parecia fora de propósito e um delírio de diletante. Ele disse:

— Ensinaamentos maravilhosos. Vou ficar atento. E, pelo visto, isso tem de ser aceito sem objeções, para não perder o apoio do Exército Vermelho.

— É claro.

— E o que devo fazer, minha maravilhosa Lidotchka, com a sua "cola" infantil, diabo que o carregue, quando as minhas forças, um contingente de três regimentos, incluindo a artilharia e a cavalaria, há muito tempo estão em marcha e combatem esplendorosamente o inimigo?

"Que encanto! Que energia!", pensava Kostoied. Tiverzin interrompeu os dois. Ele não gostava do tom desrespeitoso de Liveri. Disse:

— Desculpe-me, companheiro orador. Não estou convicto. Pode ser que eu tenha anotado errado uns dos pontos da instrução. Vou ler para me certificar: "É desejável o aproveitamento no comitê de velhos soldados que estiveram na frente de batalha durante a revolução e que fazem parte de

organizações militares. Seria bom ter no comitê um ou dois sargentos e um técnico militar." Companheiro Kostoied, está anotado certo?

— Certo. Palavra por palavra. Certo.

— Neste caso permita-me fazer a seguinte observação: esse item sobre os especialistas militares me preocupa. Nós, trabalhadores, participantes da revolução de 1905, não estamos acostumados a acreditar nos soldados do exército. Com eles sempre penetra a contra-revolução.

Ao redor soaram vozes.

— Basta! A resolução! A resolução! Está na hora de ir embora! Já é tarde.

— Concordo com a opinião da maioria — irrompeu com voz grave Vdovitchenko. — Falando poeticamente, é isso mesmo. As instituições civis devem brotar de baixo, em bases democráticas, como mudas de árvores plantadas na terra, que criam raízes. Elas não podem ser implantadas de cima, como estacas. Esse foi o erro da ditadura jacobina e por isso a Convenção foi esmagada pelos termidorianos.

— Isso está claro como o santo dia — disse Svirid, em apoio ao seu colega de vida errante. — Até uma criança sabe. Tinham que pensar nisso antes, agora é tarde. Agora nosso dever é guerrear e atacar sem rodeios. Gerner e obedecer. Se não, o que isso quer dizer? Avançaram e recuaram depois? Cozinhou, agora coma. Entrou na água sozinho, não grite que está se afogando.

— A resolução! A resolução! — exigiam de todos os lados. Discutiram mais um pouco, de forma desordenada, cada um falava o que queria e ao amanhecer encerraram a reunião. Dispersaram-se com precauções, um a um.

Havia um lugar pitoresco na estrada. Localizadas no declive íngreme e separadas pelo pequeno e rápido rio Pajinka, as aldeias de Kuteini Posad, que descia pela encosta, e a colorida Mali Iermalai, e que ficava na parte de cima, quase se encontravam. Na aldeia de Kuteini Posad despediam-se dos recrutas e em Mali Iermalai, sob a presidência do coronel Chtreze, após os

feriados de Páscoa, continuava o seu trabalho a comissão de admissão de jovens a ser recrutados desta e de algumas aldeias adjacentes. Por ocasião do recrutamento estavam presentes a milícia montada e os cossacos.

Era o terceiro dia de uma Páscoa tardia e extemporânea, e de uma primavera prematura e também fora de época, um dia tranqüilo e quente. As mesas com guloseimas para os recrutas equipados para a viagem na aldeia de Kuteini estavam na rua, sob céu aberto, à margem da estrada para não atrapalhar o movimento. As mesas foram colocadas juntas e não muito alinhadas, por isso estendiam-se como uma tripa torta sob as toalhas brancas que desciam até o chão.

Para alimentar os recrutas fizeram uma coleta. A base do que estava sendo oferecido eram os restos dos festejos da Páscoa, dois pernis defumados, alguns bolos e dois ou três doces. Em todo o comprimento da mesa, havia bacias com cogumelos e pepinos salgados, chucrute, pratos com pão artesanal cortado em grandes fatias, bacias largas com montanhas altas de ovos pintados. Em seu colorido predominavam o rosa e o azul-claro.

A casca de ovo quebrada azul-clara, rosa e branca por dentro, sujava o capim ao lado das mesas. Azul-clara e rosa eram as camisas que apareciam por baixo dos paletós dos rapazes. Azul-claro e rosa eram os vestidos das moças. Azul-claro era o céu. Rosa, as nuvens que flutuavam pelo céu tão devagar e harmoniosamente, que parecia que o céu flutuava junto com elas.

Cor-de-rosa era a camisa, acinturada com uma faixa de seda, que Vlas Pakhomovitch Galuzin trajava quando desceu correndo da alta escadinha da varanda dos Pafnutski até as mesas, batendo com o salto de suas botas e jogando os pés para a esquerda e a direita. A casa dos Pafnutski ficava acima das mesas, no aclave. Então ele disse:

— Eu esvazio este copo de *samogon* popular, no lugar de champanhe, por vocês, rapazes. Glória e muitos anos de vida para vocês, jovens! Senhores recrutas! Quero felicitá-los em muitos outros momentos e situações. Por favor, atenção! O caminho que se estende numa longa estrada diante de vocês, para, de peito aberto, defender a pátria dos opressores, que cobriram os nossos campos com o sangue dos irmãos. O povo acalentou a idéia de discutir as conquistas da revolução sem derramamento de sangue, mas como o partido dos bolcheviques é escravo do capital estrangeiro, seu sonho querido, a Assembléia Constituinte foi dissolvida pela força brutal das

baionetas e o sangue está sendo derramado como um rio sem margem. Jovens rapazes que estão de partida! Reergam a honra da arma russa ultrajada, pois devendo favores aos nossos aliados, fomos desonrados, deixando a Alemanha e a Áustria aproveitarem-se dos vermelhos para desavergonhadamente levantarem a sua cabeça novamente. Deus está conosco, rapaziada — ainda dizia Galuzin e já se ouviam os gritos de "hurra" e pedidos para jogar Vlas Pakhomovitch para o alto. Ele levou o copo até os lábios e começou a beber devagar, em pequenos goles, a vodca mal destilada. A bebida não lhe dava prazer. Estava acostumado com os vinhos sofisticados. Mas a consciência do sacrifício público enchia-o de um sentimento de satisfação.

— Teu pai é uma águia! Bom de discurso! Parece membro da Duma Miliukov ^{91}. Por Deus — disse Gochka Riabikh com a voz meio embriagada, no meio da algazarra, elogiando o pai de Terenti Galuzin, que era seu vizinho de mesa. — Verdade, parece uma águia. Pelo visto não é à toa que se esforça. Quer com discurso salvar você do recrutamento.

— O que é isso, Gochka! Tenha vergonha! Inventou também "salvar"! Vão mandar-me a notificação no mesmo dia que a você, então tentará salvar-se. Vamos servir na mesma unidade. Fui expulso da escola técnica, desgraçados. Minha mãe não sabe o que fazer. Deus me livre de cair no batalhão de voluntários, seremos simples soldados. Agora o papai, em matéria de discursos, realmente é bom. Um mestre. E mais importante, de onde vem? De sua natureza. Não possui nenhuma formação.

— Ouviu falar do Sanka Pafnutkin?

— Ouvi. Parece que realmente pegou a praga.

— Para o resto da vida. Vai acabar sífilítico. Mas a culpa é dele. Avisamos para que não fosse. E com quem se meteu!

— O que será dele agora?

— Uma tragédia. Quis se matar. Hoje está sendo examinado por uma comissão em Iermolai, devem aceitar. Diz que vai ser guerrilheiro para se vingar das chagas da sociedade.

— Gochka, você diz que pode contagiar-se. Mas se não as freqüentar pode adoecer de outra coisa.

— Eu sei o que está querendo dizer. Pelo visto, faz isso também. Não é doença e sim um vício secreto.

— Vou bater na sua cara, Gochka, por essas palavras. Não se atreva a ofender um companheiro, seu mentiroso desgraçado!

— Acalme-se, foi brincadeira. O que quero dizer é o seguinte: quebrei o jejum em Pajinsk. Lá, um visitante falou sobre "A emancipação da personalidade". Foi muito interessante. Gostei desse negócio. Vou me tornar um anarquista, juro por minha mãe. A força, disse ele, está dentro de nós. O sexo e o caráter, disse, são o despertar da energia animal. Ah? Veja só que menino-prodígio. Eu entendi muito bem. Como gritam em volta, ninguém entende nada, dá para ficar surdo. Não agüento mais, Terechka, cale a boca. Estou dizendo, seu filho da mãe, queridinho da mamãe, cale-se.

— Diga-me somente uma coisa, Gochka. Ainda não sei tudo sobre o socialismo. Por exemplo, sabotador. Que expressão é essa? Para que serve?

— Apesar de eu ser um mestre nessas palavras, como posso explicar a você, Terechka? Deixe-me em paz, estou bêbado. Sabotador é aquele que está com o outro no mesmo grupo. Se foi dito que você é sabotador então está com ele no mesmo bando. Entendeu, seu burro?

— Foi isso mesmo que imaginei. Agora sobre a força da energia você tem razão. Pensei em encomendar de Petersburgo, pelo correio, uma cinta elétrica. Para elevar a atividade. Pagar por reembolso postal. Mas de repente veio outro golpe. Não dá para pensar em cintos.

Terenti não terminou de falar. A algazarra de vozes bêbadas foi abafada pelo estrondo sonoro de uma explosão. O barulho à mesa foi interrompido por um instante. Um minuto depois, ele recomeçou com uma força mais desordenada ainda. Uma parte dos que estavam sentados pulou do lugar. Quem era mais forte ficou de pé. Os outros, cambaleando, queriam afastar-se mas não conseguiram e, caindo sobre as mesas, adormeceram ali mesmo. As mulheres lançaram gritos agudos. Começou a confusão.

Vlas Pakhomovitch lançava olhares para os lados à procura do culpado. Em princípio pensou que a bomba estourara em algum lugar em Kuteini, provavelmente bem perto ou até mesmo próximo das mesas. Seu pescoço ficou tenso, o rosto vermelho e então gritou com toda força:

— Que Judas é esse que se enfiou nas nossas fileiras e está fazendo essa bagunça? Que filho da mãe está aqui brincando com granadas? Seja lá quem for, pode ser até mesmo meu filho, vou estrangular o canalha! Não podemos, senhores, suportar este tipo de brincadeiras! Exijo que se faça uma busca e apreensão! Vamos cercar a aldeia Kuteini Posad! Vamos pegar o provocador! Não deixaremos que o filho da puta fuja!

De início, ouviram-no. Depois, a atenção foi desviada para a coluna de fumaça negra que subia devagar para o céu, da casa da administração local, em Mali Iermalai. Todos correram até o barranco para ver o que estava acontecendo.

Da casa da administração de Iermalai, saíram correndo alguns recrutas desnudos, um estava descalço, com a calça vestida pela metade, e saiu o coronel Chtreze com outros militares, que faziam o exame de admissão e a classificação. Pela aldeia, montados a cavalo, agitando seus látigos e estendendo os corpos e os braços sobre os cavalos chicoteados, cavalgavam de um lado para o outro os cossacos e a milícia. Estavam procurando por alguém, queriam prender alguém. Uma multidão corria pela estrada em direção a Kuteini. Por trás, os sinos do campanário de Iermolai começaram a tocar o sinal de alarme.

Os acontecimentos sucederam-se com uma rapidez incrível. Ao anoitecer, continuando suas buscas, Chtreze subiu com os cossacos do povoado até a vizinha Kuteini. Depois de cercar a aldeia com sentinelas, começaram a revistar cada casa, cada mansão.

Nesta hora, a metade dos homenageados estava acabada. Depois de beber até a embriaguez, eles dormiam um sono profundo com as cabeças encostadas nas beiradas das mesas, ou caídos embaixo delas, no chão. Quando soube-se que a milícia estava na aldeia já estava escuro.

Alguns rapazes correram da milícia, desesperados, pelos fundos da aldeia e, uns apressando outros com pontapés e empurrões, entraram por baixo dos portões, que não alcançavam o chão, do primeiro celeiro que encontraram pela frente. Na escuridão, não dava para ver de quem era, mas a julgar pelo cheiro de peixe e querosene era o porão da cooperativa.

Os que se escondiam não tinham nenhuma culpa na consciência. Era um erro esconder-se. A maior parte fez isso às pressas, por estar bêbada e sem pensar. Alguns tinham conhecidos que lhes pareciam censuráveis e achavam

que seriam arruinados por eles, pois agora tudo adquiria conotação política. Bagunça e arruaça na zona soviética era avaliada como sinal de ultra-reacionarismo e na zona do exército branco, como desordens dos bolcheviques.

Mas os rapazes que entraram no porão tinham sido precedidos por outros. O espaço entre a terra e o chão do celeiro já estava repleto de gente. Ali escondiam-se algumas pessoas de Kuteini e Iermalai. Os primeiros estavam totalmente bêbados. A outra parte roncava com gemidos e assobios, rangendo os dentes e uivando, os restantes vomitavam. A escuridão embaixo do celeiro era terrível, um breu, o ar estava abafado e malcheiroso. Os últimos a entrar fecharam por dentro o buraco por onde passaram, com terra e pedras, para que nada os denunciasse. Logo o ronco e os gemidos dos bêbados cessaram. Fez-se um silêncio absoluto. Todos dormiam calmamente. Somente num canto ouvia-se o cochicho baixinho entre os mais inquietos, Terenti Galuzin, mortalmente assustado, e o brigão Koska Niekhvalioni.

— Fale baixo, seu filho da puta, vai entregar todos nós, seu diabo. Não está ouvindo? Os soldados de Chtreze estão avançando e procurando. Viraram na cerca, estão vindo em fileiras e logo estarão aqui! Olha, eles já chegaram! Não se mexa, não respire, senão mato você! Sorte a sua, passaram longe! Foram embora. Mas que diabo o trouxe para cá? Que estúpido, também veio esconder-se! Quem iria tocar em você?

— Ouvi Gochka gritando: "esconda-se, seu idiota". Então entrei.

— Gochka é outra coisa. A família toda dos Riabikh é suspeita. Não são confiáveis. Eles têm família em Khodatskoie. Classe operária. Fique quieto, seu idiota, fique deitado quieto. Aqui, por toda parte, há montes de cocô e vômito. Saindo do lugar, vai se sujar e me lambuzar com sujeira. Não está sentindo o fedor? Sabe por que Chtreze está dando busca na aldeia? Está à procura dos moradores de Pajinsk. Dos forasteiros.

— Como, Koska, foi acontecer tudo isso? Como começou?

— Foi por causa de Sanka, essa barafunda, por causa de Sanka Pafnutkin. Estávamos nus, em fila, para sermos examinados. Era a vez de Sanka. Ele não queria tirar a roupa. Havia bebido, chegou embriagado. O escrevente fez-lhe uma advertência. Disse: "Dispa-se." Disse respeitosamente. Chamou o Sanka de "senhor". O escrevente militar. E Sanka respondeu

grosseiramente: "Não vou me despir. Não quero mostrar-lhe partes do meu corpo." Como se tivesse vergonha. Aproximou-se de lado do escrevente, virou-se e deu-lhe um soco na boca. É. E o que você acha? Num piscar de olhos, Sanka inclinou-se, agarrou o pé da mesa e virou-a com tudo que havia em cima: tinteiro, listas militares, tudo no chão! Da porta da administração Chtreze gritou: "Não vou suportar insubordinação, vou lhes mostrar a revolução sem sangue e o que é desrespeito num local público. Quem é o instigador?" Então Sanka correu para a janela. "Socorro, gritava, peguem as roupas! É o nosso fim, companheiros!" Corri para pegar as roupas, vesti-me às pressas e fui até Sanka. Ele quebrou o vidro com o punho e fugiu para a rua. Pronto, era uma vez Sanka. Corri atrás dele. Veio mais alguém. E Deus nos concedeu pernas. Quando vimos, já estavam nos perseguindo. E se me perguntar por que tudo isso, ninguém sabe, ninguém entende.

— E a bomba?

— Que bomba?

— Quem jogou a bomba? Bem, não foi bomba, mas a granada?

— Meu Deus, não fomos nós.

— Então quem foi?

— Como vou saber? Alguém. Viu a algararra e pensou: "Vou aproveitar a confusão e explodir a administração. Vão achar que foi alguém, por questões políticas. Alguém de Pajinsk, pois aqui está cheio deles." Silêncio! Cale a boca! Os soldados estão voltando. Estamos perdidos. Fique quieto, estou dizendo.

As vozes aproximavam-se. As botas rangiam, as esporas tiniam.

— Não discutam. Não irão me enganar. Falta-lhes esperteza. Em algum canto, com certeza, estavam conversando — a voz autoritária do coronel soou com nitidez e sotaque de Petersburgo.

— Pode ter parecido, sua excelência — tentou persuadir o responsável de Mali Iermalai, o velho industrial pescueiro Otviajistin. — Não há nada demais ouvir conversas numa aldeia. Não é um cemitério. Pode até ser que conversassem em algum canto. As casas não são habitadas por bestas mudas. Quem sabe, em algum lugar, um duende está sufocando alguém num sonho?

— Ora, ora! Não se faça de bobo comigo, querendo passar-se por Jeremias! Duende! Estão com a vida muito mole, isso sim. Com esta filosofia, quando a Internacional chegar aqui então será tarde demais. Duende!

— Perdão, Excelência, senhor coronel! Que Internacional! São uns imbecis, vivem nas trevas intransitáveis. Gaguejam até com os velhos missais, tudo sem nexos. Nada sabem da revolução!

— Todos vocês falam assim, até a primeira prova. Revistem o recinto da cooperativa de cima a baixo! Revirem todos os baús, olhem por baixo dos balcões! Revistem as casas anexas!

— Sim, senhor, Excelência.

— Encontrem Pafnutkin, Riabikh, Niekhvalenikh, vivos ou mortos. Mesmo que seja no fundo do mar. E o filhote de Galuzin também. Não tem problema que o pai faça discursos patrióticos, está nos enganando. Ao contrário, isso não nos tranqüiliza. Se um comerciante está discursando, há algo de errado. É suspeito. É contra a natureza. Segundo informações confidenciais, no pátio deles, em Krestovozdvijensk, escondem fugitivos políticos, organizam reuniões secretas. Prendam o menino! Ainda não resolvi o que farei com ele, mas se descobirmos algo, mandarei enforcá-lo para que sirva de exemplo para os restantes.

Os soldados seguiram em frente. Quando se afastaram a uma boa distância, Koska Niekhvalenikh perguntou ao morto de pavor Terechka Galuzin:

— Ouviu?

— Sim — balbuciou Terechka, com uma voz estranha.

— Agora eu, você, Sanka e Gochka só temos um caminho, a floresta. Não digo que será para sempre. Até esclarecerem tudo. Quando reconsiderarem, então veremos o que fazer. Poderemos voltar.

A guerrilha florestal



1

Já era o segundo ano em que Iúri Andreevitch encontrava-se no cativeiro dos guerrilheiros. As fronteiras dessa prisão eram muito indefinidas. O local da prisão de Iúri Andreevitch não tinha grades. Ele não era vigiado e nem observado. O exército dos guerrilheiros a toda hora se locomovia e Iúri Andreevitch ia junto. Esse exército não se separava, não se distinguia do povo das aldeias e regiões por onde passava. Ele confundia-se com o povo, dissolvia-se nele.

Parecia que essa dependência, essa prisão não existia, que o doutor estava em liberdade e só não sabia como usá-la. A dependência do doutor, sua prisão não eram diferentes dos outros tipos de coerção, tão invisíveis e impalpáveis que até pareciam inexistentes, uma quimera e uma invenção. Apesar da ausência de grilhões, correntes e guardas, o doutor era obrigado a submeter-se à sua prisão, mesmo que ela fosse aparentemente imaginária.

Suas três tentativas de fuga dos guerrilheiros fracassaram. Não sofreu nenhuma represália, mas era como brincar com fogo. Ele não as repetiu mais.

Liveri Mikulitsin, o chefe dos guerrilheiros, dava-lhe liberdade, acomodava-o para dormir em sua cabana e gostava de sua companhia. Iúri Andreevitch suportava com dificuldade essa intimidade imposta.

2

Era o período do recuo quase contínuo dos guerrilheiros para o Oriente. De tempos em tempos o movimento fazia parte de uma ofensiva geral para

rechaçar Koltchak da Sibéria Ocidental. Às vezes, quando os brancos surpreendiam os guerrilheiros pela retaguarda na tentativa de cercá-los, a marcha para o leste transformava-se em retirada. O doutor, durante muito tempo, não conseguia entender essa sutileza.

Essa retirada era feita, freqüentemente, por um caminho paralelo à estrada principal e às vezes por ela própria. As cidadezinhas e aldeias da estrada diferenciavam-se, dependendo da sorte das alterações militares, em brancas ou vermelhas. Raramente, pela aparência podia-se definir qual era o poder que as dominava.

Nos momentos de passagem por essas cidades e povoados, em que recrutavam-se voluntários camponeses, o mais importante tornava-se principalmente esse exército que se arrastava por elas. As casas, dos dois lados da estrada, pareciam encolher-se e ser absorvidas pela terra, e os cavaleiros, os cavalos, os canhões e os enormes soldados de capotes da infantaria pareciam crescer no caminho, bem mais alto do que as casas.

Certa vez, numa dessas cidadezinhas, o doutor apossou-se de uma reserva de remédios ingleses, tomada como presa de guerra e deixada, durante o recuo, pelas tropas dos oficiais de Kappel ^{92}.

Era um dia escuro e chuvoso, com apenas duas tonalidades: tudo que estava iluminado parecia branco e todo o resto era negro. Na alma, também havia essa tonalidade simplificada, sem suaves gradações ou semitonalidades.

Completamente deteriorada pela freqüente movimentação militar, a estrada aparentava ser uma enxurrada de lama negra, e através dela era impossível atravessar a vau em qualquer parte. Para não molhar os pés, atravessavam a rua em alguns locais tão distantes uns dos outros que para alcançá-los dos dois lados tinham que fazer grandes retornos. Foi numa situação dessas que o doutor encontrou, em Pajinsk, a ex-companheira de viagem, Pelagéia Tiagunova.

Ela o reconheceu primeiro. Ele não conseguiu logo identificar quem era aquela mulher com o rosto tão conhecido, que lhe lançava, através da estrada, como de uma margem do canal para a outra, olhares dúbios, ora decididos a cumprimentá-lo, caso a reconhecesse, ora expressando a vontade de recuar.

Um minuto depois, ele lembrou de tudo. Juntamente com as imagens do vagão superlotado, das multidões de condenados a trabalhos forçados e seus guardas, das passageiras com as tranças jogadas nas costas, ele viu os seus no meio do quadro. Os detalhes da viagem familiar do ano retrasado cercaram-no com todas as suas cores. Os rostos queridos, dos quais sentia tanta saudade, surgiram vivamente diante dele.

Com um aceno de cabeça, ele lançou um sinal para que Tiagunova subisse um pouco pela rua, até o local onde a atravessavam pelas pedras que surgiam da lama. Ele mesmo foi até esse local, atravessou até Tiagunova e cumprimentou-a.

Ela contou-lhe muitas coisas. Lembrando o bonito e puro menino Vácia, que fora recrutado por engano e que viajava com eles no mesmo vagão, Tiagunova descreveu para o doutor a sua vida na aldeia de Veretenniki, na casa da mãe de Vácia. Passou bons tempos lá. Mas o povo da aldeia a toda hora lembrava-lhe que na comunidade de Veretenniki ela era uma estranha, uma forasteira. Inventaram e acusavam-na de manter intimidades com Vácia. Teve que ir embora, do contrário acabaria linchada. Acomodou-se na cidade de Krestovozdvijensk, na casa da irmã, Olga Galuzina. Os boatos de que Prituliev estava em Pajinsk atraíram-na para lá. Os boatos revelaram-se falsos, mas permaneceu ali depois de conseguir um emprego.

Nesta época, aconteceram desgraças com pessoas que estimava. De Veretenniki chegaram informações de que a aldeia foi submetida à execução militar por ter desobedecido à lei de requisição de gêneros ^{93}. Pelo visto, a casa dos Brikin foi incendiada e alguém da família de Vácia morreu. Em Krestovozdvijensk, tomaram a casa e os bens dos Galuzin. Seu cunhado foi preso ou fuzilado. O sobrinho desapareceu. Nos primeiros tempos, depois da destruição, sua irmã Olga viveu na miséria e passou fome, mas agora servia, por um prato de sopa, a uma família de parentes camponeses na aldeia de Zvonarskaia.

Por acaso, Tiagunova trabalhava como lavadora de pratos na farmácia de Pajinsk, onde o doutor deveria confiscar todo o material. Para todos que trabalhavam na farmácia, incluindo Tiagunova, o confisco resultaria em miséria. Mas o doutor não tinha poderes para revogar a ação. Tiagunova estava presente durante a operação de entrega do material.

A carroça de Iúri Andreevitch foi levada para o pátio dos fundos da farmácia onde ficavam as portas do depósito. Do recinto, retiravam trouxas, garrafas cobertas com palha trançada e caixotes.

Juntamente com as pessoas, o carregamento era observado do estábulo pela triste, magra e tihosa égua do farmacêutico. O dia chuvoso findava e saudava o anoitecer. O céu ficou mais limpo. Por um minuto, surgiu o sol, espremido entre as nuvens. Era hora do poente. Seus raios de bronze escuro jorraram para o pátio, dourando sinistramente as poças do estrume líquido que o vento não agitava. A mistura do estrume não se movia por causa da densidade. Porém, a água da chuva na estrada encrespava com o vento e turvava-se na vermelhidão.

E as tropas andavam e andavam pelas margens da estrada, contornando as poças mais profundas e os buracos. Entre os remédios apreendidos encontrava-se um vidro inteiro de cocaína, vício pelo qual, nos últimos tempos, o chefe dos guerrilheiros tomara gosto.

3

Com os guerrilheiros, o doutor tinha trabalho até pescoço. No inverno era o tifo exantemático, no verão, a disenteria. Além disso, aumentava o número de feridos em dias de batalhas, na retomada das operações militares.

Apesar de fracassos e de um recuo contínuo, as fileiras dos guerrilheiros eram constantemente reforçadas por novos rebeldes locais, por tropas de camponeses e desertores do campo adversário, onde elas passavam. Durante o ano e meio que o doutor passou com os guerrilheiros, seu exército aumentou em dez vezes. Quando, na reunião do quartel-general em Krestovozdvijensk, Liveri Mikulitsin anunciou os efetivos de suas forças, ele os havia aumentado em dez vezes, aproximadamente. Agora haviam atingido o número indicado.

Iúri Andreevitch possuía ajudantes, alguns enfermeiros recém-formados mas com boa experiência. Seus braços direitos, na área clínica, eram um comunista húngaro e médico militar prisioneiro, Kereni Laioch, e o enfermeiro croata Angeliar, também um prisioneiro de guerra. Com o

primeiro Iúri Andreevitch explicava-se em alemão, o segundo, cuja origem eram os Bálcãs eslavos, falava e entendia um pouco de russo.

4

Pela Convenção Internacional da Cruz Vermelha, os médicos militares e os que prestam serviços nas unidades de enfermagem não têm o direito de participar, armados, das operações militares. Porém, certa vez, o doutor, contra a sua vontade, teve que violar essa regra. O ponto de junção do combate pegou-o em campo e obrigou-o a partilhar a sorte dos combatentes e defender-se a tiros.

A fileira de guerrilheiros, dentro da qual, atingido pelo fogo, encontrava-se o doutor, junto com o telegrafista da unidade, ocupava a clareira da floresta. Pelas costas dos guerrilheiros estava a taiga, pela frente uma clareira aberta, um espaço devassado e desprotegido pelo qual atacaram os brancos.

Eles se aproximavam e já estavam bem perto. O doutor podia ver bem o rosto de cada um deles. Eram meninos e rapazes da capital, que não eram militares. Havia também gente mais velha, recrutada da reserva. Mas quem dava o tom eram os primeiros, a juventude, os estudantes principiantes e ginásianos da oitava série, recém-alistados como voluntários.

O doutor não conhecia ninguém, mas os rostos da metade deles lhe pareciam comuns, conhecidos, vistos anteriormente. Uns lembravam seus ex-colegas de escola. Quem sabe eram seus irmãos mais novos? Os outros, era como se os tivesse encontrado em multidões, nos teatros ou ruas, em tempos passados. Suas fisionomias expressivas e atraentes pareciam-lhe íntimas, próximas.

Sua concepção do dever, da forma que sua juventude o entendia, inspirava-lhes um arrojo exaltado, desnecessário, provocativo. Eles marchavam, em formação dispersa e escassa, estendidos em toda sua altura, superando em tamanho os oficiais de carreira. Desprezando o perigo, não corriam nem deitavam-se apesar de haver saliências na clareira, pequenas colinas e montes, atrás dos quais podiam se abrigar. As balas dos guerrilheiros atingiam a quase todos, sem exceção.

No meio do campo amplo e devassado, por onde os brancos marchavam em frente, havia uma árvore morta e queimada. Foi carbonizada por um raio ou uma chama da fogueira ou partida e chamuscada pelas batalhas anteriores. Cada soldado voluntário, em ataque, lançava olhares para a árvore, lutando contra a vontade de posicionar-se atrás de seu tronco para poder mirar com menos perigo e mais precisão, no entanto dispensava essa tentação e ia em frente.

Os guerrilheiros possuíam pouca munição. Deveriam economizá-la. Havia a ordem, apoiada pelo acordo regional, de atirar de pequenas distâncias, de fuzis, com tiros em número igual de alvos visíveis.

O doutor estava deitado, desarmado, no meio do mato e observava o desenrolar do combate. Sua compaixão estava totalmente do lado das crianças que morriam heroicamente. Eram rebentos de família provavelmente próximas dele espiritualmente, da mesma educação que ele, da mesma mentalidade, com os mesmos conceitos.

Agitou-se em sua cabeça a idéia de correr até eles na clareira, se entregar e desta forma adquirir a liberdade. Mas o passo era arriscado e perigoso.

Até alcançar o meio da clareira, com os braços levantados, ele poderia ser abatido pelos dois lados, no peito e nas costas; os seus o fariam pela traição e os estranhos por não entenderem as suas intenções. Não era a primeira vez que se encontrava em tal situação, já havia pensado em todas as possibilidades e há muito tempo considerava esses planos de salvação imprestáveis. Conformando-se com o sentimento duplo, o doutor continuava deitado de bruços, desarmado, com o rosto virado para a clareira, observando do mato o desenrolar do combate.

No entanto, contemplar e permanecer no meio da luta que fervia não era uma questão de vida, mas sim uma questão de morte — era inconcebível e estava acima das forças humanas. O problema não era a fidelidade às tropas, às quais aderira em função da prisão, e não em função de sua convicção pessoal, mas sim de obediência à ordem dos acontecimentos, a obediência às leis daquilo que se passava diante e ao redor dele. Era contra as regras permanecer passivo diante disso. Tinha de fazer o mesmo que faziam os outros. Havia um combate. Estavam atirando nele e em seus companheiros. Tinha que se defender dos tiros.

E quando o telegrafista, a seu lado, começou a debater-se em convulsões e depois enrijeceu e estendeu-se, paralisado e imóvel, Iúri Andreevitch, rastejando, esticou-se até ele, tirou sua bolsa, pegou seu fuzil e, voltando para o seu lugar anterior, começou a descarregá-lo, bala por bala.

Mas a compaixão não o deixava mirar os jovens rapazes que ele admirava e com os quais simpatizava. E atirar alienadamente para o ar era uma atividade muito estúpida e ociosa que contrariava suas intenções. E aguardando o momento em que entre ele e seu alvo não havia nenhum dos atacantes, ele começou a atirar em um alvo na árvore queimada, utilizando seus métodos.

Mirando, e na medida em que sua pontaria tornava-se mais precisa, imperceptivelmente, sem apertar até o fim o calcador do gatilho, como se quisesse atirar a esmo, enquanto o gatilho do cão e o tiro não seguissem por si mesmos e acima de suas expectativas, o doutor começou, com a comum precisão de seu tiro, a derrubar os galhos inferiores secos da árvore semimorta.

Mas que horror! Por mais que tentasse não acertar ninguém, um ou outro dos soldados em ataque movia-se e, no momento decisivo, posicionava-se entre ele e a árvore, passando pela linha de sua pontaria no momento do tiro. Ele feriu dois e ao terceiro infeliz, que caiu perto da árvore, isso custou-lhe a vida.

Finalmente, o comando branco, convencido da inutilidade da tentativa, deu a ordem de recuar.

Havia poucos guerrilheiros. A parte principal de suas forças estava em marcha e a outra parte recuara para o lado, travando combate com importantes forças do inimigo. O destacamento não perseguiu os brancos, para não revelar que era pouco numeroso.

O enfermeiro Angeliar trouxe até a clareira dois padioleiros com macas. O doutor ordenou que se ocupassem dos feridos e foi em pessoa até o telegrafista estendido no chão. Ele pouco acreditava que ainda estivesse respirando, que pudesse ser reanimado. Mas o telegrafista estava morto. Para se certificar definitivamente, Iúri Andreevitch desabotoou a camisa no seu peito e tentou ouvir o coração. Não batia.

No pescoço do morto havia um saquinho pendurado num cordão. Iúri Andreevitch retirou-o. Dentro havia um papel amassado, desgastado nas

bordas e protegido por um paninho. O doutor desdobrou-o e ele se desmanchou dividindo-se em pedaços. O papel continha trechos do Salmo XC, com as alterações e variantes declinações que o povo introduz nas orações e cuja repetição afasta-se tanto do original que o torna irreconhecível. Os trechos do texto em eslavo religioso tinham sido transcritos em russo.

O salmo diz: "Tu, que habitas sob a proteção do Altíssimo." No papelzinho isso se tornou o título da oração: "Os protegidos". O versículo do salmo que diz "Não temerás a flecha que voa à luz do dia", transformou-se em palavras de ânimo: "Não tema a flecha da guerra que se aproxima" e "Pois conhece o meu nome", diz o salmo. E o papel: "Tarde ele conheceu meu nome." "Na aflição estarei com ele..." e no papel ficou: "Logo no inverno dele."

O texto do salmo era considerado milagroso e diziam proteger das balas. Fora carregado como talismã pelos soldados, ainda na guerra imperialista anterior. Passaram-se décadas e bem mais tarde os prisioneiros começaram a costurá-lo dentro de suas roupas e o repetiam quando eram chamados pelos delegados para interrogatórios noturnos.

Do telegrafista, Iúri Andreevitch foi até a clareira onde estava o corpo do soldado branco morto por ele. No bonito rosto do rapaz estavam estampados os traços da inocência e do sofrimento que tudo perdoa: "Por que o matei?", pensou o doutor.

Ele desabotoou o capote do morto e abriu bem sua barra. No forro, com uma caligrafia de mão cuidadosa e carinhosa, provavelmente materna, estava bordado: Serioja Rantsevitch — nome e sobrenome do morto.

Da abertura da camisa de Serioja saíram para fora dependurados em uma correntinha um crucifixo, uma medalha e mais um estojinho achatado e dourado, com a tampa danificada por um prego. A caixinha estava entreaberta. Dela caiu um papelzinho dobrado. O doutor desdobrou-o e não acreditou em seus olhos. Era o mesmo Salmo XC, mas impresso em eslavo original.

Nesta hora, Serioja gemeu e estendeu-se. Estava vivo. Como ficou esclarecido depois, ele fora somente aturdido por uma contusão interna leve. A bala deflagrada bateu na lateral do talismã materno e isso salvou sua vida. O que fazer com o desfalecido?

A fúria dos que guerreavam nesse momento atingira o limite. Os prisioneiros não eram levados vivos até o local designado, os inimigos feridos eram abatidos no campo.

Como no efetivo dos voluntários da floresta a toda hora ingressavam novos caçadores, ou saíam e passavam para o lado inimigo velhos guerrilheiros, Rantsevitch, mantendo segredo absoluto, poderia ser muito bem apresentado como um novato, um aliado recente.

Iúri Andreevitch tirou a roupa do telegrafista morto com a ajuda de Angeliar, com quem dividiu suas intenções e trocou a roupa do rapaz que não voltava a si.

Ele e o enfermeiro cuidaram do menino. Quando Rantsevitch recuperou-se eles o liberaram, apesar de este não esconder de seus libertadores que voltaria às fileiras do exército de Koltchak e continuaria a luta contra os vermelhos.

5

No outono, o acampamento dos guerrilheiros estava na península do rio Lisa, em uma pequena floresta e uma colina não muito alta, embaixo da qual, correndo pelos três lados, minava as margens com erosões o riozinho veloz e espumante.

Antes dos guerrilheiros, aqui invernavam os soldados de Kappel. Eles reforçaram a floresta com as suas mãos e com o trabalho dos moradores das redondezas e na primavera abandonaram-na. Agora em seus abrigos não destruídos, em suas trincheiras e passagens de comunicação acomodaram-se os guerrilheiros.

Liveri Averkevitch dividia sua cabana com o doutor. Era a segunda noite em que o ocupava com suas conversas e não o deixava dormir.

— Gostaria de saber o que anda fazendo agora meu respeitável pai, meu nobre "pater", meu papaizinho.

"Meu Deus, como não suporto este tom irônico", suspirou por dentro o doutor. "E é o pai em pessoa!"

— Como pude concluir de nossas conversas passadas, o senhor conheceu suficientemente bem Averki Stepanovitch. E, segundo me parece, tem até uma boa impressão dele. Não é, meu condescendente senhor?

— Liveri Averkievitch, amanhã será a nossa assembléia pré-eleitoral na clareira. Além do mais, está próximo o tribunal para julgar os enfermeiros que faziam *samogon*. Eu e Laioch ainda não preparamos o material sobre este caso. Vamos nos reunir amanhã com este objetivo. Estou há duas noites sem dormir. Vamos adiar as conversas. Seja misericordioso.

— Sim, mas voltando a falar em Averki Stepanovitch. O que me diz sobre o velhaco?

— Tem um pai ainda bem jovem, Liveri Averkievitch. Por que fala assim dele? Agora vou lhe responder. Disse-lhe freqüentemente que compreendo mal alguns matizes socialistas e não percebo muita diferença entre os bolcheviques e os outros socialistas. Seu pai é do tipo de pessoa a quem a Rússia deve as rebeliões e desordens dos últimos tempos. Averki Stepanovitch é do tipo e caráter revolucionários. Assim como o senhor, é representante dos princípios russos que não se acomodam.

— Isso o que é, elogio ou repreensão?

— Vou pedir novamente para deixar a discussão para uma hora mais conveniente. Além disso, chamo a sua atenção para a cocaína que o senhor está usando desmedidamente. Está tirando-a, sem autorização, dos depósitos sob minha responsabilidade. Precisamos dela para outros fins, sem dizer que isso é um veneno e que sou responsável por sua saúde.

— O senhor faltou mais uma vez às aulas de ontem. Está com atrofia da veia social, como as mulheres ignorantes e os arraigados e retrógrados pequeno-burgueses. E no entanto, o senhor é doutor, lido, e parece que até escreve algo. Explique-me: como tudo isso se encaixa?

— Não sei explicar. Pode ser que não se encaixe de modo algum, o que fazer? Eu mereço compaixão.

— A humildade é melhor que o orgulho. Em vez de ironizar sarcasticamente seria melhor inteirar-se do programa dos nossos cursos e então reconheceria a sua arrogância inoportuna.

— Deus me livre, Liveri Averkevitch! Que arrogância? Reverencio o seu trabalho educacional. A análise das questões repete-se na ordem do dia. Eu

leio. Conheço suas idéias sobre a educação moral dos soldados. Elas me encantam. Tudo o que o senhor diz sobre a relação do soldado, do exército popular com os companheiros, com os fracos, com as mulheres indefesas, com as idéias de pureza e honra, isso tudo é quase o que serviu para a comunidade dos *dukhobori* ^{94}, é um tipo de *tolstovstvo*, é o sonho da existência digna, disso foi repleta a minha adolescência. Iria eu rir dessas coisas?

"Porém, em primeiro lugar, as idéias da perfeição geral, da maneira como começaram a ser concebidas a partir de outubro, não me inflamam. Em segundo, isso está longe de ser realizado e somente pelos boatos já pagaram com tais mares de sangue que, eu acho, o objetivo não justifica os meios. E em terceiro, e isso é o principal, quando ouço sobre a transformação da vida perco o domínio de mim e caio em desespero.

"Transformação da vida! Assim podem raciocinar pessoas que até viram muita coisa, mas que nunca souberam da vida, não sentiram sua alma, seu espírito. Para elas a existência é uma matéria grosseira, que não foi enobrecida pelo seu toque e que necessita ser trabalhada por elas. A vida nunca é um material, uma substância. Ela mesma, se você quer saber, renova-se constantemente, é um princípio que eternamente modifica-se, ela mesma, eternamente, refaz-se e transforma-se, ela está bem acima das nossas teorias estúpidas.

— Mas mesmo assim, freqüentar as reuniões e comunicar-se com as nossas pessoas maravilhosas, atrevo-me dizer, levantaria seu ânimo. Não se entregaria à melancolia. Sei por que sente isso. Sente-se oprimido por estarmos sendo bombardeados e o senhor não vê nenhuma luz no fim do túnel. Porém, nunca, amigo, devemos entrar em pânico. Eu sei de coisas muito mais terríveis, que dizem respeito a mim pessoalmente — temporariamente elas não podem ser anunciadas —, e mesmo assim não me embaraço. Os nossos fracassos são temporários. A morte de Koltchak é inevitável. Escreva o que digo e verá. Nós vamos vencer. Acalme-se.

"Não, isso é incomparável!", pensava o doutor. "Que infantilidade! Que visão míope! Estou sempre batendo na mesma tecla sobre as contradições de nossos pontos de vista, ele pegou-me à força, e com a força mantém-me junto a ele e imagina que os fracassos devem entristecer-me e que seus planos e

esperanças enchem-me de ânimo. Que autodeslumbramento! Os interesses da revolução e a existência do sistema solar, para ele, são a mesma coisa."

Iúri Andreevitch estremeceu. Não respondeu nada, somente encolheu os ombros, não queria esconder nem um pouco que a ingenuidade de Liveri ultrapassara todos os limites de sua paciência e ele continha-se a muito custo. Para Liveri isso ficou claro.

— Júpiter! Se está zangado, então está errado — disse ele.

— Entenda, por favor, entenda definitivamente que isso não é para mim. "Júpiter", "não entrar em pânico", "quem disse *a* tem que dizer *b*", "Moor fez o seu trabalho, Moor pode ir embora"... todas essas vulgaridades, essas expressões não me dizem respeito. Direi *a*, mas não direi *b*, pode se rasgar e explodir. Admito que vocês são os astros e libertadores da Rússia, que sem vocês ela estaria perdida, afundada na miséria e ignorância, e no entanto não me importo com vocês e não dou a mínima para vocês, eu não gosto de vocês, ah, vão para o diabo. Os soberanos das idéias de vocês pecam com provérbios, mas se esqueceram do principal — ninguém pode ser amado à força — e arraigou-se o costume de libertar e fazer felizes principalmente aqueles que não lhes pediram isso. Provavelmente, o senhor deve imaginar que não existe lugar melhor no mundo para mim do que o seu acampamento e sua companhia. Talvez, eu tenha que abençoar o senhor e agradecer-lhe pela prisão, por ter me livrado de minha família, de meu filho, da minha casa, dos meus afazeres, de tudo que prezo e de que vivo. Chegaram boatos sobre a invasão de Varikino por uma unidade estrangeira desconhecida. Dizem que foi destruída e roubada. Kamennodvorski não nega isso. Parece que os meus e os seus conseguiram fugir. Certos cegos mitológicos, vestidos com sobretudos acolchoados e de gorros, durante um frio terrível, atravessaram o rio Rinva pelo gelo e, sem mais palavras, mataram tudo que havia de vivo pela frente no povoado e depois sumiram da mesma forma misteriosa como surgiram. O senhor sabe disso? Isso é verdade?

— Bobagens. Invenções. Delírios não confirmados sustentados por boateiros.

— Já que é tão bondoso e generoso, como em seus ensinamentos sobre a educação moral dos soldados, deixe-me ir embora. Vou partir à procura dos meus, sobre os quais nada sei, nem se estão vivos nem onde estão. Mas se a resposta for não, então cale a boca e deixe-me em paz, pois o restante não

me interessa e não responderei mais por meus atos. E, afinal de contas, eu tenho, diabos, o direito de querer simplesmente dormir!

Iúri Andreevitch deitou de bruços na cama, enfiando o rosto no travesseiro. Ele tentava, com todas as forças, não ouvir as justificativas de Liveri, que continuava a acalmá-lo, dizendo que até a primavera os brancos estariam derrotados. Que a guerra civil terminaria, chegaria a liberdade, a prosperidade, a paz. Então, ninguém teria coragem de reter o doutor. Mas até lá, teria que agüentar. Depois de tudo que suportaram e de tantas vítimas e de toda aquela longa espera, isso não poderia tardar. E para onde iria hoje o doutor? Para o seu próprio bem, ele não podia ser liberado para lugar algum.

"Deu corda, diabo! Começou a trabalhar com a língua! Como é que não se envergonha de ficar ruminando por tantos anos as mesmas coisas?", suspirava em pensamento e indignava-se Iúri Andreevitch. "Como gosta de ouvir a si próprio esse infeliz erudito cocainômano. A noite para ele não é noite, não deixa dormir nem viver, o desgraçado. Oh, como o odeio! Deus é testemunha, um dia ainda o mato. Oh, Tônia, minha pobre menina! Estará viva? Onde? Meu Deus, ela já deveria ter parido há muito tempo! Como foi o parto? Quem nasceu, menino ou menina? Todos os meus queridos, o que lhes aconteceu? Tônia, meu eterno remorso e minha culpa! Lara, receio pronunciar seu nome para minha alma não expirar junto com o nome. Deus! Deus! E esse aí não pára de discursar, não se aquieta, esse animal abominável e insensível! Oh, um dia não agüentarei e o matarei, matarei!"

6

O veranico passou. Os dias do outono dourado estavam claros. Uma torrezinha de madeira, do fortim dos voluntários que fora conservado, surgia da terra no canto ocidental da península do rio. Ali, Iúri Andreevitch combinara encontrar-se e discutir com o doutor Laioch, seu assistente, alguns assuntos gerais. Na hora marcada, Iúri Andreevitch chegou ao local. Aguardando o companheiro, começou a caminhar pela margem de terra da trincheira desmoronada, subia e entrava na torre da guarda e olhava pelas seteiras vazias dos ninhos de metralhadoras para o horizonte que se estendia depois do rio.

O outono já demarcara bruscamente na floresta o limite entre o mundo conífero e o folífero. O primeiro, como uma muralha sombria quase preta, eriçava-se no fundo do bosque e o segundo, com manchas vinho-ígneas brilhava no espaço, como se fosse uma cidadezinha antiga com suas casas de torres douradas e seu forte, construída nas profundezas da floresta com seus próprios troncos.

A terra, na vala, embaixo dos pés do doutor e nas trilhas florestais da estrada, envolvida e endurecida pela geada matinal, fora densamente coberta e estava repleta de folhas secas, pequenas, do salgueiro desfolhado, como se tivessem sido cortadas e enroladas em tubinho. O outono emanava aquele cheiro amargo e marrom da folhagem e de muitas outras espécies. Iúri Andreevitch, avidamente, inalava aquele complexo perfume ácido da maçã gélida e molhada, da aridez amarga, da doce umidade e da embriaguez azul de setembro que lembravam os vapores da água jogada na fogueira e do incêndio recém-apagado.

Iúri Andreevitch nem percebeu quando Laioch aproximou-se dele por trás.

— Bom dia, colega — disse em alemão. Eles se ocuparam de suas tarefas.

— Temos três itens a examinar: sobre os produtores clandestinos de vodca, a reestruturação do hospital e da farmácia e, terceiro, por minha insistência, sobre o tratamento dos doentes mentais em ambulatórios de campanha. Pode ser que o senhor não veja necessidade disso, porém, segundo minhas observações, estamos enlouquecendo, meu caro Laioch, e os tipos de enlouquecimento moderno possuem características de uma infecção, de uma doença contagiosa.

— É uma questão muito interessante. Depois vou abordá-la. Agora quero dizer o seguinte. Está havendo excitação no acampamento. O destino dos produtores clandestinos de vodca provoca compaixão. Muitos estão também preocupados com o destino das famílias que fogem das aldeias, dos brancos. Uma parte dos guerrilheiros recusa-se a pôr-se em marcha por causa da aproximação da carroça com suas mulheres, filhos e velhos.

— É, teremos que aguardá-los.

— E tudo isso, antes da escolha do comando único, geral, das unidades insubordinadas. Acho que o único candidato é o companheiro Liveri. Um

grupo de jovens está propondo um outro, Vdovitchenko. Está sendo apoiado por um grupo estranho para nós, que apoiava o grupo dos produtores de vodca, filhos dos culaques e comerciantes, desertores de Koltchak. Estes, principalmente, estão em polvorosa.

— O que acha que vai acontecer com os enfermeiros que faziam e vendiam a vodca?

— Acho que serão condenados ao fuzilamento e depois perdoados, transformando a condenação em condicional.

— No entanto, voltemos ao assunto que interessa. A reestruturação do hospital. Isso é o que eu gostaria de analisar em primeiro lugar.

— Está bem. Mas quero dizer que, na sua proposta sobre a prevenção psiquiátrica, não vejo nada de extraordinário. Tenho a mesma opinião. Surgiram e propagam-se doenças mentais que possuem as mais típicas características e traços do tempo, provocados espontaneamente pelas especificidades da época. Temos um soldado do exército czarista que é muito consciente, com um instinto de classe congênito. Chama-se Panfil Palikh e foi justamente nesse aspecto que ele enlouqueceu, do medo do que pode acontecer a seus próximos, caso seja morto. Se eles caírem nas mãos dos brancos, terão que pagar por ele. É uma psicologia muito complexa. Parece que seus parentes estão nos seguindo numa carroça de refugiados e devem nos alcançar. A minha insuficiência no conhecimento da língua não me permite fazer-lhe certas perguntas. Procure os pormenores com Angeliar ou Kamennodvorski. Temos que examiná-lo.

— Conheço muito bem o Palikh. Como não conhecê-lo! Certa época, encontrávamo-nos no Soviete do Exército. É bem moreno, duro, com uma testa baixa. Não entendo o que viu de bom nele. Sempre defende as medidas mais extremadas, rigorosas, e as execuções. Sempre me repugnou. Mas está bem, vou ocupar-me dele.

Fazia um dia claro e ensolarado. O tempo estava calmo e seco como em toda a semana anterior.

Do fundo do acampamento vinha um ruído surdo e confuso, parecido com o estrondo do mar. Anunciavam uma grande reunião, ouviam-se passos das pessoas que vagavam pela floresta, vozes humanas, batidas de machados, o repique dos campanários, o relinchar dos cavalos, o latido de cachorros e a cantoria dos galos. Pela floresta, moviam-se multidões de pessoas bronzeadas, com dentes brancos e sorridentes. Muitas conheciam o doutor e reverenciavam-no, outras não o conheciam e passavam por ele sem cumprimentá-lo.

Apesar da recusa dos guerrilheiros em deixar a península do rio, até que fossem alcançados por suas famílias, que os seguiam em carroças, os últimos já estavam perto do acampamento e na floresta iniciavam os preparativos para uma transferência mais para o Oriente. Consertavam-se coisas, limpavam, reformavam caixas, conferiam as carroças e revisavam o seu estado.

No meio da floresta, havia uma clareira grande e pisoteada, como se fosse um *kurgan* ou *gorodiche* ^{95}, que na localidade era chamada de *buivicha*. Ali, normalmente, eram realizadas as reuniões militares. Para hoje, estava marcada uma assembléia geral para anunciar algo importante.

Na floresta, havia ainda muita folhagem que não amarelara. Nas suas profundezas, estava quase toda fresca e verdejante. O sol da tarde transpassava a floresta com seus raios. As folhas deixavam a luz do sol penetrar e brilhavam de costas como a chama verde e transparente de vidro de garrafa.

Na clareira aberta, perto de seu arquivo, o chefe da comunicação Kamennodvorski queimava a papelada lida e desnecessária que lhe fora passada pela administração do regimento de Kappel, juntamente com os papéis que faziam parte de seu relatório. A fogueira estava armada de tal maneira, que o sol transparecia através do fogo como através da folhagem da floresta. Não se via o fogo, somente pelas correntes de mica inconstantes do ar quente podia-se concluir que algo estava pegando fogo e ardendo.

Aqui e ali, a floresta matizava-se com variados tipos de frutinhas silvestres maduras: com os penduricalhos enfeitados do *serdetchnik* ^{96}, com o sabugueiro flácido de cor parda-atijolada e com os cachos rutilantes brancos e carmesins da *kalina* ^{97}. Tilintando com as asinhas de vidro,

passavam voando, devagar, pelo ar, as cigarras malhadas e transparentes, como o fogo e a floresta.

Desde a infância Iúri Andreevitch gostava da floresta vespertina que refletia o fogo do crepúsculo. Em momentos como estes, também deixava que as colunas de luz passassem através dele. Como se fosse uma dádiva do espírito vivo que penetrava em seu peito, atravessava toda a sua essência e com um par de asas saía para fora, pelas espáduas. Aquela primeira impressão de garoto, que fica para a vida inteira em cada um, e depois lhe parece para sempre que é seu interior, sua personalidade, com toda sua força inicial despertava dentro dele e obrigava a natureza, a floresta, o crepúsculo e tudo que estava ao alcance de sua vista a transformar-se na mesma coisa original e abrangente, à imagem e semelhança de uma menina. "Lara!" — de olhos fechados balbuciou ou mentalmente referiu-se à toda sua vida, à toda terra de Deus, a todo o espaço ensolarado que se estendia diante dele.

Porém, a realidade atual prosseguia, na Rússia acontecia a Revolução de Outubro, ele era prisioneiro dos guerrilheiros. E, sem perceber, aproximou-se da fogueira de Kamennodvorski.

— Está destruindo a escrituração? Até agora, não conseguiu pôr fogo em tudo?

— Quem me dera! Isso ainda vai demorar muito.

Com o bico da bota o doutor derrubou e desemparelhou um dos amontoados de papéis. Era a correspondência telegráfica dos quartéis-generais dos brancos. Uma vaga suposição de que entre os papéis ele encontraria o nome de Pantsevitch passou por sua cabeça, mas ele enganara-se. Era uma coleção sem graça de boletins codificados com abreviações incompreensíveis do tipo: "Omsk para o *genregsup* ^{98} primeira cópia Omsk nosso mapa de Omsk quarenta quilômetros de Ieniseiki não chegou." Remexeu com o pé um outro amontoadado. Dele, deslizaram para os lados as atas das velhas reuniões dos guerrilheiros. Por cima, havia um papelzinho: "Extremamente urgente. Sobre as licenças. Reeleições dos membros da comissão de revisão. Questões correntes. Devido às acusações reticentes da professora da aldeia Ignatodvortsa, o soviete do exército resolve..."

Nessa hora Kamennodvorski tirou algo do bolso, estendeu para o doutor e disse:

— Aqui está o horário do seu departamento médico, em caso de partida do acampamento. As carroças com as famílias dos guerrilheiros já estão perto. As divergências do acampamento serão solucionadas hoje. De um dia para o outro, pode acontecer de levantarmos acampamento.

O doutor leu o papelzinho e admirou-se:

— Isso é menos do que me deram da última vez! E o número de feridos aumentou! Os que podem andar e os enfaixados irão a pé. Mas são poucos. Como transportarei os gravemente feridos? E os medicamentos, as camas, o equipamento?

— Terá que se apertar. Tem que se adaptar às condições. Outra coisa. Existe um pedido comum a todos com relação ao senhor. Temos um companheiro aguerrido, de confiança, dedicado à causa e ótimo soldado. Algo de errado está acontecendo com ele.

— Palikh? Laioch comentou comigo.

— É. Vá até ele e o examine.

— Algo psíquico?

— Acredito que sim. Vê certos corredores, como ele mesmo diz. Pelo visto, são alucinações. Insônia. Dores de cabeça.

— Está bem. Vou sem demora. Agora estou com tempo livre. Quando começa a reunião?

— Acredito que já estejam chegando. Mas para que vai? Veja, eu não fui. Arranjam-se sem a gente.

— Então vou até Panfil. Apesar de estar muito cansado e quase dormindo em pé. Liveri Averkievitch gosta de filosofar durante a noite, atordoou-me. Como encontrar Panfil? Onde ele fica?

— Conhece o arvoredado de bétulas, depois do buraco? Com árvores novinhas?

— Encontrarei.

— Na clareira estão as barracas dos comandantes. Uma delas entregamos a Panfil, que aguarda a família. Pois a mulher e os filhos estão vindo ao seu encontro. Então, ocupou uma das barracas dos comandantes. Como membro do batalhão. Pelos seus merecimentos revolucionários.

No caminho até Panfil, o doutor sentiu que não tinha mais forças. O cansaço o dominava. Ele não conseguia vencer o sono, resultado das várias noites sem dormir. Podia voltar para cochilar dentro da blindagem. Mas Iúri Andreevitch temia retornar para lá. Liveri poderia chegar a qualquer instante e incomodá-lo.

Ele deitou num lugar sem mata na floresta, coberto de folhas douradas que caíram sobre a clareira das árvores e a orlavam. As folhas espalhavam-se na clareira como peças num tabuleiro de jogo de damas. Da mesma forma, caíam os raios de sol no tapete dourado. A vista turvava por causa desta dupla mistura de cores cruzadas. Ela hipnotizava como a leitura em letras miúdas ou o resmungo de algo monótono.

O doutor deitou por cima da folhagem sedosa e farfalhante, colocando a mão debaixo da cabeça, por cima do musgo, que como travesseiro cobria as raízes salientes da árvore. Adormeceu num instante. O multicolorido das manchas solares que o fizeram adormecer cobriam em desenho xadrez o seu corpo esticado sobre a terra e o tornavam invisível, indiferenciável no caleidoscópio dos raios e folhas, como se ele tivesse vestido o chapéu mágico [{99}](#).

Porém, muito em breve, a excessiva força com a qual ele desejava o sono e necessitava dele despertou-o. As causas só atuam diretamente quando proporcionais a seus efeitos. Qualquer declínio da medida produz efeitos contrários. O descanso não encontrado e a consciência vigilante funcionavam ativamente em falso. Cortes de idéias passavam como um tufão e rodopiavam em torno, quase batendo pino, como uma máquina quebrada. Esta confusão espiritual atormentava e aborrecia o doutor. "Maldito Liveri", indignava-se ele. "Pouco importa para ele que existam no mundo centenas de motivos para o homem enlouquecer. Com a sua prisão, com a sua amizade e seu blabláblá desnecessário transforma o homem sadio em neurastênico. Algum dia eu o matarei."

Como um retalho colorido que se dobrava e se abria, pelo lado ensolarado sobrevoava uma borboleta marrom com manchas. O doutor com

os olhos sonolentos observou seu vôo. Ela pousou naquilo que mais se assemelhava à sua cor, o casco marrom e manchado do tronco do pinheiro, com o qual ela fundiu-se, tornando-se totalmente imperceptível. A borboleta invisivelmente desapareceu no tronco, da mesma forma como Iúri Andreevitch perdia-se num olhar desatento sobre o xadrez dos raios solares e as sombras que brincavam sobre ele.

Uma série de pensamentos habituais dominou Iúri Andreevitch. Em muitos trabalhos sobre a medicina, ele indiretamente os mencionava. Sobre a força de vontade e racionalidade como conseqüência do aperfeiçoamento da adaptação. Sobre o mimetismo, o sentido imitativo e preventivo. Sobre a sobrevivência dos mais aptos, sobre a possibilidade de existir um caminho que é percorrido pela seleção natural e esse é o caminho da elaboração e do nascimento da consciência. O que é o sujeito? O que é o objeto? Como definir a identidade entre eles? Nos pensamentos do doutor, Darwin encontrava com Schelling e a borboleta esvoaçante encontrava a pintura moderna, a arte impressionista. Ele pensava sobre a criação, a criatura, a arte e imitação.

Então ele adormeceu novamente e um minuto depois acordou mais uma vez. Um ruído de vozes baixo e abafado por perto despertou-o. Foram suficientes somente algumas palavras para que Iúri Andreevitch entendesse que se tratava de um acordo secreto, ilegal. Pelo visto, os negociadores não perceberam a sua presença e nem desconfiavam disso. Mas, caso se mexesse, isso lhe custaria a vida. Iúri Andreevitch prendeu a respiração, ficou paralisado e prestou atenção nas falas.

Algumas vozes ele conhecia. Eram nulidades, a escória dos guerrilheiros, os meninos que se encostaram na guerrilha, Sachka Pafnutkin, Gochka Riabikh, Koska Niekhvalenikh e mais um que se arrastava atrás e era Terenti Galuzin. Eles encabeçavam toda a sujeira e pouca vergonha. Com eles estava também Zakhar Gorazdikh, uma figura ainda mais obscura, conivente com o processo do *samogon*, mas que temporariamente estava livre da responsabilidade por ter delatado alguns culpados. Iúri Andreevitch espantou-se com a presença do guerrilheiro da "companhia de prata", Sivobliui, que fazia parte da guarda pessoal do chefe. Por herança, desde Razin e Pugatchov, este homem, mais chegado pela confiança que Liveri depositava nele, era chamado de ouvido do chefe. Então ele também era participante do conluio.

Os conspiradores combinavam as ações com os enviados das patrulhas avançadas do inimigo. Não se ouvia totalmente os que falavam, de tão baixo que combinavam com os traidores. Somente pelos intervalos que ocorriam no cochicho dos cúmplices, Iúri Andreevitch conseguia adivinhar que naquele momento estavam falando os representantes do inimigo.

O que mais falava, pronunciando palavras a todo instante e com uma voz rouca, era o bêbado Zakhar Gorazdikh. Ele deveria ser o cabeça.

— Agora, vocês todos, ouçam. O mais importante é fazer tudo às escondidas, secretamente. Se alguém vacilar, denunciar, estão vendo esta faca? Com esta faca estriparei o traidor. Entendido? Agora não podemos ir nem para lá e nem para cá, estamos na forca. Teremos que merecer o perdão. Temos de fazer uma coisa que o mundo nunca viu, fora do comum. Exigem-no vivo, amarrado. Agora ouçam: desta floresta aproxima-se o comandante deles, Gulevoi. (Ele não ouviu como se pronunciava certo o nome do comandante e depois logo se corrigiu: "general Galeev"). Não teremos outra oportunidade. Aqui estão seus representantes. Eles irão lhes provar tudo. Eles dizem que tem de ser obrigatoriamente amarrado, vivo. Perguntem vocês mesmos aos companheiros. Falem vocês, os outros. Digam algo, irmãos.

Os estranhos enviados começaram a falar. Iúri Andreevitch não conseguia entender uma palavra sequer. Pela duração do silêncio geral dava para imaginar o caráter sigiloso do que estava sendo dito. Gorazdikh falou novamente.

— Ouviram, irmãos? Agora estão vendo com seus próprios olhos o ouro que nos caiu nas mãos, que elixir? Será que temos de pagar por ele? Que homem é esse? É decadente, esquisito, um ignorante ou vagabundo. Terechka, vai pagar pelo riso! Para quem está arreganhando os dentes, seu pecador? Não estou falando para você, seu palhaço. É. Como na adolescência, um vagabundo. Tente não resistir e fará de você um monge, castrará você. Quais são suas falas? Expatriar, abaixo o palavrão, guerra aos bêbados, relação com a mulher. Será possível viver assim? É minha palavra final. À noite, fiquem a postos na passagem do rio onde ficam as pedras. Eu o levarei até lá. Cairemos todos em cima dele. Não é difícil dar conta dele. Uma bobagem. Qual é o problema? Eles o querem vivo. Amarraremos. Mas se eu perceber que não está do nosso jeito, darei eu mesmo conta dele, o

matarei com minhas próprias mãos. Eles mandarão alguns dos seus, nos ajudarão.

O que falava continuava a expor a trama, mas começou a distanciar-se junto com os outros e o doutor não podia mais ouvir o que diziam.

"Estão falando de Liveri, os canalhas!", pensava Iúri com terror e revolta, esquecendo-se de quantas vezes ele mesmo amaldiçoou o seu torturador e desejara a sua morte. "Os desgraçados pretendem entregá-lo aos brancos ou matá-lo. Como evitar isso? Aproximar-se casualmente da fogueira e, sem dizer nomes, avisar Kamennodvorski. E de alguma maneira advertir Liveri sobre o perigo."

Kamennodvorski já não estava mais no mesmo local. A fogueira acabara de queimar. O ajudante de Kamennodvorski vigiava a fogueira, para que o fogo não se alastrasse.

Porém, o atentado não se concretizou. Fora interrompido. Como se revelou, sabiam do conluio. Naquele dia foi desvendado até o fim e os conspiradores presos. Sivobliui fazia aqui um papel duplo de espião e provocador. O doutor sentiu ainda mais nojo.

9

Soube-se que as mulheres refugiadas com as crianças estavam a duas travessias. Na península Lisii preparavam-se para o breve encontro com os seus e para a retirada e a ação marcadas para logo após o encontro. Iúri Andreevitch foi até Panfil Palikh.

O doutor encontrou-o na entrada da barraca, com um machado na mão. Em frente à barraca, estavam amontoadas bétulas novas derrubadas com varas. Panfil ainda não as havia desbastado. Um foram derrubadas ali mesmo e, ao cair com todo seu peso, cravaram as pontas dos galhos quebrados na terra úmida. Outras, ele trouxe de algum lugar próximo e jogou-as por cima. Tremendo e balançando nos galhos flexíveis, as bétulas não colavam no chão, nem uma na outra. Pareciam rechaçar, como se fosse com as mãos, o Panfil que as derrubara e, como uma floresta verde e viva, fechavam-lhe a entrada para a barraca.

— Estou à espera de visitas queridas — disse Panfil, explicando do que se ocupava. — Para a mulher e os filhos a barraca é baixinha, e em dias de chuva entra água. Quero reforçar a parte superior com estacas. Derrubei e larguei aí.

— Bobagem sua, Panfil, achar que deixarão que sua família more com você na barraca. Onde já se viu mulheres e filhos permanecerem nas tropas? Vão deixá-los em algum lugar por perto, dentro da carroça. Nas horas livres poderá visitá-los, por certo. Mas que se acomodem na barraca militar, duvido. Mas não é esse o problema. Disseram-me que você está emagrecendo, parou de comer e beber, não dorme. Mas sua aparência é boa. Só está um pouco cabeludo.

Panfil Palikh era um mujique enorme, com cabelos negros desgrenhados, barbudo e com uma testa nodosa que dava a impressão de ser dupla, por causa da saliência do osso frontal, que em forma de anel ou arco metálico comprimia suas têmporas. Isso deixava Panfil com uma aparência de um sujeito mau e lúgubre, com um olhar enviesado e simulado.

No início da revolução, quando, a exemplo de 1905, temiam que desta vez a revolução seria também um acontecimento de curta duração na história das elites instruídas — e que não atingiria em profundidade as classes populares, não se estabelecendo nelas — tentavam com todas as forças agitar, revoltar, alvoroçar, perturbar e enfiurecer o povo.

Naqueles primeiros dias, as pessoas, como o soldado Panfil Palikh, que sem qualquer propaganda odiavam com um rancor feroz e animal os intelectuais, os senhores e os oficiais, pareciam achados raros para os exaltados intelectuais de esquerda e valiam ouro. Sua desumanidade representava o milagre da consciência de classe, sua barbaridade era o exemplo da firmeza proletária e do instinto revolucionário. Assim era a fama que Panfil adquirira. Ele era considerado um dos melhores quadros pelos chefes dos guerrilheiros e pelos líderes partidários.

A Iúri Andreevitch, esse Hércules sombrio e insociável parecia um degenerado não muito normal, em consequência de sua insensibilidade e pobreza de interesses em relação àquilo que lhe era próximo e podia entretê-lo.

— Vamos entrar na barraca — convidou Panfil.

— Não, para quê? Não conseguiria mesmo entrar. Prefiro o ar fresco.

— Tudo bem. Como queira. Realmente, parece uma toca. Vamos conversar nas árvores.

Então os dois sentaram-se nos troncos das bétulas que balançavam para lá e para cá.

— Dizem que quando se conta alguma coisa chega-se logo ao fim, mas que quando se faz alguma coisa, o trabalho é mais demorado. No entanto a minha história também é longa. Não se resume a três anos. Nem sei por onde começar. Poderia ser assim, acho. Vivíamos eu com minha patroa. Cuidava da casa. Eu era camponês, não me queixava. Nasceram as crianças. Recrutaram-me para o exército. Mandaram-me como militar de flanco para a guerra. Bem, a guerra. Não preciso contar a você, companheiro doutor. Bem, veio a revolução. Abriram-se os olhos do soldado. O inimigo não é mais aquele alemão que é estrangeiro, mas é o nosso irmão. Os soldados da revolução mundial enfiaram as baionetas na terra, partiram da frente de batalha para casa para lutar contra os burgueses. Disso você sabe muito bem, companheiro doutor. E daí por diante a guerra civil. Juntei-me aos guerrilheiros. Agora vou pular muita coisa, do contrário não termino nunca. Não sei se vai ser longa ou curta a minha história, mas é o que estou vendo, o momento atual. Ele, o parasita, retirou da frente russa o primeiro e o segundo destacamentos de Stavropolski e o primeiro de Orenburg. Será que acham que sou uma criancinha e não entendo? Como se não tivesse servido o exército! Estamos mal, companheiro doutor, estamos fritos. O que o desgraçado quer? Quer nos esmagar com todo este peso, quer cair sobre nós. Quer nos cercar. Agora tenho mulher e filhos. Caso ele vença, para onde eles irão? Será que vai entender que não têm nada a ver com isso, que estão à margem disso? Ele não levará isso em conta. Vai torcer os braços de minha mulher como se fossem os meus, vai torturar, por minha causa, a minha mulher e as crianças também, pedacinho por pedacinho. Como posso comer e beber nessas circunstâncias? Nada adianta ser de ferro, quando a gente sente, emociona-se.

— Você, Panfil, é esquisito. Não entendo você. Durante anos viveu sem eles, nada sabia deles e nem se preocupava. E agora, de uma hora para outra, vai encontrá-los e, ao invés de ficar feliz, fica velando-os.

— Isso foi antes, pois agora há uma grande diferença. A canalha branca está nos vencendo. Mas não sou eu a questão. Vou para o caixão. Acho que

este é o meu caminho. E os meus queridinhos não poderei levar comigo para o outro mundo. Vão cair nas garras da canalha. Irão sangrar gota a gota.

— E por isso está tendo alucinações? Dizem que tem tido alucinações!

— Deixe isso para lá, doutor. Não lhe contei tudo. Não disse o mais importante. Bom, ouça qual é minha verdade, não me puna, direi tudo sem esconder nada. Muitos de vocês eu liquidei, tenho muito sangue de senhores e oficiais nas minhas mãos, e daí? Não me lembro da quantidade nem dos nomes, tudo espalhou-se como água. Somente um jovem não me sai da cabeça. Matei um rapaz e não consigo esquecê-lo. Por que matei o menino? Porque fez-me rir, quase matou-me de rir. De tanta risada eu, de bobagem, matei-o. Por nada. Foi durante a revolução de fevereiro ^{100}. No governo de Kerenski. Protestávamos. Aconteceu na estrada de ferro. Enviaram um menino agitador que tentou com palavras levar-nos para o ataque. Para lutarmos até a vitória final. Chegou um cadete e tentou acalmar-nos com palavras. Tão magrinho. Sua palavra de ordem era: até a vitória final. Com estas palavras, ele parou em cima da tina de incêndio que estava na estação. Depois, subiu na tina para convocar para o ataque, lá de cima. De repente, a tampa embaixo dos pés dele virou e ele caiu na água. Pisou em falso. Foi tão engraçado! Rolei de tanto rir. Muito engraçado! E eu estava com uma arma. E nada me fazia parar de rir, parecia que alguém estava me fazendo cócegas. Então apontei e dei um tiro nele. Eu mesmo não entendo como isso aconteceu. Como se alguém tivesse empurrado o meu braço. Por isso tenho as minhas alucinações. A noite, vejo a estação. Naquela hora foi engraçado, mas agora tenho pena.

— Foi na cidade de Meliuzeev, na estação Biriutchi?

— Esqueci-me.

— Protestavam com os moradores de Zibuchino?

— Esqueci-me.

— Qual era a frente? A ocidental?

— Acho que era ocidental. Tudo pode ser. Não lembro.

A sorva açucarada {101}



1

As famílias dos guerrilheiros já seguiam há muito tempo em carroças das tropas do exército, com as crianças e as trouxas. Após a última carroça de refugiados, bem atrás, tocavam-se inúmeros rebanhos de gado. Eram alguns milhares de cabeças de gado, vacas em sua grande maioria.

Junto com as mulheres dos guerrilheiros, surgiu no acampamento um novo rosto, a soldada Zlidbrikha ou Kubarkha, veterinária e feiticeira às escondidas.

Ela andava de chapéu em forma de pastel, caído de banda e numa sobrecasaca cor de ervilha dos atiradores reais da Escócia, peça do fornecimento inglês de uniformes ao governo supremo, e garantia ela que refez estas coisas de uma carapuça e de um roupão de prisioneiro, e que os vermelhos a liberaram da prisão central de Kezhem, onde Koltchak a mantinha prisioneira, sem motivos.

Nesse momento, os guerrilheiros estavam acampados em um lugar novo. Supunha-se que seria uma parada breve, até investigarem os arredores e encontrarem um local para uma parada mais demorada e segura, na qual passassem o inverno. Porém, em seguida, as circunstâncias mudaram e obrigaram os guerrilheiros a permanecer e passar o inverno ali mesmo.

Este novo acampamento em nada se parecia com a recém-deixada península Lisii. Era uma floresta densa, intransponível, como uma taiga. Para um lado, a partir da estrada e do acampamento, ela não tinha fim. Nos primeiros dias, enquanto as tropas armavam um novo bivaque e acomodavam-se para morar, Iúri Andreevitch tinha mais horas de lazer. Ele

penetrou nas profundezas da floresta, em várias direções, com o objetivo de investigá-la e certificou-se de como era fácil perder-se nela. Dois cantos chamaram a sua atenção e ficaram em sua memória durante o primeiro passeio.

Na saída do acampamento e da floresta outonal, que estava nua e transparente, como se tivessem aberto os portões para o vazio, crescia uma bela sorveira solitária, bonita, a única de todas as árvores que conservava a sua folhagem ruiva e cor de ferrugem. Ela surgia na colina sobre um montículo pantanoso e elevava até o céu, para o chumbo escuro de uma tempestade outonal, os corimbos dilatados de seus frutos duros e ardentes. Os passarinhos de inverno com as penas rutilantes, como os desenhos da neve, o pisco-chilreiro e o melro sentavam-se na sorveira e bicavam devagar e seletivamente os frutos grandes, jogando a cabecinha para trás, esticando os pescoços e engolindo-os com dificuldade.

Uma certa aproximação viva estabelecia-se entre os pássaros e a árvore. Como se a sorveira visse tudo isso, resistisse durante um longo tempo, e depois se entregasse, com pena dos passarinhos. Cedia, desabotoava e dava-lhes o peito, como a mãe para o recém-nascido. Parecia dizer: "O que faço com vocês. Tomem, comam. Alimentem-se." E sorria.

Um outro local na floresta era ainda mais maravilhoso. Ficava num outeiro. Esse outeiro, uma colina, de um lado era um penhasco. Parecia que lá embaixo do penhasco havia algo diferente do que havia em cima — um rio, um barranco ou uma várzea selvagem, coberta de capim. No entanto, embaixo dele encontrava-se a mesma vegetação que havia em cima, só que numa profundidade vertiginosa, em outro nível, rebaixado, com os cocurutos das árvores que afundaram, sob os pés. Provavelmente, isso foi consequência de um deslizamento.

Como se essa floresta sombria, nebulosa e épica houvesse tropeçado do jeito que era e caído para baixo e tivesse ido para os quintos dos infernos, mas no momento crucial se deteve na terra e ei-la sã e salva, vistosa e barulhenta lá embaixo.

Porém não por isso, mas por outra peculiaridade, era magnífico o outeiro florestal. Toda a sua extremidade era trancada por blocos de mármore suspensos e em posição de costelas. Eles se pareciam com as placas chatas e trabalhadas dos dólmens pré-históricos. Quando Iúri Andreevitch entrou

naquela quadra pela primeira vez, ele era capaz de jurar que aquele local com pedras não fora formado naturalmente, mas possuía marcas das mãos dos homens. Poderia ter sido, antigamente, alguma obra de idolatria desconhecida, lugar onde realizavam rituais e sacrifícios.

Naquele local, numa manhã fria e sombria, foi executada a pena de morte dos onze culpados pela conspiração e dos dois enfermeiros que produziam *samogon*.

Um grupo de vinte pessoas, fidelíssimas à revolução dos guerrilheiros, com o núcleo da guarda especial do quartel-general levaram-nos para lá. A guarda fechou-se em semicírculo em torno dos condenados e, tomando as baionetas em mãos, com passos rápidos e apertados, começou a empurrá-los, acuando-os no canto rochoso de onde não havia saída além de pular para o abismo.

Os interrogatórios, a longa permanência sob a guarda e as humilhações sofridas despojou-os da aparência humana. Eles estavam cobertos de pêlos, sujos, extenuados e horrorosos, como fantasmas.

Perderam as armas assim que começou a investigação. Ninguém pensou em revistá-los pela segunda vez, antes da execução. Isso parecia uma vileza excessiva, achincalhe com pessoas que estavam prestes a morrer.

De repente, um amigo de Vdovitchenko que caminhava ao seu lado e era assim como ele velho e anarquista ideológico, o Rzhanitski, atirou três vezes na corrente dos guardas, mirando Sivobliui. Rzhanitski era um maravilhoso atirador, mas sua mão tremia de nervosismo e por isso errou o alvo. Novamente a delicadeza e a compaixão pelos antigos companheiros não permitiu à guarda conter Rzhanitski ou responder com um disparo antecipado ao comando geral para a sua execução. Rzhanitski possuía ainda três balas, mas por causa de sua exaltação, ou quem sabe por ter se esquecido delas ou ter se aborrecido com o erro, jogou a arma nas pedras. Com o impacto, a arma atirou pela quarta vez ferindo o condenado Patchkólia no pé.

O enfermeiro Patchkólia gritou, agarrou o pé e caiu, gemendo de dor. Pafnutkin e Gorazdikh, que estavam próximos a ele, suspenderam-no pelas axilas e carregaram-no, para que no corre-corre os companheiros não o pisoteassem, pois não havia mais ninguém em sã consciência. Patchkólia caminhava em direção ao abismo rochoso, para onde estavam empurrando os condenados, pulando, mancando e sem condições de se apoiar no pé ferido, gritava ininterruptamente. Seus berros sobre-humanos eram contagiosos,

como se, por um sinal, todos tivessem perdido o controle de si. Começou algo inimaginável. Começaram os palavrões, ouviram-se orações, queixas, soaram maldições.

O adolescente Galuzin, tirando da cabeça o boné de estudante com tira amarela que ainda usava, caiu de joelhos e assim, sem levantar-se, arrastando-se, recuou mais para dentro da multidão até as terríveis rochas. Ele, com freqüência, dirigia-se aos guardas e suplicava delirando e cantando:

— Sou culpado, irmãos, perdoem-me, não farei mais isso. Não me matem. Não me matem. Ainda não vivi, sou jovem para morrer. Gostaria de viver mais um pouco, ver mais uma vez a mãezinha. Perdoem-me, irmãos, tenham piedade. Beijarei seus pés. Carregarei água para vocês nas minhas costas. Que desgraça, que desgraça, estou morto, mãezinha, mãezinha.

Lá do meio, alguém lamentava-se:

— Companheiros, caríssimos! Por que isso? Voltem a si! Juntos derramamos sangue em duas guerras. Por uma só causa lutamos. Tenham piedade, soltem-nos. Jamais esqueceremos a sua bondade. Será por merecimento, mostraremos com trabalho. Ficaram surdos e por isso não respondem? Onde está seu crucifixo?

Para Sivoblui gritavam:

— Seu Judas, traidor de Cristo! Que traidores somos nós? Você, seu cachorro, que é três vezes traidor, tomara que seja esmagado! Fez juramento ao seu czar e matou o seu czar legítimo, jurou-nos fidelidade e traiu-nos. Beije-se com o seu diabo até traí-lo também. E o trairá.

Vdovitchenko, à beira da morte, permaneceu fiel a si mesmo. De cabeça erguida com seus cabelos grisalhos ao vento, em voz alta, para que todos pudessem ouvir, como um comunardo para comunardo, falou para Rzhanitski:

— Não se humilhe, Bonifácio! Seu protesto não chegará a eles. Esses novos *opritchnik* ^{102} não entenderão você, são carrascos das novas câmaras de torturas. Mas não desanime! A história saberá julgar. Os nossos filhos colocarão no pelourinho os Bourbons do poderio dos comissários e julgarão seu papel ignóbil. Somos mártires da idéia na aurora da revolução mundial. Viva a revolução do espírito! Viva a anarquia mundial!

A salva de vinte tiros de fuzil, proferida por algum comando e ouvido somente por alguns atiradores, derrubou a metade dos condenados e matou a maioria. O menino Terechka Galuzin foi o que mais se debateu, mas finalmente parou, estirando-se, sem fazer movimentos.

2

Não foi logo que mudaram de idéia sobre a transferência do acampamento de inverno, para algum lugar mais para o Oriente. Duraram muito tempo as explorações e visitas à localidade do lado da estrada, ao longo da divisão de águas Vitsko-Kezhemski. Liveri freqüentemente ausentava-se do acampamento, em direção à taiga, deixando o doutor sozinho.

Porém, já não dava mais para mudar-se, nem havia para onde. Foi o período de grandes fracassos dos guerrilheiros. Antes da sua queda final, os brancos resolveram acabar de uma vez por todas com os destacamentos florestais irregulares e, com os esforços gerais de todas as frentes, fizeram um cerco. Os guerrilheiros eram imprensados por todos os lados. Seria para eles uma catástrofe caso o raio do cerco fosse menor. Foram salvos pela amplitude incomensurável desse movimento circular. No limiar do inverno, o inimigo era incapaz de apertar as suas fileiras pela taiga intransitável e ilimitada, e organizar as tropas de camponeses mais densamente.

Em todo caso, para os guerrilheiros ficou totalmente impossível movimentar-se para qualquer lado. Claro que se existisse um plano de deslocamento que promettesse determinadas vantagens estratégicas, então poder-se-ia atravessar, com batalhas, através da linha do cerco, para uma nova posição.

No entanto, não existia nada neste sentido. Todos estavam exaustos. Os comandantes subalternos, também desanimados, não exerciam nenhum tipo de autoridade sobre seus subordinados. Os comandantes reuniam-se toda noite, para o conselho militar, e propunham resoluções contraditórias.

Tinham que abandonar a procura de local para invernar e fixar-se na floresta ocupada. Durante o inverno, com a neve profunda, ela tornava-se

intransitável para o inimigo, que mal possuía esqui. Tinham que entrincheirar-se e estocar uma grande quantidade de alimentos.

O guerrilheiro intendente Bisiurin chamava a atenção para a falta de farinha e batata. Havia muito gado, e Bisiurin previa que no inverno a alimentação principal seria carne e leite.

Faltava roupa de inverno. Uma parte dos guerrilheiros andava semivestida. Mataram todos os cachorros no acampamento. Os conhecedores do ofício de peleteiro faziam sobretudos para os guerrilheiros com as peles dos cachorros.

Negavam ao doutor material de curativo. As carroças eram necessárias para negócios mais urgentes. Na última travessia, os doentes mais graves foram carregados em macas por mais de quarenta quilômetros a pé.

De todos os medicamentos, restou a Iúri Andreevitch somente quinino, iodo e sal de Galuber. O iodo, necessário para as cirurgias e curativos, era cristalizado. Tinha de ser diluído em álcool. Arreponderam-se da destruição do *samogon* e deram aos menos culpados, na época já absolvidos, a incumbência de consertar o aparelho ou montar um novo. A fabricação proibida de *samogon* foi restabelecida por motivos medicinais. No acampamento somente piscavam um para o outro e balançavam as cabeças. A bebedeira, caso reaparecesse, facilitaria o desmantelamento do destacamento.

A destilação chegou a quase cem graus. Um líquido tão forte dissolvia maravilhosamente os preparados cristalizados. Com a infusão de quinino, feita com este mesmo *samogon*, Iúri Andreevitch mais tarde, no início do inverno, tratava as reincidências de tifo exantemático.

Nestes dias, o doutor viu Panfil Palikh com a família. Sua mulher e seus filhos passaram o verão todo correndo pelas estradas empoeiradas, sob céu aberto. Estavam assustados com os terrores pelos quais passaram e aguardavam novos. A vida errante deixou marcas inapagáveis. A mulher e os três filhos de Panfil, um menino e duas meninas, tinham cabelos claros e

sedosos desbotados pelo sol e sobrancelhas brancas nos rostos escuros, curtidos pelo vento e bronzeados. As crianças eram muito pequenas para carregar as marcas do que viveram, do rosto da mãe os abalos sofridos e os perigos espantaram qualquer expressão da vida. Deixaram somente os traços secos regulares, os lábios esticados numa linha, a imobilidade tensa dos sofrimentos, pronta para a autodefesa.

Panfil amava todos eles, principalmente as crianças, loucamente e com uma habilidade que espantava o doutor. Com o canto da lâmina do machado afiado, ele talhava brinquedos de madeira para elas, como coelhos, ursos, galos.

Quando chegaram, Panfil ficou alegre, animou-se, começou a melhorar de saúde. Mas sabia-se que, em função da má influência que exercia a presença das famílias no ânimo geral do acampamento, os guerrilheiros seriam obrigatoriamente separados dos seus seguidores. O acampamento seria desocupado do desnecessário apêndice não-militar e o comboio de fugitivos, sob uma guarda suficiente, acamparia em algum lugar bem longe, para hibernar. Havia mais conversas sobre esta separação do que reais preparativos. O doutor não acreditava na realização da medida. Porém Panfil entristeceu e suas alucinações voltaram.

4

No limiar do inverno, alguns fatos envolveram o acampamento em uma série de preocupações, insegurança, situações terríveis e embaraçosas, estranhas incongruências.

Os brancos realizaram totalmente seu projeto de cerco aos rebeldes. Encabeçavam a operação final os generais Vitsin, Kvadri e Basaligo. Estes generais tinham a fama de rígidos e de tomar decisões inflexíveis. Só o nome deles já aterrorizava as mulheres dos rebeldes e a população civil das aldeias, que não havia deixado seus lares e ficara para trás em suas aldeias, do outro lado do cerco inimigo.

Como já fora dito, não dava para prever os métodos pelos quais o cerco do inimigo seria estreitado. Neste sentido podia-se ficar tranqüilo. No entanto, permanecer passivo ao cerco era impossível. A resignação diante

das circunstâncias fortalecia moralmente o inimigo. De uma armadilha, mesmo inofensiva, tinha-se que tentar escapar por motivos táticos.

Para isso, foram designados muitos guerrilheiros e concentraram-nos contra o arco ocidental do bloqueio. Depois de árduas batalhas que duraram dias, os guerrilheiros derrotaram o inimigo, romperam o cerco nesta linha e penetraram na área da retaguarda.

Pelo espaço livre, formado pelo rompimento, abriu-se um acesso à taiga até os rebeldes. Para se juntarem a eles, acorreram novas multidões de fugitivos. Esse fluxo de gente pacífica das aldeias não se esgotava somente com os parentes dos guerrilheiros. Aterrorizada com as medidas punitivas dos brancos, toda a população aldeã moveu-se, deixando suas casas, sendo naturalmente atraída pelo exército florestal de camponeses, no qual via a sua salvação.

Porém, no campo, havia uma intenção de livrar-se dos próprios parasitas. Os guerrilheiros não queriam saber nem dos seus e muito menos dos novos fugitivos. Saíam correndo ao encontro deles, paravam-nos no caminho e desviavam-nos em direção ao moinho Tchilimskaia na clareira, às margens do rio Tchilimka. A este lugar, longe como o diabo, formado por propriedades que cresceram ao redor do moinho, chamavam de Corte. Nesta Corte foi proposto fixar o acampamento dos fugitivos para o inverno e acomodar o depósito dos alimentos separados para eles.

Enquanto tomavam tais decisões, problemas continuavam surgindo e o comando do acampamento não ficava sobrecarregado.

A vitória obtida sobre o inimigo complicava-se. Depois de deixar passar o grupo de guerrilheiros, que rompeu o bloqueio, para dentro da região, os brancos fecharam e restabeleceram a linha rompida. Para os que penetraram na retaguarda deles e para o destacamento que se desvencilhou, a possibilidade de retorno para a taiga foi cortada.

As mulheres fugitivas também estavam ensandecidas. Na floresta densa e intransitável era fácil recobrar o vigor. Os enviados não encontravam os rastros dos fugitivos e voltavam; as mulheres, num fluxo caótico, entravam nas profundezas da taiga e a caminho realizavam maravilhas da esperteza, derrubavam árvores dos dois lados, faziam pontes e diques de feixes de ramos, construía estradas.

Tudo isso contrariava as intenções do quartel-general da floresta e virava de cabeça para baixo os planos de Liveri e seu destino.

5

E era exatamente por este motivo que ele esbravejava, de pé junto com Svirid, perto da estrada, que a uma curta distância passava pela taiga. No caminho estavam seus chefes, discutindo se deveriam ou não cortar os cabos telegráficos ao longo da estrada. A última palavra e definitiva era de Liveri, mas ele não parava de tagarelar com o caçador vadio. Liveri acenava para eles com a mão, em sinal de que logo se juntaria a eles, para que esperassem e não se fossem.

Svirid levou muito tempo para aceitar o julgamento e o fuzilamento de Vdovitchenko, que era inocente a não ser por sua influência, que competia com a autoridade de Liveri e dividia o campo. Svirid queria desligar-se dos guerrilheiros para viver livremente, como antigamente, isolado de todos e de tudo. Porém, não era tão simples assim. Vendeu-se e teria o mesmo destino dos outros fuzilados, caso abandonasse agora o exército dos irmãos da floresta.

O tempo estava um horror, de uma maneira difícil de imaginar. Um vento cortante e forte carregava, para bem próximo da terra, retalhos rasgados de nuvens negras como flocos de fuligem. De repente, deles começava a cair a neve, numa rapidez convulsiva de uma fúria branca.

Em um minuto, o horizonte ficava envolto num sudário branco, e branca também era a camada que cobria a terra. No minuto seguinte, a camada de neve dissolvia-se, derretendo por completo. Surgia a terra negra como carvão, o céu negro coberto de nuvens inclinadas, que se desfaziam em chuvas. A terra não absorvia mais a água. Nos momentos de estiagem as nuvens dispersavam-se como se estivessem arejando o céu, abriam as janelas superiores que refletiam uma brancura fria e vítrea. A água parada, que a terra não absorvia, respondia de baixo com as mesmas janelas abertas de poças e lagos, repletas do mesmo brilho.

O mau tempo escorregava como fumaça pelas agulhas do bosque de árvores coníferas, sem penetrar nelas, assim como a água no plástico. Os

pingos d'água cobriam os cabos telegráficos e pareciam colares de miçangas. Estavam bem juntos uns dos outros, e não se separavam.

Svirid era um dos que foram mandados para o fundo da taiga, ao encontro das refugiadas. Ele queria contar para o chefe aquilo que testemunhara. Sobre a confusão provocada pelo choque de diferentes ordens, contraditórias e impossíveis de ser cumpridas. Sobre as atrocidades praticadas pela parte mais esgotada e mais enfurecida do grupo de mulheres. Andando a pé e carregando trouxas, sacos e crianças de colo, as jovens mães, já sem leite, exaustas e enlouquecidas, abandonavam as crianças no caminho, derramavam toda a farinha dos sacos e voltavam. Melhor uma morte breve do que a morte lenta da fome. Melhor cair nas mãos do inimigo do que nos dentes de um animal selvagem.

As outras, mais fortes, eram exemplo de uma resistência e coragem de que os homens não seriam capazes. Svirid possuía ainda uma quantidade de diferentes informações. Ele queria avisar o chefe do acampamento sobre o perigo de um novo levante, ainda mais ameaçador do que o que fora sufocado, e não encontrava palavras porque a impaciência de Liveri, que o apressava-o, irritado, fez com que ele perdesse completamente o dom da fala. E Liveri a todo minuto interrompia Svirid, não só porque era aguardado na estrada e acenavam-lhe com a cabeça, gritando por ele, mas porque há duas semanas vinham a ele somente com as mesmas histórias e Liveri já sabia de tudo isso.

— Não ironize, companheiro chefe. Já tenho uma certa dificuldade para expressar-me. As palavras ficam presas nos meus dentes, vou engasgar com as palavras. Mas o que estava dizendo? Vá até a carroça dos refugiados e explique para as mulheres as regras. Se não, olhe a bagunça que estão fazendo. Eu pergunto: aqui "todos são contra Koltchakl" ou é uma guerra de mulheres?

— Seja breve, Svirid, estão me chamando. Não me amole.

— Agora tem mais essa diabólica Zlidarikha, somente o cachorro sabe quem ela é, essa mulherzinha. Quer ser registrada como *vetrinária* do gado...

— É veterinária, Svirid.

— E o que foi que eu disse? Mulher *vetrinária* que cura o gado das mazelas de gado. Mas agora não tem tempo para o gado, a mulher do padre pôs-se a rezar missas para as vacas, desencaminha as moças novas, as fugitivas. Disse, tomem cuidado, vejam a que leva correr atrás da bandeira vermelha, com a barra da saia suspensa. De outra vez, não corram.

— Não estou entendendo, de que fugitivas você fala? Das nossas, das mulheres dos guerrilheiros ou de outras?

— Claro que é das outras. Das estranhas.

— Mas lhes foi dada a ordem para irem para a aldeia Dvori, para o moinho de Tchilimska. Como foram parar ali?

— Ah, a aldeia Dvori. Nesta sua aldeia há somente fogo, tudo queimado. O moinho e até o pântano é puro carvão. Quando elas chegaram na Tchilimka viram tudo vazio. A metade enlouqueceu e voltou para os brancos uivando. Mas as restantes deram meia-volta e vieram para cá com tudo.

— Atravessaram a mata fechada e o pântano?

— E para que servem as serras e os machados? Mandaram os nossos mujiques para defendê-las e ajudar. Derrubaram a machadadas mais de trinta quilômetros de estrada. Fazendo pontes, ladinas. Vá dizer depois que são mulheres. Fizeram tal coisa, essas feras, que é de ficar três dias sem entender.

— Essa é boa! Não há motivo para rir, seu tonto, trinta quilômetros de estrada! Pois isso foi uma beleza para Vitsina e Kvadri. Elas abriram o caminho para a taiga. Eles podem passar até com a artilharia.

— Proteção. Proteção. Coloque proteção e está acabado!

— Queira Deus que não precisem da sua ajuda!

Os dias estavam mais curtos. Às cinco horas já escurecia. Mais perto do entardecer Iúri Andreevitch atravessou a estrada no mesmo local onde, há alguns dias, Liveri discutia com Svirid. O doutor dirigia-se para o acampamento. Próximo da clareira e da colina, em cima da qual crescia a

sorveira, que era o marco limite do acampamento, ele ouviu a voz travessa e provocante de Kubarikha, sua concorrente, como ele de brincadeira chamava a médica-curandeira. A sua concorrente, com uma voz cortante e com gritinhos, entoava algo alegre e desafiador, pareciam cantigas. Ela cantava e era ouvida, pois era interrompida por explosões de risos masculinos e femininos. Depois tudo se calou. Todos devem ter se dispersado.

Então a Kubarikha começou a cantar à meia voz e baixinho, achando que estava completamente só. Com cuidado para não cair no pântano, Iúri Andreevitch, no escuro e devagar, passava pelo atalho que contornava a clareira lamacenta na frente da sorveira, parou e ficou imóvel. Kubarikha cantava uma velha cantiga russa. Iúri Andreevitch não a conhecia. Seria uma improvisação?

A canção popular russa é como a água de uma represa. Parece que parou, que não se move. Mas, lá no fundo, ela flui continuamente e a calma da sua superfície é aparente.

Por todos os meios possíveis, repetições, paralelismos, ela retém o fluxo do conteúdo, que se desenvolve gradativamente. Em um certo ponto, o conteúdo abre-se e atinge-nos de uma só vez. A força triste, reprimida e dominada, revela-se assim. É uma louca tentativa de tentar parar o tempo com palavras.

A metade da canção Kubarikha cantava, a outra metade recitava:

O coelhinho corria pelo mundo
Pelo mundo e pela neve.
O coelho corria diante da sorveira,
Ele corria até a sorveira e chorava.
Será que eu tenho um coração medroso,
Um coração medroso e fraco?
Temo, coelho, as marcas dos animais,
Dos animais, do lobo faminto.
Tenha piedade de mim, sorveira,
Sorveira linda, sorveira-árvore,

Não entregue sua beleza ao corvo,
Ao corvo perverso, ao corvo feroz.
Derrame as frutas vermelhas, em punhados ao vento,
Em punhados ao vento, pelo mundo, pela neve branca.
Leve-as, envie-as para minha casa,
Para a casa longínqua, com porteiras.
Para aquela janela, para aquele quarto,
Lá esconde-se a mulher solitária,
Minha querida, minha desejada.
Diga ao seu ouvido, à minha mulher,
Uma palavra ardente, quente.
Estou sofrendo na prisão.
Estou triste, soldado em terra estranha.
Mas assim que me livrar da prisão, da prisão amarga,
Voltarei para minha querida, minha amada.

7

A soldada Kubarikha esconjurava a vaca doente de Palikha, a mulher de Panfil — Agáfia Fotievna, ou simplesmente Fativna. A vaca fora retirada do rebanho e levada para pastar na moita, amarrada à árvore. Ao lado das patas dianteiras, em cima de um toco, sentou-se a dona, e perto das patas traseiras, no banquinho de ordenhar, a soldada-bruxa.

O restante do rebanho inumerável espremia-se numa pequena clareira. A floresta escura cercava a clareira por todos os lados, com a parede alta, como montanhas, de pinheiros triangulares que pareciam estar sentados na terra em cima dos traseiros gordos de seus galhos inferiores esparramados.

Na Sibéria, cultivavam uma raça suíça premiada. Quase todas da mesma marca, pretas com manchas brancas. As vacas, como as pessoas, sofriam as privações de longas travessias e de falta de espaço insuportável. Coladas

umas às outras em seus flancos, elas enlouqueciam de tanta aglomeração. E no seu atordoamento esqueciam-se do pasto e com uivo de touro subiam uma em cima das outras, suspendendo os seus úberes pesados e esticados com dificuldade. Os bezerros, encobertos por elas, escapavam de baixo delas, com os rabos levantados, quebrando arbustos e galhos e corriam para a mata. Atrás deles, aos berros, corriam os velhos pastores e seus ajudantes.

E como presas num círculo apertado, desenhado pelos cocurutos dos pinheiros no céu de inverno, da mesma forma impetuosa e desordenada, apertavam-se, empinavam-se e amontoavam-se as nuvens de neve preta-e-branca sob a clareira florestal.

Os curiosos, parados em bando à distância, incomodavam a curandeira. Ela olhava-os com reprovação, da cabeça aos pés. Porém, estava abaixo de seu orgulho reconhecer que eles a intimidavam. O amor-próprio de artista detinha-a. Daí fazer de conta que não os percebia. O doutor observava-a das fileiras de trás, escondido dela.

Pela primeira vez, pôde vê-la com nitidez. Estava com o seu inseparável barrete inglês e capote intervencionista cor de ervilha com as golas desdobradas negligentemente. Aliás, pelos traços arrogantes de surda paixão que enegreciam jovialmente os olhos e as sobrelhas daquela mulher madura, em seu rosto estava claramente escrito que pouco ligava para o que vestia.

No entanto, a aparência da mulher de Panfil surpreendeu Iúri Andreevitch. Quase não a reconheceu. Em apenas alguns dias, ela envelhecera tremendamente. Seus olhos esbugalhados estavam prontos a saltar das órbitas. No pescoço, esticado feito um varal, pulsava uma veia inchada. Eis o que fizeram com ela os seus medos secretos.

— Não dá leite, querida — dizia Agáfia. — Eu achava que haveria uma segunda subida de leite, mas não. Já devia ter dado leite e nada!

— Está com uma pereba na teta, um carbúnculo. Vou dar uma erva para passar. E, é claro, farei uma magia.

— A minha outra desgraça é meu marido.

— Pode deixar que o enfeitiçarei para que não traia você. Isso pode. Ele vai colar-se em você e não mais desgrudará. Qual é a terceira desgraça?

— Não, ele não me trai. Antes fosse isso. Aí é que está, é justo o contrário, não desgruda mais de mim nem das crianças, morre de amores por nós. Eu sei o que ele pensa. Acha que vão dividir o acampamento e cada uma irá para um lado. Vamos cair nas garras dos Basalizhski e ele não estará conosco. Não teremos ninguém para nos defender. Seremos torturados e ficarão felizes com o nosso sofrimento. Conheço seus pensamentos. Espero que não cometa nenhuma loucura.

— Tudo bem, pensaremos nisso depois. Diga a terceira desgraça.

— Não existe a terceira. Essas são todas: a vaca e o marido.

— Que pobreza de desgraças! Dê graças a Deus. Encontrar pessoas iguais a você é como procurar agulha no palheiro. Somente duas desgraças nesta pobre cabecinha e uma é um marido dedicado. Quanto dará pela vaca? Vamos começar a fazer as contas.

— E o que quer?

— Um pão grande e seu marido. Todos em volta caíram na gargalhada.

— Está de brincadeira?

— Tudo bem, se o pão é muito, contento-me com o marido. A gargalhada aumentou dez vezes.

— Qual é o nome? Não do marido, o da vaca.

— Krasava.

— Aqui parece que a metade do rebanho se chama Krasava. Tudo bem. Benzamos.

E ela invocou suas magias para a vaca. No início suas palavras eram realmente endereçadas à vaca. Depois ela empolgou-se e fez para Agáfia um sermão sobre as magias e como usá-las. Iúri Andreevitch, como sob efeito de feitiço, ouvia esse delírio da mesma forma que, ao transferir-se da Rússia Européia para a Sibéria, ouvira as bobagens do carroceiro Vakh.

A soldada dizia:

— Tia Morgósia, venha visitar-nos. Na terça ou quarta-feira, tire a praga rogada. Saia pereba, úlcera, da teta da vaca. Fique quieta, Krasava, não derrube o banco. Pare como uma montanha e dê leite feito um rio. Deus Strafila, monstro, livre-a do machucado e jogue-o no mato. Que a palavra da

curandeira seja, da mesma forma imutável, como a do rei. De tudo deve saber Agafiuchka, das recusas, dos castigos, das palavras estranhas e das palavras que protegem. Você olha e acha que é uma floresta. Porém, é a força maligna que se juntou ao exército dos anjos, e que trava batalha como os homens com os de Basalizhski. Ou, por exemplo, olhe para onde eu indicar. Não está olhando para o lado certo, minha querida. Olhe com os olhos e não com a nuca, olhe para onde eu apontar com o dedo. Lá, lá. Você acha que é o quê? Deve estar pensando que foi a árvore que retorceu e embaraçou um galho no outro? Até parece! É a mais pura invenção do demônio! Foi a sereia trançando uma coroa para a sua filha. Quando ouviu passos humanos, largou. Afugentaram-na. Irá terminar à noite, você vai ver. Ou, ainda, essa bandeira vermelha de vocês. O que você acha? Acha que é bandeira mesmo? Pois verá que não é bandeira, são as sereias acenando com o lenço vermelho, estão acenando como isca, digo, e por que acenam? Acenam com o lenço e piscam para os rapazes, atraem os jovens para a morte. Mas vocês acreditam que é a bandeira: unam-se a mim proletários e pobres de todos os povos!

"Mas agora a mãe Agáfia deve saber de tudo, tudo, tudo como é de verdade. Como é o pássaro, a pedra, o mato. Agora, por exemplo, haverá casos em que o pássaro é o pássaro estorninho, o bicho é um texugo. E se quiser engrajar-se com alguém é só falar. Se quiser posso enfeitiçar seu chefe, o irmão da floresta, até mesmo o Koltchak ou o príncipe encantado. Acha que estou me gabando, mentindo? Não estou, não. Mas olhe, ouça. Chegará o inverno, o vento soprará no campo provocando turbilhão e rodopiando a neve, em colunas. E eu, então, nessa coluna de neve, fincarei uma faca, fincarei até o cabo, na neve, e hei de tirá-la toda vermelha de sangue. Então, viu isso? Ah-ah! Achou que eu estava mentindo? E diga-me de onde vem o sangue na tempestade de neve? Se é só vento, ar e poeira de neve? Mas aí é que está, comadre, a tempestade não é vento e sim uma bruxa que perdeu seu filhinho e está a procurá-lo, e chora, porque não consegue encontrá-lo. E foi nela que cravei a minha faca. Por isso sangra. E com aquela faca encontrarei as pegadas de quem quiser, cortarei a sombra de qualquer pessoa em pedaços e costurarei na barra da saia. Seja Koltchak, Strelnikov, até mesmo o novo czar, seguirão você, onde você for eles irão atrás. E você achava que eu estava mentindo, achava que era 'unam-se a mim pés-descalços e proletários de todos os países'. Ou também, por exemplo, pedras que caem do céu, caem, caem como se fosse chuva. A pessoa sai de casa e, de repente, caem pedras sobre ela. Ou então, outros viram cavaleiros

cavalgando pelo céu, os cavalos tocando os telhados com seus cascos. Ou feiticeiros de antigamente, que descobriam qual a mulher que possuía em si a semente, o mel, ou a pele de marta no corpo. E os guerreiros de armaduras, que como se estivessem abrindo um esquite, desnudavam os ombros dessas mulheres, retiravam da clavícula, com a espada, uma medida de trigo de uma, albumina da outra e da terceira favos de mel.

As vezes, encontra-se no mundo um sentimento grande e forte. A ele sempre se mistura a paixão. Quanto mais amamos, mais vemos como vítima o objeto de nossa adoração. Em alguns casos, a comiseração para com a mulher ultrapassa todos os limites imagináveis. E sua sensibilidade a coloca em situações irreais, puramente imaginárias, irrealizáveis e não encontráveis no mundo. E eles sentem ciúme do ar que elas respiram, das leis da natureza, dos milênios que passaram antes dela.

Iúri Andreevitch possuía cultura suficiente para reconhecer nas últimas palavras da curandeira parte do início de uma lenda de Novgorod ou Ipatiev, com grosseiras deturpações que a transformaram em apócrifa. Durante séculos, as lendas foram deformadas pelas curandeiras e pelos contadores de histórias, passando de boca em boca, de geração em geração. Antes ainda, já eram confundidas e alteradas pelos copistas.

Mas por que o encantamento da lenda o dominava tanto? Por que ouvia aqueles improperios irracionais, aquela lenda absurda, reagindo como se fossem situações reais?

Abriram o ombro esquerdo de Lara. Da mesma forma como enfiam a chave na porta secreta de um cofre de ferro embutido no armário, com uma volta de espada expuseram sua clavícula. No fundo da fenda aberta da alma, surgiram os segredos guardados. As cidades estranhas visitadas, as ruas estranhas, as casas estranhas, as vastidões estranhas passavam como fitas, eram rolos de fitas que desenrolavam-se e caíam para fora como de embrulhos abertos de fitas.

Oh, como ele a amava! Como era bela! Exatamente assim, como ele sempre achava e sonhava, como ele precisava! Mas com quê? Com que lado seu? Com alguma coisa que podia nomear ou isolar dela, na multidão? Oh, não! Oh não! Era aquela linha incomparavelmente simples e impetuosa pela qual ela estava envolta, desenhada de uma só vez, da cabeça aos pés, pelo

criador, para em contorno divino, entregá-la em mãos, a alma de Iúri, assim como enrolam apertada na toalha uma criança saída do banho.

E agora, onde está ele, o que está havendo com ele? Floresta, Sibéria, guerrilheiros. Estão cercados e dividirá o destino comum a todos. Mas que diabos, nunca passara por isso! E, novamente, seu olhar turvou-se e sua cabeça rodou. Tudo começou a confundir-se na sua frente. Naquele momento, em vez da neve esperada, começou a choviscar. Como uma enorme faixa, sobre uma rua da cidade, presa de uma casa à outra, estendeu-se no ar, de um lado até o outro da clareira, uma imagem imensa, aumentada em muitas vezes de um rosto impressionante e adorado. A chuva, que aumentava, beijava e regava aquele rosto que chorava.

— Vá — dizia a curandeira a Agáfia. — Sua vaca ficará curada. Reze a Nossa Senhora.

8

Desenvolveram-se batalhas nas fronteiras ocidentais da taiga. Porém, era ela tão grande que a olho nu parecia que isso acontecia nas longínquas fronteiras do país, e o acampamento, perdido em suas brenhas, era tão populoso que, por mais que saísse gente para as batalhas, permaneciam ainda tantas pessoas que nunca ficava vazio.

O ruído das batalhas quase não alcançava o fundo do acampamento. Certo dia, soaram vários tiros dentro da floresta. Foi um atrás do outro, bem perto, e de repente transformaram-se em um tiroteio cerrado e desordenado. Surpreendidos pelo tiroteio, no próprio local de onde ele era ouvido, todos correram em debandada. As pessoas das reservas auxiliares do acampamento correram até as carroças. Criou-se um tumulto. Todos entraram em prontidão para a batalha.

Mas logo o tumulto cessou. O alarme foi falso. No entanto, novamente começou a juntar gente no local de onde soaram os tiros. A multidão crescia. Novas pessoas se juntavam às que já estavam lá paradas.

A multidão cercava um pedaço ensangüentado de gente. O aleijado ainda respirava. Haviam-lhe decepado a mão direita e a perna esquerda. Não dava para compreender como o infeliz arrastara-se até o acampamento com a mão

e a perna que lhe restaram. A mão e a perna decepadas, e terrivelmente ensangüentadas, estavam enroladas e amarradas nas suas costas, que carregavam uma tabuleta com longa inscrição, onde, entre palavrões, dizia-se que aquilo fora feito em represália às atrocidades de tal e tal agrupamento vermelho, com o qual os guerrilheiros da floresta não tinham nada a ver. E além disso, acrescentava-se que assim seria feito com todos, caso, até o prazo indicado na inscrição, os guerrilheiros não se submetessem e não se rendessem aos representantes dos exércitos da incorporação de Vitsin.

O sangue escorrendo, com uma voz entrecortada e fraca, enrolando a língua e desmaiando a cada minuto, o sofredor aleijado contou sobre as maldades e torturas na unidade militar de investigação e de punição do general Vitsin. Enforcamento, ao qual fora condenado, foi alterado pelo decepamento da mão e da perna, para fazê-lo chegar até os guerrilheiros neste estado desfigurado, para assustá-los. Até os primeiros acessos à linha de guarda do acampamento, fora carregado nos braços. Depois colocaram-no na terra e ordenaram-lhe que se arrastasse, enxotando-o com tiros para o ar.

O martirizado mal conseguia mover os lábios. Para entender seu balbuciar incompreensível, as pessoas o ouviam dobrando a cintura e inclinando-se bem baixo sobre ele. Dizia:

— Cuidem-se, irmãos. Ele rompeu o cerco.

— Mandamos reforços. A briga lá é grande. Nós os deteremos.

— Rompeu. Rompeu. Ele quer... de surpresa. Eu sei. Oh, não estou agüentando, irmãos. Vejam, me esvaio em sangue, tusso sangue. Vou morrer.

— Fique deitado, respire e descanse. Não o deixem falar, seus idiotas. Não vêem que lhe faz mal?

— Não me deixou sequer um local intacto, o sanguessuga, cachorro. Vai, disse, com seu sangue se banhar, diga quem é você. E como eu, irmãos, diria isso, quando eu mesmo sou um verdadeiro desertor? Sim. Corri dele para unir-me a vocês.

— Você diz "ele". Mas quem foi que fez isso com você?

— Oh, irmãos, minhas entranhas. Deixem-me respirar um pouco. Já direi. O chefe Bequechin. O coronel Chtreze. São de Vitsin. Vocês, aqui na floresta, não sabem de nada. A cidade é um verdadeiro gemido. Estão

cunhando com ferro gente viva. De gente viva, estão fazendo cintos. Arrastam pelo colarinho sabe-se lá para onde, numa escuridão aterrorizante. Tocando com as mãos em volta, dá-se conta de que é uma cela, um vagão. Na cela há mais de quarenta pessoas, somente na parte inferior. Só sei que abrem a cela e com a pata pegam o primeiro a aparecer. Colocam-no para fora. Como se fossem galinhas para o abate. Por Deus. Um para a forca, outro para a espingarda, o terceiro para interrogatório. Surram-nos até o osso, cobrem as feridas com sal, derramam água fervendo. E quando evacuamos, obrigam-nos a comer. Assim é com as crianças e mulheres, meu Deus.

O infeliz já estava no último fôlego. Não terminou de falar, gritou e exalou o último suspiro. Todos, de alguma forma, entenderam isso e começaram a tirar os chapéus e a benzer-se.

À noite, uma outra novidade, ainda mais terrível que este caso, circulou pelo acampamento.

Panfil Palikh também estava entre a multidão que cercava o moribundo. Ele o viu, ouviu sua história, leu a inscrição repleta de ameaças na tabuleta.

Seu medo permanente pelo destino dos seus, em caso de sua morte, apoderou-se dele imensuravelmente. Já imaginava-os entregues à tortura lenta, conseguia ver seus rostos desfigurados pelo sofrimento, ouvia seus gemidos e gritos de socorro. Para livrá-los de futuros sofrimentos e reduzir os seus próprios, ele, num ataque de desespero, matou-os exaltado. Matou a machadadas a mulher e as três crianças, com o mesmo machado, afiado como uma lâmina, com o qual talhava brinquedos de madeira para as meninas e para o seu queridinho filho Flenuchka.

O impressionante é que ele não se matou logo após o feito. O que pensava ele? O que esperava ter pela frente? Quais seriam seus planos e intenções? Era evidentemente um ser ensandecido e sem futuro.

Enquanto Liveri, o doutor e os membros do conselho militar estavam reunidos, discutindo o que fazer, ele vagava pelo acampamento com a cabeça caída sobre o peito, sem nada ver com seus olhos turvos e amarelados, e que olhavam de soslaio. O sorriso vago e obtuso de um sofrimento desumano e implacável por qualquer força não saía do seu rosto.

Ninguém tinha pena dele. Todos o evitavam. Soavam vozes que conclamavam pela justiça com as próprias mãos. Mas elas não tinham apoio.

Ele não tinha mais nada a fazer no mundo. Ao amanhecer, ele sumiu do acampamento, assim como corre por si próprio um animal enlouquecido com hidrofobia.

9

Já era inverno há muito tempo. Fazia um frio de rachar. Sons e formas, sem uma ligação perceptível, surgiam na neblina do frio, ficavam, moviam-se e desapareciam. Não era o mesmo sol com o qual estavam acostumados na terra, mas um outro, trocado, que estava de pendurado como uma bola vermelha sobre a floresta. Dele, tensa e vagorosamente, como em um sonho ou num conto de fadas, dispersavam-se raios densos de um amarelo-âmbar, como mel, que, pelo caminho, congelavam no ar e aderiam às árvores.

Mal tocando a terra com a sola redonda, e provocando com cada passo um terrível rangido na neve, moviam-se pés invisíveis calçados com *valenki* em todas as direções e as figuras que os completavam, com *bachliki* ^{103} e sobretudo, passavam flutuando pelo ar como astros que giravam pela esfera celeste.

Os que se conheciam paravam e começavam a conversar. Aproximavam uns dos outros seus rostos vermelhos, como durante a sauna, e as buchas de suas barbas e bigodes congelados. Novelos densos e viscosos de vapor em nuvens exalavam de suas bocas, que de tão grandes contrastavam com as poucas palavras, que pareciam congeladas, de suas falas monossilábicas.

Na trilha trombaram-se Liveri e o doutor.

— Ah, é o senhor? Há quanto tempo! À noite o convido para o meu abrigo. Pernoitará lá. Vamos recordar e conversar. Tenho um comunicado.

— O mensageiro voltou? Tem notícias de Varikino?

— Nada consta no comunicado, nem dos meus e nem dos seus. Mas é justamente disso que tiro conclusões consoladoras. Significa que conseguiram escapar a tempo. Se não, haveria referências. Aliás, falaremos de tudo quando nos encontrarmos. Então, eu o aguardo.

No abrigo, o doutor repetiu a pergunta:

— Somente me responda, o que o senhor sabe sobre as nossas famílias?

— Novamente quer enxergar além do seu nariz. Os nossos, pelo visto, estão vivos e em local seguro. Mas não é sobre eles a conversa. As novidades são maravilhosas. Quer carne? É vitela fria.

— Não, obrigado. Não se disperse. Fale logo.

— Bobagem. Vou mastigar um pouco. O acampamento foi tomado por escorbuto. As pessoas esqueceram o que é pão, verdura. Deveriam ter colhido de maneira mais organizada, durante o outono, nozes e frutas, aproveitando enquanto as refugiadas estavam aqui. Estou dizendo é que as nossas coisas estão maravilhosamente bem. A floresta moveu-se. Koltchak está recuando em todas as frentes. Isso significa uma derrota total e espontânea. Viu só? O que eu dizia ao senhor? E o senhor se queixava.

— Quando foi que me queixei?

— Sempre. Principalmente quando Vitsin nos pressionava.

O doutor lembrou-se do recente fuzilamento dos rebeldes, da matança das crianças e da mulher de Palikh, da carnificina sanguinária e do genocídio que não tinha previsão para terminar. As atrocidades dos vermelhos e brancos competiam em crueldade, alternando-se em grau, um em resposta ao outro, como em um jogo de represálias. Sentia náusea do sangue que se aproximava da garganta, jorrava para a cabeça e turvava os olhos. Isso não era nenhuma lamentação, era algo completamente diferente. Mas como explicar isso para Liveri?

O abrigo estava perfumado com gás de carvão, que se assentava sob o céu, roçava o nariz e a garganta. O abrigo era iluminado por uma estilha lascada e fininha como uma folha colocada num tripé, numa trempe de ferro. Quando uma acabava de queimar, a pontinha caía na bacia com água, especialmente colocada, e Liveri enfiava no anel uma nova, acesa.

— Está vendo o que estou queimando? Queimando óleo. A acha está ressecada. A estilha queima muito rápido. É, o acampamento está com escorbuto. O senhor recusa categoricamente a vitela? Escorbuto. O que está olhando, doutor? Ao invés, devia reunir o comando, esclarecer a situação, fazer uma palestra sobre escorbuto e como tratá-lo.

— Não me torture, pelo amor de Deus. O que sabe precisamente sobre os nossos familiares?

— Já lhe disse que não há notícias concretas sobre eles. Mas não acabei de falar o que sei pelos últimos boletins militares? A Guerra Civil acabou. Koltchak foi totalmente derrotado. O Exército Vermelho está enxotando-o pela estrada de ferro em direção ao oriente para jogá-lo ao mar. Um outro destacamento do Exército Vermelho apressa-se em nossa direção para unir-se a nós e liquidar a numerosa retaguarda, espalhada por toda parte, com uma só força. O sul da Rússia está livre. Por que não está feliz? Isso é pouco para o senhor?

— Não é verdade. Estou feliz. Mas onde estão as nossas famílias?

— Em Varikino não estão, o que é uma grande felicidade. Pois as lendas forjadas no verão por Kamennodvorski, como eu supunha, não se confirmaram. Lembra-se dos boatos tolos sobre o ataque a Varikino por um certo povo misterioso? Mas o povoado ficou totalmente vazio. Lá, pelo visto, houve algo sim, e é muito bom que as duas famílias tenham conseguido fugir de lá a tempo. Vamos acreditar que estão salvos. Tais são, segundo os meus informantes, as suposições dos poucos que restaram.

— E Iuriatin? O que houve lá? Está nas mãos de quem?

— Também algo absurdo. Um erro certamente.

— Mais precisamente?

— Parece que os brancos ainda estão lá. Isso é, com certeza, um absurdo, evidente impossibilidade. Agora vou lhe provar isso com toda a clareza.

Liveri colocou uma nova estilha na trempe e desdobrou o mapa na escala de 2:1, amassado e esfarrapado, com as devidas partes para fora e as bordas excedentes para dentro, e começou a explicar com um lápis na mão:

— Veja. Nestas duas áreas os brancos tiveram que recuar. Aqui, aqui e aqui, pelo círculo inteiro. Acompanhe com atenção.

— Sim.

— Eles não podem estar na direção de Iuriatin. Pois, do contrário, com a interrupção da comunicação, cairiam inevitavelmente na armadilha. Isso não podem não entender seus generais, por mais que sejam incompetentes. Vestiu o sobretudo? Aonde vai?

— Desculpe-me, tenho que sair por um minuto. Voltarei já. O ar aqui está carregado, com cheiro de tabaco e gás carbônico. Estou passando mal. Vou

sair, tomar ar fresco.

Ao sair do abrigo, ao ar livre, o doutor limpou com a luva a camada grossa de neve da gamela, colocada ao longo do banco na saída. Ele sentou-se ali, inclinou-se e, apoiando a cabeça nas duas mãos, ficou pensativo. A taiga invernal, o acampamento da floresta, os dezoito meses passados entre os guerrilheiros pareciam não ter existido. Ele esqueceu-os. Em sua imaginação só estavam os parentes. Fazia adivinhações em relação a eles, uma mais terrível que a outra.

Via Tônia caminhando pelo campo, durante a tempestade, com Churotchka nos braços. Enrolava-o no cobertor, seus pés afundavam na neve, retirava-os à força, com dificuldade, e o vento jogava-a na terra, ela caía e se levantava, sem forças para manter-se em suas pernas cambaleantes e fracas. Oh, mas ele a toda hora se esquece. Ela agora tem duas crianças e ainda está amamentando a pequena. Suas duas mãos estão ocupadas, como as das fugitivas de Tchilimka, a quem a desgraça e a tensão que ultrapassava suas forças, fizera perder a razão.

As duas mãos estavam ocupadas e não havia ninguém em volta que pudesse ajudar. O pai de Churotchka estava sabe-se lá onde. Estava longe, sempre longe, a vida inteira à margem deles, e seria isso o pai, serão assim os verdadeiros pais? E onde estava o próprio pai dela? Onde estava Aleksandr Aleksandrovitch? Onde estava Niúcha? Onde estavam os outros? Oh, melhor não se fazer essas perguntas, melhor não pensar, melhor não tentar compreender.

O doutor levantou-se da gamela com a intenção de descer de volta para o abrigo. De repente, seus pensamentos tomaram outro rumo. Ele desistiu de voltar para baixo até Liveri.

Os esquis, o saco com torradas, e tudo o mais necessário para a fuga, estava há muito tempo guardado. Ele enterrou essas coisas na neve, do outro lado da linha de vigília do acampamento, embaixo do grande pinheiro no qual fez marcas especiais. E foi para lá, pela trilha entre as camadas de neve, que se dirigiu. A noite estava clara. A lua cheia brilhava. O doutor sabia onde estavam os sentinelas e com sucesso contornou-os. Porém, perto da clareira com a sorveira congelada, o sentinela, de longe, parado ereto de pé nos esquis em alta velocidade, aproximou-se dele deslizando e gritou:

— Pare! Vou atirar! Quem é? Senha.

— Que foi, irmão, endoidou? Sou dos nossos. Não me reconhece? Sou o doutor Jivago.

— Desculpe! Não se zangue, camarada Jelvak. Não o reconheci. Mas mesmo que seja Jelvak, não permitirei que vá em frente. Deve-se fazer tudo direito.

— Tudo bem. A senha é: "Sibéria Vermelha", e a resposta é "Abaixo os intervencionistas".

— Agora a conversa é outra. Vá para onde quiser. Por que diabo está perambulando à noite por aí? Doentes?

— Estou sem sono, e a sede é terrível. Pensei em caminhar um pouco, comer um pouco de neve. Avistei a sorveira com seus frutos congelados e me deu vontade de mastigá-los um pouco.

— Aí é que está a bobagem aristocrata, colher frutas no inverno. Há três anos estamos martelando, martelando e nada. Nenhuma consciência ética. Vá pegar a sua sorveira, seu maluco. E eu com isso!

E da mesma forma, com impulso cada vez mais veloz, o sentinela foi embora em cima dos esquis compridos que assobiavam, e começou a distanciar-se pela neve intocada cada vez para mais longe, para trás das moitas invernais finas, ralas como o cabelo, e desnudas. E a trilha, pela qual ia o doutor, levou-o até a sorveira mencionada.

Ela estava pela metade dentro da neve e pela outra metade com as folhas e frutos congelados e estirava dois galhos cobertos de neve para a frente, ao seu encontro. Ele lembrou as mãos grandes e brancas de Lara, redondas e generosas, e, agarrando-se pelos galhos, puxou a árvore para si. Como em um movimento consciente, em resposta, a sorveira cobriu-o com neve da cabeça aos pés. Sem saber o que dizer, inconscientemente murmurou:

— Eu a verei, minha linda, minha condessa, sorveirinha, sangue do meu sangue.

A noite estava clara. A lua brilhava. Ele embrenhou-se ainda mais na taiga até o pinheiro querido, desenterrou suas coisas e foi embora do acampamento.

Em frente à casa com figuras



1

Pela colina torta até a Malaia Spasskaia e a Novosvalotchni descia a Rua Bolchaia Kupetcheskaia. Olhavam para ela todas as casas e igrejas das partes mais altas da cidade.

Na esquina estava a casa cinza-escura com figuras. Em cima das pedras quadrangulares da sua base inclinada destacavam-se números de jornais do governo recém-colados que traziam decretos e resoluções, lidos por pequenos amontoados de gente parada durante longo tempo nas calçadas.

Estava seco depois do recente degelo. Fazia frio. O frio tornou-se sensivelmente mais forte. O dia ainda estava bastante claro para aquela hora, na qual, pouco tempo atrás, já era noite. O inverno findara há pouco. O vazio do local livre foi preenchido pela luz que não ia embora e não se demorava à noite. Ela preocupava, chamava para longe, assustava e alertava.

Fazia pouco que os brancos tinham deixado a cidade, entregando-a aos vermelhos. Acabaram-se os tiroteios, o derramamento de sangue, os alarmes militares. Isso também assustava e alertava, como o fim do inverno e o aumento do dia primaveril.

As notícias que os transeuntes liam à luz do dia prolongado diziam:

"Comunicado à população. As carteiras de trabalho para os abastados são distribuídas a 50 rublos a unidade no Departamento de Produtos do Soviete de Iuriatin, rua Oktiabrskaia, ex-General Gubernatorskaia nº 5, sala 137. A ausência da carteira de trabalho ou anotações incorretas e enganosas serão punidas com severidade de tempo de guerra. As instruções de utilização das carteiras de trabalho estão publicadas em Boletim do Comitê

Executivo de Iuriatin nº 86(1013) do corrente e pendurada no Departamento de Produtos do Soviete de Iuriatin, sala 137."

Outro comunicado informava sobre a quantidade suficiente de reservas de produtos alimentícios na cidade, que, assim parecia, a burguesia escondia para desorganizar a distribuição e semear o caos. O comunicado termina com as palavras:

"Os que forem surpreendidos com mantimentos guardados e escondidos serão fuzilados no local."

O terceiro comunicado oferecia:

"Com objetivo de estabelecer o funcionamento correto de fornecimento de produtos alimentícios, os que não pertencem aos elementos de exploração se unem em comunidades de consumo. Sobre detalhes se informar no Departamento de Produtos do Soviete de Iuriatin, rua Oktiabrskaja, ex-General Gubernatorskaia nº 5, sala 137."

Os militares eram alertados:

"Os que não entregaram as armas ou os que as mantêm sem a devida permissão no novo modelo serão punidos com a total severidade da Lei. As permissões são retiradas no Comitê Revolucionário de Iuriatin, rua Oktiabskaia nº 6, sala 63."

2

Do grupo de leitores aproximou-se um homem magro, que fazia muito tempo não se lavava, e por isso parecia moreno e de aparência selvagem, com uma trouxa amarrada numa vara atrás das costas. Não havia fios brancos em seus cabelos compridos e a barba loiro-escuro, que cobria seu rosto, começava a ficar grisalha. Era o doutor Iúri Andreevitch Jivago. O sobretudo, provavelmente, havia sido roubado no caminho, ou ele trocou-o por comida. Vestia trapos amassados de mangas curtas que não eram seus e não o aqueciam.

No saco, restava uma pontinha de pão, oferecida na última aldeia pela qual passou, e um pedaço de toucinho. Há mais ou menos uma hora ele entrara na cidade pelo lado da ferrovia, precisando de mais de uma hora

para arrastar-se da linha limítrofe da cidade até esse cruzamento, pois estava exausto e fraco da caminhada dos últimos dias. Parava freqüentemente e mal se controlava para não cair de joelhos e beijar os paralelepípedos daquela cidade que pensara jamais rever e cuja visão alegrava-o tanto como se encontrasse um ser vivo.

Durante algum tempo, percorreu metade do caminho ao longo da estrada de ferro. Estava toda abandonada, desativada e coberta pela neve. Passava diante de composições inteiras da Guarda Branca, de passageiros e de carga, atingidas pelas tempestades de neve e paradas devido à derrota total de Koltchak e à falta de combustível. Aqueles trens, com o caminho bloqueado, imobilizados para sempre e enterrados na neve, estendiam-se numa fila quase ininterrupta por muitos quilômetros. Serviam de fortalezas para os bandos armados que assaltavam pelas estradas, de esconderijo para criminosos e refugiados políticos, de abrigo para os vadios involuntários daquele tempo, mas serviam principalmente de sepultura e vala comum aos mortos de frio e de tifo, que grassavam ao longo da estrada de ferro e ceifavam, nas redondezas, aldeias inteiras.

Naquela época justificava-se o dito popular: o homem é o lobo do homem. Um andarilho, ao avistar outro andarilho, desviava do caminho; um homem ao encontrar outro matava-o para não ser morto. Surgiram casos de canibalismo. As leis humanas de civilidade acabaram. Estavam valendo as dos animais selvagens. O homem tinha sonhos pré-históricos, do tempo das cavernas.

As sombras solitárias que apareciam às vezes ao lado da estrada atravessavam temerosas a trilha ao longe e Iúri Andreevitch, quando podia, evitava-as cuidadosamente. Elas com freqüência lhe pareciam conhecidas e já vistas em algum lugar. Imaginava sempre que eram pessoas conhecidas do acampamento dos guerrilheiros. Na maioria das vezes, errava, mas um dia seu olho não se enganou. O adolescente, que saiu se arrastando do monte de neve que encobria o corpo do vagão-dormitório internacional, e que, por necessidade, mergulhou de volta na neve, pertencia realmente aos irmãos da floresta. Era o ficticiamente fuzilado Terenti Galuzin. Não o mataram, ficou um longo tempo em coma, recobrou os sentidos, fugiu do local do fuzilamento, escondeu-se na floresta, recuperou-se das feridas e agora às escondidas, com outro sobrenome, tentava chegar até os seus, em

Krestovozdvizhensk, arredio às pessoas que estavam nos trens encobertos pela neve.

Essas cenas e espetáculos davam a impressão de algo estranho, transcendental. Apresentavam-se como fragmentos de certos seres desconhecidos, de outros planetas, por engano trazidos para a terra. Somente a natureza era fiel à história, e desenhava-se ao olhar da mesma forma como a retratavam os pintores da época mais recente.

As noites de inverno eram tranqüilas, cinza-claros, rosa-escuras. No crepúsculo claro destacavam-se as pontas negras das bétulas, finas como hieróglifos. Os córregos negros corriam sob a fumaça do gelo superficial de neve branca, amontoada nas margens e molhada por baixo com a água escura do rio. E era uma noite assim fria, transparente, cinzenta e piedosa como a penugem do salgueiro, que, de uma hora para outra, prometia cair sobre a casa com figuras em Iuriatin.

O doutor aproximou-se do quadro de avisos do Centro de Imprensa na parede de pedra da casa para passar a vista nos noticiários oficiais. Mas o seu olhar, a cada minuto, desviava-se para o lado oposto, dirigia-se para cima, para algumas janelas do segundo andar da casa localizada em frente. Essas janelas, que davam para a rua, haviam sido caiadas um dia. Nos quartos, localizados por trás delas, estavam guardados os móveis dos proprietários. Apesar de o frio ter desenhado uma camada fina de cristal nas partes inferiores das janelas, dava para ver que estavam transparentes e lavadas. O que significava essa mudança? Os donos teriam voltado? Ou Lara fora embora, havia novos moradores e tudo lá estava diferente?

O desconhecimento intrigava o doutor. Ele não conseguia dominar a preocupação. Atravessou a rua, passou pela entrada social e começou a subir a escada tão conhecida e tão querida para seu coração. Como freqüentemente no acampamento da floresta, ele lembrava-se até do último caracol do desenho dos degraus de ferro. Numa certa curva da subida, quando se olhava através da grade embaixo dos pés, avistavam-se baldes velhos, pequenas tinas e cadeiras quebradas. Assim foi agora, também. Nada mudara, tudo estava como antes. O doutor quase agradecia à escada pela fidelidade ao passado.

Em certa época havia uma campainha na porta. Mas estragara e não funcionava já naqueles tempos, antes da prisão do doutor na floresta. Ele

quis bater à porta, mas percebeu que estava trancada de uma forma nova, com um cadeado pesado dependurado e enfiado em argolas aparafusadas, de maneira grosseira, na porta antiga de carvalho, de bom acabamento, porém já com algumas falhas. Antigamente não permitiriam tal barbárie. Usavam fechaduras embutidas que trancavam muito bem e, caso quebrassem, havia os chaveiros para consertá-las. Este insignificante detalhe, à sua maneira, falava da deterioração geral que avançava fortemente.

O doutor tinha certeza de que Lara e Katenka não estavam em casa, provavelmente, nem em Iuriatin e, talvez, nem mesmo no mundo. Estava preparado para as mais terríveis decepções. Somente por desencargo de consciência, resolveu mexer no buraco do qual tinham tanto medo ele e Katenka, e bateu com o pé na parede, para não esbarrar com a mão numa ratazana no orifício. Não tinha nenhuma esperança em encontrar algo no local secreto. O buraco estava tapado com tijolo. Iúri Andreevitch retirou o tijolo e enfiou a mão na profundidade. Oh, milagre! A chave e um bilhete. O bilhete era bastante longo, escrito numa folha grande. O doutor aproximou-se da janela da área da escada. Um milagre ainda maior, ainda mais impressionante! O bilhete era para ele! Leu rapidamente:

"Deus, que felicidade! Dizem que você está vivo e foi encontrado. Foi visto nas redondezas, contaram-me. Supondo que vai primeiramente apressar-se para Varikino, estou indo para lá com Katenka. De qualquer maneira, a chave está no local de sempre. Aguarde o meu retorno, não vá para lugar algum. Você não sabe disso, mas agora estou na parte da frente do apartamento, nos quartos que dão para a rua. Aliás, logo descobrirá sozinho. O apartamento está livre e vazio, tive de vender uma parte dos móveis dos donos. Deixo um pouco de comida, basicamente batata cozida. Pressione a tampa da panela com o ferro de passar ou com algo pesado, como eu fiz, para proteger das ratazanas. Estou louca de alegria."

Assim terminava a parte da frente da carta. O doutor nem reparou que do outro lado do papel também havia algo escrito. Levou a folha desdobrada na palma da mão até os lábios e depois, sem olhar, dobrou-a e enfiou-a junto com a chave no bolso. Uma dor terrível que feria misturou-se à sua alegria insensata. Já que ela, sem pensar duas vezes e sem dúvidas, tinha ido para Varikino, conseqüentemente, a família dele não estava lá Além da preocupação que lhe causava essa particularidade, sentia ainda muita dor e

tristeza pelos seus. Por que ela não disse uma palavra sobre eles? Onde estariam, por que ela agia como se não existissem?

Mas não havia tempo para ficar pensando nisso. Começava a escurecer. Muitas coisas havia para fazer, ainda às claras. Uma das suas últimas preocupações era conhecer os decretos pendurados na rua. O tempo não estava para brincadeira. Podia, sem saber, pagar com a vida por infringir alguma resolução obrigatória. Então, sem abrir o apartamento e sem tirar a trouxa do ombro cansado, desceu até a rua e aproximou-se da parede totalmente colada de cima a baixo com os mais diversos impressos.

3

A parede continha artigos de jornais, protocolos de discursos das reuniões e decretos. Iúri Andreevitch passou rapidamente uma vista nos títulos. "Sobre a ordem de requisição e imposição de obrigações a classes proprietárias. Sobre o controle trabalhista. Sobre os comitês de fábricas." Eram ordens do novo poder, que tomou o controle da cidade e que revogava as ordens anteriores ali existentes. Ele pensava sobre a obrigatoriedade do cumprimento de seus princípios, quem sabe esquecidos pelos habitantes durante o poder temporário dos brancos. Mas Iúri Andreevitch sentiu tonteira diante da infinita e monótona repetição de termos. A que época pertenciam esses títulos? À época do primeiro golpe ou dos períodos seguintes, após algumas rebeliões intermediárias da Guarda Branca? Que inscrições são essas? Do ano passado? Do ano retrasado? Uma vez, na sua vida, ele se entusiasmara com aquela linguagem incondicional, com a objetividade daquele pensamento. Será que, por aquela admiração, ele deveria pagar para não ver nada mais nesta vida, além desses gritos e exigências loucas, que não mudavam durante longos anos, que quanto mais aprofundavam-se mais tornavam-se sem vida, incompreensíveis e irrealizáveis? Será que, por um minuto de grande apreço, ele fora aprisionado por séculos sem fim?

De algum lugar um pedacinho do relatório surgiu diante dos seus olhos. Ele lia:

"As informações sobre a fome demonstram a impressionante passividade das organizações locais. Os casos de desmando são evidentes, as especulações são monstruosas. Mas o que fez o escritório dos órgãos profissionais locais, o que fizeram os responsáveis pelos comitês de fábrica da cidade e da região? Enquanto não realizarmos buscas e apreensões em massa nos depósitos de Iuriatin-Tovarni, na região de Iuriatin-Razvilie e Razvilie-Ribalka, enquanto não utilizarmos severas medidas de terror contra os especuladores, até mesmo fuzilamento no ato, não obteremos a solução do problema da fome."

"Que miragem invejável!", pensava o doutor. "Como podem falar de pão se há muito não existe trigo na natureza? Que classes proprietárias, que especuladores são esses, se já foram todos exterminados há muito tempo pelos decretos anteriores? Que camponeses, que aldeias, se eles não existem mais? Que esquecimento de suas próprias determinações e ações, que há muito não deixaram pedra sobre pedra? Quem pode ser, para, com este fervor inesgotável, delirar, ano após ano, sobre temas há tempo inexistentes e estagnados e não saber de nada e não ver nada em volta?"

A cabeça do doutor começou a rodar. Ele desmaiou e caiu na calçada sem sentidos. Quando recobrou a consciência e ajudaram-no a levantar-se, ofereceram-se para levá-lo para onde indicasse. Ele agradeceu e recusou a ajuda, explicando que teria somente que atravessar a rua, era em frente.

4

Ele subiu novamente e começou a abrir a porta do apartamento de Lara. Na área da escada ainda estava totalmente claro, nem um pouco mais escuro do que quando subiu pela primeira vez. Com reconhecida alegria, percebeu que o sol não o apressava.

O barulho da fechadura abrindo-se provocou nele um sentimento de pânico. O prédio vazio, deserto de pessoas, recebeu-o com o rangido e tilintar dos ferros e que caíam. Ratazanas caíam com o corpo inteiro no chão e corriam por todos os lados. O doutor sentiu-se mal por causa do sentimento de impotência diante daquela repugnante situação, que ali deveria ter proliferado aos montes.

Antes de qualquer tentativa de entrar para pernoitar, decidiu, em primeiro lugar, separar-se daquela praga e esconder-se num quarto qualquer, bem isolado do resto do apartamento, com a porta bem fechada e tapar com cacos de vidro e pedaços de ferro todos os esconderijos das ratazanas.

Da ante-sala, ele virou à esquerda em direção a uma parte não conhecida do apartamento. Depois da fria sala de passagem, ele entrou no quarto claro com as duas janelas dando para a rua. Bem em frente às janelas, do outro lado da rua, destacava-se na sombra a casa com figuras. A parte inferior da parede estava coberta por jornais colados. De pé, de costas para ele, os transeuntes liam os jornais.

A luz no quarto e do lado de fora era a mesma. Uma luz jovem, enfraquecida, de fim de tarde de uma primavera temporã. A igualdade da luz de dentro e de fora era tão grande como se o quarto não se separasse da rua. Somente numa coisa havia pequena diferença. No quarto de Lara, onde estava de pé, fazia mais frio do que lá fora, na rua Kupetcheskaia.

Quando Iúri Andreevitch se aproximara da cidade, durante a sua última passagem há uma ou duas horas, e caminhava por ela, sua fraqueza, que aumentara de maneira descontrolada, parecia-lhe um sinal de doença, que o ameaçava e amedrontava.

Agora, a iluminação uniforme da casa e a liberdade, da mesma forma sem motivos, alegravam-no. A coluna de ar frio, no pátio e dentro de casa, fazia-o íntimo dos transeuntes noturnos, dos ânimos da cidade, da vida no mundo. Seus medos dissiparam-se. Ele já não pensava que iria adoecer. A transparência noturna da luz primaveril, que penetrava em tudo, parecia-lhe a garantia de esperanças longínquas e generosas. Acreditava que tudo caminhava para melhor e que conseguiria tudo na vida, que encontraria a todos e os reconciliaria, que poderia tudo pensar e expressar. E a felicidade de encontrar Lara, ele aguardava como a maior prova disso.

A louca excitação e uma agitação desenfreada alteraram o seu anterior estado de desânimo. Essa animação era, na verdade, mais um sintoma de doença, mais do que a fraqueza recente. Iúri Andreevitch não conseguia acalmar-se. Era novamente atraído pela rua e era esse o motivo.

Antes de instalar-se ali queria cortar o cabelo e fazer a barba. Quando passou pela cidade com aquela aparência, ele espiou pelas vitrines dos ex-salões de cabeleireiros. Uma parte dos recintos estava vazia ou ocupada

para outros fins. Outros, que ainda correspondiam à sua função original, estavam fechados com cadeados. Não havia onde cortar cabelo e barbear-se. Iúri Andreevitch não tinha uma lâmina. As tesouras, caso as encontrasse entre as coisas de Lara, poderiam livrá-lo dessa difícil situação. Porém, com a pressa febril com que remexera tudo na mesinha-de-cabeceira de Lara, não encontrara as tesouras.

Lembrou-se que na Malaia Spasskaia havia uma confecção. Pensou que se ainda existisse, ainda estaria funcionando até aquela hora e ele a alcançaria antes do fechamento e poderia pedir tesouras a alguma costureira. Ele saiu novamente à rua.

5

Sua memória não o enganou. A confecção ainda estava no antigo local. Ocupava um cômodo comercial no nível da calçada, com a janela da vitrine em toda sua extensão e uma saída para a rua. Pela janela via-se o interior até a parede oposta. As costureiras trabalhavam à vista dos transeuntes.

O recinto era terrivelmente apertado. Além das costureiras profissionais, provavelmente juntaram-se a elas as costureiras amadoras, damas de meia-idade da sociedade de Iuriatin, para receberem as carteiras de trabalho, mencionadas no decreto na parede da casa com figuras.

Seus movimentos podiam ser prontamente diferenciados da agilidade das verdadeiras costureiras. Costuravam somente roupa militar, calças acolchoadas, sobretudos e jaquetas e também alinhavavam, como Iúri Andreevitch viu no acampamento dos guerrilheiros, sobretudos acolchoados de aparência engraçada, feitos de diferentes tipos de peles de cachorros. Com os dedos inábeis, as costureiras amadoras enfiavam as barras cortadas embaixo das agulhas perfuradoras das máquinas, e mal davam conta do trabalho incomum, que na verdade era mais um ofício de peleteiro.

Iúri Andreevitch bateu na janela e fez um sinal com a mão para que o deixassem entrar. Com os mesmos sinais responderam-lhe que não aceitavam encomendas de particulares. Iúri Andreevitch não arredava pé, repetia os gestos, insistia para que deixassem-no entrar e o ouvissem. Com movimentos negativos, davam-lhe a entender que tinham um trabalho urgente, que as

deixasse em paz, não incomodasse e fosse embora. Uma das costureiras, com um ar perplexo e contrariado, colocando as mãos em forma de barquinho para frente, indagava com os olhos o que ele queria. Com os dois dedos, o médio e indicador, ele mostrou o movimento das tesouras. Seus gestos não foram entendidos. Concluíram que era algo obsceno ou que ele as estava imitando e arremedando. Com sua aparência maltrapilha e comportamento estranho, ele dava a impressão de doente ou louco. Na confecção riam, gargalhavam e acenavam com as mãos, mandando-o embora. Finalmente, ele resolveu procurar a entrada através do pátio do prédio, encontrou-a e, ao avistar a porta dos fundos da confecção, bateu nela.

6

Quem abriu foi uma costureira idosa e morena, num vestido escuro, severa, provavelmente, a chefe do recinto.

— Mas que coisa, veja só! Um verdadeiro castigo! Diga logo o que quer! Não tenho tempo.

— Preciso de uma tesoura, não se espante. Quero pedir emprestada por um instante. Aqui mesmo, na sua presença, corto a barba e devolvo agradecido.

Os olhos da costureira demonstraram desconfiança e espanto. Estava nitidamente claro que duvidava da sanidade mental do interlocutor.

— Venho de longe. Cheguei à cidade recentemente e estou todo cabeludo. Gostaria de cortar o cabelo. Não há um barbeiro sequer. Então, acho que vou cortar eu mesmo, só que não tenho tesoura. Emprésteme, por favor.

— Está bem. Eu corto o seu cabelo. Mas veja lá. Se tiver alguma coisa em mente, alguma esperteza para mudar a aparência para se mascarar, algo político, não se ofenda. Não vamos pagar com a vida por sua causa, denunciaremos a quem compete. Os tempos são outros.

— Perdoe, mas por que tanto medo?

A costureira deixou o doutor entrar, levou-o para o cômodo lateral pouco mais amplo que uma despensa e, um minuto depois, ele estava sentado numa

cadeira, como no barbeiro, todo enrolado num lençol que apertava o pescoço, com as pontas enfiadas para dentro do colarinho.

A costureira ausentou-se para buscar os instrumentos e algum tempo depois voltou com uma tesoura, um pente, algumas máquinas de diversos tamanhos, cinto e lâmina.

— Já passei por tudo nesta vida — explicou ela ao perceber como o doutor espantou-se quando viu que ela estava com tudo pronto. — Trabalhei de cabeleireira. Durante a guerra, como irmã de misericórdia, aprendi a cortar cabelo e barbear. A barba, teremos que cortar primeiramente com a tesoura e depois rasparemos.

— O cabelo, por favor, corte mais curto.

— Vou caprichar. É um intelectual, mas faz-se de desinformado. Agora as contas são feitas não por semanas, mas por décadas. Hoje é dezessete e nos dias com o final sete é folga dos barbeiros. Até parece que não sabe disso.

— Não sabia. Para que iria disfarçar? Já disse. Vim de longe. Não sou daqui.

— Calma. Não se agite. Posso cortar você. Quer dizer que está de passagem? Veio como?

— Com os meus dois pés.

— Veio pela estrada?

— Uma parte pela estrada e o restante pela linha do trem. Tantos trens debaixo da neve! De todos os tipos: luxuosos e expressos.

— Aqui, ficou só um pedacinho. Vamos tirar daqui e pronto. Por motivos familiares?

— Que motivos familiares, o quê! Por causa do ex-conselho de associações de crédito. Sou inspetor. Mandaram-me inspecionar. Só o diabo sabe onde. Fiquei preso na Sibéria oriental. E não tinha como voltar. Não havia trens. Tive que voltar a pé, não tinha como escrever. Andei um mês e meio. Vi tanta coisa que a vida é curta para contar.

— Nem precisa contar. Vou ensinar como fazer. Agora espere. Tome o espelho. Tire a mão de sob o lençol e segure-o. Aprecie-se. O que acha?

— Acho que tirou pouco. Pode cortar mais curto.

— O penteado não vai se fixar. Estou dizendo que não precisa contar nada. O melhor agora é ficar calado. As associações de crédito, os trens luxuosos embaixo da neve e inspetores, melhor esquecer essas palavras. Pode se dar mal! É conversa sem sentido. Melhor, minta que é médico ou professor. Pronto, a barba já cortei toda. Agora vamos ensaboar e barbear. Depois, vai rejuvenescer dez anos. Vou aquecer um pouco de água.

"Quem é esta mulher?", pensava o doutor durante a sua ausência. "Tenho um pressentimento, como se possuíssemos pontos em comum, e devo conhecê-la. Algo já visto ou ouvido. Provavelmente, ela me lembra alguém. Mas, quem precisamente?"

A costureira retornou.

— Agora, vamos fazer a barba. É isso aí, melhor nunca falar demais. Essa é a eterna verdade. A palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro. Trens especiais, associações de crédito, melhor inventar algo, diga que é doutor ou professor. E se já viu muita coisa, melhor ficar calado. A quem pretende impressionar com isso, hoje? A lâmina não está incomodando?

— Dói um pouco.

— Deve estar arranhando, eu sei. Mas agüente, meu querido. Não dá de outro jeito. Deixou o cabelo crescer e a pele também desacostumou. É, passamos por muitas desgraças, também. Quando o chefe do bando tomou a cidade aqui era um Deus nos acuda! Seqüestros e assassinatos. Caçavam gente. Por exemplo, o pequeno sátrapa, um déspota, não gostou de um tenente. Mandou os soldados armarem uma emboscada, próximo do arvoredos Zagorodni, em frente à casa de Krapulski. Desarmaram-no e levaram-no escoltado até Razvilie. E Razvilie, naquela época, era como hoje é o Comitê Extraordinário. Local de execução. Por que está mexendo a cabeça? Está arranhando? Eu sei, querido, sei. O que fazer? Tenho que barbear contra o pêlo e o pêlo está duro feito cerda. Duro. O local é assim. Então, sua mulher ficou histérica. A mulher do tenente. Kólia! Meu Kólia! E foi direto falar com o chefe. Quer dizer, direto é maneira de falar. Quem a deixaria entrar? Todo protegido! Uma senhora da rua vizinha conhecia os caminhos até o chefe e intercedia por todos. Era uma pessoa excepcionalmente humana, nem se comparava com o resto, sensível. O general Galiullin. Ao redor, faziam justiça com as próprias mãos, crueldades e ataques de ciúmes. Bem ao modo dos romances espanhóis.

"Ela está falando de Lara", adivinhava o doutor, mas por precaução permanecia calado e não pedia detalhes. Mas quando ela disse "como nos romances espanhóis", novamente lembrou-lhe alguém. E exatamente com esta palavra dita sem propósito.

— Agora, é outra conversa. É, suponhamos, de muitas investigações, denúncias e fuzilamentos. Mas a idéia é completamente diferente. Primeiro, o poder é novo. Faz uma semana que estão no governo, ainda não entraram na moda. Segundo, digam o que quiserem, mas defendem o povo simples, nisso está a sua força. Nós, contando comigo, éramos quatro irmãs. Todas trabalhadoras. É claro que estamos inclinadas mais para o lado dos bolcheviques. Uma irmã morreu, era casada com um político. Seu marido administrava uma das fábricas locais. O filho, meu sobrinho, é líder dos rebeldes das aldeias, uma personalidade, pode-se dizer.

"Então é isso!", se deu conta Iúri Andreevitch. "É a tia de Liveri, anda na boca do mundo e é cunhada de Mikulitsin, é cabeleireira, costureira, agulheira, conhecida por todos como pau para toda a obra. No entanto, vou continuar calado para não ser reconhecido."

— Meu sobrinho tem atração pelo povo desde criança. Na casa do pai cresceu entre os trabalhadores, em Sviatogor-Bogatir. Os trabalhadores das fábricas de Varikino, já ouviu falar? O que estamos fazendo? Como sou burra e desmemoriada! Metade do queixo está lisa e a outra não. Nisso que dá ser faladeira. O senhor estava vendo, por que não me avisou? O sabão no rosto secou. Vou esquentar um pouco d'água. Esta já esfriou.

Quando Tuntseva voltou, Iúri Andreevitch perguntou:

— Varikino... não é aquele fim de mundo, uma brenha onde não chegam quaisquer abalos?

— Fim de mundo, falou bem. Essas brenhas sofreram muito mais que a gente. Por Varikino passaram uns bandos, sabe-se lá de quem. Não falavam nossa língua. Entravam de casa em casa, retiravam as pessoas e fuzilavam. E iam embora sem meias palavras. Os corpos permaneciam na neve. Aconteceu no inverno. Por que se remexe tanto? Quase lhe dei uma navalhada na garganta!

— Mas a senhora disse que seu genro é morador de Varikino. Ele também passou por esses terrores?

— Não, para quê? Deus é misericordioso. Ele saiu de lá a tempo com a mulher. Com a nova, a segunda. Onde estão ninguém sabe, porém sabe-se que se salvaram. Lá, nos últimos tempos, havia novas pessoas. Uma família moscovita, de fora. Mas estes foram-se bem antes. O homem mais jovem, o doutor, o chefe da família, desapareceu. Não foi bem isso! Na verdade, supõe-se que morreu, foi morto. Procuraram, procuraram, não encontraram. Ao mesmo tempo, o outro, o mais velho, foi chamado de volta para Moscou. Ele é professor. De agricultura. Ouvi dizer que foi chamado pelo próprio governo. Passaram por Iuriatin ainda antes dos segundos brancos. Continua a se remexer, meu querido companheiro? A continuar assim sob a navalha, é muito fácil cortar o cliente. Está exigindo muito do barbeiro.

"Então estão em Moscou!"

7

"Em Moscou! Em Moscou!" A cada passo essa palavra ressoava em sua alma, enquanto subia pela terceira vez a escada de ferro. O apartamento vazio recebeu-o novamente com a algazarra das ratazanas que pulavam, caíam e corriam. Iúri Andreevitch sabia que junto a esta imundície não conseguiria fechar os olhos nem por um minuto, por mais exausto que estivesse. Começou os preparativos para dormir, tapando os buracos das ratazanas. Felizmente no quarto havia poucas, bem menos que no resto do apartamento, onde o chão e as bases das paredes encontravam-se em pior estado. Mas precisava apressar-se. A noite se aproximava. Bem verdade que na mesa da cozinha aguardava-o um candeeiro, deixado por alguém que provavelmente esperava o seu retorno; ele fora retirado da parede e estava com querosene pela metade. Ao lado, numa caixa de fósforos semi-aberta, havia alguns palitos, uns dez, como contou Iúri Andreevitch. Porém, um e outro, o querosene e os fósforos, era melhor economizar. No quarto, encontrou ainda uma lamparina de cabeceira, com marcas de óleo de lâmpada, que fora bebido quase até o fim, provavelmente pelas ratazanas.

Em alguns lugares, os tacos soltavam do chão. Iúri Andreevitch colocou nos buracos várias camadas de cacos de vidro deitados com as pontas para dentro. A porta do quarto encaixava bem nos batentes. Anda dava para fechar

bem e, trancando-a, dava para separar o quarto com os buracos tapados do resto do apartamento. Em uma hora e pouco, Iúri Andreevitch fez tudo isso.

O canto do quarto de dormir entortava-se com uma coifa de azulejos, cuja frisa da cornija não alcançava o forro. Na cozinha, havia de reserva uns dez feixes de lenha. Iúri Andreevitch resolveu roubar de Lara dois feixes e, pondo-se de pé, em cima de uma roda, começou a juntar a lenha num braço. Levou-a para o quarto, depositou-a ao lado da coifa, verificou o funcionamento e rapidamente inteirou-se de seu estado. Quis trancar o quarto com a chave, mas a fechadura da porta estava quebrada e, por isso, fechando-a com um calço de papel para que não se abrisse, Iúri Andreevitch começou, sem pressa, a acender a coifa.

Ao colocar as toras no fogo, ele viu uma marca talhada no corte do tronco. Admirado, ele reconheceu-a. Eram sinais antigos de identificação, duas letras iniciais "k" e "d", que indicavam nas árvores ainda não serradas, a que depósito pertenciam. Com essas letras, certa época, ainda com Krüger, marcavam as pontas das toras do terreno Kulabichevskaia em Varikino, quando as fábricas comercializavam as sobras desnecessárias do combustível de madeira.

A presença de lenha dessa qualidade na casa de Lara comprovava que ela conhecia Samdeviatov e que ele cuidava dela, da mesma forma que fornecia o necessário para o doutor e sua família. Já naquela época, sentia-se incomodado com a ajuda de Anfim Iefimovitch. Agora, o embaraço por esses favores complicava-se por causa de outros sentimentos.

Difícilmente Anfim cuidaria de Larissa Fiodorovna por seus belos olhos. Iúri Andreevitch imaginou o comportamento solto de Anfim Iefimovitch e a leviandade feminina de Lara. Não era possível que não existisse algo entre eles.

Na coifa, com uma crepitação cheia de ardor, queimavam as lenhas secas de Kulabichevskaia e, à medida que viravam brasas, a cegueira ciumenta de Iúri Andreevitch, que se iniciou com leves suposições, transformou-se em absoluta certeza.

Porém, a alma dele estava dilacerada e uma dor substituía a outra. Ele não precisava enxotar essas desconfianças. Seus pensamentos, por si próprios, sem esforço da parte dele, pulavam de fato para fato. A

preocupação com os seus, surgida com uma força nova, bloqueara, por um tempo, suas invenções ciumentas.

"Então, vocês estão em Moscou, meus queridos?" Já lhe parecia que Tuntseva informara-o da feliz chegada deles. "Então repetiram novamente e sem mim esse caminho longo e extenuante? Como chegaram? Que trabalho é esse de Aleksandr Aleksandrovitch, essa convocação? Deve ser um convite da Academia para retomar as aulas. O que encontraram em casa? Mas, nossa, será que ela ainda existe, essa casa? Oh, como é difícil e doloroso, meu Deus! Oh, não pensar, não pensar! Como as idéias se confundem! O que há comigo, Tônia? Acho que estou adoecendo. O que será de mim e de todos vocês, Tônia, Tonietchka, Tônia, Churotchka, Aleksandr Aleksandrovitch? Por que me virou seu rosto, minha luz eterna ^{104}? Por que vocês são levados para longe de mim a vida toda? Por que estamos sempre separados? Mas logo nos juntaremos, nos encontraremos, não é verdade? Chegarei a vocês a pé, se não houver outro meio. Vamos nos ver. Tudo voltará para os eixos, não é verdade?"

"Mas como a terra me suporta, se me esqueço sempre de que Tônia já deve ter dado à luz? Já não é a primeira vez que percebo esse esquecimento. Como foi o parto? Como pariu? A caminho de Moscou, estiveram em Iuriatin. Apesar de Lara não os conhecer, é bem verdade, porém, para a costureira e cabeleireira, uma pessoa completamente estranha, seus destinos não foram ignorados, e Lara não diz uma palavra sequer sobre eles no bilhete? Que falta de atenção estranha! Reflete indiferença! Tão inexplicável como seu silêncio sobre seu relacionamento com Samdeviatov."

Neste momento, Iúri Andreevitch lançou um outro olhar escrupuloso para a parede do quarto. Ele sabia que, das coisas dispostas e penduradas em volta, não havia nenhuma que pertencesse a Lara e que a mobília dos ex-donos, desconhecidos e fugidos, de maneira alguma poderiam transmitir o gosto de Lara.

Mas, de qualquer forma, de repente sentiu-se mal entre os homens e mulheres que o olhavam da parede em fotografias ampliadas. Exalava um espírito de inimizade dos móveis de mau gosto. Ele sentiu-se estranho e inútil naquele quarto.

Mas ele, idiota, quantas vezes recordara-se daquela casa, sentira saudades e entrara neste quarto não como num cômodo, mas como na sua

nostalgia por Lara! Como esta maneira de sentir deve ser engraçada vista de fora! Será assim que se comportam e se expressam as pessoas fortes práticas como Samdeiatov, os homens bonitos? E por que Lara teria que preferir a sua falta de caráter e a linguagem obscura e irreal de sua adoração? Será que ela necessita dessa confusão? Será que ela tinha mesmo vontade de ser aquilo que era para ele?

E o que significava ela para ele? Isso que ele acabara de expressar? Oh, para essa pergunta ele tinha sempre uma resposta pronta!

É noite de primavera no pátio. O ar está todo marcado por sons. As vozes das crianças brincando estão espalhadas em diversos locais, de diferentes distâncias, como para mostrar que o espaço está inteiramente vivo. E esta vastidão é a Rússia, incomparável, barulhenta, cujo nome estende-se além dos mares, a grande mãe, sofredora, teimosa, extravagante, brincalhona, adorada, com explosões eternamente grandiosas e trágicas que nunca são previsíveis! Oh, como é doce existir! Como é doce viver no mundo e amar a vida! Oh, como sempre se deseja dizer obrigado à própria vida, à própria existência, e dizer isso para elas frente a frente!

Pois isso é que é Lara. Com a vida não se pode conversar e Lara é sua representante, sua expressão, o dom da audição e da fala regalado às origens desconhecidas da existência.

E é mentira, mil vezes mentira tudo que ele falou dela nos momentos de dúvida. Como tudo é perfeito e impecável nela!

As lágrimas de admiração e arrependimento cobriram sua vista. Ele abriu a portinhola da coifa e remexeu as brasas com o atizador. O calor puro, em chamas, ele arrastou para trás do aquecimento, e os tições, ainda acesos, trouxe para a frente, onde a propulsão era mais forte. Durante algum tempo, não fechou as portinholas. Sentia prazer em sentir o jogo de calor e luz no rosto e nas mãos. O reflexo em movimento da chama devolveu-lhe a lucidez definitivamente. Oh, como sentia falta dela agora, como necessitava neste instante de algo que palpavelmente partisse dela!

Tirou do bolso o bilhete amassado. Retirou-o do lado contrário do que lera antes, e somente agora percebeu que a folha estava escrita do lado inferior. Alisando o papel amassado, sobre a luz dançante do aquecedor em funcionamento, ele leu:

"Sobre os seus você sabe. Estão em Moscou. Tônia teve uma menina." Em seguida vinham algumas linhas manchadas. Depois seguia: "Rabisquei porque fica tolo num bilhete. Falaremos pessoalmente. Estou com pressa, corro para conseguir um cavalo. Não sei o que inventar se não conseguir. Com Katenka será difícil..." O fim da frase apagou-se e estava ilegível.

"O cavalo ela correu para pedir a Anfim e provavelmente conseguiu, já que partiu", raciocinava calmamente Iúri Andreevitch. "Se sua consciência não estivesse totalmente tranqüila com relação a isso, ela não teria mencionado esse detalhe."

8

Quando o forno aqueceu, o doutor fechou o tubo e beliscou qualquer coisa. Depois da comida foi dominado por uma síndrome de sono incontrolável. Deitou no sofá sem tirar a roupa e adormeceu profundamente. Não ouviu a algazarra ensurdecadora e desavergonhada das ratazanas que se iniciou atrás da porta e das paredes do apartamento. Teve dois pesadelos seguidos.

Encontrava-se em Moscou, em um quarto diante de uma porta de vidro trancada a chave, que, por mais segurança, ele puxava para si, segurando a maçaneta. Atrás da porta, debatia-se, chorava e implorava para entrar seu menino Churotchka vestido num paletó infantil, calça de marinheiro e chapeuzinho. Era muito pequeno e tinha um ar infeliz. Por trás do menino, cobrindo-o com respingos, caía barulhenta e ruidosa uma cascata do encanamento quebrado, um fenômeno corriqueiro da época. Ou, quem sabe, ali realmente terminava e cravava-se na porta algum desfiladeiro de montanhas selvagens com um fluxo que corria enlouquecido por ele, acumulado, durante séculos, na caverna pelo frio e a escuridão.

A queda e o barulho da água que vinha abaixo assustavam o menino até a morte. Não se ouvia o que ele gritava, o ruído abafava os gritos do menino. Porém Iúri Andreevitch via que com os lábios ele compunha as palavras: "Papai! Papai!"

Iúri Andreevitch ficou com o coração partido. No fundo ele queria tomar o menino nos braços, apartar contra seu peito e correr sem olhar para trás

sem rumo certo. Porém, encharcando-se de lágrimas, ele puxava a maçaneta da porta para si e não deixava o menino entrar, sacrificando-o pelos sentimentos falsos de honra e dever diante de uma outra mulher, que não era a mãe do menino e que, de uma hora para outra, poderia entrar no quarto pelo outro lado.

Lúri Andreevitch acordou suando e chorando. "Estou ardendo em febre. Estou adoecendo", na mesma hora pensou ele. "Não é tifo. É um cansaço pesado e perigoso que tomou a forma de uma doença, alguma doença sujeita a crises como outras infecções sérias, e só resta a questão sobre quem vencerá, a vida ou a morte. Mas quero dormir!" E ele dormiu novamente.

Sonhou com uma manhã escura de inverno, numa rua iluminada, cheia de gente, em Moscou. Tudo indicava que era no tempo anterior à revolução, a julgar pela movimentação das primeiras horas da manhã, pelo barulho dos primeiros vagões dos bondes, pela luz noturna dos postes, que com listras amarelas pontilhavam a neve cinza crepuscular das calçadas.

Sonhava com um apartamento comprido e alongado, com muitas janelas baixas, todas do mesmo lado, que davam para a rua, provavelmente no segundo andar, com as cortinas baixadas até o chão. No apartamento, dormiam pessoas vestidas com roupas de viagem, em posições diferentes, e havia uma desordem de vagão: restos de comida espalhados em cima de jornais abertos e engordurados, ossos roídos de galinha frita, asinhas e coxinhas; e havia botas retiradas para o pernoite, que formavam pares no chão, e que pertenciam aos parentes visitantes e conhecidos que estavam de passagem e sem teto. Pelo apartamento, cheia de tarefas, rápida e silenciosamente corria de um lado para o outro a dona da casa, Lara, com seu roupão matinal amarrado às pressas, e em seu encalço, insistente, caminhava ele, a toda hora dizendo algo medíocre e fora de propósito, esclarecendo coisas, mas ela não tinha sequer um minuto para ele e respondia a suas explicações sem parar de andar, com acenos da cabeça para o lado dele, com olhares desconfiados e explosões de risadas ingênuas e incomparavelmente argentinas, as únicas evidências de intimidade que lhes restava. E era tão distante, fria e atraente aquela a quem ele entregou tudo, aquela a quem preferiu e por quem, comparando a todo o resto, desprezou e depreciou tudo mais.

Não era ele e sim algo mais vasto, que chorava e soluçava dentro dele, com palavras carinhosas e claras e que brilhavam no escuro como a porcelana. E junto com a sua alma aos prantos chorava ele. Tinha pena de si próprio.

"Estou adoecendo, estou doente", raciocinava nos momentos de lucidez entre as faixas de sono, delírios febris e desmaios. "Isso é mesmo algum tipo de tifo, não descrito nos manuais, e que não estudamos na faculdade de medicina. Tenho que preparar algo, tenho de comer, senão morrerei de fome."

Mas na primeira tentativa de erguer-se nos cotovelos, concluiu que não tinha forças para mexer-se e perdia os sentidos ou adormecia.

"Há quanto tempo estou deitado aqui, vestido?", analisava ele em um dos minutos de lucidez. "Quantas horas? Quantos dias? Quando caí, começara a primavera. Agora há geada na janela. É tão fofa e suja que o quarto ficou escuro."

Na cozinha, as ratazanas faziam barulho com os pratos espalhados, subiam por aquele lado da parede, caíam com seus corpanzís pesados no chão, asquerosamente ganiam com seus contraltos chorosos.

E ele novamente dormia, acordava e notava que as janelas, cobertas pelo véu da geada, estavam cheias do ardor cor-de-rosa do crepúsculo, que vermelhava nelas como vinho tinto em taças de cristal. Não sabia e perguntava-se que crepúsculo seria aquele, matutino ou vespertino?

Certa vez, ouviu vozes humanas em algum lugar bem próximo, e ele ficou mais deprimido, concluindo que era o início da loucura. Em lágrimas, com pena de si mesmo e cochichando silenciosamente, ele lastimava-se aos céus, perguntando por que lhe dera as costas e o abandonara. "Por que me rejeitou, minha luz eterna e cobriu-me de escuridão maldita?"

E, de repente, ele entendeu que não estava delirando, e que era pura verdade que estava despido, lavado e deitado com uma camisa limpa, não no sofá, mas numa cama com lençóis limpos e que, misturando seus cabelos com os dele, suas lágrimas com as lágrimas dele, chorando com ele, sentada

ao lado da cama e inclinando-se para ele, estava Lara. Então, desmaiou de felicidade.

Num delírio recente, ele censurava o céu pela indiferença e o céu, com toda a sua amplidão, descia até sua cama e dois braços femininos grandes e brancos até os ombros estendiam-se ao seu encontro. Seus olhos turvavam-se de alegria e, da mesma forma que caem na loucura, ele caiu no mais profundo deleite.

A vida toda ele estivera fazendo algo, sempre ocupado, trabalhava em casa, tratava de doentes, pensava, estudava, produzia. Como era bom parar de agir, batalhar, pensar e, durante algum tempo, deixar esse trabalho para a natureza e tornar-se objeto, idéia, obra em suas mãos benevolentes, maravilhosas e pródigas de beleza!

Iúri Andreevitch recuperava-se rapidamente. Lara alimentava e cuidava dele com suas preocupações, seu encanto de cisne branco, com os murmúrios ofegantes, graves e úmidos de suas perguntas e respostas.

Suas conversas a meia voz, até as mais vagas, eram repletas de sentido, como os diálogos de Platão.

Mais que pela comunhão das almas, estavam unidos pelo abismo que os separava do resto do mundo. Para os dois, era da mesma forma detestável tudo de fatalmente típico no homem contemporâneo, seu entusiasmo decorado, sua exaltação gritante e a mortal falta de asas que tão cuidadosamente divulgavam os incontáveis burocratas das ciências e das artes, para que a genialidade continuasse a ser uma grande raridade.

O amor deles era enorme. Mas todos amam sem perceber o que há de único nesse sentimento.

Porém, para eles — e aí estava sua exclusividade — os instantes eram minutos de sinceridade e conhecimento de tudo que era novo e o novo sobre eles mesmos e sobre a vida, quando, em suas existências humanas condenadas, penetravam os eflúvios da paixão como se fossem o sopro da eternidade.

— Você deve retornar sem falta para os seus. Não o reterei sequer um dia. Mas veja o que está acontecendo. Mal nos fundimos com a Rússia Soviética, fomos absorvidos pela destruição. Com a Sibéria e o Oriente tapam seus buracos. Você não sabe de nada! Durante a sua doença tanta coisa mudou na cidade! Os estoques de nossos depósitos estão sendo levados para o centro, para Moscou. Para Moscou não passa de uma gota d'água no oceano, essas cargas somem como num barril furado, porém nós ficamos sem mantimentos. Os trens de passageiros quase não passam mais, pararam de circular, passam somente os de carga com grãos. Correm novamente boatos na cidade, como antes da rebelião de Gaida, e mais uma vez, em resposta às revelações de insatisfação, está atuando a Comissão Extraordinária. E para onde você poderia ir assim, pele e osso, quase sem alma no corpo? Será novamente a pé? Pois não chegará! Descanse, recupere as forças e depois é outra conversa. Não me atrevo a dar conselhos, mas em seu lugar, antes de partir ao encontro dos seus, eu trabalharia um pouco na profissão. Isso eles valorizam, eu iria, por exemplo, até o nosso departamento de saúde. Ele permaneceu na administração municipal. Se não, pense bem. Você é filho de um milionário siberiano que se matou, sua mulher é filha de um empresário e dono de terras local. Estava entre os guerrilheiros e fugiu. Qualquer que seja a interpretação, isso é fuga das fileiras militares revolucionárias, deserção. Você não pode, de maneira alguma, ficar sem emprego, como um desapropriado. A minha situação também não é sólida. Também vou trabalhar, vou para o departamento de ensino. A terra está um vulcão embaixo de mim.

— Como um vulcão? E o Strelnikov?

— Por isso mesmo está um vulcão, por causa de Strelnikov. Já havia dito antes que ele tem muitos inimigos. O Exército Vermelho venceu. Agora, os militares sem partido que estavam muito próximos do poder e que sabem demais serão enxotados. Ainda bem que serão somente enxotados, e não mortos para não deixar vestígios. Pacha está na primeira fila. Corre grande perigo. Esteve no Extremo Oriente. Ouvi dizer que fugiu, está se escondendo. Dizem que estão à sua procura. Mas chega de falar sobre ele. Não gosto de

chorar e se acrescentar sobre ele mais duas palavras sequer, sinto que vou desfazer-me em lágrimas.

— Você o amava, você ainda o ama, até hoje?

— Eu casei com ele, ele é meu marido, Iurotchka. É uma pessoa de caráter sublime e transparente. Sou profundamente culpada perante ele. Não fiz nada de mal a ele, dizer isso seria mentira. Mas ele é uma pessoa de enorme valor, de grande franqueza, e eu não valho nada comparada a ele. Esta é a minha culpa. Mas, por favor, basta de falar sobre isso. Um outro dia, eu mesma retomarei esse assunto, prometo. Como é estranha essa sua Tônia! Boticcelliana. Presenciei o parto. Nos entendemos muito bem. Mas sobre isso também, peço a você, falaremos depois. Bem, então vamos trabalhar, nós dois. Vamos trabalhar, juntos. Todo mês receber o salário em bilhões. Aqui, até o último golpe, estavam instituídos os cartões de crédito siberianos. Foram cancelados, praticamente há pouco tempo, e durante o tempo da sua doença, ficamos sem papel-moeda. É. Imagine. Difícil de acreditar, mas sobrevivíamos. Agora, trouxeram para a ex-tesouraria uma carga inteira de dinheiro de papel, dizem que uns quarenta vagões, nada menos. Foram impressos em grandes folhas de duas cores, azul e vermelha, como os selos postais, e divididos em pequenas colunas. Os azuis são de cinco milhões o quadrado, os vermelhos valem dez milhões cada. Desbotam, a impressão é ruim, a cor borra.

— Já vi esse dinheiro. Foi colocado em circulação às vésperas da nossa partida de Moscou.

12

— O que você ficou fazendo tanto tempo em Varikino? Não há ninguém lá, está vazio? O que a reteve lá?

— Fiquei limpando com Katenka a casa de vocês. Temi que você fosse até lá, em primeiro lugar. Não gostaria que encontrasse a moradia naquele estado.

— Em que estado? Está em ruínas, desordem?

— Em desordem. Suja. Eu arrumei.

— Que evasiva lacônica. Você não está dizendo tudo, está me escondendo algo. Mas se prefere assim, tudo bem, não vou ficar averiguando. Conte-me de Tônia. Como batizaram a menina?

— Macha ^{105}. Em homenagem à mãe.

— Fale-me delas.

— Se me permite, uma outra hora. Pois já disse que mal consigo segurar as lágrimas.

— Esse Samdeviatov, que deu o cavalo a você, é uma figura interessante. O que acha dele?

— Muito interessante.

— Conheço bem Anfim Iefimovitch. Era amigo da nossa casa, quando chegamos a esse local novo para nós, ajudou-nos muito.

— Eu sei, ele me contou.

— Vocês devem ser amigos. Ele tenta ser útil para você, também?

— Ele simplesmente me cobre de favores. Não sei o que faria sem ele.

— Não é difícil imaginar. Devem ter relações cordiais e amistosas, sem cerimônias? Ele deve assediá-lo o tempo todo.

— E como! Insistentemente.

— E você? Mas desculpe. Estou indo além dos limites permitidos. Com que direito estou interrogando você? Desculpe. Fui muito indiscreto.

— Oh, por favor! Você deve estar interessado em outra coisa, o gênero de nossas relações? Quer saber se não se instalou em nossa boa relação algo mais íntimo? Claro que não! Sou grata a Anfim Iefimovitch por inúmeras coisas, sou inteiramente devedora dele, mas mesmo que me cobrisse de ouro, mesmo que desse a vida por mim, isso não me aproximaria dele um só passo. Tenho hostilidade de nascença em relação a esse gênero de homem, tão frio. Em questões do dia-a-dia, essas pessoas empreendedoras, convencidas, autoritárias, são insubstituíveis. Em questões do coração, a presunção masculina excitante e bigoduda é nojenta. Compreendo de forma diferente a intimidade e a vida. Além do mais, no plano moral Anfim me lembra outra pessoa, uma pessoa bem mais repugnante, culpada por eu ser assim, devido a quem sou o que sou.

— Não estou entendendo. Como é você? O que quer dizer? Explique-se. Você é a melhor de todas as pessoas no mundo.

— Ah, Iurotchka, será possível? Falo sério e você vem com elogios, como na sala de visita! Você pergunta como sou eu. Sou quebrada, rachada para toda a vida. Tornaram-me uma mulher criminosa e, prematuramente, conheci a vida pelo pior lado, através da fala falsa e vulgar de um vagabundo presunçoso e idoso que de tudo aproveitava-se e a tudo permitia-se.

— Não é difícil de adivinhar. Já supunha algo. Porém, pense. É fácil imaginar a sua pesada dor de adulto naquela época, o medo da inexperiência assustadora, a primeira mágoa de uma moça ainda criança. Mas são coisas do passado. O que quero dizer é que afligir-se por isso agora não é mais tristeza sua, mas das pessoas que a amam, como eu. Sou eu que devo arrancar os cabelos e afligir-me pelo atraso, por não estar com você já naquele tempo, para evitar o ocorrido, caso para você seja realmente uma desgraça. Impressionante. Parece-me que só posso ter ciúme forte, mortal e ardente em relação a um homem moralmente inferior, distante. A rivalidade com alguém moralmente superior provoca em mim sentimentos totalmente diferentes. Caso uma pessoa próxima e merecedora de minha amizade se apaixonasse pela mesma mulher que eu, eu teria um sentimento de fraternidade triste e não de discussão e litígio. Eu, é claro, não poderia nem por um minuto dividir com ele o objeto de minha adoração. Porém, eu me afastaria com a sensação de outro sofrimento, bem diferente do ciúme, e que nada teria de nebuloso e sanguinário. O mesmo ocorreria ao encontrar um artista que me conquistasse com a excelência de sua força em trabalhos semelhantes aos meus. Eu, provavelmente, abandonaria as minhas buscas que só repetiriam mal as tentativas dele, vitoriosas. Mas desviei-me do assunto. Acho que não a amaria com tanta força caso você não tivesse do que reclamar, do que arrepender-se. Não gosto dos justos, dos que nunca caíram, que não recuaram. A virtude deles é morta, sem valor. A beleza da vida não foi revelada para eles.

— Pois estou falando justamente desta beleza. Parece-me que para vê-la exige-se uma imaginação pura, uma percepção original. E exatamente isso é que me foi tirado. Provavelmente, eu possuiria a minha visão de vida se desde os primeiros passos eu não a tivesse visto com uma marca estranha e vulgar. Mais que isso. Por causa da intervenção, no início da minha vida, de

um homem de uma mediocridade imoral, preocupado apenas com o seu próprio deleite, não deu certo o meu casamento com uma pessoa grande e maravilhosa, que me amava profundamente e a quem eu correspondia da mesma forma.

— Espere. Depois você me fala do marido. Eu disse que o meu ciúme é provocado normalmente pela pessoa inferior e não igual a mim. Não tenho ciúmes do seu marido. Mas e aquele?

— Qual "aquele"?

— Aquele esbanjador que arruinou você. Quem é ele?

— Um advogado moscovita, bastante conhecido. Era companheiro de meu pai e após a sua morte sustentava financeiramente minha mãe, enquanto éramos pobres. Solteiro com bens. Pode ser que esteja dedicando a ele um interesse excessivo e um significado que ele não tem, por denegri-lo tanto. Não era nem um pouco extraordinário. Querendo, eu digo o nome.

— Não precisa. Eu sei. Vi-o uma vez.

— Verdade?

— Certa vez, num hotel, quando a sua mãe tentou envenenar-se. Tarde da noite. Éramos ainda crianças, ginásianos.

— Ah, lembro-me do ocorrido. Vocês chegaram e ficaram no escuro, no *hall* de entrada do apartamento. Provavelmente, eu nunca me lembraria dessa cena, porém certa vez você ajudou-me a tirá-la do esquecimento. Lembrou-me dela, acho que em Meliuzeev.

— Komarovski estava lá.

— Será? É bem possível. Era comum encontrar-me em sua companhia. Estávamos juntos com frequência.

— Por que ficou ruborizada?

— Por causa do som "Komarovski" em seus lábios. Fiquei surpresa, não esperava.

— Comigo estava meu companheiro, um ginásiano da mesma turma. Ele comunicou então, no apartamento, que reconheceu Komarovski como uma pessoa que teria visto por acaso, em circunstâncias imprevisíveis. Certa vez, em viagem, esse ginásiano, Mikhail Gordon, foi testemunha do suicídio de

meu pai, um industrial milionário. Micha viajava no mesmo trem com ele. Meu pai jogou-se do trem em movimento, com a intenção de se matar. Komarovski acompanhava meu pai, era seu advogado. Komarovski embebedou meu pai, complicou seus negócios, levando-o à falência, e o empurrou para o caminho da morte. Ele é o culpado pelo suicídio e por eu ter ficado órfão.

— Não pode ser! Que detalhe significativo! Será mesmo verdade? Pois então ele também era o seu demônio? Como isso nos aproxima! É simplesmente uma predestinação!

— É dele que tenho um ciúme louco e incorrigível.

— Por quê? Eu não o amo. Somente o odeio.

— Será que se conhece tão bem? A natureza humana, em particular a feminina, é tão obscura e contraditória! Com alguma pontinha de sua aversão, pode ser que esteja mais submissa a ele do que a quem você ama por vontade própria, sem obrigação.

— Como é terrível o que acabou de dizer! E, como de costume, disse com tanta precisão, que esta falsidade parece-me verdade. Então, como isso é terrível!

— Acalme-se. Não me dê ouvidos. Queria dizer que tenho ciúmes de algo obscuro, inconsciente, algo para o qual explicações são inconcebíveis, algo que não se pode definir. Tenho ciúmes das peças de sua roupa íntima, das gotinhas de suor na sua pele, das doenças infecciosas que voam pelo ar e que podem contaminá-la e envenenar o seu sangue. Tenho ciúmes dessa infecção, da mesma forma como tenho ciúmes de Komarovski, que tirará você de mim algum dia, assim como nos separará na minha ou na sua morte. Eu sei, para você isso pode parecer um amontoado de confusões. Não consigo dizer isso de maneira mais harmoniosa e compreensível. Eu a amo louca, perdida e infinitamente.

— Conte-me um pouco mais do seu marido. "Tu, que como eu, foste inscrito no livro funesto da desgraça", como dizia Shakespeare.

— De onde é isso?

— De *Romeu e Julieta*.

— Falei muito dele em Meliuzeev para você, quando ainda o procurava. E depois, aqui, em Iuriatin, nos nossos primeiros encontros, quando soube por você que ele quisera prendê-lo no próprio vagão. Acho que já contei a você, pode ser que não, mas tenho a impressão de que o vi certa vez, entrando num carro. Mas você nem imagina como era protegido! Achei que quase não havia mudado. O mesmo rosto bonito, honesto e decidido, o rosto mais honesto de todos que já vi no mundo. Sem sombra de ostentação, um caráter corajoso e uma total ausência de pose. Assim foi sempre e assim permaneceu. No entanto, notei uma mudança e ela me preocupou. Era como se algo estranho tivesse penetrado naquela personalidade e o tivesse tornado inexpressivo. O rosto humano vivo transformou-se na máscara de um princípio e na imagem de uma idéia. Meu coração ficou apertado com essa observação. Entendi que era conseqüência das forças às quais ele entregou-se, de forças superiores mortificadoras e impiedosas que um dia não terão piedade dele. Pareceu-me que ele estava marcado com o sinal da condenação. Mas pode ser que eu esteja enganada. Talvez nunca tenha penetrado em mim as suas expressões quando você contou-me a respeito do encontro com ele. Além do nosso sentimento comum, apreendo muita coisa de você!

— Conte-me sobre a vida de vocês antes da revolução.

— Desde a infância, eu sonhava com a pureza. Ele era a sua encarnação. Morávamos quase na mesma rua, eu, ele, Galiullin. Eu era a sua paixão infantil. Ele ficava petrificado, gelava quando me via. Não deve ser de bom tom que eu fale e saiba disso. Mas seria pior ainda se eu fingisse nada saber. Fui a sua paixão infantil, aquele desejo avassalador que fica oculto, que o orgulho infantil não permite revelar mas que está escrito no rosto e é percebido por qualquer um. Éramos amigos. Éramos tão diferentes quanto eu e você somos semelhantes. Ainda naquele tempo, escolhi-o com o coração. Resolvi unir minha vida àquele menino maravilhoso mal ingressássemos na vida adulta e, mentalmente, tornei-me noiva dele. E imagine a sua capacidade! Extraordinária! Filho de um simples agulheiro ou vigia ferroviário, somente com seu talento e esforço no trabalho atingiu... já ia

falando nível, mas quero dizer o topo da universidade contemporânea, em duas especialidades: matemática e filologia. E isso não é brincadeira!

— Nesse caso, o que dissolveu a harmonia familiar, já que se amavam tanto?

— Ah, como é difícil responder a isso! Vou contar-lhe agora. Mas é espantoso! Cabe a mim, uma mulher frágil, explicar a você, que é tão inteligente, o que está acontecendo agora com a vida em geral, com a vida humana na Rússia, por que as famílias se desfazem, incluindo a sua e a minha? Ah, até parece que o problema está nas pessoas, na compatibilidade ou não de caracteres, no amor ou desamor. Tudo é consequência, tudo que diz respeito ao cotidiano, ao lar e ordem humanos, tudo isso virou pó, junto com a reviravolta de toda a sociedade e sua reestruturação. Tudo que era comum foi derrubado e destruído. Restou somente a força incomum e inadaptada, nua até o último fio da alma arrebatada, da necessidade de amor para a qual nada mudou porque ela, em todos os tempos, gelava, tremia e estendia-se até a fileira mais próxima, da mesma forma desnuda e solitária. Nós dois somos como os dois primeiros seres, Adão e Eva, que não tinham com o que cobrir-se no início do mundo e, agora, estamos da mesma forma, desnudos e sem casa, no fim dele. Somos a última recordação de tudo de infinitamente grandioso que foi criado no mundo durante milênios e, entre eles e nós e em homenagem a essas maravilhas desaparecidas, respiramos, amamos, choramos, nos seguramos e nos apegamos um ao outro.

Após uma pequena pausa, Lara continuou bem mais tranqüila:

— Eu digo a você: se Strelnikov tornasse a ser Pachenka Antipov, se parasse de cometer loucuras e revoltar-se, se o tempo pudesse voltar, se em algum lugar distante, no fim do mundo, como por um milagre, a janela de nossa casa voltasse a iluminar-se pela lâmpada e pelos livros na mesa de Pacha, acho que eu, de joelhos, me arrastaria até lá. Tudo palpitaria em mim. Não resistiria ao apelo do passado, ao chamado da fidelidade. Sacrificaria tudo. Até mesmo o que me é valioso. Você. A minha intimidade com você,

tão leve, espontânea, natural. Oh, me desculpe. Eu ia dizendo bobagem. Isso não é verdade.

Ela atirou-se em seu pescoço e caiu em prantos. Logo voltou a si. Limpando as lágrimas, disse:

— Mas é esta mesma voz de dever que está mandando você até Tônia. Meu Deus, pobres de nós! O que será de nós? O que devemos fazer?

Quando ela recuperou-se totalmente, continuou:

— Mas acabei não contando por que a nossa felicidade desmoronou-se. Compreendi isso tão bem, depois! Vou contar. Será um relato não somente sobre nós. Foi o destino de muitos.

— Fale, minha querida.

— Casamo-nos às vésperas da guerra, dois anos antes de seu início. Foi só começarmos a viver por conta própria, arrumarmos a casa e a guerra foi anunciada. Agora, tenho certeza de que ela foi a culpada por tudo, tudo que adveio, e todo o infortúnio que atinge até hoje a nossa geração. Lembro-me bem da minha infância. Alcancei o tempo em que ainda tinham força as idéias do pacífico século precedente. Era comum confiar na voz da razão. Aquilo que a consciência dizia era considerado natural e necessário. A morte de uma pessoa pelas mãos de outra era uma raridade excepcional, um acontecimento fora do comum. Os assassinatos, como se supunha, eram encontrados somente nas tragédias, nos romances policiais e nos informes diários de ocorrências em jornais, mas não na vida real. E de repente, veio o salto desse compasso de tranqüilidade e inocência até o sangue e os gritos, a loucura geral e a selvageria dos assassinatos diários e de cada hora, legitimados e glorificados. Provavelmente, isso nunca passará em vão. Você talvez se lembre melhor do que eu como tudo começou a ser destruído. O tráfego ferroviário, o abastecimento das cidades, as estruturas familiares, os princípios morais da consciência.

— Continue. Já sei o que dirá a seguir. Como você entende de tudo! É uma alegria ouvi-la.

— Então chegou a mentira à terra russa. A maior desgraça, a raiz da maldade futura, foi a perda da fé no valor da opinião própria. Imaginaram que o tempo em que se seguiam as inspirações do senso moral havia passado e que agora devia-se cantar em uníssono e viver de idéias estranhas e

impostas. Começou a crescer o domínio das palavras, inicialmente monárquico e depois revolucionário. Esse equívoco público era geral, contagioso. Tudo caiu sob sua influência. Também nossa casa não resistiu à sua ação devastadora. Algo balançou dentro dela. No lugar da animação inconsciente que reinava sempre em nosso lar, uma porção de retórica tola penetrou em nossas conversas, um exibicionismo, obrigatoriamente inteligente e com temas obrigatoriamente pacíficos. Podia uma pessoa tão fina e exigente consigo mesma, como Pacha, que tão corretamente diferenciava a essência da aparência, passar por essa falsidade insinuante e não percebê-la? E foi aí que ele cometeu o erro fatídico que decidiu todo o nosso futuro. O sinal dos tempos, o mal social, ele tomou como um fenômeno doméstico. O tom artificial, a frieza oficial de nossos raciocínios ele relacionou a si, atribuiu à sua rispidez, mediocridade. Em suma, tornou-se um homem com visão estreita. Deve lhe parecer incrível que tais futilidades pudessem significar algo na nossa vida em comum. Você não pode imaginar como isso era importante, quantas bobagens cometeu Pacha por causa dessa infantilidade. Ele foi para a guerra sem que ninguém o exigisse. Fez isso para nos libertar dele, de sua opressão imaginária. Aí começaram suas loucuras. Com um certo orgulho jovial, e falsamente direcionado, ele magoou-se com uma certa coisa da vida, com que não se deve magoar. Começou a torcer o nariz para o rumo dos acontecimentos, para a história. Iniciaram-se suas discordâncias com ela. Até hoje ele quer acertar as contas com ela. Daí sua insensatez provocadora. Está a caminho da morte certa por causa dessa ambição. Oh, se eu pudesse salvá-lo!

— Como é incrível seu amor por ele, puro e forte! Ame-o, ame-o. Não tenho ciúmes dele, não irei incomodá-la.

Imperceptivelmente, o verão veio e se foi. O doutor restabeleceu-se. Temporariamente, na esperança de sua suposta partida para Moscou, começou a trabalhar em três lugares. A rápida desvalorização do dinheiro obrigava-o a fazer façanhas em três empregos.

O doutor levantava-se com as galinhas, saía na Kupetcheskaia e descia por ela passando em frente ao cinema Gigante até a antiga tipografia do

Exército Cossaco dos Urais, hoje batizada de Compositor Vermelho. Na esquina da rua Gorodskaia, nas portas da Administração dos Negócios, uma placa o aguardava: "Bureau de Reclamações". Ele atravessava a praça na diagonal e saía na Malaia Buianovka. Depois de passar pela fábrica de Stengop, pelos pátios dos fundos, entrava no ambulatório do Hospital Militar, seu principal local de trabalho.

A metade de seu caminho passava por baixo de árvores sombrias que pendiam sobre a rua, em frente de casinhas de estilo complicado, em sua maioria, de madeira com telhados bruscamente quebrados, hortas gradeadas, portões com desenhos e alizares entalhados nas janelas.

Vizinho ao ambulatório, no ex-jardim herdado pela mulher do comerciante, Goregliadova, ficava uma casa curiosa e baixa, em antigo estilo russo. Era revestida com azulejos esmaltados, pirâmides com facetas para fora, parecido com os antigos palácios dos boiardos moscovitas.

Do ambulatório, Iúri Andreevitch ia duas ou quatro vezes, de dez em dez dias à ex-casa de Liguetti, na rua Staraiia Miasskaia, para a reunião do Comitê de Saúde de Iuriatin, lá localizado.

Num outro bairro distante, ficava a casa doada à cidade pelo pai de Anfim, Iefim Samdeviatov, em memória da mulher falecida durante o parto que deu vida a Anfim. Essa casa abrigava o Instituto de Ginecologia e Obstetrícia fundado por Samdeviatov. Agora, nela, estavam instalados os cursos intensivos de medicina cirúrgica Rosa Luxemburgo. Iúri Andreevitch lecionava patologia geral e algumas matérias opcionais.

Ele retornava de todos esses serviços à noite, cansado e com fome, e encontrava Larissa Fiodorovna no auge das tarefas domésticas, no fogão ou diante da bacia. Com a aparência prosaica e comum, descabelada, com as mangas arregaçadas e a barra suspensa e presa na cintura, ela quase assustava com sua atração majestosa e cativante, muito mais do que se ele, de repente, a encontrasse antes da saída para o baile, tornando-se mais alta em cima dos saltos altos, num vestido aberto com um corte e saias amplas e barulhentas. Ali, seu encanto era maior, mais nobre.

Ela estava cozinhando ou lavando e depois, com a água de sabão, lavava o chão da casa. Ou então, calmamente e menos ativa, passava roupa ou consertava a sua roupa ou a dele ou a de Katenka. Ou, depois de livrar-se da comida, da lavagem de roupa ou faxina, ensinava Katenka. Ou, mergulhada

nos manuais, ocupava-se com o próprio aperfeiçoamento político antes de retornar, como professora, para a escola nova, reestruturada.

Quanto mais próximas lhe eram esta mulher e esta menina, menos ele atrevia-se a aceitá-las como familiares, mais rigorosa era a proibição imposta aos seus pensamentos pelo dever diante dos seus e pela sua dolorosa fidelidade violada. Nessa limitação, para Lara e Katenka não havia nada que as magoasse. Ao contrário, essa maneira não familiar de sentir continha um mundo inteiro de respeito, que excluía o atrevimento e a intimidade.

Porém, tal dicotomia sempre atormentava e feria e Iúri Andreevitch acostumou-se a ela, assim como alguém pode se acostumar com uma ferida que não cicatrizou e é freqüentemente aberta.

16

Assim passaram-se dois ou três meses. Certa vez, em outubro, Iúri Andreevitch disse a Larissa Fiodorovna:

— Sabe, parece-me que terei de deixar o emprego. É a velha história que sempre se repete. Começa da melhor maneira possível: "Estamos sempre contentes com o trabalho honesto. Com idéias então, principalmente as novas, ainda mais. Como não saudá-las? Sejam bem-vindas! Trabalhe, lute, procure." Mas, ao examinar, percebe-se que como idéias subentende-se somente a aparência, o acompanhamento verbal de exaltação à revolução e ao governo no poder. Isso cansa enfadonhamente. Não sou perito nessa área.

"E talvez realmente eles tenham razão. Claro que não estou com eles. Porém, tenho dificuldade de me conformar com a idéia de que eles são heróis, boas almas, e eu uma alminha em defesa da escuridão e da exploração do homem. Você ouviu alguma vez o nome de Nikolai Vedeniapin?"

— É claro. Antes de conhecê-lo e depois pelos seus freqüentes relatos. Simotchka Tuntseva freqüentemente lembra dele. Ela é sua seguidora. Mas os livros dele, para vergonha minha, nunca li. Não gosto de obras dedicadas em sua totalidade à filosofia. Acho que a filosofia deve ser um parco tempero para a arte da vida. Ocupar-se somente dela é da mesma forma

estranho como ficar comendo somente raiz-forte. Aliás, desculpe-me, com minhas bobagens afastei você do assunto.

— Não, ao contrário. Concordo com você. É uma maneira de pensar bem semelhante à minha. Bem, mas eu estava falando do tio. Pode ser que realmente eu tenha me corrompido por influência dele. Mas, no entanto, eles mesmos, numa só voz gritam: "Diagnóstico genial, diagnóstico genial!" É verdade, eu raramente erro na identificação de uma doença. Mas isso é justamente a intuição que eles odeiam, e com a qual, dizem, eu peço, é o conhecimento pleno, que de uma só vez abrange todo o quadro num golpe. Estou fortemente interessado pela questão do mimetismo, pela adaptação exterior dos organismo à cor do ambiente que o cerca. Aqui, nesta adaptação colorida, está escondida, a passagem impressionante do interno para o externo. Atrevi-me a tocar nisso durante a aula. Pronto! "Idealismo, misticismo! Filosofia da natureza, de Goethe, neoschellinguelismo." Tenho que sair. Do Comitê de Saúde e do Instituto pedirei demissão, e no hospital tentarei segurar-me até me demitirem. Não quero assustar você, mas, às vezes, tenho a impressão de que hoje ou amanhã vão prender-me.

— Deus me livre, Iurotchka. Isso, felizmente, ainda está longe. Mas você tem razão. Não custa nada ser mais prudente. Pelo que pude perceber, cada estabelecimento desse poder jovem passa por várias etapas. No início é a glória da razão, o espírito crítico, a luta com os preconceitos. Depois inicia-se o segundo período. Ganham na balança as forças obscuras dos que "aderiram", que fingem compaixão. Crescem a desconfiança, as denúncias, as intrigas, o ódio. Você está certo, estamos no início da segunda fase. Não é preciso ir longe atrás de exemplos. Transferiram para cá, para juízes do Tribunal Revolucionário, dois velhos prisioneiros políticos, Tiverzin e Antipov. Os dois me conhecem muito bem e um é simplesmente o pai do meu marido, meu sogro. Mas a partir de sua transferência, recentemente comecei a temer pela minha vida e a de Katenka. Deles, pode-se esperar tudo. Antipov não gosta de mim. Acontecerá, num belo dia, que poderão eliminar-me e até mesmo Pacha em nome da justiça soberana da revolução.

A continuação dessa conversa aconteceu pouco depois. Ocorreu uma busca noturna na casa de número 48 da rua Malaia Buianovka, ao lado do ambulatório, a casa da viúva Goregliadova. Na casa encontraram um depósito de armas e descobriram uma organização contra-revolucionária. Foi presa muita gente na cidade, as buscas e as prisões continuavam. Por

causa disso corriam boatos de que uma parte dos suspeitos foi para o outro lado do rio. Trocavam as seguintes opiniões: "Em que isso vai ajudá-los? Há rios e rios. Existem rios, diga-se de passagem. Em Blagovechensk, no rio Amur, por exemplo, numa margem está o poder soviético e na outra a China. Basta pular na água, atravessar e *adieu*, podem esquecer quem era. Isso sim, pode-se chamar de rio. É outra conversa."

— O clima está ficando tenso — dizia Lara. — A época de nossa segurança passou. Seremos presos sem nenhuma sombra de dúvida, eu e você. O que, então, será de Katenka? Sou mãe. Tenho que prever a desgraça e pensar em algo. Tenho que tomar uma decisão para este caso. Perco o juízo só de pensar nisso.

— Vamos pensar. O que podemos fazer? Será que temos forças para evitar isso? É uma coisa fatal.

— Não podemos fugir e nem temos para onde. Mas podemos nos esconder e passar para a sombra. Por exemplo, ir para Varikino. Penso na casa de Varikino. É bem distante e abandonada. Lá não ficaremos à vista, como aqui. O inverno está próximo. Eu assumiria a responsabilidade de passar o inverno lá. Até nos encontrarem, ganharíamos um ano de vida, já é lucro. Samdeviatov ajudaria a manter o contato com a cidade. Quem sabe concordaria em nos esconder. Hem? O que você me diz? É verdade que agora lá não tem alma viva, um horror, vazio. Pelo menos, assim estava em março, quando estive lá. Dizem que há lobos. É temeroso. Mas as pessoas, principalmente do tipo de Antipov e Tiverzin, agora são mais terríveis que os lobos.

— Não sei o que dizer. Pois você mesma, a toda hora, manda-me para Moscou, tenta convencer-me a não adiar a viagem. Agora ficou mais fácil. Informei-me na estação de trem. Não estão ligando para os sacoleiros. Nem todos os clandestinos são retirados dos trens. Cansaram de fuzilar, estão fuzilando raramente. O que me preocupa é que as minhas cartas enviadas a Moscou permanecem sem resposta. Tenho que chegar lá e esclarecer o que aconteceu com minha família. Você mesma, a toda hora, fala disso. Mas então como entender as suas palavras sobre Varikino? Será que irá sozinha, sem mim, para esse terrível fim de mundo?

— Não sem você, é claro. Isso não faria sentido.

— Mas, ao mesmo tempo, manda-me para Moscou?

— Sim, isso é imprescindível.

— Ouça. Quer saber de uma coisa? Tenho um plano maravilhoso. Vamos para Moscou. Venha com Katenka junto comigo.

— Para Moscou? Ficou louco? Por que cargas d'água? Não, preciso ficar. Tenho que estar de prontidão, por perto. Aqui está sendo resolvido o destino de Pachenka. Preciso aguardar o desfecho para, caso necessário, prestar apoio.

— Então vamos pensar em Katenka.

— Às vezes, Simuchka, Sima Tuntseva, vem me visitar. Dias atrás falamos dela.

— Claro, vejo-a freqüentemente com você.

— Fico impressionada com você. Onde estão os olhos dos homens? Se eu fosse você, sem dúvida, me apaixonaria por ela. Que beleza! Que aparência! Alta. Esbelta. Inteligente. Linda. Bondosa. Raciocínio claro.

— No dia da minha volta, sua irmã, a costureira Glafira, barbeou-me.

— Eu sei. As irmãs vivem juntas com a terrível irmã bibliotecária, Avdotia. É uma família trabalhadeira. Quero pedir a elas, em caso de extrema necessidade, caso eu e você sejamos presos, que peguem Katenka aos seus cuidados. Mas ainda não me decidi.

— Realmente, apenas em caso extremo. E essa desgraça, queira Deus, ainda está longe.

— Dizem que Sima anda um pouco fora da razão. Realmente, ela não pode ser considerada como uma mulher totalmente normal. Mas isso é por causa de sua profundidade e originalidade. É um fenômeno em cultura, não à maneira dos intelectuais, mas do povo. Os seus pontos de vista coincidem com os dela. Eu, tranqüilamente, entregaria Kátia para ser educada por ela.

Ele fora novamente até a estação de trem e retornara sem nada, voltou como foi. Tudo permaneceu sem resolução. Ele e Lara tornaram-se prisioneiros da incerteza. O dia estava frio e escuro, como antes da primeira

neve. O céu, sobre os cruzamentos, onde se estendia com mais amplitude do que sobre as ruas estiradas ao comprido, tinha a aparência invernal.

Quando Iúri Andreevitch chegou em casa, encontrou Simuchka com Lara. A conversa das duas tinha um caráter de lição que a visitante dava para a dona da casa. Iúri Andreevitch não as queria incomodar. Além do mais, queria ficar um pouco só. As mulheres conversavam no cômodo ao lado. A porta estava entreaberta. Do dintel descia até o chão um reposteiro e por ele ouvia-se palavra por palavra da conversa:

— Eu vou costurar, mas a senhora não preste atenção nisso, Simotchka. Sou toda ouvidos. Em minha época, nos cursos, seguia as aulas de história e filosofia. A construção de seu raciocínio me agrada. Além do mais, ouvi-la é um alívio. Ultimamente não temos dormido por conta de várias preocupações. Meu dever de mãe, perante Katenka, é protegê-la em caso de possíveis acontecimentos desagradáveis conosco. Tenho de pensar nela sobriamente. Não sou muito forte nisso, fico triste por reconhecer. Estou triste por causa do cansaço e das noites maldormidas. Suas conversas me acalmam. Além do mais, de um minuto para outro vai começar a nevar. Quando neva é um prazer tão grande ouvir pensamentos longos e inteligentes! Se der uma olhadinha pela janela, quando a neve está caindo, parece que alguém está vindo pelo pátio em direção à casa. Comece, Simotchka. Estou ouvindo.

— Onde paramos na última vez?

Iúri Andreevitch não ouviu o que Lara respondeu. Ele começou a acompanhar aquilo que dizia Sima.

— Podem-se utilizar as palavras cultura, época. Porém são entendidas de formas tão diferentes! Por causa do seu sentido confuso não vamos recorrer a elas. Substituiremos por outras expressões. Eu diria que o homem é composto de duas partes. Deus e trabalho. O desenvolvimento do espírito humano decompõe-se em trabalhos separados de longa duração. Eles são realizados por gerações e seguem-se um após o outro. Um destes trabalhos é o Egito, outro trabalho, a Grécia, outro é o conhecimento de Deus bíblico pelos profetas. Este trabalho é o último no tempo e por enquanto não foi substituído por nada, o trabalho realizado pela inspiração moderna, o cristianismo.

"Para lhe apresentar aquilo que é novo e inédito em todo o seu frescor e é surpreendente, não da forma que você conhece e à qual está acostumada, mas de maneira mais simples e espontânea e o que isso acarreta, vou estudar com você alguns trechos dos textos das missas, em partes pequenas e resumidas.

"A maioria dos cânticos forma um conjunto de imagens do Velho e do Novo Testamentos dispostas uma ao lado da outra. Aos conceitos do mundo antigo, como a sarça ardente! A saída de Israel do Egito, os adolescentes no forno em chamas, Jonas no ventre na baleia. São contrapostas situações do Novo, como por exemplo, as noções sobre a concepção da Virgem Maria e a ressurreição de Cristo. Nessa freqüente e quase constante conciliação do velho com o antigo e do novo com o novo, suas diferenças apresentam-se claramente. Em suma, em muitos versos a maternidade imaculada de Maria é comparada com a travessia do mar Vermelho pelos judeus. Por exemplo, no cântico: "No mar Morto, foi traçada uma vez a imagem da Virgem Esposa." E continua: "O mar, depois de Israel passar, ficará intransponível, a imaculada após o nascimento de Emmanuel permanecerá inviolada." Ou seja, o mar após a passagem de Israel tornou-se novamente intransponível e a virgem, após dar à luz o Senhor, permaneceu intocada. Que tipos de acontecimentos estão colocados aqui em paralelo? Os dois acontecimentos são sobrenaturais, os dois são reconhecidos como milagres. Em que viam o milagre essas duas épocas diferentes, o tempo antiqüíssimo, primitivo, e o tempo novo, pós-romano, que há muito tempo evoluíra?

"Num caso, por ordem do líder popular, o patriarca Moisés, e através de um aceno de seu bastão mágico o mar se abre, deixa passar um povo inteiro, inumerável, composto de centenas de milhares de pessoas e, depois do último, fecha-se novamente, cobre e afoga os egípcios perseguidores. O espetáculo tem o espírito da Antigüidade, a fúria do mar que obedece à voz do mágico, grandes multidões amontoadas como os soldados romanos em marcha, o povo e o líder, coisas visíveis e audíveis, ensurdecedoras. No outro caso, uma moça comum, à qual o mundo antigo não prestaria atenção, às escondidas e secretamente dá à luz um menino, dá a vida, o milagre da vida, vida de todos, 'Vida de todos', como posteriormente o chamam. Seu parto não é legal, não somente do ponto de vista dos bibliófilos, como ocorre fora do casamento. Ele contradiz as leis da natureza. A moça engravida não por força da necessidade, mas por milagre, por inspiração. É

a mesma inspiração por conta da qual o Evangelho, que contrapõe ao habitual a exceção, e aos dias de trabalho a festa, deseja construir a vida contrariando qualquer imposição.

"Que enorme significado possui a mudança! De que maneira ao céu (pois é com os olhos do céu que se deve avaliar isso, diante do rosto do céu, é na moldura sagrada da singularidade que isso tudo acontece) — de que maneira ao céu, a freqüente condição humana insignificante, do ponto de vista da Antigüidade, tornou-se equivalente a uma migração total de um povo? Algo se moveu no mundo. Acabou Roma, o poder de tal magnitude que com as armas impôs a obrigação de viver, sem exceção, como comunidade. Os líderes e os povos ficaram no passado. A personalidade e o sermão de liberdade vieram em sua substituição. A vida humana individual tornou-se a história divina, encheu com seu conteúdo o espaço do universo. Como se diz num canto de Anunciação, Adão quis tornar-se Deus e enganou-se, não se tornou e agora Deus tornou-se humano para transformar Adão em Deus ("Deus faz homem para tornar Adão, Deus"). Sima continuou:

— Agora lhe direi mais alguma coisa sobre o mesmo tema. Mas, por enquanto, uma pequena digressão. Com relação à preocupação com os trabalhadores, proteção às mães, luta contra o poder, o nosso tempo revolucionário é inédito, um tempo inesquecível, com conquistas que ficarão por muito tempo ou para sempre. Com relação à compreensão da vida, da filosofia da felicidade, difundida atualmente, simplesmente não acredito que seja sério, pois são coisas comicamente obsoletas. Essas declamações sobre os líderes e o povo poderiam fazer-nos retornar aos tempos bíblicos dos povos pastores e dos patriarcas, caso possuíssemos força para dar meia-volta na vida e afastar a história para trás, em milênios. Felizmente isso é impossível.

"Algumas palavras sobre Cristo e Madalena. Não é da história do Evangelho sobre ela, mas das orações da Semana da Paixão, acho que na terça ou quarta-feira santas. Mas a senhora, Larissa Fiodorovna, conhece muito bem tudo isso. Quero simplesmente lembrar algo e de forma alguma ensinar. Paixão em eslavo, como a senhora sabe perfeitamente, significa antes de mais nada, o sofrimento, sofrimento do Senhor, 'Senhor que caminha em direção ao próprio sofrimento'. Além do mais, essa palavra tem o sentido russo antigo, de vícios e vontades. 'Com o sofrimento subjuguou a qualidade da minha alma, como gado', Ao sermos afugentados do paraíso, com a

abstinência das paixões, tentaremos voltar', etc. Provavelmente, sou muito depravada, mas não gosto das liturgias pré-pascuais desta versão, dedicadas à contenção da sensibilidade à mortificação da carne. Sempre achei que estas orações grosseiras e banais, sem a poesia característica de outros textos religiosos, foram compostas por monges lustrosos e reconhecidos. Que não têm nada a ver, que não viviam conforme as regras e enganavam os outros. Mesmo que vivessem honestamente, o problema não está neles, mas no conteúdo desses trechos. Essas aflições dão significado excessivo a diferentes fraquezas do corpo, e ao fato de ele estar nutrido ou extenuado. Isso é repugnante. Aqui, um detalhe secundário e sem importância foi elevado a uma altura desnecessária, que não lhe é peculiar. Desculpe por alongar tanto o principal. Agora vou recompensá-la por minha demora.

"Sempre fiquei intrigada com o fato da referência sobre Madalena estar localizada bem às vésperas da Páscoa, no limiar da morte de Cristo e sua Ressurreição. Não sei o motivo, mas essa evocação sobre o que é a vida é tão oportuna no instante da despedida como às vésperas de seu retorno para ela. Agora ouça com que paixão e franqueza, com que retidão sem rodeios, faz-se essa menção.

"Existe uma discussão se é Maria Madalena ou a Maria Egípcíaca, ou alguma outra Maria. Seja lá como for, ela pede ao Senhor: 'Perdoe meus pecados assim como eu solto os meus cabelos.' Como de forma material, está expressa a sede de perdão, de arrependimento! Pode-se tocar com as mãos! E uma expressão semelhante está em outro *troparion* ^{106} do mesmo dia, mais detalhado e onde o assunto ainda mais evidente é Madalena.

"Aqui, ela aflige-se com uma terrível sensibilidade em relação ao seu passado e toda noite acende seus modos antigos e arraigados. 'Toda noite, sinto reacender o fogo do desconhecido filho pródigo, sombrio e sem luar, ou seja, a negra devoção ao pecado.' Ela pede a Cristo que aceite suas lágrimas de arrependimento e convença-se dos suspiros do seu coração, para que possa lavar seus pés limpos com seus cabelos, com os quais Eva, surda e envergonhada, escondeu-se no Paraíso. 'Lavarei os teus pés limpos e os secarei com os meus cabelos; com eles mesmos, Eva, no paraíso, após o meio-dia, escondeu-se amedrontada.' E de repente, depois desses cabelos, uma expressão escapa: 'Os meus inúmeros pecados, quem irá explorar a profundidade dos teus desígnios.' Que intimidade, que igualdade entre Deus e vida, Deus e personalidade, Deus e mulher!

Iúri Andreevitch chegou da estação ferroviária cansado. Era o dia de sua folga, que ele tinha de dez em dez dias. Normalmente, nesses dias ele dormia tudo que deixara de dormir durante a semana. Estava sentado, recostado no sofá e, às vezes, tomava a posição de semideitado ou esticava-se inteiramente nele. Apesar de ouvir Sima nos intervalos de cochilos, deleitava-se com seus raciocínios. "É claro que tudo isso é do tio Kólia", pensava ele. "Mas que talento e graça!"

Pulou do sofá e aproximou-se da janela. Ela dava para o pátio, da mesma forma que a janela do quarto ao lado, onde Lara e Simuchka agora cochichavam incompreensivelmente.

O tempo piorava. Escurecia. Dois corvos entraram voando no pátio, observando onde poderiam pousar. O vento levantava de leve e inflava suas penas. Os corvos desceram até tampa da lata de lixo, voaram por cima do portão, pousaram no chão e começaram a andar pelo pátio.

"Os corvos são sinal de neve", pensou o doutor. No mesmo instante ouviu por trás da porta:

— Corvos são sinal de notícias — disse Sima a Lara. — Alguém virá visitá-los. Ou então receberão uma carta.

Algum tempo depois, tocaram o sininho da porta pendurado num fio, que pouco antes fora consertado por Iúri Andreevitch. Larissa Fiodorovna saiu do quarto e, com passos ligeiros, foi abrir a porta da frente. Pela conversa na porta de entrada, Iúri Andreevitch entendeu que era a irmã de Sima, Glafira Severinovna.

— Veio buscar sua irmã? — indagou Larissa Fiodorovna. — Simuchka está aqui.

— Não, não vim buscá-la, não. Aliás, podemos voltar juntas caso esteja de saída. Mas não foi por isso que vim. Chegou uma carta para o seu amigo. Deveria ficar feliz por eu ter trabalhado nos correios. Passou por tantas mãos e como sou conhecida, veio para as minhas. É de Moscou. Levou cinco

meses para chegar. Não conseguiam encontrar o destinatário. Mas eu sei quem é. Cortou o cabelo comigo.

A carta, longa, com muitas páginas, amassada, engordurada, estava dentro de um envelope aberto e rasgado e era de Tônia. O doutor não se deu conta de como a carta chegou às suas mãos, como fora até ele, nem percebeu quando Lara lhe entregara o envelope. Quando o doutor começou a ler a carta, ainda lembrava em que cidade encontrava-se e na casa de quem estava, mas à medida que lia perdia esta noção. Sima saiu, cumprimentou-o e despediu-se dele. Automaticamente, ele respondeu com educação, mas não prestou atenção nela. Sua saída fugiu de sua consciência. Aos poucos, ele ia esquecendo-se totalmente de onde estava e do que havia em sua volta.

"Jura", escrevia-lhe Antonina Aleksandrovna, "você sabe que temos uma filha? Nós a batizamos de Macha, em homenagem à sua falecida mãe, Maria Nikolaievna.

"Agora, quero falar sobre algo totalmente diferente. Alguns ativistas destacados, professores do partido dos cadetes e socialistas de direita, Melgunov, Kizevetter, Kuskov e mais alguns, assim como o tio Nikolai Aleksandrovitch Gromeko, papai e nós, como membros de sua família, estamos sendo expulsos da Rússia, para o exterior.

"Isso é uma desgraça, principalmente na sua ausência, mas temos que obedecer e agradecer a Deus pela forma tão suave de expulsão, em tempos tão terríveis, pois poderia ser bem pior. Se você fosse encontrado e estivesse aqui iria conosco. Mas onde está agora? Estou enviando esta carta para o endereço de Antipova, ela a entregará a você, caso o encontre. Sofro com a falta de informação. Estende-se a você, como membro de nossa família, em caso de ser encontrado, e se o destino quiser, a permissão de saída recebida por todos nós. Acredito que você esteja vivo e será encontrado. Isso me diz meu coração apaixonado e confio em sua voz. Pode ser que até encontrarem você as condições de vida na Rússia estejam mais suaves e você poderá conseguir uma permissão individual para viajar para o exterior, então nós todos nos reuniremos novamente num só lugar. Porém, escrevo isso e eu mesma não acredito na realização dessa felicidade.

"A desgraça toda é que amo você e você não me ama. Tento encontrar um sentido nessa condenação, interpretá-la, justificá-la, cavo, busco em mim mesma, remexo toda a nossa vida e tudo que sei sobre mim, pois me vejo

desde o início e não consigo saber o que fiz e por que atraí para mim esta infelicidade. Você me vê de forma perversa, olha para mim com olhos hostis, me vê de maneira deformada, como num espelho mágico.

"Eu amo você. Ah, como amo, se você pudesse imaginar isso! Amo tudo de especial que há em você, tudo que é proveitoso ou não, todos os seus aspectos comuns, valiosos pelo conjunto incomum que formam, o rosto enobrecido pelo conteúdo interior, que sem isso poderia parecer feio, o talento e a inteligência que parecem ter ocupado o lugar da vontade, completamente ausente. Isso tudo me é querido e não conheço pessoa melhor que você.

"Mas ouça, sabe o que quero dizer a você? Mesmo que não fosse tão valioso para mim, mesmo que eu não gostasse de você dessa forma, mesmo assim, a verdade lamentável da frieza do meu amor não se abriria para mim, eu mesmo assim continuaria acreditando que amo você. Só de temer o castigo humilhante e aniquilador que é o desamor, eu, inconscientemente, evitaria compreender que não amava mais você. Nem eu nem você jamais saberíamos disso. Meu próprio coração esconderia isso de mim, porque o desamor é quase um assassinato e eu não teria forças para aplicar este golpe.

"Apesar de nada ainda estar resolvido definitivamente, provavelmente vamos para Paris. Vou para esse lugar distante onde você foi quando menino e onde foram educados papai e o tio. Papai manda lembranças. Chura cresceu, não ganhou em beleza, mas tornou-se um menino grande e forte e quando lembra de você sempre chora inconsolável e amargamente. Não agüento mais. Meu coração parece que vai explodir de lágrimas. Então, adeus. Deixe-me abençoar você para a separação infinita, as provações e o desconhecido, para todo o seu longo, longo e sombrio caminho. De nada culpo você, nenhuma recriminação, organize a sua vida da forma que quiser desde que se sinta bem.

"Antes da partida desses Urais terríveis, e tão fatídicos para nós, conheci bem Larissa Fiodorovna. Agradeço a ela ter permanecido o tempo todo comigo, quando passei por momentos difíceis e por ter me ajudado no parto. Devo reconhecer sinceramente, ela é uma boa pessoa, porém não quero ser hipócrita, ela é o oposto de mim. Nasci para simplificar a vida e buscar a saída certa, mas ela nasceu para complicar a vida e desviar-se do caminho.

"Adeus, tenho que terminar. Vieram buscar a carta e está na hora de arrumar as malas. Oh, Iura, Iura, querido, meu querido, meu marido, pai de meus filhos, o que será de nós? Acho que nunca mais, nunca mais nos veremos. Escrevi estas palavras, será que você consegue se dar conta de seu significado? Você compreende? Será que compreende? Apressam-me, isso com certeza é um sinal de que vieram buscar-me para levar-me para o suplício. Iura! Iura!"

Iúri Andreevitch levantou os olhos ausentes e secos, lançados para o nada, secos de desgraça, vazios pelo sofrimento. Nada via em sua volta, não tinha consciência de nada.

Do outro lado da janela, começou a nevar. O vento carregava a neve para o lado, rápida e densamente, como se estivesse antecipando algo, o tempo todo. Iúri Andreevitch olhava pela janela como se não fosse a neve que caía e sim a leitura da carta de Tônia que prosseguia. E não eram as estrelinhas secas da neve que passavam voando e brilhavam e sim pequenos espaços do papel branco entre as pequenas letras, brancos, brancos sem fim, sem fim.

Iúri Andreevitch lançou um gemido involuntário e pôs as mãos no peito. Sentiu que estava desmaiando, deu alguns passos cambaleantes até o sofá e caiu sem sentidos.

Novamente em Varikino



1

O inverno firmou-se. A neve caía em grandes flocos. Iúri Andreevitch chegou em casa, vindo do hospital.

— Komarovski chegou — disse Lara com uma voz rouca e desanimada, saindo ao seu encontro. Eles estavam no *hall* de entrada. Estava desnorçada, abatida.

— Chegou onde? Está na casa de quem? Está aqui?

— Não, claro. Esteve aqui pela manhã e quer voltar à noite. Deve chegar logo. Ele precisa falar com você.

— Para que veio?

— Não entendi tudo o que falou. Disse que está de passagem rumo ao Extremo Oriente e, intencionalmente, deu uma volta até Iuriatin para nos ver. Principalmente por causa de você e de Pacha. Ele falou muito sobre vocês dois. Tentou convencer-me de que nós três, ou seja, você, Patulia e eu, estamos correndo perigo mortal e que somente ele pode salvar-nos, caso o obedeçamos.

— Vou-me embora. Não quero vê-lo.

Lara começou a chorar, tentou cair de joelhos aos pés do doutor e, abraçando suas pernas, tentou apertá-lo contra sua cabeça. Mas ele a conteve segurando-a com força.

— Fique por mim, suplico. Não tenho medo de ficar sozinha com ele. Mas é penoso para mim. Livre-me do encontro a sós com ele. Além disso, é uma pessoa prática, vivida. Pode ser que realmente aconselhe algo. Sua repugnância para com ele é natural. Mas faça um esforço. Fique.

— O que você tem, meu anjo? Acalme-se. O que está fazendo? Não fique de joelhos. Levante-se. Não fique triste. Espante essas alucinações. Ele a assustou para o resto da vida. Estou com você. Se for preciso, se você me ordenar, eu o matarei.

Meia hora depois, anoiteceu. Escureceu completamente. Há meio ano, os buracos no chão haviam sido fechados. Iúri Andreevitch observava, em caso de surgirem novos, fechava-os a tempo. O apartamento agora era habitado por um gato grande e peludo, que passava o tempo numa contemplação enigmática e imóvel. As ratazanas não deixaram o apartamento, mas estavam mais cuidadosas.

À espera de Komarovski, Larissa Fiodorovna cortou o pão preto racionado e colocou o prato sobre a mesa com algumas batatas cozidas. Resolveram receber a visita na ex-sala de jantar dos velhos donos, que continuou servindo para este fim. Nela havia uma enorme mesa de carvalho e um grande e pesado aparador, do mesmo carvalho escuro. Sobre a mesa ardia óleo de rícino com o pavio mergulhado nele; era a luminária portátil do doutor.

Komarovski chegou da escuridão de dezembro todo coberto pela neve que caía na rua. A neve soltava-se em camadas do seu sobretudo, chapéu e galochas e derretia-se, formando poças no chão. Por causa da neve grudada, os bigodes e a barba, que Komarovski raspava e agora deixara crescer, pareciam de palhaço, de comediante. Vestia um conjunto bem conservado, de paletó e calças listradas pregueadas. Antes de cumprimentar e dizer qualquer coisa, ficou longo tempo penteando, com um pente de bolso, os cabelos molhados e amarfanhados e limpando e alisando, com um lenço, os bigodes e as sobrancelhas úmidas. Depois, mantendo um silêncio marcante, estendeu as duas mãos ao mesmo tempo, a esquerda para Larissa Fiodorovna e a direita para Iúri Andreevitch.

— Vamos considerar que já nos conhecemos — disse a Iúri Andreevitch. — Pois prestei serviços a seu pai, o senhor provavelmente sabe. Ele deu seu último suspiro em meus braços. Fico olhando para o senhor e tento encontrar semelhanças. Não, pelo visto não saiu ao pai. Era um homem de grande caráter. Impetuoso, decidido. A julgar pela aparência, parece mais com a sua mãe. Uma doce mulher. Sonhadora.

— Larissa Fiodorovna pediu-me para ouvi-lo. Segundo ela, o senhor tem algo a dizer-me. Cedi ao seu pedido. A nossa conversa é forçada e constrangedora. Por minha vontade, eu não procuraria conhecê-lo e não considero nosso encontro uma apresentação. Por isso vá direto ao assunto. O que deseja?

— Boa noite, meus queridos. Tudo, absolutamente tudo, eu sinto por inteiro e entendo perfeitamente. Perdoem a minha audácia, mas vocês combinam incrivelmente. Formam um casal muito harmonioso.

— Devo interrompê-lo. Peço que não se intrometa em coisas que não lhe dizem respeito. Não estamos pedindo sua opinião. Está desviando-se do assunto.

— Não se exalte assim, meu jovem. Não, acho que saiu mais ao pai. O mesmo revólver e pólvora. Pois bem, se me permitem eu os felicito, meus filhos. Infelizmente, entretanto, vocês, e não é só uma opinião, são realmente crianças que nada sabem e em nada pensam. Aqui, em dois dias, soube sobre vocês muito mais do que imaginam. Sem suspeitar de nada, vocês andam à beira de um abismo. Caso não tentem impedir de alguma forma, seus dias de liberdade e talvez até de suas vidas estão contados.

"Existe um certo estilo comunista. São poucos os que se encaixam nesses parâmetros. Porém, ninguém contradiz essa maneira de viver e pensar como o senhor, Iúri Andreevitch. Não entendo para que provoca os gansos. O senhor é um ultraje a esse mundo, um desafio.

"Tudo bem se isso fosse um segredo seu. Mas aqui há homens influentes de Moscou. Conhecem seu interior em detalhes. Vocês dois não caíram no gosto dos sacerdotes de Temis. Os companheiros Antipov e Tiverzin estão afiando os dentes para Larissa Fiodorovna e o senhor.

"O senhor é homem, é livre como um cossaco ou como quer que se chame. Entregar-se a loucuras, brincar com a sua vida é um direito sagrado seu. Mas Larissa Fiodorovna não é livre. É mãe. Tem nas mãos a vida e o destino de uma criança. Não pode fugir da realidade nem flutuar entre as nuvens.

"Perdi a manhã inteira tentando convencê-la a olhar, com mais seriedade, para a situação local. Ela não quer me ouvir. Use a sua autoridade, a sua influência sobre Larissa Fiodorovna. Ela não tem o direito de brincar com a segurança de Katenka, não pode desdenhar as minhas considerações.

— Nunca em minha vida persuadi ou obriguei quem quer que seja a nada. Principalmente os mais íntimos. Larissa Fiodorovna tem a liberdade de obedecê-lo ou não. Isso é uma questão dela. Além do mais, não sei exatamente qual é o assunto. Aquilo que chama de suas considerações, eu desconheço.

— O senhor cada vez mais me lembra seu pai. É da mesma forma teimoso. Então, passemos ao principal. Porém, como é um assunto bastante complexo, peço que tenha paciência. Peço que ouça e não me interrompa.

"Nas altas esferas estão sendo preparadas grandes mudanças. Tenho informações sobre isso de fontes fidedignas, não tem que duvidar. Trata-se de uma passagem para trilhos mais democráticos, uma concessão à legalidade geral e não é coisa de um futuro próximo.

"No entanto, basicamente em função disso, as instituições de repressão, que serão futuramente revogadas, vão agir com o maior rigor e rapidamente acertar suas contas locais. Seu extermínio está em pauta, Iúri Andreevitch. Seu nome está na lista. Digo isso, brincadeiras à parte. Vi pessoalmente, pode acreditar em mim. Pense em sua salvação, ou será tarde.

"Mas isso tudo era só a introdução. Passarei agora ao principal.

"Em Primorie ^{107}, no oceano Pacífico, concentram-se as forças políticas fiéis ao governo provisório, deposto e dissolvido pela Assembléia Constituinte. Estarão reunindo-se os conselheiros, os ativistas políticos, os mais destacados dos *zemstvo* de outrora, empresários, industriais. Os generais das antigas divisões dos voluntários concentram ali o resto de suas tropas.

"O poder soviético fechou os olhos para a formação da República do Extremo Oriente. A existência de tal formação, na zona fronteira, é vantajosa para ele como se fosse um pára-choque entre a Sibéria vermelha e o mundo externo. O governo da república terá composição mista. Mais da metade será reservada a Moscou, em articulação com os comunistas, para, com a ajuda deles, a qualquer hora, dar o golpe e tomar a república em suas mãos. A idéia é totalmente transparente e o único problema é saber usar o tempo que resta.

"Há tempos, antes da revolução, eu administrava os negócios dos irmãos Arkharov, Merculov e de outras empresas comerciais e financeiras de

Vladivostok. Lá me conhecem. Um emissário secreto do governo em composição, metade secretamente, metade com o consentimento oficial soviético, trouxe-me um convite para participar, como ministro da Justiça, do governo do Extremo Oriente. Aceitei e estou indo para lá. Tudo isso, como acabei de dizer, ocorre com o conhecimento e consentimento tácito do poder soviético, no entanto sem muita sinceridade, e por isso não se pode espalhar isso.

"Posso levar o senhor e Larissa Fiodorovna comigo. De lá, o senhor com facilidade, pelo mar, chegará aos seus. O senhor, com certeza, já sabe da extradição. Uma história barulhenta, Moscou inteira comenta. A Larissa Fiodorovna prometi desviar o golpe que ameaça Pavel Pavlovitch. Como membro de um governo independente e reconhecido, encontrarei Strelnikov na Sibéria oriental e auxiliarei na sua transferência para a região autônoma. Caso ele não consiga fugir, proporei que seja trocado por alguma personalidade presa pelos aliados e que represente algum valor para o poder central de Moscou.

Larissa Fiodorovna acompanhava com dificuldade o sentido da conversa, o conteúdo freqüentemente lhe escapava. Mas com as últimas palavras de Komarovski, com relação à segurança do doutor e de Strelnikov, ela deixou o estado pensativo e ausente, ficou atenta, e um pouco ruborizada, acrescentou:

— Você entende, Iurotchka, como esses projetos são importantes por sua causa e por causa de Pacha?

— Você é muito ingênua, minha querida. Não se pode aceitar o imaginado como o realizado. Eu não diria que Victor Ippolitovitch esteja nos enganando conscientemente. Mas tudo isso está escrito na areia! Agora, Victor Ippolitovitch, algumas palavras. Agradeço por sua atenção com o meu destino, mas será que pensou que eu deixaria que o organizasse? Agora, em relação à sua preocupação com Strelnikov, Lara deve pensar sobre isso.

— Qual é a questão? Irmos com ele, como está nos propondo, ou não. Você sabe perfeitamente que sem você eu não vou.

Komarovski, com freqüência, tomava o álcool diluído que Iúri Andreevitch trouxera do ambulatório e colocara sobre a mesa, mastigava a batata e aos poucos embriagava-se.

Já era tarde. O paviozinho da luminária, que às vezes liberava-se do morrão, ardia com estalos, iluminando claramente o cômodo. Em seguida, novamente mergulhava na escuridão. Os donos queriam dormir e precisavam conversar a sós. Mas Komarovski não ia embora. Sua presença afligia como a aparência do pesado aparador de carvalho, da mesma forma que oprimia a escuridão gelada de dezembro, do outro lado da janela.

Ele não olhava para eles, mas para algum lugar acima de suas cabeças, fixando seus olhos arredondados e embriagados num ponto distante, e, com a língua sonolenta e enrolada, remoía e remoía algo infinitamente enfadonho sobre o mesmo assunto. Seu cavalo de batalha agora era o Extremo Oriente. Sobre isso é que ele vinha, com sua lengalenga, desenvolvendo para Lara e o doutor seus raciocínios sobre o significado político da Mongólia.

Iúri Andreevitch e Larissa Fiodorovna não perceberam em que parte da conversa ele abordou essa tal de Mongólia. Terem perdido o momento em que ele passou a falar dela aumentou ainda mais o enfado de um tema estranho e alheio.

Komarovski dizia:

— A Sibéria é realmente a Nova América, como a chamam, guarda em si possibilidades incríveis. É o berço do grande futuro russo, a garantia da nossa democratização, prosperidade, restabelecimento político. Ainda mais repleto de possibilidades atraentes é o futuro de Mongólia, a Mongólia Exterior, nossa grande vizinha do Extremo Oriente. O que sabem sobre ela? Não se envergonham de permanecer apáticos e pestanejar desatentamente diante dessa superfície de mais um milhão e meio de quilômetros quadrados de recursos minerais? Um país em situação de virgindade pré-histórica, para a qual estendem as suas mãos ávidas a China, o Japão e a América em prejuízo dos nossos interesses russos, reconhecido por todos os adversários em qualquer divisão das esferas de influência nesse longínquo cantinho do globo terrestre.

"A China aproveita-se do atraso feudal-teocrático da Mongólia, influenciando seus lamas e *khutukht* ^{108}. O Japão apóia-se nos príncipes-escravocratas locais: *khochun* em mongol. A Rússia Vermelha encontra seu aliado nas *khamdjilsia*, em outras palavras, na associação revolucionária

dos pastores rebelados da Mongólia. No que diz respeito a mim, gostaria de ver a Mongólia prosperando realmente, sob a administração de um *khurultai* ^{109} livremente eleito. Particularmente, a nós deve interessar o seguinte: um passo através da fronteira da Mongólia e o mundo ficará a nossos pés e os senhores estarão livres como um pássaro.

As filosofadas prolixas sobre o tema enfadonho, que nada tinha a ver com eles, irritavam Larissa Fiodorovna. Levada ao esgotamento pelo tédio da visita que não findava, ela esticou a mão a Komarovski para despedir-se e, sem rodeios, de forma hostil, sem disfarces, disse:

— Já é tarde. Está na hora de o senhor ir embora. Quero dormir.

— Espero que não sejam tão inospitais e não me coloquem para fora numa hora dessas. Não tenho certeza se encontrarei o caminho à noite, numa cidade estranha e mal iluminada.

— Deveria ter pensado nisso antes e não se demorar. Ninguém o segurou aqui.

— Oh, por que fala tão rispidamente comigo? Nem me perguntou se tenho algum lugar para pernoitar.

— Decididamente, isso não me interessa. Certamente sabe defender-se. Caso esteja pedindo para pernoitar, é claro que, no quarto comum, onde dormimos junto com Katenka, eu não iria acomodá-lo. Nos outros cômodos, não terá sossego com as ratazanas.

— Não tenho medo delas.

— Como queira.

3

— O que há com você, meu anjo? Há quantas noites você não dorme, não toca na comida à mesa, anda o dia inteiro como louca! Pensativa, pensativa. O que a persegue? Não pode dar tanta asa a pensamentos alarmantes.

— Mais uma vez, veio o vigia do hospital, Izot. Está de namorico com a lavadeira, aqui no prédio. Passava em frente e entrou, dizendo que tinha um segredo terrível. "O seu querido não terá como escapar. Pode esperar, hoje

ou amanhã será preso. E logo depois você, infeliz." Perguntei onde tinha ouvido isto. "Pode acreditar, fique tranqüila", disse. "Falaram do *polkan*." *Polkan*, como você deve ter adivinhado, parafraseando Izot, é o *ispolkom* [{110}](#).

Larissa Fiodorovna e o doutor caíram na gargalhada.

— Ele está coberto de razão. O perigo bate à porta. Temos que sumir imediatamente. A questão é apenas para onde exatamente. Tentar fugir para Moscou nem pensar. Os preparativos seriam muito complicados e atrairiam a atenção. Temos de ser discretos para que ninguém perceba. Sabe de uma coisa, meu bem? Acho que teremos de usar sua idéia. Durante algum tempo, teremos que desaparecer da face da terra. Ainda que o local seja Varikino. Ficaremos lá por duas semanas ou um mês.

— Obrigada, querido, obrigada. Oh, como estou feliz. Entendo como tudo em você deve estar contra tal decisão. Mas a questão não é a casa de vocês. A vida dentro dela para você seria realmente sem sentido. Os quartos vazios, os remorsos, as comparações. Acha que não entendo? Construir a felicidade com a infelicidade alheia, pisotear aquilo que é valioso e sagrado para a alma. Eu nunca aceitaria de você um sacrifício desses. Mas a questão não é essa. A casa está em tal estado de destruição que dificilmente seria possível tornar os quartos habitáveis. Tinha antes em mente a casa abandonada por Mikulitsin.

— É tudo verdade. Obrigado pela sensibilidade. Mas espere um minuto. Toda hora quero perguntar e esqueço-me. Onde está Komarovski? Ainda está aqui ou já foi? Desde a minha briga com ele e depois de tê-lo empurrado escada abaixo, não ouvi mais nada sobre ele.

— Também não sei de nada. Graças a Deus. Para que quer saber dele?

— Cada vez mais me convenço de que tínhamos de analisar de forma diferente a proposta dele. Estamos na mesma situação. Você tem a responsabilidade da sua filha. Mesmo se quisesse compartilhar minha morte, você não tem o direito de se permitir isso. Mas vamos pensar em Varikino. É claro que se embrenhar nesse fim de mundo, durante o inverno terrível, sem mantimentos, sem forças e sem esperanças, é a loucura das loucuras. Vamos enlouquecer, meu amor, já que nada além da loucura nos resta. Vamos humilhar-nos novamente. Pediremos a Anfim um cavalo. Pediremos a ele, ou até mesmo aos especuladores subordinados a ele, farinha e batata de

empréstimo, que nunca será ressarcido. Vamos convencê-lo a não fazer-nos pagar de imediato por sua boa ação; que só venha no final, quando precisar do cavalo de novo. Vamos ficar um pouco a sós. Vamos, meu coração. Derrubaremos e queimaremos, em uma semana, um arvoredo que nos bastaria para um ano inteiro, poupando conscientemente.

"E, mais uma vez, me desculpe pela ansiedade que escapa nas minhas palavras. Como gostaria de conversar com você sem esse entusiasmo idiota! Mas não temos outra escolha. Chame isso como quiser, mas a desgraça está batendo em nossa porta. Nossos dias estão contados. Vamos aproveitá-los à nossa maneira. Nós os gastaremos para nos despedir da vida, para nosso último encontro antes da separação. Digamos adeus a tudo que foi caro para nós, às nossas idéias comuns, àquilo com que sonhamos e o que nos ensinou a consciência, nos despediremos das esperanças, nos despediremos um do outro. Diremos ainda um ao outro as nossas palavras secretas noturnas, grandiosas e pacíficas, como a denominação do oceano Pacífico. Não é por acaso que você está no final da minha vida, meu anjo escondido e proibido, sob o céu de guerras e revoltas. Um dia, você elevou-se sob o céu pacífico da minha infância, no início da minha vida. Naquela noite, você, no uniforme marrom de ginásiana das últimas séries, na penumbra e por trás do biombo do apartamento, você era exatamente como agora, da mesma forma surpreendentemente linda.

"Freqüentemente, mais tarde, no decurso da minha vida, tentei definir, dar um nome àquela luz que você lançou em mim naquele dia, àquele raio que aos poucos se turvava e àquele som paralisante que, desde aquele momento, espalharam-se por toda minha existência e tornaram-se a chave de todas as portas do mundo, graças a você.

"Quando você, como uma sombra, de vestido de ginásiana, surgiu da escuridão dos fundos do apartamento, eu, um menino que nada sabia a seu respeito, entendi, com todo sofrimento, a força refletida em você: esta menina franzina e magrinha está carregada de eletricidade até o limite, de toda feminilidade imaginável no mundo. Se eu chegar perto dela ou tocá-la com o dedo, uma faísca iluminará o quarto e, se não matar no mesmo instante, carregará a gente com eletricidade para toda a vida, com uma tristeza magneticamente atraente e piedosa. Fiquei repleto de lágrimas delirantes, brilhava todo por dentro e chorava. Sentia uma pena mortal de mim, um menino, e mais ainda de você, uma menina. Todo o meu ser

admirava-se e indagava: se é tão doloroso amar e receber eletricidade, provavelmente deve ser ainda mais doloroso ser mulher, ser eletricidade, inspirar amor.

'Até que enfim, desabafei. Pode-se enlouquecer por isso. E estou todo nisso.

Larissa Fiodorovna estava deitada na beira da cama, vestida e indisposta. Enrolou-se em forma de *kalatch* ^{111} e cobriu-se com o lençol. Iúri Andreevitch estava sentado na cadeira ao lado e falava baixinho, com grandes pausas. Às vezes, Larissa Fiodorovna erguia-se sobre o cotovelo, apoiava o queixo na palma da mão e, de boca aberta, olhava para ele. Às vezes, colocava a cabeça no seu ombro e, sem perceber as lágrimas dele, chorava baixinho e feliz. Finalmente, aproximou-se dele, sentando-se na beira da cama e cochichou alegremente:

— Iurotchka! Iurotchka! Como você é inteligente. Você sabe tudo, consegue ver tudo. Iurotchka, você é a minha fortaleza, meu refúgio, minha afirmação, Deus perdoe meu sacrilégio. Oh, como sou feliz! Vamos, vamos, meu querido. Lá eu direi o que me preocupa.

Ele pensou que ela estava fazendo alusão à sua provável gravidez, possivelmente fictícia, e disse:

— Eu sei.

4

Saíram da cidade na manhã de um dia cinzento de inverno. Era dia de semana. As pessoas caminhavam pelas ruas nos seus afazeres. Frequentemente encontravam conhecidos. Nos cruzamentos com desníveis, próximo às fontes públicas de água, em fileiras, estavam as moradoras sem poços com os baldes espalhados do seu lado e cangas, aguardando a vez de apanhar água. O doutor continha Savraska, a égua amarelo-acizentada e cacheada de Samdeviatov, que galopava para a frente e que ele guiava cuidadosamente, contornando as mulheres reunidas. O trenó, acelerado, descia pela ladeira em curva corcunda, regada com água congelada e subia na calçada, batendo com as laterais nos postes e frades.

De um só pulo, alcançaram Samdeviatov, que caminhava pela rua, passaram voando por ele e nem olharam para trás para ter certeza se ele os reconheceria e a sua égua, e se estava gritando algo em direção a eles. Em outro lugar, da mesma forma, sem cumprimentar, ultrapassaram Komarovski, constatando então que ele ainda permanecia em Iuriatin.

Glafira Tuntseva gritou na rua, do outro lado da calçada:

— Disseram que vocês partiram ainda ontem! Depois disso, vá se acreditar nas pessoas. Vão apanhar batata? — E, mostrando com a mão que não ouvia a resposta, ela acenou em despedida.

Por causa de Sima, tentaram deter-se na colina, em um local incômodo, onde era difícil parar. Mesmo assim, a toda hora era preciso soffrear a égua, esticando fortemente as rédeas. Sima estava amarrada de cima a baixo com dois ou três lenços, que davam a rigidez de uma acha redonda a sua figura. Com passos retos e esticados, aproximou-se do trenó, no meio da rua, e despediu-se, desejando-lhes boa viagem.

— Quando voltarem, teremos que terminar a conversa, Iúri Andreevitch.

Finalmente saíram da cidade. Apesar de Iúri Andreevitch ter viajado por essa estrada no inverno, lembrava-se dela mais no verão. Agora, não a reconhecia.

Os sacos com os mantimentos e o resto dos pertences eles tinham enfiado bem no fundo do feno, na frente do trenó e lá prenderam-nos de forma segura. Iúri Andreevitch conduzia, às vezes de joelhos em dois amplos *pochevni* ^{112}, no dialeto local, *kočovka*, ou sentado na borda da carroceria, com os pés calçados com as *valenki* de Samdeviatov pendurados para fora.

Depois do meio-dia, bem antes do sol se pôr, quando com a ilusão invernal parece que o dia está no fim, Iúri Andreevitch começou a açoiar impiedosamente Savraska, que disparou como uma flecha. A *kočovka* subia e descia como um barco, mergulhando nos desníveis da estrada em mau estado. Nos declínios laterais e buracos eles gritavam e gargalhavam até sentir cólicas, chacoalhando de um lado para o outro do trenó e enterrando-se no feno, como embrulhos pesados. Às vezes, o doutor, de propósito, para se divertir, subia com um lado do trenó no monte de neve e com o trenó inclinado, sem qualquer perigo para elas, jogava Lara e Kátia na

neve. Ele, por sua vez, depois de alguns passos com as rédeas pela estrada, parava Savraska, arrumava e colocava o trenó em cima dos dois patins e recebia uma bronca de Lara e Kátia que enterravam o chapéu na sua cabeça, limpando-se da neve. Depois sentavam-se no trenó, riam e zangavam-se.

— Vou mostrar-lhes o lugar onde os guerrilheiros me pararam — prometeu-lhes o doutor, depois de ter se distanciado da cidade. Mas não pôde cumprir a promessa porque a nudez das florestas, a tranqüilidade sepulcral e o vazio em volta tornaram o local irreconhecível. — Ei-lo — logo exclamou ele, por engano tomando o primeiro poste da estrada Moreau e Vettchinkin, no campo, pelo segundo, na floresta onde fora preso. Mas quando passaram velozmente pelo segundo poste, que permanecera no mesmo local, na mata próximo da encruzilhada Sakminski, era impossível reconhecê-lo através da malha densa de geada, que delicadamente ornava a floresta de prata e negro e turvava os olhos. Por isso nem perceberam o poste.

Em Varikino, irromperam ainda às claras e pararam diante da velha casa dos Jivago, pois era a primeira no caminho, mais próxima que a dos Mikulitsin. Entraram na casa às pressas, feito ladrões, pois logo deveria escurecer. Dentro da casa, já estava escuro. Iúri Andreevitch, com a pressa, nem percebeu metade das destruições e desolações. A metade da mobília conhecida estava intacta. Na vazia Varikino, já não havia quem levasse até o fim a destruição iniciada. Dos bens da casa, Iúri Andreevitch não encontrou nada. Mas ele não estava presente quando a família se foi, não sabia o que tinham levado e o que deixaram. Lara, ao mesmo tempo, dizia:

— Temos que nos apressar. Logo chegará a noite. Não temos tempo para pensar. Caso nos acomodemos aqui, a égua deve ser levada para o galpão, os mantimentos para a casa e nós ficamos aqui neste quarto. Mas sou contra essa decisão. Já falamos o suficiente sobre isso. Será pesado para você, então para mim também. O que é isso aqui, o quarto de vocês? Não, o quarto das crianças. A caminha do teu filhinho. É pequena para Kátia. Por outro lado, as janelas estão inteiras, as paredes e o teto sem rachaduras. Além do mais, um forno maravilhoso já tinha me impressionado da outra vez. E já que insiste para que permaneçamos aqui, apesar de eu ser contra, então tiremos o casaco e mãos à obra. E a primeira coisa é o aquecimento. Aquecer, aquecer e aquecer. Nos primeiros dias, de dia e de noite, sem parar. Mas o que você tem, meu querido? Não responde nada.

— Já vai. Não é nada. Desculpe, por favor. Não, sabe, realmente, vamos ver melhor como está a casa dos Mikulitsin.

E seguiram em frente.

5

A casa dos Mikulitsin estava trancada com cadeado, preso nas orelhas do ferrolho da porta. Iúri Andreevitch, durante muito tempo, tentou quebrá-lo até retirá-lo inteiro, com a madeira desprendida que permanecera com os parafusos. Como na casa anterior, entraram às pressas, sem tirar os casacos, e de chapéus e *valenki* entraram nos quartos.

Logo saltou aos olhos a marca da ordem que estava nas coisas em alguns cantos da casa, por exemplo, no escritório de Averkii Stepanovitch. Alguém estivera morando ali ainda há pouco. Mas quem? Se eram os donos ou um deles, então onde estão e por que trancaram a porta da frente com cadeado e não com a fechadura embutida na porta? Além do mais, se eram os donos e estavam aqui permanentemente, a casa estaria toda arrumada e não somente em algumas partes. Algo dizia aos recém-chegados que não eram os Mikulitsin. Neste caso, quem seria? A incógnita não preocupava o doutor e Lara. Não se puseram a quebrar a cabeça por causa disso. Na época havia tantas moradias abandonadas com a metade da mobília roubada! Havia tantas pessoas perseguidas! "Provavelmente algum oficial branco que está sendo procurado", concluíram unanimemente. "Quando chegar nos entenderemos, conversaremos."

E novamente, como da primeira vez, Iúri Andreevitch ficou imobilizado, como que pregado ao chão, no limiar do escritório, apreciando o seu tamanho e impressionado com a sua amplitude e a comodidade da mesa de trabalho perto da janela. Pensou de novo em como, certamente, esse aconchego austero predispõe e atrai para o trabalho paciente e produtivo.

Entre as dependências, no pátio dos Mikulitsin, havia uma estrebaria colada ao galpão. Mas estava trancada e Iúri Andreevitch não sabia em que estado se encontrava. Para não perder tempo, ele resolveu, na primeira noite, acomodar a égua no galpão que não fora trancado, e que facilmente se abriu. Desatrelou Savraska e, quando a égua esfriou, deu-lhe água do poço. Iúri

Andreevitch quis dar-lhe feno do fundo do trenó, porém ele desmanchara-se sob o peso dos passageiros e não servia para comida. Felizmente, no amplo depósito de feno, localizado sob o galpão e a estrebaria, havia feno suficiente ao longo das paredes e nos cantos.

À noite dormiram embaixo dos sobretudos, sem se despir, felizes, profunda e docemente, como dormem as crianças após um dia inteiro de correrias e travessuras.

6

Quando se levantaram, Iúri Andreevitch começou desde a manhã a observar a atraente mesa perto da janela. Suas mãos pareciam coçar para pegar no papel. No entanto, reservou-se este direito para a noite, quando Lara e Katenka estivessem dormindo. Até lá, para pôr os dois quartos em ordem havia trabalho para um batalhão.

Sonhando com o trabalho noturno, ele não planejava tarefas importantes. A simples paixão pela tinta, a atração pela pena e pela escrita dominavam-no.

Ele queria rabiscar, escrever algumas linhas. Nos primeiros tempos, ficaria satisfeito com a recordação e a anotação de coisas antigas, somente para despertar a aptidão paralisada pela inatividade e adormecida durante a pausa. E lá, acreditava, ele e Lara poderiam deter-se por mais tempo e teriam tempo suficiente para ocupar-se de algo novo, significante.

— Você está ocupado? O que está fazendo?

— Aquecendo e aquecendo. Por quê?

— Queria uma bacia.

— Se continuarmos a aquecer assim, a lenha não será suficiente para três dias. Temos que olhar o antigo galpão dos Jivago. Será que haverá mais lá? Caso tenha restado bastante, em algumas viagens transportarei para cá. Vou me ocupar disso amanhã. Você pediu uma bacia. Acredite: eu a vi em algum lugar, mas não lembro onde, escapou-me da memória.

— Tenho a mesma sensação. Vi em algum lugar, mas esqueci. Provavelmente em algum lugar errado. Mas deixe para lá. Aqueço muita

água para a limpeza. Com o que restar, vou lavar algo meu e de Katenka. Dê-me logo tudo que está sujo. À noite, depois da faxina e de discutirmos o que fazer de imediato, vamos nos lavar antes de dormir.

— Já vou juntar a roupa. Obrigado. Os armários e as coisas pesadas, em todos os locais onde você pediu, estão afastados das paredes.

— Muito bem. No lugar da bacia vou enxaguar a roupa numa cuba de louça. Só que está muito engordurada. Preciso retirar a gordura das laterais.

— Assim que o forno pegar, vou fechá-lo e retomarei a arrumação das gavetas. A cada passo, faço novas descobertas dentro da mesa e do cômodo. Sabão, fósforos, lápis, papel, material de escritório. E abertamente, em evidência, estão as mesmas surpresas. Por exemplo, a lâmpada sobre a mesa cheia de querosene. Não é de Mikulitsin, sei disso. É de alguma outra fonte.

— Extraordinária sorte! É tudo dele, o morador misterioso. Como em Júlio Verne. Ah, mas que coisa, realmente! Voltamos a nos esquecer do tempo em conversa fiada, e estou com a água fervendo.

Agitavam-se, correndo para lá e para cá pelos quartos, as mãos cheias e ocupadas. E na correria esbarravam um no outro ou avançavam sobre Katenka, que ficava no meio do caminho, atrapalhando. A menina andava de um canto para outro, perturbando a faxina, e amarrava a cara em resposta às reclamações. Estava com frio e se queixava.

"Pobres as crianças de hoje, vítimas da nossa vida de ciganos, pequenos participantes resignados das nossas vidas errantes", pensava o doutor e ao mesmo tempo dizia à menina:

— Desculpe, minha querida. Não há por que se encolher. São invenções e manha. O forno está aquecido até incandescer.

— O forno pode até estar com calor, mas eu estou com frio.

— Então tenha paciência, Katiucha. A noite aquecerei bem quente pela segunda vez, e a mamãe ainda disse que dará um banho em você, ouviu? Por enquanto tome, pegue. — Ele espalhou no chão os velhos brinquedos de Liveri da despensa esvaziada. Eram brinquedos inteiros e quebrados, tijolos e cubos, vagões e locomotivas, pedaços de cartolina quadriculados, desenhados e marcados com números para jogos com fichas e dados.

— O que é isso, Iúri Andreevitch? — magoou-se Katenka, parecendo adulta. — Isso não é meu. E é para pequenos. Já sou grande.

E, um minuto depois, ela sentava-se comodamente no meio do tapete, e, sob suas mãos, os brinquedos de todos os tipos transformavam-se em material de construção, do qual Katenka erguia para a boneca trazida da cidade, Ninka, uma moradia no melhor sentido, mais permanente do que aqueles refúgios pelos quais a carregavam.

— Que instinto de dona de casa. Uma atração indestrutível por um ninho e ordem! — dizia Larissa Fiodorovna, observando da cozinha a brincadeira da filha. — As crianças são sinceras, sem constrangimento, e não têm medo da verdade, enquanto nós, por medo de parecermos atrasados, estamos prontos a renegar o que nos é mais caro. Elogiamos o que é repulsivo e aprovamos o incompreensível.

— Achei a bacia — entrando pela porta da frente, o doutor interrompeu. — Realmente não estava no lugar, estava no chão, embaixo do telhado rachado, uma goteira desde o outono, pelo visto.

7

No almoço, preparado das provisões frescas, reservadas com três dias de antecedência, Larissa Fiodorovna serviu coisas fantásticas — sopa de batata e carne de carneiro frita com batata. Deliciando-se, Katenka não conseguia parar de comer, desfazia-se em gargalhadas e fazia travessuras, depois, satisfeita e relaxada do calor, cobriu-se com a manta da mãe e adormeceu docemente no sofá.

Larissa Fiodorovna, deixando o fogão cansada, suada, semi-adormecida como a filha e satisfeita com a impressão que causou a sua comida, não se apressava em tirar a mesa e sentou-se para descansar. Certificando-se de que a menina estava dormindo, ela falava, deitando a metade do corpo na mesa e apoiando a cabeça com a mão:

— Não pouparia forças e encontraria a felicidade nisso, mas gostaria somente de saber que não seria à toa, que levaria a algum objetivo. Você deve lembrar-me a cada minuto que estamos aqui para ficarmos juntos. Anime-me e não deixe que eu me arrependa. Porque, falando francamente,

numa análise fria do que estamos fazendo, o que significa ficar aqui? Invadimos uma moradia alheia, arrombamos a porta, dispomos de tudo e a toda hora nos apressamos sem cessar para não perceber que isso não é vida, e sim uma peça de teatro, não é sério, mas "de mentirinha", como dizem as crianças, uma comédia de bonecos, um absurdo.

— Mas, anjo meu, você mesma insistiu nessa viagem. Lembre-se do quanto me opus, de como não concordava.

— Verdade. Não discuto. No entanto, já me sinto culpada. Você pode ser indeciso, desconfiar, porém tenho que encaminhar tudo com coerência e lógica. Quando entramos na casa, você viu a caminha de criança do seu filho e quase passou mal, quase desmaiou de dor. Você tem esse direito, mas eu não posso, temo por Katenka, os pensamentos sobre o futuro devem recuar diante do meu amor por você.

— Larucha, anjo meu, volte a si. Arreponder-se, desistir de uma decisão nunca é tarde. Fui o primeiro a aconselhar para que analisasse as palavras de Komarovski com mais seriedade. Temos um cavalo. Querendo, retornaremos amanhã para Iuriatin. Komarovski ainda está lá, não viajou. Nós o vimos na rua, e acho que ele nem nos notou. Devemos encontrá-lo ainda lá.

— Eu ainda não disse nada e você já está com uma nota descontente na voz. Diga-me, será que estou errada? Esconder-se de maneira tão insegura e impensada, podia muito bem ser em Iuriatin. Porém, se era para procurar salvação, então tinha que, com certeza, pensar num plano, como, no final das contas, propôs este homem entendido e esperto, apesar de asqueroso. Aqui, simplesmente nem sei, estamos muito mais próximos do perigo do que em qualquer outro lugar. Uma planície ilimitada, aberta às tempestades. E estamos sós no mundo. Durante a noite, a neve poderá nos cobrir, pela manhã não conseguiremos sair. Ou o nosso misterioso benfeitor, que vem às vezes visitar a casa, aparecerá, poderá ser um bandido e nos esfaquear. Você tem pelo menos uma arma? Não, pois é. A sua despreocupação, com a qual me contágio, me aterroriza. Por causa dela, meus pensamentos estão confusos.

— O que quer então? O que me ordena fazer?

— Eu mesma não sei como responder. Mantenha-me o tempo todo submissa a você. Lembre-me sem parar de que sou sua escrava que não pensa e ama-o cegamente. Oh, vou dizer a você! Nossos parentes, meus e

seus, são mil vezes melhores que nós. Mas será esse o problema? A dádiva do amor é como qualquer outra dádiva. Pode ser grandiosa, mas sem bênção não se revelará. E nós? Parece que nos ensinaram a beijar no céu e depois, crianças, mandaram-nos viver na mesma época para testar a capacidade desse amor um no outro. Existe uma certa coroa de compatibilidade entre nós, sem arestas, sem graduações, sem altos e baixos, a equivalência de toda a existência, tudo trazendo alegria, tudo fazendo-se alma. Mas, nesse carinho selvagem, cada minuto espreira, há algo infantilmente rebelde, proibido. É um fenômeno voluntarioso, destrutivo, inimigo da paz numa casa. Meu dever é temer e não confiar nele.

Ela envolvia o pescoço dele com as mãos e, lutando com as lágrimas, concluía:

— Entende, estamos em situações diferentes. As asas foram dadas a você, para voar além das nuvens, enquanto eu, mulher, tenho que fixar-me na terra e com as asas proteger o filhote do perigo.

Ele gostava imensamente de tudo que ela dizia, mas não o demonstrava para não parecer demasiadamente doce. Segurando-se, fez a seguinte observação:

— Nossa não-acomodação a uma moradia é realmente falsa e cara. Você tem toda razão. Mas não fomos nós que a inventamos. A fuga desatinada é o destino de todos, isso é o espírito dos nossos tempos. Eu mesmo, hoje pela manhã, pensei mais ou menos o mesmo. Gostaria de fazer o máximo possível para permanecer aqui por mais tempo. Não posso dizer como sinto saudades do trabalho. Quer dizer, não o agrícola. Certa vez, aqui, a família inteira mergulhou nele e obtivemos sucesso. Porém não teria forças para repetir isso mais uma vez. Minha cabeça está em outras coisas. A vida, por toda parte, está aos poucos ordenando-se. Talvez algum dia voltem a editar livros. Era nisso que eu pensava. Seria possível combinar com Samdeviatov, em condições favoráveis a ele, que nos mantivesse durante seis meses, em troca de meu trabalho. Eu me comprometeria a escrever durante este tempo manuais de medicina, por exemplo, ou então algo literário, como livros de poemas. Ou, digamos, poderia traduzir do estrangeiro algo famoso, reconhecido mundialmente. Conheço bem as línguas, há pouco tempo li o anúncio de uma grande editora de Petersburgo que só publica obras traduzidas. Trabalhos deste tipo, provavelmente, irão possuir valor de troca,

revertido em dinheiro. Ficaria feliz se pudesse ocupar-me de algo semelhante.

— Obrigada por ter me lembrado. Eu, hoje, também pensei em algo parecido. Mas não acredito que permaneceremos aqui. Ao contrário, pressinto que logo iremos para algum lugar distante. Mas, por enquanto, temos a nosso dispor esta situação, e tenho um pedido a fazer-lhe. Sacrifique algumas horas das próximas noites e, por favor, anote tudo o que me disse em tempos diferentes, de cabeça. A metade disso já se perdeu, a outra não foi anotada, temo que depois vai esquecer e tudo desaparecerá, como, segundo você, já lhe aconteceu com freqüência.

8

No fim do dia, todos lavaram-se com a água quente que restou em abundância da lavagem de roupa. Lara deu banho em Katenka. Iúri Andreevitch, satisfeito com a sensação de limpeza, estava sentado à mesa junto à janela de costas para o quarto, no qual Lara, perfumada, enrolada no roupão de banho, com os cabelos molhados em um turbante de toalha felpuda, fazia Katenka dormir e arrumava a cama. Compenetrado na antecipação da breve concentração, Iúri Andreevitch percebia tudo que acontecia à sua volta através da névoa de uma atenção enternecida e generalizada.

Era uma da madrugada, quando Lara, que até então simulava estar dormindo, realmente adormeceu. A roupa trocada dela e de Katenka e da cama brilhava, limpa, passada e rendada. Mesmo naqueles tempos, Lara conseguia engomá-la.

Iúri Andreevitch estava cercado por um silêncio beatífico, repleto de felicidade e que respirava vida. A luz da lâmpada, com o amarelo tranqüilo, caía nas folhas brancas de papel e, com um brilho dourado, flutuava na superfície das tintas do tinteiro. Do outro lado da janela, azulava a fria noite invernal. Iúri Andreevitch foi até o cômodo vizinho, frio e escuro, de onde dava para ver melhor o exterior e olhou pela janela. A luz da lua cheia envolvia a clareira nevada com a viscosidade palpável da clara de ovo ou

da tinta a cal. O luxo da noite fria era inenarrável. O mundo estava na alma do doutor. Retornou para o quarto iluminado, aquecido e pôs-se a escrever.

Com uma letra espalhada, preocupado para que a aparência do que escrevia transmitisse o movimento vivo da sua mão e não perdesse a personalidade, perdendo o fôlego e emudecendo, lembrava e anotava em redações gradativamente melhoradas e diferentes das demais, o que definiu e gravou na memória, *Estrela de Natal, Noite de inverno* e muitos outros poemas parecidos e que posteriormente foram esquecidos, perdidos ou nunca encontrados.

Depois, passou de coisas sedimentadas e terminadas, para algo que iniciara e largara, encontrou seu tom e começou a rascunhar sua continuação sem a mínima esperança de finalizá-las. Logo entusiasmou-se, excitou-se e passou para o novo.

Após duas ou três estrofes entornadas e algumas comparações que o impressionaram particularmente, o trabalho dominou-o e ele sentiu a aproximação daquilo que chamam de inspiração. A correlação de forças que rege a criação parece que fica invertida. A liderança não é da pessoa que escreve, nem do estado de espírito para o qual ela busca a expressão, mas sim da linguagem com a qual ela quer exprimir-se. A linguagem, pátria e receptáculo da beleza e do sentido, começa, ela mesma, a pensar e falar pela pessoa e tudo transforma-se em música, mas não em relação à ressonância exterior e audível, mas em relação à impetuosidade e grandeza de seu fluxo interno. Então, assim como a colossal queda da corrente do rio que com seu próprio movimento afia as pedras do fundo e gira as rodas do moinho, o fluxo da linguagem, pela força de suas próprias leis, cria em caminho, na sua passagem, a medida, a rima e mil outras formas e imagens ainda mais importantes, mas até então desconhecidas, inexploradas, não denominadas.

Em momentos como estes Iúri Andreevitch sentia que não era propriamente ele quem fazia o trabalho essencial, mas algo acima dele, que o manipulava e dirigia, ou seja: o estado do pensamento universal e da poesia, aquilo que está determinado para ela no futuro, seguir em ordem cada passo que ela deverá dar em seu desenvolvimento histórico. E ele sentia-se somente como um motivo e um ponto de apoio para que ela iniciasse este movimento.

Livrava-se das recriminações em relação a si mesmo, do descontentamento consigo; o sentimento de sua própria insignificância por um tempo deixava-o. Ele olhava para trás e em torno de si.

Via as cabeças das adormecidas Lara e Katenka sobre os travesseiros alvos. A limpeza da roupa, a limpeza dos quartos, a limpeza de seus contornos juntavam-se à pureza da noite, da neve, das estrelas e da lua em uma onda equivalente e indivisível que passava através do coração do doutor e obrigava-o a regozijar-se e chorar com o sentimento da pureza triunfante da existência.

"Meu Deus! Meu Deus!", estava pronto a balbuciar. "E isso tudo para mim! Por que mereço tanto? Como me deixou aproximar-me de você, como deixou-me penetrar nesta sua terra preciosa, sob estas suas estrelas, aos pés desta criatura insensata, submissa, infeliz, querida?"

Eram três horas da manhã quando Iúri Andreevitch levantou os olhos da mesa e do papel. Da concentração ensimesmada na qual mergulhou de cabeça, ele voltava a si, à realidade, feliz, forte, tranqüilo. De repente, na calada dos espaços distantes estendidos além das janelas, ele ouviu um som melancólico e triste.

Passou ao quarto vizinho, sem luz, para de lá olhar pela janela. Durante as horas que passou escrevendo, os vidros cobriram-se de geada e nada podia ser visto através deles. Iúri Andreevitch retirou o tapete enrolado, com o qual fora fechado o vão inferior da porta para impedir corrente de vento, jogou o sobretudo nos ombros e saiu para a varanda.

O fogo branco, pelo qual a neve fora abraçada e que ardia sob a luz da lua, cegou-o. A princípio, ele não podia fixar-se em nada e nada via. Porém, um minuto depois, ouviu um uivo enfraquecido pela distância, um ganido uterinamente lento e então percebeu na beira da clareira, depois do barranco, quatro sombras esticadas de tamanho não maior do que um pequeno tracinho.

Os lobos estavam perto, com os focinhos direcionados para a casa e de cabeças erguidas uivavam para a lua ou para as janelas da casa de Mikulitsin, que refletiam com laivos prateados. Por alguns instantes, eles permaneceram imóveis, porém, mal Iúri Andreevitch entendeu que eram lobos, como cachorros eles abaixaram os traseiros, com medo, foram embora da clareira, como se o pensamento do doutor tivesse chegado a eles. O doutor não teve tempo de perceber em que direção esconderam-se.

"Que novidade desagradável!", pensou. "Só faltavam lobos. Será bem perto, em algum lugar bem próximo, o seu esconderijo? Pode ser até mesmo no barranco. Que terrível! E para piorar essa Savraska de Samdeviatov na estrebaria! Deve ter sido a égua, provavelmente a farejaram."

Resolveu não dizer nada a Lara para não assustá-la, entrou, trancou a porta da rua e encostou as intermediárias que levavam da parte gelada até a parte aquecida, tapou suas frestas e buracos e foi até a mesa.

A lâmpada ardia clara e amavelmente, como antes. Mas a inspiração se foi. Não conseguia se acalmar. Nada além de lobos e outras complicações ameaçadoras lhe vinham à cabeça. E estava cansado. Nesta hora Lara despertou.

— E você continua aceso e aquecido, minha luz ardente! — disse ela com uma voz rouca de sono e cochichando baixinho. — Por um minuto, sente-se mais perto, bem pertinho, lhe contarei o sonho que tive.

Ele apagou a lâmpada.

9

Novamente o dia passou numa loucura tranqüila. Encontraram na casa um trenó infantil. Ruborizada em seu sobretudo, Katenka, às gargalhadas, deslizava pelas trilhas do jardim, ainda com neve da colina gelada, preparadas para ela pelo doutor depois de condensar a neve com a pá e regar com água. Ela, com um sorriso imóvel no rosto, subia de volta a colina, arrastando o trenó puxado pela cordinha.

Estava frio e o frio aumentava perceptivelmente. Fazia sol no pátio. A neve amarelava sob os raios do meio-dia e na amarelidão de mel, com uma precipitação, doce desaguava a densidade alaranjada da noite que chegara cedo.

Com a lavagem de roupa e o banho do dia anterior, Lara deixara a casa úmida. As janelas ficaram cobertas de geada fofa, o papel das paredes, umedecidos pelo vapor, cobriram-se de infiltrações negras em filetes, do teto ao chão. Os quartos ficaram sombrios e desconfortáveis. Iúri Andreevitch carregava lenha e água, continuando as buscas inacabadas na

casa, com constantes e infundáveis descobertas. Ajudava Lara, que desde a manhã estava ocupada com afazeres domésticos que surgiam diante dela ininterruptamente.

Novamente, no auge de um outro trabalho qualquer, suas mãos se tocavam e permaneciam uma dentro da outra, o peso carregado era colocado no chão, sem ser levado até o destino, e um acesso de carícia enevoada, invencível, desarmava-os. Novamente tudo caía de suas mãos e saía da cabeça. De novo, passavam-se minutos e formavam-se horas, fazia-se tarde e os dois, com pavor, voltavam a si, lembrando de Katenka, que ficara sem atenção, ou da égua com fome e sede, e então como doidos corriam para recuperar e reparar as falhas e sofriam, cheios de remorsos.

A cabeça do doutor latejava por falta de sono. Uma névoa doce, como na ressaca, tomara conta dela e uma fraqueza doída e beatificante dominou seu corpo. Aguardava a noite, impaciente para retomar o trabalho noturno interrompido.

Aquela névoa sonolenta com a qual ele mesmo estava repleto, com a qual tudo em volta estava cercado e com a qual seus pensamentos estavam envoltos fazia a metade preliminar do seu trabalho. A imprecisão generalizada, que ela transmitia a tudo, anunciava, antecedia a precisão da encarnação final. Como a confusão dos primeiros rascunhos, a festividade angustiante do dia servia de preparação necessária para a noite de trabalho.

A ociosidade provocada pelo cansaço não deixava nada intacto, imutável. Tudo sofria mudanças e adquiria outra aparência.

Iúri Andreevitch sentia que seus sonhos de estabelecer-se melhor em Varikino não se realizariam, que a hora de sua separação de Lara estava próxima, que ele a perderia inevitavelmente e em seguida o estímulo para a vida e, quem sabe, a vida. A tristeza sugava seu coração. Porém, afligia-o ainda mais a sua espera pela noite e o desejo de chorar esta tristeza numa expressão tal, que qualquer um choraria.

Os lobos, dos quais lembrou-se o dia inteiro, já não eram lobos na neve sob a lua, mas transformaram-se em tema sobre os lobos, tornaram-se a imagem da força inimiga que definiu como objetivo matar o doutor e Lara ou expulsá-los de Varikino. A idéia desta animosidade desenvolveu-se e alcançou tal força ao chegar a noite, como se em Chutma fossem descobertas marcas de um monstro pré-histórico, e no barranco escondera-se um dragão

de contos de fadas, de tamanho extraordinário, que ansiava pelo sangue do doutor e estava ávido por Lara.

Chegou a noite. A exemplo da anterior, o doutor acendeu a lâmpada na mesa. Lara e Katenka deitaram-se para dormir mais cedo do que na véspera.

O escrito da noite anterior dividia-se em duas categorias. As peças antigas, passadas a limpo, com alterações novas, estavam anotadas caligraficamente a limpo. As novas estavam rabiscadas com abreviações, reticências, letras ilegíveis.

Examinando os garranchos, o doutor sentia a decepção habitual. A noite, aqueles pedaços de rascunhos provocavam-lhe lágrimas e impressionavam-no com alguns sucessos inesperados. Agora, eram exatamente estes pretensos sucessos que o paralisavam e entristeciam com suas tendências artificiais.

A vida inteira sonhara com uma originalidade suavizada e sóbria, não reconhecida externamente e dissimulada sob uma camada usual e comum; a vida inteira aspirou à elaboração daquele estilo discreto e despretensioso que, sem perceber, o leitor de alguma forma assimila. A vida toda preocupou-se com um estilo imperceptível, que não atraísse a atenção de ninguém e aterrorizava-se por estar ainda longe deste ideal.

Nos rascunhos escritos na véspera, ele quisera, com métodos simples, como um balbucio no limiar da sinceridade de uma cantiga de ninar, expressar seu espírito misto de amor e medo, tristeza e coragem, de maneira que desaguasse por si próprio, independente das palavras.

Agora, no dia seguinte, revendo estes testes, ele achou que lhes faltava um enredo substancial que levasse a um todo único, as linhas se desintegravam. Aos poucos, rabiscando o que havia escrito, Iúri Andreevitch começou da mesma maneira lírica a descrever a lenda sobre São Jorge, o Corajoso. Ele começou com um amplo pentâmetro, que permite uma grande liberdade. Independente do conteúdo, a harmonia comum desse compasso irritava-o com a sua melodia artificial e formal. Ele largou aquela medida grandiloqüente e sua cesura, reduzindo os versos a quatro pés, como lutam na prosa com o excesso de palavras. Ficou mais difícil e mais atraente escrever. O trabalho fluiu com mais ânimo, no entanto uma excessiva loquacidade ainda penetrava nele. Obrigou-se a reduzir os versos ainda mais. Ficou apertado para as palavras a medida de três pés, os últimos sinais de sono saíram do homem que escrevia, ele acordou, entusiasmou-se,

a estreiteza dos espaços das linhas por si mesma sugeria com que preenchê-los. Os objetos, apenas evocados, começaram a surgir na moldura das palavras que designavam. Ouvia o passo do cavalo que pisava na superfície do poema, assim como se ouvem os tropeços dos passos de cavalo numa das baladas de Chopin. São Jorge, o Triunfante, trotava a cavalo pelo espaço imenso das estepes; Iúri Andreevitch via-o diminuir aos poucos, distanciando-se. Ele escrevia com uma pressa febril, mal conseguindo anotar as palavras e os versos que lhe vinham a propósito e na hora certa.

Não percebeu quando Lara levantou-se da cama e aproximou-se da mesa. Parecia frágil, magra e mais alta do que era realmente, em sua camisola até os pés. Iúri Andreevitch sobressaltou-se de surpresa quando ela cresceu ao lado pálida, assustada e, estendendo a mão para a frente, perguntou:

— Está ouvindo? Um cachorro está uivando. Ah, que terrível, é mau agouro! De alguma forma, agüentaremos até o amanhecer e vamos, vamos. Não ficarei mais um minuto sequer aqui.

Uma hora mais tarde, após longa persuasão, Larissa Fiodorovna acalmou-se e adormeceu novamente. Iúri Andreevitch foi até a varanda. Os lobos aproximaram-se mais do que na noite passada e esconderam-se mais rápido ainda. Novamente, Iúri Andreevitch não conseguiu observar para que lado foram. Estavam parados, em bando, mas ele não conseguiu contá-los. Pareceu-lhe que havia muitos mais.

Era o décimo terceiro dia de estada em Varikino, e em nada se diferenciava das circunstâncias dos primeiros. Da mesma forma, na véspera, os lobos, que haviam desaparecido no meio da semana, uivavam. Novamente confundindo-os com cachorros, Larissa Fiodorovna mostrou vontade de ir embora na manhã seguinte, assustada com o agouro. Alternavam-se nela o estado de equilíbrio e crises de preocupação melancólica, natural de mulher trabalhadora que não estava acostumada a desabafos diários e ao luxo inadmissível e ocioso de carinhos exagerados.

Tudo repetia-se com exatidão. Naquela manhã da segunda semana, Larissa Fiodorovna recomeçou, como já fizera muitas vezes antes, a arrumar

as coisas para a viagem; podia-se pensar que a semana e meia vivida no intervalo não tivesse existido.

Estava úmido novamente nos quartos escuros por causa do dia carregado, nebuloso e cinzento. O frio amenizou e do céu escuro, coberto de nuvens baixas, a qualquer minuto iria cair a neve. O cansaço espiritual e corporal, devido à longa insuficiência de sono, amoleciam Iúri Andreevitch. As idéias confundiam-se, as forças estavam minadas, sentia fortes calafrios de fraqueza e, encolhendo-se e esfregando as mãos de frio, andava pelo quarto não aquecido sem saber o que Larissa Fiodorovna iria resolver e o que, de acordo com a decisão dela, ele teria que fazer.

As intenções dela não estavam claras. Agora, provavelmente, daria metade da vida para que os dois não fossem tão caoticamente livres, mas obedecessem, à força, qualquer ordem estabelecida de uma vez por todas, que fossem trabalhar, tivessem obrigações, que pudessem viver racional e honestamente.

Ela iniciou o dia como de costume, fez as camas, arrumou e varreu os quartos, serviu o café da manhã para o doutor e Katenka. Depois, começou a aprontar as coisas e pediu ao doutor para atrelar a égua. A decisão de ir embora era firme.

Iúri Andreevitch não tentou persuadi-la para que desistisse. O retorno para a cidade, no auge das prisões que lá aconteciam depois do sumiço deles, era loucura total. Porém, menos razoável seria ficarem sentados sozinhos e desarmados no meio deste terrível deserto invernal e repleto de perigos próprios.

Além disso, os últimos fardos de feno, que o doutor catava pelos galpões vizinhos, estavam chegando ao fim e não havia previsão de outros. É claro que, se houvesse a possibilidade de estabelecer-se aqui com mais firmeza, o doutor rodaria os arredores em busca de reposição dos estoques de ferragem e mantimentos. Mas para uma estada curta e problemática, não valia a pena realizar tais expedições. Deixando tudo de lado, o doutor foi atrelar a égua.

Não sabia atrelar. Samdeviatov ensinou-lhe. Mas Iúri Andreevitch esqueceu suas recomendações. Com as mãos inexperientes, porém, ele fazia tudo que era preciso. A correia guarnecida de chapas de ferro, com a qual atou o aro ao varal, ele esticou com um nó em um dos varais, enrolando-a com muitas voltas no final e depois, apoiando o pé na barriga da égua, puxou

as tenazes da coelheira e, terminando todo o resto, levou a égua até a varanda, amarrou-a e foi dizer a Lara que podia partir.

Encontrou-a extremamente confusa. Ela e Katenka estavam vestidas para a partida, com tudo pronto, mas Larissa Fiodorovna torcia as mãos, segurando as lágrimas e pedindo a Iúri Andreevitch que sentasse por um minuto, jogava-se na poltrona e levantava-se, freqüentemente interrompendo a si mesma com as exclamações: "Não é verdade?" Em tom alto, melodioso e piedoso, falava rápido, rápido, sem nexos e como trava-língua:

— Não sou culpada. Não sei como isso aconteceu. Mas será que podemos partir agora? Logo ficará escuro. A noite nos pegará a caminho. E exatamente na sua floresta terrível. Não é verdade? Farei o que você ordenar, mas sozinha, por minha própria vontade, não me decidirei. Algo me prende. Meu coração não está no lugar. Você é que sabe. Não é verdade? Porque está calado, não diz sequer uma palavra? Passamos a manhã inteira sem fazer nada, não sei em que gastamos a metade do dia. Amanhã, isso não se repetirá e seremos mais cuidadosos, não é mesmo? Quem sabe é melhor ficar mais uma dia? Amanhã nos levantaremos, partiremos com a primeira luz do sol, umas seis ou sete horas. O que você acha? Acenderá a lareira, escreverá um pouco, passaremos mais uma noite aqui. Ah, isso seria tão excepcional, mágico! Por que não responde nada? Sou novamente culpada de algo, infeliz!

— Está exagerando. O anoitecer está longe. Ainda é bem cedo. Mas que seja como você quiser. Está bem. Ficaremos. Acalme-se. Veja como você está excitada. Realmente, vamos desfazer tudo, tirar os sobretudos. Veja, Katenka diz que está com fome. Vamos comer. É verdade, a partida agora seria muito inesperada e repentina. Só não se preocupe e nem chore, pelo amor de Deus. Já vou acender o forno. Mas antes... ainda bem que a égua está atrelada e o trenó perto da varanda... vou buscar as últimas lenhas no galpão dos Jivago, pois não há sequer um toco aqui. Não chore. Eu já volto.

Na neve diante do galpão, em alguns círculos, havia marcas de trenó das outras idas e vindas de Iúri Andreevitch. A neve perto da porta estava pisada

e suja com as lascas da lenha carregada no dia anterior.

As nuvens que envolviam o céu desde a manhã dispersaram-se. O céu limpou. Esfriou. O parque de Varikino, que a diferentes distâncias cercava o local, aproximava-se do galpão como se fosse para olhar no rosto do doutor e lembrar-lhe de algo. A neve, neste inverno, fizera camadas profundas, acima da soleira do galpão. Seu dintel parecia descer, o galpão parecia corcunda. Do telhado, quase na cabeça do doutor em forma de chapéu de um cogumelo titânico pendia uma camada de neve trazida pelo vento. Bem embaixo da aba do telhado, como se cravada com a ponta na neve, aparecia e ardia como rescaldo do corte da foice, a lua nova recém-nascida.

Apesar de ser dia ainda e estar bem claro o doutor tinha a impressão de que se encontrava numa noite tardia e escura da floresta densa de sua vida. Tal escuridão pesava em sua alma, de tanta tristeza que sentia. E a lua nova, como presságio de separação, figura de solidão quase no nível de seu rosto, ardia diante dele.

O cansaço estava derrubando Iúri Andreevitch. Jogando as achas da soleira até a varanda, pegava menos tocos de uma vez do que fazia normalmente. Era dolorido, no frio, pegar no cadafalso gelado com a neve grudando até mesmo através das luvas. A movimentação acelerada não o aquecia. Algo parou dentro dele e arrebentou. Xingava com todas as palavras o seu destino infeliz e pedia a Deus que conservasse e protegesse a vida bela como uma pintura, triste, resignada e simples. A lua sobre o galpão continuava a arder, mas não aquecia, brilhava e não iluminava.

De repente, virando-se na direção de onde tinha sido conduzida, a égua levantou a cabeça e relinhou, primeiro baixinho e medrosamente e depois bem alto e com firmeza.

"O que será que houve com ela?", pensou o doutor. "Por que fez isso? Não pode ser por medo. De medo os cavalos não relinham, que bobagem. É boba de dar sinal para os lobos, caso os tenha farejado. Que alegria. Deve ser na esperança de voltar para casa, está querendo ir para casa. Espere, já vamos."

Além da lenha recolhida, Iúri Andreevitch juntou no galpão gravetos e enormes cascas de bétula arqueadas como canos de botas, que se desprenderam inteiras dos tocos, para acender o fogo. Amarrou o feixe de

lenha, coberta com uma esteira, com uma corda e, marchando junto ao trenó, levou a lenha para o galpão, até os Mikulitsin.

A égua relinchou novamente, em resposta ao nítido relincho em algum local distante, do outro lado. "Onde poderia ser?", pensou o doutor e estremeceu. "Pensávamos que Varikino estava vazia. Quer dizer que estávamos enganados." Não podia imaginar que recebiam visitas e que o relincho do cavalo vinha do lado da varanda dos Mikulitsin, do jardim. Conduzia Savraska contornando pelos fundos, diante dos anexos das mansões das fábricas, atrás das colinas que escondiam a casa e de onde não avistava sua parte frontal.

Sem pressa (para que se apressar?), jogou a lenha no galpão, desatrelou a égua, deixou o trenó e levou a égua até a estrebaria vizinha vazia e gelada. Colocou-a na baía à direita onde a corrente de vento era menor e, depois de trazer algumas braçadas restantes de feno do galpão, depositou-as na grade inclinada da manjedoura.

Intranqüilo, caminhou até a casa. Ao lado da varanda, havia um trenó bem amplo de camponês, com uma boa carroçaria que estava atrelada a um garanhão murzelo bem alimentado. Em torno do cavalo, batendo nas suas laterais e observando suas patas, caminhava um pequeno desconhecido numa boa *podiovka* tão alisado e bem alimentado como o cavalo.

Ouvia-se barulho dentro da casa. Sem querer escutar e não estando em condição de ouvir alguma coisa, Iúri Andreevitch involuntariamente afrouxou o passo e ficou paralisado. Sem entender as palavras, reconheceu as vozes de Komarovski, Lara e Katenka. Provavelmente estavam no primeiro quarto, na saída. Komarovski discutia com Lara e, a julgar pelo som das respostas, ela estava irritada, chorava e às vezes retrucava rispidamente ou concordava com ele. Por algum motivo não identificado, Iúri Andreevitch imaginou que Komarovski estava naquele minuto falando exatamente sobre ele, mais ou menos no sentido de que não seria uma pessoa segura ("escravo de dois senhores" — foi o que ouviu Iúri Andreevitch) e sabe-se lá quem é mais valioso para ele, a família ou Lara, e que Lara não podia confiar nele, pois acreditando no doutor, ela "correrá atrás de dois coelhos e nadará em duas águas". Iúri Andreevitch entrou na casa.

No primeiro quarto, de fato, num sobretudo comprido até o chão, estava Komarovski. Lara segurava Katenka pelas bordas superiores do sobretudo,

tentando abotoar a gola sem conseguir acertar o gancho na casa. Ela zangava com a menina, gritando para que a filha não ficasse girando e remexendo-se, e Katenka reclamava: "Mãezinha, devagar, vai me sufocar." Todos estavam vestidos e prontos para partir. Quando Iúri Andreevitch entrou, Lara e Víctor Ippolitovitch lançaram-se ao seu encontro intercalados.

— Onde estava? Precisamos tanto de você.

— Olá, Iúri Andreevitch! Apesar das grosserias que trocamos no último encontro, eu novamente, como vê, vim visitá-los sem ser convidado.

— Olá, Víctor Ippolitovitch.

— Por onde andou durante tanto tempo? Ouça o que ele vai dizer e resolva rapidamente por você e por mim. Não há tempo. Temos que apressar-nos.

— Por que estamos de pé? Sente-se, Víctor Ippolitovitch. Gomo onde eu andava, Larotchka? Você sabe, fui buscar lenha e depois cuidar da égua. Víctor Ippolitovitch, peço que se sente.

— Você não está impressionado? Por que não demonstra surpresa? Estávamos nos lamentando porque este homem tinha ido embora e não aceitamos a sua proposta e ele está aqui na sua frente e você nem ficou surpreso. Porém, mais impressionantes são as notícias frescas. Conte-as, Víctor Ippolitovitch.

— Não sei o que Larissa Fiodorovna entendeu, mas por minha vez direi o seguinte: Soltei propositadamente o boato de que fui embora, porém permaneci por mais alguns dias para dar tempo ao senhor e a Larissa Fiodorovna para repensar as questões abordadas e após amadurecer a idéia chegarem, quem sabe, a uma decisão menos leviana.

— Mas não podemos adiar mais. É a melhor época para partirmos. Amanhã, pela manhã. Mas é melhor Víctor Ippolitovitch contar pessoalmente a você.

— Só um minutinho, Larotchka. Desculpe, Víctor Ippolitovitch. Por que estamos parados de sobretudo? Vamos tirá-los, sentarmo-nos. A conversa é séria. Não pode ser assim sem mais nem menos. Desculpe, Víctor Ippolitovitch. Nossas disputas tocam em algumas minúcias afetivas. Detalhar estas coisas é ridículo e incômodo. Nunca pensei em partir com o senhor. Outra coisa é Larissa Fiodorovna. Naqueles casos raros, quando nossas

preocupações ficavam separadas uma da outra e lembrávamos que não éramos um só ser e sim dois, com dois destinos separados, eu achava que Lara tinha que, principalmente por causa de Katenka, refletir com mais atenção sobre os planos do senhor. E ela fazia isso sem parar, retornando sempre a esta possibilidade.

— Mas somente com a condição de que você também fosse.

— É da mesma forma difícil imaginarmos a nossa separação, porém, quem sabe, temos que nos sobrepujar e sacrificar. Pois sobre a minha partida, não tem nem o que conversar.

— Mas você ainda não sabe de nada. Ouça primeiro. Amanhã, pela manhã... Víctor Ippolitovitch!

— Pelo visto, Larissa Fiodorovna está falando sobre as informações que eu trouxe e contei-lhe. Nos trilhos, em direção a Iuriatin, está sobre os vapores o trem do governo do Extremo Oriente. Chegou ontem de Moscou e amanhã prossegue a viagem. É o trem do nosso Ministério de Comunicação. A metade de sua composição é de vagões-leitos internacionais. Tenho que partir neste trem. Disponho de lugares para pessoas convidadas para o meu corpo de trabalho. Viajaríamos com todo o conforto. Tal oportunidade não se apresentará mais. Sei que você não joga palavras ao vento e não revogará a recusa de ir conosco. É um homem de decisões firmes, eu sei. Mesmo assim, rompa a resistência, por Larissa Fiodorovna. Sem o senhor ela não irá. Venha conosco, se não for para Vladivostok, que seja pelo menos até Iuriatin. Lá veremos. Mas, neste caso, temos de nos apressar. Não podemos perder um minuto. Estou com um cocheiro, conduz o mal. Nós cinco, com ele, não caberemos no trenó. Se não me engano, a égua de Samdeviatov está com o senhor. Disse que foi buscar lenha com ela. Ainda está atrelada?

— Não.

— Então atrele-a de novo, rapidamente. Meu cocheiro o ajudará. Porém, sabe... Para os diabos o segundo trenó, chegaremos de alguma forma com o meu. Só que, pelo amor de Deus, rápido. Pegue o mais necessário, o que está à mão. Deixe a casa como está, destrancada. Temos que salvar a vida da criança e não perder tempo com as chaves dos cadeados.

— Não entendo o senhor, Víctor Ippolitovitch. Fala de tal forma como se eu já tivesse concordado em partir. Vão com Deus, se Lara assim deseja.

Não se preocupem com a casa. Ficarei e depois da partida de vocês arrumarei e fecharei a casa.

— O que está dizendo, Iura? Para que este total disparate, no qual você mesmo não acredita? "Se Larissa Fiodorovna resolveu." E sabe perfeitamente que, sem a sua participação na viagem, Larissa Fiodorovna está fora e não há quaisquer decisões. Então para que estas frases? "A casa eu arrumarei e de tudo cuidarei."

— Quer dizer que está inflexível. Então um outro pedido. Com a permissão de Larissa Fiodorovna, posso chamá-lo para duas palavras, se possível em particular.

— Tudo bem. Se é necessário, vamos até a cozinha. Tens alguma objeção, Larucha?

12

— Strelnikov foi capturado e condenado à pena máxima. A sentença já foi executada.

— Que horror. Será verdade?

— Assim ouvi. Estou convencido disso.

— Não diga nada a Lara. Enlouquecerá.

— É claro. Por isso chamei-o para outro quarto. Depois desta execução ela e a filha estão correndo perigo iminente. Ajude-me a salvá-las. O senhor recusa-se firmemente a nos acompanhar?

— Já disse ao senhor. É claro.

— Mas sem o senhor ela não irá. Simplesmente não sei o que fazer. Então demonstre verbal e falsamente sua disposição de ceder, faça de conta que pode ser persuadido. Não imagino a despedida de vocês. Nem aqui, nem no local, nem na estação, em Iuriatin, poderia realmente acompanhar-nos. Temos de convencê-la de que o senhor também irá. Se não for agora, junto conosco, mas algum tempo depois, quando oferecer-lhe outra oportunidade à qual o senhor se prontificará a aceitar. Neste ponto, deve ter coragem de fazer-lhe falsas juras. Porém, de minha parte, isso não são palavras vazias.

Por minha honra, garanto que, ao primeiro sinal seu, tomarei por obrigação em qualquer época, levá-lo daqui até nós e mandá-lo para mais longe, para onde desejar. Larissa Fiodorovna deve ser convencida de que o senhor está nos acompanhando. Certifique-a com toda sua força de convencimento. Digamos, finja correr e atrelar a égua e convença-nos a partir imediatamente, sem aguardar que termine, pois nos alcançará a caminho.

— Estou estarecido com a notícia sobre o fuzilamento de Pavel Pavlovitch e não consigo voltar a mim. Com dificuldade acompanho suas palavras. Mas concordo com o senhor. Após a execução de Strelnikov, a julgar por nossa lógica atual, a vida de Larissa Fiodorovna e Katenka estão também ameaçadas. Algum de nós, certamente, será privado de liberdade, o que, conseqüentemente, de uma ou outra forma nos separará. Então é verdade, é melhor que o senhor nos separe e leve-as para algum lugar bem distante, para o fim do mundo. Agora, quando estou falando disso para o senhor, de qualquer forma as coisas já caminham a seu jeito. Provavelmente não estou em condições de proceder com orgulho e amor-próprio, me arrastarei submisso até o senhor para receber de suas mãos Lara, a vida, o caminho por mar até os meus e a minha própria salvação. Mas deixe-me compreender tudo. A notícia que trouxe me estareceu. Estou abatido pelo sofrimento que me priva da capacidade de pensar e raciocinar. Pode ser que, submetendo-me ao senhor, esteja cometendo um erro fatal, incorrigível, pelo qual irei arrepende-me pela vida inteira. Porém, na neblina da dor que me enfraquece, a única coisa de que sou capaz agora é concordar automática e cegamente, obedecer-lhe involuntariamente. Então, para salvar as aparências, pelo bem dela, anunciarei agora que estou indo preparar a égua e os alcançarei, mas na verdade ficarei aqui sozinho. Uma bobagem só. Mas como irão agora, à noite? O caminho é pela floresta, há lobos, tome cuidado.

— Eu sei. Tenho uma espingarda e um revólver. Não se preocupe. Ah, sim, aliás, trouxe um pouco de álcool em caso de muito frio. Uma quantidade suficiente. Quer dividir?

"O que fiz? O que fiz? Entreguei-me, renunciei, cedi. Devo sair correndo no seu encalço, alcançá-la, fazê-la voltar. Lara! Lara!

"Não me ouvem. O vento sopra no sentido contrário. E, provavelmente, estão conversando em voz alta. Ela tem todos os motivos para estar alegre, calma. Ela entregou-se ao engano e nem desconfia do erro a que foi conduzida.

"Eis seus prováveis pensamentos. Ela pensa que tudo se arrumou da melhor forma possível, como ela desejava. Seu Iurotchka, sonhador e teimoso, finalmente comoveu-se, graças ao Criador, e irá com ela para algum lugar seguro, até encontrar pessoas mais inteligentes, sob a proteção da lei e da ordem. Mesmo que, para conseguir o que deseja e demonstrar a força de caráter, ele teime e não aceite sentar-se amanhã no trem, Victor Ippolitovitch enviará outro para buscá-lo, ele se juntará a nós em breve.

"Agora, é claro, já na estrebaria, arruma Savraska com as mãos trêmulas de preocupação, apressadas e desobedientes, para imediatamente lançar-se em seguida, açoitando-a de tal forma que os alcançará ainda no campo, antes de entrar na floresta."

Provavelmente, ela está pensando assim. Eles nem se despediram direito, Iúri Andreevitch somente acenou com a mão e virou-se, tentando engolir a dor presa na garganta, como se tivesse engasgado com um pedaço de maçã.

O doutor estava parado na varanda, com o sobretudo em cima de um só ombro. Com a mão livre, descoberta pelo sobretudo, ele apertava com toda força a ponta da coluna sob o teto como se estivesse sufocando-a. Com toda sua consciência estava preso a um ponto distante no espaço. Lá, a alguma distância, um pequeno pedaço do caminho que subia a montanha abria-se entre algumas bétulas crescidas. Naquele local aberto batia, nesse exato momento, a luz do sol baixo e pronto para se pôr. Para lá, na faixa de luz, de um minuto para outro deveria surgir o trenó acelerado da profunda planície, para onde, há algum tempo, havia mergulhado.

— Adeus, adeus — prevendo esse momento, o doutor repetia, silenciosa e esquecidamente, extraindo do peito esses sons, a respiração cortada pelo ar frio da noite. — Adeus, a única amada para sempre perdida! Estão indo, estão indo! — impetuosa e secamente balbuciou ele com os lábios embranquecidos quando o trenó passou voando como uma flecha diante das bétulas e começou a diminuir a velocidade e, oh, felicidade, parou em frente à última.

Oh, como bateu forte seu coração, sentiu as pernas fraquejarem, a emoção o deixou todo inerte e frouxo como o sobretudo que descaía de seu ombro. Oh, meu Deus, o Senhor parece ter resolvido devolvê-la a mim! O que houve lá? O que está havendo lá naquela linha longínqua do pôr-do-sol? Qual a explicação? Por que pararam? Não. Foram embora. Foi ela certamente quem pediu que parassem por um minuto para mais uma vez olhar a casa, em despedida. Ou, quem sabe, quis certificar-se de que ele já saíra e estava alcançando-os a caminho? Foram-se. Foram-se.

Caso consigam, caso o sol não se ponha antes (na escuridão ele não os identificará), passarão voando mais uma vez, e será a última, do outro lado do barranco, na clareira, onde, na noite de anteontem, estavam os lobos.

E esse minuto chegou e passou. O sol vermelho-escuro ainda circulava sobre a linha dos montes de neve. A neve sugava avidamente a doçura de abacaxi, com a qual ele a inundava. E eis que apareceram, foram-se, correram. "Adeus, Lara, até o encontro no outro mundo, adeus, minha graça, adeus, minha alegria, profunda, inesgotável, eterna." Eles sumiram. "Nunca mais a verei, nunca mais, nunca mais na vida, nunca mais a verei?"

No entanto, escurecia. Descoloriam-se e apagavam-se rapidamente as manchas rubras e bronzeadas do crepúsculo, espalhadas pela neve. A maciez cinzenta dos espaços rapidamente mergulhava no crepúsculo lilás que cada vez tornava-se mais lilás. Com a sua fumaça cinza, desenhava-se a fineza rendada e original das bétulas na estrada, contornadas carinhosamente pelo céu rosa-claro, que parecia ter ficado raso de repente.

A desgraça espiritual aguçava a sensibilidade de Iúri Andreevitch. Percebia tudo dez vezes mais nitidamente. O que estava ao redor adquiria traços singulares raros, até mesmo o ar. Com uma participação nunca vista, respirava a noite invernal, como uma testemunha simpatizante. Parecia que nunca havia escurecido assim até agora, e anoitecera pela primeira vez somente hoje, para confortar o homem que se tornou órfão e solitário. As florestas circulares pelas colinas pareciam não estar de costas para o horizonte como simples panorama zonal, mas sim acomodadas nelas, saindo debaixo da terra para demonstrar sua compaixão.

O doutor quase fugia dessa beleza sentida nesta hora, como de uma multidão comiserada que se impõe, e estava quase pronto a balbuciar para os raios do crepúsculo que se estendiam até ele: "Obrigado. Não precisava."

Ele continuava parado na varanda com o rosto voltado para a porta, de costas para o mundo. "O meu sol luminoso se foi", repetia e afirmava algo dentro dele. Não tinha forças para pronunciar estas palavras em voz alta uma após a outra, sem contrações convulsivas da garganta que as entrecortavam.

Entrou na casa. Um monólogo duplo, de dois gêneros, iniciava-se e acontecia dentro dele: um seco, falsamente sério em relação a si mesmo e outro que se espalhava ilimitado em relação a Lara. Assim andavam suas idéias: "Agora ir para Moscou. E em primeiro lugar, sobreviver. Não entregar-se à insônia. Não deitar para dormir. Trabalhar à noite até enlouquecer, até o cansaço derrubar mortalmente. E mais uma coisa. Acender nesse instante o forno no quarto, para não sentir frio desnecessariamente à noite."

Eis porém como conversava ainda consigo mesmo: "Encanto meu, inesquecível! Enquanto lembram-se de você as dobras dos meus braços, enquanto estiver nos meus braços e nos meus lábios, ficarei contigo. Chorarei lágrimas por você por algo digno, que permaneça. Anotarei a lembrança numa imagem carinhosa, carinhosa, tristemente agonizante. Permanecerei aqui, enquanto não tiver feito isso. Depois vou embora também. Assim representarei você. Colocarei seus traços no papel assim como, após uma tormenta terrível que explode o fundo do mar, deitam-se na areia as marcas das ondas fortíssimas que atingem os locais mais distantes. Com uma linha quebrada e curvada, o mar lança a pedra-pomes, a rolha, as conchinhas, as algas, tudo de mais leve e imponderável que pôde levantar do fundo. É o infinitamente contínuo limite marginal da ressaca mais alta, que se estende ao longe. Assim a tormenta da vida pregou-a a mim, orgulho meu. Assim representarei você."

Ele entrou na casa, trancou a porta e tirou o sobretudo. Quando entrou no quarto que Lara limpou pela manhã tão bem e com tanto cuidado, e no qual tudo estava revirado por causa da viagem às pressas, quando avistou a cama revolvida e desarrumada e os objetos largados em desordem, deixados no chão e nas cadeiras, ele, como um menino, abaixou-se de joelhos diante da cama, encostou o peito todo na dura beirada da cama e, com o rosto encostado na parte caída do colchão, chorou como criança, leve e amargamente. Isso não demorou muito. Iúri Andreevitch levantou-se, limpou as lágrimas, com um olhar cansado e ausente olhou em torno, pegou a garrafa deixada por Komarovski, abriu-a, encheu a metade do copo, acrescentou

água, misturou neve e com prazer, quase o mesmo com o qual há pouco havia derramado as lágrimas inconsoláveis, começou a beber a mistura com goles vagarosos e ávidos.

14

Algo absurdo acontecia com Iúri Andreevitch. Ele enlouquecia devagar. Nunca havia levado uma existência tão estranha. Largou a casa, deixou de preocupar-se consigo mesmo, transformava noites em dias, e perdeu a noção do tempo que passou a contar da partida de Lara.

Bebia e escrevia coisas dedicadas a ela, mas a Lara de seus poemas e anotações, à medida que rabiscava e substituía uma palavra por outra, ficava cada vez mais distante da imagem verdadeira, do protótipo, da mãe viva de Katenka, que, junto com Katenka, estava viajando.

Esses rabiscos Iúri Andreevitch fazia tendo em mente a precisão e a força da expressão, porém eles também correspondiam às inspirações de descrição interna que não permitiam desnudar muito algo experimentado sincera e pessoalmente, e inconcebivelmente passado, para não ferir e não tocar os personagens diretos do que fora escrito e vivido. Assim, o íntimo, fumegante e ainda quente saía dos poemas, e no lugar do sangramento e da dor surgia neles a amplidão pacificadora que levava o caso particular até o publicamente conhecido por todos. Ele não perseguia esse objetivo, mas essa amplidão vinha por si mesma como consolo, enviada a ele pessoalmente da estrada que seguia, como um abraço de longe, como a sua visão no sonho ou como o toque da mão dela em sua testa. E ele gostava desta marca de nobreza nos poemas.

Depois desse lamento por Lara, ele da mesma forma terminava de rabiscar os seus rascunhos de diferentes épocas sobre tudo, sobre a natureza, sobre as coisas comuns. Como sempre acontecia com ele anteriormente, um punhado de pensamentos sobre a vida pessoal e a vida da sociedade apoderavam-se dele, ao mesmo tempo durante o trabalho e no seu decorrer.

Novamente, pensava que a história, aquilo que chamam de rumo da história, apresentava-se para ele bem diferente do costumeiro e desenhava-se como a vida do mundo vegetal. No inverno, sob a neve, os galhos

desnudos da floresta foliácea são magros e frágeis como pêlos na verruga de um velho. Na primavera, em poucos dias a floresta transforma-se, levanta-se até as nuvens e em suas brenhas cobertas de folhagem podemos nos perder e nos esconder. Essa transformação é atingida pelo movimento, pela impetuosidade que supera os movimentos dos animais, pois o mundo animal não cresce tão rápido como as plantas, o que nunca pode ser observado. A floresta não muda de lugar, não podemos cobri-la, aguardar que mude de hábitat. Sempre a encontramos imóvel. E na mesma imobilidade encontramos, eternamente crescendo, eternamente mudando e nunca podendo ser observada em suas transformações, a vida da sociedade, a história.

Tolstoi não levou a sua idéia até o fim quando negava o papel de promotor a Napoleão, governantes e chefes militares. Ele pensava exatamente o mesmo, mas não exprimiu isso com toda a clareza. A história ninguém faz, não é visível, assim como não se vê como cresce o capim. As guerras, as revoluções, os czares, os Robespierres — são seus estimuladores orgânicos, seu fermento. As revoluções produzem pessoas de ação, fanáticas, maniqueístas, gênios limitados. Elas em algumas horas ou dias derrubam a ordem antiga. Os golpes duram semanas ou muitos anos e depois, durante décadas, séculos reverenciam o espírito limitado que levou ao golpe, como se fosse um santo.

Em seu lamento por Lara, ele chorava também por aquele verão em Meliuzeev, quando a revolução era então o Deus que veio à terra, o Deus daquele verão, onde cada um enlouquecia à sua maneira e a vida de cada um existia por si própria e não precisava explicar, ilustrar ou confirmar a verdade política suprema.

Rabiscando muitas variáveis, ele novamente conferiu e destacou que a arte está sempre a serviço do belo, e o belo é a felicidade de possuir a forma, a forma por sua vez é a chave orgânica da existência, todo ser vivo deve possuir uma forma para existir e assim, a arte, incluindo o trágico, é a narrativa sobre a felicidade da existência. Esses raciocínios e anotações também lhe davam felicidade, mas tão trágica e tão repleta de lágrimas, que a cabeça pesava e doía.

Anfim Iefimovitch veio visitá-lo. Ele também trouxe vodca e contou-lhe sobre a partida de Antipova com a filha e Komarovski. Anfim Iefimovitch veio de trole, pela ferrovia. Zangou-se com o doutor por cuidar mal da égua e levou-a, apesar do pedido de Iúri Andreevitch de aguardar mais três ou

quatro dias. No entanto, prometeu vir pessoalmente buscar o doutor nos próximos dias e levá-lo definitivamente de Varikino.

Às vezes, escrevendo e trabalhando sem parar, Iúri Andreevitch, de repente, lembrava-se da mulher que partira em toda sua nitidez, e perdia a cabeça pelo carinho que sentia e pela frustração da perda. Assim como, na infância, entre a maravilha da natureza de verão, no meio do canto dos passarinhos lhe surgia a voz de sua falecida mãe, estava tão acostumado a Lara, que seu ouvido, tão familiarizado à voz dela, às vezes enganava-o. "Iurotchka" — ouvia ele do quarto ao lado, numa alucinação auditiva.

Aconteceram também outros casos que enganaram os seus sentidos durante essa semana. No fim dela, em uma noite, ele acordou de repente, após sonhos absurdos e pesados sobre o ninho de um dragão num barranco embaixo da casa. Abriu os olhos. De repente, o fundo do barranco iluminou-se com um clarão e anunciou, com um estalido, o ruído de um tiro dado por alguém. Impressionante é que um minuto depois desse acontecimento extraordinário, o doutor adormeceu novamente e decidiu que tudo isso não passava de um sonho.

15

Eis o que aconteceu um pouco mais tarde, num desses dias. O doutor atendeu finalmente à voz da razão. Disse a si mesmo que, se decidisse matar-se de qualquer forma, poderia procurar um meio mais rápido e menos doloroso. Prometeu a si próprio que, assim que Anfim Iefimovitch chegasse para buscá-lo, iria embora na mesma hora.

Antes do anoitecer, quando ainda estava claro, ouviu o rangido de passos na neve. Alguém, com um andar disposto e decidido, caminhava tranqüilamente em direção à casa.

Estranho. Quem poderia ser? Anfim Iefimovitch viria a cavalo. Não havia transeuntes na Varikino vazia. "Vieram prender-me", pensou Iúri Andreevitch. "Chamado ou intimação para ir à cidade. Ou para me prender. Mas como me levarão? Teria que ser duas pessoas. É Mikulitsin, Averki Stepanovitch", supôs ele alegremente, reconhecendo, como lhe pareceu, o visitante pelo andar. A pessoa, cuja identidade ainda era um mistério, reteve-

se por um minuto diante da porta com o ferrolho quebrado e, sem encontrar nele o esperado cadeado, seguiu em frente com o passo firme, de conhecedor do lugar e, como dono, destrancando portas que encontrava pelo caminho e cuidadosamente fechando-as depois de passar.

Esses acontecimentos estranhos apanharam Iúri Andreevitch à mesa do escritório, de costas para a entrada. Enquanto levantava-se da cadeira e virava-se de rosto para a porta para receber o estranho, este já estava à soleira, parado, imóvel.

"A quem procura?", escapou do inconsciente do doutor, tão maquinalmente que, quando não recebeu resposta alguma, ele não estranhou.

O visitante era um homem forte, vistoso, com um rosto bonito, vestia uma jaqueta curta de pele, calças de pele e botas quentes de pele de bode e uma espingarda pendurada no ombro.

Somente o instante do aparecimento do desconhecido era uma surpresa para o doutor, não a sua chegada. Os objetos encontrados na casa e outros sinais prepararam Iúri Andreevitch para este encontro. O visitante era, pelo visto, a pessoa a quem pertenciam os estoques encontrados na casa. Sua aparência pareceu ao doutor já vista e conhecida. Provavelmente o visitante também fora avisado de que a casa não estava vazia. Não se impressionou muito por estar habitada. Pode ser que o tenham prevenido sobre quem encontraria dentro. Talvez ele mesmo conhecesse o doutor.

"Quem é? Quem é?", dolorosamente buscava na memória Iúri Andreevitch. "Meu Deus, por sua vontade, onde já o teria visto? Será possível? Numa manhã calorenta de maio de um ano imemorável. Estação ferroviária Razvilie. Um vagão de comissário que nada de bom pressagiava. Clareza de conceitos, rigidez, severidade dos princípios, razão, razão, razão. Strelnikov!"

Já estavam conversando há muito tempo, algumas horas seguidas, assim como conversam somente as pessoas russas na Rússia, como conversam principalmente aquelas pessoas amedrontadas e tristes e aquelas raivosas e

embotadas, que é como estavam lá quase todas as pessoas naqueles tempos. A noite aproximava-se. Escurecia.

Além da loquacidade preocupada, que não era peculiar a Strelnikov, ele ainda falava sem parar, por motivos pessoais.

Não conseguia saciar-se de falar e com todas as forças prendia-se à conversa com o doutor para fugir da solidão. Teria medo de remorsos ou de recordações tristes que o perseguiriam ou era afligido pela insatisfação consigo próprio, na qual a pessoa não suporta e é odiada por si mesma e está disposta até a morrer de vergonha? Ou teria tomado alguma decisão terrível, irrevogável, à qual não queria fixar-se a sós e cuja execução adiava o mais que pudesse com a conversa com o doutor e sua companhia?

De uma forma ou de outra, Strelnikov escondia algum segredo importante que o incomodava, entregando-se, em tudo o mais, a desabafos espirituais e desnecessários.

Isso era a doença do século, a loucura revolucionária da época. Nos pensamentos, todos eram diferentes das palavras e das aparências. Ninguém tinha a consciência limpa. Qualquer um podia conscientemente sentir-se culpado de tudo, um criminoso secreto, um vigarista não desmascarado. Ao menor pretexto o excesso de imaginação de autoflagelação chegava ao limite. As pessoas fantasiavam, autocaluniavam-se, movidas não só pelo medo mas também em consequência de uma inclinação destrutiva doentia, por vontade própria, em estado de transe metafísico e desejo de autojulgamento. Era só dar liberdade, e nada as faria parar.

Quantas dessas demonstrações pré-agônicas, por escrito e verbais, leu e ouviu em sua época o grande militar e, às vezes, o ativista juiz-militar Strelnikov? Agora ele mesmo fora tomado por uma crise semelhante de autodesmascaramento, reavaliava-se por inteiro, fazia balanço de tudo, e via tudo numa deturpação ardente, monstruosa e delirante.

Strelnikov falava desordenadamente, pulando de uma confissão para outra.

— Isso ocorreu nas proximidades de Tchita. Impressionaram-se com as coisas estranhas com as quais enchi os armários e os caixotes nesta casa? Vem tudo do confisco militar que realizávamos durante a ocupação pelo Exército Vermelho da Sibéria oriental. Obviamente não sou o único a ter trazido isso. A vida sempre agradeceu-me com pessoas fiéis, dedicadas. Estas

velas, fósforos, café, chá, material de escritório e o resto são metade de propriedade militar tcheca e metade japonesa e inglesa. Coisas do arco-da-velha, não é mesmo? "Não é mesmo" era a expressão preferida de minha mulher, o senhor provavelmente percebeu. Não sei se falei isso para o senhor de imediato, mas agora reconheço. Vim visitá-las, minha mulher e minha filha. Comunicaram-me bastante tarde que estavam aqui. E eis que me atrasei. Quando soube por meio de boatos e intrigas sobre a relação íntima entre vocês e pronunciaram o nome "doutor Jivago", eu, de todos os milhares de rostos que passaram diante de mim durante esses anos todos, de forma inimaginável lembrei-me exatamente do doutor com o mesmo sobrenome que, certa vez, me trouxeram para o interrogatório.

— E o senhor arrependeu-se de não tê-lo fuzilado?

Strelnikov deixou passar a observação sem resposta. Talvez nem tenha ouvido que o interlocutor interrompera o seu monólogo com uma intervenção própria. Ele continuou, distraída e pensativamente:

— É claro que tinha ciúmes dela por causa do senhor e ainda tenho. Poderia ser diferente? Escondi-me neste local somente nos últimos meses, depois que descobriram meus outros esconderijos, bem longe daqui, no oriente. Eu deveria ser submetido ao tribunal militar, por uma denúncia falsa. Seu desfecho era fácil de adivinhar. Desconhecia qualquer culpa

Surgiu a esperança de justificar-me e defender meu bom nome no futuro, na melhor das hipóteses. Resolvi sumir do horizonte antecipadamente, antes da prisão e, no intervalo, esconder-me, levar uma vida errante, ficar à margem. Pode ser que tenha me salvado, no final das contas. Mas fui traído por um jovem aventureiro que se entranhou na minha confiança. Fugi pela Sibéria, no inverno, a pé, em direção ao ocidente, escondi-me, passei fome. Enterrava-me nos montes de neve, pernoitava nos trens cobertos pela neve que ficavam parados como infinitas correntes, naquela época, sob a neve, na ferrovia siberiana.

"Minhas andanças me colocaram frente a frente com um menino vadio que, pelo visto, não fora morto na execução de outros na fileira de fuzilamento. Parece que saiu arrastando-se do monte dos mortos, recobrou o fôlego, permaneceu deitado e depois começou a peregrinar por diferentes tocas e covis, como eu. Pelo menos foi assim que me contou. Menino

desgraçado, pervertido, atrasado, é dos repetentes realistas, expulso do ginásio por incapacidade.

Quanto mais detalhadamente contava Strelnikov, mais o doutor reconhecia o menino.

— Seu nome é Terenti, sobrenome Galuzin?

— É.

— Então tudo sobre os guerrilheiros e o fuzilamento é verdade. Não inventou nada.

— O único traço bom do menino era que amava a mãe loucamente. O pai desapareceu como refém. Ele soube que a mãe estava na prisão e teria o mesmo destino do pai, então resolveu arriscar tudo para libertá-la. No comitê extraordinário da região, onde apresentou-se como culpado, oferecendo serviços, concordaram em perdoá-lo de todos os pecados a preço de alguma grande revelação. Ele indicou o local onde eu me escondia. Tive tempo de antever sua traição e desapareci a tempo. Com esforços sobrenaturais e milhares de aventuras, consegui atravessar a Sibéria e cheguei até aqui, local onde me conhecem bem e não esperavam me encontrar, pois não supunham um atrevimento destes de minha parte. E realmente, ainda me procuraram por muito tempo nas proximidades de Tchita, enquanto me dirigia para esta casinha ou para outros refúgios nessas bandas. Mas agora é o fim. Já me descobriram aqui. Olhe. Está anoitecendo. Aproxima-se a hora da qual não gosto, porque já faz muito tempo perdi o sono. O senhor sabe que sofrimento é este. Caso ainda não tenham queimado todas as minhas velas... as maravilhosas, de estearina, não é mesmo? — vamos conversar mais um pouquinho. Vamos conversar até quando seu estado permitir, com todo o luxo, a noite inteira, sob a luz de vela.

— A velas estão inteiras. Somente um pacote foi aberto. Queimei o querosene encontrado aqui.

— Tem pão? — Não.

— Comia o quê? Aliás, esqueça tudo o que estou perguntando. Batata. Já sei.

— É. Ainda tem à vontade. Os donos da casa eram experientes e precavidos. Sabiam armazená-la. Está toda conservada no porão. Não apodreceu nem congelou.

De repente, Strelnikov começou a falar sobre a revolução.

17

Nada disso lhe diz respeito. Não entenderá. Cresceu em outro meio. Existia o mundo dos subúrbios da cidade, o mundo das ferrovias e alojamentos de operários. Sujo, apertado, miserável; flagelação do homem no trabalho, profanação da mulher. Existia um atrevimento depravado risonho e impune nos filhinhos de papai, nos estudantes engomadinhos e nos filhos de comerciantes. Com brincadeiras ou explosões de irritação desdenhosa livravam-se das lágrimas e reclamações dos espoliados, humilhados, iludidos. Que olimpíada de vagabundos, notáveis somente por não se dedicarem a nenhum trabalho, nada procurarem, nada darem ao mundo e nada deixarem! Recebemos a vida como uma campanha militar, movemos montanhas pelas pessoas que amamos. Apesar de não ter trazido nada além de desgraça, não humilhamos um fio de cabelo sequer, porque sofríamos ainda mais que eles. Entretanto, antes de continuar, considero um dever dizer-lhe o seguinte: precisa ir embora daqui sem demora, caso dê valor à vida. A perseguição está cada vez mais acirrada e, qualquer que seja seu final, o senhor já está comprometido comigo só pelo fato dessa nossa conversa. Além do mais, aqui tem muito lobo, defendi-me deles à bala nestes dias.

— Ah, então foi o senhor quem atirou?

— Sim. Você ouviu? Dirigia-me ao esconderijo, mas antes percebi, em função de diferentes sinais, que ele fora descoberto e que as pessoas de lá provavelmente morreram. Ficarei aqui por pouco tempo, só pernoitarei e pela manhã vou embora. Então, com sua permissão, continuarei. Mas será que os jovens Tverskie-Iamskie ^{113} e os janotas que passavam correndo em suas carruagens, bonés de banda e calças com presilhas existiam somente em Moscou, somente na Rússia? A rua, a rua noturna, a rua noturna do século, os trotadores e os cavalos baios, estavam por toda parte. O que uniu a época, o que compôs o século XIX numa mesma unidade histórica? O surgimento do pensamento socialista. Aconteciam revoluções, jovens abnegados subiam às barricadas. Os publicistas quebravam a cabeça sobre como refrear o despudor animal do dinheiro e elevar e defender as qualidades humanas.

Veio o marxismo. Ele revelou a raiz do mal e onde estavam os meios de sobrepujá-lo. Tornou-se a grande força do século. Todos eram Tverskie-Iamskie do século, a sujeira, o brilho de santidade, a depravação, os bairros operários, as proclamações e as barricadas.

"Ah, como ela era linda quando menina aquela ginásiana! O senhor não tem idéia. Frequentava a casa de sua amiga de escola, habitada pelos funcionários da ferrovia Bretskaia. Assim se chamava aquela ferrovia anteriormente, antes de algumas mudanças de nome. Meu pai, membro atual do tribunal de Iuriatin, servia então como mestre da estrada, na estação ferroviária. Eu entrava naquela casa e lá a encontrava. Era uma menina, uma criança, mas o pensamento inquieto, o alarme do século já podia ser lido em seu rosto, em seus olhos. Todos os temas do tempo, todas as suas lágrimas e mágoas, todos os seus impulsos, toda sua vingança e orgulho acumulados estavam escritos em seu rosto, em sua postura, na mistura de sua timidez de moça com a esbelteza audaciosa. A acusação do século podia ser feita em nome dela, com seus lábios. Concorde, isso não era pouca coisa. Era uma certa predestinação, uma marca. Isso pode ser da natureza, tem-se que ter direito a isso.

— O senhor fala maravilhosamente sobre ela. Eu a vi na mesma época, exatamente como a descreveu. A aluna do ginásio uniu-se nela à heroína de um mistério nada infantil. Sua sombra estendia-se pela parede com um movimento de autodefesa inquieta. Assim a vi. Assim me lembro dela. O senhor expressou isso extraordinariamente.

— Viu e lembra-se? E o que fez para isso?

— É outra questão.

— Pois então, veja bem, todo este século XIX, com todas essas revoluções em Paris, algumas gerações de emigrações russas, iniciadas por Gertsen ^{114}, todas as mortes de czares, inexequíveis ou executadas, todo o movimento operário do mundo, todo o marxismo nos parlamentos e nas universidades da Europa, todo esse novo sistema de idéias, com a novidade e a rapidez de suas conclusões, com suas malícias, toda a impiedade elaborada em nome da piedade, tudo isso misturado, Lenin absorveu e exprimiu resumidamente em tudo que realizou para que o castigo personificado desmoronasse sobre o velho, sobre tudo que realizou. Junto a ele, elevou-se uma imagem grandiosa e inesquecível da Rússia diante dos

olhos do mundo inteiro que, de repente, ardeu como uma vela de redenção por toda falta de sorte e percalços da humanidade. No entanto, por que estou lhe dizendo tudo isso? Para o senhor soa como o som de guizos, são sons vazios. Por causa dessa menina ingressei na universidade, por causa dela tornei-me professor e fui trabalhar naquela Iuriatin, desconhecida até então para mim. Devorei um monte de livros e adquiri um punhado de conhecimentos para ser útil a ela e estar à mão, caso precisasse de minha ajuda. Fui à guerra para, depois de três anos de casamento, conquistá-la novamente e, depois da guerra e do retorno da prisão, aproveitei ter sido considerado morto e, sob nome falso, inventado, mergulhei na revolução, para pagar por completo por tudo que ela sofreu, para passar a limpo essas recordações tristes, para que não houvesse mais a volta ao passado, para que os Tverskie-Iamskie não existissem mais. E as duas, ela e a filha, estavam próximas, estavam aqui! Quanta força me custou para conter a vontade de lançar-me ao encontro delas, vê-las! Mas eu queria antes acertar as contas da minha vida, até o fim. Oh, daria tudo para vê-las pelo menos mais uma vez. Quando ela entrava no quarto parecia que a janela se escancarava, o quarto enchia-se de luz e ar.

— Sei como ela era preciosa para o senhor. Porém, desculpe-me, tem idéia de como ela o amava?

— Perdão. O que disse?

— Disse se o senhor faz idéia de como era querido por ela, o mais querido do mundo?

— De onde tirou isso?

— Ela mesma me dizia.

— Ela? Para o senhor?

— Sim.

— Desculpe. Entendo que este desejo seja irrealizável, mas se é permitido dentro da sua humildade, se está ao seu alcance, repita, por favor, na medida do possível com precisão, o que exatamente ela lhe disse.

— Com muito prazer. Ela o chamou de exemplo de homem, como nunca vira no mundo outro igual, o único à altura da real autenticidade e disse que, se no horizonte surgisse mais uma vez a imagem da casa que ela certo dia

construiu com o senhor, ela se arrastaria de joelhos até sua porta, de qualquer lugar, mesmo que fosse do fim do mundo.

— Perdão. Se não for um atentado a algo sagrado para o senhor, lembre-se quando e em que circunstâncias ela disse isso?

— Limpava o quarto. Depois saiu à rua para bater o tapete.

— Desculpe, qual? Aqui há dois.

— Aquele maior.

— Não teria forças para levá-lo sozinha, sem ajuda. O senhor ajudou-a?

— Sim.

— Seguravam por lados opostos o tapete, ela atirava a cabeça para trás, sacudindo bem alto, com as mãos, como num balanço, e virava o rosto da poeira, apertava os olhos e gargalhava? Não é verdade? Como conheço suas manias! Depois juntaram as pontas, dobraram o tapete pesado primeiramente em dois, depois em quatro e ela brincava e dizia várias coisinhas? Não é verdade? Não é verdade?

Eles levantaram-se de seus lugares, foram em direção a diferentes janelas, começaram a olhar em diferentes direções. Depois de algum silêncio, Strelnikov aproximou-se de Iúri Andreevitch. Pegando suas mãos e levando-as ao seu peito, ele continuou com a mesma pressa.

— Desculpe-me, sei que estou tocando em algo precioso, sagrado. Mas, se é possível, perguntarei novamente ao senhor. Só não vá embora. Não me deixe só. Eu mesmo partirei em breve. Pense, são seis anos de separação, seis anos resistindo. Porém, parecia-me que nem toda liberdade fora conquistada. Pois primeiro a conquistaria e só depois pertenceria por inteiro a eles, minhas mãos estariam desatadas. E eis que todos os meus projetos foram reduzidos a pó. Amanhã irão me pegar. O senhor é uma pessoa próxima e íntima dela. Pode ser que algum dia a veja. No entanto não, o que estou pedindo? Isso é loucura. Irão pegar-me e não deixarão que me justifique. Imediatamente se atirarão sobre mim com gritos e palavrões fechando a minha boca. Logo eu, não vou saber como se faz isso?

Finalmente, dormiu um sono de verdade. Pela primeira vez, durante um longo tempo, Iúri Andreevitch nem percebeu como adormecera assim que se deitou na cama. Strelnikov ficou para o pernoite. Iúri Andreevitch acomodou-o no quarto ao lado. Naqueles instantes curtos, quando Iúri Andreevitch acordava para virar para o outro lado ou para puxar o cobertor que havia escorregado para o chão, sentia a força do seu sono sadio que o revigorava e com prazer adormecia novamente. Na segunda parte da noite, teve sonhos curtos, nos quais se alternavam rapidamente os sonhos dos tempos de infância, com detalhes ponderados e ricos que facilmente podiam ser tomados como verdadeiros.

Assim, por exemplo, a aquarela de mamãe, pendurada na parede com a imagem do litoral italiano, de repente, arrebentou e caiu no chão, tilintando com o barulho do vidro quebrado e acordou Iúri Andreevitch. Ele abriu os olhos. Não, era algo diferente. Devia ser Antipov, o marido de Lara, Pavel Pavlovitch, de sobrenome Strelnikov, de novo como diz Vakkh, no Chutma espantando os lobos. Não, que disparate. É claro que o quadro caiu da parede. Aí está, aos cacos no chão — certificou-se ele no sonho que foi retomado e continuou.

Acordou com dor de cabeça por ter dormido muito. Demorou para compreender quem era e em que mundo estava.

De repente, lembrou-se: "Strelnikov está dormindo aqui. Já é tarde. Tenho que me vestir. Ele provavelmente já se levantou, mas caso ainda não esteja de pé o despertarei, prepararei o café e vamos comer."

— Pavel Pavlovitch!

Nenhuma resposta. "Então ainda está dormindo. Dorme profundamente, diga-se de passagem." Iúri Andreevitch, sem pressa, vestiu-se e entrou no quarto ao lado. Sobre a mesa estava o gorro militar de Strelnikov, mas ele mesmo não se encontrava na casa. "Deve estar passeando", pensou o doutor. "Sem chapéu. Quer criar resistência ao frio. No entanto, devemos colocar uma cruz hoje em Varikino e ir para a cidade. É tarde. Dormi muito de novo. Assim é toda manhã."

Iúri Andreevitch acendeu o fogão, pegou o balde e foi até o poço buscar água. A alguns passos da varanda, de través sobre a trilha, caído e com a

cabeça enfiada na neve, estava Pavel Pavlovitch, morto. A neve sob a sua têmpora esquerda juntou-se numa bola vermelha, ensopada na poça de sangue. As pequenas gotas de sangue espalhadas para os lados enrolaram-se em bolinhas vermelhas, parecidas com frutos de sorveira congelada.

Final



1

Resta contar o final da história, muito simples, de Iúri Andreevitch, os últimos oito ou nove anos de sua vida antes da morte, durante os quais ele, cada vez mais, entregava-se e decaía, esquecendo os conhecimentos e a prática médica e perdendo a veia de escritor. Durante curto tempo, saía do estado de opressão e depressão, inspirava-se, voltava à atividade e depois de uma pequena explosão, caía novamente em uma indiferença prolongada em relação si mesmo e a tudo no mundo. Nesses anos progrediu muito a velha doença cardíaca que ele mesmo diagnosticou ainda cedo, porém não imaginava o grau de sua seriedade.

Ele chegou a Moscou no início da NEP ^{115}, o período mais dúbio e mais falso de todos os períodos soviéticos. Emagreceu, o cabelo cresceu e isolou-se ainda mais do que na época de sua volta a Iuriatin depois da prisão com os guerrilheiros. A caminho, ele novamente pegava aos poucos tudo que tinha de valioso e trocava por pão e algumas roupas maltrapilhas, para não ficar nu. Assim comeu na estrada o seu segundo sobretudo de pele e o terno, apareceu nas ruas de Moscou em seu chapéu cinza, em trapos e numa casaca de soldado que, sem botões, pois todos haviam sido arrancados, parecia mais um roupão transpassado de prisioneiro. Nessa vestimenta, ele em nada se distinguia dos inúmeros soldados do Exército Vermelho que em multidões enchiam as praças, os bulevares e as estações de trem da capital.

Não chegou sozinho a Moscou. Seguia-o por toda parte um bonito e jovem camponês, ele também em traje militar. Com essa aparência eles iam às galerias de lojas moscovitas remanescentes, onde Iúri Andreevitch passou a infância e onde entendiam-no e aceitavam o seu companheiro de viagem, delicadamente informando-se antes se tinham tomado banho a caminho, pois o tifo exantemático ainda matava. Nos primeiros dias do aparecimento de

Iúri Andreevitch, contaram-lhe as circunstâncias da partida dos seus de Moscou para o exterior.

Eles fugiam das pessoas, mas por causa de uma timidez aguda evitavam fazer visitas sozinhos, quando não se podia permanecer calado e devia-se sustentar uma conversa. Normalmente, como duas figuras desengonçadas, eles surgiam nas casas de conhecidos quando juntavam-se grupos, enfiavam-se num canto discreto e passavam a noite calados, sem participar da conversa geral.

Na companhia de seu jovem colega, o doutor magro e comprido, numa roupa feia, parecia mais um daqueles personagens do povo, perseguidores da verdade, e seu constante acompanhante, um discípulo obediente, cegamente fiel a ele e seu seguidor. Mas quem era mesmo esse jovem acompanhante?

2

A última parte do caminho, mais perto de Moscou, Iúri Andreevitch viajou pela estrada de ferro e a primeira, a mais longa, percorreu a pé.

A vista das aldeias pelas quais passou não era nada melhor do que o que ele tinha visto na Sibéria durante a sua fuga da prisão florestal. Só que naquele tempo passou pela região no inverno e agora, no final do verão, num outono quente e seco, o que era bem mais suave.

Metade dos povoados pelos quais passou estava vazia como depois de um ataque inimigo. Os campos abandonados e os grãos não colhidos realmente eram as conseqüências da guerra, da guerra civil.

A dois ou três dias do fim de setembro, seu caminho passou pelas margens altas e abruptas de um rio. O rio que corria ao encontro de Iúri Andreevitch ficava à direita. A esquerda, desde a estrada até a linha do céu amontoada de nuvens, estendiam-se campos não ceifados. Eram raramente interrompidos por florestas, predominantemente de carvalhos, olmos e bordo. As florestas, em barrancos profundos, iam até o rio e com descidas íngremes e abruptas atravessavam a estrada.

Nos campos não colhidos o centeio não se firmava nos colossos amadurecidos, caía e esparramava-se. Iúri Andreevitch enchia a boca de sementes aos punhados, com dificuldade triturava-as com os dentes e alimentava-se delas em casos extremos, quando não surgia a oportunidade de preparar um mingau das sementes de grão. O estômago digerira com dificuldade a ração crua e mal mastigada.

Jamais em sua vida Iúri Andreevitch havia visto aquele centeio sinistramente castanho-acinzentado, marrom, da cor de ouro velho e escurecido. Normalmente, quando é colhido na época certa, é bem mais claro.

Aqueles campos cor de fogo que ardiavam sem chamas, aqueles mudos campos que pareciam gritar escandalosamente por socorro, eram cercados por um céu imenso com sua fria serenidade, um céu de inverno pelo qual, como sombras pelo rosto passavam fluando sem cessar nuvens de neve em camadas, com o centro negro e bordas brancas.

E tudo estava em movimento vagaroso, regular. O rio fluía. Ao seu encontro vinha a estrada. Por ela caminhava o doutor. Na mesma direção dele, estendiam-se as nuvens. Mas os campos também não permaneciam imóveis. Algo movia-se por eles, estavam envolvidos por um fervilhar miúdo e persistente que provocava repugnância.

Nos campos proliferavam ratos em quantidade nunca vista até então. Eles andavam pelo rosto e mãos do doutor e corriam por suas calças quando a noite o apanhava ainda no campo e ele tinha que deitar em algum lugar para o pernoite. E os bandos de ratos, que se multiplicaram incomensuravelmente e se empanturraram de sementes durante o dia, atravessavam a estrada debaixo dos seus pés e transformavam-se numa lama movediça, escorregadia, que guinchava quando eram esmagados.

Os vira-latas horrorosos, solitários e desgrenhados das aldeias, que entreolhavam-se, como se consultando sobre quando atacar o doutor e dilacerá-lo, arrastavam-se lentamente atrás dele a uma distância respeitosa. Alimentavam-se de carniça, mas não desdenhavam os ratos com os quais o campo fervilhava e, observando de longe o doutor, moviam-se decididamente atrás dele, a toda hora aguardando algo. Estranhamente, não entravam na floresta. Ao se aproximarem dela, começavam a distanciar-se aos poucos, voltavam para trás e sumiam.

A floresta e o campo representavam uma total contradição. Os campos, sem o homem, tornavam-se órfãos, como se entregues, em sua ausência, à desgraça. A floresta, livre do homem, embelezava-se em liberdade, como prisioneiros libertados do encarceramento.

Normalmente as pessoas, em sua maioria a criançada das aldeias, não deixavam as nozes amadurecerem e quebravam-nas ainda verdes. Agora, os declives das florestas e dos barrancos estavam cobertos totalmente pela folhagem virgem, áspera e dourada, como se embrutecida pelo bronzeado outonal. Deles despontavam, consideravelmente salientes, como se estivessem amarradas por nós ou laços, em três ou quatro, nogueiras amadurecidas prontas para pular das margens, mas ainda seguras nelas. Pelo caminho, Iúri Andreevitch as roía e quebrava sem parar. Seus bolsos transbordavam delas, a sacola cheia. Durante semanas, as nozes eram seu alimento principal.

Ao doutor, parecia que via o campo num estado gravemente doente, num delírio febril, mas a floresta, via no estado iluminado da convalescença, e sentia que na floresta habitava Deus, mas que pelo campo, serpenteava o sorriso zombador do diabo.

3

Exatamente nesses dias, nessa parte do caminho, o doutor entrou em uma aldeia que fora queimada até as cinzas e abandonada pelos habitantes. As construções tinham sido feitas, até o incêndio, em uma fileira a partir do rio. A margem do rio permanecia sem construções.

Na aldeia, restaram inteiras algumas poucas casas, enegrecidas e queimadas por fora. Porém, elas também estavam vazias e desabitadas. As outras transformaram-se em montes de carvão, dos quais subiam as travas negras das chaminés cobertas de fuligem.

Os barrancos, ao lado do rio, estavam esburacados. Pedras de mós eram retiradas pelos habitantes da aldeia, que sobreviviam de sua extração. Três destas rodas de moinho, inacabadas, estavam largadas na terra, em frente à última casa da fileira, uma das que resistiram. Também estava vazia, como as outras.

Iúri Andreevitch entrou nela. A noite estava tranqüila, mas pareceu-lhe que o vento havia irrompido na casa, mal o doutor colocou o pé nela. Pelo chão, para todos os lados, rolaram pedacinhos de feno e estopa, pedaços de papel de parede balançavam. Na casa tudo começou a mover-se e farfalhar. E os ratos, que ali fervilhavam tal como em toda a vizinhança, corriam guinchando para todos os lados.

O doutor saiu da casa. Além dos campos, o sol se punha. O poente inundava de luz dourada a margem oposta, na qual arbustos e enseadas estendiam até o meio do rio o brilho de seus reflexos desbotados. Iúri Andreevitch atravessou a estrada e sentou-se para descansar em uma das mós largadas no mato.

Lá da parte baixa do barranco, surgiu uma cabeça cabeluda loiro-clara, depois os ombros, depois as mãos. Do rio, subia alguém pela trilha, com o balde cheio de água. O homem avistou o doutor e parou, aparecendo sobre a linha do barranco até a altura da cintura.

— Quer matar a sede, bom homem? Não me maltrate, que também não tocarei em você.

— Obrigado. Deixe-me matar a sede. Mas saia por inteiro, não tenha medo. Por que iria maltratar você?

O carregador de água que surgiu do barranco revelou-se um jovem adolescente. Estava descalço, maltrapilho e descabelado.

Apesar de suas palavras amistosas, dirigiu ao doutor um olhar aflito e penetrante. Por um motivo inexplicável, o menino estava estranhamente preocupado. Colocou o balde no chão e, de repente, lançando-se ao encontro do doutor, parou no meio do caminho e balbuciou:

— Não pode ser... Não pode ser... Não, deve ser uma visão. Desculpe-me, no entanto, companheiro, permita-me perguntar. Pareceu-me que o senhor fosse uma pessoa conhecida. Mas é! Mas é! Tio doutor?!

— Quem é você?

— Não me reconhece?

— Não.

— De Moscou, no trem, viajamos no mesmo vagão. Mandaram-me para os trabalhos forçados. Sob guarda.

Era Vácia Brikin. Caiu diante do doutor, começou a beijar suas mãos e a chorar.

O local queimado era a aldeia natal de Vácia, Vereteniki. Sua mãe não estava mais viva. Durante a invasão da aldeia e o incêndio, quando Vácia escondia-se na caverna subterrânea formada por uma pedra retirada e a mãe imaginava que havia sido levado para a cidade, ela enlouqueceu de tanta tristeza e afogou-se naquele mesmo rio Pelga, à margem do qual, agora, o doutor e Vácia conversavam sentados. As irmãs de Vácia, Alionka e Arichka, ele soube por informações imprecisas, estavam em outra região, num orfanato. O doutor levou Vácia consigo para Moscou. Pelo caminho ele contou a Iúri Andreevitch toda espécie de horrores.

4

— São cereais de inverno, que caem no outono estivai. Mal semearam, começaram as desgraças. Quando a tia Pólia se foi. Lembra-se da tia Palacha?

— Não. Eu a conheço? Quem é?

— Como não a conheceu? Palagéia Nilovna! Viajava conosco. Tiagunova. Um rosto aberto, gorda, branca.

— A que fazia e desfazia as tranças?

— Sim, as tranças, tranças! Claro! Acertou no ponto. As tranças!

— Ah, lembrei-me. Espere. Depois, encontrei-a na Sibéria, numa cidade, na rua.

— É verdade? Tia Palacha?

— O que há com você, Vácia? Por que chacoalha as minhas mãos, como louco? Veja lá, não vá arrancá-las. Ruborizou-se também, como uma moça.

— Como está ela? Conte-me logo.

— Estava viva e saudável, assim a vi. Contou-me de você. Parece que morou com vocês ou visitou-os, parece-me. Mas talvez tenha me esquecido e esteja fazendo confusão.

— Mas é claro, é claro! Ficou aqui, aqui! A mãezinha gostou dela como de uma filha. Tranqüila. Trabalhadora. Prendada. Enquanto morou conosco a casa era uma fartura só. Expulsaram-na de Vereteniki, não tinha sossego com as calúnias. Havia um mujique, Kharlam Gniloi, na aldeia. Perseguiu Pólia. Um tremendo delator. Mas ela nem olhava para ele. Aguçava os dentes contra mim por isso. Falava mal de mim e Pólia. Então ela se foi. Não suportou mais. Aí a coisa começou. Aconteceu um assassinato terrível aqui por perto. Mataram uma viúva solitária num sítio da floresta, perto de Buiski. Vivia sozinha próximo da floresta. Andava com botas masculinas de orelhinhas, com correias de borracha. Um cachorro raivosíssimo, preso à corrente, corria em torno da casa. Chamava-se Gorlan. Ela cuidava da casa e da terra sozinha, sem ajudantes. Mas, de repente, chegou o inverno, quando ninguém esperava. A neve caiu cedo demais. A viúva não havia colhido as batatas. Veio até Vereteniki. "Ajudem-me", disse, "cederei uma parte das batatas ou pagarei." Ofereci-me para colher as batatas. Fui até seu sítio e lá estava Kharlam. Oferecera-se antes de mim. Não me disse nada. Não iria eu brigar por isso. Juntos começamos a trabalhar. O tempo estava o pior possível. Chovia e nevava, havia lama e sujeira. Queimávamos as ramas das batatas e com a fumaça quente as secávamos. Terminamos e ela acertou as contas honestamente conosco. Liberou Kharlam, mas para mim piscou um olho, como a pedir: "Tenho mais um servicinho para você, venha depois ou fique mais um pouco." Voltei outro dia. Disse que não queria entregar as sobras das batatas confiscadas para o rateio do governo. "Você", disse-me, "é um bom rapaz, eu sei, não vai me entregar. Vê, não escondo de você. Cavaria sozinha um buraco para enterrar, porém veja como está a trilha. Demorei demais, já é inverno. Não conseguirei sozinha. Cave um buraco para mim, não se arrependerá. Secaremos e enterraremos as batatas." Cavei o buraco para ela, como deve ser um esconderijo, largo no fundo e estreito em cima, como um vaso. Secamos e aquecemos o buraco com fumaça. No meio de uma rajada de vento. Ficou impecável. Eu, é claro, não falei nada sobre o esconderijo. Para viva alma. Nem para mamãe ou minhas irmãs. Ninguém, meu Deus!

"Pois bem. Passou somente um mês e houve um roubo no sítio. Os que passavam próximo do sítio Buiski contavam que a casa estava escancarada, fora limpa, que a viúva havia sumido sem deixar rastros e que o cachorro Gorlan arrebentou a corrente e fugiu. Passou mais um tempo. No primeiro degelo invernal, perto do Ano-Novo, às vésperas de São Basílio, a chuva

forte que caía lavou os montes de neve até aparecer a terra. Gorlan voltou e começou a cavar a terra com as patas no local onde a neve sumira e onde estava a batata. Escavou, espalhou para fora e, do buraco, surgiram os pés da dona com as botas com correias. Veja só que horror!

"Em Vereteniki todos lamentavam pela viúva, rezaram por ela. Ninguém desconfiou de Kharlam. E por que o fariam? Seria possível? Como poderia, onde tomaria coragem de permanecer em Vereteniki e se pavonear pela aldeia? Teria que fugir às pressas, correndo para bem longe. Os culaques, agitadores da aldeia, gostaram do terror no sítio. Aproveitaram para perturbar a aldeia. 'Vejam', diziam, 'a que os habitantes da cidade se atrevem. É uma lição para vocês, para meter medo. Não esconda pão, não enterre a batata. Mas vocês, por sua vez, idiotas, teimavam: foram os bandidos da floresta, viram bandidos no sítio! O povo é simplório! Dêem mais ouvidos às pessoas da cidade. Ainda farão mais coisas, matarão vocês de fome. Se a aldeia quer o bem, vá atrás deles. Ensinaremos as coisas certas. Virão depois confiscar os seus bens acumulados, e vocês responderão: que sobras, se não restou do centeio nenhuma sementinha? E conforme for, peguem as forquilhas. E quem é contra a paz, que se cuide.' Os velhos bramiam, gabavam-se, convocaram uma assembléia. E Kharlam, delator, só queria isso. Pegou o chapéu e foi até a cidade. Lá, deu com língua nos dentes. 'Vejam o que está acontecendo na aldeia e vocês aí só ficam olhando? Têm que levar o comitê de pobreza para lá. É só mandar que eu jogo irmão contra irmão.' E na mesma hora, sumiu da nossa região e nunca mais deu as caras.

"Tudo que aconteceu depois foi por si mesmo. Ninguém armou, nem houve culpados. Mandaram soldados do Exército Vermelho da cidade. O tribunal itinerante também. E direto a mim. Kharlam espalhou. Pela fuga e abstenção do trabalho forçado, disse que eu insuflava a aldeia para a revolta e que matei a viúva. Prenderam-me. Ainda bem que fui esperto. Arranquei a tábuas e fugi. Escondi-me embaixo da terra, na caverna. Sob a minha cabeça, a aldeia pegou fogo, eu nada vi; sob mim, minha mãezinha querida afogou-se no rio, eu não sabia. Tudo foi por si mesmo. Os soldados separaram uma casa, embebedaram-se de vinho até a morte. À noite, por causa de um descuido com o fogo, a casa incendiou-se e as vizinhas também. Os moradores, quando foram surpreendidos, pularam para fora de suas casas e fugiram, mas os visitantes, que não esperavam o acontecido, estes, é claro,

foram queimados vivos, todos. Dos habitantes de Vereteniki, vítimas do incêndio, ninguém foi expulso de sua aldeia em cinzas. Fugiram por si próprios com medo de que algo mais acontecesse. Novamente, os cabeças incentivaram, dizendo que fuzilariam cada décimo da população. Não encontrei ninguém, todos se foram pelo mundo, devem estar perambulando por aí.

5

O doutor e Vácia chegaram a Moscou durante a primavera de 1922, no início da NEP. Os dias estavam quentes e claros. Os raios do sol, refletidos pelas cúpulas douradas da Catedral de Cristo Salvador, caíam na praça calçada com pedras quadrangulares e mato crescido entre elas.

Foram retiradas algumas proibições para empreendimentos particulares; em limites rígidos, era permitido o comércio livre. Faziam-se negócios na base de troca com os trapeiros no mercado. Seu volume tão reduzido propiciava a especulação e levava a abusos. A movimentação pequena dos comerciantes não produzia nada de novo, não acrescentava nada de substancial ao abandono da cidade. No troca-troca inútil da mercadoria vendida mais de dez vezes, conseguiam acumular fortunas.

Os donos de algumas bibliotecas caseiras discretas levavam os livros de suas estantes para um só local. Apresentavam o pedido no soviete da cidade com o intuito de abrir uma cooperativa de venda de livros. Solicitavam um recinto para tal fim. Recebiam para uso um depósito de calçados que permanecera vazio desde os primeiros meses da revolução, ou uma estufa para cultivo de flores fechada na mesma época. Então, sob seus tetos amplos, vendiam suas míseras coleções de livro.

As damas, professoras-catedráticas, que anteriormente, em tempos difíceis, assavam às escondidas brioches para vender, em desobediência à proibição, agora vendiam-nos abertamente em qualquer oficina de bicicleta que ficara parada todos aqueles anos. Mudaram de opinião, aceitaram a revolução e começaram a falar "de acordo" em vez de dizer "sim" ou "está bem".

Em Moscou, Iúri Andreevitch disse:

— Precisamos, nos ocupar com algo, Vácia.

— Suponho que seja estudar.

— Isso é o óbvio.

— Tenho também um sonho. Quero desenhar de memória o rosto de mamãe.

— Muito bem. Mas para isso precisa estudar desenho. Você já tentou?

— Em Apraksin, quando o tio me deixava em paz, eu me divertia desenhando com carvão.

— Pois bem, isso se arranja. Vamos tentar.

Vácia não revelou grande talento para o desenho, mas sabia o suficiente para enveredar pelo artesanato. Através de um conhecido, Iúri Andreevitch conseguiu matriculá-lo no departamento de formação geral da ex-escola Strogonovskoie, e de lá foi transferido para a faculdade de poligrafia. Aprendeu técnicas de litografia, de arte tipográfica e de encadernação e a arte de ilustração de livros.

O doutor e Vácia uniram seus esforços. O doutor escrevia pequenas brochuras sobre os mais variados assuntos e Vácia imprimia-as na escola, como trabalhos de provas. Os livrinhos, em tiragem de alguns exemplares, eram distribuídos nos sebos recém-inaugurados por conhecidos comuns.

Os livros continham a filosofia de Iúri Andreevitch, expunham seu ponto de vista médico, sua definição de saúde e doença, suas idéias sobre o transformismo e a evolução, sobre a personalidade como a base biológica do organismo, e os pensamentos de Iúri Andreevitch sobre história e religião, próximos das idéias de seu tio e de Simuchka, crônicas das localidades de Pugatchev, onde o doutor esteve, seus poemas e contos.

Os trabalhos eram escritos de maneira acessível, em forma de diálogo; no entanto, longe dos objetivos com os quais se armam os divulgadores, pois continham opiniões polêmicas, espontâneas, insuficientemente investigadas, porém vivas e originais. Os livros tinham boa saída. Os diletantes os valorizavam.

Naquela época, tudo tornara-se especialização, a criação de poemas, a arte da tradução literária, tudo era objeto de pesquisas teóricas, criavam-se institutos para tudo. Surgiram muitos tipos de Castelos de Idéias, Academias

de Idéias Literárias. De mais da metade dessas pretensiosas instituições, Iúri Andreevitch era doutor *honoris causa*.

Durante um longo tempo, o doutor e Vácia foram amigos e viveram juntos. Nesse período mudaram múltiplas e seguidas vezes de quartos e abrigos semidestruídos, desabitados e desconfortáveis.

Assim que chegou a Moscou, Iúri Andreevitch foi até a rua Sivtsev, até a antiga casa, na qual, como soube, não estiveram seus parentes na passagem por Moscou. A deportação deles mudou tudo. Os quartos, registrados no nome do doutor e de seus parentes, foram ocupados, nada restara de seus objetos pessoais ou de seus familiares. Todos afastavam-se bruscamente do doutor, como se ele fosse um conhecido perigoso.

Markel subiu de posto e não fora mais visto. Transferiu-se, como comandante, para o prédio Mutchnoi onde, pelas condições do serviço, tinha direito, com a família, ao apartamento do administrador. No entanto, preferiu viver na antiga casa de vigia, com chão de terra, agora com canalização e um enorme forno russo do tamanho do ambiente. Em todos os blocos do prédio no inverno, os encanamentos de água e aquecimento estouravam, somente a casa do vigia ficava aquecida e a água não congelava.

Nessa época, a relação entre o doutor e Vácia esfriou. Vácia desenvolveu-se impressionantemente. Começou a falar e pensar de forma diferente daquela que falava e pensava o menino descalço e cabeludo, à margem do rio Pelga, em Veretenniki. A evidência, a autocomprovação das verdades proclamadas pela revolução atraíam-no cada vez mais. A fala não muito clara e figurada do doutor parecia-lhe a voz da culpa condenada, consciente da sua fraqueza e por isso evasiva.

O doutor perambulou por vários departamentos. Cuidava de duas coisas. Da reabilitação política de sua família para legitimar seu retorno à pátria e do seu passaporte para o estrangeiro e a permissão para ir embora, ao encontro da mulher e dos filhos, que estavam em Paris.

Vácia impressionava-se, pois pareciam-lhe frias e indolentes estas preocupações. Iúri Andreevitch, bastante rapidamente, descobriu o insucesso de seus esforços e com muita convicção e quase satisfação anunciava a inutilidade de outras tentativas.

Vácia, com mais freqüência ainda, condenava o doutor. Este, por sua vez, não guardava ressentimento pelas reprovações coerentes. Porém, sua relação com Vácia se deteriorava. Finalmente brigaram e separaram-se. O doutor deixou o quarto que ocupavam para Vácia e estabeleceu-se no prédio Mutchnoi, onde o todo-poderoso Markel demarcou os fundos do ex-apartamento dos Sventitski. Essa parte dos fundos do apartamento era composta pelo banheiro desativado dos Sventitski, pelo quarto ao lado com uma janela e pela cozinha torta e semidestruída, com saída para os fundos. Iúri Andreevitch mudou-se para lá e depois da mudança, largou a medicina, transformou-se num desleixado, parou de encontrar-se com conhecidos e começou, pouco a pouco, a viver na miséria.

6

Era um domingo cinzento de inverno. A fumaça dos fornos subia em colunas por cima dos telhados e, em correntes negras, fumegava das janelinhas abertas, por onde, apesar da proibição, continuavam a introduzir os canos de ferro dos fogareiros. O dia-a-dia da cidade ainda não fora restabelecido. Os habitantes do prédio Mutchnoi andavam sujos e esfarrapados, sofriam de furúnculos, passavam frio e resfriavam-se.

Por ocasião do domingo, a família de Markel Chapov estava toda reunida.

Os Chapov almoçavam à mesma mesa sobre a qual, durante a distribuição racionada de pão, ao amanhecer, eles recortavam com tesouras os bônus dos moradores de todo o prédio, classificavam-nos, contavam-nos, enrolavam-nos em trouxinhas ou papéis por categoria e levavam-nos até a padaria. Depois, ao retornar de lá, cortavam, esmigalhavam e pesavam o pão proporcionalmente aos moradores do prédio. Agora, isso tudo havia caído no esquecimento. O registro alimentício foi substituído por outros tipos de prestação de contas. A mesa comprida, comiam com apetite, soltando estalos atrás das orelhas, mastigando com a boca aberta.

A metade do apartamento do vigia era ocupada pelo alto e amplo forno russo, localizado no meio com os *poloti* ^{116}, dos quais desciam as bordas dos cobertores acolchoados.

Na parede da frente, na saída, sobressaía sobre a pia a torneira de água encanada que estava funcionando. Pelas laterais do apartamento do vigia, estendiam-se os bancos com os pertences em sacos e baús. O lado esquerdo era ocupado pela mesa de cozinha. Sobre a mesa, havia, pendurado na parede, um pequeno armário de louça.

O forno estava aceso. Fazia calor no apartamento. Diante do forno, com as mangas arregaçadas, a mulher de Markel, Agafia Tikhonovna, com um puxador comprido que alcançava longe, movia as panelas às vezes mais juntas, às vezes mais distantes, dependendo da necessidade do momento. Seu rosto suado, alternadamente, iluminava-se com a luz do ardor do forno ou turvava-se com o vapor do cozimento. Arrastando as panelas para o lado, ela retirou do fundo do forno um bolo em cima de uma chapa de ferro, virou-o com a casquinha superior para baixo e, por um minuto, levou-o de volta ao forno para dourar. No apartamento, entrou Iúri Andreevitch com dois baldes.

— Seja bem-vindo.

— Tenha a bondade. Sente-se, é nosso convidado.

— Obrigado, já almocei.

— Conhecemos os seus almoços. Sente-se, coma algo quente. Por que o desprezo? A batata assada com a casca. Bolo com mingau. Painço.

— Não, é verdade, obrigado. Desculpe, Markel, que eu tenha com tanta freqüência resfriado o apartamento. Quero acumular logo bastante água. Lavei até brilhar a banheira de zinco dos Sventitski, vou enchê-la até a borda e levarei água para os tanques. Passarei por aqui mais umas cinco ou dez vezes, depois ficarei um longo tempo sem perturbar. Desculpe-me, por favor, por estar entrando e saindo. Além de você, não tenho a quem recorrer.

— Pegue o quanto precisar, não precisa pedir. Não temos xarope, mas tem água à vontade. Pegue de graça. Não a vendemos.

À mesa gargalharam.

Quando Iúri Andreevitch entrou pela terceira vez, para apanhar o quinto e sexto balde, o tom mudou um pouco e a conversa já era outra.

— Os genros estão perguntando quem é você. Estou dizendo a verdade e não acreditam. Mas pegue água, não se acanhe. Só não a derrame no chão, seu desajeitado. Veja como molhou toda a entrada. Se congelar, é você quem

virá quebrar com a alavanca. Feche a porta direito, seu distraído, faz corrente de ar. Pois estou dizendo aos genros quem você é e não acreditam. Quanto dinheiro gastaram com você! Estudou, estudou e qual foi o proveito?

Quando Iúri Andreevitch entrou pela quinta ou sexta vez Markel fez cara feia.

— Bom, só mais uma vez e depois basta. Tem que saber a medida, irmão. Sua defensora aqui é a nossa pequena Marina, se não, nem levaria em conta que é um nobre e trancaria a porta. Lembra da Marina? Ei-la, na ponta da mesa, a escurinha. Veja como ruborizou-se. Não o maltrate, papai, me disse. E quem está maltratando você? No telégrafo central, Marina como telegrafista entende o estrangeiro. Ele, disse-me ela, é um infeliz. Jogar-se-ia no fogo de pena de você. Pois que culpa tenho eu se não consegui nada? Não deveria ter fugido para a Sibéria, largado a casa numa hora perigosa. A culpa é de vocês. Pois nós suportamos toda a fome, o bloqueio dos brancos, não vacilamos e ficamos inteiros. A culpa é toda sua. Não cuidou de Tônia, agora ela está lá no estrangeiro perambulando. E eu com isso? O problema é seu. Não me leve a mal, mas gostaria de perguntar, para que tanta água? Será que você foi escalado para regar a pista de gelo no pátio? É, nem sei como zangar-me com você, pobre homem.

— Tenho muita coisa para lavar em casa, Markel. Faxina. Lavar o chão. Quero lavar também alguma roupa.

À mesa começaram a admirar-se.

— Não tem vergonha de dizer isso? Já não digo de fazer! Você não é uma lavanderia chinesa, afinal!

— Iúri Andreevitch, permita-me mandar-lhe minha filha. Pode lavar e fazer a faxina. Se precisar costurar algo também. Não fique com medo dele, filhinha. Veja que exemplo para os outros, que delicadeza. Incapaz de fazer mal a uma mosca.

— Não, o que é isso, Agáfia Tikhonovna? Jamais concordarei com Marina se sujando por minha causa. Não é minha empregada. Arrumo-me sozinho.

— O senhor pode sujar-se e eu, por que não? É difícil convencê-lo, Iúri Andreevitch. Por que se esquiva? E se eu for visitá-lo, vai mandar-me embora?

Marina podia tornar-se uma bela cantora. Possuía uma voz sonoramente limpa, muito aguda e forte. Marina falava baixo, porém com uma voz que era mais forte que o necessário para a conversa. A voz não se confundia com Marina, parecia partir de fora dela. Podia dizer que vinha de outro quarto e que se encontrava atrás de suas costas. Essa voz era a sua defesa, seu anjo da guarda. Uma mulher com essa voz, ninguém desejava magoar ou entristecer.

A partir desse domingo de leva-e-traz de água, foi que começou a amizade entre o doutor e Marina. Ela freqüentemente o visitava para ajudá-lo nos afazeres da casa. Certa vez, ficou com ele e não voltou mais para o apartamento do vigia. Assim, transformou-se na terceira mulher de Iúri Andreevitch não registrada no civil, sem ter se divorciado da primeira. Vieram os filhos. O pai e a mãe Chapov, com orgulho, começaram a chamar a filha de doutora. Markel reclamava que Iúri Andreevitch não era casado no religioso com Marina e nem no civil. "Você enlouqueceu", retrucava sua mulher. "Com Antonina viva, o que será isso? Bigamia?" "Você é uma tola", respondia Markel. "Para que lembrar de Tônia? É como se não existisse. Nenhuma lei a defenderá."

Iúri Andreevitch, às vezes, dizia de brincadeira que a aproximação deles era o romance de vinte baldes, como havia romances de vinte capítulos ou de vinte cartas.

Marina perdoava as esquisitices adquiridas pelo doutor até então, os caprichos de um homem decadente e consciente de sua decadência, a sujeira e a desordem que fazia. Suportava sua rabugice, rispidez e irritação.

Seu sacrifício ia além. Quando, por culpa dele, caíam em uma miséria involuntária, Marina, para não deixá-lo sozinho naqueles períodos, largava o serviço onde tanto a valorizavam e aceitavam-na de volta de bom grado após esses intervalos forçados. Submetendo-se às fantasias de Iúri Andreevitch, ela partia com ele em andanças pelos pátios, em busca de trabalho. Os dois, por empreitada, serravam lenha para os habitantes de andares diferentes. Alguns, principalmente os especuladores que enriqueceram no início da NEP e as pessoas da ciência e arte íntimas do governo, começaram a adquirir móveis. Certa vez, Marina e Iúri Andreevitch, pisando com cuidado nos tapetes com as *valenki*, para não trazer serragem da rua, carregaram lenha até o gabinete do dono do apartamento, que estava grosseiramente imerso

numa leitura qualquer e sequer lançou um olhar para os dois. Foi a dona da casa quem combinou tudo, quem dava as ordens e pagava.

"Em que este porco está absorvido dessa forma?", ficou curioso o doutor. "O que está marcando a lápis, com tanta fúria?" Contornando com a lenha a mesa do escritório, deu uma olhada para baixo, por trás do ombro do leitor. Sobre a mesa, estavam os livrinhos de Iúri Andreevitch, da primeira edição, impressos por Vácia na Escola Poligráfica.

7

Marina morava com o doutor na rua Spiridonovka; próximo dali, Gordon alugava um quarto, na rua Malaia Bronnaia. Marina e o doutor tinham duas meninas, Kapka e Klachka. Kapitolina, ou Kapelka, estava no sétimo ano de vida e a recém-nascida Klavdia, tinha seis meses.

O início do verão de 1929 estava quente. Os conhecidos atravessavam duas ou três ruas para visitar uns aos outros sem chapéus e paletós.

O quarto de Gordon tinha uma disposição estranha. Tempos atrás, tinha sido o ateliê de um famoso costureiro, com dois andares. Uma única vitrine, de espelho, abarcava os dois andares. No vidro da vitrine, em caligrafia dourada, estavam escritos o sobrenome do costureiro e sua ocupação. No interior, atrás da vitrine, uma escada em caracol ligava os dois pavimentos.

Agora, o cômodo fora dividido em três partes.

Com o acréscimo de revestimentos, instalaram uma galeria entre os dois andares, com uma janela estranha para um quarto residencial. Tinha um metro de altura e descia até o nível do chão. A janela estava coberta pelos restos das letras douradas. Nos espaços entre eles avistavam-se os pés, até o joelho, dos que encontravam-se no cômodo. Nesse quarto morava Gordon. Ali estavam de visita Jivago, Dadorov e Marina, com as crianças. Ao contrário dos adultos, as crianças cabiam por inteiro na moldura da janela. Marina logo foi embora com as meninas. Os três homens ficaram a sós.

Entre eles fluía uma conversa, uma daquelas conversas preguiçosas e vagarosas de verão, que estabelecem entre si companheiros de escola, que já

perderam as contas dos anos de amizade. Como elas normalmente acontecem?

Alguém possui um vocabulário que o satisfaz. Essa pessoa fala e pensa de maneira natural e coerente. Nesta situação, encontrava-se somente Iúri Andreevitch.

Aos seus amigos, faltavam expressões necessárias. Não possuíam o dom da fala. Para preencher seu pobre vocabulário, eles, conversando, caminhavam pelo quarto, tragavam o cigarro, gesticulavam com as mãos e muitas vezes repetiam a mesma coisa. ("Isso, meu irmão, é desonesto; isso mesmo, desonesto; sim, sim, desonesto.")

Não tinham consciência de que este tom dramático e excessivo de sua fala não representava nem um pouco ardor e grandeza de caráter, mas, ao contrário, expressava uma imperfeição, uma lacuna.

Gordon e Dudorov pertenciam a um bom círculo de professores. Levavam a vida entre bons livros, bons pensadores, bons compositores, boa sempre, boa ontem e hoje, e somente boa música, e eles não sabiam que a pobreza de um gosto médio é pior que a pobreza da falta de gosto.

Gordon e Dudorov não sabiam que as recriminações, com as quais cobriam Jivago, lhes eram inspiradas não por um sentimento de fidelidade ao amigo ou pelo desejo de influenciá-lo, mas somente pelo desconhecimento de pensar livremente e de dirigir a conversa à sua vontade. A carroça acelerada da conversa levava-os para onde não queriam. Não podiam fazê-la voltar e ao fim deveriam avançar sobre qualquer coisa e chocar-se com ela. Com todo o impulso, batiam com os sermões e conselhos em Iúri Andreevitch.

Ele conhecia de cor as molas do entusiasmo deles, a fragilidade da sua solidariedade, o mecanismo inerte de seu raciocínio. No entanto, não podia dizer-lhes: "Queridos amigos, como vocês são irremediavelmente banais, vocês e os círculos que representam, bem como o brilho e a arte dos nomes e personalidades cuja autoridade invocam. A única coisa viva e clara em vocês é que viveram na mesma época que eu e me conheceram." Mas o que aconteceria se pudéssemos fazer aos amigos este tipo de declarações? E, para não entristecê-los, Iúri Andreevitch ouvia-os pacientemente.

Dudorov acabara de cumprir o prazo e retornara de seu primeiro exílio. Foi reintegrado em seus direitos, que temporariamente tinham sido cassados.

Recebeu permissão para retomar seus trabalhos e aulas na universidade.

Agora informava aos amigos sobre seus sentimentos e estado de espírito no exílio. Conversava com eles sinceramente, sem hipocrisias. Suas observações não eram provocadas pela covardia ou raciocínios de terceiros.

Dizia que as dúvidas da acusação, o tratamento recebido na prisão e ao sair dela, e principalmente as conversas olho no olho com o juiz, arejaram o seu cérebro e reeducaram-no politicamente, de tal forma que abrisse os olhos para muita coisa e crescesse como ser humano.

Os raciocínios de Dudorov eram semelhantes aos de Gordon, principalmente por sua banalidade. Com compaixão, acenava de cabeça para Innokenti e concordava com ele. Era exatamente o estereótipo daquilo que Dudorov falava e sentia que mais emocionava Gordon. O conformismo de sentimentos comuns ele tomava como sinal de universalidade.

Os discursos virtuosos de Innokenti combinavam com o espírito da época. Porém, eram principalmente a sua conformidade às leis, a transparência de sua hipocrisia que enfureciam Iúri Andreevitch. Um homem sem liberdade sempre idealiza a sua prisão. Assim foi na Idade Média, sobre isso sempre especularam os jesuítas. Iúri Andreevitch não suportava o misticismo político da intelectualidade soviética, aquilo que fora sua maior conquista ou como diriam então, o forro espiritual da época. Iúri Andreevitch escondia dos amigos essa sua impressão, também para não brigar.

Mas ficou interessado em algo completamente diferente, o relato de Dudorov sobre Vonifati Orletsova, companheiro de cela de Innokenti, padre seguidor de Tikhonov. O prisioneiro tinha uma filha de seis anos chamada Cristina. A prisão e o futuro destino de seu querido pai foram para ela um choque. As palavras "servidor do culto", "mendigo" e outras parecidas lhe pareciam uma marca de desonra. Essa marca, provavelmente, ela jurou lavar algum dia do bom nome do pai em seu ardente coração infantil. Esse objetivo longínquo e prematuramente estabelecido, que ardia como uma decisão inextinguível, fazia dela, aqui e agora, uma seguidora infantilmente entusiasmada de tudo aquilo que mais lhe parecia incontestável no comunismo.

— Vou embora — dizia Iúri Andreevitch. — Não se zangue comigo, Micha. Está abafado no quarto, faz calor lá fora. Sinto falta de ar.

— Veja, a janela está aberta no chão. Desculpe, fumamos muito. Sempre esquecemos de que não devemos fumar na sua presença. Não sou culpado dessa instalação idiota aqui. Encontre-me outro quarto.

— Vou mesmo embora, Gordocho. Já conversamos muito. Agradeço sua preocupação comigo, queridos companheiros. Isso não é um capricho meu. É doença. Esclerose dos vasos cardíacos. As paredes dos músculos cardíacos esgarçam-se, afinam, e um belo dia podem arrebentar, estourar. E não tenho nem quarenta anos. Não sou um bebedor inveterado, nem um farrista.

— É muito cedo para celebrar os últimos sacramentos. Bobagem. Vai viver muito ainda.

— Nos nossos tempos, tornaram-se mais freqüentes as formas microscópicas de derrames coronários. Nem todos são mortais. Em alguns casos as pessoas sobrevivem. É a doença do novo tempo. Acho que seu motivo é de caráter moral. De uma grande maioria de nós exigem uma hipocrisia permanente, constituída em sistema. Não é possível, sem prejuízo para a saúde, dia após dia, revelar-se de forma contrária ao que se sente; fazer reverências diante de coisas de que não se gosta, alegrar-se com aquilo que lhe traz desgraças. Nosso sistema nervoso não é um som vazio, não é uma invenção. Ele é um corpo físico composto de filamentos. Nossa alma ocupa um lugar no espaço e acomoda-se em nós, como os dentes na boca. Não podemos violentá-la eterna e impunemente. Foi difícil ouvir você falando do exílio, Innokenti, como cresceu nele e como ele o reeducou. É como se um cavalo contasse como contornou a arena sozinho.

— Vou defender Dudorov. Você simplesmente desacostumou-se com as palavras humanas. Elas deixaram de emocioná-lo.

— Talvez seja, Micha. De qualquer forma, desculpem-me, deixem-me ir. Não consigo respirar. Por Deus, não estou exagerando.

— Espere. São somente evasivas. Não deixaremos que vá enquanto não responder de forma direta e honesta. Concorda ou não que você tem que mudar, corrigir-se? O que pretende fazer neste sentido? Tem de esclarecer a sua relação com Tônia e Marina. São seres vivos, mulheres capazes de sofrer e sentir e não idéias desencarnadas que rodopiam em sua cabeça em composições arbitrárias. Além do mais, é vergonhoso que se perca o talento de uma pessoa como você. Você precisa acordar do sono e da preguiça, recobrar o ânimo, entender o mundo em torno sem essa arrogância

injustificada. Sim, sem esse desdém inadmissível. Deve trabalhar, ocupar-se da medicina.

— Está bem, vou responder a vocês. Frequentemente penso neste sentido, nos últimos tempos, e por isso, sem um pingão de vergonha, posso prometer-lhes. Acho que tudo se resolverá. E brevemente. Vão ver. Não, por Deus. Tudo caminha para o melhor. Tenho uma vontade incrível e ardente de viver, e viver significa ir em frente sempre, em direção ao superior, à perfeição, e atingi-los. Fico contente, Gordon, que você defenda Marina, como anteriormente sempre foi defensor de Tônia. No entanto, não estou brigando com ninguém, não estou em guerra com elas, nem com ninguém. Você me recriou no começo porque ela me dizia "senhor" em resposta ao meu "você" e chama-me pelo nome e patronímico, como se isso também não me oprimisse. Mas há muito tempo uma profunda bobagem, situada na base dessa falta de naturalidade, foi eliminada, tudo se atenuou, a igualdade foi restabelecida.

"Posso comunicar-lhes uma outra novidade agradável. Recomeçaram a escrever-me de Paris. As crianças cresceram, sentem-se bem entre os colegas franceses. Chura está terminando a escola primária de lá, *école primaire*, e Maria está ingressando nela. Só que não conheço minha filha. Acredito, de alguma forma, que apesar da cidadania francesa, eles logo voltarão e, de maneira misteriosa, tudo se resolverá.

"Por muitos sinais, meu sogro e Tônia sabem sobre Marina e as meninas. Nunca escrevi sobre isso. Estas circunstâncias chegaram a eles talvez por outros caminhos. Aleksandr Aleksandrovitch, é claro, está humilhado em seus sentimentos de pai, sofre por Tônia. Isso explica os cinco anos de interrupção de nossa correspondência. Assim que voltei a Moscou, corripondi-me com eles durante um tempo. E, de repente, pararam de me responder. Tudo se interrompeu.

"Agora, recentemente, comecei novamente a receber cartas de lá. De todos, até das crianças. Afetuosas, carinhosas. Algo atenuou-se. Pode ser que Tônia tenha passado por algumas mudanças, um novo amigo qualquer, queira Deus. Não sei. Eu também, às vezes, escrevo-lhes. Mas é verdade, não agüento mais. Vou embora, senão isso vai acabar com uma crise de sufocamento. Até logo.

No dia seguinte, pela manhã, Marina apareceu, mais morta que viva, na casa de Gordon. Não tinha com quem deixar as meninas e a pequena, Klacha, enrolada com força no cobertor, que ela carregava apertando contra o peito com uma das mãos e com a outra puxava Kapa que ficava para trás e resistia.

— Iura está aqui? — perguntou ela com uma voz estranha.

— Ele não dormiu em casa?

— Não.

— Então está na casa de Innokenti.

— Estive lá. Innokenti está na universidade. Mas os vizinhos conhecem Iura. Lá ele não apareceu.

— Então, onde está?

Marina colocou Klacha enrolada no sofá. Teve uma crise histérica.

8

Durante dois dias, Gordon e Dudorov não saíram de perto de Marina. Revezavam-se, davam plantão, temiam deixá-la só. Nos intervalos, saíam à procura do doutor. Percorreram todos os lugares onde supostamente ele poderia estar, foram ao prédio Mutchnoi e à casa da rua Sivtsev, visitaram todos os Palácios de Pensamentos e Casas de Idéias onde ele já havia trabalhado, percorreram todos os seus velhos conhecidos sobre os quais tivessem a mínima informação e cujos endereços pudessem encontrar. As buscas não resultaram em nada.

Não deram parte à polícia para não lembrar ao governo sobre um homem registrado e com a ficha limpa, mas, no entendimento atual, longe de ser exemplar. Colocar a polícia no seu encaixo, somente em caso extremo.

No terceiro dia, Marina, Gordon e Dudorov, em diferentes horários, receberam cada um uma carta de Iúri Andreevitch. Elas estavam repletas de pesar por motivo de alarme e receios por ele provocados. Implorava por seu perdão e pedia que se acalmassem e, por tudo de mais sagrado, suplicava que interrompessem as buscas que, de qualquer forma, não levariam a nada.

Comunicava-lhes que, com o objetivo de refazer rápida e completamente o seu destino, queria ficar um pouco em solidão para, concentrado, ocupar-se dos afazeres, de alguma forma, fortalecer-se no novo tipo de atividade e convencer-se de que, após a mudança ocorrida, não haveria mais volta ao passado. Sairia então de seu refúgio misterioso e voltaria para Marina e as crianças.

Informou Gordon na carta que estava transferindo para o nome dele dinheiro para Marina. Pedia que contratassem uma babá para as crianças, de modo a liberar Marina, dando-lhe a possibilidade de retornar ao serviço. Explicava que precavia-se de enviar o dinheiro diretamente para o endereço dela por temer que a soma declarada pudesse despertar a suspeita de roubo.

Logo chegou o dinheiro, cuja soma ultrapassava as possibilidades do doutor e as medidas de seus colegas. Contrataram uma babá para as crianças. Marina foi novamente admitida no telégrafo. Durante muito tempo, não conseguia se acalmar, mas, acostumada com outras esquisitices de Iúri Andreevitch, resignou-se finalmente com esse desatino. Apesar dos pedidos e avisos de Iúri Andreevitch, os amigos e a mulher dele continuavam a procurá-lo, certificando-se da verdade de seu prognóstico. Eles não o encontraram.

9

No entanto, ele vivia a alguns passos deles, embaixo de seus narizes, ao alcance de seus olhos, no mais estreito círculo de suas buscas.

Quando no dia de seu sumiço, ainda de dia, antes do crepúsculo, saiu da casa de Gordon, na rua Bronnaia, dirigindo-se para sua casa, na rua Spiridonovka. Ali mesmo, sem dar sequer cem passos pela rua, encontrou seu meio-irmão, Ievgraf Jivago, que vinha em direção contrária. Iúri Andreevitch não o via há mais de três anos e nada sabia sobre ele. Ievgraf estava por acaso em Moscou, para onde viera recentemente. Como de costume, caiu como se fosse do céu e era inacessível às indagações, às quais limitava-se a responder com sorrisos calados e brincadeiras. No entanto, sem rodeios, deixando de lado os pequenos detalhes da vida, ele fez de duas ou três perguntas a Iúri Andreevitch e penetrou em todas as tristezas e

desgraças da sua vida. No mesmo instante, ao virar as esquinas das travessas tortuosas, no meio da multidão de transeuntes, que ultrapassavam-nos ou vinham ao seu encontro, organizou um plano prático de como ajudar o irmão e salvá-lo. O sumiço de Iúri Andreevitch e a sua permanência às escondidas era idéia de Ievgraf, sua invenção.

Alugou para Iúri Andreevitch um quarto na travessa que ainda se chamava Kamergeriski, ao lado do teatro Khudozhestveni. Abasteceu-o de dinheiro, começou a interceder para que o doutor fosse aceito num bom trabalho que lhe permitisse dedicar-se à atividade científica, num hospital qualquer. De todas as formas, protegia o irmão em todas as relações do dia-a-dia. Finalmente, prometeu-lhe que colocaria um fim na situação instável de sua família em Paris, de uma forma ou de outra: ou Iúri Andreevitch iria até eles, ou eles viriam até ele. Ievgraf prometeu ocupar-se de tudo pessoalmente e organizar as coisas. O apoio do irmão entusiasmou Iúri Andreevitch. Como sempre acontecera anteriormente, o mistério de seu poder permanecia inexplicável. Iúri Andreevitch nem tentava desvendar este mistério.

10

O quarto estava voltado para o sul. Duas janelas davam para os telhados do lado oposto ao teatro, atrás dos quais, lá no alto, sobre a rua Okhotnaia, estava o sol de verão, mergulhando na sombra do calçamento da travessa.

Iúri Andreevitch utilizava o quarto mais para trabalhar, servia de escritório. Nesse período de atividade devoradora, quando seus planos e idéias não cabiam em suas anotações, amontoadas sobre a mesa, os personagens pensados e imaginados permaneciam no ar pelos cantos, assim como atravancavam o ateliê do pintor, os numerosos trabalhos iniciados e virados para a parede. O quarto habitado do doutor era uma sala de banquete do espírito, uma despensa de loucuras, um depósito de sinceridades.

Felizmente, as conversas com a chefia do hospital alongavam-se e o prazo para o ingresso no serviço passava para um futuro indeterminado. Era possível escrever, aproveitando o adiamento casual.

Iúri Andreevitch começou a colocar em ordem aquilo que criou, trechos de que lembrava e obras que Ievgraf conseguia e trazia para ele de algum lugar, parte em próprios manuscritos de Iúri Andreevitch, e parte impressos por estranhos. O caos do material obrigava Iúri Andreevitch a espalhar-se ainda mais do que a sua própria natureza já tendia a fazer. Logo largou este trabalho e da retomada do inacabado passou para a criação de algo novo, atraído pelos últimos esboços feitos.

Compunha em rascunho ensaios de artigos, do mesmo tipo das anotações superficiais que fez na primeira estada em Varikino, e anotava fragmentos de poemas que lhe ocorriam, inícios, fins e meios, misturados, sem distinção. Às vezes, mal conseguia dominar as idéias que lhe ocorriam, anotava as letras iniciais das palavras e abreviações por causa de sua escrita, que não acompanhava a impetuosa e rápida fluência de seus pensamentos.

Tinha pressa. Quando sua imaginação se cansava e o trabalho atrasava, ele apressava-o e estimulava-o fazendo desenhos nas margens das folhas. Neles retratava clareiras de florestas e cruzamentos urbanos com postes de anúncios no meio: "Moreau e Vettchinkin. Semeadores. Debulhadores".

Os artigos e os poemas tinham todos o mesmo tema: a cidade.

11

Posteriormente, entre seus papéis, encontraram a seguinte anotação:

"No ano de 1922, quando retornei a Moscou, encontrei-a despovoada e semidestruída. Assim ela saiu das provações dos primeiros anos da revolução, assim permanece até o dia de hoje. A população diminuiu, não se constroem prédios novos, os antigos não são conservados.

"Porém, mesmo neste estado, permanece uma cidade grande e moderna, a única inspiradora de uma arte verdadeiramente nova e moderna.

"A enumeração desordenada de objetos e conceitos, aparentemente incompatíveis e colocados lado a lado de forma espontânea, nos simbolistas Block, Verhaeren e Whitman, não é um capricho estilístico. É uma nova ordem de impressões, observada ao vivo e reproduzida no modelo.

"Da mesma forma como eles percorrem uma série de imagens, a rua urbana comercial do fim do século XIX passa navegando e faz correr diante de nós suas multidões e veículos e depois, no início dos próximos cem anos, passarão os vagões de seus bondes, de suas ferrovias elétricas e subterrâneas.

"Nessas condições, não há lugar para a simplicidade pastoral. A sua falsa naturalidade é um plágio literário, um maneirismo artificial, um fenômeno de ordem livresca, trazido não pela aldeia mas pelas prateleiras de bibliotecas dos depósitos de livros acadêmicos. A linguagem viva, que formou-se ao vivo e que corresponde naturalmente ao espírito do nosso dia, é a linguagem do urbanismo.

"Moro num cruzamento urbano movimentado. A Moscou de verão, cega pelo sol, o asfalto incandescente, o sol que joga reflexos nos vidros das janelas dos cômodos superiores, a respiração da floração das nuvens e dos bulevares gira em torno de mim e me vira a cabeça e quer que eu, em sua homenagem, vire a cabeça dos outros. Com este objetivo, a cidade educou-me e entregou-me nas mãos da arte.

"De dia e de noite, a rua constantemente barulhenta atrás da janela, da mesma forma densa, está estreitamente ligada ao espírito moderno, assim como a abertura musical e os panos teatrais ainda descidos e repletos de escuridão e mistério, mas já pelas luzes vermelhas acesas da ribalta. Incessante e ininterruptamente, a cidade que se move e rumoreja atrás das portas e das janelas é uma infinita e imensa introdução à vida de cada um de nós. Exatamente com estes traços eu gostaria de escrever sobre a cidade."

No caderno de poemas de Jivago, que fora conservado após sua morte, não se encontram tais versos. Talvez o poema *Hamlet* pertencesse a esta categoria?

Certa vez, pela manhã, no fim de agosto, Iúri Andreevitch, do ponto na esquina da travessa Gazetni, sentou-se num bonde que subia a rua Niki-tskaia, da universidade até a rua Kudrinskaia. Pela primeira vez dirigia-se

para o trabalho no hospital Botkinskaia, que então se chamava Soldatenskaia. Era, sem dúvida, de sua parte, a primeira visita a serviço.

Iúri Andreevitch não teve sorte. Pegou um vagão quebrado, que a toda hora sofria problemas. Ora era uma carroça presa com as rodas na calha dos trilhos que bloqueava o caminho; ora sob o chão do vagão ou no seu telhado estragava-se um isolador, acontecia um pequeno curto-circuito e, com estrondo, alguma coisa queimava.

O condutor, com a chave de fenda nas mãos, saía freqüentemente da parte da frente do vagão parado e, contornando-o, desaparecia entre as rodas, agachado no conserto das peças mecânicas, por baixo da plataforma traseira.

O maldito vagão parava a circulação em toda a linha. A rua ficava tomada pelos bondes já parados e por outros que chegavam aos poucos e se acumulavam. A fila já alcançava a praça Manezh e estendia-se para mais longe. Os passageiros dos vagões de trás passavam para o da frente, o culpado por tudo isto estar acontecendo, pensando que ganhariam tempo com esta transferência. Naquela manhã quente, no bonde lotado em excesso, estava apertado e abafado. Sobre a multidão de passageiros que corriam pela rua Nikitskie Vorota, arrastava-se uma nuvem negro-lilás, que cada vez mais elevava-se para o céu. Aproximava-se uma tempestade.

Iúri Andreevitch estava sentado dentro do vagão, num banco isolado à esquerda, totalmente espremido contra a janela. A calçada esquerda da rua Nikitskaia, onde localizava-se o Conservatório, estava a toda hora em seu campo de visão. Querendo ou não, com a atenção embotada de uma pessoa que pensava em outra coisa, ele olhava os que caminhavam e viajavam do outro lado, sem deixar escapar ninguém.

Uma dama velha e grisalha, com um chapéu de palha clara, com margaridas e centáureas de panos, num vestido lilás fora de moda, com um espartilho apertado, resfolegando e abanando-se com um embrulho plano que carregava nas mãos, caminhava por este lado da rua. Estava apertada em um corpete, esgotada pelo calor e derretendo de suor, esfregava com um lenço rendado as sobancelhas e os lábios molhados.

Seu caminho estendia-se paralelamente à linha do bonde. Iúri Andreevitch, já por várias vezes, perdera-a de vista, quando o bonde consertado movia-se e ultrapassava-a. Depois, ela, por várias vezes voltava

ao seu campo de visão, quando novo enguiço parava o bonde e a dama o alcançava.

Iúri Andreevitch lembrou-se dos problemas escolares para calcular o prazo e a ordem dos trens, que partiam em diferentes horários e andavam em diferentes velocidades, então queria lembrar a fórmula comum de solucioná-los, mas nada conseguia e não os levou até o fim; pulou destas recordações para outras, para raciocínios mais complexos.

Ele pensou em algumas existências que se desenvolviam ao seu lado, que se moviam com diferentes velocidades uma ao lado da outra, e como o destino de alguém ultrapassa na vida o destino de outra pessoa e quem sobrevive a quem. Algo parecido com o princípio da relatividade na luta cotidiana surgiu para ele, porém, definitivamente confuso, largou estas aproximações também.

Um raio reluziu e um trovão retumbou. O infeliz bonde, sabe-se lá qual era a vez, enguiçou na ladeira da rua Kudrinskaia em direção ao Zoológico. A dama de lilás apareceu, um pouco depois, na moldura da janela, passou diante do bonde e começou a distanciar-se. As primeiras gotas grossas da chuva caíram na calçada, na rua e na dama. Uma rajada de vento forte arrastou-se pelas árvores, esbarrando folhas em folhas, começou a arrancar o chapéu da dama e a virar sua saia e, de repente, acalmou-se.

O doutor sentiu um acesso de náuseas que o privava de forças. Superando a fraqueza, levantou-se do banco e, com arrancos para cima e para baixo pelas correias, tentou abrir a janela do vagão. A janela não cedia a seus esforços.

Para o doutor, gritavam que a moldura estava chumbada aos umbrais, porém, lutando com a crise e tomado por uma certa inquietação, ele não relacionava esses gritos a si e não lhes dava atenção. Continuava com as tentativas e, novamente, com três movimentos para cima e para baixo, puxou para a frente a moldura e, de repente, sentiu uma dor inédita e irremediável por dentro e entendeu que algo se rompera dentro dele, que fizera um gesto fatal e que tudo estava perdido. Nesse momento, o vagão moveu-se, mas depois de rodar um pouco pelo bairro da Presnia, parou.

Com uma força de vontade sobre-humana, cambaleando e mal conseguindo abrir caminho através da multidão que estava no corredor entre os bancos, Iúri Andreevitch alcançou a área traseira do bonde. Não o

deixavam passar e insultavam-no. Pareceu-lhe que o fluxo de ar refrescava-o, que talvez nem tudo estivesse perdido e que se sentia melhor.

Começou a passar pela multidão na área traseira, provocando outros xingamentos, empurrões e raivas. Sem dar atenção às reclamações, arremeteu contra a multidão, desceu pelos degraus do bonde parado até a rua, deu um passo, outro, um terceiro, desabou nas pedras e não se levantou mais.

Criou-se uma algazarra, barulho, murmúrio, discussões, conselhos. Várias pessoas desceram do bonde e cercaram o homem caído. Logo perceberam que não respirava mais, que seu coração parara. Ao grupo de pessoas ao redor do corpo, juntavam-se outras que passavam pela calçada. Uns aliviavam-se e outros decepcionavam-se por não ser um atropelado e por sua morte não ter nenhuma ligação com o bonde. A multidão crescia. A dama de lilás também aproximou-se, olhou, olhou o morto, ouviu as conversas e seguiu seu caminho. Era uma estrangeira, mas entendeu que uns aconselhavam a levar o corpo para dentro do bonde e levá-lo até o hospital e outros diziam que tinham que chamar a milícia. Ela seguiu em frente sem aguardar a decisão final.

A dama de lilás era cidadã suíça, *mademoiselle* Fleury, de Meliuzeev, velha, muito velha. Durante doze anos havia solicitado, por escrito, o direito de voltar para sua pátria. Pouco tempo atrás, seu requerimento fora deferido. Veio a Moscou para pegar seu visto de saída. Naquele dia, ela dirigia-se ao consulado de seu país para receber o visto e abanava-se com os documentos embrulhados e amarrados com fitas. E ela seguiu em frente, pela décima vez ultrapassando o bonde e, sem ter a mínima idéia disso, ultrapassou Jivago e sobreviveu a ele.

Do corredor, pela porta, via-se o canto do quarto com a mesa colocada nele de viés. Da mesa, via-se a parte inferior do caixão, estreita e grosseiramente talhada como uma canoa, com os pés do falecido voltados para a porta. Era a mesma mesa sobre a qual Iúri Andreevitch escrevia. Não havia outra no quarto. Os manuscritos foram colocados nas gavetas e em

cima da mesa depuseram o caixão. As almofadas da cabeça eram muito altas, o corpo estendia-se no caixão como suspenso no aclave de uma colina.

Flores em grande quantidade cercavam-no, arbustos inteiros de lilás branca, rara naquela estação, de ciclames, de cinerárias em vasos e cestas. As flores encobriam a luz das janelas, que penetrava parcialmente através delas, expondo o rosto e as mãos de cera do falecido e a madeira e o revestimento do caixão. Sobre a mesa estendia-se um bonito desenho de sombras, que pareciam estar imobilizadas naquele instante.

O costume de incinerar os mortos em crematórios estava bastante difundido naquela época. Na esperança de receber uma pensão para as crianças, preocupados com o seu futuro escolar, e por não desejar prejudicar a situação de Marina no departamento onde ela trabalhava, renunciou-se ao velório religioso. Resolveram limitar-se à cremação oficial. Dirigiram-se às organizações competentes. Aguardavam seus representantes.

Na espera, o quarto estava vazio, como cômodos liberados entre a saída de antigos e a entrada de novos moradores. Esse silêncio era violado somente pelos passos solenes, nas pontas dos pés, e pelo farfalhar dos que despediam-se. Eram poucos, porém bem mais numerosos do que se podia supor. A notícia da morte da pessoa de nome quase desconhecido espalhava-se com uma velocidade milagrosa sobre todo o seu círculo. Juntou-se um número razoável de pessoas que conheceram o falecido em diferentes épocas de sua vida e em diferentes épocas foram perdidas e esquecidas. O seu pensamento científico e a poesia encontraram ainda maior número de amigos desconhecidos, que nunca tinham visto aquela pessoa que os atraía e que vieram vê-lo pela primeira vez e lançar-lhe um último olhar de despedida.

Naquelas horas, quando pesava um silêncio geral, que nenhuma cerimônia preenchia, oprimia aqueles homens a perda quase sensível e somente as flores substituíam os cantos que faltavam e o ritual ausente.

Elas não só floresciam e exalavam aroma, mas, como se fosse em coro, e talvez acelerando com isso a decomposição do corpo, ofereciam a todos sua força aromática, parecendo celebrar um ritual.

O reino das plantas é fácil de ser imaginado como o vizinho mais próximo do reino da morte. Lá, na vegetação da terra, entre as árvores dos cemitérios, entre os rebentos das flores saídos dos canteiros estão

concentrados, talvez, os segredos da transformação e dos enigmas da vida, que tanto nos atormentam. Maria não reconheceu Jesus, saído do caixão, no primeiro minuto e confundiu-o com o jardineiro que caminhava pelo cemitério. (Supondo ela que fosse o jardineiro, respondeu: "Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu irei buscá-lo.")

14

Quando levaram o morto para o local de seu último domicílio, na travessa Kamergerski, os amigos, avisados e abalados com a sua morte, irromperam pela porta da frente do apartamento escancarado, com Marina enlouquecida pela terrível notícia. Durante um longo tempo ela ficou fora de si, rolava no chão, batia com a cabeça contra um comprido baú com assento e encosto que estava na entrada, em cima do qual colocaram o falecido até a chegada do caixão que fora encomendado, enquanto arrumavam o quarto bagunçado. Ela desfazia-se em lágrimas, balbuciava e gritava, sufocando-se com as palavras, a metade das quais eram gritos de lamentações que escapavam espontaneamente. Extravasava, seguindo as tradições do povo, sem se intimidar e reparar em ninguém. Marina agarrou o corpo e não era possível separá-la dele, para levar o falecido para o quarto arrumado e liberado de móveis excessivos, lavá-lo e acomodá-lo no caixão. Tudo isso fora no dia anterior. No dia seguinte, a exaltação de seus sofrimentos acalmou-se, deixando espaço para a consternação muda e estúpida, porém continuava fora de si, nada dizia e nada lembrava.

Ali permanecera o restinho do dia e da noite anterior, sem sair para lugar algum. Para lá, levavam-lhe Klava para amamentar e Kapa, com sua jovem babá.

Estava cercada por pessoas íntimas como Dudorov e Gordon, que compartilhavam com ela da mesma dor. No banco, ao seu lado, sentou-se seu pai, Markel, que soluçava silenciosamente, e estrondosamente assoava o nariz. Aproximavam-se dela a mãe e as irmãs, aos prantos.

E havia duas pessoas, na afluência dos presentes, um homem e uma mulher, que se destacavam de todos. Nada faziam para aproximar-se do morto, como os citados. Não competiam com Marina pela desgraça, nem

com suas filhas e nem com os amigos do falecido e davam-lhes preferência. Essas duas pessoas não tinham nenhuma pretensão, porém alguns direitos próprios específicos sobre o falecido. Esses plenos poderes, incompreensíveis e ocultos, dos quais os dois, de alguma forma estavam investidos, a ninguém dizia respeito nem eram questionados. Eram exatamente essas pessoas que, pelo visto, cuidaram do enterro e de sua organização desde o início, e ocupavam-se de tudo com uma tranquilidade tão regular como se isso lhes desse certa satisfação. Essa grandeza de espírito dos dois saltava aos olhos de todos e provocava uma sensação estranha. Parecia que essas pessoas tinham a ver não só com o enterro, mas com a morte, não como seus culpados ou responsáveis, mas como personalidades que, depois do ocorrido, deram a permissão para esse acontecimento, que o aceitaram, acreditando que não era o mais importante. Alguns conheciam aquelas pessoas, outros adivinhavam quem eram e terceiros, que formavam a maioria, não tinham a menor noção de quem eram.

Mas quando aquele homem, com olhos puxados de quirguiz, perspicazes e exaltados, que despertavam a curiosidade, e aquela mulher, bonita sem afetações, entraram no quarto onde estava o caixão, todos que estavam sentados, de pé ou em movimento, até mesmo Marina, sem fazer objeções, como se tivessem combinado, liberaram o recinto, abriram caminho, levantaram-se das cadeiras e bancos colocados ao longo das paredes, e, espremendo-se, saíram para o corredor e a entrada. O homem e a mulher ficaram sozinhos, a portas fechadas, como dois iniciados, convocados para realizar algo relativo ao enterro e imprescindivelmente importante no silêncio, sem empecilhos e sem perturbações. Assim foi daquela vez. Os dois ficaram a sós, sentaram-se nas duas cadeiras dispostas ao lado da parede e conversaram sobre o que interessava-os:

— O que o senhor descobriu, Ievgraf Andreevitch?

— A cremação é hoje à noite. Daqui a meia hora virão do sindicato dos médicos buscar o corpo e o levarão para o clube do sindicato. A cerimônia fúnebre está marcada para as quatro. Nenhum documento estava em ordem. A carteira de trabalho estava vencida, a carteira do sindicato era do modelo antigo e não fora trocada, há alguns anos as contribuições não eram pagas. Tudo teve que ser regularizado. Por isso a burocracia e o atraso. Antes de sair da casa, aliás, esse momento não está distante, temos que nos preparar,

deixarei a senhora aqui a sós, como me pediu. Desculpe-me. Está ouvindo? É o telefone. Um minuto.

Ievgraf Jivago saiu para o corredor, repleto pelos desconhecidos colegas de trabalho do doutor, seus colegas de escola, servidores do hospital subordinados a ele e trabalhadores das livrarias. Lá, Marina, envolvendo as crianças nos braços e cobrindo-as com as barras do sobretudo jogado nos ombros (o dia estava frio e uma corrente fria vinha da porta de entrada), estava sentada na beira do banco, esperando quando novamente lhe abrissem a porta, assim como se aguarda o encontro com um preso, esperando que o guarda deixe entrar no parlatório da prisão. O corredor estava apertado. Uma parte dos presentes não cabia nele. A saída para a escada estava aberta. Havia muitas pessoas de pé, caminhando e fumando na entrada e na escada. Nos degraus mais baixos da escada conversavam em voz alta e cada vez mais livremente à medida que estavam mais próximos da rua. Forçando o ouvido por causa do rumor surdo, Ievgraf com uma voz abafada, como exigia o decoro, e cobrindo com a mão o bocal do telefone, respondia provavelmente sobre a organização do enterro e as circunstâncias da morte do doutor. Voltou para o quarto. A conversa continuou.

— Por favor, não suma depois da cremação, Larissa Fiodorovna. Quero pedir-lhe um grande favor. Não sei onde está hospedada. Não me deixe desinformado de onde encontrá-la. Quero brevemente, amanhã ou depois de amanhã, ocupar-me dos papéis do meu irmão. Preciso da sua ajuda. A senhora sabe de tanta coisa, provavelmente mais que todos. Deixou escapar, sem querer, que está aqui somente há dois dias, vindo de Irkutsk numa passagem breve por Moscou e que veio a esse apartamento por outro motivo, por acaso, sem saber que meu irmão morou aqui nesses últimos meses e sem saber do que ocorreu aqui. Não entendi parte de suas palavras e peço explicações, mas não desapareça, não sei o seu endereço. O melhor seria passar alguns poucos dias dedicados ao exame dos manuscritos, sob o mesmo teto ou numa pequena distância entre nós, talvez nos outros dois cômodos do prédio. Isso seria possível. Conheço o administrador.

— O senhor diz que não me entendeu. O que não ficou claro? Cheguei a Moscou, deixei as malas no depósito, caminhando pela velha Moscou, não reconheci dela a metade, tinha me esquecido. Caminhei, caminhei, descii a travessa Kuznetskii, subi a Kuznetski e, de repente, deparei-me com algo terrível e extremamente conhecido: Kamergerski. Aqui, o Antipov fuzilado,

meu falecido marido, quando estudante, alugava exatamente esse quarto onde estamos sentados. Pensei em fazer uma visita. Talvez os donos, para minha felicidade, estivessem vivos. Mas que eles não estão aqui e que tudo está mudado eu soube depois, no dia seguinte e hoje, aos poucos, pelas respostas. Mas o senhor estava presente, para que estou contando isso? Senti-me como atingida por um raio, a porta de entrada escancarada, o quarto cheio de gente, um caixão, dentro do caixão, um morto. Que morto? Entrei, aproximei-me e pensei que enlouquecera, que delirava, mas o senhor testemunhou tudo, não é verdade, por que estou lhe contando isso?

— Espere, Larissa Fiodorovna, vou interrompê-la. Já lhe disse que eu e meu irmão nem desconfiávamos de que tantas coisas impressionantes estavam ligadas a esse quarto. Nem, por exemplo, de que algum dia nele morou Antipov. O mais impressionante, porém, é uma expressão que lhe escapou. Já direi qual foi, desculpe. Sobre Antipov, sobre a atividade militar-revolucionária de Strelnikov. Certa época, no início da guerra civil, ouvi muito e freqüentemente, quase diariamente, e uma ou duas vezes vi-o pessoalmente sem prever como ele, algum dia, teria a ver comigo por motivos familiares. No entanto, desculpe-me, pode ser que eu não tenha ouvido direito, pode ser que tenha imaginado que a senhora disse e então seria um lapso. "Antipov fuzilado." Será que a senhora não sabe que ele se suicidou?

— Sei que existe esta versão, mas não creio nela. Pavel Pavlovitch nunca foi um suicida.

— Mas é verdade fidedigna. Antipov matou-se na casinha, da qual a senhora partiu, segundo o relato de meu irmão, em direção a Iuriatin para seguir depois para Vladivostok. Isso aconteceu logo depois de sua partida com sua filha. Meu irmão encontrou o corpo e enterrou-o. Será que essas informações não chegaram à senhora?

— Não. Tive outras. Então é verdade que se suicidou? Assim afirmavam muitos e eu não acreditava. Naquela mesma casinha? Não pode ser! Que detalhe importante o senhor contou-me! Perdoe-me, não sabe se ele e Jivago se encontraram? Conversaram?

— Pelas palavras do falecido Iúri, tiveram uma longa conversa.

— É mesmo? Graças a Deus. Assim é melhor (Antipova fez lentamente o sinal-da-cruz). Que coincidência impressionante, enviada por forças

superiores! Permite que eu volte mais uma vez a essa questão e pergunte sobre todos os detalhes? Para mim, é valioso cada detalhe. Agora não estou em condições. Não é verdade? Estou muito emocionada! Ficarei um pouco calada, descansarei, organizarei os pensamentos. Não acha?

— Oh, é claro, é claro. Por favor.

— Não é verdade?

— Sem dúvida.

— Ah, quase me esqueci. O senhor pediu-me para que não fosse embora depois da cremação. Está bem. Prometo. Não desaparecerei. Retornarei com o senhor para esse apartamento, ficarei onde me indicar e o quanto precisar. Vamos ocupar dos manuscritos de Iurotchka. Ajudarei o senhor. Realmente, quem sabe, eu lhe possa ser útil. Isso será um reconforto para mim! Com o sangue do coração, com cada veia, sinto as curvas de sua letra. E, depois, também tenho um pedido a fazer. Precisarei do senhor, não é mesmo? Não é advogado ou pelo menos um bom conhecedor das ordens existentes, passadas e atuais? Além do mais, é tão importante saber a que instituição dirigir-se para solicitar um determinado documento! Nem todos sabem disso, não é verdade? Precisarei do seu conselho sobre uma dúvida que me oprime terrivelmente. O assunto é sobre uma criança. Mas falaremos a respeito depois, depois que voltarmos do crematório. A vida inteira tenho que passar procurando por alguém, não é verdade? Diga-me, imagine se, em um certo caso, fosse necessário encontrar pistas, pistas de uma criança entregue a estranhos para criação, existe algum arquivo geral do Estado, de todos os orfanatos existentes? Fazia-se, estabelecia-se ou não, uma relação ou registro de todas as crianças abandonadas? Mas não me responda agora, suplico-lhe. Depois, depois. Oh, que medo, que medo! Que coisa terrível é a vida, não é mesmo? Não sei como será mais tarde, quando chegar a minha filha, mas por enquanto posso ficar nesse apartamento. Katenka revelou um talento extraordinário para o teatro, um lado dramático e outro musical, ela imita maravilhosamente a todos e encena produções próprias, mas além disso canta de ouvido partes inteiras de óperas, é uma criança incrível, não é mesmo? Gostaria que ingressasse nos cursos preparatórios da Escola de Arte Dramática ou no Conservatório, onde admitiram colocá-la como interna, foi para isso que vim, para tomar as providências antes de sua chegada, e depois vou embora de novo. Mas não dá para contar tudo, não é mesmo? Mas tornaremos a falar sobre isso depois. Agora vou esperar

acalmar-me da emoção, vou ficar quieta, organizar meus pensamentos, tentar espantar os medos. Além do mais, deixamos os parentes de Iúri no corredor por muito tempo. Pareceu-me que bateram à porta por duas vezes. E lá embaixo há uma movimentação, um barulho! Deve ter chegado alguém da organização do funeral. Por enquanto, vou ficar sentada pensando, abra a porta e deixe as pessoas entrarem. Está na hora, não é mesmo? Espere, espere. Temos que arranjar uma banquetta para colocar ao lado do caixão, se não fica difícil aproximar-se de Iurotchka. Tentei ficar nas pontas dos pés, mas é muito difícil. E isso será necessário para Marina Markelova e as crianças. E além do mais, a tradição exige: "E me beijem com seu último beijo." Oh, não agüento, não agüento. Como dói. Não é verdade?

— Já deixarei todos entrarem. Mas antes quero dizer o seguinte. A senhora disse tantas coisas misteriosas e levantou tantas questões que, pelo visto, lhe causam sofrimento, que tenho dificuldade de responder. Quero dizer uma coisa só, quero que saiba disso. Com prazer, de todo meu coração, ofereço em tudo a ajuda que precisar. E lembre-se. Nunca, em nenhum caso, pode entrar em desespero. Ter esperança e agir é a nossa obrigação numa desgraça. O desespero sem ação é o esquecimento e a recusa do dever. Agora deixarei entrar os que vieram despedir-se. Tem razão quanto à banquetta. Vou arranjar uma e colocá-la aqui.

Porém Antipova já não ouvia. Ela não ouviu quando Ievgraf Jivago abriu a porta do quarto e por ela irrompeu uma multidão vinda do corredor, não ouviu suas conversas com os organizadores do funeral e com os principais acompanhantes, não ouviu o barulho dos passos dos que entravam, os soluços de Marina, a tosse dos homens, o choro e gritos das mulheres.

O turbilhão de sons monótonos a sacudia, causava-lhe náuseas. Esforçava-se ao máximo para não desmaiar. Seu coração queria explodir, a cabeça latejava. Com a cabeça inclinada, mergulhou nas suposições, raciocínios, lembranças. Entregou-se a eles e afundou como se transferindo-se, durante algumas horas, para uma idade futura a qual ainda não sabia se atingiria e que a envelhecia em dezenas de anos e a transformava numa velha. Mergulhou nos pensamentos como se tivesse alcançado o fundo, bem o fundo de sua infelicidade. Ela pensava:

"Não restou ninguém. Um morreu. O outro matou-se. E só ficou vivo aquele que deveria ter sido morto, contra a vida de quem ela atentara, mas errara o alvo, esse estranho, inútil, que transformou sua vida numa corrente

de crimes que ela própria desconhecia. E aquele monstro de mediocridade vagueia e agita-se pelos cantos míticos da Ásia, conhecidos só por colecionadores de selos postais e não restou-lhe ninguém próximo e necessário.

"Ah, mas foi no Natal, antes do tiro planejado naquele monstro vulgar, que houve a conversa no escuro com Pacha-menino naquele mesmo quarto; e Iúri, de quem agora despedem-se aqui, ainda não entrara em sua vida."

E ela começou a forçar a memória para recuperar aquela conversa natalina com Pachanka, mas não conseguia lembrar-se de nada, além da vela que queimava no batente da janela e do círculo derretido na crosta de gelo do vidro ao lado dela.

Podia ela imaginar que o morto, deitado aqui em cima da mesa, viu esse olhinho na sua passagem pela rua e prestou atenção na vela? Que a partir desta chama — "Uma vela ardia sobre a mesa, ardia uma vela" — iniciou-se em sua vida a predestinação?

Seus pensamentos dispersaram-se. Ela pensou: "Que pena, afinal, que a cerimônia de corpo presente não seja religiosa! O rito fúnebre é tão grandioso e solene! A maioria dos mortos não o merece. E Iurotchka é um dos que merecia! Ele merecia tanto isso tudo, justificou e compensou tanto esse 'solução fúnebre que se transforma na canção de aleluia!'"

E ela sentiu uma onda de orgulho e leveza, como sempre acontecia quando pensava em Iurotchka e nos curtos períodos que vivera na sua intimidade. Os anseios de liberdade e desprendimento que sempre irradiavam dele a envolveram agora também. Levantou-se impaciente do banco no qual estava sentada. Algo não muito compreensível acontecia com ela. Queria, mesmo que fosse por pouco tempo, fugir para a liberdade com a ajuda dele, para o ar puro, para fora do maremoto de sofrimentos que a amarrava, sentir, como acontecia antes, a felicidade de ser livre. Sonhava e imaginava com essa felicidade, a felicidade da despedida dele, de fato e de direito, de despedir-se sozinha, à vontade, sem obstáculos e chorar sobre ele. Com uma rapidez terrível, ela contornou a multidão com um olhar abatido pela dor, cego e repleto de lágrimas, como se pingado de colírio que arde, todos moveram-se, assoaram-se, começaram a distanciar-se e sair do quarto, deixando-a finalmente a sós, atrás das portas fechadas. E ela, benzendo-se rapidamente ao andar, aproximou-se da mesa e do caixão, subiu

na banquetta colocada por Ievgraf, benzeu vagarosamente o corpo três vezes com amplos sinais-da-cruz e beijou-lhe a testa e as mãos geladas. Não percebeu que a testa fria parecia ter diminuído, ficando do tamanho de um punho fechado. Ela, felizmente, não percebeu isso. Ficou imóvel durante alguns instantes, sem falar, sem pensar, sem chorar, e cobriu a metade do caixão, as flores e o cadáver com seu próprio corpo, com sua cabeça, seu peito, sua alma e com suas mãos, grandes como o espírito.

15

Larissa abalava-se toda pelos choros contidos. Enquanto pôde, lutou com eles, mas, de repente, tudo ficou superior às suas forças, as lágrimas irromperam nela e banharam seu rosto, o vestido, as mãos e o caixão, no qual ficou grudada.

Nada dizia, nada pensava. Uma série de pensamentos, de interesses comuns, de conhecimentos, de autenticidade, corriam livremente, conduziam através dela como nuvens pelo céu, como antigamente em suas conversas noturnas. Isso realmente acontecera e era isso que lhe trazia felicidade e liberdade: inspirar saberes um ao outro, sem competição, de forma ardente, instintiva.

Deste saber ela estava repleta agora também, um saber sombrio e impreciso da morte, um preparo para ela, a ausência de desnor-teio diante dela. Como se já tivesse vivido vinte vezes na terra, tivesse perdido Iúri Jivago vezes sem fim e tivesse acumulado uma experiência no coração por causa disso. Daí, tudo que sentia e fazia junto daquele caixão era adequado e oportuno.

Oh, que amor era este, livre, inédito, incomparável! Eles entendiam-se como os outros cantarolavam.

Amavam um ao outro não por fatalidade, nem "abrasados pela paixão" como imaginavam falsamente. Amavam-se porque assim queria tudo em volta deles: a terra sob seus pés, o céu sobre suas cabeças, as nuvens, as árvores. Os que estavam ao redor deles gostavam mais do seu amor, provavelmente, até mais do que eles próprios. Os desconhecidos na rua, os

espaços longínquos que se abriam diante deles nos seus passeios, os quartos em que viviam ou encontravam-se.

Ah, era isso, era isso mesmo o mais essencial, o que os ligava e os unia! Jamais, até nos momentos de maior felicidade, entrega e esquecimento, um sentimento mais elevado e arrebatador nunca os abandonava: o prazer da criação conjunta do mundo, o sentimento de pertencer a esse conjunto, a sensação de pertencer à beleza de todo o espetáculo, de relacionar-se ao universo inteiro.

Respiravam somente esta conjunção. Por isso, a exaltação do homem acima do resto da natureza, a sua bajulação humanitária em moda e a adoração idólatra do homem não os atraíam. Os princípios da falsa comunidade, transformada em política, lhes parecia de uma pobreza medíocre e permaneciam incompreendidos.

16

Ela começou a despedir-se dele com palavras simples, comuns, de conversa animada e sem cerimônia, que rompia os limites da realidade e que não faziam sentido, assim como não têm sentido os coros e os monólogos das tragédias, os versos, a música e outras convenções que se justificam somente condicionados pela emoção. A condicionalidade deste caso, que justificava a tensão de sua conversa leve e improvisada, eram suas lágrimas nas quais afundavam, banhavam-se e nadavam suas palavras comuns e cotidianas.

Parecia que exatamente aquelas palavras molhadas de lágrimas formavam um murmúrio carinhoso e rápido, assim como o vento farfalha a folhagem sedosa e úmida misturada à chuva morna.

— Eis que estamos juntos novamente, Iurotchka! De novo, Deus fez com que nos encontrássemos. Que horror, pense só! Oh, eu não agüento mais! Meu Deus! Choro e choro! Pense! Eis que, novamente, algo semelhante, algo que nos une acontece: sua partida, meu fim! Novamente algo grandioso, irremediável. O mistério da vida, o mistério da morte, a maravilha do gênio, a maravilha da nudez, isto, é claro, nós compreendíamos. Porém, as pequenas desavenças mundiais, como a reestruturação do mundo, queiram nos desculpar, perdoem, mas não é da nossa alçada.

"Adeus, meu grande e querido amor, adeus, meu orgulho, adeus, meu rio ligeiro e azul; como eu amava seu ruído diário, como gostava de jogar-me em suas ondas frias!

"Lembra como despedi-me de você lá na neve? Como você enganou-me! Como poderia partir sem você? Oh, eu sei, eu sei, fez isso forçadamente, imaginava ser para o meu bem. Então, tudo virou cinza! Meu Deus, o que tive que passar e o que sofri! Mas você não sabe de nada. Oh, o que eu fiz, Iúri, o que eu fiz! Sou uma criminosa, você não tem idéia! Porém, não sou culpada. Fiquei, então, três meses internada no hospital, e um mês inconsciente. Desde aquela época não tenho paz, Iúri. Minha alma não tem paz de tanto remorso e sofrimento! No entanto, não estou dizendo e revelando o principal. Não consigo dizê-lo, está além das minhas forças. Quando chego a este momento de minha vida, sinto meus cabelos se eriçarem na cabeça, de pavor. Sabe, eu não poderia jurar que estou inteiramente normal. Mas veja, não bebo, como muitos, não vou por esse caminho, porque uma mulher bêbada é o fim, é algo despropositado, não é verdade?

E ela dizia mais coisas, chorava, sofria. De repente, ela levantou admirada a cabeça e olhou ao seu redor. Há muito tempo havia no quarto gente, preocupações, movimentação. Ela desceu da banqueta e, cambaleando, afastou-se do caixão, passando a palma da mão pelos olhos, como se retirasse o restinho das lágrimas não choradas para sacudi-las com a mão e atirá-las no chão.

Os homens aproximaram-se do caixão e levantaram-no em três sudários. O féretro saiu.

Larissa Fiodorovna passou alguns dias na travessa Kamergerski. A análise dos papéis de Iúri, sobre a qual lhe falou Ievgraf Andreevitch, iniciara-se na sua presença, porém não fora terminada. Aconteceu também a conversa com Ievgraf Andreevitch que ela havia pedido. Ele soube dela algo importante.

Certo dia, Larissa Fiodorovna saiu de casa e não voltou mais. Pelo visto, fora presa na rua e morrera ou desaparecera, esquecida sob algum número

sem nome, nas listas que posteriormente sumiram, num dos inúmeros campos de concentração gerais ou femininos do norte.

Epílogo



1

No verão de 1943, depois do rompimento em Kurskaia Duga e da libertação de Oriol, Gordon, que recentemente fora promovido a aspirante de oficial, e o major Dudorov retornavam separadamente para a sua unidade militar. O primeiro voltava de Moscou de uma missão oficial, o segundo, do mesmo local, após uma licença de três dias.

No caminho de volta os dois se encontraram e pernoitaram em Tchern, uma pequena cidadezinha, que apesar de devastada não fora destruída por completo, como a maioria dos povoados locais dessa "zona de deserto" arrasados da face da terra pelo inimigo em fuga.

Entre as ruínas da cidade, formadas por montes de tijolos quebrados e poeira fina de brita moída, encontraram um palheiro não atingido, sobre o qual os dois deitaram-se ao anoitecer.

Estavam sem sono. Conversaram a noite inteira. Pela manhã, às três horas, Dudorov cochilou, mas logo foi acordado pelo alvoreço de Gordon. Com movimentos bruscos, ele recolhia numa trouxa algumas roupas usadas e depois, da mesma forma desajeitada, começou a descer do monte de feno até a entrada do palheiro.

— Aonde vai todo arrumado? Ainda é cedo.

— Vou até o rio. Quero lavar um pouco de roupa.

— Está maluco. À noite estaremos no destacamento e a roupeira Tanka nos dará uma muda. Por que esta correria para lavar?

— Não quero deixar para depois. Suei, a roupa está suja. A manhã está quente. É só enxaguar rapidamente e torcer bem, pondo no sol secará num instante. Então tomo um banho e troco de roupa.

— Mas mesmo assim, sabe, é incômodo. Concorde, você é um oficial, no fim das contas.

— É cedo. Todos estão dormindo. Irei para trás de um arbusto qualquer. Ninguém me verá. E você durma, em vez de conversar. Vai espantar o sono.

— Não vou conseguir dormir mais. Vou com você.

E eles foram até o rio, atravessando as demolições brancas de pedra que já estavam quentes sob o sol ardente recém-nascido. Entre as urtigas, no chão, em pleno sol, dormiam roncando pessoas suadas e vermelhas. Eram em sua maioria velhos, mulheres e crianças que ficaram sem teto e, às vezes, solitários soldados do Exército Vermelho que se atrasaram e estavam alcançando seus destacamentos. Gordon e Dudorov, com cuidado, olhando a toda hora embaixo dos pés para não pisá-los, andavam entre as pessoas adormecidas.

— Fale mais baixo, se não vai acordar a cidade inteira e, aí, adeus minha lavagem de roupa.

E eles, a meia voz, continuavam sua conversa noturna.

2

— Que rio é esse?

— Não sei. Não perguntei. Provavelmente Zucha.

— Não, não é o Zucha. Algum outro.

— Então não sei.

— Foi em Zucha que tudo aconteceu com Cristina.

— Sim, mas em outro local da correnteza. Um pouco mais embaixo. Dizem que a igreja colocou seus traços no rosto das santas.

— Lá havia uma construção que recebeu o nome de "Estrebaria". Realmente, era uma estrebaria da coudelaria do *sovkhoz* ^{117}, um nome comum, que, no entanto, tornou-se histórico. Uma estrebaria antiga, com paredes grossas. Os alemães reforçaram-na e transformaram-na num forte inexpugnável. Dele, metralhava-se bem toda a região, o que retardava a

nossa ofensiva. Tinham que tomar a estrebaria. Com uma coragem fantástica e muita presença de espírito, Cristina penetrou nas posições alemãs, explodiu a estrebaria, foi capturada viva e enforcada.

— Por que Cristina Orletsova e não Dudorova?

— Ainda não éramos casados. No verão de quarenta e um, juramos um ao outro que casaríamos assim que a guerra terminasse. Depois disso, acampeei com o resto do exército. A minha unidade foi transferida. Por causa desses deslocamentos eu a perdi de vista. Não a vi mais. Sobre sua valentia e morte heróica eu soube da mesma forma que os outros. Pelos jornais e pelas ordens-do-dia dos regimentos. Por aqui, dizem, estão pensando em erguer um monumento a ela. Ouvi dizer que o irmão do falecido Iúri, o general Jivago, está visitando estas localidades e recolhendo informações sobre ela.

— Desculpe se suscitei a conversa sobre ela. Deve ser difícil para você.

— Não é este o problema. Mas já falamos demais. Não quero atrapalhar você. Tire a roupa, entre na água e ocupe-se de seus afazeres. Vou esticar-me na margem com um caule entre os dentes, vou mastigar e pensar, quem sabe cochilo um pouco.

Alguns minutos depois, a conversa foi restabelecida.

— Onde aprendeu a lavar roupa?

— A necessidade ensina. Não tivemos sorte. De todos os campos de trabalhos forçados, caímos no mais terrível. Poucos sobreviveram, começando pela chegada. Retiraram um grupo do vagão. Um deserto de neve. Ao longe, uma floresta. Havia guardas, as bocas dos fuzis abaixados, cães da raça pastor-alemão. Aproximadamente à mesma hora, em diferentes momentos, conduziram até ali novos grupos. Formaram um amplo polígono no campo inteiro, com as costas voltadas para fora para que não vissemos uns aos outros. Ordenaram que ficássemos de joelhos e, sob ameaça de fuzilamento, que não olhássemos para os lados. Então, iniciou-se o infinito e humilhante procedimento de chamada, que se estendeu durante muitas horas. E todos de joelhos. Em seguida nos levantamos, os outros grupos foram levados para os postos e a nós anunciaram: "Eis o campo de vocês. Acomodem-se como quiserem." Um campo de neve sob céu aberto, no meio um poste, e no poste uma inscrição "Gulag 92 Ia nº 90", e mais nada

— Não, o nosso foi menos duro. Tivemos sorte. Era minha segunda condenação, que a primeira acarretava. Além do mais, meu caso dependia de outro artigo, do código com condições diferentes. Quando me liberaram, fui reintegrado como da primeira vez e permitiram que eu lecionasse na universidade. E quando a guerra começou, fui mobilizado para a frente com os plenos direitos de major e não como você, para um batalhão disciplinar.

— É, um poste com a inscrição "Gulag 92 Ia nº 90" e mais nada. Nos primeiros dias, no frio, com as mãos nuas quebramos varas para construir cabanas. E sabe, não vai acreditar, aos poucos nos acomodamos. Construimos prisões com as próprias mãos, cercamos com paliçadas, instalamos cárceres, torres de vigilância, tudo feito por nós. Começamos o corte e o armazenamento de madeira. Derrubávamos árvores. Nós as atrelávamos em oito nos trenós e carregávamos toras, afundando até o peito na neve. Por um longo tempo, não soubemos que começara a guerra. Escondiam-nos isso. E, de repente, uma proposta. Os que desejassem ir para a frente nos batalhões disciplinares, em caso de sobreviver às infinitas batalhas, receberiam a liberdade. E depois, ataques e ataques, quilômetros de cercas de arame farpado com corrente elétrica, minas, lança-minas, meses e meses de fogo cruzado. Não era de admirar que nessas companhias fôssemos chamados de condenados à morte. Quase todos foram mortos. Como sobrevivi? Como pude sobreviver? No entanto, imagine, todo aquele inferno sangrento era um paraíso comparado aos horrores do campo de concentração, não em consequência das condições de vida espantosas, mas por algo diferente.

— É, meu irmão, você comeu o pão que o diabo amassou.

— Não se aprendia apenas a lavar roupa, mas qualquer outra coisa.

— Que coisa impressionante. Não somente em função de seu destino nos trabalhos forçados, mas em relação a toda nossa vida anterior nos anos trinta. Até mesmo em liberdade, na próspera atividade dentro da universidade, entre os livros, com dinheiro, acomodações, a guerra representou uma tempestade de limpeza, uma corrente de ar puro, um sopro de redenção. Acho que a coletivização era falsa, uma medida que não deu certo, podia-se reconhecer o erro. Para encobrir o insucesso, tinha-se que, de todos os meios de intimidação, desacostumar as pessoas a julgar e pensar, forçá-las a ver algo inexistente e provar o contrário da evidência. Daí a

crueldade inaudita de Iezhov [{118}](#), a promulgação de uma Constituição que não seria aplicada, a convocação de eleições que não estavam fundamentadas nos princípios eleitorais. Quando a guerra estourou, seus terrores reais, seu perigo real e a ameaça de morte real eram benefícios, comparados ao domínio desumano da invenção; a guerra trouxe um alívio porque limitava a força mágica da letra morta.

"Mesmo as pessoas que não estavam em situação semelhante à sua, em campo de concentração, todos decididamente, na retaguarda e na frente de combate, respiraram mais livremente. A plenos pulmões e em êxtase, com o sentimento de felicidade verdadeira, lançaram-se na fornalha da luta terrível, mortal e salvadora.

"A guerra é um elo especial no encadeamento das décadas revolucionárias. Terminou a ação dos motivos que estavam diretamente ligados à natureza da Revolução. Começaram a revelar-se os resultados indiretos, os frutos dos seus frutos, as conseqüências de suas conseqüências. A força de caráter foi extraída da tragédia, a ausência de caprichos, o heroísmo da nova geração, o grandioso e as virtudes inesperadas manifestaram-se. São qualidades de contos de fadas que nos deixam pasmos e elas formam a nata moral dessa geração. Essas observações enchem-me de um sentimento de felicidade, apesar da morte sofrida de Cristina [{119}](#), dos meus ferimentos, das nossas perdas, deste preço caro e sangrento da guerra. Superar o peso da morte de Orletsova me traz a luz do espírito de sacrifício com a qual está iluminado o fim de sua vida e também a vida de cada um de nós. Exatamente quando você, pobrezinho, passava pelas infinitas torturas, eu fui libertado. Orletsova, nesta época, ingressou na faculdade de história. O eixo de seus interesses científicos levou-a até minha orientação. Há muito tempo, antes mesmo da minha primeira detenção no campo de concentração, quando ela era ainda uma criança, reparei nesta maravilhosa moça. Quando Iúri ainda estava vivo eu contei, lembra? Pois, então, caiu-me como uma de minhas alunas-ouvintes. O costume dos alunos de criticar o professor acabara de entrar em moda. Orletsova atirou-se nele impetuosamente. Somente Deus sabe por que ela destruía-me tão raivosamente. Seus ataques eram tão persistentes, belicosos e injustos que os outros estudantes da cátedra, às vezes, rebelavam-se e defendiam-me. Orletsova tinha um senso de humor maravilhoso. Sob um nome inventado, pelo qual todos reconheciam-me, ridicularizava-me o quanto queria no jornalzinho. De

repente, totalmente por acaso, esclareceu-se que aquela hostilidade inveterada era uma forma de mascarar um jovem amor, resistente, profundo e antigo. E sempre correspondi com o mesmo sentimento.

"Tivemos um maravilhoso verão em quarenta e um, no primeiro ano da guerra, nas suas vésperas e logo depois de seu anúncio. Alguns jovens estudantes, moços e moças, incluindo ela, alojaram-se numa localidade de dachas, nos arredores de Moscou, onde depois estabeleceu-se a minha unidade. Nossa amizade iniciou-se e transcorreu durante os seus ensinamentos militares, a formação dos destacamentos de voluntários dos arredores, o treinamento de pára-quedista de Cristina, o rechaço noturno das primeiras incursões alemãs sobre os telhados de Moscou. Já disse que festejamos o nosso noivado e logo depois fomos separados pelos meus deslocamentos. Não a vi mais.

"Quando, em nossas ações, iniciou-se uma favorável reviravolta e os alemães começaram a entregar-se aos milhares, eu, depois de ter sido ferido duas vezes e internado também duas vezes, fui transferido da artilharia antiaérea para o Sétimo Departamento do Quartel-General, onde precisavam de pessoas com conhecimento de línguas estrangeiras e para onde insisti que você fosse enviado, depois de ter descoberto onde você estava.

— A roupeira Tânia conhecia bem Orletsova. Encontraram-se na frente de batalha e tornaram-se amigas. Fala muito sobre Cristina. Esta Tânia tem uma maneira de sorrir com o rosto todo, como fazia Lúri, você percebeu? Por um minuto, a gente esquece o nariz arrebitado, a angulosidade da maçã do rosto, o rosto torna-se atraente, gracioso. É um tipo muito comum entre nós.

— Sei do que está falando. Pode ser. Não prestei atenção.

— Que nome bárbaro e horrível, Tanka Bezotcheredeva ^{120}. Isto não é, de forma alguma, um sobrenome, mas algo inventado, deturpado. O que acha?

— Mas ela explicou. Foi abandonada, os pais são desconhecidos. Provavelmente, nas profundezas da Rússia, onde a língua ainda é pura e intocável. Lá a chamavam de órfã, no sentido de não ter pai. A rua, que não entendia esse nome, que pega tudo de ouvido e aumenta tudo, transformou este significado à sua maneira, mais próximo de seu dialeto atual e grosseiro.

Isso aconteceu na cidade de Karatchev, destruída inteiramente logo depois do pernoite de Gordon e Dudorov em Tchern e da sua conversa noturna. Ali, alcançando o seu exército, os colegas encontraram sua retaguarda, que seguia atrás das forças principais.

Por mais de um mês, ininterruptamente, o tempo do outono quente foi claro e tranqüilo. Banhada pelo calor do céu azul sem nuvens, a terra negra e fértil de Brianchina, a abençoada região entre Oriol e Briansk, escurecia ao sol, com reflexos cor de chocolate e café.

A cidade era cortada pela rua principal reta que se encontrava com o leito da grande estrada. De um lado, estavam as casas destruídas, transformadas pelas minas em montanhas de entulho de construção, e as árvores dos jardins frutíferos retorcidas, partidas, queimadas e igualadas à terra. Do outro lado, atravessando a rua, estendiam-se os desertos, onde havia poucas construções, provavelmente anteriores à destruição da cidade, e que foram mais poupados pelo incêndio e explosões porque aqui não havia nada para destruir.

Do lado da estrada com construções, os habitantes sem teto remexiam os montes de cinzas, desenterravam e levavam alguma coisa aproveitável dos restos do incêndio para um só local. Outros escavavam rapidamente abrigos e cortavam a terra em camadas, para revestir a parte superior da moradia com grama.

Do lado oposto, sem construções, havia barracas brancas, todas as espécies de caminhões aglomerados e furgões puxados a cavalos de serviços do segundo escalão, hospitais de campanha separados dos quartéis-generais de suas divisões. Havia ainda destacamentos perdidos e misturados de todos os acampamentos possíveis, das intendências e dos depósitos de provisões que se procuravam uns aos outros. Ali também paravam para repousar, instalavam-se para matar a fome, colocavam o sono em dia e depois arrastavam-se em frente, em direção ao ocidente, os adolescentes magricelas e secos das companhias de reforços do batalhão de reserva, com boinas

cinzas e capotes cinzas pesados e enrolados, com as faces chupadas e terrosas, debilitados pela disenteria.

A metade da cidade, explodida e reduzida a cinzas, continuava a arder onde havia minas de ação retardada. A toda hora, os que remexiam os jardins interrompiam o trabalho, paralisados pelo tremor da terra sob seus pés, esticavam as colunas dobradas, apoiavam-se nos cabos das pás e, voltando as cabeças em direção à explosão, descansavam olhando longamente para aquele lado.

Lá, inicialmente em colunas e chafarizes e depois em ondas preguiçosas e pesadas, elevavam-se para o céu nuvens cinzentas, negras, vermelhas como tijolos e de chama de fumaça do lixo suspensa no ar, que se alastravam espalhavam-se como penachos, dispersavam-se e sedimentavam-se de volta na terra. Então os trabalhadores retomavam seu trabalho.

Uma das clareiras do lado sem construções era orlada por arbustos que eram inteiramente cobertos pela sombra das velhas árvores que lá cresciam. Com aquela vegetação, a clareira isolava-se do resto do mundo, como um pátio coberto, mergulhado numa penumbra fresca.

Na clareira, a roupeira Tânia, com dois ou três companheiros de regimento, e com alguns acompanhantes que pediram para vir junto, assim como Gordon e Dudorov, aguardavam o caminhão enviado desde a manhã para buscar Tânia e o material sob sua responsabilidade. Os objetos estavam distribuídos em algumas caixas amontoadas na clareira. Tatiana cuidava delas sem se afastar sequer um minuto, porém os outros também permaneciam por perto das caixas, para não deixar passar a oportunidade de ir embora, quando ela se apresentasse.

A espera já durava mais de cinco horas. Os que aguardavam não tinham o que fazer. Ouviam a incessante tagarelice loquaz da moça, que tinha passado por muitas coisas. Acabara de contar seu encontro com o general-de-brigada Jivago:

— Como? Foi ontem. Levaram-me pessoalmente ao general. Ao general-de-brigada Jivago. Estava por aqui de passagem e quis saber sobre Cristi, perguntou sobre as testemunhas oculares e sobre os que a conheciam pessoalmente. Indicaram-me. Disseram que eu era sua amiga. Mandou chamar-me. Então chamaram-me e levaram-me. Ele não é nada aterrorizador. Nada de mais, um homem como os outros. Olhos puxados, moreno. Relatei o

que sabia. Ouviu-me, disse obrigado e aí perguntou: "E você, quem é, de onde vem e como se chama?" Eu, naturalmente, tentei desviar o assunto. Gabar-me de quê? Uma criança abandonada! E, realmente, depois vocês sabem. Abrigos de correção, vagabundagem. Mas ele insistiu e disse: "Vamos fale, não tenha vergonha de nada, vergonha por quê?" Então, comecei com timidez, uma, depois duas palavras, e quanto mais eu falava, ele acenava com a cabeça e aí tomei coragem. Como eu tinha o que contar! Se ouvissem não acreditariam, diriam que estava inventando. Pois é, ele pensou o mesmo. Assim que terminei de falar, ele levantou-se, andou pela casa de um canto até o outro. "Diga-me, por favor, que aventuras são essas?" Depois disse: "Bem, agora estou com pressa. Mas vou encontrar você, não se preocupe, eu a encontrarei e chamarei novamente." Só não esperava ouvir o que ouvi: "Não a abandonarei assim. Teremos que esclarecer algo mais, alguns detalhes. Quem sabe, ainda vou me constituir como seu tio e darei a você o título de sobrinha de general. E ainda a farei estudar em qualquer universidade, a que quiser." Por Deus, é verdade. Que zombador engraçado!

Naquele momento, na clareira, entrou uma carroça comprida, com laterais altas, dentro das quais, na Polônia e na Rússia ocidental, carregam feixes. A parelha de cavalos era conduzida por um militar, na terminologia antiga, um *furleit*, soldado do comboio da cavalaria. Ele entrou na clareira, pulou da boléia e começou a desatrelar os cavalos. Todos, com exceção de Tatiana e alguns soldados, cercaram a carroça, suplicando que não a desatrelasse e os levasse para onde indicariam, em troca de pagamento, é claro. O soldado recusava-se porque não podia dispor dos cavalos e da carroça e deveria obedecer às ordens recebidas. Levou os cavalos soltos para algum lugar e não apareceu mais. Todos que estavam sentados no chão levantaram-se e transferiram-se para a carroça, que ficou na clareira. As histórias de Tatiana, interrompidas pelo surgimento da carroça e as negociações com o cocheiro, foram retomadas.

— O que você contou ao general? — perguntou Gordon. — Se possível, repita para nós.

— É claro, por que não?

E ela lhes contou sua terrível história.

— Eu realmente tenho o que contar. Ouvi dizer que minha origem não é humilde. Foram pessoas estranhas que me contaram isso ou eu mesma guardei no coração, mas ouvi dizer que minha mãezinha, Raíssa Komarova, era mulher de um ministro russo que se escondia na Mongólia Branca, o companheiro Komarov. Parece que esse mesmo Komarov não era meu pai verdadeiro. Bom, é certo que sou uma moça sem instrução, cresci órfã, sem pai nem mãe. Pode parecer-lhes engraçado o que digo, porém digo o que sei, ponham-se no meu lugar.

"Sim. Portanto, tudo que vou lhes contar, em seguida, aconteceu do outro lado das Kruchitsi, na outra ponta da Sibéria, depois do país dos cossacos, próximo da fronteira chinesa. Quando nós começamos, ou seja, os nossos soldados vermelhos começaram a aproximar-se da cidade principal deles, aquele mesmo ministro Komarov colocou a mãezinha com toda a sua família num trem especial e mandou que nos levassem embora, pois mamãe estava assustada e sem ele não dava sequer um passo.

"De mim, Komarov nem sabia. Não sabia que eu existia no mundo. Mamãe, durante uma longa separação, comunicou-me isso e morria de medo de que alguém contasse a ele. Ele odiava terrivelmente crianças, gritava e batia com os pés, dizendo que em casa era só sujeira e preocupação. 'Eu não suporto isso', gritava ele.

"Daí, aconteceu que os vermelhos aproximaram-se e mamãe mandou buscar a vigia Marfa, no desvio Nagorni, que ficava a três estações daquela cidade. Vou explicar. Primeiro é a estação Nizovaia, depois Nagornaia, depois a passagem Samsonovski. Agora entendo de onde mamãe conhecia a vigia. Parece que a vigia Marfa vendia verduras na cidade, levava leite. Sim.

"E ouçam o que direi. Parece que aqui não sei de alguma coisa. Parece que enganaram a mãezinha, disseram outras coisas. Planejaram Deus sabe lá o quê, temporariamente, por dois dias, enquanto a agitação acalmava. Não era para ficar para sempre em braços estranhos. Para sempre, ser educada. Mamãe não podia entregar assim sua filha querida.

"Bom, mas sabem como é com crianças. É chegar perto da tia e a tia dará uma bala, a tia é boa, não tenha medo. Mas como me desmanchei em

lágrimas depois! Que tristeza esvaiu-se do coraçãozinho de criança, melhor nem lembrar disso! Queria enforcar-me, quase enlouqueci quando criança. Pois ainda era muito pequena. É certo que deram dinheiro à tia Marfuchka para o meu sustento, muito dinheiro.

"O quintal era rico, havia vaca e cavalo, tinha também pássaros, é claro, muitos e diferentes, terra à vontade na horta da zona expropriada e, é claro, um apartamento de graça e guarita na entrada. Das localidades baixas o trem subia devagar, superando a subida, com muito esforço, e de lá da Rússia descia acelerado, precisava de freios. Embaixo, quando a folhagem caía, via-se a estação Nagornaia como na palma da mão.

"O patrão, tio Vasili, eu chamava de paizinho como se falava na aldeia. Era uma pessoa alegre e boa, só que falava muito e quando bebia disseminava boatos a respeito de todos. Desabafava com o primeiro que encontrava.

"Mas à vigia nunca tive coragem de chamar 'mãe'. Ou não conseguia esquecer a minha mãezinha ou alguma outra coisa, só sei que essa tia Marfuchka era terrível. É. Chamava a vigia de tia Marfucha.

"O tempo corria. Passavam-se os anos. Quantos, não lembro. Comecei a correr com a bandeira na mão até o trem. Desatrelar o cavalo ou buscar a vaca não era segredo para mim. A tia Marfucha ensinou-me a fiar. Em casa, nem é preciso falar, eu fazia muita coisa. Varria o chão, arrumava ou cozinhava algo, preparava massa, para mim era simples, sabia fazer tudo.

Ah, esqueci de dizer que ninava Petenka. Ele era magrinho, perninhas finas, tinha três anos, ficava deitado, não andava, eu ninava Petenka. Quantos anos já se passaram, mas me arrepio até hoje ao lembrar como tia Marfucha olhava torto para as minhas pernas saudáveis como que dizendo, suas pernas não são secas, poderiam muito bem ser secas, e não as de Petenka. Como se eu tivesse dado azar e inutilizado Petenka, vejam só quanta maldade e ignorância podem existir no mundo.

"Agora, ouçam isso, o pior ainda está por vir, o que aconteceu depois os deixará boquiabertos.

"Era a ocasião da NEP e mil rublos valiam um copeque. Vasili Afanasievitch vendeu a vaca lá embaixo, juntou dois sacos de dinheiro —

eram chamados de *kerenki...* não, desculpe, *limoni*, chamavam de *limoni* — tomou umas e outras e foi por toda Nagornaia alardear a sua riqueza.

"Lembro-me de que estava ventando naquele dia de outono. O vento arrancava e derrubava o telhado, as locomotivas não conseguiam superar a subida, pois o vento vinha em direção contrária. Avistei de cima uma andarilha velhinha com o vento sacudindo sua saia e lenço.

"A velhinha caminhava e gemia, segurava a barriga e pediu para entrar. Deitaram-na no banco. 'Oh', gritava, 'não agüento mais, minha barriga dói, minha morte chegou.' E pedia: 'Me levem, pelo amor de Deus, para o hospital. Pagarei, não pouparei dinheiro.' O tio atrelou o cavalo Udaloj, colocou a velhinha na carroça e levou-a para o hospital da *zemstvo* que ficava a mais de quinze quilômetros.

"Muito ou pouco tempo se passou, eu e tia Marfucha fomos dormir, ouvimos o relinchar de Udaloj do outro lado da janela e no pátio irrompeu a carroça. Mas era ainda muito cedo. Bem. Tia Marfucha reavivou o fogo, jogou a blusa sobre os ombros e começou a esperar que o tio batesse à porta e levantou o trinco.

"Assim que levantou o trinco, viu à sua frente na soleira não o paizinho, mas sim um mujique estranho, negro e terrível que dizia: 'Mostre-me onde está o dinheiro que recebeu pela vaca. Matei seu marido na floresta', disse, 'mas de você, mulher, terei piedade se disser onde está o dinheiro. Mas se não disser, sabe como é, não perderei. É melhor não brincar comigo. Não tenho tempo a perder.'

"Ai, santo Senhor, meus queridos companheiros, o que sentimos, imaginem só a nossa situação! Tremíamos, mais mortas que vivas, a língua enrolou de pavor, que horror! Primeiro, disse que matou Vasili Afanasievitch a machadadas. Segunda tragédia: estávamos a sós com o bandido, um bandido estava em nossa casa, é claro que era um bandido.

"Pelo visto, tia Marfucha perdeu de vez a razão, e seu coração explodiu por causa do marido. Mas tinha que se conter, não podia deixar transparecer nada.

"Tia Marfucha jogou-se de início aos seus pés. 'Tenha piedade', disse, não me mate, não sei, não sei de dinheiro nenhum, sobre o que está falando? É a primeira vez que ouço falar.' É, mas não era tão simples assim livrar-se

do maldito com palavras. E, de repente, ela teve a idéia de levá-lo na esperteza. 'Está bem', disse, 'que assim seja. Está embaixo do chão, o dinheiro. Vou suspender a porta e você desce até o porão.' Mas ele, diabo, entendeu a esperteza dela. 'Não', disse, 'você é que é a dona, tem mais astúcia. Desça você. Querendo desça para debaixo do chão, querendo suba no telhado, só quero o dinheiro. Lembre-se somente de uma coisa, não brinque comigo, brincadeiras comigo não dão certo.'

"Então ela falou: 'Meu Deus, por que desconfia? Desceria com prazer, mas não tenho mais agilidade. Vou iluminar o caminho para você no degrau de cima. Não tenha medo. Para sua segurança, deixarei que leve a minha filha.'

"Oh, meu Senhor, queridos companheiros, pensem bem o que aconteceu comigo quando ouvi isso! Pensei, é o fim. Meus olhos turvaram-se, senti as pernas bambas e estava caindo.

"O maldito, novamente, que não era nada bobo, fitou-nos de esguelha, apertou os olhos e arreganhou os dentes entortando a boca: 'Está brincando', disse, 'não vai me enganar.' Percebeu que se ela não sentia pena de mim, eu não era parente, era estranha. Então, agarrou Petenka com uma das mãos e com a outra abriu a portinhola, mandou-a iluminar e desceu pela escada com Petenka para debaixo da terra.

"Acho que tia Marfucha já estava meio maluca, não compreendia nada, já tinha o cérebro danificado. Assim que o maldito desceu com Petenka, ela fechou a portinhola, ou melhor, o alçapão, passou o cadeado, tentou arrastar o pesado baú para cima da porta fazendo-me sinais com a cabeça para que eu ajudasse, pois não dava conta. Arrastou-o até a porta e sentou-se em cima. Sentou-se, a louca, e alegrava-se. Mas, assim que se sentou, de dentro do porão o bandido soltou a voz e, de lá de baixo, bateu no soalho: 'Deixe-me sair por bem ou vou começar a matar seu Petenka.' Não dava para ouvir as palavras muito bem através das madeiras grossas, mas não eram as palavras que faziam sentido. Ele uivava com uma voz pior que a de um animal selvagem, metia medo. 'Agora, será o fim de seu Petenka.' E ela nada entendia. Permanecia sentada, rindo e piscando para mim. 'Faça o que quiser, seu tolo, estou em cima do baú, com as chaves na minha mão.' Tentei convencer tia Marfucha de todas as maneiras. Gritava em seus ouvidos, empurrava-a do baú, queria jogá-la no chão. 'Temos que abrir o porão, salvar Petenka.' Mas quem diria! Era impossível convencê-la.

"E ele continuava batendo no chão, o tempo passava e ela só revirava os olhos sentada no baú, não ouvia.

"Depois de algum tempo... meu Deus, oh, meu Senhor, já vi de tudo na minha vida, sofri muito, e esse horror não quero lembrar, mas se viver um século, ouvirei por um século a vozinha lamentosa de Petenka, que gritava e gemia, a alminha de anjo — ele dilacerou-o até a morte, o desgraçado.

"O que fazer, o que teria eu a fazer?", pensei. O que fazer com a velha louca e com o bandido assassino? E o tempo que passava? Mal pensei isso, ouvi o relinchar de Udaloï, que ficara o tempo todo atrelado. É. Udaloï relinchou, como se quisesse dizer, vem Taniucha, vamos chamar outras pessoas, chamar ajuda. Vi que já amanhecia. Tem razão, pensei, obrigada, Udaloï, por ter dado a idéia, o conselho é seu, vamos voando. Porém, assim que pensei isso, ouvi, como se da floresta alguém me falasse: 'Espere, não tenha pressa, Taniucha, vamos contornar esse caso.' E eu, novamente, não estava só na floresta. Parecendo o canto de um galo, a locomotiva chamou-me com seu apito. Conhecia essa locomotiva pelo apito, ia em direção a Nagorni e estava sempre ligada; chamava-se empurrão, empurrava os trens comerciais, mas o que vinha era misto, passava toda noite nessa mesma hora, ouvi que a locomotiva conhecida chamava-me lá de baixo. Ouvi, mas meu coração saltava. Será que enlouqueci como tia Marfucha, será que ouço as máquinas conversarem comigo em russo, pronunciando palavras como seres vivos?

"Bem, não dava para pensar, o trem já estava perto. Agarrei a lanterna, ainda não estava muito claro, e corri desatinada até os trilhos, bem no meio, e de pé, entre os trilhos, agitei a lanterna para a frente e para trás.

"Bem, é claro que parei o trem, que vinha bem devagar, por causa do vento contrário, praticamente em marcha lenta. Parei o trem, o maquinista conhecido surgiu na janela e perguntou algo, não se ouvia o que dizia por causa do vento. Gritei para o maquinista que o posto da ferrovia fora atacado, houve morte e roubo e que o bandido estava na casa, defenda-me, companheiro tio, preciso de ajuda. E enquanto eu falava, os soldados vermelhos saíram de seus vagões até a estrada e perguntavam o que havia, admiravam-se: 'Que história é essa?' O trem parara na floresta numa subida íngreme, à noite, e ali ficou estacionado.

"Souberam de tudo, tiraram o bandido do porão e ele piou com uma voz mais fina que a de Petenka, 'Tenham piedade', disse, 'boa gente, não me matem, não vou fazer mais isso.' Levaram-no até os dormentes, amarraram seus braços e pernas nos trilhos e passaram com o trem por cima — um linchamento.

"Não voltei à casa para buscar minhas roupas, de tanto pavor. Pedi: levem-me com vocês, tios, no trem. Colocaram-me no trem e levaram-me. Depois, sem mentira, conheci metade da terra estrangeira e da nossa com os desabrigados, estive em muitos lugares. Que liberdade, que felicidade descobri após minha trágica infância! Porém, é verdade, vi muita desgraça e muitos pecados. Mas tudo foi depois, contarei numa outra vez. Mas naquele dia o funcionário da ferrovia foi até o posto para listar o patrimônio do estado e encaminhar Marfucha, arrumar sua vida. Dizem que ela, mais tarde, morreu louca, num hospício. Outros dizem que restabeleceu-se e recebeu alta.

Durante um longo tempo, depois do que ouviram, Gordon e Dudorov caminharam pela clareira sem falar nada. Depois chegou o caminhão, que desajeitada e atravancadamente, desviou-se da estrada para a clareira. Começaram a carregar as caixas. Gordon disse:

— Você entendeu quem é essa roupeira, Tânia?

— Oh, é claro.

— Ievgraf cuidará dela. — Após um silêncio acrescentou: — Isso tudo já aconteceu várias vezes na história. O que é concebido de maneira ideal e elevada embrutece, materializa-se. Assim a Grécia tornou-se Roma, assim a sabedoria russa tornou-se a revolução russa. Observe o que diz Blok: "Nós somos os filhos dos anos terríveis da Rússia", e logo verá a diferença da sua época da nossa. Quando Blok diz isso, é preciso entendê-lo no sentido figurado. As crianças não eram crianças, mas filhos, criação espiritual, intelectualidade, e os medos não eram terríveis, mas providenciais, apocalípticos. São duas coisas diferentes. Agora, tudo que era figurado tornou-se literal, as crianças são crianças, os medos são terríveis, é aí que está a diferença.

Passaram-se cinco ou dez anos e certa vez, numa tarde tranqüila de verão, estavam novamente juntos, Gordon e Dudorov, num lugar bem alto, uma janela aberta sobre a imensa Moscou. Folheavam um caderno com escritos de Iúri, organizado por Ievgraf, lido por eles tantas vezes que a metade já sabiam de cor. Os leitores trocavam observações ou entregavam-se a reflexões. Na metade da leitura, escureceu e ficou difícil decifrar as letras impressas, tiveram que acender a lâmpada.

E Moscou embaixo e ao longe, a cidade natal do autor e testemunha da metade do que aconteceu a ele, Moscou não lhes parecia o local desses fatos, mas a principal heroína da longa novela, de cujo fim aproximavam-se com o caderno nas mãos, naquela tarde.

Apesar da luz e da libertação, aguardadas após a guerra, não terem chegado com a vitória, como pensaram, mesmo assim o prenúncio da liberdade pairava no ar durante todos os anos de pós-guerra, constituindo o seu teor único e histórico.

Aos amigos envelhecidos à janela, parecia que a liberdade interior da alma havia chegado, que exatamente naquela tarde o futuro acomodara-se palpavelmente, lá embaixo nas ruas e que eles próprios haviam entrado naquele futuro e que, dali em diante, pertenceriam a ele. Uma tranqüilidade feliz e serena para aquela santa cidade, para toda a terra, para todos os personagens desta história que sobreviveram até aquela noite e para seus filhos, penetrava neles e os envolvia com a música silenciosa da felicidade, que se espalhava ao longe em redor deles. E o livro que tinham em suas mãos, como se soubesse de tudo, concedia aos seus sentimentos apoio e confirmação.

Versos de Iúri Jivago



Hamlet

Cessaram os rumores. Entro em cena.
Apóio-me na porta e assim procuro
colher, nos ecos pálidos, o tema
dos fatos que no século me esperam.

Imerso na profunda escuridão,
sou alvo de binóculos distantes.
Se for possível, Pai, retira então
de mim essa bebida, esse tormento.

Eu amo tua história contumaz
e vou representar todo esse drama.
Mas, se outra peça leva-se em cartaz,
deixa-me já de fora dessa trama.

Mas a regra dos atos não se altera
e faz-se irremediável o fim da estrada.
A solidão. Os fariseus na Terra.
Viver é mais que atravessar um prado. [{121}](#)

Março

Põe-se a ferver o Sol depois da aurora,
o abismo então se agita e destempera.
Como nos braços fortes da pastora
arde o labor nas mãos da primavera.

A neve se consome de anemia
na ramagem de veias azuladas.
E a vida nos estábulos se avia:
saúde nos forcados, nas enxadas.

Esse passar dos dias e das noites!
Meio-dia, e dos tetos carregados
o gelo se derrete gota a gota:
os riachos sussurram indormidos.

E as pombas, nos estábulos abertos,
junto da neve buscam a ração,
e se difunde vivido e tão presto
o estrume que perfuma a viração.

Semana Santa

A Terra ainda está coberta
de trevas, plena madrugada.
Nos céus, incontáveis estrelas
brilham com o fulgor do dia:
se a Terra pudesse, decerto,
havia de dormir na Páscoa,
sob o Saltério cadenciado.

A Terra ainda está coberta
de trevas, plena madrugada,
e a praça toda, recoberta
de sono eterno, não desperta,
e até chegar a aurora falta
um milênio, uma eternidade.

A Terra ainda está despida,
e não sabe, de madrugada,
chamar nos sinos das ermidas
os cantores, pois é tão cedo.

E desde a Quinta-Feira Santa
até o Sábado de Páscoa,
nos rios as águas rebentam
e com redemoinhos passam.

O bosque segue descoberto
e, na semana da Paixão,
a fila de troncos eretos
são pinheiros em oração.

E na cidade, em plena rua
estreita, como num ensejo,
as árvores contemplam nuas

além das cancelas da igreja:

olham, todas, cheias de angústia,
E mais e mais se desesperam.
Deixam os jardins suas eiras
e treme a Terra nas fronteiras:
e não é senão Deus que enterram;

e na luz das portas sagradas [{122}](#)
olham o manto, e as velas claras,
os rostos cobertos de lágrimas,
sai, de repente, a procissão
e leva o sudário a encontrá-las,
e as bétulas junto ao portal
dão logo um passo para trás.

Passa o cortejo e não espera,
prosegue atento pela beira
da rua, e traz a primavera
uma presença tão sincera,
que o perfume da hóstia se altera
na embriaguez primaveril.

E março espalha neve no átrio
sobre a multidão de aleijados,
como quem leva o pão sagrado
e o distribui, igualitário,
esvaziando o tabernáculo.

O canto segue até a aurora,
e após o pranto, o refrigerio.
E mais suave então se espera,
sob esses lampiões de agora,
talvez o apóstolo, o saltério.

À meia-noite a carne e o corpo
hão de se calar na expressão

da primavera, ao tempo forte,
quando será vencida a morte
no esforço da ressurreição.

A Noite Branca

Visita-me o passado e vejo claro
nossa casa no bairro Petersburgo.
És filha de pequenos proprietários,
vens de longe, de Kursk, e ainda estudas.

Não te faltam pretendentes, tão bela.
A noite branca nos tocou bem fundo,
e juntos, apoiados à janela
de teu arranha-céu vemos o mundo.

A aurora surpreende com seu gesto
os lampiões, borboletas de gás.
E assim o meu sussurro tão incerto
recorda as adormecidas distâncias.

Estamos envolvidos numa trama
sutil e trepidante do segredo,
como de Petersburgo o panorama,
além do Neva claro e desmedido.

Ao longe, nos confins indevassáveis,
nesta noite de branca primavera,
a música dos rouxinóis imóveis
faz ressoar o bosque e toda a Terra.

E se propaga o canto na espessura
de um frágil passarinho delicado,
que desperta entusiasmo, destemores,
no recesso da floresta encantada.

Lá no fundo, peregrina descalça,
a noite avança além das paliçadas,
e tudo mais ressoa longe e baixo

do que restou das coisas segredadas.

Ao som daquelas palavras surpresas,
no seio dos jardins agasalhados,
os ramos de maçãs e de cerejas
revestem-se de cor esbranquiçada.

Como brancos fantasmas, essas árvores
povoam, incontáveis, o caminho
e dão adeus à noite funda e clara,
à noite dos segredos e dos sonhos.

Estradas Limosas da Primavera

As luzes do crepúsculo findavam.
Nos caminhos limosos da floresta,
um homem a cavalo procurava
um sítio, e para longe ele se afasta.

O baço do cavalo estremecia
e ao baque de seus cascos insistentes,
ao longo das estradas, respondiam
as águas, junto aos olhos das nascentes.

Tão logo suas rédeas afrouxava,
o cavalo seguia devagar:
passava muito próxima a enxurrada
com todo seu estrépito e fragor.

Este sorria, aquele soluçava,
e as pedras se rompiam logo atrás,
e dentro dos remoinhos tombavam
os troncos arrancados na raiz.

No ponto onde queimava o pôr-do-sol,
na escura superfície da ramagem,
vibrava delirante um rouxinol,
como se fora um sino da voragem.

E junto ao véu de viúva do salgueiro,
que, próximo do abismo se inclinava,
um pássaro lembrava em seus gorjeios
os sete robles e o ladrão de estradas.^{123}

A que tormento, a que paixão tão vasta
Vóltava-se de todo o seu ardor?
Contra quem atirava na floresta

suas balas de chumbo e destemor?

E parecia que, no esconderijo
dos prisioneiros em fuga, surgisse
o espírito dos bosques redivivo,
à frente dos soldados da milícia.

A terra, o céu, o bosque, o descampado
acolhiam aquele som tão raro,
partículas medidas e ritmadas
de alegria, de tormento e loucura.

Declaração

A vida regressou, mas sem motivo,
tal como foi interrompida outrora.
Eu sigo pela mesma rua antiga,
mesmo dia de verão e a mesma hora.

A mesma gente, a mesma inquietação
e o incêndio do crepúsculo ainda aceso,
que o anoitecer da morte, como então,
cravara contra o muro de Manejo. [{124}](#)

Caminham as mulheres maltrajadas
e arrastam seus sapatos pela noite.
E como outrora são crucificadas
nesses tetos de zinco junto ao sótão.

Uma delas, cansada, se aproxima,
os passos vagarosos, da soleira.
E, ao retornar alguns degraus acima,
ela atravessa o pátio, solitária.

Recorro ao consumado cabedal
de escusas, quando o mais me é indiferente.
Desaparece a vizinha, afinal,
e assim nos deixa a sós, e frente a frente.

Não chores mais, e nesses grossos lábios
não queiras cultivar rugas severas,
ou se abrirá, enfim, a crosta débil
dos acessos febris da primavera.

A tua mão afasta do meu peito,
somos fios de energia ligados.
E cedo ou tarde, de modo insuspeito,

um para o outro seremos levados.

Hás de casar e, no correr do tempo,
esquecerás este período escuro.
O ser mulher consiste num evento
— e é um heroísmo levar à loucura.

E diante do prodígio feminino,
suas mãos e seu corpo luminoso,
qual devotado servo de seu amo,
a vida considero venturosa.

Se a noite me aprisiona e me coarcta,
com seus duros anéis de solidão,
o desejo de fugir é mais forte:
ao rompimento convida a paixão.

Verão na Cidade

Palavras a meia-voz
e, apressadamente, lança
os cabelos para trás
com as suas longas tranças.

Com essa escova pesada
olha a mulher de chapéu,
sua cabeça inclinada
e seus cabelos ao léu.

A noite quente, lá fora,
o mau tempo pressagia,
e os passantes não demoram
e voltam às moradias.

E de longe regurgitam
os trovões, além dos vales,
e com o vento se agitam
as cortinas das janelas.

Um soberano silêncio:
sufocamos, tal como antes,
e tal como antes, no céu,
rompem raios flamejantes.

Logo de novo surgia
a manhã, como um braseiro,
secando poças nas ruas,
após noturno aguaceiro.

Olham, com feros olhares,
pelo sono interrompido,
perfumadas, seculares,

as tílias quase floridas.

O Vento

Já deixei de viver, mas estás viva.
E o vento, com seus prantos e gemidos,
açoita a casa e o bosque, redivivos.
E já não move apenas os pinheiros,
mas todas essas árvores amigas,
além dos horizontes derradeiros,
como se fossem velas sensitivas
sobre o espelho das águas passageiras.
E não por um capricho, distraídas,
balançam, ou por simples desespero:
mas para dar a essa tristeza antiga
canções para teu sono verdadeiro.

Embriaguez

Sob os salgueiros de heras enlaçados,
buscamos proteção da tempestade.
Um manto nos envolve, e a seus cuidados,
abraço-te a cintura, comovido.

Mas não. Todas as plantas, entretanto,
de embriaguez se enlaçam, e não de heras. [{125}](#)
Melhor então deitarmos esse manto
e revestir o chão que nos encerra.

Verão de São Martinho

A groselheira é de áspero tecido.
Ri-se dentro de casa, os copos vibram.
Levedam, apimentam a comida,
deitam cravos, temperam e misturam.

O bosque espalha por suas entradas
esse rumor às íngremes ladeiras,
onde árvores de avelã, abrasadas,
parecem repousar junto à fogueira.

Aqui a estrada segue num declive,
e, junto aos velhos troncos ressecados,
passa o outono, que em seus farrapos vive,
e deixa neste abismo os seus guardados.

Pena que seja bem mais simples o Universo
do que supõem engenhos desavindos,
que o bosque segue na tristeza imerso
e que as coisas terminam neste mundo.

Nenhum valor possui a compreensão,
quando, abrasada, a terra se amesquinha,
quando no outono a branca cerração
sobe à janela qual teia de aranha.

Na cerca do jardim surge uma entrada,
que o caminho das bétulas atinge.
Aos risos e labores da jornada,
risos, labores respondem ao longe.

Festa de Casamento

Caminhando à beira do pátio
vão festejar os convidados,
com seu acordeom caucásio
até o amanhecer das bodas.

Uma vez fechadas as portas
da casa, de feltro forradas,
passaram-se mais de seis horas
em que não se ouviram sussurros.

Mas antes do raiar da aurora,
quando se quer dormir somente,
ouve-se o acordeom lá fora,
ao regressar do casamento.

E assim a música nos ares
aplausos e vozes espalha,
o brilho de vivos colares,
mais alegria, mais barulho.

E sempre mais, e mais, e mais
vibram instrumentos de corda,
ressoam no festim vivaz
e a todos que dormem acorda.

E a moça, nívea como a neve,
entre rumores e alaridos,
mais se parece uma pavoia
num bamboleio colorido.

E sua cabeça balança
e sua direita convida
para tomar parte na dança

— uma pavoia colorida.

Mas, inesperado, o entusiasmo,
o célere fragor e a dança
são devorados pelo abismo
e se desfazem qual fumaça.

Mas o pátio acorda ruidoso.
O clamor de gente ocupada
mistura-se com as conversas
e se renova em gargalhadas.

Na pura imensidão celeste,
dentro de um pardo vendaval
adejam as pombas silvestres,
após deixarem os pombais.

Como se fossem enviadas
por alguém, inda sonolento,
a desejar felicidades
para os noivos, no casamento.

A vida é um instante fugaz,
Não passa da dissolução
do que nós somos nos demais
como perene doação.

Somente uma festa nupcial,
além das janelas se adentra,
somente um sonho, melodia,
somente a pomba azul-cinzenta.

Outono

Deixei que se perdessem meus amados
e há muito desconheço seus destinos,
e, dentro da alma à natureza infinda,
tudo recende em solidões perenes.

Vivo contigo aqui nesta cabana,
neste bosque tão ermo, tão deserto.
E as sendas, como na canção silvana,
são de pronto apagadas pelas ervas.

E assim, pois, nos contemplam bem de perto
essas tristes paredes de madeira.
Se jamais prometemos grandes gestos,
a nossa morte, enfim, será sincera.

Passamos duas horas assentados:
enquanto leio, bordas coisas claras
e, no raiar da aurora, distraídos,
não sabemos quando os beijos cessaram.

Passai, ó folhas, em vossa beldade
descuidada, passai entre sussurros,
que o cálice da véspera se acabe
a transbordar de angústia mais escura.

Sublimação, fascínio intemporais!
Que o fragor de setembro nos proteja!
E dentro dos sussurros outonais
tu desmaies ou percas a cabeça!

E tal como no bosque as folhas lassas
assim deixas cair os teus vestidos,
quando, esquecida de ti, eu te abraço,

nessa veste sedosa e delicada.

Ah, és o bem de um passo temerário,
quando viver não passa de um desgosto;
mas a beleza é sempre refratária,
e nisto se aproximam nossos rostos.

Conto

Certa vez aconteceu
num país imaginário:
um cavaleiro fiel
passava no descampado.

Corria para o combate,
e na poeira da estrada
surgia um negro bosquete,
que de longe se avivava.

Estranho pressentimento
do coração se apodera:
"toma cuidado com a fonte
e não desmontes da sela".

A tanto não deu ouvidos
esse nobre cavaleiro,
e, a galope redobrado,
cruzou o bosque do outeiro.

Assim, descendo a colina,
entrou num vale deserto,
atravessou a clareira
pela montanha mais alta.

Ao avançar na espessura,
chega ao vale e mais em frente,
encontra os rastros das feras,
que se dirigem à fonte.

E de todo descuidado,
sem ouvir aquela voz,
levou enfim seu cavalo

a beber a água da foz.

Havia uma gruta rasa
e mais adiante um vau.
E uma chama sulfurosa
sua entrada iluminou.

Na fumaça avermelhada,
que seus olhos recobria,
pelo bosque se espalhava
um apelo da distância.

E sentiu um sobressalto,
tão próximo da ravina,
que seguiu a todo o passo
o chamado que o domina.

E na primeira visão,
afundou a sua adaga
na cabeça do dragão,
nas escamas e na cauda.

E das fauces fumegantes
uma luz se difundia,
nos seus anéis, ofegante,
a pobre dama sofria.

O torso dessa serpente
como a ponta da chibata,
zunia junto à garganta
da jovem desesperada.

Era costume da terra
escolher vítima certa,
uma bela prisioneira,
para o dragão da floresta.

Era esse o preço a pagar
que a serpente demandava
aos locais para salvar
suas vidas e moradas.

Ele apertava seus braços,
e o pescoço emaranhava,
satisfeito em seus abraços,
seu prazer jamais cessava.

Olhou o céu com fervor
o cavaleiro, e rezou.
Para o combate iniciar
a lança logo brandiu.

Pálpebras fechadas.
Nuvens. Alturas.
Vaus. Rios. Águas.
Anos e séculos.

Cai ao chão o paladino,
desarmado e sem arreio.
O corcel não desanima
e a serpente pisoteia.

Cavalo e dragão na areia,
este morto, o outro abatido.
Desmaiado o cavaleiro
e a bela petrificada.

Céu claro de meio-dia
em tanto azul se fizera.
Filha da terra ou de um rei,
a moça que ele salvara?

De tanta felicidade
passam torrentes de pranto,

e as almas são dominadas
pelo sonho, esquecimento.

Ora as forças renascidas,
Ora as artérias imóveis,
pelo sangue derramado,
pelo esforço inexorável.

E seus corações se agitam.
Ora o herói, ora a dama
tentam voltar para a vida,
mas logo o sono reclama.

Pálpebras fechadas.
Nuvens. Alturas.
Vaus. Rios. Águas.
Anos e séculos.

Agosto

Fiel à sua promessa, de manhã,
o sol deixou o quarto iluminado
e com um rastro oblíquo de açafão
passava do sofá ao cortinado.

Um ocre tão ardente ele derrama
pelo bosque, pelas casas da aldeia,
ao longo do travesseiro e da cama,
junto à parede, atrás das prateleiras.

Percebi meu travesseiro molhado
e aos poucos recordei-me do motivo.
Chegavam para minha despedida
os amigos, no sonho, em comitiva.

Todos seguiam, a sós ou aos pares,
e alguém se recordou que, na ocasião,
seis de agosto no velho calendário
era o dia da Transfiguração.

Uma luminosidade sem chama
resplandece pelo monte Tabor.
E qual presságio, o luminoso outono
reclama para si muitos olhares.

Todos passavam tristes, abalados,
no trépido amieiral do campo santo,
e o bosque, tal gengibre avermelhado,
já recordava alguns pratos picantes.

Na muda extremidade do arvoredos,
vizinho próximo, o céu repousava.
Cantavam muitos galos afinados

e, longe, essas distâncias ressoavam.

Olhava a morte, agrimensor macabro,
no cemitério, junto da espessura,
o meu semblante pálido e pesado,
para cavar a minha sepultura.

Fisicamente todos percebiam
junto de si uma clara canção.
A minha voz profética se ouvia,
livre de toda decomposição:

Adeus, azul da Transfiguração,
ouro da festa de Nosso Senhor.
Alivia a derradeira aflição
com a doce carícia da mulher.

Adeus, dias terríveis. A voragem
da humilhação desafiaste, e agora
melhor nos separarmos na fuligem;
serei, amada, teu campo de guerra.

Adeus, impulso de asa levantada,
e vôo da mais livre obstinação,
o mundo na palavra revelado,
nascente de milagres, criação."

Noite de Inverno

Sopra a tempestade,
e as forças da natureza.
Uma vela sobre a mesa,
uma vela acesa.

Quais mosquitos no calor
junto da chama amarela
flocos de neve a vagar
vêm recobrir a janela.

Flechas, círculos de neve:
no vidro o gelo se espessa.
Uma vela sobre a mesa.
uma vela acesa.

No teto iluminado,
descansam as sombras,
braços e pernas cruzadas
e seus destinos, sem conta.

E caem dois sapatinhos,
um baque no assoalho.
Lágrimas da cera
na roupa se espalham.

E o mais numa névoa
branca segue presa.
Uma vela sobre a mesa,
uma vela acesa.

Sobre a vela um sopro raso
e o calor da tentação,
um anjo abre suas asas

como na crucifixaõ.

Em fevereiro não cessa
tempestade espessa.

Uma vela sobre a mesa,
uma vela acesa.

Separação

Um homem olha da soleira
e não conhece mais a casa.
Fugiu, tal foi sua partida,
e tantas ruínas o abrasam.

O caos impera pelos quartos.
E suas lágrimas não deixam
ver a gravidade dos fatos,
e a súbita dor de cabeça.

Um rumor em seu coração.
Segue acordado ou a sonhar?
E na mente uma obstinação,
a idéia insistente do mar?

Se além da janela orvalhada
a luz de Deus não transparece,
vem uma tristeza pesada
que o mar e o deserto parece.

Amava-lhe todas as formas,
e seus detalhes, que se espraíam,
como a linha branca que as ondas
desenham ao longo da praia.

E como os troncos dentro d'água
afundam, após a ressaca,
imersam-lhe fundo nalma
aquelas formas delicadas.

Naquele tempo sem arrimo,
onde viver era impossível,
uma das ondas do destino

tirou-a do abismo insondável.

Após insídias, empecilhos,
a onda conseguiu arrastá-la:
livre afinal das armadilhas,
a seu amor foi devolvê-la.

Talvez, contra sua vontade,
teve de abandonar a casa.
E a separação os invade,
até os ossos, de tristeza.

Ele contempla, desolado:
minutos antes da partida
ela deixou tudo espalhado,
fora das gavetas da cômoda.

Perdido até o anoitecer
repõe retalhos e recortes
nas gavetas, bem devagar,
além dos modelos de corte.

Mas com uma agulha, esquecida,
ele se fere, e de repente,
enquanto chora, amargurado,
ei-la de perto à sua frente.

Encontro

A neve cobre os caminhos,
se acumula nos telhados.
Saio na rua e adivinho
o teu rosto do outro lado.

A sós, com teu sobretudo
de outono, mas sem chapéu,
combates o próprio medo,
e a neve mordes nos lábios.

As árvores e os cercados
se afastam na noite fria.
Debaixo da tempestade,
sei que me esperas na esquina.

A água do cabelo passa
até as mangas da malha.
E brilham em tuas tranças
pequenas gotas de orvalho.

Uma só mecha te basta
a clarear-te o semblante,
toda a silhueta, a echarpe,
teu velho e pequeno manto.

Úmida neve nos cílios,
os olhos tristes e baços,
o teu semblante unitário
compõe um bloco maciço.

Como se um cinzel, deixado
no antimônio, em solução,
te houvesse redesenhado

dentro de meu coração.

Tuas linhas não se arredam
de mim, pois calaram fundo.
Não me importa se de pedra
bate o coração do mundo.

E duas vezes se vai
revelando a noite rara.
E entre nós dois já não sei
demarcar limites claros.

Quem somos, como saber
donde chegamos, se ausentes
desse mundo hão de restar
palavras irrelevantes?

Estrela de Natal

Era inverno.

O vento da estepe soprava
e o pobre menino passava
frio na gruta da colina.

O hálito do boi o aquecia.
Animais cordatos
estavam na gruta,
e no berço o calor crescia.

Das vestes retiravam os pastores
a palha tão lentamente.
Nas rochas, sonolentos,
à noite, contemplavam os arredores.

Sob a neve do cemitério
lápides escondidas,
restos de carroças.
O céu carregado de estrelas.

Tão perto, mas de todo inobservada,
modesta qual lamparina,
na choupana pequenina,
a estrela de Belém marcava a estrada.

E como um palheiro queimava,
à parte, do céu e de Deus,
como resplandecem no breu
os celeiros em fogo e brasa.

Mais alta se mostrava, e bela,
como se ardesse toda a palha:
pelo Universo se espalhava

a inquietação com a nova estrela.

Um brilho aceso e avermelhado
queimava cheio de presságio:
três astrólogos acorriam,
por essa chama convocados.

Seguiam-nos camelos com presentes.
E seus burrinhos cada vez menores
desciam vagarosos pelos montes.

Uma visão estranha no horizonte
desvelava dos séculos futuros
todos os mundos, sonhos, pensamentos.
O futuro dos museus, galerias,
a obra das fadas e suas magias,
o Natal dos meninos, seus encantos.

Os círios muito trêmulos brilhavam
e vivas luminárias multicores...
...o vento das estepes congelava...
...tremiam as maçãs e áureas esferas.

Um tanque recoberto de amieiros,
depois da rocha mais se descobria,
além dos ninhos de corvo nas árvores.
E os pastores assim já percebiam
camelos e jumentos na outra beira.
"Dobremo-nos diante dessa glória",
disseram, com as peles na cintura.

Caminhar pela neve os aquecera.
Marcas de pés desnudos: são aquelas
que levam à cabana em noite clara.
Aqueles rastos, quais velas de cera,
os cães latiam, sob a luz da estrela.

A noite fria era um conto de fadas:
das colinas de neve, no caminho,
invisível, descia alguém sozinho.
Os cães iam inquietos, tinham medo,
e perto dos pastores se encolhiam.

E caminhavam, irreconhecíveis,
os anjos, misturados com as gentes.
De corpos desprovidos, invisíveis,
eles deixavam rastos, entretanto.

A multidão aguarda num rochedo.
Alguns cedros ao longe. Alvorecia.
"Quem sois?" foi a pergunta de Maria.
"Um grupo de pastores, mensageiros
dos Céus, e a vós cantamos salmodias."
"Não há lugar. Esperem junto à entrada."

Na cerração que a manhã anuncia,
criadores e arrieiros seguiam
a pé e recusavam montaria,
e junto ao bebedouro se reuniam
os asnos e os camelos, que gemiam.

Dealbava. Como a grãos de fuligem
varria a aurora os astros derradeiros.
E assim os magos foram os primeiros
a entrar, como deliberou a Virgem.

Dormia, em manjedoura de carvalho,
raio de lua num tronco talhado.
Em vez de peles cálidas de ovelha,
nariz de boi e lábios de jumento.

E nas sombras, os Magos contemplavam
e, sem dizer palavras, sussurravam.
E mais alguém nas trevas caminhava

e à esquerda da manjedoura passava,
mas, ao chegar à soleira, ele olhava,
como a Virgem, a estrela de Natal.

Aurora

Estavas por inteiro em meu destino.
Depois veio com a guerra o malefício,
e mais de ti não soube, oh desengano!,
sequer uma palavra, uma notícia.

Passou-se muito tempo, mas agora
a tua voz abriu minha ferida.
Leio tua palavra noite afora,
e venho de um desmaio para a vida.

Quero buscar no vigor matutino
a multidão: com ela confundir-me.
Estou pronto a disseminar ruínas,
pôr de joelhos a todos, inermes.

Desço apressadamente as escadas
e vejo ao meu redor ruas abertas,
e tanta neve cobrindo as calçadas,
como a primeira vez, nuas, desertas.

Se muitos bebem chá em salas claras,
outros seguem os bondes, apressados.
Dentro de alguns minutos, sem demora,
mal se conhece o rosto da cidade.

E tece o vento norte nos portais
uma teia de flocos condensada.
E, para não chegar tarde demais,
muitos deixam o chá pela metade.

Tamanho sofrimento me comove,
como se tanta dor em mim coubera,
pois também me dissolvo como a neve

e movo as sobrancelhas com a aurora.

Gente sem nome está junto de mim,
são árvores, meninos, sedentários.
Sou vencido por todos, pois assim
me reconheço pronto na vitória.

Milagre

De Betânia a Jerusalém seguia,
com seus presságios e melancolia.

Num monte havia um arbusto queimado,
sobre a cabana, uma fumaça imota,
imóveis os juncais, ar abrasado,
e a calma formidável do Mar Morto.

E mais amargo que esse mar amargo,
numa fileira de nuvens seguia,
na poeira da estrada até o abrigo
onde os discípulos se reuniam.

Perdido num profundo abatimento,
até os campos exalavam absinto.
Puro silêncio. E caminhava sempre.
Crescia na planície um sono ardente.
O deserto e o calor eram indistintos,
e os lagartos, e as fontes e as torrentes.

Erguia-se não longe uma figueira
de frutos desprovida, ramo ou folha.
Ele: "Por que tanta aridez espalhas?
E que felicidade me darias?"

Eu tenho sede e fome, és infecunda,
estéril como um bloco de granito.
Muito me ofende essa aridez maldita!

Serás assim até o final do mundo."
Pelo tronco passou a maldição,
como um relâmpago no pára-raios.
E reduziu-se a cinzas, afinal.

Se a liberdade houvessem partilhado,
o tronco, suas folhas e raízes,
teria a natureza reagido:
mas isso foi milagre, obra de Deus.
E assim também quando estamos perdidos,
Ele nos salva com seus próprios meios.

A Terra

Nos velhos palacetes de Moscou
irrompe, inesperada, a primavera.
As traças esvoaçam nos armários
e rastejam nos chapéus de verão,
quando os casacos voltam aos baús.

Ao longo das varandas de madeira,
descansam filas de vasos de flores,
com seus goivos, violetas e roseiras,
os sótãos recobertos de poeira,
os quartos renovados de outros ares.

A rua sem nenhuma cerimônia
fala com a janela quase cega
e sempre mais além, depois do rio,
o ocaso e a noite branca se despegam.

E ressoa, por esses corredores,
tudo quanto na vastidão ocorre,
quando, afinal, abril passa e discorre
com a goteira em casual conversa:
do sofrimento humano e seus clamores.
Sobre os cercados desses arredores,
a aurora se resfria em seus ardores
e assim jamais do ocaso se dispersa.

As chamas se misturam no tormento
seja fora das casas, seja dentro.
Por toda a parte nada permanece:
o ramo dos salgueiros, transparente,
suas brancas e túrgidas sementes,
essas tristes janelas, cruzamentos,
as casas, essas ruas e edifícios.

Por que chora nas brumas a distância
e um cheiro tão amargo vem do chão?
O meu desejo todo aqui se espraia:
não sintam as distâncias nostalgias,
e, que depois das últimas fronteiras,
a Terra já não sofra em solidão.

Por isso, quando chega a primavera,
reúnem-se os amigos nesta sala,
e as noites são despedidas sinceras
e nossas festas, últimas quimeras:
de tal modo que a dor enfim pudera
reaquecer essa existência amara.

Dias Maus

Chegada a última semana,
em Jerusalém se adentrou,
e todos cantavam hosanas,
na fila de ramos passou.

Depois, na escuridão dos dias,
as almas surdas ao amor
suas sobranceiras erguiam,
chegava-se ao fim, ao horror.

Pesado como chumbo vivo
o céu esmagava os caminhos.
Fariseus buscavam as provas
raivosos, quais lobos famintos.

As forças escuras do templo
mandaram-no para os vilões,
e, como o exaltavam num tempo,
lançam-lhe agora maldições.

A gente lá fora aguardava,
olhando através do portão,
e nas ondas se aglomerava,
ao aguardar a decisão.

Sussurravam na vizinhança,
nos arredores, e outras partes.
Sua fuga ao Egito e a infância
pareciam um sonho à parte.

Recordavam onde aparece
o rude abismo do deserto,
no qual Satanás lhe oferece

o reino de todo o Universo.

E Canaã, com suas bodas,
com seu prodígio e mesa farta,
e seu caminhar sobre as ondas,
além da névoa para o barco.

Os pobres, com quem se encontrou...
E a vela, acesa na descida,
cheia de temor se apagou,
ao erguer-se o Ressuscitado...

Madalena - I

Vem o Diabo, na escuridão
da noite, rever meu passado.
Arde e sangra meu coração
ao evocar meu triste estado:
serva dos desejos dos homens,
caminhava louca e perdida,
na rua, com minha obsessão.

Poucos minutos inda restam
até o silêncio sepulcral.
Mas antes que tudo se gaste
minha pobre vida, afinal,
tal como um vaso de alabastro,
a teus pés desejo quebrá-la.

Ah, onde estaria eu agora,
Divino Mestre e Salvador,
se, da noite ao romper da aurora,
a eternidade não quisera
esperar-me como um cliente,
que prenda nas redes do amor.

Mas diz-me, então, o que é o pecado,
a chama, o enxofre, a morte, o inferno,
desde que, na frente de todos,
uni-me a ti, rebento ao tronco,
nesta minha angústia sem termo.

Mas quando apoiares, Jesus,
sobre meus joelhos teus pés,
saberei como se faz,
talvez, para abraçar a cruz:
no teu corpo não estarás,

mas hei de cuidá-lo até o fim.

Madalena - II

Outros preparam a festa lá fora.
Longe da multidão e do rumor,
lavo, neste suave unguento de ânfora,
teus pés tão ilibados e tão puros.

Não sei onde deixei tuas sandálias.
As lágrimas impedem-me de ver.
E no rosto formaram meus cabelos,
um véu para meus olhos ocultar.

Na orla da saia teus pés apoiei,
e lavei-os com lágrimas, Jesus,
e com fios de pérola os trancei
e os cabelos serviram de burnus.

Vejo o futuro tão nitidamente,
como se o houveras imobilizado.
E já se formam assim, de repente,
presságios de sibila iluminada.

E no templo há de cair a cortina:
nós estaremos juntos, escondidos,
a terra há de mover-se, repentina,
quem sabe se de mim compadecida.

A fila dos soldados recomeça
a caminhar, e assim os cavaleiros.
Tal furacão, sobre nossas cabeças,
a cruz há de perder-se nas alturas.

Hei de tombar aos pés da cruz, prostrada,
meus lábios morderei, tristeza lassa.
Teus braços, generosos, fatigados,

serão abertos num imenso abraço.

Mas para quem tanta amplidão na Terra,
tanto vigor, tanta infelicidade?
E por que tantas almas proliferam?
Tantos rios, e bosques, e cidades?

Decerto hão de passar esses três dias
em tanta espera, em tanta solidão,
e após ter habitado no vazio,
hei de crescer até a Ressurreição.

O Jardim de Getsêmani

O resplendor das estrelas perdidas
as curvas do caminho iluminava.
Ao Monte das Oliveiras subia
a estrada, e as águas do Cedron passavam.

No meio interrompia-se a clareira.
Depois, a Via Láctea esplandecia.
As velhas, prateadas oliveiras
os passos ensaiavam na distância.

Havia um horto, um pedaço de terra.
Ao deixar os discípulos, sozinhos,
disse: "Minha alma na morte se aferra,
permaneço aqui, velai comigo."

A tudo renunciou, sem resistência,
tal como num empréstimo, afinal:
os milagres, a sua onipotência,
e foi, igual a nós, um ser mortal.

Pesavam no horizonte a escuridão,
as terras do não-ser e do vazio.
Reinava uma profunda solidão,
só no jardim a vida resistia.

Fixando esses abismos insondáveis,
sem fim e sem princípio, que os recorte,
pediu, então, ao Pai, inconsolável,
que lhe afastasse o cálice da morte.

De seu mortal espasmo libertado
pela oração, regressa e se depara
com os discípulos adormecidos,

deitados sobre a relva, atrás do muro.

Disse-lhes: "O Senhor vos escolheu
a viver nos meus dias, e dormis.
A hora do filho do homem já chegou.
Ele será entregue aos homens vis."

Acaba de falar e, inesperados,
acorrem muitos servos e sicários,
tochas, espadas — e na frente, Judas
com o beijo da traição nos lábios.

Pedro tirou a espada, e, de um só golpe,
arranca do soldado a sua orelha.
Ouve, afinal: "O ferro não resolve
essa cruel contenda, essa batalha.

E se meu Pai quisesse, ao decidi-lo,
milhares de legiões não mandaria?
E sem poder tocar-me um só cabelo
meus inimigos todos fugiriam.

Essa página do livro da vida
encerra o mais sagrado e puro bem.
E cada coisa deve ser cumprida,
tal como outrora foi escrito. Amém.

Como vês, uma alegoria lavra
a passagem dos séculos em chamas.
Terrível é a grandeza da Palavra
e no seu nome a morte me reclama.

Hei de morrer, mas no terceiro dia
vou surgir, e para mim, no Juízo,
como as balsas que descem pelo rio,
hão de fluir os séculos perdidos."

Contracapa

"(...) Creio que *Doutor Jivago* ficará como um dos grandes marcos na história literária e moral da humanidade. Sem a coragem de um gênio, ninguém poderia ter escrito assim em um estado totalitário e lançar isto ao mundo. (...) Seu livro é um ato de fé na arte e no espírito."

Edmund Wilson, *The New Yorker*,

15 de novembro de 1958

{1} Estas palavras são cantadas após a missa de corpo presente, antes da retirada do caixão da igreja. (N. da T.)

{2} "Palavras iniciais de um cântico comum no enterro ortodoxo. É cantado pela última vez, depois que fecham o caixão e o descem ao túmulo. [N. da T.)

{3} Festa celebrada somente pela Igreja Ortodoxa russa no dia 14 de outubro (1º de outubro no calendário antigo). (N. da T.)

{4} Feira na pequena cidade dos Urais, Irbitk (hoje Sverdlovskaja Oblast). (N. da T.)

{5} Festa da aparição da Santa Virgem na cidade de Kazan, celebrada no dia 21 de julho. (N. da T.)

{6} Movimento da dança russa durante o qual se agacha e se levanta. (N. da T.)

{7} Medida equivalente a 1,06 km. (N. da T.)

{8} Movimento religioso e moral no final do século XIX e início do século XX que surgiu sob a influência das idéias de L.N.Tolstoi e que desenvolvia a opinião de transformação da sociedade através do aperfeiçoamento religioso e moral do homem, do amor universal e contra a violência no combate ao mal. (N. da T.)

{9} Local no centro de Moscou, onde ficavam estacionadas as carruagens. Hoje é uma rua. (N. da T.)

{10} Carruagens enormes e pesadas. (N. da T.)

{11} Antiga loja de departamentos em Moscou. (N. da T.)

{12} Apelido carinhoso de Kuprian. (N. da T.)

{13} Formandas de cursos médios femininos que existiam na Rússia desde 1843 e eram administrados pelo Sínodo. As alunas eram basicamente filhas do clero ortodoxo. (N. da T.)

{14} Estação na ferrovia de Port Artur (Mukden/Shen-Yang). (N. da T.)

{15} Gapon, Gueorgui Apollonovitch (1870-1906) — padre que, em 1904, com a permissão da polícia organizou e liderou a Reunião dos trabalhadores russos de fábricas em São Petersburgo, na véspera do "Domingo Sangrento". (N. da T.)

{16} Presidente do Comitê de Ministros (1849-1915), que recebeu uma declaração que avisava sobre o caráter pacífico da manifestação; entre eles estava Gorke. (N. da T.)

{17} Botas grossas de feltro. (N. da T.)

{18} Administração local, em 1864-1918, eleita pelas classes dominantes da Rússia. (N. do T.)

[{19}](#) Em 1874, um grupo de capitalistas russos organizou a "Associação das Linhas Petrovskie". Comprou um terreno e construiu dois pomposos prédios. Os andares de baixo foram entregues ao comércio e os superiores para apartamentos e quartos de hotel. Entre os prédios fizeram uma passagem, que denominou-se Linha Petrovskie, que nada mais é que uma passagem entre fileiras de lojas. (N. da T.)

[{20}](#) Obra de N. A. Ostrovski (1823-1886), escrita em 1859. (N. da T.)

[{21}](#) Antigo hábito russo de sentar-se por um minuto antes de partir para qualquer lugar. Dá sorte. (N. da T.)

[{22}](#) Citação do quadro de G. I. Semiradski (1843-1902), *A escolha entre a prisioneira e o vaso caro*, apresentado em Paris, sob o título *La coupe ou la femme*. (N. da T.)

[{23}](#) Teoria religiosa e mística de E. P Blavatsky (1831 -1891) e seus seguidores, que pretendiam fundar uma religião "universal".

[{24}](#) Cui, Cezar (1835-1918) — compositor russo que formou, com Borodin, Balakirev, Mussogorski e Rimski-Korsakov, "O grupo dos cinco". (N. da T.)

[{25}](#) Vodca de sorveira. (N. da T.)

[{26}](#) Túmulo do príncipe Ascoldo, morto pelo príncipe Oleg, em 882, que estava, segundo a crença popular, no parque de Kiev, à margem direita do rio Dnieper. (N. da T.)

[{27}](#) Antiga medida agrária russa, equivalente a 1,09 ha. (N. da T.)

[{28}](#) Forma russa de Baco. (N. da T.)

[{29}](#) Blok, Aleksandr Aleksandrovitch (1880-1921) - poeta simbolista russo. (N. do T.)

[{30}](#) Programa do Partido Social Democrata da Alemanha, aprovado no Congresso que se realizou na cidade de Erfurt, em outubro de 1891. Seu principal autor foi o teórico da social-democracia alemã e da II Internacional, Karl Kautski. (N. da T.)

[{31}](#) Cena final do Fausto, de Goethe. (N. da T.)

[{32}](#) Os sinos das igrejas de Moscou. (N. da T.)

[{33}](#) Herói épico russo. (N. da T.)

[{34}](#) Denominação popular do segundo domingo após a Páscoa, o primeiro dia depois da Quaresma, em que são permitidas as celebrações de casamentos religiosos. (N. da T.)

[{35}](#) Pentecostes (5 semanas após a Páscoa). (N. da T.)

{36} Pseudônimo de Varvara Vasilievna Vasilieva (1872-1911), cantora de canções ciganas populares. (N. da T.)

{37} É uma tradição russa: em festa de casamento os convidados gritam que a bebida está amarga para fazer os noivos se beijarem; ou seja, o beijo dos noivos torna a bebida mais doce. (N. da T.)

{38} Em maio de 1915, iniciou-se o ataque geral dos exércitos austro-germânicos na frente sudeste. (N. da T.)

{39} Algum tempo antes era um campo amplo entre as ruas Plichikha, Malaia Tsaritsina e o Convento Novodievitchi. No século XVIII, aqui organizavam-se paradas militares. (N. da T.)

{40} Uma das mais bem-sucedidas operações durante o ataque na frente sudeste, no verão de 1915, durante a qual o Oitavo Exército russo ocupou a cidade de Lutsk. (N. da T.)

{41} Referência ao personagem da peça Hamlet, de W. Shakespeare. (N. da T.)

{42} Nome fictício, como a maioria dos topônimos. (N. da T.)

{43} Estações ferroviárias nos Cárpatos, que possuíam o mesmo nome das cidades. (N. da T.)

{44} Círculo Beneficente de Moscou (1914), presidido por T. K. Romanova. Prestava ajuda aos soldados e aos familiares dos mortos ou inválidos. (N. da T.)

{45} Medida antiga igual a 16,3 kg. (N. da T.)

{46} Sobrenome do autor do Dicionário da Língua Russa. (N. da T.)

{47} Personagem do romance de M. I. Lermontov (1814-1841) *O herói do nosso tempo*. (N. da T.)

{48} Revolucionários presos na fortaleza de Schlüsselburg (da organização populista "Narodnaia volia"). (N. da T.)

{49} Referência a duas passagens bíblicas: jumenta de Balaão (Números 22:22-28) e mulher de Lot (Gênesis 19:26). (N. da T.)

{50} Personagem do romance de F. M. Dostoievski, *Os demônios*. (N. da T.)

{51} Os socialistas revolucionários (uma facção do Partido Social-Democrata Operário Russo). (N. da T.)

{52} Diminutivo de Akulina. (N. da T.)

{53} Cursos superiores femininos de Bestujev, de Petersburgo. (N. da T.)

{54} Cruz erguida". (N. da T.)

- {55} Vovó em russo. (N. da T.)
- {56} Registro de residência, obrigatório nas grandes cidades russas. (N. da T.)
- {57} Vodca caseira feita de açúcar refinado. (N. da T.)
- {58} Gesto que faz parte da cultura russa desde a época de Pedro, O Grande. Significa "bebida alcoólica" ou um convite para um drinque. (N. da T.)
- {59} Notas emitidas no governo provisório de Kerenski e que não valiam quase nada. (N. da T.)
- {60} Uma tradição russa que significa "sejam bem-vindos". É uma expressão usada normalmente para dar boas-vindas aos visitantes. (N. da T.)
- {61} Precursor de cruzadas militares russas (1740 ou 1742-1775). (N. da T.)
- {62} A menor divisão administrativa na Rússia antes de 1917. (N. da T.)
- {63} Populista. (N. da T.)
- {64} Apelido de Strelnikov por causa de sua crueldade. Em russo a palavra rastrel, da qual deriva o apelido, significa fuzilamento. (N. da T.)
- {65} Pessoas que se refugiavam nas florestas por não quererem ser recrutadas nem pelos vermelhos nem pelos brancos. (N. da T.)
- {66} Importante data do calendário agrícola, dia em memória da sofredora Akulina, festejada pela igreja ortodoxa em 7 de abril. (N. da T.)
- {67} Lenda épica russa. (N. da T.)
- {68} Casaco pregueado na cintura. (N. da T.)
- {69} Ironização do primeiro verso do Salmo I. (N. da T.)
- {70} Gente do norte, nortistas. (N. da T.)
- {71} Espécie de alpargatas de palha. (N. da T.)
- {72} Hoje a cidade de Tcheliabinsk. (N. da T.)
- {73} Personagem folclórico dos Urais. (N. da T.)
- {74} Na Rússia antiga, homem livre que atacava à mão armada e atentava contra navios. (N. da T.)
- {75} Escritor russo (1795-1829). Seu livro mais famoso é Desgraça da razão. (N. da T.)

[{76}](#) Os acordos de paz (1678-1679) que encerraram a guerra holandesa e foram assinados em Nimwegen (hoje Neimegen, Holanda) entre a coalizão de países liderada pela França e a coalizão antifrancesa liderada pela Holanda. (N. da T.)

[{77}](#) Poeta russo Fiodor Ivanovitch Tiutchev (1803-1873). (N. da T.)

[{78}](#) Círculo literário (1815-1818), cujos membros procuravam exprimir-se numa linguagem mais coloquial que a do século XVIII. (N. da T.)

[{79}](#) Poeta russo (1821-1878), que cantava as misérias dos camponeses. (N. da T.)

[{80}](#) Personagem do mal do folclore russo, que reside nas florestas. (N. da T.)

[{81}](#) Palavras da missa de elevação da cruz vivificante. É o primeiro cântico da semana da Páscoa. (N. da T.)

[{82}](#) O dia eclesiástico começa às 6 horas da noite. (N. da T.)

[{83}](#) Publicação diária, editada em Petersburgo de 1908 a 1918. (N. da T.)

[{84}](#) Subentende-se Lev (Liova) Davidovitch Trotski, que teve um papel importante durante a Revolução Russa e a Guerra Civil. [N. do T.]

[{85}](#) O discurso de Lidotchka é quase literalmente reproduzido do texto "Instruções para organização de comitês, quartéis-generais, destacamentos camponeses", do livro Koltchak nos Urais. (N. da T.)

[{86}](#) Território do lado oriental dos Urais. (N. da T.)

[{87}](#) A última guerra entre a Rússia e a Turquia ocorreu de 1877 a 1878. (N. da T.)

[{88}](#) Organização ultra-reacionária da Rússia czarista. (N. da T.)

[{89}](#) Nascido na República Buriátia (Sibéria Oriental). (N. da T.)

[{90}](#) Membro do grupo "Trudovaia grupa", facção dos deputados camponeses e intelectuais narodnik na primeira Duma (1906-1917). O grupo se juntou com o partido dos socialistas populistas e um dos itens de seu programa era a cooperação trabalhista. (N. da T.)

[{91}](#) Miliukov, Pavel Nikolaievitch (1859-1943) — historiador, publicitário, ativista político. Líder do Partido Constitucional Democrático. Seus discursos obtiveram muito sucesso às vésperas da Revolução. Participou do movimento branco. Emigrou em 1920. (N. da T.)

[{92}](#) Kappel, Vladimir Oscarovitch (1883-1920) — tenente-coronel que entre junho e setembro de 1918 comandou o grupo das tropas de Komutch e depois do golpe de Koltchak comandou o 10º Batalhão em seu exército. Em maio-junho de 1919 foi derrotado pelo Exército Vermelho. (N. da T.)

[{93}](#) O decreto sobre a requisição de gêneros foi aprovado e era válido em todo território da Rússia Soviética, em janeiro de 1919. Inicialmente era para o trigo e os grãos. No final de 1920, foram incluídos produtos agrícolas. Os produtos eram praticamente confiscados, sem recompensa, e isso revoltava os camponeses, que eram esmagados com violência. (N. da T.)

[{94}](#) "Dukh", espírito. "Bor", derivado da palavra "borotsia", lutar. Seita religiosa do século XVIII que reconhecia a Bíblia somente em sua própria interpretação, no espírito e na verdade. Consideravam-se possuidores do "espírito de Cristo". No fim do século XIX, por insubordinação ao governo e recusa de pegar em armas, a grande maioria foi exilada no Canadá, o que provocou protesto veemente de L.N. Tolstoi. (N. da T.)

[{95}](#) Indústrias de produção de material de construção, de tecidos, de sapatos, etc. (N. da T.)

[{96}](#) Tipo de fruta silvestre. (N. da T.)

[{97}](#) Tipo de fruta silvestre. (N. da T.)

[{98}](#) Acrônimo de General do Regimento Superior. (N. da T.)

[{99}](#) Elemento obrigatório dos contos populares russos. Em Ruslan e Ludmila, de A. S. Puchkin, por exemplo, Ludmila coloca o chapéu e torna-se invisível. (N. da T.)

[{100}](#) A Revolução Russa de 1917 ocorreu em três etapas. A primeira etapa foi em fevereiro. (N. da T.)

[{101}](#) Doce comum na Rússia. A fruta da sorveira coberta com uma camada de açúcar, a combinação do gosto amargo da fruta com o doce do açúcar dá um sabor especial. (N. da T.)

[{102}](#) Elemento da guarda czarista na Rússia de 1565 a 1572, durante o reinado de Ivan IV (Ivan, o Terrível), que instituiu medidas extraordinárias para derrotar a oposição da nobreza e fortalecer a monarquia. (N. da T.)

[{103}](#) Espécie de capuz. (N. da T.)

[{104}](#) Trecho de oração eslovaca. (N. da T.)

[{105}](#) Diminutivo de Maria. (N. da T.)

[{106}](#) Versos e cânticos de missas da igreja ortodoxa em homenagem a alguma festa ou santo (N. da T.)

[{107}](#) Região de Primorski Krai. (N. da T.)

[{108}](#) Indústrias na Mongólia. (N. da T.)

[{109}](#) Congresso ou conselho popular na Mongólia. (N. da T.)

- [{110}](#) Ispolnitelni komitet — Comitê Executivo. (N. da T.)
- [{111}](#) Pão em forma de cadeado. (N. da T.)
- [{112}](#) Trenó amplo de camponês, revestido com ripas. (N. da T.)
- [{113}](#) Nomes de ruas de Moscou onde morava a nobreza. {N. da T.)
- [{114}](#) Gertsen, Aleksandr Ivanovitch (1812-1870) - escritor, filósofo e revolucionário russo. (N. da T.)
- [{115}](#) Sigla russa para Nova Política Econômica (vigente na URSS a partir de 1921 até o fim da década). Essa política objetivava levantar a agricultura e permitia alguns elementos capitalistas, mas conservando a administração nas mãos do Estado. (N. da T.)
- [{116}](#) Leito de tábuas estendidas sob o teto entre o forno e a parede em casas camponesas. (N. da T.)
- [{117}](#) Cooperativa agrícola soviética. (N. da T.)
- [{118}](#) Iezhov, Nikolai Ivanovitch (1895-1940) — ativista político, comissário geral da segurança, comissário do Comitê do Interior da URSS. Foi um dos executores da repressão em massa. Em 1939 foi preso e fuzilado. (N. da T.)
- [{119}](#) Cristina Orletsova — o nome Cristina (de Cristo) abriga em si a idéia de vítima, indica (assim como outros nomes "significativos" no romance) a essência interior da pessoa e seu significado. A história sobre Cristina Orletsova baseia-se em fatos verídicos colhidos durante a guerra por B. Pasternak sobre a vida de Zoia Kosmodemianskaia, guerrilheira morta pelos fascistas durante a Segunda Guerra após ter explodido um depósito de armas dos alemães. (N. da T.)
- [{120}](#) O sentido é "sem vez", privada de nome e "sem o direito de dar continuidade às próximas gerações". É Tânia Larina (filha de Lara), que desconhecia sua origem. (N. da T.)
- [{121}](#) Trata-se de um provérbio russo.
- [{122}](#) Na verdade, a iconóstase, divisória que demarca o altar da nave da igreja.
- [{123}](#) Imagem da cultura popular da Rússia.
- [{124}](#) Referência à praça situada no centro de Moscou.
- [{125}](#) No original, *khmel*: ao mesmo tempo hera e embriaguez.